



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Thayse Fagundes e Braga

A trajetória do arquiteto alemão Simão Gramlich em campos cruzados no sul do Brasil:
arquitetônico, religioso e político.

Florianópolis

2020

Thayse Fagundes e Braga

A trajetória do arquiteto alemão Simão Gramlich em campos cruzados no sul do Brasil:
arquitetônico, religioso e político.

Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em
História da Universidade Federal de Santa Catarina para
a obtenção do título de Doutora em História.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Bernardete Ramos Flores

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Braga, Thayse Fagundes e

A trajetória do arquiteto alemão Simão Gramlich em campos cruzados no sul do Brasil : arquitetônico, religioso e político / Thayse Fagundes e Braga ; orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores, 2020.

520 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. História. 2. Simão Gramlich. 3. História da Arquitetura. 4. Arquitetura Religiosa. 5. Arquitetos Imigrantes Não Diplomados. I. Flores, Maria Bernardete Ramos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Thayse Fagundes e Braga

A trajetória do arquiteto alemão Simão Gramlich em campos cruzados no Sul do Brasil:
arquitetônico, religioso e político.

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Sabrina Fernandes Melo
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Méri Frotscher
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Élio Cantalício Serpa
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. João Klug
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de doutora em História.

Prof. Dr. Lucas de Melo Reis Bueno
Coordenador do Programa

Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores
Orientadora

Florianópolis, 2020.

Para Glauco.

AGRADECIMENTOS

Esses anos, nos quais estive no doutorado, foram especiais para que eu pudesse ver o cuidado de Deus com a minha vida. Ele pôs em meu caminho pessoas incríveis, sem as quais, muito do que fiz aqui não seria possível. Por isso, agradeço primeiro a Ele pela oportunidade de realizar esta pós-graduação e, principalmente, de conhecer pessoas tão especiais ao longo dos quatro anos de doutorado. Antes de citar aqueles que entraram em minha vida nessa fase, preciso agradecer ao meu esposo Glauco que me apoiou durante todo esse período; meus familiares, especialmente meus pais, Max e Rose, e meus sogros, Celina e Cláudio; e amigos que me sustentaram com orações e palavras de estímulo. Uma grande amiga me ajudou muito no trabalho sobre Gramlich, especialmente na produção de um livreto entregue na Alemanha e na elaboração de uma exposição que circulou em Blumenau, Gabriela Clemente, a quem eu agradeço por toda a dedicação.

Agradeço à minha orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores, por ter acreditado no potencial desta tese e incentivado esta produção. Os encontros que ela promovia algumas vezes no ano, para que todos os seus orientandos pudessem conversar sobre seus projetos, foram relevantes para um amadurecimento de todos nós como historiadores. Agradeço aos membros da banca que colaboraram para os rumos tomados neste trabalho. O professor Luiz Eduardo Fontoura Teixeira foi muito importante nesse processo, pois além de ter me instigado nesta pesquisa sobre Simão Gramlich, sempre se dispôs a colaborar com as análises das arquiteturas, que eu como historiadora não compreendia. A professora Méri Frotscher também esteve bastante presente nessa trajetória, auxiliando-me com materiais sobre a arquitetura no Vale do Itajaí.

Das pessoas que eu sequer imaginava que conheceria um dia, mas que foram fundamentais nesse percurso de pesquisa que fiz, gostaria de citar: os familiares de Simão Gramlich, especialmente, o senhor Jurival da Veiga, a Márcia Gramlich Fernandes, a Kathy Gramlich, o José Carlos Bleicker e a Helga Weckesser, que me cederam material; a historiadora Sueli Petry, que disponibilizou a mim o acesso a mais de quatrocentos projetos arquitetônicos do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva; a querida Maria Helena, de Porto Alegre, que me recebeu em seu apartamento por vários dias para que eu pudesse sair para a pesquisa; a generosa Oriana, que além de receber a mim e meus familiares em sua casa, em Wiesloch (Alemanha), acompanhou-me na pesquisa em Neudenau e Freiburg, sendo minha tradutora naqueles dias; o tradutor Fabrício Coelho, que gentilmente transcreveu e traduziu todas as cartas de Gramlich encontradas no Rio Grande do Sul; o arquiteto Ronaldo Wink,

que dividiu comigo seu conhecimento sobre as obras de Gramlich no Rio Grande do Sul e me deu livre acesso a todo o material que coletou por anos; e muitos outros poderiam ser nomeados aqui pelas andanças que fiz no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Alemanha, sempre sendo surpreendida pela bondade e interesse em ajudar de muitas pessoas.

RESUMO

Tendo a trajetória do arquiteto alemão Simão Gramlich como fio condutor da investigação empreendida nesta tese, foram aqui analisadas as condições de depreciação impostas pelo campo da arquitetura e sua historiografia aos profissionais imigrantes não diplomados em ensino superior e às suas obras no Brasil. Buscou-se mostrar o valor delas dentro do contexto na qual foram produzidas, em cruzamento com os campos político e religioso. Para essa desnaturalização de atributos lançados sobre as obras desses arquitetos marginalizados, discutiu-se sobre a boa recepção deles no Brasil na década de 1920; como uma das balizas do campo da arquitetura, a regulamentação profissional, foi crucial nesse processo de desprestígio desses indivíduos; a forma com que as arquiteturas do século XX que não pertenciam ao Modernismo foram também depreciadas; como, dentro do campo político, tais considerações do campo da arquitetura não são tão relevantes, sendo mais importante uma obra arquitetônica que fale do grupo local que está no poder do que da nação, produzindo, assim, valorização dissonante do campo da arquitetura; como esse campo político tinha influência sobre o campo religioso; e como o campo religioso, na década de 1950 e 1960, a partir do Movimento Litúrgico, vinculou-se à arquitetura Modernista, consoante ao que ocorria no campo da Arquitetura, corroborando com a depreciação das obras arquitetônicas historicistas empregadas até então. E assim, com esse conjunto de análises que passam pelo campo da arquitetura, da religião e da política, pensando sempre nos discursos de depreciação ou valorização de certas obras, autores e estilos, comprovou-se que o valor imposto pela historiografia da arquitetura não está exatamente no objeto, mas nos discursos produzidos que criam tais atributos e, portanto, aquelas obras consideradas ruins, atrasadas e fora de seu tempo, não são ruins, atrasadas e fora de seu tempo para todos, caso contrário, possivelmente elas sequer teriam sido construídas. E que o gosto daqueles que optam por executar projetos de obras não conclamados pelo campo da arquitetura não é exatamente ruim, ou duvidoso, apenas corresponde a fenômenos que ocorrem em outro campo, sendo assim, nem sempre o que é bem visto no campo da arquitetura também o é no campo político entre as elites, por exemplo. O meio de se chegar a essa conclusão foi uma investigação que parte da trajetória de um desses marginalizados pelo campo da arquitetura, mas que ainda assim tinha uma produção imensa, era conclamado pela imprensa e escolhido como preferido pelas elites políticas e industriais. Dessa forma, foi possível entender como os discursos em espaços diferentes ora desprestigiam ora exaltam a obra dele, mas isso, dependendo justamente desse local de fala em determinado contexto.

Palavras-chave: Simão Gramlich. História da Arquitetura. Arquitetura Religiosa. Arquitetos Imigrantes Não Diplomados.

ABSTRACT

Taking the trajectory of the German architect Simão Gramlich as the guiding thread of the research undertaken in this thesis, the conditions of depreciation imposed by the field of architecture and its historiography on immigrant professionals in higher education and their works in Brazil were analyzed here. We sought to show their value within the context in which they were produced, in intersection with the political and religious fields. For this denaturalization of attributes thrown on the work of these marginalized architects, it was discussed: how they were well received in Brazil in the 1920s; as one of the cornerstones of the field of architecture, professional regulation, was crucial in this process of discrediting these individuals; how twentieth-century architectures that did not belong to Modernism were also belittled; as within the political field such considerations of the field of architecture are not so relevant, it is more important an architectural work that speaks of the local group in power than of the nation, thus producing dissonant appreciation of the field of architecture; how this political field had influence over the religious field; as the religious field in the 1950s and 1960s, from the Liturgical Movement was linked to Modernist architecture, as it happened in the field of architecture, thus producing the depreciation of historicist architectural works employed until then. And so, with this set of analyzes that go through the field of architecture, religion and politics, always thinking about the discourses of depreciation or valorization of certain works, authors and styles, it was proved that the value imposed by the historiography of architecture is not exactly in the object, but in the produced discourses that create such attributes and, therefore, those works considered bad, backward, and out of time, are not bad, backward and out of time for everyone, otherwise possibly they would not even have been constructed. And that the taste of those who choose to execute projects of works not claimed by the field of architecture is not exactly bad, or doubtful, but only corresponds to phenomena that occur in another field, so, not always what is well regarded in the field of architecture is the same in the political field among the elites, for example. The way to reach this conclusion was an investigation that starts from the trajectory of one of those marginalized by the field of architecture, but still had a huge production, was called by the press and chosen as preferred by the political and industrial elites. Thus it was possible to understand how the discourses in different spaces sometimes discredit and sometimes extol his work, but this, depending precisely on this place of speech in a given context.

Keywords: Simon Gramlich. History of Architecture. Religious Architecture. Not Graduated Immigrant Architects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carteira Profissional de Silvio Toigo emitida pelo CREA da 8º Região em 1935 .	66
Figura 2 - Carteira Profissional de Silvio Toigo emitida pelo CREA da 8º Região, em 1945.	68
Figura 3 – Carteira Profissional de Simão Gramlich expedida em 1959 pelo CREA-SC.....	69
Figura 4 – Carteira Profissional de Franz von Knoblauch, expedida em 1935	72
Figura 5 - Carteira Profissional de Franz von Knoblauch, expedida em 1948.....	73
Figura 6 – Árvore genealógica de Simão Gramlich (Albert Simon Gramlich), constando seus pais e irmãos	75
Figura 7 – Possível salão paroquial projetado e construído por Simão Gramlich, em Wiesental, Alemanha.....	78
Figura 8 – Primeira igreja projetada por Simão Gramlich no Brasil.....	80
Figura 9 - Colégio Marista Rosário, Porto Alegre – vista frontal e lateral externa.....	81
Figura 10 - Colégio Marista Rosário (Porto Alegre), prédio construído por Simão Gramlich	81
Figura 11 - Vista panorâmica da cidade de Santa Cruz do Sul, cuja Catedral São João Batista, projetada por Simão Gramlich, na década de 1930, encontra-se ao centro da imagem	85
Figura 12 - Construção das torres da Catedral de São João Batista (Santa Cruz do Sul). Na frente, a antiga igreja matriz	85
Figura 13 – Identificação “Gramlich e Bleicker, Arquitetos e Engenheiros” no projeto de uma casa para Frederico Rabe em 1932, Blumenau.....	87
Figura 14 – Propaganda do escritório “Gramlich & Bleicker” no <i>Blumenauer Volkskalender de 1933</i>	88
Figura 15 – Propaganda do escritório de Arquitetura de Simão Gramlich no <i>Wille Kalender</i> , de 1940.	89
Figura 16 – Carimbo utilizado por Simão Gramlich em alguns de seus projetos realizados entre 1947 e 1949.	89
Figura 17 - Carimbo utilizado por Simão Gramlich em alguns de seus projetos realizados entre 1953 e 1954	90
Figura 18 - Igreja de São João (<i>St. Johanniskirche</i>) - Berlim	97
Figura 19 - Igreja Nazaré (<i>St. Nazareth Kirche</i>) - Berlim	97
Figura 20 - <i>Ludwigskirche</i> (1829-1844) – Munique	98
Figura 21 - <i>Staatsbibliothek</i> (1832-1843) – Munique	98
Figura 22 - Mísulas contínuas (<i>corbel table</i>) abaixo do beiral e molduras ao redor dos arcos das janelas da <i>Staatsbibliothek</i> (1832-1843) - Munique	99

Figura 23 – Igreja Matriz da cidade de Antônio Carlos (Paróquia Sagrado Coração de Jesus)	108
Figura 24 - Desenhos realizados por Vitorino Zani para a Igreja Matriz de Santa Cruz do Sul	113
Figura 25 – Cartão postal com projeto de Simão Gramlich para a matriz católica de Santa Cruz do Sul	114
Figura 26 – Simão Gramlich (à esquerda de chapéu) no lançamento da pedra angular da matriz de Santa Cruz do Sul, no dia 3 de fevereiro de 1929	115
Figura 27 – Residência de Hercílio Deeke em Blumenau, projetada em 1943 por Heinz Maar	118
Figura 28 – Projeto de Félix Malburg, desenho de Richard Kaulich, para casa de veraneio para Hercílio Deeke, 1951	118
Figura 29 - Casa de veraneio de Hercílio Deeke na praia de Cabeçadas em Itajaí, projetada em 1951 por Félix Malburg	119
Figura 30 – Residência projetada por e para Francisco Canziani, construtor em Itajaí	119
Figura 31 – Residência projetada por Simão Gramlich para Marta Matilde Mahn em 1945, Blumenau	121
Figura 32 – Desenho da fachada da casa da Família Bernardes, Itajaí	122
Figura 33 – Vista parcial da fachada frontal da Casa Bernardes, Itajaí (não mais existente)	123
Figura 34 - Projeto de Simão Gramlich para João Pradi, 1937	125
Figura 35 - Projeto de Simão Gramlich para Fritz Reimer, 1937	126
Figura 36 – Antiga residência de Fritz Reimer	126
Figura 37 - Projeto de Simão Gramlich para Augusto Werner, 1939	127
Figura 38 - Projeto de Simão Gramlich para Emílio Rosemann, 1938	128
Figura 39 – Antiga residência de Emílio Rosemann	128
Figura 40 - Projeto de Simão Gramlich para Wolfgang Herbet Ernst Richter, 1951	128
Figura 41 – Residência projetada para Walter Hemmer por Simão Gramlich	129
Figura 42 – Vila Quisisana, Brusque (2017)	133
Figura 43 – Vila Quisisana, Brusque (2017). Detalhe do revestimento externo com pedras de quartzo rosa	134
Figura 44 - Vila Quisisana, Brusque (2017) - Detalhe do segundo andar	134
Figura 45 - Vila Quisisana, Brusque (2017) - Detalhe externo da torre que marca as escadas	134

Figura 46 - Vila Quisisana, Brusque (2017) - Imagem interna: ao fundo, vitral que ornamenta o acesso à escada	135
Figura 47 – Residência de Willy Belz projetada por Simão Gramlich em 1933.....	136
Figura 48 – Nota do Almanaque <i>Wille's Deutscher Kalender für Brasilien, "Das moderne Blumenau"</i>	137
Figura 49 – Construção da Ponte de Ferro em Blumenau, álbum elaborado por Heinz Maar, década de 1930.	141
Figura 50 - Projeto para a Igreja Matriz de Itajaí realizado por Felipe Bündgens, 1939-1940	173
Figura 51 – Detalhe do desenho de Felipe Bündgens, projeto para a Matriz de Itajaí, 1939-1940	174
Figura 52 – Planta baixa para a construção da Matriz de Itajaí (Folha 1), autoria de Felipe Bündgens, naves laterais com 3 metros e nave central com 10 metros, conforme descrição de Locks (1939).....	174
Figura 53 – Folha 3 do projeto arquitetônico para a matriz de Itajaí, com aprovação da Cúria na lateral inferior direita - Projeto de Felipe Bündgens, 1939.....	175
Figura 54 – Detalhe da Folha 3 do projeto arquitetônico para a matriz de Itajaí. Aprovação da Cúria para aquele projeto assinada pelo Monsenhor Harry Bauer em 01 de janeiro de 1940	175
Figura 55 – Folha 4 do projeto arquitetônico para a matriz de Itajaí, 1939	176
Figura 56 – Igreja Matriz São Vicente de Paulo, Luiz Alves (SC) - Projeto de Felipe Bündgens	176
Figura 57 – Projeto de Simão Gramlich para a matriz de Itajaí. Fachada Frontal. No canto superior esquerdo, vê-se a assinatura de aprovação da Cúria	177
Figura 58 - Detalhe do Projeto da Fachada para a matriz de Itajaí. Aprovação da Cúria para aquele projeto assinada pelo Monsenhor Harry Bauer em 15 de setembro de 1940.....	178
Figura 59 – Projeto da Fachada Lateral da matriz de Itajaí realizado por Simão Gramlich ..	178
Figura 60 – Igreja Santa Inês, Indaial (SC)	201
Figura 61 – Capela São Bonifácio, Indaial (SC)	201
Figura 62 – Igreja Nossa Senhora da Glória, Blumenau (SC)	202
Figura 63 - Conjunto de Lojas e escritórios em frente à matriz católica de Blumenau em 1936 - Projeto de Gustav Bleicker.....	267
Figura 64 – Placa de inauguração da Represa Presidente Gen. Eurico G. Dutra onde é possível encontrar o nome de Gustavo Bleicker como engenheiro chefe	268

Figura 65 – Folheto de propaganda do escritório de Engenharia e Arquitetura de Franz von Knoblauch.....	271
Figura 66 – Franz von knoblauch e sua filha Annegret Karin von Knoblauch.....	271
Figura 67 – Registro de estrangeiro de Richard Kaulich.....	273
Figura 68 – Antiga casa de Benjamin Margarida projetada por Richard Kaulich em 1958...	273
Figura 69 – Casa Arp, projeto da empresa Keller & Cia.....	274
Figura 70 – Ampliação da Igreja da Paz (Joinville) realizada por Leonard Groegel	275
Figura 71 – Desenho de Heinz Maar para Paul Meinecke. No canto inferior esquerdo o desenhista assina “MAAR”	277
Figura 72 - Residência de Hercílio Deeke em Blumenau projetada em 1943 por Heinz Maar	277
Figura 73 – Residência de Luiz Schwarz projetada em 1934 por Simão Gramlich e construída por Hermann Geese	278
Figura 74 – Hermann Geese ao fundo, suas filhas Gertrud à esquerda e Rosa à direita e sua esposa Emma na frente	278
Figura 75 – Projeto e desenho de aumento da Igreja Evangélica de Alto da Feliz, em Caí, realizado por Eugen Eyb.....	279
Figura 76 – Desenho de Eugen Eyb para construção da igreja católica da comunidade de Linha Temerária, Vale Real, em Caí	280
Figura 77 – Desenho de um chalé para Nelson Diesel, realizado por Eugen Eyb	280
Figura 78 – Desenho de casa para Djalmo Flores de Andrade realizado por Eugen Eyb	281
Figura 79 – Desenho de igreja católica para a comunidade de Arroio Feliz em Feliz (RS) realizado por Eugen Eyb.....	281
Figura 80 - Desenho de uma casa para Pedro Gehard realizado por Eugen Eyb	282
Figura 81 - Desenho de uma casa para Alfredo Espaniol realizado por Eugen Eyb	282
Figura 82 - Desenho de uma casa para Libório Schmitz realizado por Eugen Eyb	283
Figura 83 – Desenho de Reforma do prédio da Associação União São Jacó em linha São José do Hortência, Caí, realizado por Eugen Eyb	283
Figura 84 – Desenho de casa para Valentim Heck realizado por Eugen Eyb	284
Figura 85 – Desenho de casa para Bruno Port realizado por Eugen Eyb	284
Figura 86 – Desenho de casa para Benta Flores dos Santos realizado por Eugen Eyb	285
Figura 87 – Desenho de casa para Tarsillo Jacob Frohlich realizado por Eugen Eyb	285
Figura 88 – Desenho de casa para João Filippesen realizado por Eugen Eyb	286
Figura 89 – Desenho de casa para Leo Schneider realizado por Eugen Eyb	286

Figura 90 – Número de Registro de Eugen Eyb no CREA. Detalhe do projeto realizado para Leo Schneider	287
Figura 91 – Desenho de uma casa para Nilo Schneider realizado por Eugen Eyb.....	287
Figura 92 – Desenho de Salão Recreativo da Comunidade Evangélica Arroio Bonito	288
Figura 93 – Desenho de casa para Egydio Heberle realizado por Eugen Eyb	288
Figura 94 – Desenho de casa para Alfredo Schäffer realizado por Eugen Eyb.....	289
Figura 95 – Desenho de casa para Pedro Paulo Lerner realizado por Eugen Eyb	289
Figura 96 – Desenho de um altar para igreja em Feliz (RS) realizado por Eugen Eyb.....	290
Figura 97 – Altar da igreja de Feliz (RS) projetado por Eugen Eyb	290
Figura 98 – Desenho de igreja colorido com aquarela realizado por Eugen Eyb	291
Figura 99 – Detalhe de assinatura de Eugen Eyb e data no desenho de aquarela	291
Figura 100 – Primeira página do passaporte de Eugen Eyb	292
Figura 101 – Passaporte de Eugen Eyb	292
Figura 102 – Passaporte de Eugen Eyb.	293
Figura 103 – Passaporte de Eugen Eyb	293
Figura 104 – Fotografia de Eugen Eyb no passaporte.....	294
Figura 105 – Última página do passaporte de Eugen Eyb.....	294
Figura 106 – Documento de Salvo Conduto de Eugen Eyb	295
Figura 107 – Permissão concedida em 1945 a Eugen Eyb para viajar entre São Sebastião do Caí e Porto Alegre	296
Figura 108 – Homenagem a Eugen Eyb por sua participação na Primeira Guerra Mundial .	296
Figura 109 - Condecoração recebida por Eugen Eyb por sua participação como soldado na Primeira Guerra Mundial.....	297
Figura 110 - Condecorações recebidas por Eugen Eyb por sua participação como soldado na Primeira Guerra Mundial.....	297
Figura 111 – Registro de óbito de Eugen Eyb.....	298
Figura 112 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb.....	299
Figura 113 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb.....	299
Figura 114 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb.....	300
Figura 115 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb.....	300
Figura 116 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb montados na capela do hospital Sagrada Família, em São Sebastião do Caí	301

Figura 117 – Simão Gramlich e sua família. Década de 1920. Da esquerda para a direita: Francisco, Rosa e Luiz (sentado), filhos de Gramlich; Gertrud, sua esposa; e Simão Gramlich	302
Figura 118 – Luiz (filho de Simão Gramlich) e Toni. Junho de 1931	308
Figura 119 – Luiz (filho de Simão Gramlich)	308
Figura 120 – Francisco, Rosa e Luiz (filhos de Simão Gramlich)	309
Figura 121 – Rosa Gramlich (Filha de Simão Gramlich), Gertrud sentada (esposa de Simão Gramlich), atrás dela Isabella Gramlich (sobrinha de Simão Gramlich) - Junho de 1931....	310
Figura 122 – Isabella Gramlich (sobrinha de Simão Gramlich), Rosa Gramlich e Gerturd Gramlich. Junho de 1931	310
Figura 123 – Simão Gramlich, à esquerda, no lançamento da pedra angular da igreja matriz de Santa Cruz do Sul em 03 de fevereiro de 1929	311
Figura 124 – Verso da fotografia de Simão Gramlich no lançamento da pedra angular da matriz de Santa Cruz do Sul. Fevereiro de 1929	311
Figura 125 – Vista enviada por Simão Gramlich para familiares na Alemanha	312
Figura 126 – Família de Emil Gramlich (irmão de Simão Gramlich). Emil aparece ao centro da imagem, sentado	312
Figura 127 – Adolf Gramlich (irmão de Simão Gramlich), sua esposa, e sua filha Angela ..	313
Figura 128 – Anna Maria Gramlich (irmã de Simão Gramlich)	313
Figura 129 - Anna Maria Gramlich (irmã de Simão Gramlich)	313
Figura 130 - Necrológio de Heinrich Josef Gramlich (irmão de Simão Gramlich que era padre).....	314
Figura 131 – Heinrich Josef Gramlich, irmão de Simão Gramlich.....	314
Figura 132 – Postal 1 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha. Igreja Matriz da cidade de São Bento do Sul (SC)	315
Figura 133 – Verso do Postal 1 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha.....	315
Figura 134 - Postal 2 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha. Igreja Matriz da cidade de São Bento do Sul (SC)	316
Figura 135 - Verso do Postal 2 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha.....	316
Figura 136 - Postal 3 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha. Igreja Matriz da cidade de São Bento do Sul (SC)	317

Figura 137 - Verso do Postal 3 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha.....	317
Figura 138 – Lápide do soldado Adolf Gramlich (irmão de Simão Gramlich). Cemitério Militar.....	318
Figura 139 – Isabella, Hildegard e Angela Gramlich (filhas de Adolf Gramlich)	318
Figura 140 – Documento que revela participação de Simão Gramlich em um grupo de canto em Herbolzheim no ano de 1906.....	319
Figura 141 – Necrológio de Heinrich Josef Gramlich, irmão de Simão Gramlich	319
Figura 142 – Casa de Emil Gramlich (irmão de Simão Gramlich) em Jagstfeld	320
Figura 143 – Informações sobre Heinrich Josef Gramlich, irmão de Simão Gramlich	320
Figura 144 – Documento referente à empresa de Emil Gramlich em Jagstfeld	321
Figura 145 – Registro de passagem de Gertrud Gramlich e seus filhos Rosa Gramlich e Josef Gramlich (Francisco José Gramlich). Viagem da Alemanha para o Brasil em abril de 1922	322
Figura 146 – Certidão de nascimento de Simão Gramlich	323
Figura 147 – Certidão de Casamento de Simão Gramlich com Gertrud Franziska May, Jagstfeld. Página 1	324
Figura 148 - Certidão de Casamento de Simão Gramlich com Gertrud Franziska May, Jagstfeld. Página 2	325
Figura 149 - Certidão de Casamento de Simão Gramlich com Gertrud Franziska May, Jagstfeld. Página 3	326
Figura 150 – Certidão de óbito de Francisco José Gramlich, filho de Simão Gramlich.....	327
Figura 151 – Certidão de óbito de Gertrud Franziska Gramlich, esposa de Simão Gramlich	328
Figura 152 – Calendário 1905/1906 da Baugewerkschule em Stuttgart frequentada por Franz Gramlich (irmão de Simão Gramlich).....	329
Figura 153 – Registro de matrícula de Franz Gramlich na Baugewerkschule em Stuttgart, 1905. O registro de Franz aparece na última linha da primeira página.....	330
Figura 154 - Registro de matrícula de Franz Gramlich na Baugewerkschule em Stuttgart, 1906. O registro de Franz aparece na penúltima linha da segunda página.....	331
Figura 155 - Calendário 1906/1907 da Baugewerkschule em Stuttgart frequentada por Franz Gramlich (irmão de Simão Gramlich).....	332
Figura 156 - Registro de matrícula de Franz Gramlich na Baugewerkschule em Stuttgart, 1907. O registro de Franz aparece na penúltima linha da primeira página	333
Figura 157 - Registro de matrícula de Franz Gramlich na Baugewerkschule em Stuttgart, 1907/08. O registro de Franz aparece na segunda linha da segunda página	334

Figura 158 – Gustav Bleicker, Kathy Gramlich e Rosa Gramlich Bleicker. 1971. Porto Alegre. Kathy é filha de Luiz Gramlich, sobrinha de Rosa, neta de Simão Gramlich.....	335
Figura 159 – Gertrud Franziska Gramlich (esposa de Simão Gramlich) e três netas: Marcia, Margarete e Kathy. 1971. Porto Alegre.....	335
Figura 160 – Luiz Gramlich (filho de Simão Gramlich), sua esposa Ursula Hoffmann e suas três filhas: Marcia, Margarete e Kathy	336
Figura 161 – Gustav Bleicker na Represa Gen. Eurico G. Dutra. Possivelmente Gustav Bleicker é o terceiro homem da esquerda para direita.....	336
Figura 162 – Família de Simão Gramlich formada em Blumenau após sua separação de Gertrud. Casal: Margarida Gramlich (filha de Simão Gramlich) e Pedro da Veiga; seus filhos Jurival, Ivete e Ivânia; e Elisabeth Weidgenant companheira de Simão Gramlich.....	337
Figura 163 – Catedral São João Batista, Santa Cruz do Sul. O lançamento da pedra angular ocorreu no dia 03 de fevereiro de 1929	338
Figura 164 – Sobrado Franz, Santa Cruz do Sul. Sobrado que aparece à esquerda na imagem. Projetado na década de 1920	338
Figura 165 – Projeto de Gramlich para uma casa em Santa Cruz do Sul onde ele moraria, 1928. O projeto foi executado	339
Figura 166 – Igreja Matriz São Sebastião Mártir, Venâncio Aires. Projeto arquitetônico aprovado em 1927. A inauguração ocorreu em 07 de junho de 1953	339
Figura 167 – Edifício Storck, Venâncio Aires. Projetado na década de 1920. Atualmente funciona como Casa de Cultura.....	340
Figura 168 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória, Sinimbu. Projetada na década de 1920	340
Figura 169 - Capela São Miguel, Feliz	341
Figura 170 – Igreja Nossa Senhora do Rosário, Passo do Sobrado.....	341
Figura 171 – Hospital São Pedro Canísio, Bom Princípio. Projetado em 1928. Inaugurado em 1931	342
Figura 172 – Paróquia do Santíssimo Sacramento, Itajaí. Projeto aprovado em 1940	344
Figura 173 – Igreja São Sebastião, Itajaí (Brilhante I, Comunidade de Laranjeiras). Possível projeto de Simão Gramlich.....	345
Figura 174- Igreja Senhor Bom Jesus, Itajaí (Salseiros). Início da construção em 1940 e término em 1942. Possível projeto de Simão Gramlich	345
Figura 175 – Capela São José, Navegantes (Escalvados). Possível projeto de Simão Gramlich	346

Figura 176 – Capela Santo Agostinho, Navegantes (Porto Escalvado). Possível projeto de Simão Gramlich.....	346
Figura 177 – Igreja Matriz São Pio X, Ilhota. O projeto foi aprovado em 1939 e a construção concluída em 1941.....	347
Figura 178 – Paróquia São Pedro Apóstolo, Gaspar. A pedra fundamental desta igreja foi colocada em 1944 e sua inauguração ocorreu em 3 de maio 1956.....	347
Figura 179 – Santuário Nossa Senhora de Azambuja, Brusque. Obras iniciadas em 1940 ...	348
Figura 180 – Vila Quisisana, Brusque. Residência construída em meados de 1935 para Edgar von Buettner	349
Figura 181 – Segunda residência projetada para Edgar von Buettner, possivelmente construída entre 1939 e 1940. Demolida em 2013.....	349
Figura 182 – Willy Belz, 1933	350
Figura 183 – Carlos Koffke, 1945	350
Figura 184 – Victor Germer, 1936	350
Figura 185 – Jacob Schmitt, 1937	351
Figura 186 – Walter Tonolli, 1937	351
Figura 187 – Waldemar Spranger, 1939.....	351
Figura 188 – Max Konrad, 1940	351
Figura 189 – Conrado Lenzi, 1951	352
Figura 190 – Max Pagel, 1946	352
Figura 191 – Arnaldo Gauche Junior, 1952	352
Figura 192 – Ralf Gauche, 1951.....	352
Figura 193 – João Alfredo Rodrigues da Costa, 1946.....	353
Figura 194 – Anton Fischer, 1935	353
Figura 195 – Augusto Werner, 1939	353
Figura 196 – Hermano Klemz, 1950	353
Figura 197 – Mathilde Mahn, 1945	354
Figura 198 – Ana Eschembach, 1943	354
Figura 199 – Oscar Martin Funke, 1954	354
Figura 200 – Frederico Vetterle, 1932	354
Figura 201 – Rudolfo Kander, 1942.....	355
Figura 202 – Rudolfo Kander, 1946.....	355
Figura 203 – Henrique Michels, 1941	355
Figura 204 – Casa Moellmann, 1938.....	355

Figura 205 – Leopoldo Raabe, 1939	356
Figura 206 – Frederico Rabe, 1932	356
Figura 207 – Wendelin Karsten, 1940.....	356
Figura 208 – Alcides Garcia, 1939.....	356
Figura 209 – Luís Rischbieter, 1936	357
Figura 210 – Erich Karmann, 1938	357
Figura 211 – Antonio Reinert, 1946.....	357
Figura 212 – Waldemar Nimitz, 1957.....	357
Figura 213 – Odorico Soares, 1956.....	358
Figura 214 – Ewaldo Hadlich, 1942.....	358
Figura 215 – Helmuth Hadlich, 1938	358
Figura 216 – Helmuth Hadlich, 1938	358
Figura 217 – Arno Delling, 1949	359
Figura 218 – Alfonso Oliveira, 1937.....	359
Figura 219 – Adélia Gomes, 1938.....	359
Figura 220 – Max Heinig, 1957.	360
Figura 221 – Robert Max Schwab, 1950.....	360
Figura 222 – Walter Hemmer, 1938.....	360
Figura 223 – Helmuth Gueths, 1944	360
Figura 224 – Alberto Gueths, 1944	361
Figura 225 – Gustav Isleb, 1946.....	361
Figura 226 – Arthur Loose, 1939	361
Figura 227 – Emílio Fischer, 1942	361
Figura 228 – Paulo Fischer, 1947.....	362
Figura 229 – Aluízio Schwab, 1945	362
Figura 230 – Henrique Bittelbrunn, 1939.....	362
Figura 231 – Emílio Rosemann, 1938.....	362
Figura 232 – Fritz Reimer, 1937	363
Figura 233 – Friedrich Sanger, 1936.....	363
Figura 234 – Luitpold Kestl, 1951	363
Figura 235 – Rodolfo Hinz, 1960.....	363
Figura 236 – Fábrica de Chapéus Nelsa, 1942	364
Figura 237 – Curt Weidgenant, 1958	364
Figura 238 – Walter Strassmann, 1956	364

Figura 239 – Horst Álvaro Schlupp, 1954.....	364
Figura 240 – Walter Strassmann, 1956	365
Figura 241 – Rodolfo Thomsen, 1939.....	365
Figura 242 – Adolfo Eselmann, 1956.....	365
Figura 243 – Eduardo Santos, 1951. Demolido em 2019.....	365
Figura 244 – Augusto Ramos, 1942	366
Figura 245 – Alfonso Persuhn, 1960	366
Figura 246 – Arnaldo Manske, 1939.....	366
Figura 247 – Asta Schindler, 1948	366
Figura 248 – Frederico Missner, 1945.....	367
Figura 249 – Henrique Carl, 1957	367
Figura 250 – Ewald Froelich, 1966	367
Figura 251 – Harry Spernau, 1942	367
Figura 252 – Wolfgang Herbert Ernst Richter, 1951	368
Figura 253 – Virgílio Campestrini, 1954	368
Figura 254 – Igreja Nossa Senhora da Glória, Blumenau (Glória). Possível projeto de Simão Gramlich.....	368
Figura 255 – Paróquia Luterana, Blumenau (Fortaleza Alta). Possível projeto de Simão Gramlich.....	369
Figura 256 – Residência projetada para Henrique Volkmann em 1940.....	369
Figura 257 – Residência projetada para Alvin Blank em 1940.....	369
Figura 258 – Residência projetada para Henrique Piegel em 1947.....	369
Figura 259 – Residência projetada para Alwin Klotz em 1947.....	370
Figura 260 – Colégio salesiano projetado em 1947	370
Figura 261 – Prédio com modificação projetada por Simão Gramlich em 1947 para se tornar um hospital, Massaranduba. Anteriormente era o Convento das Irmãs Franciscanas	370
Figura 262 – Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Massaranduba. Possível projeto de Simão Gramlich.....	371
Figura 263 – Paróquia São Sebastião, Jaraguá do Sul. A construção desta igreja começou em 1958 e sua inauguração se deu em 1962.....	371
Figura 264 – Paróquia Puríssimo Coração de Maria, São Bento do Sul. Esta igreja foi inaugurada no final da década de 1950	372
Figura 265 – Antigo prédio administrativo da empresa Buschle Irmãos Ltda., projetado na década de 1940, São Bento do Sul	372

Figura 266 – Casa Zipperer, construída na década de 1950 para o então prefeito Carlos Zipperer Sobrinho. Possível projeto de Simão Gramlich	372
Figura 267 – Paróquia Santa Inês, Indaial. O início da construção desta igreja se deu em 1951 e sua inauguração ocorreu em 1957	373
Figura 268 – Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Indaial, Indaial.....	373
Figura 269 – Capela São Bonifácio, Indaial (Encano). O início da construção deste templo se deu em 1942	373
Figura 270 – Paróquia Sant’Ana, Apiúna. Esta igreja foi projetada em 1948	374
Figura 271 – Paróquia Santo Ambrósio, Ascurra.....	374
Figura 272 – Antigo teatro do Colégio Salesiano São Paulo projetado em 1944, Ascurra....	375
Figura 273 – Antigo refeitório dos Padres Salesianos. Colégio Salesiano São Paulo, Ascurra. Projeto de 1943.....	375
Figura 274 – Teatro projetado em 1950 e inaugurado em 1955. Colégio Salesiano São Paulo, Ascurra	375
Figura 275 – Atual Pousada Nona Rosina, Ascurra. Residência projetada em 1959.....	376
Figura 276 – Hansahoehe, projetado na primeira metade da década de 1930. A pedra fundamental do antigo hospital foi lançada em 1935	376
Figura 277 – Catedral São João Batista, Rio do Sul. Projeto realizado em 1941.....	377
Figura 278 – Paróquia Nossa Senhora da Consolata, Rio do Oeste. Projeto de 1949.....	377
Figura 279 – Paróquia São João Batista, São João Batista.....	378
Figura 280 – Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Antônio Carlos. Esta igreja foi inaugurada em 1967	378
Figura 281 – Paróquia Santo Antônio de Pádua, Sombrio. A pedra fundamental desta igreja foi lançada em 1940.....	379
Figura 282 – Capela de Passo Magnus projetada em 1942, São João do Sul	379
Figura 283 – Capela Nossa Senhora da Piedade projetada em 1942, Passo de Torres (Currealinhos).....	379
Figura 284 – Hospital São Francisco, Concórdia	380

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alguns profissionais alemães ligados à construção civil que vieram para o Sul do Brasil nos anos 20 (séc. XX)	51
Quadro 2 – Legislações de 1880, 1915 e 1924 referentes à validação de diploma estrangeiro de Engenheiros e Arquitetos no Brasil	62
Quadro 3 – Registro de Construtores Licenciados que passaram por Itajaí.....	70
Quadro 4 – Projetos de Simão Gramlich que apresentam características do estilo californiano	120
Quadro 5 - Algumas residências com inspiração no Estilo Californiano projetadas por Simão Gramlich, Blumenau.....	121
Quadro 6 - Alguns chalés projetados por Simão Gramlich em Blumenau.....	130
Quadro 7 - Obras de Dubugras, Kirchgässner e Gramlich	132
Quadro 8 - Algumas arquiteturas com inspiração Art Déco projetadas por Simão Gramlich em Blumenau.....	138
Quadro 9 – Informações Gerais sobre o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira..	146
Quadro 10 - Informações Gerais sobre o Padre José Locks	146
Quadro 11 – Composição da Comissão Construtora da Igreja Matriz de Itajaí	151
Quadro 12 - Igrejas antigas substituídas por exemplares de Arquitetura Moderna entre 1950 e 1960	179
Quadro 13 - Orientações do Movimento Litúrgico para a Arquitetura Religiosa.....	192
Quadro 14 - Informações Gerais sobre o Frei Joaquim Orth	198
Quadro 15 - Informações Gerais sobre o Frei Brás Reuter	199
Quadro 16 - As quatro obras que formam o berço da arquitetura eclesiástica moderna segundo Anton Henze.....	205
Quadro 17 - Projetos arquitetônicos aprovados pela prefeitura de Blumenau cujos proprietários descritos fizeram parte da Comissão Construtora da Catedral São Paulo Apóstolo na década de 1950.....	209
Quadro 18 - Informações Gerais sobre o Padre Luiz Gonzaga Steiner.....	210

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAU/BR – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil

CDMH – Centro de Documentação e Memória Histórica

CONFEA – Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura¹

CREA – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura²

ENBA – Escola Nacional de Belas Artes

PLC – Partido Liberal Catarinense

PRC – Partido Republicano Catarinense

PSD – Partido Social Democrata

SBAC – Sociedade Brasileira de Arte Cristã

¹ Sigla e nomenclatura utilizada na década de 1930.

² Sigla e nomenclatura utilizada na década de 1930.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	26
2.	ALEMÃES LIGADOS À CONSTRUÇÃO CIVIL IMIGRADOS PARA O BRASIL NA DÉCADA DE 1920 E A TITULAÇÃO PROFISSIONAL	41
2.1	PORTAS ABERTAS NO BRASIL PARA OS PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DURANTE A DÉCADA DE 1920	42
2.1.1	A emigração alemã nos anos 20 e os trabalhadores da construção civil	44
2.1.2	A recepção dos imigrantes alemães no Brasil na década de 1920.....	47
2.1.3	A escassez de profissionais da construção civil no Brasil nas primeiras décadas do século XX.....	48
2.2	AS BALIZAS DE UM CAMPO, A REGULAMENTAÇÃO PROFISSIONAL DOS ANOS 30 E A HISTORICIZAÇÃO DAS TITULAÇÕES.....	54
2.2.1	Sinalização das balizas que delimitaram o campo da arquitetura no Brasil	54
2.2.2	A regulamentação profissional e a tentativa de colocar em ostracismo os estrangeiros	57
2.2.3	A Carteira profissional	65
2.2.4	Afinal, o que Simão Gramlich era ou o que ele dizia que era?	74
3.	DISPUTAS ENTRE LINGUAGENS ARQUITETÔNICAS.....	92
3.1	O NEOGÓTICO, A IGREJA CATÓLICA E OS ARQUITETOS ALEMÃES NO BRASIL.....	94
3.1.1	As origens do neogótico e sua associação com os profissionais alemães.....	94
3.1.2	A entrada do neogótico na América Latina e sua expansão no Brasil	103
3.1.3	O sucesso das igrejas de Simão Gramlich	105
3.2	LINGUAGENS ARQUITETÔNICAS E A “MODERNIDADE POSSÍVEL”	109
3.2.1	Neocolonial.....	109
3.2.1.1	Neocolonial x Neogótico.....	111
3.2.1.2	Considerações sobre o Mission Style, o Dutch Colonial Revival, e os Chalés no Vale do Itajaí.	115
3.2.2	Art Nouveau, Art Déco e Racionalismo.....	130

3.2.3	Arquitetura Moderna e a “Modernidade Possível”	139
4.	DETERMINAÇÕES DO CAMPO POLÍTICO PARA A ARQUITETURA RELIGIOSA CATÓLICA	144
4.1	AS COMISSÕES CONSTRUTORAS FORMADAS PELAS ELITES E O ARQUITETO: O INTERESSE PELO LUCRO SIMBÓLICO.....	147
4.1.1	Um dos retornos do investimento.....	152
4.1.2	Os ganhos do desinteresse: a denegação e o lucro em médio prazo para o Arquiteto	154
4.2	O GOSTO POLÍTICO DO ARCEBISPO	159
4.2.1	Padre José Locks	160
4.2.2	Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira	163
4.2.3	Rejeição aos insubmissos	167
4.2.4	Engenheiro Felipe Bündgens.....	171
5.	O INSUSTENTÁVEL MODO ANTIGO DE PROJETAR IGREJAS	179
5.1	O MOVIMENTO LITÚRGICO: UM MOVIMENTO GLOBAL E LOCAL	182
5.1.1	O Movimento Litúrgico no Brasil.....	185
5.1.2	Preceitos do Movimento Litúrgico para a Arquitetura Religiosa	189
5.2	O GOSTO DO OUTRO E AS ATRIBUIÇÕES DE VALOR CAMBIANTES	194
5.2.1	Uma escolha nada casual	199
5.2.2	A renovação apoiada pelas comissões construtoras	205
6.	CONCLUSÃO	212
	REFERÊNCIAS	220
	APÊNDICE A - Correspondências de Simão Gramlich	240
	APÊNDICE B – Catálogo de Profissionais da Construção Civil	266
	APÊNDICE C – Documentos sobre Simão	302
	APÊNDICE D - Obras de Simão Gramlich no Rio Grande do Sul	338
	APÊNDICE E - Obras de Simão Gramlich em Santa Catarina	343
	APÊNDICE F – Projetos de Simão Gramlich para obras em Blumenau, Pomerode e Massaranduba	381

1. INTRODUÇÃO

Esta introdução começará apresentando brevemente ao leitor o homem que aparece em todos os capítulos e que é alvo de investigação desta tese: Simão Gramlich. Gramlich imigrou para o Brasil em 1922, fixando-se inicialmente no Rio Grande do Sul. Sobre sua vida na Alemanha, é importante relatar que era o filho mais novo e seu pai e seus irmãos, exceto um, trabalhavam na construção civil. Lá, ele exerceu a atividade de *Maurerpolier*, algo parecido com um mestre de obras no Brasil. É certo que ao chegar a terras brasileiras, com mais de trinta anos de idade, já era um profissional experiente. Dizia-se arquiteto, especialista na construção de mosteiros, igrejas e colégios, o que lhe valeu uma grande quantidade de projetos nessas áreas. Durante os dez anos em que esteve no Rio Grande do Sul, projetou diversas igrejas, sendo a de maior destaque, sua obra-prima, a Catedral São João Batista, em Santa Cruz do Sul.

No começo da década de 1930, mudou-se para Santa Catarina com sua família e abriu um escritório, em Blumenau, com o engenheiro Gustav Bleicker, seu futuro genro. Após desentendimentos familiares, ficou sozinho nessa cidade, encontrando assim uma nova companheira. Esses foram novos anos na vida pessoal e profissional do arquiteto. Em Santa Catarina, produziu projetos arquitetônicos residenciais, comerciais e fabris, com linguagens mais modernas do que as que ele estava desenvolvendo até então, sem deixar de lutar por uma vinculação consistente com o clero católico que lhe oportunizasse a produção de obras religiosas. Nesse estado, produziu muitas igrejas e hospitais, tanto por ter achado graça diante de parte do clero quanto por sua estreita relação com industriais de origem germânica do Vale do Itajaí. São obras de sua autoria: a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí, a Igreja Matriz São Pedro Apóstolo de Gaspar e a Igreja Nossa Senhora de Azambuja em Brusque.

Quanto mais informações são tomadas e analisadas acerca da trajetória de Simão Gramlich, mais a pesquisa se distancia da figura do indivíduo e alcança proporções de compreensão de uma lógica de atuações e desencadeamentos no campo da arquitetura no Brasil e até mesmo, em alguns momentos, na América Latina. O alemão Simão Gramlich é apenas um dentre as centenas de outros profissionais ligados à arquitetura que, na década de 1920, partiu de sua terra natal para se fixar em solo brasileiro. Assim, como muitos desses que se destinaram ao Sul do país, ele também foi bem recebido pelo mercado de trabalho devido

ao novo momento histórico-social pós-abolição da escravatura e nas primeiras décadas da República vivenciado no Brasil.

O fato de Gramlich concentrar em si não uma carreira dissonante, mas dentro do turbilhão causado no campo da construção civil brasileira em formação na primeira metade do século XX, oferece indícios bastante relevantes para a compreensão desse processo de modificação em nível nacional. Além disso, sua permanência no país e a continuidade de atuação até seu falecimento na década de 1960 colaboram para o acompanhamento dos desdobramentos desse mercado após sua consolidação.

Ainda que o campo da arquitetura no Brasil tenha se consolidado com o incentivo de profissionais formados aqui e com bases estabelecidas por intelectuais pautados num discurso nacionalista que colocava à margem, em desprestígio, aqueles que não possuísem formação em curso superior, o que era comum entre os profissionais da construção civil na Alemanha (inclusive para aqueles que atuavam no segmento da engenharia e arquitetura), não se considera que eles não fizessem parte desse campo. E mesmo que esses profissionais não estivessem em luta direta através de discursos e manifestações contra a posição daqueles que se pretendiam regulamentadores do campo, suas arquiteturas se apresentavam como motivo de batalhas e eram vistas como uma ameaça.

Observando a historiografia da arquitetura no Brasil, tem-se a impressão de que a ala nacionalista que defendia o Modernismo foi a grande vitoriosa, pois mostrou o quanto essa arquitetura triunfou no país e conseguiu extirpar a produção arquitetônica dos “pândegos, rábulas, gamelas” (VIERIA, 1940 apud PARETO JUNIOR, 2018, p. 115), como foram achincalhados os não diplomados em ensino superior. Mas saindo às ruas e investigando informações sobre a produção arquitetônica ainda presente em nossas cidades, que resistiu desde a primeira metade do século vinte, nota-se uma quantidade considerável de obras realizadas por esses “licenciados” (termo utilizado na carteira profissional emitida pelo CONFEA/CREA³ para os profissionais da construção civil que não possuíam ensino superior), em detrimento do menor número de obras dos graduados. Se a historiografia buscou desonrar essas arquiteturas em seu discurso, no cotidiano parece que elas seguiram triunfantes.

Por essa incongruência entre o discurso historiográfico alinhado com a consolidação do campo da arquitetura no Brasil e as arquiteturas da cidade, decidiu-se, a partir desta tese,

³ Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura/ Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, denominação da década de 1930, hoje, Conselho Federal de Engenharia e Agronomia – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, segundo CONFEA, [201-].

analisar as condições de depreciação impostas por esse campo aos profissionais imigrantes não diplomados em ensino superior e às suas obras, mostrando o valor delas dentro do contexto na qual foram produzidas, que se cruza com os campos político e religioso.

Para essa desnaturalização de atributos lançados sobre a obra desses arquitetos marginalizados, fala-se sobre: a boa recepção deles no Brasil na década de 1920; a forma com que uma das balizas do campo da arquitetura, a regulamentação profissional, foi crucial nesse processo de desprestígio desses indivíduos; como as arquiteturas do século XX que não pertenciam ao Modernismo foram também depreciadas (Modernismo esse ligado à constituição do campo, de uso quase exclusivo dos graduados); como dentro do campo político tais considerações do campo da arquitetura não são tão relevantes, sendo mais importante uma obra arquitetônica que fale do grupo local que está no poder do que da nação, produzindo, assim, valorização dissonante do campo da arquitetura; como esse campo político tinha influência sobre o campo religioso; e como o campo religioso, na década de 1950 e 1960, a partir do Movimento Litúrgico, vinculou-se à arquitetura Modernista, consoante ao que ocorria no campo da arquitetura, resultando na depreciação das obras arquitetônicas historicistas empregadas até então.

E assim, com esse conjunto de análises que passam pelo campo da arquitetura, da religião e da política, pensando sempre nos discursos de depreciação ou valorização de certas obras, autores e estilos, deseja-se mostrar que o valor imposto pela historiografia da arquitetura não está exatamente no objeto, mas nos discursos produzidos que criam tais atributos e, portanto, aquelas obras consideradas ruins, atrasadas e fora de seu tempo, não são ruins, atrasadas e fora de seu tempo para todos, caso contrário, possivelmente elas sequer teriam sido construídas. E que o gosto daqueles que optam por executar projetos de obras não conclamados pelo campo da arquitetura não é exatamente ruim, ou duvidoso, apenas corresponde a fenômenos que ocorrem em outro campo, sendo assim, nem sempre o que é bem visto no campo da arquitetura também o é no campo político entre as elites, por exemplo.

Essa conclusão foi obtida através de uma investigação que parte da trajetória de um desses marginalizados pelo campo da arquitetura, que, apesar disso, tinha uma produção imensa, era conclamado pela imprensa e escolhido como preferido pelas elites políticas e industriais. Dessa forma, podemos entender como os discursos, em espaços diferentes, ora desprestigiam ora exaltam a obra dele, mas isso, reforça-se aqui, dependendo justamente do local de fala em determinado contexto.

O estudo da trajetória de profissionais que atuaram como arquitetos e engenheiros, no Brasil, sem diploma de graduação, na primeira metade do século XX, colabora para uma

compreensão da história da arquitetura no país, naquele período, e permite a renovação da escrita de sua historiografia marcada por décadas de depreciação do trabalho desses indivíduos, especialmente dos imigrantes.

Como a História não é mais concebida como *Magistra Vitae*, de onde se tira um ensinamento para uma ação, mas sim o meio de se compreender como se chegou até determinado estado, cabe melhor, assim, uma reação (KOSELLECK, 2006, p. 60). Com este trabalho acadêmico, deseja-se reagir, junto aos diversos outros pesquisadores que se levantaram nas últimas décadas, para uma nova escrita da historiografia da arquitetura no Brasil, a qual não menospreza as diversas expressões arquitetônicas do país para a defesa de uma posição de dominação. Busca-se compreender aqui tanto essas arquiteturas como a posição de seus produtores frente à tensão por eles sofrida através do cerceamento de sua atuação e depreciação de suas obras, bem como frente àqueles que os aclamavam. Para isso, a trajetória de Simão Gramlich, um arquiteto alemão não diplomado, será investigada, desde o momento de sua chegada ao Brasil, na década de 1920, até 1968, data de seu falecimento.

Essa escolha sobre a trajetória de Gramlich foi pensada com o intuito de trazer a tona reflexões sobre os movimentos de depreciação e consagração, citados anteriormente, dentro do contexto da produção arquitetônica do Sul do Brasil, especialmente de Santa Catarina, que pouco aparece em um quadro mais amplo da historiografia da arquitetura no Brasil. Além disso, não como justiceiro, mas considerando certo apagamento da produção desse profissional que possui centenas de obras na região Sul, levamos em conta que este trabalho foi o espaço ideal para a apresentação e reflexão sobre as obras de Gramlich.

Dentre os muitos arquitetos imigrantes não diplomados que atuaram em Santa Catarina, outro poderia ter sido escolhido para esta investigação e, ainda assim, se perseguiria a mesma hipótese. Mas foram algumas especificidades encontradas apenas na trajetória de Gramlich que o fizeram figurar nesta tese: só ele possuía uma produção de arquiteturas monumentais tão vultuosa em Santa Catarina e, ainda assim, era um quase desconhecido; sua carreira foi de longa duração, trabalhou até os 80 anos de idade; sua produção arquitetônica varia nas linguagens estéticas, passando pelo Art Déco, Neocolonial, Neorromânico, Neogótico e outros; e, por fim, sua produção se espalha por dezenas de municípios em três estados.

A trajetória do arquiteto conseguiu aglutinar em torno de si diversas temáticas importantes acerca da história da arquitetura brasileira, como a importação de mão-de-obra especializada, a formação do campo da arquitetura e seus balizadores (especialmente a regulamentação profissional), o mecenato tanto da igreja católica quanto das elites

industriais, as linguagens arquitetônicas em disputa, entre outras, dando um amplo alcance para esta tese dentro da história da arquitetura no Brasil.

A ideia de campo que guia esta tese está vinculada aos escritos do sociólogo Pierre Bourdieu⁴, mas não se deve esperar um uso fiel aos métodos do francês. Entende-se como campo um espaço simbólico restrito aos agentes, tanto indivíduos como instituições, ligados a uma determinada área, que disputam pela legitimação ou detratção das práticas que ocorrem nos limites desse espaço simbólico. O campo, portanto, funciona como um microcosmo relativamente autônomo em relação aos outros campos existentes, com regras particulares que o sustentam.

Para compreender as especificidades da formação do campo da arquitetura no Brasil, o livro do sociólogo José Carlos Durand “Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985”, publicado pela primeira vez em 1989, foi bastante relevante, pois nele são analisadas circunstâncias e características da composição e consolidação desse campo ao longo do século XX no país. Os escritos de Günter Weimer acerca da Arquitetura e dos Arquitetos no Rio Grande do Sul entre o final do século XIX até a Segunda Guerra Mundial também colaboraram para a apreensão das singularidades do campo da arquitetura na região Sul. Além desses dois, autores como Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, com sua tese de doutorado, permitiram a incorporação de outras análises a esse microcosmo que se tem verificado.

Tendo como premissa esse conceito de campo, e o associando à investigação de um indivíduo, como é aqui o caso, chegou-se ao conceito de trajetória, também discutido por Bourdieu. Para o sociólogo, o perigo de se trabalhar com história de vida ou biografia é incorrer em uma ilusão biográfica, onde admite-se uma constância ao sujeito biografado e faz-se de sua história uma sequência coerente, onde uma ação responde à outra, cronologicamente, sendo que não há constância possível além do nome próprio. Nesse sentido, o sociólogo Montagner (2007, p. 252) explicou que

Os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevôo que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada a posteriori pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa.

Dessa forma, a necessidade de dar coerência à história contada e justificar algumas ações cria uma ilusão biográfica. O estudo de trajetória deve levar em consideração que

⁴ (BOURDIEU, 2015a; 2015b; 1996; 2016).

muitas das ações humanas não lhes são compreensíveis isoladamente, porque respondem às forças do campo que lhes é desconhecida, “(...) é impossível dar sentido a um todo que escapa ao próprio sujeito, histórico, determinado socialmente, imerso em um universo social fora de nossos controles” (MONTAGNER, 2007, p. 252). Segundo Bourdieu (1996, p. 190),

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.

Essa figura utilizada pelo autor acerca do trajeto do metrô e a estrutura de sua rede revela a essencialidade na teoria bourdieusiana da exploração do conceito de campo. O sujeito biografado responde a movimentos dentro de um campo, que por sua vez, fazem parte de seu *habitus*. Assim, o estudo do *habitus*, de determinado grupo ou indivíduo, é uma forma de compreensão da interiorização dos movimentos possíveis do campo, podendo, assim, revelar modos de agir e pensar desses grupos/indivíduos. Nesse sentido, para Bourdieu (1996), o estudo de trajetória é viável apenas quando considera e aplica as categorias de campo e *habitus* e possibilita o cruzamento das descrições da trajetória do sujeito analisado com outros agentes,

o que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 1996, p. 190).

O estudo da trajetória de Simão Gramlich deverá, então, basear-se nos movimentos empreendidos dentro dos campos em que estava associado, no *habitus* primário e nas condições de classe que experimentou inicialmente, enquanto esteve na Alemanha, no funcionamento do campo da cultura e arquitetura em que esteve envolvido em sua terra natal, e, em sua vinda para o Brasil, sua inserção nesse novo campo com diferentes características, bem como na descrição das possibilidades de ação dentro desse campo em constante luta pelo monopólio da regulação do que deve ou não ser considerado como bom e belo, a legitimação do julgamento.

Cruzará este estudo de trajetória uma gama de agentes responsáveis pelas principais lutas empreendidas no campo da arquitetura/cultura/arte, como as elites industriais alemãs do litoral catarinense contra a elite agrária do planalto, o clero católico dividido por suas disputas

étnicas, jornalistas e críticos das artes no Brasil, em concorrência por representações consideradas “originalmente brasileiras” contra a cultura do imigrante etc. A análise do campo, com suas características, transformações e agentes envolvidos poderá encaminhar o estudo de trajetória do arquiteto Simão Gramlich sem a criação de uma ilusão biográfica que contemplasse, em sua biografia, uma genialidade inata, mas, inclusive desvendando os processos de produção do discurso de genialidade e exaltação de seu nome como autor, ou seja, a criação do criador.

Sobre as fontes primárias, pode-se dizer que foram encontrados diversos documentos, espalhados pelo Sul do Brasil, especialmente nos arquivos religiosos, acerca do arquiteto. A história do alemão e sua produção parece não ter fim, todos os meses de pesquisa, novas informações surgiam, sendo que muitas delas alteraram o rumo daquelas que já pareciam domadas. Por anos, era certa sua autoria para meia dúzia de projetos realizados em Blumenau, mas logo que a pesquisa foi iniciada nessa cidade, brotavam das caixas do Arquivo Intermediário de Blumenau desenhos e mais desenhos com a assinatura do arquiteto, chegando-se a fotografar mais de 470 pranchas. Das correspondências encontradas no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis, trocadas, por anos, entre um padre e o Arcebispo catarinense, saltaram abundantes comentários sobre Gramlich. Em cópias de documentos de um antigo arquivo desativado, zelosamente guardadas por um professor da Universidade de Santa Cruz do Sul, acham-se cartas escritas pelo próprio arquiteto com revelações tanto sobre suas obras quanto das dores de sua alma⁵.

As fontes pareciam ser inesgotáveis e, apesar da quantidade, nenhuma delas foi dispensada por sua aparente rusticidade. Dos comentários “que se ouviram falar” até os bilhetes escritos a lápis encontrados no meio dos documentos ditos oficiais, todos foram analisados e considerados como fonte. Talvez, também por esse motivo, a pesquisa sobre Gramlich foi tão instigante, porque, próximo ao texto previsível produzido pela igreja católica para contar a história triunfante de suas construções, dentro das caixas pouco devassadas dos arquivos públicos, surgiam bilhetes amassados e cartas sigilosas.

Ainda existe um vasto material sobre Gramlich que não foi investigado. Uma coleção especial que não foi alvo de análise nesta tese são seus projetos arquitetônicos guardados no Arquivo Histórico da cidade de Rio do Sul, além disso, seria importante uma investigação mais aprofundada de obras como o hospital Hansahoehe, em Ibirama, e as igrejas produzidas

⁵ Essas cópias se encontram com o arquiteto Ronaldo Wink (Santa Cruz do Sul).

por ele em Santa Catarina, por exemplo. Até mesmo, uma pesquisa sobre sua atuação na Alemanha pode render mais documentos do que aqueles que foram encontrados em apenas dois dias de visita naquele país. Não se considerou essa constatação da existência de mais materiais importantes para averiguar a trajetória de Gramlich, que não constam aqui, uma falta nesta tese, pois, dentro das possibilidades de atuação para a construção deste trabalho, foi feito o possível para se alcançar o objetivo proposto e ainda realizar um levantamento substancial de suas obras no Sul do Brasil, além de dar indicações também sobre a trajetória de outros profissionais. Além disso, por diversas vezes, a tradução de textos em alemão, inclusive com a árdua tarefa de decifração de letras góticas ou manuscritas, tomou um tempo grande devido à inexperiência da autora nesse serviço.

Três viagens foram realizadas para o Rio Grande do Sul em busca de informações sobre Gramlich. Foram visitadas as seguintes cidades: Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Viamão, São Leopoldo, São Sebastião do Caí e Bom Princípio. Os acervos mais importantes estavam no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, no Arquivo Provincial dos Jesuítas (Porto Alegre), no Arquivo Provincial Marista (Porto Alegre) e, por último e mais importante, com o arquiteto Ronaldo Wink (Santa Cruz do Sul), com quem foram encontradas cartas de Gramlich escritas na década de 1920, entre outros documentos. O material cedido por Wink trata-se de fotocópias de manuscritos que compõem o Arquivo da Diocese de Santa Cruz do Sul, o qual foi desativado para uma reforma há anos, desmembrado e esquecido em porões e salas insalubres. Além dos registros coletados em Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, nas demais cidades foram visitadas obras do arquiteto e colhidas fontes sobre temas pontuais na trajetória de Gramlich.

Em Santa Catarina, foram consultados Arquivos Históricos em quatro municípios. Dentre as instituições visitadas, deve-se destacar o Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis, onde foram encontradas dezenas de cartas e centenas de outros documentos que citam Gramlich ou suas obras. Apesar da importância desse acervo para a construção desta tese, assim como para a pesquisa de inúmeros outros estudantes, o acesso às pastas desse Arquivo foi proibido em meados de 2017.

Outro acervo de grande relevância está no Arquivo Intermediário de Blumenau, que faz parte do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, sendo lá encontradas mais de quatrocentas pranchas com projetos arquitetônicos de Simão Gramlich. A partir das informações ali coletadas, foi possível construir listagens dos clientes de Gramlich, identificar sua produção ainda existente em Blumenau e realizar as análises acerca das linguagens arquitetônicas promovidas no segundo capítulo desta tese. No Arquivo José Ferreira da Silva,

ainda se teve acesso a outros documentos relativos ao Gramlich e a outros profissionais que atuaram na cidade.

Blumenau é, sem dúvida, a cidade que proporcionou mais informações sobre Gramlich e outros profissionais da construção civil que, assim como ele, imigraram na década de 1920. Isso se dá, em primeiro lugar, por ser essa a cidade em que ele viveu mais de trinta anos, permanecendo ali até seu falecimento em 1968 e por ter ela, na metade do século XX, sofrido um processo de industrialização que ocasionou grande demanda para os arquitetos e engenheiros, além de ser um polo de cultura teuto-brasileira que atraía os imigrantes. Através dos sobrenomes dos profissionais da construção civil que atuaram no Vale do Itajaí, foram sendo localizadas algumas famílias dessa cidade e entrevistadas. Foi assim que se realizaram entrevistas com a filha de Franz von Knoblauch e com o filho de Heinz Maar, por exemplo. Sendo que as conversas com familiares de Gramlich também foram essenciais no processo de pesquisa, tanto de seus descendentes no Brasil quanto parentes de um de seus irmãos na Alemanha.

O Centro de Memória Histórica de Itajaí e o Arquivo Morto da Fábrica de Tecidos Renaux (desativado, sob guarda familiar) também contribuíram com acervos relevantes para a tese, especialmente o primeiro, já que Gramlich é autor do projeto da igreja matriz católica de Itajaí. Aquele Centro de Documentação também possui um rico acervo de projetos arquitetônicos, que vai da década de 1920 até meados de 1980, o que possibilitou o levantamento de projetos de Gramlich, a atuação de outros profissionais e as linguagens arquitetônicas mais recorrentes. Outro espaço de investigação foi a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a qual facilitou a busca por informações sobre Gramlich e suas obras.

Portanto, foram coletados, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, projetos arquitetônicos, jornais, correspondências, fotografias, livros tombo, documentos pessoais, entre outros. E na Alemanha, em visita à Helga Weckesser, neta de um dos irmãos de Gramlich, e em pesquisa no Arquivo da Arquidiocese de Freiburg, encontrou-se cartões postais enviados por ele, fotografias e informações sobre seus pais e irmãos.

Há nesta tese a preocupação de trabalhar com essas fontes, de forma a compreender os meandros da produção arquitetônica de Gramlich, não aceitando de antemão como verdades únicas o que se vê, lê e ouve. Uma contextualização aprofundada, por exemplo, das cartas coletadas no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis foi primordial para não se cair na aparente impressão de paz e submissão que se via na relação dos envolvidos com a construção da matriz de Itajaí. A leitura de Koselleck (2006) e sua reflexão sobre a história dos conceitos foi fundamental para a análise das fontes,

ainda que ele apareça citado uma única vez nesta tese. O fato deste autor indicar a necessidade de compreensão do uso de alguns termos com suas cargas ideológicas permitiu que pudesse ser avaliada a importante categorização de Gramlich como construtor licenciado, arquiteto e outras nomenclaturas.

Ligado a esse assunto, é preciso serem feitos aqui dois esclarecimentos importantes para não se correr o risco de algum julgamento como erro de anacronismo. O primeiro deles é sobre o nome de Simão Gramlich. Na certidão de batismo desse alemão, seu nome aparece como Albert Simon Gramlich, mas em todos os demais documentos encontrados, o nome Albert é omitido. Gramlich fez uso de seu nome “Simon” enquanto esteve na Alemanha e em seus primeiros anos no Brasil. A partir de 1927, predomina, em documentos assinados por ele, inclusive em cartões postais enviados para sua família na Alemanha, e como registro na imprensa, o nome “Simão”, por esse motivo, não se considerou um erro chamá-lo assim, inclusive quando se tratou aqui de assuntos anteriores a 1927.

O segundo esclarecimento é sobre denominá-lo como arquiteto, mesmo sem ele ter se formado em uma graduação de arquitetura. Como se verá no primeiro capítulo, na maior parte do século XX, Gramlich foi chamado de arquiteto, inclusive era assim que ele se designava, pois até a regulamentação profissional empreendida em 1933 para engenheiros, arquitetos e agrimensores isso era permitido e comum e, ainda depois da regulamentação, levou-se anos para mudar tal pensamento, fazendo com que arquiteto fosse apenas aquele que se forma em uma graduação de arquitetura e não também aquele que exercia essa atividade independente de uma formação. Chama-se Gramlich de arquiteto porque era essa a atividade que ele exercia, mas tem-se ciência e deixa-se claro que é preciso considerar a historicidade desse termo. Aqui, ele não será referenciado como “construtor licenciado”, que é o termo oficial que consta em sua carteira profissional, porque o contexto de criação dessa designação pretendia limitar o prestígio de atuação dos profissionais não diplomados em ensino superior, assim preferiu-se correr o risco da taxação de anacrônicos do que corroborar com um termo depreciativo.

A ideia de escrever sobre Simão Gramlich veio da exaltação de seus projetos proclamada pelo professor Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, tanto nas aulas de Arquitetura Catarinense lecionadas na graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)⁶, quanto em conversas pessoais. Mesmo sendo historiadora, a realização de um mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (PGAU-Cidade /

⁶ As quais eu frequentei como estagiária quando cursava o mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

UFSC) possibilitou a união de instrumentos advindos de ambas as áreas, para a análise de objetos, resultando em contribuições para a história da arquitetura e do urbanismo.

Apesar de se ter conhecimento da autoria de Gramlich para grandes obras no Sul do Brasil, pouco se sabia sobre o arquiteto até o começo desta pesquisa. Acredita-se que o primeiro texto escrito sobre ele tenha sido um curto artigo publicado pelo arquiteto César Floriano dos Santos, no Boletim do Instituto de Arquitetos do Brasil no ano de 1984, do qual, infelizmente, não se teve acesso. Outros arquitetos que escreveram sobre Gramlich, foram: Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, em um subcapítulo de sua tese defendida em 2009, com informações sobre o alemão; Ronaldo Wink, ao se debruçar, em um livro publicado em 2006, sobre a história da Catedral São João Batista (Santa Cruz do Sul); e Guinter Weimer, com um verbete sobre o arquiteto no livro “Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul 1892-1945” lançado em 2004. Em 2001, o Padre Antonio Francisco Bohn publicou um texto na Revista “Blumenau em Cadernos” sobre algumas obras de Gramlich em Santa Catarina realizadas para a Igreja Católica. Além desses trabalhos que dão atenção especial ao alemão, seu nome aparece em dezenas de outras publicações, mas não com o interesse de analisar sua trajetória ou as particularidades de suas obras como um todo, mas sim relacionado às histórias individualizadas da construção de certos templos religiosos, como o livro sobre a igreja matriz de Itajaí “A matriz de todos nós” (1980), organizado pelo padre Sergio Maykot e Luiz Carlos dos Santos. Esta tese, portanto, é o primeiro trabalho acadêmico dedicado à trajetória de Simão Gramlich.

Dessa forma, para discorrer a esse respeito, este trabalho foi dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro “Alemães ligados à construção civil imigrados para o Brasil na década de 1920 e a titulação profissional”. Desde o título, já se pode notar uma divisão temática a ser explorada nessa etapa, portanto, inicialmente, se procurará desvendar o motivo de tantos profissionais da construção civil terem migrado da Alemanha para o Brasil durante os anos 20, concentrando tal investigação em três eixos: as justificativas do abandono da terra natal, da escolha do Brasil como país hospedeiro e do interesse brasileiro na atração desses profissionais. A seguir, a pesquisa concentra-se em fatos ocorridos especialmente na década de 1930, quando o Decreto Federal nº 23.569 regulamentou a profissão dos arquitetos, engenheiros e agrimensores e, a partir de então, tanto aqueles que eram formados em nível superior como os considerados não diplomados deveriam possuir uma carteira profissional emitida pelo CONFEA/CREA para poder atuar. Assim, tratar-se-á nessa etapa também sobre as limitações impostas aos profissionais considerados como licenciados e sobre a titulação atribuída a eles.

A base referencial desse capítulo está em leituras acerca da imigração para o Brasil no século XX, a construção civil e o campo da arquitetura no Brasil e na Alemanha, e a regulamentação profissional ocorrida em âmbito nacional e suas consequências. Como fontes primárias, serviu-se de carteiras profissionais, projetos arquitetônicos, diplomas, fotografias, cartões postais, notas jornalísticas, correspondências, entre outros documentos que trouxessem luz sobre a atividade profissional de indivíduos que exerciam a arquitetura e engenharia, mas não eram diplomados em ensino superior, especialmente, aqueles vindos da Alemanha. A trajetória de Gramlich perpassa cada um dos pontos de análise e investigação, foi a partir da vida dele que as perguntas desse capítulo surgiram. Tanto os documentos coletados acerca de Gramlich quanto de outros profissionais que não foram dispostos ao longo do texto, mas que são essenciais para a compreensão da trajetória deles, estarão nos apêndices, sendo que para alguns se criou um pequeno verbete com informações biográficas.

O segundo capítulo da tese “Disputas entre linguagens arquitetônicas” mostra que, além dos profissionais não diplomados em ensino superior, especialmente os imigrantes, serem marginalizados no campo da arquitetura no Brasil no período da formação e consolidação desse campo, as arquiteturas empreendidas por eles, que em sua maioria não seguiam os ditames do modernismo, mas sim outras tendências arquitetônicas da modernidade, eram desprezadas pelo discurso intelectual acadêmico, o que foi perpetuado na historiografia da arquitetura aqui no país. Porém, analisando essas obras em seu contexto de produção, percebe-se que elas eram bem conceituadas por grande parte da população e largamente empregadas e elogiadas como modernas e belas. Assim, o objetivo desse capítulo é compreender essas atribuições de valores para algumas linguagens arquitetônicas dentro de diferentes grupos sociais, tendo como fio condutor a produção arquitetônica de Simão Gramlich.

Assim como o primeiro capítulo, o segundo também foi dividido em duas partes, a primeira delas se concentra em um estudo sobre o Neogótico mostrando os motivos de sua associação com os profissionais alemães e com a igreja católica, de sua entrada na América Latina e expansão no Brasil e, por fim, do sucesso das igrejas neogóticas de Gramlich no Sul do Brasil. A segunda parte trata de outras linguagens arquitetônicas que Gramlich empregava, especialmente em obras residenciais, comerciais e industriais, como o Mission Style, Dutch Colonial Revival, Art Déco, Art Nouveau e Arquitetura Racionalista. Nessa etapa, busca-se vê-los, especialmente os imigrantes, como pioneiros de uma “modernidade possível” em Santa Catarina, termo criado por Teixeira (2009).

As bibliografias utilizadas nessa etapa consistem em textos e livros em português, inglês, alemão e espanhol sobre o contexto histórico e artístico da Alemanha nos séculos XIX e XX, o uso do Neogótico na Alemanha, o surgimento do Movimento Moderno naquele país e também no Brasil, a repercussão de linguagens arquitetônicas como Art Déco, Art Nouveau, Racionalismo, e Mission Style no Brasil, bem como, conceituações da historiografia sobre eles. As fontes primárias analisadas consistem em correspondências, notas jornalísticas, propagandas de revistas, fotografias, projetos arquitetônicos e documentos institucionais ligados ao patrimônio histórico, como o Livro Tombo de Blumenau, o Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis de Porto Alegre e um dossiê para tombamento de obras Neocoloniais em Itajaí.

O terceiro capítulo foge um pouco do caminho que se vinha tomando até então, no qual concentravam-se as análises entre as disputas dentro do próprio campo da arquitetura para elevação ou depreciação de determinadas linguagens arquitetônicas e profissionais da construção civil. A partir do título “Determinação do campo político para a arquitetura religiosa católica”, procurar-se-á averiguar os impasses entre os grupos políticos catarinenses e sua influência sobre o clero católico e a atividade profissional dos arquitetos nesse estado, mostrando assim o quanto as linguagens arquitetônicas, além da influência do próprio campo da arquitetura, também eram direcionadas em certas dimensões por disputas políticas e econômicas de fora, advindas do campo político. Além disso, pretende-se ressaltar o quanto a própria igreja católica, enquanto instituição, ainda que aparentemente independente do campo político, mostrava-se, por certas vezes, submissa a este, ao mesmo tempo em que os próprios políticos e industriais dependiam dela para a legitimação de seu poder. Aqui, a disputa entre linguagens arquitetônicas não está em um nível de discussão teórica sobre aquela que melhor representa o Brasil, como foi visto anteriormente, mas sim sobre a que melhor representa um grupo político que busca por legitimação de seu poder.

Um caso icônico perpassa todo esse capítulo: a história da construção da Igreja Matriz de Itajaí, no qual essas disputas políticas estavam afloradas e registradas em dezenas de correspondências e outros documentos encontrados no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis. Outras fontes foram utilizadas, como notas jornalísticas, mas, sem dúvida, as correspondências e escritos pessoais de um padre chamado José Locks foram os documentos analisados mais abundantes e significativos nesse trecho. Os principais referenciais teóricos dessa etapa consistem em obras acerca da relação entre arquitetura e poder, bens simbólicos e a denegação do lucro da obra de arte, conceitos

advindos de Pierre Bourdieu, e a história política do estado de Santa Catarina na primeira metade do século XX.

Esse terceiro capítulo igualmente foi dividido em duas partes, sendo que na primeira explora-se a constituição das comissões construtoras de igrejas dentro da instituição católica em Santa Catarina compostas por elementos das elites locais. Nesse ínterim são investigados os lucros simbólicos obtidos por essas elites na construção de igrejas monumentais, como é o caso da igreja de Itajaí, bem como o interesse que há também por parte do arquiteto na execução de seu projeto, que vai além do recebimento de pagamento por seu trabalho. Na segunda parte, trata-se da posição política do clero e como ela implica na aceitação ou não de determinadas linguagens arquitetônicas.

Assim como o terceiro capítulo, o quarto, de título “O insustentável modo antigo de projetar igrejas” também não se concentrou em fenômenos e discursos ocorridos dentro do campo da arquitetura, mas, novamente, a instituição católica vem a ser o pivô da explanação. Aqui, porém, não mais se concentra unicamente em aspectos estaduais e locais ligados à política e economia para explicar o êxito de determinado estilo arquitetônico, mas a arrebatadora vitória da Arquitetura Moderna para a produção de igrejas, a partir da década de 1950, aumentando gradativamente ano a ano, foi refletida em âmbito global, com análise do reflexo local. Assim, esse último capítulo buscou analisar o que aconteceu no seio da igreja católica e da sociedade, que resultou na vitória da Arquitetura Moderna nas décadas de 1950 e 1960 na construção de templos dessa instituição e exclusão do neogótico e outras linguagens historicistas.

Esse capítulo foi dividido em duas partes, sendo que a primeira trata de aspectos mais gerais do Movimento Litúrgico, responsável pela mudança nos projetos arquitetônicos religiosos elencados acima, tratando de sua origem na Europa, vinda e disseminação pelo Brasil e seus principais preceitos para a arquitetura. A segunda parte se baseia nos discursos produzidos por esse Movimento que casam com os pensamentos modernistas e sua influência na trajetória de Simão Gramlich, especialmente, no caso da seleção de um projeto para a construção da Igreja Matriz de Blumenau, cidade onde ele viveu por mais de 30 anos.

Os referenciais teóricos que basearam essa etapa consistem, principalmente, em textos acerca do Movimento Litúrgico e em trabalhos que compõem a historiografia da arquitetura contemporânea, os quais buscam trazer novos olhares para a análise da produção arquitetônica no Brasil, voltando-se para uma valorização dessas obras dentro de seu contexto e não em comparação às arquiteturas europeias ou a outras produzidas no Brasil em

conjunturas alheias. Nesse último capítulo, fez-se uso, como fonte, principalmente, de materiais fotográficos, projetos arquitetônicos, correspondências e notas jornalísticas.

2. ALEMÃES LIGADOS À CONSTRUÇÃO CIVIL IMIGRADOS PARA O BRASIL NA DÉCADA DE 1920 E A TITULAÇÃO PROFISSIONAL

Os textos presentes neste capítulo discutem a entrada no Brasil de profissionais alemães ligados à construção civil, como arquitetos, engenheiros, construtores, pedreiros, entre outros, seja com diploma de graduação, com ensino técnico ou experiência profissional, ainda que sem documento comprobatório, durante a década de 1920; e a posterior regulamentação da atuação desses profissionais através da criação de um Decreto Federal nos anos 30⁷, dentre outras resoluções posteriores, acompanhada de uma discussão acerca da titulação profissional ou designação atribuída a esses indivíduos. A compreensão dessas situações é essencial para o entendimento da trajetória de Simão Gramlich, pois ele esteve envolvido nesses contextos, pois era um profissional alemão da construção civil, que chegou ao Brasil em 1922, fazendo sucesso em poucos anos, passou pela regulamentação profissional, que naquela ocasião lhe favoreceu e foi dotado, ao longo de sua trajetória e até mesmo na atualidade, de titulações profissionais que precisam ser compreendidas dentro de seus contextos.

Além da leitura de bibliografia especializada acerca da imigração no século XX para o Brasil, da construção civil neste país naquele século, bem como da criação de um campo da arquitetura e da regulamentação profissional ocorrida nos anos 30, para a elaboração deste capítulo foram coletadas fontes primárias, principalmente com os descendentes de engenheiros e arquitetos que atuaram em Santa Catarina. Dentre elas é possível destacar os projetos arquitetônicos, relatórios, fotografias, cartas de recomendação e diploma de Franz von Knoblauch apresentados por sua filha, Annegret Karin von Knoblauch, ao longo de várias visitas realizadas a ela, e também os documentos reunidos sobre Simão Gramlich, disponibilizados por Helga Weckesser (descendente da família Gramlich na Alemanha). A maior parte desse material é inédita, nunca tendo sido analisada ou sequer exposta publicamente anteriormente.

Algumas tabelas e imagens foram dispostas ao longo do capítulo para que o leitor possa ter não apenas uma orientação visual dos assuntos tratados no texto, mas provas dos argumentos discutidos. Além disso, para a complementação de informações acerca dos vários profissionais aqui citados, como Gustav Bleicker, Richard Kaulich, Heinz Maar, entre outros,

⁷ Todas as vezes que for mencionado o Decreto Federal de 1933 ou Decreto de regulamentação profissional, será referente ao Decreto nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933 (BRASIL, 1933).

se fez um conjunto de fichas que estão apresentadas no Apêndice B. Os documentos coletadas sobre Simão Gramlich na Alemanha que não foram dispostos neste capítulo e a transcrição e tradução de suas correspondências trocadas no Rio Grande do Sul estão no Apêndice C e Apêndice A, respectivamente.

O primeiro subtítulo deste capítulo, “Portas abertas no Brasil para os profissionais da construção civil durante a década de 1920” procurou desvendar porque tantos profissionais da construção civil saíram do Norte europeu, especialmente da Alemanha, na década de 1920, e escolheram o Brasil como terra adotiva (ver Quadro 1)⁸. Além desses dois aspectos do êxodo, o abandono da terra natal e a escolha de uma nova pátria, realizou-se uma reflexão acerca do interesse brasileiro na atração e recepção desses profissionais.

Apesar da rápida inserção desses indivíduos no mercado de trabalho brasileiro, devido às necessidades que o país apresentava nas primeiras décadas do século XX, a regulamentação e o registro profissionais exigidos pelo sistema CONFEA-CREA em 1933 revelou algumas características desse mercado, que logo se tornou discriminatório em relação aos imigrantes. Assim, as informações dispostas em “As balizas de um campo, a regulamentação profissional dos anos 30 e a historicização das titulações” conduziram a um exame da condição dos arquitetos, engenheiros, construtores e outros trabalhadores da construção civil, formados e/ou com experiências profissionais no exterior, frente a essa regulamentação que se apresentou como protetora das escolas de graduação brasileiras. Além disso, se fez uma investigação das titulações atribuídas à Simão Gramlich, historicizando esses termos que foram se modificando ao longo da carreira dele.

2.1 PORTAS ABERTAS NO BRASIL PARA OS PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DURANTE A DÉCADA DE 1920

Ao percorrer diversos arquivos históricos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina⁹, em busca de informações sobre as obras de Simão Gramlich, percebeu-se que, em

⁸ No Quadro 1, o leitor poderá obter informações sobre alguns desses profissionais da construção civil, alemães, que imigraram para o Brasil na década de 1920.

⁹ Arquivos consultados em Santa Catarina: Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí, Arquivo Intermediário – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva em Blumenau, Arquivo Histórico de Rio do Sul, Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis, e Arquivo Histórico de Indaial. Arquivos consultados no Rio Grande do Sul: Arquivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul, Arquivo da Mitra Diocesana de Santa Cruz do Sul, Arquivo da Mitra da Arquidiocese de Porto Alegre, Arquivo Provincial dos Irmãos Maristas em Porto Alegre, Arquivo Provincial dos Jesuítas em Porto Alegre, e Arquivo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa em Porto Alegre. As visitas ocorreram entre 2016 e 2019.

grande parte das coleções de projetos arquitetônicos entre as décadas de 1920 e 1940, constam trabalhos assinados por profissionais alemães. Dentre eles, observou-se que há um número significativo daqueles que imigraram na década de 1920. Essas constatações causaram inquietações que precisavam ser resolvidas, pois se relacionam com a trajetória de Gramlich.

Em busca de informações sobre a entrada de estrangeiros na década de 1920, no Brasil, foi encontrada, no jornal “O Commercio”, de Itajaí, município catarinense, uma nota com o título “As lutas de após-guerra. Os emigrados alemães estão mal satisfeitos com as suas pátria de adoção”¹⁰, do ano de 1924, que fez crescer tal inquietação. O texto contido no jornal contava sobre a insatisfação de alguns imigrantes alemães em relação às suas pátrias adotivas. Suas cartas, enviadas aos familiares, foram publicadas em jornais alemães para que seus compatriotas fossem melhores orientados, caso decidissem também abandonar seu país de origem. As queixas, em grande parte, vinham de homens da classe média: caixeiros, professores, vendedores etc., e as recomendações, em sua maioria, eram destinadas aos homens do campo, sendo elas: que não escolhessem terras próximas a grandes áreas de trabalho negro e outros trabalhadores com condições de vida inferiores aos alemães; que evitassem ir para a Argentina, pois a concorrência com os italianos era grande; indicavam que um dos meios de ganhar a vida era plantando café; e, por fim, afirmavam que homens do campo e artistas eram bem-vindos na América do Sul, Estados Unidos e Canadá (AS LUTAS, 1924, p. 1).

O último conselho dado, referente aos homens do campo e artistas serem bem-vindos na América do Sul, em meados de 1924, colabora para a investigação que se propõe. Quanto aos homens do campo, já existem trabalhos que dão indicações sobre a urgência de sua atuação na América, inclusive, sobre o Brasil, tem-se como referência os estudos da antropóloga Giralda Seyferth (2011) que mostrou como esses agricultores teriam a função de abastecer o mercado interno com variedades de produtos alimentícios, inclusive no Sul do país, com algumas particularidades, através do desenvolvimento de uma agricultura de subsistência com venda do excedente.

A dissertação de Angela Bernadete Lima (2015) apresenta outras faces dessa boa recepção, dessa vez, pautadas na defesa de alguns intelectuais brasileiros quanto à

¹⁰ Não se sabe exatamente quem foi o autor dessa nota jornalística de “O Commercio”, mas era comum, nesse periódico, a apresentação de notícias acerca da imigração alemã para o Brasil. Isso ocorria porque Itajaí, local onde o jornal circulava, é uma cidade portuária que recebia grandes levas de imigrantes que, em sua maioria, se dirigiam ao interior do estado. Além disso, o proprietário do jornal, Immanuel Currin, tinha interesses pessoais e comerciais na recepção desses imigrantes. Para informações sobre Currin e seu interesse sobre a imigração alemã, recomenda-se a leitura de Fagundes (2017).

possibilidade de promoção do “branqueamento” do país, bem como da formação de uma classe média. Aspectos como a promoção de avanço das técnicas agrícolas e a moralização da população também estavam associadas ao desejo da vinda desses imigrantes. Portanto, agora importa saber por que os artistas eram bem-vindos.

Quando essa nota de jornal se refere aos artistas, é possível considerar uma gama de profissionais, tais como pintores, escultores, músicos, atores e muitos outros, além dos arquitetos. Os cursos de arquitetura no Brasil, na primeira metade do século XX, em sua maioria, estavam associados às escolas de Belas Artes, o que reforça a visão acerca de seu caráter artístico. Assim, unindo a nota supracitada e a constatação da presença de muitos arquitetos, engenheiros e demais profissionais da construção civil estrangeiros, especialmente vindos da Alemanha, no Sul do Brasil, na década de 1920, criou-se uma situação problema que precisaria ser desvendada para uma melhor compreensão da atuação de Simão Gramlich no país. Dessa forma, dois aspectos precisam ser analisados: o motivo de tantos profissionais ligados à construção civil terem abandonado a Alemanha, e o porquê da boa recepção deles no Brasil.

2.1.1 A emigração alemã nos anos 20 e os trabalhadores da construção civil

Sobre o êxodo de muitos alemães, em meados da década de 1920, de sua terra natal, sabe-se que, com o fim da Primeira Guerra Mundial, uma grave crise econômica, política e social assolou a Alemanha, resultando em taxa de desemprego alta, falta de moradias, insatisfação com o governo e no sistema monetário abalado, com crescente desvalorização de sua moeda. Além dos custos da destruição causada por uma guerra perdida, havia as indenizações a serem pagas aos vencedores, determinadas na Conferência de Paz de Versalhes e justificadas com o argumento de que a Alemanha era a única culpada pela guerra. O valor total que se tinha em dívida era imenso e a forma de pagamento exigida por aqueles que tinham pretensão de manter a Alemanha enfraquecida dificultava ainda mais uma melhora das condições financeiras. Como consequência, houve grande número de emigrantes, sendo que para a América, na década de 1920, vieram mais alemães do que a soma de todos aqueles, de origem teuta, que foram para este continente desde 1846 (RINKE, 2005, p. 27).

Não se pretende fazer aqui uma aprofundada comparação entre os alemães, que imigraram no século XIX e começo do século XX para o Brasil, e aqueles que aqui chegaram após a Primeira Guerra Mundial até a década de 1930, mas é preciso salientar que esses grupos possuíam características bastante distintas. Como observou o cientista social Willems

(1980, p. 31), sendo ele imigrante alemão instalado no Brasil, cada leva de imigrantes que aqui chegou, em diferentes períodos, vindos de diferentes regiões da Alemanha, não demonstravam apenas características de suas culturas locais, mas também acusavam fases de transformações sociais do seu país de origem. Dessa forma, como na virada do século XIX a Alemanha sofreu diversas modificações que a levaram a um crescente êxodo rural e industrialização, além de transformações políticas, aqueles que vieram para o Brasil, na década de 1920, não eram, em maioria, agricultores (como se viu no século anterior), mas indivíduos de diversas classes sociais e grupos de profissionais das áreas urbanizadas. Segundo Willems (1980, p. 37),

Se entre as levadas de emigrantes germânicos preponderava, até a conflagração europeia, o elemento agrícola, a derrota e as convulsões sociais de após-guerra alteravam, completamente, o quadro. Indivíduos de todas as classes sociais, principalmente da burguesia arruinada e proletarizada, vinham fixar-se no Brasil. As causas do êxodo eram, mormente, econômicas ou políticas. A inflação monetária arruinara grande parte das camadas abastadas do povo. A falta de trabalho, cada vez mais acentuada, contribuía, consideravelmente, para estimular a emigração. Numerosos elementos dos partidos da direita, desgostosos com a derrota e advento de um regime de tendências socialistas, emigravam para o Brasil. De outro lado, comunistas militantes, membros do “Spartakus” que haviam lutado nas barricadas, contra o governo republicano, achavam na emigração o único recurso para iniciar uma “nova vida” ou para realizar suas utopias sociais. Vinham então oficiais do exército imperial, funcionários aposentados, artífices e operários qualificados, médicos, engenheiros, advogados, comerciantes, professores e agricultores.

O livro “Deutsche Architekten: biographische verflechtungen 1900-1970” (Arquitetos alemães: conexões biográficas 1900-1970 – tradução nossa) escrito por Werner Durth, ao fazer uma reflexão sobre a geração de arquitetos alemães nascidos entre 1900 e 1910, especialmente sobre aqueles que estiveram envolvidos com o regime nazista e, após 1945, fizeram parte dos projetos de reconstrução da Alemanha, reflete sobre essa nova condição de seu país desde meados 1890, a partir de uma grande transformação econômica e social:

Nos anos 90, o número de funcionários da indústria, comércio e transporte aumentou particularmente rápido, enquanto o número de pessoas empregadas na agricultura quase estagnou. Essas mudanças sociais também ocorreram especialmente: aldeias aumentaram para cidades, pequenas cidades se tornaram grandes cidades. A urbanização foi mais rápida nas áreas de mineração e indústrias, em que uma nova estrutura econômica vem se desenvolvendo desde meados do século XIX. A industrialização foi acompanhada por um processo de urbanização que excedeu, em muito, os desenvolvimentos em outros países europeus. (DURTH, 1988, p. 23, tradução nossa)¹¹.

¹¹ Texto original: Besonders rapide war in den neunziger Jahren die Beschäftigtenzahl in der Industrie, in Handel und Verkehr gestiegen, während die Zahl der in der Landwirtschaft Beschäftigten fast stagnierte. Diese sozialen Wandlungen schlugen sich auch räumlich nieder: Dörfer schwollen zu Städten an, aus Kleinen Orten wurden Großstädte. Am schnellsten vollzog sich die Verstädterung in jenen Bergbau - und Industriegebieten, in denen

Essa crescente urbanização e industrialização da Alemanha, durante o Segundo Reich, trouxe aos profissionais da construção civil muitas oportunidades de trabalho, e por este farto mercado e uma sede por um avanço tecnológico e industrial cada vez maior, o próprio imperador alemão Wilhelm II, além de investir no ensino técnico, em seu país, para ter profissionais formados com maior rapidez, incentivava, em seus discursos, os jovens a dedicarem-se a essa modalidade, conferindo, assim, aos técnicos o prestígio social anteriormente destinado apenas aos graduados (DURTH, 1988, p. 24). O governo alemão investiu na crença de que a missão de tornar a Alemanha uma potência mundial cabia a cada cidadão, sendo a nova geração dos primeiros anos do século XX atingida pelo auge dessa doutrina.

Havia, portanto, no começo do século XX, na Alemanha, mercado de trabalho farto para os profissionais da construção civil e incentivo para a continuidade de formação de jovens nas carreiras ligadas a esse segmento. Quando, em 1914, iniciou-se a Primeira Guerra Mundial, a situação mudou drasticamente. Muitos trabalhadores tornaram-se soldados na guerra, corroborando com a quase estagnação da construção civil: “Durante a guerra, a construção civil praticamente parou” (DURTH, 1988, p. 35, tradução nossa)¹².

Logo após a guerra, a situação não melhorou muito. Sabe-se que, com a falência do mercado imobiliário alemão, muitos profissionais dessa área ficaram desempregados. Os investidores privados, em sua maioria, não estavam dispostos a empregar capital em obras arquitetônicas diante dos altos custos para sua produção e diminuto retorno que teriam em curto prazo. O único setor que teve algum sucesso foi o de conjuntos habitacionais, devido à política residencial estatal empregada pela República de Weimar, que defendia o direito de moradia para todos (ALBUQUERQUE, 2007a). No entanto, como o setor era de atuação bastante limitada, uma grande quantidade de profissionais não tinha pedidos de projetos, como relatou o arquiteto Bruno Taut: “A minha prancheta aqui no escritório continua vazia. Todo dia o mesmo nada” (TOUT, 1919, p. apud MELLO, 2003, p.).

Werner Durth (1988) também relatou essa difícil situação vivenciada pelos profissionais do setor da construção civil, afirmando que, por não se ter praticamente nada para ser construído, os arquitetos se refugiaram na fantasia de seus desenhos (DURTH, 1988, p. 41). Para gastar tempo com seus projetos arquitetônicos, porém, sem uma perspectiva de retorno financeiro, é preciso estar a salvo financeiramente. Aqueles, entretanto, que

sich seit der Mitte des 19. Jahrhunderts eine neue Wirtschaftsstruktur entfaltetete. Mit der Industrialisierung ging ein Urbanisierungsprozeß einher, der die Entwicklung in anderen europäischen Ländern weit übertraf.

¹² Texto original: Während des Krieges kam die zivile Bautätigkeit weitgehend zum Stillstand (...).

trabalhavam para a construção civil, independente do cargo que exerciam ou da posse de um diploma acadêmico, que não vinham de famílias abastadas, não estavam tão seguros financeiramente ou desejavam melhores oportunidades de trabalho, portanto, tiveram que tomar outros caminhos, como por exemplo, o da emigração.

2.1.2 A recepção dos imigrantes alemães no Brasil na década de 1920

Apesar das relações rompidas entre Brasil e Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, que ocorreu após anos de uma sólida parceria comercial, a década de 1920 foi um período de recuperação das transações, sendo o Brasil o segundo maior parceiro da Alemanha na América Latina (RINKE, 2014, p. 8). Houve, inclusive, uma retomada nos projetos relacionados à interferência alemã no sistema educacional: formou-se, no Brasil, uma associação de professores germano-brasileiros com o apoio da Alemanha (RINKE, 2014, p.11). A situação foi agravada novamente apenas durante o governo Vargas, sendo a repressão, àqueles ligados à Alemanha, severa no Sul do país.

Ainda que a década de 1920 tenha sido o momento de restabelecimento das relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha, as condições de imigração permaneceram boas, sendo o Brasil o maior receptor de alemães da América Latina, naquele período. Segundo o historiador Rinke (2005, p. 28), o principal motivo para a escolha do Brasil como país hospedeiro foi a política de terras que oferecia uma forma de aquisição conveniente ao imigrante, além de outros benefícios em sua chegada, como transporte gratuito ao seu destino e, para o período inicial, algumas refeições e cuidados médicos. A própria nota jornalística que se tem consultado neste capítulo instruía os alemães a não escolherem a Argentina como destino, devido à grande competitividade com os italianos; sabe-se que para o Chile, as passagens custavam caro; Paraguai e Uruguai, apesar de constarem na rota de imigração norte-europeia, não tiveram um adensamento germânico significativo; já os Estados Unidos havia imposto restrições à entrada daqueles indivíduos, restando, assim, o Brasil como a melhor opção para aqueles anos.

Sabe-se, pela argumentação do arquiteto Weimer (2004b), que durante o século XIX, no Brasil, devido ao regime escravocrata, não houve significativa presença de profissionais da área da construção civil em comparação com o período imediatamente posterior, início do século XX. A partir da abolição da escravatura, até os anos de 1929 e 1930, ocorreu um aumento significativo da presença de arquitetos alemães no Sul do país. A abolição iniciou uma transformação econômica no Brasil que, no Rio Grande do Sul, representou o abandono

das atividades ligadas ao latifúndio pecuarista e incentivo à agricultura que, por sua vez, possibilitou a promoção da industrialização do estado. Dessa forma, o governo estadual angariou algum excedente de capital que poderia investir em obras públicas, enquanto, em nível federal, se possibilitou o livre exercício de profissões ligadas à construção civil.

O sociólogo Durand (2009) confirmou esse aumento da presença de artistas e artesãos estrangeiros no Brasil, no período da Primeira República. Segundo os dados que coletou, haviam mais profissionais estrangeiros ligados às artes no país entre os anos 1900 a 1930 do que em todo o século anterior. Para ele, um dos motivos foi a transformação no sistema produtivo e na estrutura social brasileira que geraram desejo de mudanças nas condições habituais de vida, como por exemplo, no aspecto das residências, modelos de urbanização e consumo de serviços modernos. No período comentado:

Cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo perderam as feições acanhadas e pobres que traziam da época colonial e rapidamente assumiram traços europeus na arquitetura, no urbanismo e no uso de equipamentos e serviços modernos, entre os quais a eletricidade e o todo o conforto que ela traz (DURAND, 2009, p. 55).

Assim, o Brasil tornou-se um país com possibilidade de empregos para artistas e artesãos por essa necessidade de modernização levantada pela burguesia e pelas condições favoráveis econômicas e sociais.

2.1.3 A escassez de profissionais da construção civil no Brasil nas primeiras décadas do século XX

Pode-se então questionar acerca do mercado de artesãos já atuante no Brasil: o que se pode levantar sobre isso, ao ler a obra de Durand (2009), é a grande deficiência que o país enfrentava em escolas que dessem conta de suprir as novas necessidades apresentadas no início do século. Além disso, por mais que novas instituições tenham sido implementadas, levaria algum tempo para a formação de profissionais que desse resultado significativo à demanda que se apresentava. O mesmo é visto em Weimer (2004b, p. 225) acerca da ausência de arquitetos formados no Brasil:

Para suprir a falta de mão-de-obra especializada, criaram-se diversos cursos de nível superior entre os quais o de arquitetura. Como o nível cultural do Estado era muito baixo, houve necessidade de fazer grandes investimentos em educação, e os resultados só produziram efeito em médio prazo. Como as necessidades de mão-de-obra especializada eram urgentes, preferiu-se supri-las através da atração de força de trabalho estrangeira. Os levantamentos empíricos provaram que essa política atingiu plenamente seus objetivos. Acorreram arquitetos dos principais países europeus em números que surpreenderam as previsões mais otimistas.

Os arquitetos formados na antiga Academia Imperial de Belas-Artes eram poucos e, geralmente, vistos apenas como desenhistas de fachadas. Entre 1890 e 1900, esta escola formou somente três arquitetos (DURAND, 2009, p. 69). Através das mudanças sofridas no Brasil no início do século XX e a necessidade de profissionais da área da construção civil, começaram a surgir, no país, escolas especializadas, tais como a faculdade de Engenharia de Porto Alegre e Bahia e a Escola de Engenharia em São Paulo, no ano de 1896, a Escola Politécnica de São Paulo, em 1900, e a Escola Livre de Engenharia de Pernambuco, em 1905. No Rio de Janeiro, então capital do país, o curso de Engenharia contava com a especialidade de engenheiro-arquiteto e aqueles que lá se formavam eram candidatos ao cargo de docente na Escola Nacional de Belas-Artes (DURAND, 2009, p. 70).

Com esse novo impulso às carreiras relacionadas à construção civil, especialmente à engenharia, houve beneficiamentos para o conceito do curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA). Aquela modalidade, que era uma das menos procuradas na ENBA, passou a ser desejada e frequentada pelos filhos das elites. O surto imobiliário sofrido no Rio de Janeiro com demandas mais ousadas e complexas do que aquelas solicitadas no século XIX exigiram maior capacitação dos profissionais e, por lidarem com grandes somas de dinheiro, colaboraram na atração dos jovens de famílias abastadas para a profissão:

(...) entre os artesãos e pintores comumente de origem popular, e as moças aprendizes de desenho e pintura das famílias de elite, geralmente condenadas a um amadorismo sem vigor, surgiu uma nova categoria - os arquitetos - de condição social privilegiada e com investimentos de carreira mais pesados, visto que voltados para a direção de um processo industrial que mobiliza grandes somas de recursos: a construção civil (DURAND, 2009, p. 73).

Assim, os jovens estudantes, vindos da classe alta, que frequentavam as escolas de Engenharia e Arquitetura, poderiam fazer mais investimentos em sua carreira, devido à sua condição financeira, como afirmado na citação anterior. Um desses investimentos era a frequência de viagens à Europa, especialmente à França, onde conheciam os movimentos modernos. Entretanto, como no início do século XX essas escolas ainda estavam em expansão e representavam uma pequeníssima parte dos profissionais da construção civil disponíveis para o mercado de trabalho, grande parte dos contratados era de estrangeiros.

A origem da maioria dos artesãos, em determinados estados, está associada ao maior fluxo migratório para aquela localidade: “Em São Paulo, as migrações trouxeram bom número de artesãos italianos com competência em ofícios da construção civil, setor que eles praticamente monopolizaram. No Rio de Janeiro, os mestres de obras eram portugueses (...)” (DURAND, 2009, p. 56). No Rio Grande do Sul, por sua vez, havia muitos profissionais

alemães e italianos. Para Weimer (2004b), a grande quantidade de engenheiros e arquitetos alemães, não somente no Rio Grande do Sul, mas também em outros estados, explica-se pelo favorecimento, no país, do acúmulo de capitais pelas empresas teutas naquela virada de século.

A presença marcante de profissionais da área da construção civil de origem teuta, no Sul do Brasil, na primeira metade do século XX, pode ser vista entre os concorrentes de Simão Gramlich. No concurso para o projeto da igreja matriz de Santa Cruz do Sul (RS), realizado no ano de 1927, dentre os doze projetos apresentados, em disputa com o de Gramlich, cinco eram de autoria de alemães, três de brasileiros, um de dupla formada por um brasileiro e um uruguaio, sendo que ambos se formaram no Uruguai e os demais eram de três outros profissionais, sobre quais não foram encontradas informações biográficas. Dos cinco alemães, somente um migrou em 1913, todos os outros chegaram ao Brasil na década de 1920¹³.

Para a matriz católica de Itajaí (SC), o padre José Locks procurou três profissionais para a execução de um projeto adequado que agradasse ao Arcebispo. Todos eram de origem teuta, sendo que um deles era Gramlich¹⁴. Deve-se, entretanto, considerar que havia uma grande quantidade de profissionais da construção civil brasileiros, em Itajaí, vindos de outros estados. Porém, dentre os que atuaram na cidade nas décadas de 1920, 1930 e 1940, que se tem conhecimento, havia, predominantemente, indivíduos brasileiros e alemães.

Ao citar em sua tese “Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina, 1930-1960” três destacados profissionais estrangeiros que atuaram em Santa Catarina: Simon Gramlich, e os suíços Tom Wildi e Wolfgang Ludwig Rau, o professor Luiz Eduardo Fontoura Teixeira evidenciou que, até o governo Vargas, esses profissionais e outros imigrados quase não tiveram concorrência no estado, devido à ausência de quantidade significativa de engenheiros e arquitetos brasileiros (TEIXEIRA, 2009, p. 113). De fato, enquanto o Rio Grande do Sul teve sua primeira escola de Engenharia implementada em 1896, e o Paraná em 1912, Santa Catarina só alcançou esse advento na década de 1960 (CABRAL, 2010).

¹³ Concorrentes de Simão Gramlich no concurso para escolha do projeto para a Igreja Matriz de Santa Cruz do Sul: os cinco alemães eram Josef Lutzenberger, Jacob Schmitt, Júlio Lohweg, João Neumann e Ernst Seubert, sendo que apenas o último não migrou na década de 1920; os três brasileiros eram Eduardo Pufal, Victorino Zani, e a dupla Dario Granja Sant’Anna e Walter Jobim Siqueira; a dupla formada por um brasileiro e um uruguaio era Saul Macchiavello e Antônio Rubio; e os três dos quais não se tem informações são: Theodor Scharla, Gustavo Airoso e José Fickler.

¹⁴ Os outros dois eram Richard Kaulich e Felipe Bündgens.

Em sua obra, “Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul”, Weimer (2004b), no quarto capítulo, apresentou dezessete profissionais da construção civil, de origem teuta, que migraram na década de 1920 e instalaram-se no Rio Grande do Sul. A pesquisa dele não tinha por pretensão apresentar todos os profissionais desse ramo que adentraram naquele estado nos anos 20, seu foco estava, principalmente, nos profissionais com maior atuação em Porto Alegre. Simão Gramlich, por exemplo, que emigrou em 1921¹⁵ e, nos anos seguintes, passou a realizar obras de grande porte no Rio Grande do Sul, não consta no livro de Weimer. O autor apresenta Gramlich, entretanto, em sua obra “Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul, 1892-1945” (WEIMER, 2004a) e no texto “Arquitetos alemães no Sul do Brasil” na revista “Deutsch-brasilianische Hefte” (WEIMER, 2003).

São poucas as informações sobre a vida de Gramlich em sua terra natal, porém, é unânime entre seus descendentes a afirmação de que sua vinda foi ocasionada pela grave crise enfrentada pela Alemanha no pós-guerra. E, como o Brasil estava em momento propício para a ascensão das carreiras relacionadas à construção civil e à produção artística e artesanal, sua fixação no país não demorou a lhe render uma grande quantidade de projetos que garantiriam o sustento de sua família, assim como ocorreu com muitos outros profissionais estrangeiros que aqui aportaram.

Quadro 1 - Alguns profissionais alemães ligados à construção civil que vieram para o Sul do Brasil nos anos 20 (séc. XX)

Nome	Ano de Chegada	Local de Atuação	Nascimento e Falecimento	Formação
Albert Eduard Johannes Schroetterb ¹⁶	1920	RS	Leipzig -	Universidade Técnica de Munique
Alexander Schäfer ¹⁷	1926	-	-	Técnico em construção
Alfons Maier ¹⁸	1928	-	-	Pedreiro
Alois Heide ¹⁹	1926	-	-	Técnico em construção
Aloys Batke ²⁰	1926	-	1895 ²¹	Engenheiro com diploma avançado (Dipl. Ingenieur)
Bruno Unterstein ²²	1926	-	1886	Engenheiro
Eugen Eyb ²³	1920	RS	Stuttgart – 1895	Construtor/Pedreiro ²⁴

¹⁵ Saiu da Alemanha em 30 de dezembro de 1921.

¹⁶ (WEIMER, 2004a, p. 161).

¹⁷ (DIE MAUS, 1926). A fonte que corresponde a “Die Maus” se refere à lista disponibilizada online de passageiros que saíram do porto de Bremen na Alemanha.

¹⁸ (DIE MAUS, 1926).

¹⁹ (DIE MAUS, 1926).

²⁰ (DIE MAUS, 1926).

²¹ Informação coletada em: https://www.ancestry.com.au/search/?name=Aloys_Batke. Acesso em: 24.10.2019.

²² (DIE MAUS, 1926).

²³ Informações coletadas com André Eyb, neto de Eugen Eyb, em São Sebastião do Caí (RS), em 2017.

²⁴ Em um documento de Salvo Conduto, a profissão de Eugen Eyb é identificada como Pedreiro, porém, em um aviso de condecoração alemã por sua atuação na Primeira Guerra Mundial, é tido como construtor, e outro

			São Sebastião do Caí (RS) - 1969	
Franz von Knoblauch ²⁵	1925	PR e SC	Hamburgo – 1901 Blumenau (SC) - 1980	Escola Estadual de Construção Subterrânea de Rendsburg (Tiefbauschule)
Friedrich Kreid ²⁶	1926	-	1901	Especialista na construção de telhados.
Gehard Karl Julius Krause ²⁷	Final da década de 1920.	RS	Inserburg – 1903 -	Escola de Arquitetura de Koenigsberg, capital da Prússia Oriental
Georg Heine ²⁸	1926	-	-	Engenheiro
Georg Kaiser ²⁹	1928	-	-	Engenheiro
Georg Keller ³⁰	1920	SC	1896	Arquiteto
Georg Ohaus ³¹	1926		1888	Engenheiro com diploma avançado (Dipl. Ingenieur)
Gustav Bleicker ³²	Década de 1920	RS e SC	-	Engenheiro
Gustav Ehricht ³³	1927	-	-	Engenheiro
Gustav Mezger ³⁴	1927	-	-	Pedreiro
Heinrich Bredemeyer ³⁵	1927	-	-	Engenheiro
Heinrich Rost ³⁶	1927	-	-	Pedreiro
Heinz Maar ³⁷	1923	SC	Colônia – 1906 Balneário Camboriú - 1989	Escola Superior de Arquitetura em Stuttgart (incompleto). Terminou estudos no Brasil.
Hermann Geese ³⁸	1924	SC	-	Arquiteto
Jacob Schmitt ³⁹	Entre 1920 e 1926	RS	1899 -	Pedreiro. Construtor com diploma da Landes Baugewerkschule.
Otto Johannes Neumann ⁴⁰	Década de 20	RS	-	Arquiteto-Construtor Licenciado. Possuía diploma da Escola de Marceneiros de Berlim.

documento expedido no Brasil, em 1939, (Certidão de Registro de Estrangeiro), ele também aparece como construtor. O trabalho que desenvolveu no Rio Grande do Sul era de projetar e construir residências e obras em outros segmentos. Eyb também possuía uma fábrica de ladrilhos hidráulicos. Morava em São Sebastião do Caí, RS.

²⁵ Informações coletadas com Annegret Karin von Knoblauch, em Blumenau, ao longo dos anos 2018 e 2019.

²⁶ (DIE MAUS, 1926).

²⁷ (WEIMER, 2004a, p. 98-99).

²⁸ (DIE MAUS, 1926).

²⁹ (DIE MAUS, 1926).

³⁰ (DIAS, 2012).

³¹ (DIE MAUS, 1926).

³² Gustav Bleicker foi sócio de Simão Gramlich entre 1932 e 1934. Ele se casou com Rosa, filha de Gramlich. As informações sobre Bleicker foram coletadas com José Carlos Laborda Bleicker (neto de Gustav e Rosa) através de conversas telefônicas.

³³ (DIE MAUS, 1926).

³⁴ (DIE MAUS, 1926).

³⁵ (DIE MAUS, 1926).

³⁶ (DIE MAUS, 1926).

³⁷ Informações coletadas com Juergen Heinrich Maar, filho de Heinz Maar, em 2018.

³⁸ (LIZ, 2019).

³⁹ (WEIMER, 2004a, p. 160).

⁴⁰ (WEIMER, 2004a, p. 126).

Johann Wilhelm Heinrich Kude ⁴¹ (Willi)	Meados de 1926	RS	Kleinitz – 1901 -	Escola de Construção de Stettin (Szczecin, Polônia)
Josef Dontrelepont ⁴²	1927	-	-	Engenheiro
Josef Lutzenberger ⁴³	1920	RS	Altoetting – 1882 RS - 1951	Cursou Arquitetura na Koenigliche Technische Hochschule da Baviera.
Julius Lohweg ⁴⁴	1923	RS	Heepen – 1879 Canela (RS) - 1960	Baugewerkschule des Technikuns Hildburghausen
Karl Mayer ⁴⁵	1928	-	-	Pedreiro
Leonard Groegel ⁴⁶	1926	SC	Holzkirchen, Baviera – 1895 Joinville (SC) - 1986	Engenheiro Civil
Ludwig Casper ⁴⁷	1927	-	-	Engenheiro
Ludwig Korgel ⁴⁸	1926	-	-	Técnico em construção
Oskar Fiscoeder ⁴⁹	1921	-	-	Pedreiro
Philipp Hagelauer ⁵⁰	1927	-	-	Engenheiro
Richard Kaulich ⁵¹	1927	SC	Berlim – 1903 -	Universidade em Berlim
Simão Gramlich ⁵²	1922	RS, SC e PR	Herbolzheim (Neudenau) ⁵³ - 1887 Blumenau (SC) - 1968	
Walter Schwenzer ⁵⁴	1926			Engenheiro

Fonte: Autora.⁵⁵

⁴¹ (WEIMER, 2004a, p. 100, 101).

⁴² (DIE MAUS, 1926).

⁴³ (WEIMER, 2004a, p. 108, 109).

⁴⁴ (WEIMER, 2004a, p. 105, 106).

⁴⁵ (DIE MAUS, 1926).

⁴⁶ Informações coletadas com Thais Groegel, neta de Leonard Groegel, em 25 de junho de 2018.

⁴⁷ (DIE MAUS, 1926).

⁴⁸ (DIE MAUS, 1926).

⁴⁹ (DIE MAUS, 1926).

⁵⁰ (DIE MAUS, 1926).

⁵¹ (KAULICH, 2018) (Esposa de Eduardo Kaulich, neto de Richard Kaulich). Informações de chegada confirmadas em Die Maus, 1926.

⁵² Informações coletadas em documentos do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

⁵³ Essa Herbolzheim era uma aldeia que passou a fazer parte da cidade de Neudenau em 1975.

⁵⁴ (DIE MAUS, 1926).

⁵⁵ Quadro criado pela autora a partir de pesquisa biográfica de cada um dos profissionais citados. Este quadro apresenta apenas alguns dos profissionais ligados à construção civil vindos da Alemanha para o Sul do Brasil na década de 1920, estando ainda em aberto.

2.2 AS BALIZAS DE UM CAMPO, A REGULAMENTAÇÃO PROFISSIONAL DOS ANOS 30 E A HISTORICIZAÇÃO DAS TITULAÇÕES

Os primeiros anos de um imigrante em sua nova pátria possivelmente são os mais difíceis, é preciso se adaptar ao clima, compreender uma nova língua, adequar-se aos padrões de comportamento e culturais que são distintos de seu país de origem, encontrar um espaço no mercado de trabalho, etc. A assimilação, porém, dos profissionais ligados à construção civil no Sul do Brasil não foi tão demorada em relação à posição profissional, dentro de poucos anos, eles alcançavam destaque, devido à pouca concorrência. Entretanto, após a regulamentação profissional promovida durante o governo Vargas, em 1933, através da criação do CONFEA-CREA, a situação dos profissionais formados no exterior mudou e muitos tiveram sua titulação menosprezada.

Desta forma, na subseção a seguir, se procurará compreender as balizas que delimitam a formação de um campo da arquitetura no Brasil, tendo como uma delas a regulamentação profissional iniciada em nível federal a partir do Decreto nº 23.569 de 1933; bem como refletir sobre a interferência dessa legislação e de outras resoluções na carreira desses profissionais, incluindo uma discussão sobre as titulações atribuídas a eles, tendo como objeto de análise principal aquelas designações das quais Simão Gramlich foi investido ao longo de décadas.

2.2.1 Sinalização das balizas que delimitaram o campo da arquitetura no Brasil

A criação de uma regulamentação profissional para engenheiros, arquitetos e agrimensores, ocorrida em 1933, através do Decreto Federal nº 23.569, é compreendida como uma baliza, um indício da formação do campo da arquitetura no Brasil. Tanto esse decreto federal quanto outras ações ocorridas entre os anos 1920 e 1930, em instituições de arquitetura e de engenharia, demarcam a criação de campos para essas duas áreas. Sendo que isso já foi bem explorado pela historiografia da arquitetura através dos livros “Arte, Privilégio e Distinção: Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855/1985”, de José Carlos Durand (2009), e “Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo”, de Sylvia Ficher (2005) e nas produções acadêmicas de Silva (2010), Pareto Junior (2011) e Novo (2018), todos eles trabalhando em proximidade com o conceito de campo de Pierre Bourdieu.

Vale alertar que as bibliografias citadas concentram suas pesquisas no eixo Rio-São Paulo, especialmente focadas na capital do segundo estado. Quem procura fugir um pouco

desse segmento é Novo (2018), que faz ligações transnacionais com sua temática, discutindo a criação do campo da arquitetura no Brasil em consonância com outras experiências ocorridas na América, com ênfase para os Congressos Pan-Americanos de Arquitetura. Assim, nenhum dos trabalhos estende suas análises para outras regiões do Brasil, o que é perfeitamente aceitável, já que essa não era a proposta dos autores, porém, se encontra aí uma lacuna historiográfica: não foram encontrados trabalhos que discutissem a formação desse campo a partir de balizas estabelecidas no Sul do Brasil, em consonância com as ações levantadas pelo restante do país.

Dessa forma, como um trabalho neste sentido precisaria de atenção especial e exclusiva, devido à sua complexidade, se fará aqui apenas uma breve reflexão sobre apontamentos gerais da constituição desse campo no Brasil, para uma posterior reflexão acerca do decreto federal de regulamentação profissional para engenheiros, arquitetos e agrimensores de 1933 e, então, sua influência na carreira de alguns profissionais que atuavam no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Quanto à ideia de campo que guia o título desta subseção, deve-se retomar o que foi dito na introdução desta tese: ela está vinculada aos escritos do sociólogo Bourdieu. Entende-se como campo um espaço simbólico restrito aos agentes, tanto indivíduos como instituições, ligados a uma determinada área, que disputam pela legitimação ou detratção das práticas que ocorrem nos limites deste espaço simbólico. O campo, assim, funciona como um microcosmo relativamente autônomo em relação aos outros campos existentes, com regras particulares que o sustentam. Existem indicadores da formação e autonomização dos campos, como o surgimento de revistas especializadas, congressos para circulação dos agentes, o aparecimento de instituições consagradas e premiações, a regulamentação profissional e a liberdade para uma produção independente da encomenda de um cliente, por exemplo.

No caso do campo da Arquitetura no Brasil, é difícil ver essas balizas antes do século XX, não que não houvesse especialistas no país ou alguma discussão sobre a área, mas a presença de especialistas apenas não é um demarcador suficiente para apresentar um campo relativamente autônomo. A Arquitetura circulava entre as artes e a construção civil, não formando um espaço com regras próprias, pois, devido ao sistema político e econômico brasileiro no século XIX, não havia grande demanda para os arquitetos e para a construção civil como um todo. Com o fim da abolição da escravatura e a Proclamação da República, o Brasil entrou no século XX com novas demandas, que se refletiram nas construções realizadas no país.

O livro “Arte, Privilégio e Distinção: Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855/1985”, de Durand (2009), analisa, em parte, a gênese do campo da arquitetura no país. O autor observou que os poucos arquitetos formados pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, eram vistos apenas como fachadistas, cuidando das edificações com fachadas suntuosas e, como a demanda era ínfima, não havia muitos profissionais circulando pelo país. Durante a Primeira República, entretanto, com a transformação da estrutura produtiva e social brasileira, o desejo de modernização alavancou a construção civil. Como essa modalidade mobiliza grandes somas de capital, os filhos das classes superiores passaram a ver vantagens nas carreiras ligadas à engenharia e à arquitetura. Devido ao apoio da família, esses jovens tinham condições de investir em suas carreiras com estadias alongadas no exterior, especialmente na Europa, onde tiveram contato com preceitos da Arquitetura Moderna, por exemplo.

Nas primeiras décadas do século XX, houve um aumento do número de professores na Escola Nacional de Belas Artes destinado à formação de arquitetos. Entre as décadas de 1920 e 1930, eles tiveram grande visibilidade, chegando a ocupar cargos de direção naquela escola, como ocorreu com Lúcio Costa, que apesar de ter conduzido aquela instituição por breve período, produziu reflexões profundas acerca da modernidade que se desejava no Brasil. A partir dessa modificação dos professores e alunos que frequentavam a ENBA, Durand (2009) percebeu que aqueles que se voltavam para a Arquitetura vinham de camadas privilegiadas da sociedade, com o trunfo de uma origem familiar que lhes possibilitava experiências sociais e culturais em consonância com os movimentos de vanguarda, além disso, eram mais “desenvoltos nas sutilezas dos labirintos de poder” (DURAND, 2009, p. 73), tendo condições de influenciar grandes encomendas, como aquelas realizadas pelo governo.

A origem familiar desses arquitetos em formação, que lhes possibilitava proximidade com os conceitos vanguardistas, também lhes dava uma posição confortável para contestar a estética vigente sem precisarem se render, por necessidade de realização de trabalhos, aos preceitos que procuravam combater. Essa mesma situação é vista no caso dos primeiros pintores modernistas: eles possuíam meios materiais para libertar-se das encomendas e demandas que exprimissem a pauta de gosto dos segmentos enriquecidos (DURAND, 2009, p. 87). O aumento da quantidade de profissionais em formação, a posição que eles passaram a ocupar na Escola Nacional de Belas Artes, as demais faculdades que foram surgindo para engenheiros e arquitetos nas primeiras décadas do século XX, bem como a relativa independência que possuíam para contestar a estética vigente, são alguns balizadores do campo que estava se formando.

Existem ainda outros pontos fundamentais para a formação desse microcosmo, como a criação do Instituto Brasileiro de Arquitetos, em 1921, a partir de uma reunião na ENBA, contando com 27 arquitetos e engenheiros que discutiram sobre a proteção da profissão que exerciam, os honorários, os concursos públicos da área e a formação de novos profissionais. Outro exemplo, surgido naquele mesmo ano, é a circulação de uma revista especializada, escrita por e para profissionais da construção civil, a revista “Architectura no Brasil”, onde figuravam nomes como Gastão Bahiana, presidente do Instituto Brasileiro de Arquitetos, Fernando Nereu de Sampaio, vice-presidente daquele instituto e Morales de Los Rios, presidente da Sociedade Central de Architectos, por exemplo, todos professores da ENBA.

Além de todas essas balizas vistas na década de 1920, há, em 1933, o reconhecimento profissional dos arquitetos através da criação de um decreto federal. Esse é um dos pontos altos de demarcação desse campo. Desde meados de 1932, foram promulgadas leis no Brasil para a regulamentação dos profissionais liberais, a fim de obter maior controle da prestação de serviço. Para a área da construção civil, surgiu o sistema CONFEA-CREA, que faz a fiscalização dos profissionais dessa área até hoje⁵⁶. Apesar desse sistema ter trazido grandes avanços para a regulamentação em nível nacional, trouxe consigo uma série de problemas para os profissionais que não possuíam diploma e para os estrangeiros com as mais variadas formações técnicas dentro da construção civil.

2.2.2 A regulamentação profissional e a tentativa de colocar em ostracismo os estrangeiros

O Decreto Federal nº 23.569 de 11 de dezembro de 1933, que regula as profissões de engenheiro, arquiteto e agrimensor, assinado pelo então presidente da República Getúlio Vargas, contém seis capítulos e cinquenta e cinco artigos. Nesse documento se faz a delimitação de quem poderia atuar nas atividades, quais os meios de comprovação de habilitação, as formas de fiscalização do exercício profissional, e as competências para cada modalidade, além de criar o Conselho Federal e Regionais de Engenharia e Arquitetura.

O documento não está isolado no contexto da década de 1930 como regulamentador profissional. No mês seguinte da tomada da presidência do Brasil, Getúlio Vargas criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, estabelecendo, assim, maior controle sobre as relações de trabalho no país, realizando um “processo de institucionalização das ocupações,

⁵⁶ A partir de 2010, com a criação do CAU/BR (Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil), a regulamentação profissional dos arquitetos deixou de ser feita pelo CONFEA-CREA.

através do processo de profissionalização” (NOVO, 2018, p. 17). É possível dar como exemplo desse processo a criação da Ordem dos Advogados do Brasil, em 1930, a regulamentação da profissão dos farmacêuticos, em 1934, dos químicos, em 1934, e também dos engenheiros, arquitetos e agrimensores, em 1933. Pareto Junior (2018, p. 116) vê essas regulamentações como um dispositivo de vigilância e controle caros às sociedades contemporâneas:

É preciso, portanto, inserir o processo de profissionalização destas ocupações no quadro maior do controle e vigilância do indivíduo, em particular, e da coletividade em geral. As atividades mencionadas são os grandes sustentáculos de legitimação do funcionamento das sociedades contemporâneas. O controle sobre a vida e a morte; o controle das formas de produzir e de ocupar os espaços dão o tom da luta feroz pelo monopólio do exercício da medicina, da farmácia, da engenharia e da arquitetura. São exemplos maiores da crença na ciência e na técnica como redentoras da condição humana.

Além disso, esse decreto é consoante com as discussões, que estavam ocorrendo na América nas duas décadas anteriores, acerca da profissão do arquiteto. Através de um movimento de reflexão iniciado pelo Uruguai, em 1916, foi criado o *Comité Permanente de los Congresos Panamericanos de Arquitectos*, sendo que o Primeiro Congresso Pan Americano de Arquitectos ocorreu em 1920, naquele país. Dessa primeira fase de Congressos, ainda ocorreu uma versão no Chile, em 1923, na Argentina, em 1927 e no Brasil (Rio de Janeiro), em 1930. Havia uma necessidade de legitimação dessa profissão e a regulamentação poderia trazer contribuições para isso. Em um das edições do Congresso, abriu-se um sessão temática com o título: “Convém regulamentar o exercício da profissão do arquiteto?” e as conclusões obtidas ali foram: “(...) a regulamentação profissional iria garantir ao arquiteto um lugar privilegiado no planejamento e gestão urbanos. Essa seria a única solução para a garantia de beleza, segurança e higiene dos edifícios e, também da população” (NOVO, 2018, p. 131).

Essa regulamentação brasileira na área da Engenharia e Arquitetura é inédita, em âmbito nacional, sendo que apenas três estados haviam estabelecido alguma regulamentação estadual nesse sentido: São Paulo, em 1924, e Pernambuco e Rio de Janeiro, em 1925 (NOVO, 2018, p. 41). Anteriormente, ainda durante o século XX, para essas áreas especificamente havia apenas a Lei nº 4.793, de 7 de janeiro de 1924, que permitia aos engenheiros arquitetos e engenheiros agrônomos, que tivessem iniciado o curso de engenharia até 1915, no exterior, validarem seu diploma no Brasil, independente das exigências do art. 108 do Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915 (BRASIL, 1924). Esse decreto de 1915, por sua vez, exigia a execução de um trabalho escrito com suas especificidades, apresentação

oral e, quando possível, prova prática para a validação de diploma expedido no exterior, mas isso, para qualquer profissão (BRASIL, 1915).

Quando Novo (2018) analisou o que a historiografia da arquitetura registrava acerca do Decreto nº 23.569, de 1933, ele percebeu que as discussões se concentram em dois aspectos: em uma disputa por mercado entre engenheiros civis e arquitetos e uma luta desses dois grupos contra a atuação dos não diplomados. Sendo que o autor faz uma reflexão acerca da importância de se observar outros aspectos desse documento:

Quando observamos e damos relevo a outros efeitos da regulamentação podemos identificar outro leque de estratégias e relações traçadas entre esses profissionais diplomados, bem como atitudes distintas e que variavam caso a caso em relação aos não diplomados ou não registrados (NOVO, 2018, p. 35).

Assim, como nos estudos levantados em São Paulo especialmente imperam a análise daqueles dois aspectos ligados a uma disputa entre engenheiros e arquitetos e aos não diplomados, para Santa Catarina e Rio Grande do Sul urge a análise de outro “leque de estratégias” (NOVO, 2018, p. 35). Nesses estados do Sul, devido à predominância, em algumas regiões, de profissionais imigrantes, é preciso refletir sobre como esse decreto de regulamentação lidou com aqueles que possuíam os mais variados tipos de diplomas estrangeiros, ou apenas comprovação de experiência.

Ao iniciar esta análise, percebeu-se que a limitação da atuação de profissionais estrangeiros já dava, antes de 1933, indicações de discriminação, especialmente com a instituição do Decreto Federal nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930, que culpava a presença desses indivíduos pelo desemprego no país (BRASIL, 1930). A situação foi intensificada com o Decreto nº 20.291, de 12 de agosto de 1931, que criou mecanismos de discriminação dos estrangeiros no mercado de trabalho no Brasil (BRASIL, 1931). O Decreto de 1931 também ficou conhecido como “lei dos 2/3” (dois terços), pois estabelecia que, qualquer instituição com vínculo empregatício, deveria ter entre seus empregados, no mínimo, dois terços de brasileiros. Além disso, quando uma empresa precisasse demitir alguns de seus funcionários, a dispensa dos estrangeiros deveria ser anterior a dos brasileiros, mas esse é apenas um dos exemplos da discriminação que essa legislação se dispunha em prol de uma ideologia de nacionalização, que via nos estrangeiros uma ameaça para o país.

Apenas lendo o Decreto nº 23.569, de 1933 (da regulamentação profissional), não é possível ver claramente seus aspectos de discriminação dos estrangeiros, é preciso, nesse caso, refletir sobre sua aplicação. A principal demarcação discriminatória que o decreto faz é contra os profissionais não diplomados, independente da nacionalidade. Logo no artigo 1º, quando se estabelece quem pode exercer a profissão de engenheiro, arquiteto e agrimensor, os

quatro itens *a*, *b*, *c* e *d* destinam-se exclusivamente aos diplomados. No artigo 3º, porém, faz-se um adendo aos não diplomados, que poderiam exercer a profissão com uma licença dada pelos estados, a critério do Conselho de Engenharia e Arquitetura, cuja análise inicial passaria pelos Conselhos Regionais. Entretanto, esses não diplomados não poderiam receber a nomenclatura de Engenheiros ou Arquitetos, mas, na carteira profissional que seria emitida, haveria um campo de preenchimento que deixaria evidente quem era diplomado e quem não era.

Grande parte dos profissionais alemães, da área da construção civil que tiveram alguma formação na Alemanha, não era diplomada por um curso de graduação com cinco anos ou mais, mas em cursos técnicos com duração de dois anos e meio. O sistema de educação na área da construção civil desenvolvido no Brasil e na Alemanha era bastante diferente. Segundo a comparação da grade curricular realizada por Weimer (2004b), entre um curso técnico da Alemanha e uma graduação no Brasil, os profissionais estrangeiros não estavam em déficit algum em relação aos brasileiros. Apesar de mais curta, a formação estrangeira cumpria com as exigências necessárias para a formação de profissionais capacitados. Havia, porém, entre os líderes do CONFEA-CREA, certa intencionalidade de proteção dos cursos e profissionais nacionais, impedindo que os diplomas técnicos estrangeiros fossem aceitos.

Para o contexto atual, seria impensável chamar alguém não formado academicamente de engenheiro ou arquiteto, ainda que a pessoa tivesse projetado e até mesmo construído uma casa inteira ou outra edificação. Isso se dá pela valorização que nossa sociedade atribui ao diploma acadêmico, e pelas delimitações da regulamentação profissional consolidadas ao longo de várias décadas. Novo (2018, p. 58) explica essa supremacia do diploma da seguinte maneira:

Nessa perspectiva, o conjunto de leis e discursos mobilizados com o objetivo de configurar o mercado de trabalho e favorecer arquitetos e engenheiros diplomados dotou o próprio diploma de positividade. Por meio dele estruturou-se uma rede heterogênea – composta de mecanismos de registro profissional, discursos políticos e técnicos de legitimação, instituições de classe, dentre outros – que se articulava em prol do controle sobre o campo profissional. [...]

No caso do diploma, seu funcionamento enquanto dispositivo operante do poder o permite produzir novas identidades e sujeitos: o diplomado, detentor do saber especializado e, portanto, autorizado a atuar no campo, e o não diplomado, desautorizado e alvo de sucessivas campanhas de exclusão do campo.

Segundo Pareto Junior (2011, p. 89), a nomenclatura “arquiteto”, em São Paulo, nas últimas décadas do século XIX, era ampla e não dependia de uma formação institucionalizada, cabendo dentro desse termo diversos profissionais, como mestres de obras,

empreiteiros, construtores e engenheiros-arquitetos. Em outro trabalho Pareto Júnior (2018, p. 118) reflete mais uma vez sobre a não distinção entre as atividades ligadas à construção civil e os termos “arquiteto” e “mestre de obras”:

O Arquiteto é o mestre de obras e o mestre de obras é o arquiteto. O espelhamento não é um mero jogo de retórica, seria um argumento importante para os não-diplomados da década de 1920. De fato, a proximidade de longa duração entre as categorias é sintomática e ajuda a entender as dificuldades de definição dos quadros profissionais do início do século XX. Os ofícios e competências ligados à arquitetura e à construção foram por muito tempo indissociáveis e não padronizados, longe de serem enquadrados nos movimentos que reivindicavam o monopólio do exercício profissional, que davam seus primeiros passos desde meados do século XIX no âmbito das nações do capitalismo avançado e partir do final do século XIX no Brasil.

Nesse trecho, o autor trata do contexto de São Paulo, mas que pode também ser aplicado ao Sul do Brasil. Cabe usar aqui o exemplo de Simão Gramlich, que na década de 1920 variava sua auto titulação como engenheiro-arquiteto, arquiteto, construtor e, até mesmo, arquiteto especialista na construção de Igrejas, Colégios e Mosteiros, mas, em sua carteira profissional, nos anos 30, recebeu o título de “Construtor Licenciado”, ou seja, não era digno de receber o título de Arquiteto ou Engenheiro, pois não havia apresentado diploma de acordo com a legislação brasileira, ainda que tivesse conhecimento da prática dessas duas profissões.

Em relação à discriminação sofrida pelos profissionais estrangeiros, no decreto de 1933, cabe ressaltar inicialmente o inciso 2º do artigo 8º, o qual reforça estarem eles sujeitos a todas as determinações do Decreto nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930, aquele que culpabilizava os estrangeiros pelo desemprego no Brasil, e do Decreto nº 20.291, de 12 de agosto de 1931, já apresentado aqui, também chamado de “Lei dos 2/3”, responsável por uma nacionalização do trabalho.

Além disso, existem ainda três outras menções no decreto que influenciam diretamente grande parte dos profissionais estrangeiros, mas que se destinava também a alguns brasileiros, àqueles formados no exterior. A primeira menção está no o tópico *c* do artigo 1º:

c) àqueles que, diplomadas por escolas ou institutos técnicos superiores estrangeiros de engenharia, arquitetura ou agrimensura, após curso regular e válido para o exercício da profissão em todo o país onde se acharem situados, tenham revalidado os seus diplomas, de acôrdo com a legislação federal do ensino superior (BRASIL, 1933).

Esse tópico garante o exercício da profissão àqueles que foram diplomados por uma instituição estrangeira de nível superior e já realizaram a revalidação de seu diploma no

Brasil. O fato de incluir o termo “escolas ou institutos técnicos superiores” é muito importante nesse tópico, pois o diferencia daquele que vem a seguir:

d) àqueles que, diplomados por escolas ou institutos estrangeiros de engenharia, arquitetura ou agrimensura, tenham registrado seus diplomas até 18 de junho de 1915, de acôrdo com o decreto n. 3.001, de 9 de outubro de, 1880, ou os registraram consoante o disposto no art. 22, da lei n. 4.793, de 7 de janeiro de 1924 (BRASIL, 1933, p.).

O tópico *d* do artigo 1º não se refere àqueles que se formaram no ensino superior, mas que receberam um diploma de escola ou instituição de engenharia, arquitetura ou agrimensura e já tenham registrado seus diplomas conforme o Decreto nº 3.001, de 9 de outubro de 1880 (BRASIL, 1880), com validade até 18 de junho de 1915, ou então, conforme o artigo 22 da Lei nº 4.793, de 7 de janeiro de 1924 (BRASIL, 1924). Cabe, para melhor compreensão desse tópico, um quadro que mostre cada uma dessas legislações citadas, incluindo também a de 1915, conforme se vê a seguir:

Quadro 2 – Legislações de 1880, 1915 e 1924 referentes à validação de diploma estrangeiro de Engenheiros e Arquitetos no Brasil

Documento	Data	Artigo	Descrição
Decreto nº 3.001	09 de outubro de 1880	Art. 1º	Art. 1º Os Engenheiros Civis, Geographos, Agrimensores e os Bachareis formados em mathematicas, nacionaes ou estrangeiros, não poderão tomar posse de empregos ou commissões de nomeação do Governo sem apresentar seus titulos ou cartas de habilitação scientifica. § 1º Os títulos passados por escolas estrangeiras ficam sujeitos ás mesmas taxas que os da Escola Polytechnica. § 2º Os Engenheiros actualmente empregados na Côrte e provincias terão, aquelles tres mezes e estes seis para apresentar os seus diplomas.
Decreto nº 11.530	18 de março de 1915	Art. 108	Art. 108. Os que exhibirem diploma conferido por faculdade estrangeira authenticado pelo consul do Brazil e valido para o exercicio da profissão no paiz onde estudaram, exhibirão theses sobre tres das cadeiras dos quatro ultimos annos do curso que lhes couberem por sorte, e sustentarão oralmente o que houverem escripto, prestando tambem um exame pratico sempre que for possivel. Se forem aprovados, terão os direitos conferidos aos seus alumnos pela academia brasileira, a qual lhes revalidará o diploma estrangeiro.
Lei nº 4.793	07 de janeiro de 1924	Art. 22	Art. 22. Os engenheiros, comprehendidos os engenheiros architectos e os engenheiros

			agronomos, formados por escolas estrangeiras, cujos diplomas sejam validos para o exercicio de sua profissao no paiz em que foram conferidos, e que tiverem iniciado os respectivos cursos de engenharia até o anno lectivo de 1915, inclusive, poderão no corrente exercicio, fazer o registro official de seus titulos, independente das disposicoes do art. 108 do decreto n. 11.530, de 18 de março de 1915.
--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Autora.⁵⁷

A análise aprofundada dessas três legislações é bastante complexa, pois exige que se concentre no uso de cada termo: quando se fala em “títulos ou carta de habilitação científica” no decreto de 1880, por exemplo, a quais modalidades de ensino se refere? E ainda, se esse decreto se refere apenas aqueles que trabalhariam para o governo, não havia regulamentação para a validação do diploma dos demais engenheiros que trabalhassem em outros segmentos? Há inúmeras lacunas a serem preenchidas em um estudo sobre essas legislações, porém, não cabe aqui analisá-las individualmente, mas atentar-se ao decreto de 1933.

É interessante perceber que o tópico *d* não se detém ao diploma de ensino superior, mas aceita outras modalidades, desde que tenham sido registradas conforme o decreto de 1880 e a lei de 1924. O fato desse tópico pular o decreto de 1915 é possivelmente porque esse documento fala sobre a validação do diploma de faculdade estrangeira, portanto, de ensino superior, o que já estava contemplado no tópico *c*. Os únicos que parecem ter alguma margem de menor restrição são aqueles que já haviam registrado seus diplomas entre 1880 e 1915, ou entre 1924 e 1933 (para os engenheiros arquitetos e engenheiros agrônomos), pois, tanto no decreto de 1880 quanto na lei de 1924, não há uma modalidade de ensino exigida para a formação do profissional, como no decreto de 1915.

Tanto o tópico *c* quanto o tópico *d* se referem exclusivamente aos profissionais que já haviam validado seus diplomas, conforme a legislação brasileira, entre outubro de 1880 e 10 de dezembro de 1933, sendo eles de ensino superior ou não. A eles estava garantido o exercício profissional como engenheiro, arquiteto ou agrimensor, mas não com essas nomenclaturas em suas carteiras profissionais.

A terceira menção é sobre os profissionais formados no exterior, porém vai tratar daqueles que estavam exercendo profissão no Brasil em 1933 e que ainda precisariam validar seus diplomas no país. No artigo 4º, faz-se um retorno ao tópico *c* do artigo 1º, ou seja, só poderiam ter seus diplomas validados os que tivessem cursado, no exterior, o ensino superior,

⁵⁷ Quadro elaborado pela autora através de pesquisa nas legislações citadas.

não sendo mais consideradas outras modalidades. Resumindo as três menções, poderiam exercer a profissão de engenheiro, arquiteto ou agrimensor os formados em instituição estrangeira que: já validaram no Brasil o diploma de ensino superior, já validaram no Brasil o diploma em outra modalidade, como o ensino técnico, por exemplo; já exercendo a profissão no Brasil em 1933, possuíam diploma de ensino superior estrangeiro e que ainda validariam seus diplomas no prazo de seis meses⁵⁸. Para os não formados em ensino superior, restava apresentar suas provas de atuação no Brasil e aguardar o julgamento do CREA.

Cabe aqui um exemplo para mostrar o limbo no qual se encontraram centenas de profissionais com esse Decreto de 1933: Franz von Knoblauch, alemão, formado na *Tiefbauschule* de Rendsburg, uma escola estadual de construção subterrânea, com certificado reconhecido em todo o território alemão, podendo fazer projetos e construir pontes, barragens, canais, estações de esgoto, entre outros, mas como não havia validado seu diploma antes do decreto de 1933, pois não era engenheiro-arquiteto, nem engenheiro agrônomo (conforme delimitava o Art.22 da Lei nº 4.793 de 1924), foi considerado um não-diplomado, impedido de receber o título de engenheiro ou arquiteto, profissões que ele exercia no Brasil desde sua chegada, em 1924. E assim, sua atuação ficou limitada ao julgamento do CREA da 8ª Região, com sede em Porto Alegre, que lhe concedeu o título dos não diplomados: “Construtor Licenciado”, e a limitação profissional de poder construir apenas prédios de alvenaria de até 3 pavimentos com vão livres de no máximo 4 metros. Realizar “o estudo, projeto, direção, fiscalização e construção das obras de captação e abastecimento de água” (BRASIL, 1933) ou “o estudo, projeto, direção, fiscalização e construção de obras de drenagem e irrigação” (BRASIL, 1933), que era exatamente o que ele sabia fazer por ter estudado e praticado na Alemanha, nem pensar! Essas eram atribuições exclusivas dos Engenheiros Civis diplomados, conforme o art. 28 daquele decreto (BRASIL, 1993).

Assim, pode-se dizer que os decretos federais promulgados no governo de Getúlio Vargas, citados aqui, buscavam colocar em ostracismo os profissionais estrangeiros, não lhes dando um título condizente com sua experiência ou formação no exterior. Tais atitudes não estavam baseadas apenas no desejo de se forjar um campo da arquitetura ou da engenharia no Brasil com destaque para as escolas e profissionais do país, mas faziam parte de uma ideologia maior de discriminação dos imigrantes.

⁵⁸ Esses seis meses são prorrogados para mais 60 dias conforme o Decreto nº 24.310, de 30 de maio de 1934.

2.2.3 A Carteira profissional

Por esse constante desencontro entre as atribuições da carteira profissional daqueles considerados como “Licenciados” e a real formação e aptidão deles, é preciso atentar-se para questionar minuciosamente esse registro oficial. Assim, cabe aqui a análise de alguns campos de preenchimento dessas carteiras profissionais emitidas a partir de 1933, especialmente o título de habilitação, que se encontra na primeira página, e as atribuições desse título, geralmente constando no verso da carteira.

A carteira profissional, a partir do decreto de 1933, se tornou essencial para a atuação na área da construção civil, sem a qual, não era permitido exercer a profissão, podendo ela substituir a apresentação de qualquer diploma. No art. 14 desse decreto, há uma descrição dos campos que deveriam constar no documento para que houvesse semelhança de informações em todas as carteiras expedidas pelos CREA's. Assim, era solicitado, naquela legislação, que na carteira constasse: nome completo, naturalidade e nacionalidade, data de nascimento, denominação da escola em que se formou ou da repartição na qual foi licenciado, data em que foi diplomado ou licenciado, natureza do título de habilitação, revalidação do título (se houvesse), número de registro no CREA, fotografia, impressão digital do polegar e, por fim, a assinatura (BRASIL, 1933).

Quanto à “natureza do título de habilitação”, se referia ao título que o profissional levaria, como engenheiro, arquiteto, agrimensor, construtor ou alguma outra especificação naquela ocasião com margem para que o CREA que estivesse emitindo o documento atribuisse. Isso, porém, causou problemas, pois a classe dos engenheiros e arquitetos viu nessa liberdade margem para a legitimação do título de arquiteto a um não diplomado, por exemplo, como é possível ver na carteira profissional do italiano Silvio Toigo (Figura 1).

Figura 1 – Carteira Profissional de Silvio Toigo emitida pelo CREA da 8ª Região em 1935



Fonte: Costa; Machado; Venzo, 2008.

Na carteira de Silvio, é possível ver que ele não era um profissional com diploma no ensino superior, porque consta a informação da repartição na qual foi licenciado, se ele fosse um diplomado, teria ali o nome da instituição em que ele se formou e a data desse evento. Porém, ainda assim, nessa carteira emitida em 1935, Silvio obtém o título de “Arquiteto-Constructor Licenciado” com uma inscrição ao lado “(art. 3º)” se referindo ao terceiro artigo do decreto de 1933, o qual afirmava que

É garantido o exercício de suas funções, dentro dos limites das respectivas licenças e circunscrições, aos arquitetos, arquitetos-constructores, constructores e agrimensores que, não diplomados, mas licenciados pelos Estados e Distrito Federal, provarem, com as competentes licenças, o exercício das mesmas funções à data da publicação deste decreto, sem notas que os desabonem, a critério do Conselho de Engenharia e Arquitetura (BRASIL, 1933).

Portanto, o próprio decreto dava margem à atribuição do título de arquiteto para alguns não diplomados. Essa situação, porém, foi revertida com a Resolução nº 12, de 24 de maio de 1936, emitida pelo CONFEA, que regulava o uso desses títulos, afinal, se os arquitetos e engenheiros lutavam pelo uso exclusivo de seus títulos aos diplomados, não era coerente para eles que, na carteira profissional dos não diplomados, lhes fossem atribuídas as mesmas nomenclaturas, ainda que as funções exercidas na prática fossem muito semelhantes. A Resolução de 1936, para apresentar uma nova normativa quanto ao uso da titulação argumentava que:

Considerando que as associações de classe, os institutos de ensino técnico e a representação de Arquitetos nos Conselhos de Engenharia e Arquitetura já se têm

repetidamente manifestado sobre o uso irregular e indevido do título de Arquiteto, privativo dos profissionais diplomados e inaplicáveis aos práticos, licenciados e leigos, que não possuem o correspondente tirocínio de estudos escolares (CONFEA, 1936).

Assim, o fato de um não diplomado projetar e executar uma construção, atribuição relativa ao de um arquiteto-construtor, conforme o Decreto Federal de 1933, não lhe dava o direito de receber o título de arquiteto-construtor, pois a simples menção da palavra “Arquiteto” deveria ser exclusiva dos diplomados. Acerca disso, a Resolução de 1936, ainda considerava

que a designação de arquitetos, arquitetos-construtores e construtores, enumerada na lei, era aquela que o Distrito Federal adotava para discriminar as atribuições das três categorias de licenciados que o regulamento municipal autorizava: a) a organizar e assinar plantas e projetos (arquitetos); b) projetar e executar (arquitetos-construtores); c) ou simplesmente executar construções civis (construtores); Considerando que tal classificação era acertada e precisa quanto à hierarquia e ordem das incumbências e misteres, mas dava lugar à injusta e errônea condescendência do título de arquiteto liberalizado, de modo ambíguo e postiço, aos que não possuíam os correlativos requisitos de capacidade legal; (CONFEA, 1936).

Após as várias considerações nesse segmento, o artigo 1º dessa resolução dá novas normativas para as informações que deveriam constar na carteira profissional, sendo as seguintes modificações: “a declaração pura e simples, uniforme e geral: -‘Licenciado’” (CONFEA, 1936), a especificação da atividade desse licenciado e a identificação da circunscrição na qual ele poderia atuar. Esta declaração de apenas “Licenciado”, entretanto, foi modificada por uma Resolução de CONFEA de 1937, em que os antigos arquitetos-construtores poderiam ser denominados construtor de 1º classe, podendo projetar e executar construções civis, conforme as limitações impostas e aqueles outrora designados arquitetos licenciados passariam a ser chamados de projetistas (CONFEA, 1937). Mas essas designações nem sempre eram cumpridas a risca, conquanto que não se atribuísse o título sagrado de um engenheiro ou um arquiteto a um não diplomado, as outras nomenclaturas não eram tão rígidas. Assim, Silvio Toigo, que recebeu em 1935 a titulação de arquiteto-construtor e com a nova resolução de 1937, deveria ser chamado de Construtor de 1º classe, em sua nova carteira profissional emitida em 1945 passou a ser um “Projetista Construtor Licenciado”, conforme figura a seguir.

Figura 2 - Carteira Profissional de Silvio Toigo emitida pelo CREA da 8ª Região, em 1945



Fonte: Costa; Machado; Venzo, 2008.

Quanto à especificação das atividades e atribuições permitidas pela licença do CREA, encontradas abaixo do campo da titulação ou no verso da carteira profissional, é preciso ressaltar que não eram idênticas para todos os projetistas ou construtores licenciados. Esse campo registrava a limitação de atuação de cada profissional, conforme as obras que o indivíduo comprovasse já ter executado até a data do decreto de 1933. Essa normativa já constava no decreto de 1933 e foi retomada no artigo 12 da resolução nº 10, de 30 de setembro de 1936, do CONFEA⁵⁹. Weimer (2004b, p. 194) a explica da seguinte forma:

Ao solicitar o registro, o postulante tinha de anexar prova documental das obras já realizadas e, em caso de despacho favorável, sua licença estava limitada aos parâmetros das obras até então executadas. Isso significava que jamais podiam projetar obras acima de determinado número de pisos, vão acima de certas dimensões ou determinadas tarefas específicas.

Essa limitação pode ter atrapalhado a atuação de vários profissionais, pois a execução de obras futuras deveria estar dentro das proporções realizadas até então. Mas para Simão Gramlich isso pode não ter sido um problema tão grande, já que na década de 1920 ele havia projetado e iniciado a construção da igreja matriz da cidade de Santa Cruz do Sul, um colosso para a época: 80 metros de comprimento e 34 metros de largura total, a nave central atingia 24 metros de altura e as duas torres frontais alcançavam 80 metros (WINK, 2006, p. 60). Se a limitação estava de acordo com as obras que ele apresentasse, então poderia ficar mais tranquilo, pois suas fronteiras de atuação estavam alargadas com essa obra.

⁵⁹ Art. 12 - O exercício da profissão pelos licenciados fica adstrito ao gênero de trabalhos que houverem executado até a data do Decreto n.º 23.569, observando-se, de preferência aos portadores de licenças estaduais anteriores, o disposto nas leis que as instituíram e o critério adotado nas suas aplicações, excetuados, entretanto, os trabalhos que não dispensarem conhecimentos teóricos especiais (CONFEA, 1936).

Em um livro de Registro de Profissionais⁶⁰ que passaram por Itajaí (SC), há uma página de anotação destinada a Simão Gramlich. Lá consta que a repartição na qual se licenciou foi “Mesa de Rendas, 2º semestre de 1933” no Rio Grande do Sul, e seu título de habilitação era “construtor licenciado” podendo projetar e construir prédios de até cinco pavimentos com lajes de no máximo 12 metros de vão livre. A carteira profissional da qual esses dados foram coletados era de 1936, com indicação de registro nº 400L 8º região, e no CREA, seu número era 1428. Já na carteira profissional do alemão, em posse de seu neto Jurival da Veiga, os registros foram atualizados para Santa Catarina em 1959, sendo o número dela 13L da 10º região, com nº 627/59 no CREA (Figura 3). A titulação recebida por Gramlich em sua carteira profissional de 1959 permaneceu a mesma daquela emitida em 1936, porém, não se sabe se a especificação de sua atuação também persistiu, pois essa descrição se encontra no verso do documento que, devido sua atual fragilidade, não pôde ser removido da capa na qual se encontra envolvido.

Figura 3 – Carteira Profissional de Simão Gramlich expedida em 1959 pelo CREA-SC



Fonte: Acervo de Jurival da Veiga.

A larga fronteira na qual se encontrava a atuação de Gramlich dentro das novas regras que impunham uma limitação é percebida quando se investiga as especificações de execução dada a outros profissionais. Para uma comparação e comprovação disso, foi observado o Registro de Profissionais que passaram por Itajaí (SC), conforme mencionado anteriormente, e separando todos aqueles que eram licenciados e observando suas atuações, o que possuía maior liberdade era Simão Gramlich, pois a maioria deles poderia construir

⁶⁰ O livro de Registro de Profissionais encontra-se no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

prédios de até dois andares, enquanto Gramlich, cinco. O profissional que mais se aproxima dele nessa comparação é Francisco Canziani, que poderia construir prédios de até três pavimentos, com estrutura de concreto armado de até 8 metros, mas, além do pavimento e estrutura com número inferior, não lhe competia projetar, apenas construir (vide Quadro 3).

Quadro 3 – Registro de Construtores Licenciados que passaram por Itajaí ⁶¹

Nome do Licenciado	Título de Habilitação	Atribuições	Ano e Local de emissão da Carteira	Nacionalidade
Primo Uller	Construtor Licenciado	Projetar e construir prédios de alvenaria de até 3 pavimentos.	1935 – Porto Alegre	Brasileiro
Eugenio Brunner	Construtor Licenciado	Construir prédios de alvenaria de um pavimento sem estruturas especiais.	1936 – Porto Alegre	Alemão
Francisco Canziani	Construtor Licenciado	Construção de alvenaria até 3 pavimentos com estrutura de concreto armado até 8 metros.	1936 – Porto Alegre	Brasileiro
Simão Gramlich	Construtor Licenciado	Projetar e construir prédios de até 5 pavimentos com lajes até 12 metros de vão livre.	1936 – Porto Alegre	Alemão
Willi Toepfer	Construtor Licenciado	Construir prédios de alvenaria simples até 2 pavimentos, colunas e vigas de concreto armado até cinco metros e cinquenta centímetros de vãos livres.	1941 – Porto Alegre	Alemão
Ary Mascarenhas Passos	Construtor Licenciado	Prédios de Alvenaria simples até 2 pavimentos	1939 – Porto Alegre	Brasileiro
Guilherme Albani	Construtor Licenciado	Projetar e construir prédios de alvenaria simples até 2 pavimentos	1943 – Porto Alegre	Brasileiro
Antonio Bernardo Schauffert	Construtor Título precário	Construir prédios de 1 pavimento com alvenaria simples em Itajaí enquanto o município não tiver profissional habilitado.	Licença Precária. Teve Carteira Cassada.	Brasileiro
Frederico Konradt	Construtor Licenciado	Prédios de alvenaria de dois pavimentos e mansarda habitável, laje	-	Brasileiro

⁶¹ Quadro criado pela autora a partir de informações coletadas do livro de Registro de Profissionais de Itajaí. O livro manuscrito encontra-se no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí.

		de concreto armado até o vão livre de 2 metros, vigas de concreto armado até o vão livre de dois metros e oitenta centímetros, e os projetos respectivos.		
Pedro Gevaerd	Construtor Licenciado	Projetar e construir prédios de alvenaria simples até dois pavimentos.	-	Brasileiro
Carlos Rahn	Construtor Licenciado	Construir prédios de alvenaria simples até dois pavimentos, lajes e vigas até vão máximo de 7,20.	1960 – Porto Alegre	Brasileiro

Fonte: Autora.

Essas limitações, ainda que dependessem dos documentos comprobatórios entregues ao CREA para a execução da Carteira Profissional, não eram imutáveis. O registro de Franz von Knoblauch, por exemplo, sofreu uma alteração bastante grande, que dependeu da influência de algum bom amigo seu dentro do CREA. Como disse Weimer (2004b, p. 195), essas “relações de amizade” conseguiam o deferimento de pedidos e a modificação de titulação.

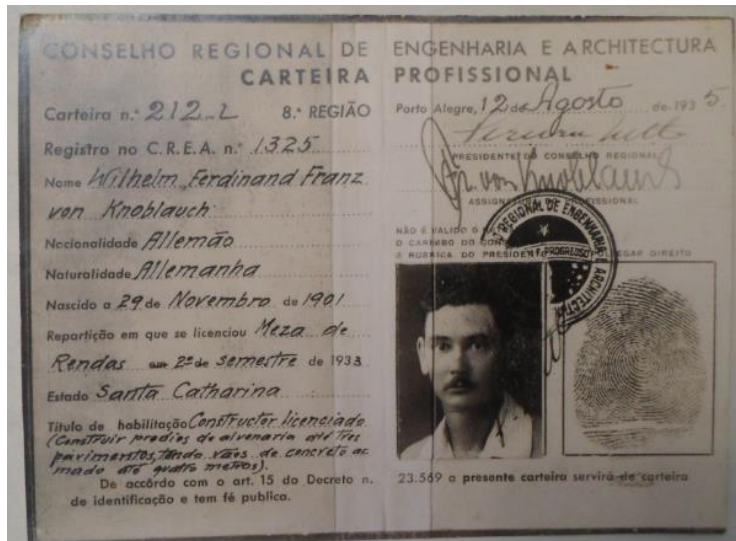
O alemão Franz von Knoblauch nasceu em Hamburgo e formou-se na Escola Estadual de Construção Subterrânea (*Tiefbauschule*) na cidade de Rendsburg, onde trabalhou por quatro anos para o renomado escritório de Jürgen Brandt, no qual aprendeu a projetar pontes de concreto armado, sistemas de barragens, estações de tratamentos de esgoto etc. (BRANDT, 1924, p. 1).

No Brasil, von Knoblauch trabalhou para o engenheiro-arquiteto Ludwig Doetsch, em Curitiba, entre 1925 e 1927, e depois mudou-se para Santa Catarina, abrindo sua própria empresa. No período que atuou no Brasil, seus projetos eram, em sua maioria, residenciais e comerciais, sendo que grande parte deles foi realizado em Blumenau, onde se estabeleceu entre o fim da década de 1920 até 1980, ano de seu falecimento. A propaganda do escritório de Franz da década de 1930 trazia as seguintes palavras “*Bauunternehmung, Eisenbetonarbeiten, Tiefbauten*”, que significam “Empresa construtora, Obras de Cimento Armado, Obras de Engenharia Civil”⁶² (tradução nossa), comprovando, assim, que ele atuava como engenheiro civil e construtor. Já sua carteira profissional, expedida em 1935, dava-lhe

⁶² O último termo “Tiefbauten” que traduzimos como “Obras de Engenharia Civil” se refere à construção de pontes, canais, estradas, entre outros.

apenas o título de Construtor Licenciado, podendo construir prédios de alvenaria de até 3 pavimentos com vão livres de no máximo 4 metros (Figura 4).

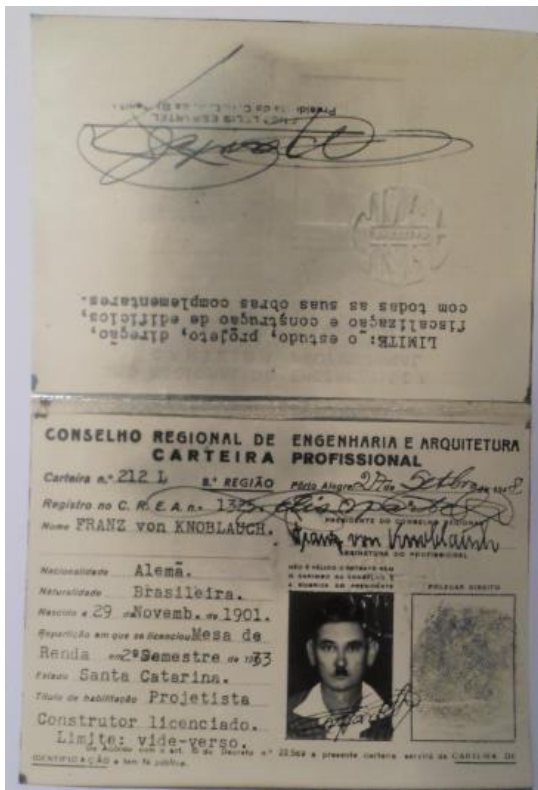
Figura 4 – Carteira Profissional de Franz von Knoblauch, expedida em 1935



Fonte: Acervo de Annegret Karin von knoblauch.

Entretanto, outra carteira expedida para ele em 1948 trazia uma nova titulação: “Projetista e Construtor Licenciado”, sem especificação das medidas limítrofes para projetar e construir, apenas com a instrução no verso: “Limite: o estudo, projeto, direção, fiscalização e construção de edifícios com todas as suas obras complementares” (Figura 5). Essa não era uma conversão de construtor para engenheiro civil, mas o fato de possuir o título de projetista e construtor, sem limites especificados na carteira profissional, lhe dava o direito necessário para atuar em obras de maior porte.

Figura 5 - Carteira Profissional de Franz von Knoblauch, expedida em 1948



Fonte: Acervo de Annegret Karin von knoblauch.

Essa sutil modificação no papel, mas grande para a atuação profissional, não foi conseguida sem a influência de algum bom amigo. No meio dos antigos documentos de Franz von Knoblauch, guardados por sua filha Annegret Karin von Knoblauch, há uma carta, cujo remetente e destinatário foram riscados, falando do título a ser concedido ao profissional:

É com satisfação que lhe informo ter sido submetido a novo julgamento o processo do Sr. Franz von Knoblauch, tendo o Conselho votado pela concessão do título de “projetista construtor” (...). Isto, trocando em miúdos, quer dizer: “projetar, construir, calcular concreto armado, sem limites de vão, nem de pavimentos”.⁶³

Apesar de esta carta estar assinada e ter sido remetida em papel timbrado do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura da 8ª Região (sede em Porto Alegre), não é possível dizer o nome daquele que prestou o favor de mudança da titulação, nem daquele que intercedeu por von Knoblauch, mas essa situação mostra, mais uma vez, o quanto essas inscrições na carteira profissional como o título de habilitação e a atribuição de cada profissional deve ser analisado caso a caso, não se podendo fazer uma generalização para compreensão da atuação de todos os profissionais licenciados.

⁶³ Faltam informações para a realização de uma referência conforme as regras da ABNT. O documento encontra-se com a filha de Franz von Knoblauch, Annegret Karin von Knoblauch, em Blumenau. As informações de remetente e destinatário foram riscadas. Não há data. A carta foi redigida em papel timbrado do CREA.

2.2.4 Afinal, o que Simão Gramlich era ou o que ele dizia que era?

Afinal, o que Simão Gramlich era? São tantas as atribuições que acompanham seu nome ao longo de décadas: mestre de obras⁶⁴, arquiteto, engenheiro-arquiteto, construtor licenciado, pedreiro e projetista. Considerou-se que não seja importante atribuir uma titulação única para esse profissional como uma definição verdadeira, mas é essencial compreender como, ao longo do tempo, elas foram utilizadas, até mesmo por ele próprio, como significantes de sua performance. Cabe aqui, inicialmente, expor os resultados de uma pesquisa realizada na Alemanha sobre a vida e obra dele naquele país para compreensão de sua experiência na área da construção civil e, posteriormente, discutir algumas titulações relacionadas ao seu nome no Brasil.

Gramlich nasceu em 1887, em um vilarejo chamado Herbolzheim, há mais ou menos 75km de Stuttgart. Vale ressaltar que essa localidade não é a atual cidade de Herbolzheim, próxima à fronteira da França, mas sim parte da cidade de Neudenau, desde 1975, data de sua anexação. Foi nesse local que, em junho de 2019, a autora pôde visitar alguns dos familiares de Simão Gramlich e conhecer mais sobre a história dele naquele país, já que os seus descendentes no Brasil, inclusive sua filha, Margarete, sabiam pouquíssimas informações sobre aquelas três primeiras décadas da vida dele.

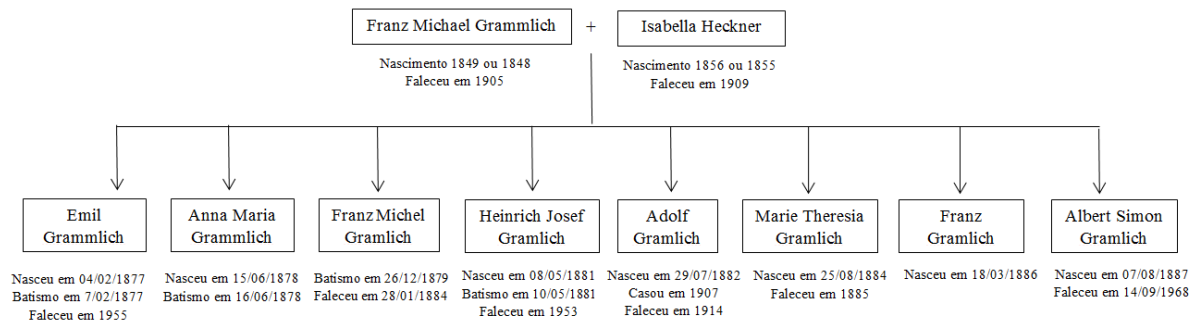
Gramlich nasceu em uma família onde já havia cinco filhos, quatro meninos e uma menina, sendo ele o caçula (Figura 6). Seus pais, Franz e Isabella, possuíam terras no vilarejo, eram lavradores, e o pai também era ajudante de pedreiro (*Maurergehilfe*)⁶⁵. Ao crescerem, todos os filhos homens seguiram para o trabalho na construção civil, exceto Heirinch Josef, que se tornou padre. Sobre o filho mais velho, Emil, sabe-se que possuía uma firma construtora em Jagstfeld, vilarejo pertencente à Bad Friedrichshall, mas não foi possível precisar o período de seu empreendimento, pois o único documento disponibilizado a esse respeito datava de 1939⁶⁶. É provável, porém, que já exercesse atividade ligada à construção civil desde sua mocidade, tendo aprendido o ofício com seu pai.

⁶⁴ O termo ‘mestre de obras’ é a tradução que demos neste parágrafo para a palavra alemã *Maurerpolier*, mas esse termo será discutido mais adiante e não mais se utilizará essa tradução.

⁶⁵ Na certidão de Batismo de Simão Gramlich, seus pais aparecem como lavradores. Franz Michael Gramlich, pai dele, é reconhecido como ajudante de pedreiro (tradução que demos para o termo alemão *Maurergehilfe*) no livro de matrícula da *Baugewerkschule*, de Stuttgart, em 1905, quando se fez a inscrição do irmão de Simão, Franz, naquela escola. Essa Certidão de Batismo consta no acervo da Arquidiocese de Freiburg. A lista de matrícula da *Baugewerkschule* de Stuttgart se encontra no *Landesarchiv Baden-Württemberg*.

⁶⁶ Cópia de documento cedida por Helga Weckesser em junho de 2019.

Figura 6 – Árvore genealógica de Simão Gramlich (Albert Simon Gramlich), constando seus pais e irmãos⁶⁷



Fonte: Autora.

Adolf Gramlich, irmão de Simão, nascido em 1882, era pedreiro em Herbolzheim. Seu falecimento precoce causou consternação na família, isso aconteceu em 1914, devido a um ferimento sofrido em decorrência de sua participação na Primeira Guerra Mundial. Deixou esposa e três filhas: Angela, Hildegard e Isabella⁶⁸. A terceira, apelidada de Ella, em 1931⁶⁹, migrou para o Brasil, sendo recebida em Porto Alegre por seu tio Simão Gramlich, porém, não teve uma boa adaptação e retornou para a Alemanha. Uma das filhas de Angela, Helga Weckesser, foi quem gentilmente abriu sua casa para receber a autora e contar mais sobre a história de seus antepassados.

Franz Gramlich, nascido um ano antes de Simão, é o único aparentemente que cursou uma escola especializada em construção, era engenheiro civil formado pela *Baugewerkschule*, de Stuttgart. Sua entrada nessa escola se deu entre o inverno de 1905 e 1906 e os registros de sua presença por lá aparecem até o inverno de 1907 e 1908⁷⁰. No entanto, essa não era uma instituição de ensino superior com graduação, era uma escola com o objetivo de capacitar trabalhadores da área da construção civil durante o inverno, período no qual não havia condição de se realizarem construções. A instituição passou por diversas modificações ao longo dos anos e hoje é a *Hochschule für Technik Stuttgart* (Universidade de Ciências Aplicadas de Tecnologia de Stuttgart).

Nenhum documento indica que Simão Gramlich esteve nessa escola com seu irmão. Seu nome não consta na listagem de matrícula de nenhuma instituição desse segmento próximas a Neudenau ou Stuttgart, como por exemplo, da *Baugewerkschule* de Karlsruhe e da Universidade de Stuttgart, voltadas à engenharia. É bastante provável que, de fato, ele não

⁶⁷ Árvore genealógica construída com base em informações obtidas através de Helga Weckesser e do site www.familysearch.org.

⁶⁸ Informações cedidas por Helga Weckesser em junho de 2019.

⁶⁹ Há registro de sua vinda na lista de passageiros saídos de Bremen em 1931 (DIE MAUS, 1926).

⁷⁰ A lista de matrícula da *Baugewerkschule* de Stuttgart se encontra no *Landesarchiv Baden-Württemberg*.

tenha obtido nenhum estudo institucionalizado, mas aprendido a calcular, desenhar, enfim, projetar e construir com seu pai e irmãos. Em seu registro de casamento, de 1912, a ele é atribuída à profissão *Maurerpolier*, atividade próxima ao que se poderia considerar no Brasil como um mestre de obras. Essa mesma profissão pode ser encontrada sob a designação simplificada de *Polier*, ocupação deferida a Gramlich em uma lista de passageiros vindos de Hamburg, disponível em um site alemão de acesso restrito para pesquisas genealógicas ⁷¹.

A palavra *Maurerpolier*, que também pode ser encontrada apenas como *polier*, designa o profissional da construção civil que ocupa um cargo de comando no campo de obra liderando os trabalhadores ali envolvidos. Esse profissional deve saber ler os planos de obra e executá-lo dentro das datas previstas, primando para que tudo seja realizado da melhor forma possível. O dicionário online Duden explica o significado dessa palavra da seguinte maneira: “Pedreiro que é responsável pela execução adequada da obra” (DUDEN, 2019, tradução nossa)⁷².

Em 1939, foi lançado, em Berlim, o livro “*Der praktische Maurer-Polier: Baukunde, Baubetriebslehre und handwerkliche Bau-Ausführung in Theorie und Praxis*”, de F. Heese⁷³. O título traduzido como “O prático *Maurer-Polier*⁷⁴: engenharia civil⁷⁵, gerenciamento de obras e artesanato na teoria e na prática” (tradução nossa) dá algumas indicações acerca dessa profissão: o *Maurerpolier* deveria conhecer sobre a engenharia da construção e os estilos arquitetônicos, gerenciar a obra e conduzir os demais profissionais, além de conhecer o desenvolvimento artesanal exigido em algumas etapas.

Como não foi possível obter um exemplar dessa obra que é vendida por antiquários na Alemanha, ao menos algumas imagens puderam ser coletadas na internet para melhor compreensão do conteúdo abordado. Em uma delas, é possível ver o subtítulo “*Kosten und Rechtsfragen des Baubetriebes*” que foi traduzido como “Custos e questões legais da empresa de construção” (tradução nossa), e ainda outros, acerca da gestão econômica do canteiro de obras, a construção de peças artesanais, escavações, concreto armado, andaimes e tipos de

⁷¹ O site comentado é: www.ancestry.de, acessado pela professora Méri Frotscher que possui conta para ingresso e assim disponibilizou tal informação à autora.

⁷² Texto original: Maurer, dem vom Bauunternehmer die Verantwortung für die sachgemäße Durchführung der Arbeiten übertragen wird.

⁷³ Disponível em: <https://www.booklooker.de/B%C3%BCcher/Angebote/titel=Der+praktische+Maurer-Polier>. Acesso em: 04 nov. 2019.

⁷⁴ Nesse caso, não se traduziu *Maurerpolier*, pois o único termo que parece estar mais próximo dele em português é ‘mestre de obras’ que, ainda assim, não daria conta do conceito do termo em alemão que se pretende explicar.

⁷⁵ A palavra *Baukunde* não significa exatamente Engenharia Civil, ela está relacionada aos processos da engenharia para construções e ao emprego dos estilos arquitetônicos.

telhados⁷⁶, mostrando que o *Maurerpolier* deveria ter noção geral de cada procedimento envolvido com a obra que comandaria, desde os procedimentos legais e administrativos, incluindo as compras, até a construção em si, do fundamento ao último acabamento.

Sabe-se que Gramlich tinha conhecimento para produzir artesanalmente os ornamentos góticos necessários para as obras, o que afirmava diminuir os custos da construção e acabava sendo um chamariz para os clientes, afinal, não teria necessidade de procurar outros profissionais que realizassem essas minúcias. Sobre essa produção, o arquiteto explicou ao Padre Alfredo Bley:

Na execução dos ornamentos o trabalho principal recai sobre mim, pois trabalho com um método especial e com matrizes, embora eu também possa empregar algum pedreiro. Como eu mesmo me ocupo dos trabalhos mais delicados, treino auxiliares para certos trabalhos e me encontro sempre no canteiro de obras, nenhum arquiteto tem condições de lhes construir uma igreja com o mesmo esplendor pelo mesmo valor. (GRAMLICH, 1925b, p. 1, tradução de Fabrício Coelho).⁷⁷

Como foi relatado há pouco, o *Maurerpolier* deveria conhecer a produção artesanal para o canteiro de obra para conduzir todas as etapas de uma construção. Assim, acredita-se que essa habilidade de Gramlich, relatada aqui no Brasil, em relação à produção de ornamentos por ele mesmo ou treinando outros pedreiros, é resultado do conhecimento adquirido já em sua terra natal através dessa atividade.

Atualmente, para exercer essa função na Alemanha, é preciso realizar uma formação profissional de pelo menos 600 horas, porém, infelizmente, mesmo executando diversas buscas em sites alemães e questionando arquivistas e arquitetos daquele país, não foi possível obter resultados que possibilitassem a construção de uma explicação acerca dessa profissão na Alemanha no começo do século XX, ou ao menos saber se naquela época havia alguma instituição de ensino que formava esses profissionais.

No Brasil, Simão Gramlich se dizia especialista na construção de colégios, igrejas e mosteiros (GRAMLICH, 1925a), mas não foi encontrado nenhum registro de obras suas na Alemanha nesses segmentos, a não ser uma única edificação em Wiesental, um salão paroquial, cuja autoria foi atribuída por seus familiares, sem nenhum outro registro comprobatório encontrado até o momento⁷⁸ (Figura 7).

Ao visitar o Arquivo da Arquidiocese de Freiburg, foi possível conversar com a arquivista dessa instituição, que também estava intrigada e questionando-se: “Como pode ter

⁷⁶ Imagens disponíveis em: <https://www.amazon.de/praktische-Maurer-Polier-Professor-Heese/dp/B003B3TLT4>. Acesso em: 04 nov. 2019 e <https://www.ebay.de/itm/Heese-Der-praktische-Maurer-Polier-Union-Verlagsgesellschaft-1939-/272880427191>. Acesso em: 04 nov. 2019.

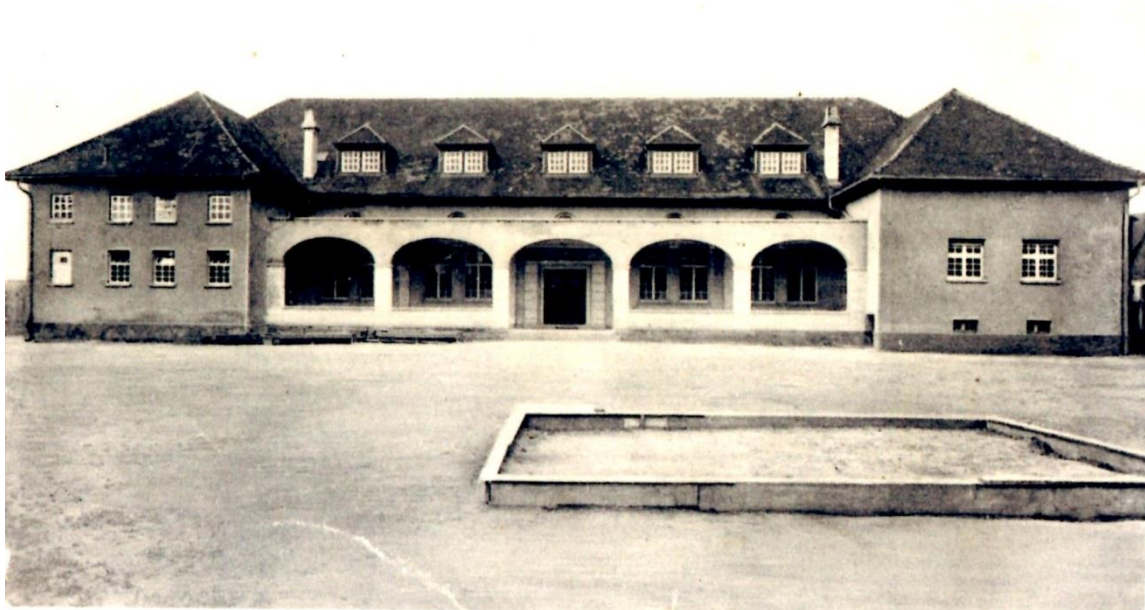
⁷⁷ Texto original encontra-se no Apêndice A.

⁷⁸ Atribuição dada por Helga Weckesser.

feito apenas isso na Alemanha (apontando para a imagem do salão paroquial) tendo feito isso no Brasil logo que chegou lá (apontando para uma imagem da catedral de Santa Cruz do Sul)?”. Esta resposta só poderia ser obtida com uma pesquisa mais aprofundada e de maior tempo na Alemanha, mas a pesquisa no Arquivo da Arquidiocese de Freiburg, apesar de não ter mostrado o nome de Simão nenhuma vez sequer, trouxe ao menos pistas que poderão ser seguidas no futuro.

Havia entre os irmãos de Simão um padre, Heinrich Josef, e sobre ele, aquele arquivo está repleto de documentos, a maior parte deles são manuscritos de difícil compreensão. Ainda assim, algumas informações puderam ser levantadas em uma pesquisa relâmpago realizada em menos de 5 horas. Talvez, a atuação de Heinrich como religioso da igreja católica tenha facilitado a incorporação de seus irmãos nas construções sob sua influência, mas essa é apenas uma suposição, não há comprovação alguma dessa afirmação. O que nos leva a pensar dessa forma é a conexão de duas informações, a primeira sendo: Simão Gramlich projetou um salão paroquial em Wiesental (segundo seus familiares da Alemanha, não se sabe a data); e a segunda, seu irmão foi pároco em Wiesental entre meados de 1919 e 1939 e lá foi o responsável pela construção de um grande salão paroquial⁷⁹. Nesse caso, é possível que Heinrich tenha chamado seu irmão Simão para projetar e construir aquele salão. E esse é o único registro de uma possível atuação profissional de Simão Gramlich na Alemanha encontrado até o momento.

Figura 7 – Possível salão paroquial projetado e construído por Simão Gramlich, em Wiesental, Alemanha



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

⁷⁹ Informação obtida através de um necrológio sobre Heinrich Josef Gramlich cedido por Helga Weckesser. A cópia desse documento se encontra no Apêndice C.

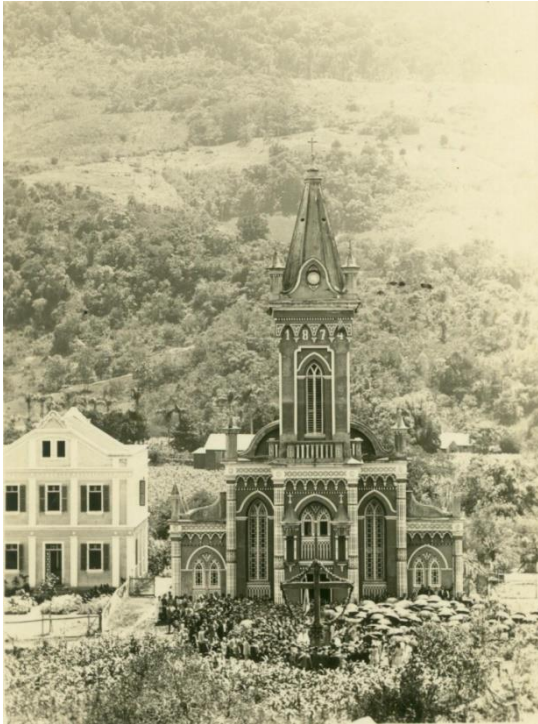
Sobre os rastros deixados por Gramlich ao longo de suas mudanças na Alemanha, sabe-se que após seu nascimento permaneceu em Herbolzheim até 1912, naquele ano, casou-se com Gertrud Franziska May e passou a morar em Jagstfeld (Bad Friedrichshall), em abril de 1918, mudou-se para Rommelshausen, uma cidade que era predominantemente evangélica luterana e, em dezembro de 1921, embarcou para o Brasil⁸⁰. Na lista de passageiros que consta no Arquivo Nacional, sua profissão constava pedreiro.

Quando Simão Gramlich chegou ao Brasil, seu primeiro projeto arquitetônico produzido, que se tem conhecimento, foi para uma escola na comunidade de Piedade, pertencente ao município de São Vendelino, sob a jurisdição da Paróquia de Bom Princípio, a pedido do padre Alfredo Blömecke, no ano de 1923, ou seja, um ano depois que chegou ao país (CONSTRUÇÃO, 1923, p. 15). Não se sabe se essa escola foi construída.

Parece que Gramlich encontrou graça diante dos olhos do padre Blömecke, pois, dias após o registro do projeto para a escola em Piedade, o padre lhe indicou como mestre de obras na ampliação da igreja em São Vendelino, dentro de uma semana, ele se apresentou naquela cidade para os trabalhos, isso ocorreu em 16 de outubro de 1923 (SÃO VENDELINO, 1923, p. 16). Durante meses, os padres acompanharam as obras, até que chegou o dia da inauguração: 25 de abril de 1926.

⁸⁰ As informações acerca da fixação de Simão Gramlich em Jagstfeld e Rommelshausen foram obtidas através de consulta, por e-mail, ao Arquivo da cidade de Bad Friedrichshall.

Figura 8 – Primeira igreja projetada por Simão Gramlich no Brasil⁸¹



Fonte: Acervo de Romeu Minossi.

Tanto essa igreja, como outros possíveis trabalhos que desenvolveu em São Vendelino, lhe renderam três artigos que foram publicados no jornal *Volkesblatt* (publicado no Rio Grande do Sul em língua alemã), possivelmente entre os anos de 1923 e 1925 e que talvez tenham contribuído para o aumento de sua fama. No início do século XX, esse era o jornal em alemão mais lido em Porto Alegre (GRAMLICH, 1925a). Infelizmente, mesmo consultando os exemplares desse jornal que constam na Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, os textos não foram encontrados, apenas menções posteriores sobre outras obras.

E, a partir desse começo no Rio Grande do Sul foi assim, uma obra fazia propaganda para a contratação da próxima. Depois de ver o trabalho de Gramlich iniciado em São Vendelino, os irmãos maristas de Porto Alegre o contrataram para fazer o projeto do colégio Marista Rosário daquela capital. A planta foi enviada para a Itália para aprovação da Ordem e recebeu aval de construção, sendo iniciada no segundo semestre de 1925 (GRAMLICH, 1925c).

⁸¹ Era localizada em São Vendelino (RS) e foi demolida na década de 1980. Acervo de Romeu Minossi. Imagem coletada de documento sobre a Igreja Católica em São Vendelino, enviada por e-mail pela gestora cultural e historiadora Cristina Schneider.

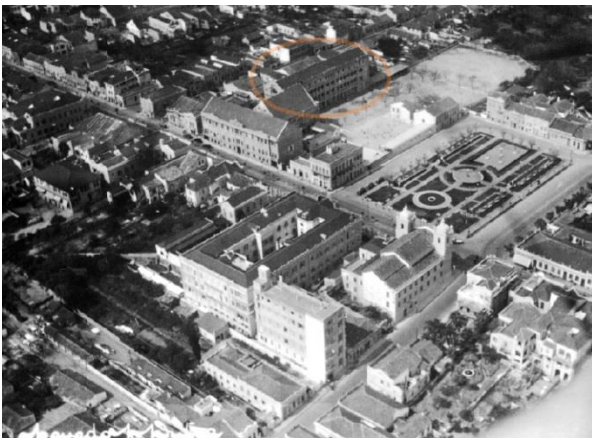
Figura 9 - Colégio Marista Rosário, Porto Alegre – vista frontal e lateral externa⁸²



A imagem do Antigo Rosário, imponente obra do arquiteto Simão Gramlich, serviu à população da Capital e do interior, desde 1928, ano de sua inauguração. Milhares de Rosarienses, hoje espalhados por todo o Brasil, aqui se instruíram e fizeram seu caráter, constituindo o maior título de glória dos velhos mestres, e da casa que os acolheu durante tantos anos.

Fonte: COLÉGIO, 1932.

Figura 10 - Colégio Marista Rosário (Porto Alegre), prédio construído por Simão Gramlich⁸³



Fonte: Adaptado de Ascom/PUCRS.

Com essas três obras em seu portfólio, especialmente as duas últimas, arquiteturas de destaque nas cidades e com certa imponentia, Gramlich conseguiu conquistar mais espaços de produção, pois agora tinha como comprovar sua competência para essas empreitadas. E, assim, quando em 1925 ele soube do desejo que havia nos fiéis católicos de Santa Cruz do Sul em construir uma nova igreja matriz, prontamente enviou uma carta ao Vigário daquela cidade, Padre Alfredo Bley, se dispondo a realizar o projeto daquele templo. Gramlich se apresentou dizendo o seguinte:

⁸² A legenda que acompanha esta imagem em “Ecos Rosarienses” diz que a inauguração desse edifício ocorreu em 1928, mas a informação é incorreta.

⁸³ Esta imagem possui restrições de uso por direitos autorais. Para mais informações, entrar em contato com a assessoria de comunicação e marketing da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Como sou arquiteto e construtor, especialista em construção de igrejas, colégios e mosteiros, e assumo somente esse tipo de obras mediante contrato permanente, gostaria de lhes oferecer meus serviços. Assim, o Município fica em condições de construir a Igreja sem construtora, de ele próprio comprar os materiais e de receber também os altos ganhos da construtora. A comunidade também pode, caso as circunstâncias locais permitam, utilizar mão-de-obra da própria comunidade.

Como eu utilizo um procedimento especial na realização de ornamentos góticos, tenho condições de produzir uma igreja gótica em seu perfeito esplendor sem grandes custos.

A Igreja em São Vendelino, no município de Montenegro, foi construída por mim, e o Reverendo já deve ter conhecido minha atividade lá através de 3 artigos do jornal alemão *Volkesblatt*.

Por hora, me encontro em Porto Alegre e conduzo aqui a construção do Colégio dos Reverendíssimos Irmãos Maristas, na Rua Independência, 59.

Estarei livre aqui, provavelmente, até o fim de março e me coloco à sua disposição. (GRAMLICH, 1925a, p. 1, tradução de Fabrício Coelho)⁸⁴

Tanto nessa correspondência, como em outras, ele afirma sua posição de arquiteto e construtor, aparecendo, em quase todas elas, acompanhando sua assinatura, o termo “arquiteto”. Poderia então se dizer que, nesse caso, Gramlich estava mentindo para seus possíveis clientes ao se afirmar como arquiteto durante a década de 1920, sendo que na Alemanha ele era *Maurerpolier*? De forma alguma, como já foi visto anteriormente, no subtítulo que trata da regulamentação profissional no Brasil, antes do decreto de 1933, não havia uma exigência rígida quanto às especificações de atividades e nomenclatura para os profissionais da construção civil, assim, quem realizava projetos arquitetônicos, mesmo que não possuísse diploma, era considerado arquiteto, pois exercia essa função. Portanto, Gramlich não mentia na década de 1920 ao dizer que era arquiteto ou arquiteto e construtor, para os padrões de designação da época, de fato, ele o era.

Nesse período, os documentos comprobatórios de formação acadêmica eram menos importantes do que a comprovação de experiência na área, por esse motivo, valeu muito mais a ele a chance que o Padre Blömecke lhe deu de começar com uma obra menor em Piedade, do que um diploma. Isso é possível ver também na concorrência que ele enfrentou para projetar e construir a Igreja Matriz de Santa Cruz do Sul, mesmo disputando com outros profissionais diplomados, e até mesmo tendo realizado um projeto fora dos padrões do edital, pelo desejo da comunidade que ficou admirada com seu projeto, Gramlich foi o escolhido para construir aquele templo (WINK, 2006, p. 58).

Outra situação reforça essa afirmação em relação à força da experiência versus o diploma: após Gramlich se apresentar ao padre Alfredo Bley de Santa Cruz do Sul, a resposta que recebeu foi um pedido de confirmação de sua capacidade para aquele trabalho, ao que o profissional argumentou:

⁸⁴ Texto original pode ser encontrado no Apêndice A.

Considero muito natural que a comissão de construção seja cautelosa na escolha de um Arquiteto. As provas de que eu posso ser não só um construtor competente, mas também um arquiteto competente, eu lhes apresentarei em breve. A Igreja em São Vendelino oferece um testemunho convincente do meu trabalho, muito mais do que documentos comprobatórios, de que eu tenho experiência em construção de Igrejas. Essa Igreja é provavelmente uma das mais bonitas no país, tem 32m de comprimento, com suas duas naves laterais, 18m de largura e uma torre maravilhosa de 30m de altura e custou, sem a mão-de-obra da própria comunidade, 75 contos, não incluindo a parte frontal, embora precisaram ser pagas três horas e meia de transporte para os tijolos. Os Reverendos veem assim que aqui não se desperdiçou dinheiro. Ainda antes de ter terminado essa Igreja, fui chamado pelos Honoráveis Irmãos Maristas, que meu trabalho lá viram, para assumir a elaboração dos projetos e a condução da construção de seu colégio, embora haja aqui bastantes arquitetos. A construção tem comprimento de 63m e 4 andares. Ela está avançando bem e os Irmão até agora não se mostraram de forma alguma descontentes, muito pelo contrário. Meus projetos, que foram enviados à Itália para aprovação, foram considerado também lá bons.

[...] Anexo segue uma confirmação dos Honoráveis irmãos Maristas. (GRAMLICH, 1925c, p. 1, tradução de Fabrício Coelho)⁸⁵

Com essa resposta, pode-se perceber todo o empenho de Gramlich em mostrar que ele era capaz de realizar um bom projeto para Santa Cruz do Sul apenas focando nas duas últimas obras que estava desenvolvendo: a igreja de São Vendelino e o Colégio Marista. Em momento algum ele apresentou ou citou obras na Alemanha ou qualquer formação. Se Gramlich tivesse participado de alguma escola de construção civil ou tivesse realizado alguma grande obra em seu país, esse seria o momento apropriado de expô-las também, afinal, o que estava em jogo era uma obra de grande porte que poderia consagrar o nome dele no Rio Grande Sul.

Depois de aceito para a construção da matriz de Santa Cruz do Sul, caberia convencer a comunidade de fieis daquela cidade, que era quem pagaria por aquela obra, da capacidade de Gramlich para a execução e também da importância de se ter aquele monumento religioso. Assim, o jornal *Kolonie*, publicado naquele município, iniciou uma campanha que muito favorecia a imagem de Gramlich profissionalmente. Destaca-se aqui um artigo desse periódico publicado em 1929, com o título “Igrejas – Monumentos Culturais da Humanidade”⁸⁶ (tradução nossa), no qual, dois aspectos são relevantes para o estudo que aqui se desenvolve (KIRCHENBAUTEN, 1929, p. 1).

O primeiro aspecto é a importância de se construir não apenas uma igreja, mas uma edificação que fosse um monumento cultural de marca dos descendentes de alemães no Brasil, mostrando toda a sua operosidade, piedade, empenho e prosperidade. O termo ‘monumento cultural’ aparece sete vezes nesse artigo para tratar tanto dos grandes templos da humanidade, como as pirâmides dos egípcios ou a Catedral de Colônia, quanto à construção que estava

⁸⁵ Texto original pode ser encontrado no Apêndice A.

⁸⁶ Título original: *Kirchenbauten – Kulturdenkmäler der Menschheit*.

iniciando-se naquela cidade. Assim, buscava-se justificar a construção daquela imensa igreja, que se poderia considerar desproporcional em relação ao tamanho da cidade e a quantidade de fieis. Então, segue-se para o segundo aspecto do artigo, que era a legitimação da figura de Simão Gramlich como um profissional capaz de fazer uma obra tão vultosa nunca vista antes naquele estado:

Nos últimos tempos, essa busca por criar monumentos culturais dignos para a posteridade ganhou um novo impulso. As antigas colônias tornaram-se ricas, os meios existem para deixar a arte e o gosto prevalecerem na construção de novas igrejas, e a única coisa que faltava era o mestre que mostrasse o caminho para novas ações. E ele veio. Havia um nome que logo estava nos lábios de todos, porque os projetos e planos de construção elaborados com esse nome deixaram tudo para trás, o que até então era considerado possível e praticável. O espectador ficou surpreso com a grandeza e a beleza desses planos e desenhos, mas ao mesmo tempo, despertaram nele toda a sua energia, todo o seu entusiasmo e toda a sua vontade de sacrificar. Simon Gramlich é o nome do mestre que criou os planos, e são os germano-brasileiros do Rio Grande do Sul que fazem o sacrifício para realizar esses sublimes planos. O maior e mais belo monumento da arte do Mestre Gramlich é a igreja de Santa Cruz. (KIRCHENBAUTEN, 1929, p. 1, tradução nossa)⁸⁷

O texto desse jornal dava grande crédito para Simão Gramlich, ainda que o estado tivesse outros profissionais e outros projetos já tinham sido pensados para aquela igreja, o trabalho desenvolvido por ele deixava todos os outros para trás, ele era o único capaz de criar tão suntuoso e belo monumento. Outros elogios que engradecem Gramlich são tecidos ao logo do artigo, sempre mostrando a singularidade do trabalho desse profissional.

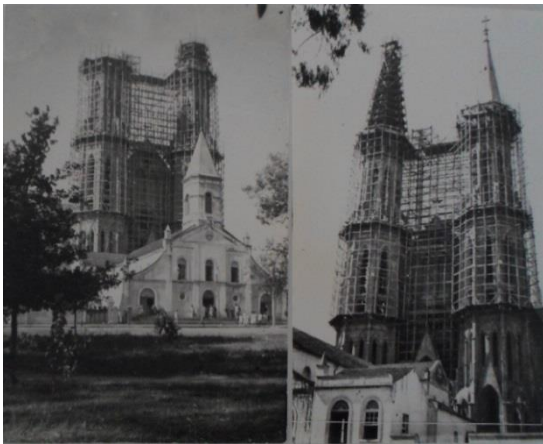
⁸⁷ Texto Original: In der letzten Zeit hat dieses Streben, sich würdige kulturdenkmäler für die Nachwelt zu schaffen, einen neuen Impuls bekommen. Die alten Kolonien sind vermögend geworden, die Mittel sind da, um auch beim Bau neuer Kirchen Kunst und Geschmack walten zu lassen und es fehlte nur an dem Meister, der den Weg zu neuen Taten wies. Und er kam. Es tauchte ein Name auf, der bald in aller Munde war, denn die mit diesem Namen gezeichneten Projekte und Baupläne, ließen alles weit hinter sich, was man bis dahin für möglich und durchführbar gehalten hatte. Vor der Größe und Schönheit dieser Pläne und Zeichnungen staunte der Beschauer, aber – sie weckten zugleich in ihm seine ganze Tatkraft, seine ganze Begeisterung und seinen ganzen Opfermut. Simon Gramlich heißt der Meister, der die Pläne geschaffen und deutschbrasilianische Kirchengemeinden von Rio Grande do Sul sind es, welche den Opfermut ausbringen, diese erhabenen Pläne ausführen zu lassen. Das größte und schönste Denkmal Meister Gramlichs Kunst ist der Kirchbau von Santa Cruz.

Figura 11 - Vista panorâmica da cidade de Santa Cruz do Sul, cuja Catedral São João Batista, projetada por Simão Gramlich, na década de 1930, encontra-se ao centro da imagem



Fonte: Wink, 2006.

Figura 12 - Construção das torres da Catedral de São João Batista (Santa Cruz do Sul). Na frente, a antiga igreja matriz



Fonte: Acervo de Ronaldo Wink.

Mesmo tendo construído muitas outras igrejas posteriormente e sendo lembrado em outros textos jornalísticos, até o momento não se encontrou nenhum outro relato tão elogioso a Gramlich quanto o do jornal *Kolonie* e outros publicados no Rio Grande do Sul na década de 1920. Parece que o decreto de 1933 e todo o empenho de certa elite intelectual em desprestigiar os não diplomados inibiu a exaltação desses profissionais publicamente.

Quando esse decreto e as resoluções seguintes do CONFEA estabeleceram padrões de designação e atuação dos profissionais da construção civil, os indivíduos sem formação institucionalizada ou com curso não aceito para validação no Brasil que atuavam como arquitetos ou engenheiros passaram a ser vistos como charlatões, como se não tivessem capacidade ou estudo suficiente para exercer essas funções, uma discriminação inventada pelo campo para a legitimação da atuação de comando dos diplomados.

Sobre essa visão que se procurou passar acerca dos não diplomados, Pareto Junior escreveu o artigo “‘Pândegos, rábulas, gamales’: conflitos da formação do campo da

engenharia e da arquitetura em São Paulo, 1890-1960”, no qual abre suas discussões com a citação de uma crônica publicada em 1940 com o seguinte teor: “Vejam bem o mundo: Leva uma creatura a estudar toda a sua mocidade, forma-se em direito, medicina, engenharia, pharmacia ou dentista, e entretanto os rabulas, os curandeiros, os gamelas, os práticos e os licenciados, quase sempre fazem mais negocio...” (VIEIRA, 1940 apud PARETO JUNIOR, 2018, p. 115). Nesse trecho, o cronista João Lellis Vieira achincalha a posição dos licenciados, colocando-os em uma sequência de termos considerados pejorativos na época.

Pareto Junior (2018) começa, portanto, seu texto refletindo sobre a carga que possuía o termo “prático licenciado”, empregado àqueles que não possuíam diploma, autorizados pelo Estado para projetar e/ou construir. Ele discorre sobre a necessidade de historicização desse termo, pois seu uso indiscriminado pode reforçar a exclusão dos profissionais dentro do campo em discussão. Assim, o autor afirma:

Ora, a carga pejorativa do termo é resultado direto da consagração de um discurso que elege a lógica do diploma como estruturante na formação do campo profissional. Desse modo, continuar denominando os chamados não diplomados de “práticos licenciados” sem a devida historicidade do termo é reificar a exclusão profissional com a qual centenas de sujeitos foram assombrados ao longo dos anos, entre 1930 e 1950 (e nas décadas seguintes pela historiografia) e cometer o pecado mortal daqueles que lidam com as temporalidades: o anacronismo. (PARETO JUNIOR, 2018, p. 117)

Dessa forma, não se leva como verdade absoluta o termo empregado na carteira profissional de Simão Gramlich como “construtor licenciado” para designá-lo, pois, ainda que esse seja um registro oficial, tais documentos possuem suas cargas de ideologia que buscam legitimar a condição de certos indivíduos ou detrá-los dentro das condições de um período, espaço e grupo determinado. Assim, concorda-se com Koselleck (2006, p. 77): “(...) a relação entre as palavras e seu uso é mais importante para a política do que qualquer outra arma”, pois foi com auxílio da criação de novas nomenclaturas (“Construtor Licenciado”, por exemplo), na área da construção civil, e a modificação do conceito de outros termos (como “Arquiteto”) que determinado grupo de intelectuais no Brasil encontrou um ponto de legitimação para sua dominação no campo da arquitetura e engenharia civil.

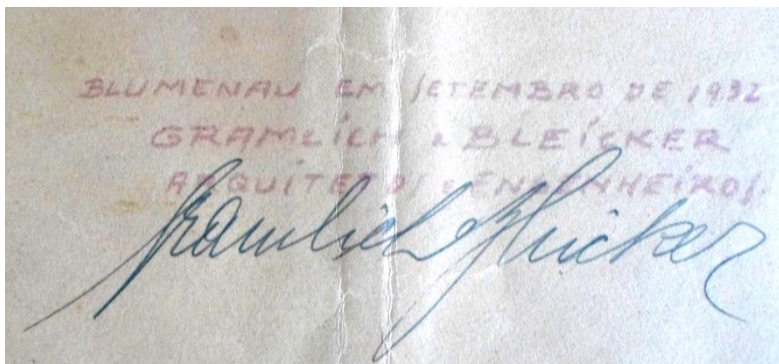
Durante o período em que Gramlich esteve em Blumenau (a partir de 1932 até 1968), sua autodesignação, em propagandas nos jornais e almanaques ou nos seus carimbos, nunca se remeteu ao termo empregado em sua carteira profissional, mas também não mais utilizou o título arquiteto acompanhado de seu nome, a não ser em alguns projetos da década de 1930 e algumas poucas propagandas, mostrando-se atento às exigências do decreto federal e das

Resoluções do CONFEA, nesse caso, especialmente do art. 3º da Resolução 12 de 24 de maio de 1936, na qual

É defeso aos licenciados o uso, ressalvado ou não, dos títulos de engenheiro e de arquiteto, privativos dos profissionais diplomados, em plantas e documentos, anúncios, placas, cartões comerciais, ou outros quaisquer meios de divulgação e publicidade, sob pena do art. 38 da lei.
 § 1º - Não é vedado o uso de designações: projetista, projetista-construtor e construtor, aplicáveis, respectivamente, às três categorias de licenciados, discriminadas no artigo anterior.
 § 2º - Fica, porém, concedido o prazo até 1º de janeiro de 1937 para a definitiva revisão e correção das placas e demais meios de divulgação atualmente empregados. (CONFEA, 1936).

Ele parecia fazer, entretanto, certo uso de brechas na lei ou variadas possibilidades de interpretação para promover seu trabalho de arquitetura sem denominar-se arquiteto. Em 1932, quando chegou a Blumenau, um ano antes do lançamento do decreto de regulamentação da profissão, ele e seu sócio, Gustav Bleicker, utilizavam, nas assinaturas dos projetos arquitetônicos, o termo “Arquitetos e Engenheiros” (Figura 13) e, em sua propaganda lançada em 1933 no almanaque *Blumenauer Volkskalender*, o escritório era identificado como sendo de Arquitetura e Engenharia (Figura 14). Faziam parte desse escritório três profissionais: Simão Gramlich, que exercia a função de arquiteto, Gustav Bleicker, possivelmente formado como engenheiro-arquiteto na Alemanha, e Alfons Steiner, um jovem da área da construção civil, possivelmente engenheiro civil⁸⁸.

Figura 13 – Identificação “Gramlich e Bleicker, Arquitetos e Engenheiros” no projeto de uma casa para Frederico Rabe em 1932, Blumenau.



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

⁸⁸ Existem alguns relatos sobre Alfons Steiner na Revista Blumenau em Cadernos - (ENG. ALFONS, 1986, p. 177), (STEINER, 1986, p. 281), e (WANDALL, 1992, p. 224) - que o identificam como Engenheiro Civil e, apesar de lá também estar registrado que ele fez muitas obras em vários estados do Brasil, não foi possível encontrar edificações de sua autoria. Não se duvida de sua atuação, pelo contrário, tem-se a intenção de alertar sobre a necessidade de um trabalho investigativo aprofundado sobre esse profissional.

Figura 14 – Propaganda do escritório “Gramlich & Bleicker” no *Blumenauer Volkskalender de 1933*



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Posteriormente, quando a sociedade foi desfeita, Gramlich anunciou a propaganda de seu escritório apenas como sendo de arquitetura, com especialização na construção de Igrejas, Colégios e Hospitais, nunca mais remetendo os termos “engenheiro” ou “engenharia” como uma atribuição de sua atividade. Durante a década de 1930, os termos que utilizava nos seus projetos arquitetônicos variavam entre “Projeto de” ou “Projetada e Fiscalização” acompanhados de sua assinatura e, algumas poucas vezes, “O Architecto”. Este termo “O Architecto” foi utilizado por ele em projetos de 1938, quando o uso por não diplomados já era proibido, e também em uma propaganda no almanaque *Wille Kalender*, de 1940 (Figura 15). Esses primeiros 10 anos após a instituição do decreto de regulamentação profissional parecem ter sido de adaptação para ele quanto a essas normas, pois, a partir da segunda metade da década de 1940, até seu último projeto em 1967, Gramlich estabeleceu um título padrão de acompanhamento de sua assinatura que era “Projeto de”, não mais infringindo a resolução do CONFEA.

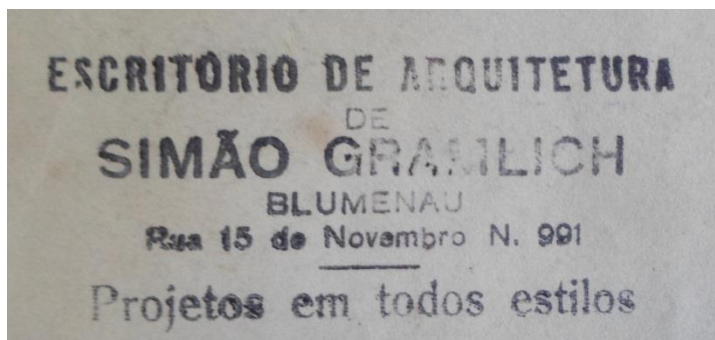
Figura 15 – Propaganda do escritório de Arquitetura de Simão Gramlich no *Wille Kalender*, de 1940.⁸⁹



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Entre os anos 1947 e 1949, constam em alguns de seus projetos um carimbo que o identifica como possuidor de um escritório de arquitetura, mostrando que sua atividade era nesse ramo, mas não lhe dando o título de arquiteto (Figura 16). Ainda assim, talvez esse carimbo tenha lhe trazido algum problema, pois, na década seguinte, ele passou a fazer uso de um carimbo mais chamativo que o identificava como “Projetista”, termo permitido para o uso dos não diplomados (Figura 17).

Figura 16 – Carimbo utilizado por Simão Gramlich em alguns de seus projetos realizados entre 1947 e 1949.⁹⁰

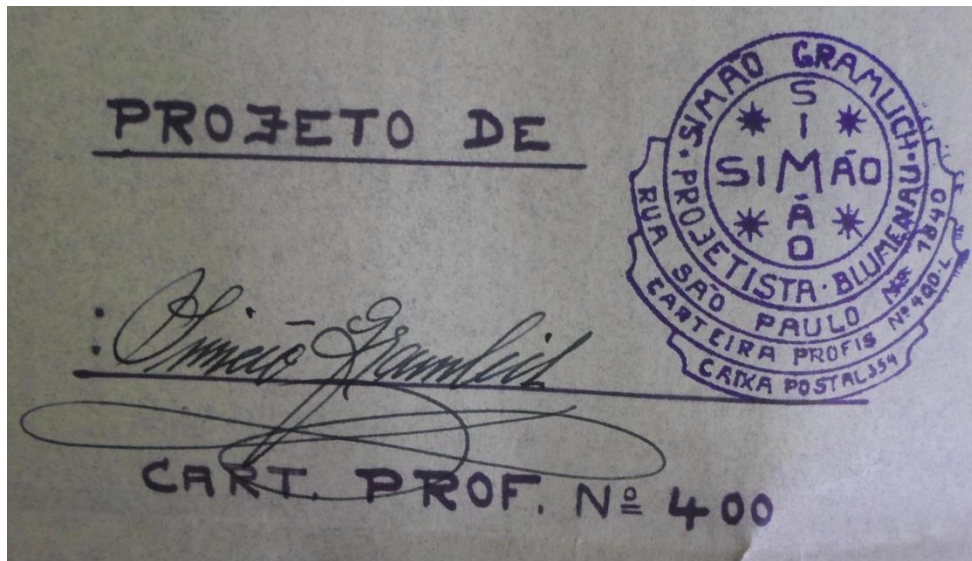


Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

⁸⁹ A propaganda consta na página 260 do almanaque *Wille Kalender*, de 1940.

⁹⁰ Esses projetos encontram-se no Arquivo Intermediário-Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Figura 17 - Carimbo utilizado por Simão Gramlich em alguns de seus projetos realizados entre 1953 e 1954⁹¹



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

A imprensa, porém, que não responderia pela infração do uso do termo que melhor lhe conviesse, encarou Simão Gramlich, ainda depois do decreto de 1933 como arquiteto, conforme podemos ver nos jornais: A Notícia, em 1943 e 1944; O Apóstolo, em 1942; Excelsior, em 1942; A Noite, em 1944; Gazeta de Notícias, em 1944; e O Jornal, em 1958; e na Revista Blumenau em Cadernos, em várias edições de 1958⁹². Sendo ainda, uma vez chamado também de engenheiro, no jornal “A Notícia”, de 1941 (ENGENHEIRO, 1941, p. 7). Assim, o termo “arquiteto” ficou tão enraizado na atividade de Gramlich que, até no final do século XX e ainda no século XXI, ele permanece sendo “o arquiteto Simão Gramlich”, o que traz, às vezes, algumas confusões, devido ao anacronismo da consideração do termo, fazendo com que pareça que ele era formado em arquitetura.

Além disso, a crença de que apenas um profissional formado em alguma instituição poderia realizar obras tão grandiosas e refinadas como aquelas produzidas por Gramlich, sem a devida especulação dos contextos de formação e prática profissional, no qual esses indivíduos estiveram envolvidos, pode reforçar a atribuição de uma diplomação a ele que, ao que tudo indica, nunca existiu.

Afinal, o que Gramlich era? Simão Gramlich era *Maurerpolier*, na Alemanha; Arquiteto, no Brasil, na década de 1920, segundo os padrões de designação da época; Construtor Licenciado a partir dos anos 30, conforme sua carteira profissional, podendo

⁹¹ Esses projetos encontram-se no Intermediário-Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

⁹² Respectivamente: (INDÚSTRIA, 1943, p. 4), (MATRIZ, 1944, p. 7), (AGORA, 1942, p. 1), ([IGREJA], 1942, p. 4), (NOTÍCIAS, 1944, p. 17), (HOMENAGENS, 1944, p. 7), ([MATRIZ], 1958, p. 7). Blumenau em Cadernos: (A BACIA, 1958, p. 185), (MONUMENTOS, 1958a, p. 118), (MONUMENTOS, 1958b, p. 127).

projetar e construir dentro de determinadas limitações; arquiteto e engenheiro, segundo a imprensa nas décadas de 1940 e 1950; projetista e arquiteto, especialista em igrejas, colégios, mosteiros e hospitais, segundo sua autonegação ao longo de sua carreira. Não se pretende aqui impor uma designação a ser utilizada como padrão para esse profissional.

3. DISPUTAS ENTRE LINGUAGENS ARQUITETÔNICAS

Dentro dessas discussões de tentativa de legitimação de dominação dos profissionais formados no Brasil, que dava primazia aos de nacionalidade brasileira contra os estrangeiros, o que vem em uma sequência de ações limitadoras da atuação desses indivíduos, como a nacionalização do trabalho, o Modernismo foi eleito como ponto alto da arquitetura no Brasil, e os demais estilos e linguagens foram depreciados por parte das elites intelectuais acadêmicas.

O professor Marcelo Puppi, em 1998, lançou uma obra com o título “Por uma história não moderna da arquitetura brasileira”, na qual ele mostra justamente como a historiografia brasileira concentrou-se em uma supervalorização da Arquitetura Moderna, estabelecendo isso como verdade história e se recusando a uma investigação mais aprofundada das demais produções. Ele fez isso investigando as considerações de cinco autores consagrados que escrevem sobre a história da arquitetura no Brasil. Uma de suas constatações acerca da visão que se tinha até então sobre a arquitetura eclética é a seguinte: “(...) uma forma de projetar (e construir) inadequada ao progresso e à modernidade material, ao qual fatalmente e com razão deveria opor-se uma nova arquitetura, esta sim alinhada aos novos tempos e capaz de expressá-lo culturalmente” (PUPPI, 1998, p. 10).

Assim, este capítulo tem como temática geral o emprego das diferentes linguagens arquitetônicas no Brasil durante o século XX e as disputas geradas por elas através do poder simbólico contido em cada uma. Interessa compreender aqui a atribuição de valores que foi direcionada a algumas linguagens arquitetônicas em diferentes grupos culturais, assim como afirmou o historiador da arte Argan (1992, p. 228): “são os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos. Devemos, portanto, levar em conta, não o valor em si, mas a atribuição de valor (...)”.

Entende-se que esta atribuição de valor não se dá gratuitamente, ela tem um objetivo, ainda que nem sempre claro ou consciente a todos aqueles que defendem uma rotulação, assim como escreveu a historiadora Pesavento (1995, p. 284), defensora de uma história cultural do urbano:

As representações do mundo social assim constituídas, que classificam a realidade e atribuem valores, no caso, ao espaço, à cidade, à rua, aos bairros, aos habitantes da urbe, não é neutra, nem reflexa ou puramente objetiva, mas implica atribuições de sentidos em consonância com relações sociais e de poder.

Sendo essa atribuição não neutra e realizada por diferentes grupos, conflitos são gerados dentro de um campo, no contexto em questão, o campo da arquitetura, para que

ocorra ao concesso de alguns valores um retorno em prestígio, pelo bom gosto e erudição, enquanto ao concesso oposto seja imputada uma marca de depreciação.

Neste capítulo se pretende mostrar como, apesar da eleição da Arquitetura Moderna como o estilo nacional, os outros estilos e linguagens arquitetônicas, marginalizados pela historiografia da arquitetura no Brasil por várias décadas, eram bem conceituados dentro de seus contextos, atendendo aos desejos de boa parte da população de suas épocas, sendo considerados originais, belos e modernos.

Quanto aos termos: “modernidade”, “modernização” e “modernismo”, dispostos ao longo do texto, têm os mesmos sentidos que Teixeira (2009) desenvolveu em sua tese e Adrián Gorelik no texto “O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização”, publicado na década de 1990. Entende-se “modernidade” como “o *ethos* cultural mais geral da época” (GORELIK, 1999, p. 59), a expressão cultural da modernização (TEIXEIRA, 2009, p. 133), ainda que Gorelik acredite que na América Latina o processo inverso tenha acontecido e a modernidade tenha sido empregada como um desejo de realização da modernização; a “modernização”, por sua vez, é compreendida por Teixeira (2009) em consonância com a atribuição de Pesavento (1994, p. 199 apud TEIXEIRA, 2009, p. 78) para o termo, como um “conjunto das transformações econômico-sociais que acompanham o desenvolvimento do capitalismo”; por fim, o “modernismo” será visto como uma tendência da modernidade em arquitetura no Brasil (TEIXEIRA, 2009, p. 11).

Este capítulo será composto por dois subcapítulos, sendo o primeiro “O neogótico, a igreja católica e os arquitetos alemães”, no qual foram analisadas as origens do neogótico e sua associação com os profissionais alemães e com a igreja católica; a entrada dessa linguagem na América Latina e expansão no Brasil; e também os motivos do sucesso das igrejas de Gramlich no país.

O segundo subcapítulo intitulado: “Linguagens arquitetônicas e a ‘modernidade possível’” procurou analisar algumas considerações levantadas ao longo do tempo levando em conta o período do ato de execução bem como o que foi dito posteriormente de linguagens arquitetônicas inscritas em um discurso de modernidade, mas que não faziam parte do modernismo, por exemplo, o neocolonial, especialmente de duas modalidades advindas dos Estados Unidos: o *Mission Style* e o *Dutch Colonial Revival*.

Como o modernismo foi incentivado pelos arquitetos e engenheiros que estavam se formando no ensino superior no Brasil e a limitação de atuação na carteira profissional os beneficiava por não impor uma restrição quanto ao uso de concreto armado ou de indicação de metragem para vão livre, coube aos profissionais não diplomados em ensino superior uma

atuação restrita quanto à arquitetura moderna, mas vasta, em relação às demais tendências da modernidade em arquitetura. Nesse texto, os profissionais não diplomados em ensino superior são considerados pioneiros de uma “modernidade possível” em Santa Catarina, termo criado por Teixeira (2009), ao analisar aspectos da modernidade nesse estado. Ao longo dessas subseções são também apresentadas imagens das obras de Gramlich⁹³.

3.1 O NEOGÓTICO, A IGREJA CATÓLICA E OS ARQUITETOS ALEMÃES NO BRASIL

Ao realizar leituras acerca da linguagem neogótica no Brasil, a mais utilizada por Gramlich, nos primeiros anos que chegou ao país, há uma dupla associação a ela: em primeiro lugar, com os templos realizados pela igreja católica e em segundo, como uma especialidade de profissionais de origem alemã. Além dessas constatações, sabe-se que a década de 1920 foi o auge do neogótico no Brasil. Essas informações acerca da dupla associação e do auge da linguagem arquitetônica estão estreitamente ligadas ao fluxo migratório ocorrido nos anos 20, já apresentado. Portanto, essa subseção procurará trazer esclarecimentos acerca dessas três constatações que serão de grande importância para a compreensão da atuação dos arquitetos imigrantes, especialmente daqueles vindos da Alemanha. Além disso, apresentar-se-á três vias de entrada do neogótico na América Latina, que dão indícios para refletir sobre a situação no Brasil e, por fim, se concentrará em relacionar o sucesso das obras de Simão Gramlich no Brasil com os discursos que envolvem essa linguagem.

3.1.1 As origens do neogótico e sua associação com os profissionais alemães

Na passagem do século XVIII para o XIX e até o fim das Revoluções de 1848, na Europa, houve um surpreendente florescimento das artes, segundo Hobsbawm (2013, p. 400). Duas delas destacaram-se excepcionalmente, ganhando difusão mundial: a literatura, principalmente o romance, onde são reconhecidos romancistas consagrados, como Stendhal, Balzac, Dostoiévski, Dickens, Jane Austen e diversos outros; e a música, com a ópera, em que, na Alemanha, apareceram Wagner e Weber, por exemplo. A pintura, a escultura e a arquitetura também foram influenciadas, mas não se apresentaram com tanto vigor como a literatura e a música.

⁹³ Em relação à procedência dessas imagens, algumas foram tiradas pela autora e outras coletadas na internet ou em acervos institucionais.

Uma característica geral dos artistas nessa época era um forte envolvimento com assuntos públicos, fazendo da arte um meio propagandístico de suas ideologias, principalmente naqueles países cuja unificação nacional gerou uma necessidade de reflexão sobre a construção da consciência nacional. Nesses países imersos no discurso nacionalista, a cultura popular foi exaltada e tomada como repertório dos artistas, assim, fez com que a literatura e a música (artes que não dependiam tanto da aprovação de comissões de classes superiores) ousassem inovações, como o uso da linguagem vernácula, canções folclóricas e contos populares, como bem registrou Hobsbawm (2013, p. 404):

Não foi por acaso que o despertar ou ressurreição das culturas literárias nacionais na Alemanha, na Rússia, na Polônia, na Hungria, nos países escandinavos e em outras partes coincidissem com – e de fato fossem sua primeira manifestação – a afirmação da supremacia cultural da língua vernácula e do povo nativo, ante uma cultura aristocrática e cosmopolita que constantemente empregava línguas estrangeiras. É bastante natural que este nacionalismo encontrasse sua expressão cultural mais óbvia na literatura e na música, ambas artes públicas, que podiam, além disso, contar com a poderosa herança criadora do povo comum – a linguagem e as canções folclóricas. É igualmente compreensível que as artes tradicionalmente dependentes de comissões das classes dirigentes – cortes, governo, nobreza –, a arquitetura e a escultura, e até certo ponto a pintura, refletissem menos estes renascimentos nacionais.

Nesse contexto de exaltação do conteúdo popular nas artes, surgiu, por volta de 1800, na Alemanha, França e Grã-Bretanha, o romantismo, sem uma definição exata como estilo, escola ou época artística, bem como sem um objetivo claro a ser alcançado, condizente com seus discursos reflexivos não racionalistas, conceito arduamente combatido por seus adeptos. As certezas que possuíam os românticos eram: um profundo descontentamento com a sociedade que se formava após a dupla revolução (Revolução Francesa e Revolução Industrial), inicialmente, posicionando-se contra a Revolução Francesa, mas, em uma segunda geração, tendo-a como ideal; uma ojeriza ao termo médio, os românticos eram radicais, independente de estarem à direita ou à esquerda, os moderados e liberais não pertenciam ao grupo, mas apoiavam-se no racionalismo do neoclassicismo, por esse motivo, as artes que dependiam de maior investimento (vindo das classes dirigentes), como a arquitetura, permaneceram atreladas a esse estilo.

Os arquitetos e engenheiros, que trabalhavam por encomendas específicas, continuavam a produzir estruturas de uso óbvio que se lhes impunham formas claramente compreensíveis. É significativo que a grande maioria de construções características e famosas do período entre 1789 e 1848 sejam neoclássicas, como a Madeleine, o Museu Britânico, a catedral de S. Isaac em Leningrado, a Londres de Nash, a Berlim de Schinkel, ou funcionais como as maravilhosas pontes, canais, construções ferroviárias, fábricas e estufas daquela época de beleza técnica (HOBSBAWM, 2013, p. 410).

Karl Friedrich Schinkel (1781-1841), pintor, urbanista e arquiteto, era um romântico influenciado pelo estilo gótico. Sua fama como arquiteto despontou após 1815, com o fim da ameaça de Napoleão à Prússia, após o Congresso de Viena. Assim, foi sua missão, como arquiteto estatal, a construção de uma Prússia que celebrasse o poder do governo. Para esse novo momento em sua carreira, o uso das formas clássicas foram mais adequadas do que o gótico, que não deixava, entretanto, de lhe trazer inspiração. Enquanto os povos germânicos digladiavam-se nas discussões entre neoclassicismo e neogótico, Schinkel decidiu fazer algo inesperado, fundindo ambos os estilos. Ele combinava a abóbada gótica com elementos neoclássicos. Conforme Whyte (2004, p. 282):

Na primeira metade do século XIX, arquitetos e teóricos alemães estavam engajados em um vigoroso debate sobre qual estilo arquitetônico era mais apropriado à época e ao local. Inicialmente apenas dois modelos foram admitidos, o estilo clássico da Grécia e o estilo gótico do norte da Europa. Enquanto as premissas estruturais desses dois estilos - baseados, respectivamente, na viga e na abóbada - eram bem diferentes, havia uma forte crença na possibilidade de fundi-las em um novo estilo que combinaria os melhores atributos de ambos. Karl Friedrich Schinkel conseguiu fazer exatamente isso em seu projeto para a Bauakademie em Berlim (1831-6), no qual os princípios estruturais da abóbada gótica foram combinados com os elementos formais e decorativos do neoclassicismo. Uma alternativa à brilhante reconciliação de Schinkel do grego com o gótico foi a invenção de um terceiro estilo alternativo, e isso foi conseguido com Friedrich von Gärtner⁹⁴ em Munique (1831-1842), no “Rundbogenstil” neo-românico⁹⁵ (tradução nossa).

Esse trecho sugere que Schinkel, ao unir o gótico com o clássico, criou um novo estilo, o *Rundbogenstil* (também conhecido como *Round-Arched Style*), que poderia ser traduzido como “estilo do arco redondo” (tradução nossa), porém, analisando outras fontes, não foi possível precisar essa informação que confirmaria a paternidade do arquiteto. Sabe-se que seus primeiros trabalhos dentro desse estilo foram as Igrejas de São João (*Johanniskirche* – Figura 18) e Nazaré (*St. Nazareth Kirche* – Figura 19), ambas em Berlim, inauguradas em 1835. Também não foram encontradas fontes em português sobre esse novo estilo e as informações obtidas são, muitas vezes, controversas, porém, ainda assim, o estudo do *Rundbogenstil* é de grande importância para a compreensão das obras de Gramlich, pois há

⁹⁴ Friedrich Wilhelm von Gärtner (1791 - 1847), arquiteto, foi Inspetor Geral de monumentos arquitetônicos e esculturais de Bavaria e diretor de diversas instituições relacionadas ao ensino das artes. Suas obras correspondiam aos desejos do Rei Luís I da Bavaria, tendo grande estima junto ao seu soberano.

⁹⁵ Texto original: In the first half of the nineteenth century German architects and theorists were engaged in a vigorous debate over which architectural style was most appropriate to the age and the location. Initially only two models were admitted, the Classical style of Greece and the Gothic style of Northern Europe. While the structural premises of these two styles – based, respectively, on the beam and the vault – were quite different, there was a strong belief in the possibility of fusing them in a new style that would combine the best attributes of both. Karl Friedrich Schinkel succeeded in doing exactly this in his design for the Bauakademie in Berlim (1831-6) in which the structural principles of the Gothic vault were combined with the formal and decorative elements of Neo-classicism. An alternative to Schinkel’s brilliant reconciliation of the Greek and the Gothic was the invention of a third, alternative style, and this was achieved with Friedrich von Gärtner’s⁹⁵ in Munich (1831-42), in the Neo-Romanesque ‘Rundbogenstil’.

uma sugestão do arquiteto urbanismo César Floriano Santos de que esse estilo esteja ligado às obras dele: “(...) é bastante provável, pelo domínio que suas obras apresentam em nível da estética de projeto, que tenha frequentado escolas de arquitetura e recebido influências do mestre Schinkel” (SANTOS, 1984, p. 4 apud TEIXEIRA, 2009, p. 118). Sobre Gramlich ter frequentado uma escola de arquitetura, já se viu que, ao que tudo indica, isso não aconteceu, e sobre a influência de Schinkel, não se pode descartar por completo que algum ornamento tenha sido considerado por Gramlich, mas, no geral, observando as obras de Schinkel e outras desenvolvidas conforme padrões do *Rundbogenstil*, como se verá a seguir, não há proximidade estética entre eles, pelo menos se tratando da construção de igrejas.

Figura 18 - Igreja de São João (*St. Johanniskirche*) - Berlim⁹⁶



Fonte: Schinkel, 2008.

Figura 19 - Igreja Nazaré (*St. Nazareth Kirche*) - Berlim⁹⁷



Fonte: Doro Thea, 2009 – repositório digital flickriver.

O *Rundbogenstil* foi criado na Alemanha em meio à busca dos arquitetos por um estilo que representasse a arquitetura nacional. A escritora Donovan (2008, p. 37) compreende esse estilo como eclético, pois, utiliza uma repetição de arcos clássicos acoplados em edifícios

⁹⁶ Projeto de Karl Friedrich Schinkel.

⁹⁷ Projeto de Karl Friedrich Schinkel.

de outros estilos, como do renascimento italiano, neorromânico, bizantino e, principalmente, do gótico. A autora também destaca Schinkel e Friedrich von Gärtner como os principais arquitetos a desenvolverem o estilo, mas afirma que ele se tornou popular apenas no final do século XIX, quando foi utilizado em projetos de ferro e vidro, em estações de trem e em outros prédios públicos. O site madrileno “Artehistoria”, que traz definições e estudos relacionados à história da arte, apresenta o *Rundbogenstil* como um estilo de integração que une a horizontalidade da arquitetura clássica com a verticalidade da gótica. Nele também considera-se Gärtner um arquiteto representativo no uso desse estilo e esclarece-se que no momento de seu desenvolvimento, entre 1825 e 1827, era chamado de arquitetura românica ou pré-gótica, mostrando o quanto uma definição precisa e objetiva é difícil de ser pensada.

Efectivamente, el Rundbogenstil no constituía sino un modelo de integración estilística o una inflexión que aúna orientaciones divergentes. La Ludwigskirche de Gärtner, que es un ejemplo obvio de Rundbogenstil, se calificó en su época como arquitectura románica o pregótica. Estos adjetivos, aparentemente banales, dicen mucho sobre las cualidades del Rundbogenstil como modelo de integración. El Rundbogenstil se proponía, por ejemplo, optar por soluciones estilísticas que aunaran las tendencias de la arquitectura hacia la dominante en horizontal (griegos) y hacia el alargamiento en vertical (góticos). Estas soluciones avalarían una mejora de las cualidades de la construcción. No debemos olvidar que el período del desarrollo del Rundbogenstil coincide con el momento constituyente del historicismo, esto es a partir de 1825 o 1827 (ARTEHISTORIA, 2018).

Figura 20 - *Ludwigskirche* (1829-1844) – Munique⁹⁸



Fonte: Dietrich, 2013a.

Figura 21 - *Staatsbibliothek* (1832-1843) – Munique⁹⁹



Fonte: Dietrich, 2013b.

⁹⁸ Projeto de Friedrich von Gärtner.

⁹⁹ Projeto de Friedrich von Gärtner.

Entretanto, mesmo diante desse desafio de definição, Bradley (1999), que relatou em seu livro a entrada do *Rundbogenstil* nos Estados Unidos com a chegada de imigrantes alemães naquele país, elencou suas características básicas. Ela também reconheceu que o estilo se iniciou na Alemanha e desejava uma síntese entre arquitetura clássica e medieval, onde o arco arredondado é seu principal motivo, mas, além disso, destacou três características: o uso de pilastras e faixas horizontais formando grades; uma elaborada mísula de tijolos (*brick corbelling*), principalmente mísulas contínuas (*corbel table*), que aparecem geralmente abaixo do beiral (alguns chamam de ameias invertidas sobre os beirais); e molduras nas portas e janelas enfatizando o arco (como “sobrancelhas” sobre as janelas). A autora ainda identificou que, posteriormente, nas décadas de 1850 e 1860, o estilo ganhou mais elementos, como janelas com arquivoltas enriquecidas com dentículos, janelas com arco segmentado e padronizada policromia dos tijolos (que é uma característica da época independente do *Rundbogenstil*).

Figura 22 - Mísulas contínuas (*corbel table*) abaixo do beiral e molduras ao redor dos arcos das janelas da *Staatsbibliothek* (1832-1843) - Munique¹⁰⁰



Fonte: Dietrich, 2013b.

Assim, viu-se até aqui que havia uma ala dos românticos que não simpatizava com o estilo neoclássico, combatendo-o duramente. Entretanto, um arquiteto de tradição romântica, Schinkel, decidiu unir as linguagens clássica e gótica, criando, assim, uma terceira modalidade chamada *Rundbogenstil*, que se iniciou na Alemanha, mas, ao longo do tempo, difundiu-se por diversos países, não somente na Europa, mas também na América. Essa nova tipologia arquitetônica surgiu em meados de 1820 e perdurou até o fim do século, quando

¹⁰⁰ Projeto de Friedrich von Gärtner.

novos elementos foram-lhe acrescentados. Mas esse ainda não era o estilo que representava a alma romântica.

Retornando às certezas que possuíam os românticos, havia entre eles um profundo desejo, uma obsessão pela “recuperação da unidade perdida entre o homem e a natureza” (HOBBSAWM, 2013, p. 414). Essa unidade perdida refere-se aos novos laços burgueses criados após a dupla revolução, onde as relações sociais tornaram-se impessoais e não mais amistosas, como acreditavam ser anteriormente. Karl Marx, influenciado pela tradição romântica, mas não sendo um de seus representantes, pois o desenvolvimento de suas teorias tomou segmentos desprezados pelos românticos, expressou em um trecho do “Manifesto Comunista” o anseio romântico e o ódio pelo mundo burguês, reconhecido como antissocial:

Onde quer a burguesia tenha chegado ao poder, ela destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Ela rompeu impiedosamente os variegados laços feudais que atavam o homem ao seu superior natural, não deixando nenhum outro laço entre os seres humanos senão o interesse nu e cru, senão o insensível "pagamento à vista". Ela afogou os arrepios sagrados do arroubo religioso, do entusiasmo cavalheiresco, da plangência do filisteísmo burguês, nas águas gélidas do cálculo egoísta. Ela dissolveu a dignidade pessoal em valor de troca, e no lugar das inúmeras liberdades atestadas em documento ou valorosamente conquistadas, colocou uma única inescrupulosa liberdade de comércio. (MARX; ENGELS, 1998).

Dessa forma, o romantismo criou uma representação da Idade Média como um período ambientado por uma harmonia social e de lá buscou elementos que pudessem caracterizá-lo. O país que mais assumiu vivamente essa idealização medieval foi a Alemanha, não que fosse a região mais marcadamente medieval da Europa, mas Hobsbawm (2013, p. 416) acreditava que fosse “talvez porque organizada a *Gemuetlichkeit*¹⁰¹, que parecia reinar sob castelos do Reno e da Floresta Negra, prestava-se mais prontamente à idealização do que a imundície e a crueldade de países mais genuinamente medievais”.

A associação da Alemanha com a linguagem gótica é tamanha que, no Brasil, o emprego do gótico na arquitetura, entre o século XIX e início do século XX, geralmente estava associado a profissionais daquela nação. No artigo “A cultura arquitetônica dos países de língua alemã e seus reflexos no desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil – 1880 – 1945” que Pedro Moreira publicou no periódico do Instituto Martius Staden, essa associação é evidenciada na seguinte citação do autor: “Curiosamente é na realização de obras em estilo neogótico que os germânicos se destacam, especialmente nos projetos religiosos”

¹⁰¹ Quanto à palavra *Gemuetlichkeit*, evidenciada por Hobsbawm, sabe-se que seu significado é calorosa afabilidade, bom ânimo, confortável simpatia, e também que se relaciona a outras características, como paz de espírito, aconchego, que culminam em aceitação social. A partir dessa conceituação, é possível imaginar o espaço ideal para o romântico: uma casa aconchegante, rodeada pela natureza, em uma vila onde os vizinhos se tratam cordialmente: é a idealização da cidade pré-industrial.

(MOREIRA, 2005, p. 41). Nesse artigo, cita-se alguns profissionais de origem germânica que ganharam fama no Brasil com obras neogóticas, como Johann Grünewald e Maximilian Emilian Hehl.

O desejo medievalista difundido pela Europa resultou em um renascimento gótico, não que toda a Idade Média fosse dominada pelo estilo, mas foi o que melhor se adaptou ao pensamento romântico. Além disso, dividindo a Idade Média em duas partes, foi preferida a inspiração nas construções, da segunda metade, já de estilo Gótico do que aproximar-se demais das construções romanas e da Antiguidade que inspiravam o opositor racional: neoclássico. Para Hobsbawm (2013, p. 416), sem dúvida, aqueles que mais se agarraram ao revivalismo gótico foram os religiosos antiburgueses, chegando a gerar uma tradição católica de construções que ganharam o título de neogóticas:

Chateaubriand exaltou o gótico em sua obra “Espírito do Cristianismo” (1802) contra a Revolução; os defensores da Igreja da Inglaterra o favoreciam contra os racionalistas e não conformistas cujos prédios permaneceram clássicos; o arquiteto Pugin e o “Movimento Oxford”, ultrarreacionário e de tendência católica, da década de 1830, eram góticos até a raiz do cabelo.

A tradição católica de uso do neogótico também é evidenciada por Bruand (1981, p. 42), ao escrever sobre os estilos medievais e pitorescos empregados no Brasil. Para ele, a escolha das autoridades religiosas pelos modelos gótico e românico se dá devido à simbologia atribuída a eles, que remetem aos tempos de apogeu da Igreja Católica, afirmando que a adoção do estilo estava associada a uma necessidade psicológica. Maria Lucia Bressan Pinheiro, doutora professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, também acredita nessa relação psicológica, que justifica o uso do neogótico em arquiteturas religiosas entre os séculos XIX e XX, mas não menciona os tempos áureos da Igreja Católica, como Bruand (1981). Sua explicação está nas formas, segundo ela:

Esta associação se baseava no paralelismo simbólico entre a verticalidade das formas góticas e o desejo de elevação, próprio da devoção humana – que, assim, se materializava na pedra -, e a luz cuidadosamente trabalhada dos interiores das catedrais, simbolizando a graça divina. (PINHEIRO, 2010, p. 446).

Quando o professor Martín M. Checa-Artasu, da Universidade Autônoma Metropolitana (México), escreveu sobre a igreja católica e a expansão do neogótico na América Latina, ambas as visões foram por ele contempladas: o estilo estava ligado tanto a um desejo de rememoração do período no qual o catolicismo exercia domínio social, quanto ao poder transcendente de suas formas, retornando, assim, “(...) as grandezas pasadas de la Iglesia em términos socioeconómicos, pero además tenía un componente místico polivalente, ya que la arquitectura gótica se asociaba a la idea de la Jerusalém celestial y un acercamiento

transcendente con lo sagrado” (CHECA-ARTASU, 2013, p. 5). Apesar de dirigir-se ao passado, o autor não considera esse estilo tradicional. Para ele, ao associar-se a política e a construção nacional, o neogótico sugere um novo acesso à modernidade.

Esse argumento corrobora com o que Crettaz-Stürzel (2017) escreveu ao analisar a reconstrução dos castelos de Marienburg e Hohkönigsburg, ocorrida entre o século XIX e XX, sob os preceitos do estilo neogótico. Segundo a autora, entre o começo dos anos 1800 até meados de 1920, o estilo gótico representava liberdade e nação (CRETTAZ-STÜRZEL, 2017, p. 88), ela demonstrou isso também citando alguns discursos de Wilhelm II, o último imperador alemão do Segundo Reich, que governou até 1918, abdicando sua posição após a Primeira Guerra Mundial. Outro aspecto importante do texto dela é a ligação que faz entre a valorização do neogótico e o surgimento do uso do termo “monumento nacional”, na Alemanha, em 1804. A autora afirma que, em meados de 1800, surgiu um problema para os ricos: ou se tinha um monumento histórico coletivo, ou seria necessário construir um (CRETTAZ-STÜRZEL, 2017, p. 68).

Ainda que o neogótico tenha persistido por mais de um século com essa conotação de estilo nacional, também ligado à produção e recuperação de monumentos históricos, e tenha sido valorizado por governantes alemães, no começo do século XX, a Alemanha já estava avançando em novas experiências estilísticas, conforme apontou Nicolau Pevsner em sua obra “Os pioneiros do desenho Moderno: de William Morris a Walter Gropius” (2002). Pevsner (2002, p. 10) afirmou que o Movimento Moderno iniciou pioneiramente na Inglaterra, mas, apenas como um reconhecimento inicial de aceitação da beleza das máquinas, sua consolidação se deu de fato em outros países, dos quais se destacam Estados Unidos e Alemanha.

O autor ainda relatou a importância de Hermann Muthesius (1861-1927) para o desenvolvimento desse movimento na Alemanha, explicando a pesquisa que o arquiteto fez em 1890 na Inglaterra sobre as residências daquele país e seu retorno para as terras alemãs e engajamento a grupos que começavam a discutir uma nova arquitetura e *design* condizente com a praticidade que as máquinas poderiam oferecer. Outras figuras também são relatadas, como Walter Gropius, que foi convidado em 1914 para reorganizar a Escola de Arte de Weimar, que somente em 1919 foi aberta como *Staatliches Bauhaus*, o centro criador mais importante da Europa, impulsionador do Movimento Moderno. Pevsner (2002) defende a ideia de que, em 1914, o novo estilo, que atribuímos o nome de estilo modernista, considerado por ele como “o genuíno e autêntico estilo do nosso século” (p. 25), já estava formado, pronto, na Alemanha.

Pode-se perceber, portanto, que havia, nos primeiros anos do século XX, alguma simultaneidade, na Alemanha, entre a persistência do neogótico como estilo nacional e o surgimento de discussões e novas experiências com o Movimento Moderno. Essas novas discussões, porém, ainda eram iniciais e não haviam se expandido a todos os recantos. Lendo Pevsner (2002), tem-se a impressão que essas ideias se concentravam em alguns grupos de intelectuais e escolas, não atingindo ainda todos os profissionais da construção civil.

Assim, não se pode considerar Gramlich como um profissional ultrapassado ou tradicional quando, na década de 1920, fez obras neogóticas no Rio Grande do Sul, pois, enquanto ele esteve na Alemanha, esse era o estilo de representação nacional, havia força simbólica em seu uso e, possivelmente foi esse o estilo que ele mais teve contato em obras, além disso, como se verá adiante, os teuto-brasileiros de Santa Cruz do Sul, por exemplo, compartilhavam, em certa medida, das ideologias formadas entorno do uso desse estilo histórico e da produção de monumentos.

Quando, porém, Simão Gramlich se mudou para Santa Catarina, na década de 1930, e se associou a Gustav Bleicker, um jovem engenheiro formado na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, possivelmente com maior influência do Movimento Moderno, as obras de seu escritório passaram a ser “mais modernas”, como o próprio Gramlich relatou em uma correspondência de 1932 (GRAMLICH, 1932, p. 1). De fato, pode-se perceber que suas obras em Blumenau e no Vale do Itajaí refletem a modernidade que se desejava para a região, não exatamente com o modernismo, mas com o emprego de outras arquiteturas dessa modernidade, como o Art Déco, o Art Nouveau e o Racionalismo.

3.1.2 A entrada do neogótico na América Latina e sua expansão no Brasil

Checa-Artasu (2013), ainda, fez um recorte temporal que vai do último quartel do século XIX até a década de 1930, para analisar três vias de entrada e expansão do neogótico na América Latina. A primeira via, que ele afirma ser pouco documentada, se refere às relações comerciais mantidas entre os países latino-americanos com o império britânico, que possibilitaram a aquisição de objetos e bens de consumo com ornamentos inspirados na estética gótica (CHECA-ARTASU, 2013, p. 7). Além disso, houve a instalação de alguns grupos de ingleses pelo continente, ligados à exploração mineira, que difundiram o novo gosto. O autor dá como exemplo dessa condição as cidades de Valparaíso, no Chile, e o norte de Tolima e Vale Cauca, na Colômbia, mas é possível também citar a situação brasileira.

Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808, houve uma maior aproximação comercial com a Inglaterra, especialmente com a abertura dos portos brasileiros para as nações amigas. Assim como Checa-Artasu (2013, p. 7) sugeriu sobre essa primeira via, ocorreu no Brasil: foram importados objetos com estética goticizante e houve a entrada de ingleses no país. A primeira obra de arquitetura com traços góticos em solo brasileiro foi uma reforma na residência de Dom João VI, o Palácio da Quinta da Boa Vista, realizada pelo inglês John Johnson, que projetou arcadas em ogiva para aquele prédio (MAIOLINO, 2007, p. 21).

A segunda via apresentada pelo professor está ligada à formação profissional. Os técnicos da área da construção civil, tanto os formados nas escolas que estavam surgindo nos países latino-americanos quanto os que estudaram na França, foram influenciados pelas correntes arquitetônicas restauracionistas desenvolvidas por Viollet Le Duc e seus seguidores. Além disso, a formação profissional possibilitava o conhecimento das obras de diversos profissionais, criando, assim, um repertório imagético para esses indivíduos. Esse conhecimento se dava não apenas nas aulas, mas igualmente através da aquisição de livros e lâminas de imagens que compunham tanto acervos pessoais como eram acrescentados às bibliotecas das escolas especializadas que surgiram (CHECA-ARTASU, 2013, p. 8).

O autor destaca que a compra desse material informativo não era exclusividade dos estudantes, eles também eram adquiridos por membros das classes abastadas e assim “(...) acabaram conformando um determinado gosto artístico que se refletira em los deseos constructivos que pudieran tener” (CHECA-ARTASU, 2013, p. 8). Diante dessa afirmação, é possível constatar a influência francesa sobre o neogótico e os estilos históricos no Brasil, através de uma situação ocorrida com Simão Gramlich enquanto dedicava-se à realização de um projeto para a igreja matriz católica da cidade de Itajaí (SC). O Bispo, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, a quem se deveria dirigir sempre que uma nova igreja fosse pensada para Santa Catarina, não gostou dos projetos enviados pelo alemão Gramlich e enviou ao já afamado arquiteto de catedrais góticas um modelo que lhe agradava, e esse era de uma igreja em Souvigny, comuna francesa (LOCKS, 1939, p. 1).

A terceira e última via apresentada pelo professor foi a de maior extensão na América Latina e responsável pela intensa divulgação da linguagem neogótica nesta parte do continente: refere-se à imigração de profissionais da arquitetura e o desenvolvimento de suas carreiras nos países que lhes acolheram (CHECA-ARTASU, 2013, p. 9). O imigrante alemão Maximilan Emil Hehl (Max Hehl) foi um dos maiores propagadores da arquitetura neogótica no Brasil (BRUAND, 1981, p. 43). Além da realização de numerosos e relevantes projetos

nesse segmento, difundiu seu conhecimento através das aulas ministradas na Escola Politécnica de São Paulo, e tinha seus trabalhos apresentados com destaque nos principais periódicos especializados que circulavam pelo país. Essa via de entrada e expansão do neogótico na América Latina também condiz com a atuação dos imigrantes Simão Gramlich, Ernst Karl Ludwig Seubert e Johann Grünewald, por exemplo, no Sul do Brasil.

Se a terceira via é a de maior significado para a expansão do neogótico na América Latina e, se para o Brasil, como já se viu, ocorre um grande fluxo migratório de profissionais da construção civil vindos do norte europeu na década de 1920, fica evidente que há uma correlação entre a chegada desses imigrantes no país com o auge da linguagem neogótica em terras brasileiras justamente naquela década. Havendo já um desejo se construir obras religiosas em estilo neogótico no começo do século XX no Brasil, a vinda de alguns profissionais conhecedores do estilo e aptos para a realização desse trabalho resultou na execução de mais obras voltadas para essa estética, assim como se viu no capítulo anterior em relação à presença de Gramlich em Santa Cruz do Sul: não havia profissional que pudesse fazer um projeto neogótico tão monumental como era desejado pela comunidade, mas então, Gramlich chegou.¹⁰²

3.1.3 O sucesso das igrejas de Simão Gramlich

No texto de Checa-Artasu (2013), é possível encontrar uma referência ao trabalho de Simão Gramlich, onde o professor destaca que o desenvolvimento da carreira de Gramlich e a aceitação de suas obras em cidades como Venâncio Aires (RS), Santa Cruz do Sul (RS), Gaspar (SC), Brusque (SC) e Itajaí (SC) não é casual. A presença nessas localidades de imigrantes da mesma nacionalidade que a dele facilitou sua instalação: havia ali maiores possibilidades de desenvolvimento de trabalhos (CHECA-ARTASU, 2013, p. 17). Gramlich, recém-chegado da Alemanha, dominava a linguagem arquitetônica desejada pelos imigrantes alemães. Havia, por parte desses clientes, o anseio por recordar seus locais de origem, o que ficava evidente tanto nas arquiteturas religiosas quanto em suas próprias moradias: “Ambos elementos edilícios: iglesias y viviendas, formaban parte de una concepción del território que

¹⁰² Considera-se aqui necessário que se faça, futuramente, um estudo aprofundado sobre as igrejas construídas no Sul do Brasil, talvez até mesmo começando por um único estado ou região do estado, mostrando um panorama dessa produção. Somente assim, seria possível distinguir as reais contribuições desses profissionais que migraram na década de 1920 para o crescimento do neogótico na região. Poderiam ser respondidas questões, como: quem estava produzindo em cada década? De quanto em quanto tempo se começa a vislumbrar alguma modificação estilística ou estética nos projetos? Quais as diferenças regionais? Quais as diferenças e semelhanças entre o neogótico produzido pelos diversos profissionais elencados?

había sido modelado por esos colectivos migrantes a lo largo de una centúria, buscando similitudes cin su tierra natal” (CHECA-ARTASU, 2013, p. 18), o que explica, em parte, a grande quantidade de exemplares arquitetônicos nas regiões de colonização alemã, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, que se assemelham àquelas produzidas no Norte europeu.

Já foi visto anteriormente que, no contexto da construção da Catedral de Santa Cruz do Sul, a imprensa daquela cidade buscou refletir sobre aquela edificação como um marco do sucesso dos teuto-brasileiros no país. O artigo chegou a comparar o espírito sacrificial daqueles que se dedicaram à construção de grandes igrejas na Alemanha ao movimento que se estava empreendendo em Santa Cruz do Sul. Há aí um sentido de desejo de continuidade da cultura germânica em terras brasileiras:

Da antiga pátria alemã às vastas regiões do sul do Brasil, há um longo caminho e, no entanto, culturalmente falando, é apenas um pequeno passo. O mesmo espírito, as mesmas esperanças e desejos, o mesmo poder de ação e a mesma aspiração despertam nossos colegas de ascendência alemã, que aqui criaram um novo lar. Enquanto as primeiras décadas foram cheias de trabalho para criar a nova pátria, nós viemos fertilizar essa pátria recém-criada com a nossa antiga cultura alemã e dar-lhe o selo do nosso espírito (KIRCHENBAUTEN, 1929, p. 1, tradução nossa)¹⁰³

Os templos citados, nesse artigo, como monumentos religiosos dos quais o autor sugere serem conhecidos dos leitores, por terem já ouvido falar, são: as catedrais de Colônia, Estrasburgo, Viena (Santo Estevão), Ulm, e Munique (Nossa Senhora), todos exemplares góticos com construção iniciada entre os séculos XII e XVI. E assim como essas igrejas eram consideradas como monumentos culturais e religiosos para os alemães, a escolha do projeto Gramich era vista por aqueles fieis como um marco da cultura germânica em terras brasileiras.

Isso faz lembrar o texto de Crettaz-Stürzel (2017), já comentado ao final da subseção “As origens do neogótico e sua associação com os profissionais alemães”, no qual demonstra que, em meados de 1800, havia, na Alemanha, a necessidade de construção de monumentos históricos coletivos para aqueles que não o tivessem. Essa associação entre a valorização do neogótico e a necessidade de um monumento coletivo é justamente o que se vê no artigo do jornal *Kolonie*: os teuto-brasileiros de Santa Cruz do Sul, como não possuíam um monumento que representasse seu grupo, desejaram construir uma igreja neogótica imensa, que ficaria registrada como monumento para a posteridade.

¹⁰³ Texto original: Von der alten deutschen heimat bis in die weiten Gefilde Südbrasilens ist ein weiter Weg, und doch, kulturell betrachtet, nur ein kleiner Schritt. Derselbe Geist, dieselben Hoffnungen und Wünsche, dieselbe Tratkraft und dasselbe Streben beseelen unsere Volksgenossen deutscher Abstammung, welche sich hier eine neue Heimat geschaffen haben. Waren auch die ersten Jahrzehnte erfüllt von Arbeit und wieder Arbeit, um diese neue heimat zu schaffen, so sind wir jesst dahin gelangt, diese neugeschaffene Heimat mit unserer alten deutschen Kultur zu befruchten und ihr den Stempel unseres Geistes aufzudrücken.

Em Santa Catarina, porém, ainda que Gramlich tivesse maior atuação em cidades com grande quantidade de descendentes de alemães, não se encontrou nenhum texto ligado às suas obras que buscasse exaltar a operosidade dos teuto-brasileiros. O único discurso que se manteve foi o de se desejar a construção de obras monumentais, tanto que o projeto confeccionado por Gramlich para a igreja matriz da cidade de Rio do Sul, sendo já de grande porte, foi modificado a pedido do padre que administrava a construção, pois queria torres mais imponentes e outros ajustes que conferissem ainda maior grandeza à obra (ARECO, 2002, p. 46).

Os anúncios de inauguração da Igreja Matriz de Itajaí em 1955 exaltavam a grandiosidade e beleza daquele templo, relacionando isso ao empenho e fé da comunidade católica daquela cidade. A altura das torres, que poderiam ser vistas de vários pontos da cidade, foi um comentário que apareceu mais de uma vez nesses textos, e é interessante que, em uma ocasião além dessa grandiosidade da matriz ser destinada à população local, o visitante de outra cidade também é incluso na apreciação:

Constitui verdadeira festa para os olhos, sempre que chegamos a uma localidade, na cidade ou na campanha, avistar a torre de uma Igreja destacando-se, céu acima, das demais edificações; umas austeras, outras de fulgurante beleza, mas todas com majestade e imponência. Percebemos que ali reina paz e bondade, emanados do sentimento religioso.

Esse sentimento que – para nós, mais do que para o forasteiro, que o tem, empolgado pela primeira visão – ao deparar com a sublimidade da nossa Matriz, de impressionante majestade, dominando amplamente, quatro das principais vias públicas de Itajaí, com suas torres arrojadas destacando-se no azul celeste da cidade, como que cumprimentando, lá do alto, o visitante que, longínquo se aproxima, impressiona, infunde respeito e alegria (MELLO, 1955, p. 1).

O fato de o visitante estar contemplado nesse texto não é mera casualidade. Naquela data, o jornal que abrigava tal artigo estava com uma edição especial por seu aniversário de 20 anos e, com mais páginas disponíveis, puderam incluir diversas imagens e textos fazendo propaganda da cidade, inclusive da praia de Cabeçudas, que ocupa, abaixo do texto da matriz, também a primeira página. Assim, percebe-se que o anúncio de inauguração daquela matriz desejava colocá-la num rol de lugares a serem visitados, em Itajaí, por turistas, assim como a praia de Cabeçudas.

A exaltação da monumentalidade das obras de Gramlich pode ser vista também na Revista Blumenau em Cadernos, que em seu Tomo I apresentou uma série de pequenos textos sob o título “Monumentos do Vale do Itajaí”¹⁰⁴, nos quais, das cinco obras apresentadas, três eram de autoria de Gramlich: as igrejas matrizes de Itajaí, Rio do Sul e Gaspar.

¹⁰⁴ Esse é o título que consta no índice geral, encontrado na página 239 da Revista Blumenau em Cadernos de dezembro de 1958, Tomo I, nº 12. O texto sobre a matriz de Itajaí aparece no Tomo I, nº 6, de abril de 1958, na

Mais adiante, ainda nesse capítulo e em alguns outros, se tornará a falar sobre o uso do estilo neogótico por Simão Gramlich e outras questões relativas à construção da igreja matriz de Itajaí. Cabe aqui, porém, concluir que, ainda que se considere verdadeira a proposição de Checa-Artasu (2013), que relaciona a presença do estilo neogótico em localidades com descendentes de alemães, fazendo, assim, com que Gramlich fosse atraído para esses lugares devido sua atividade profissional, constata-se que, com o passar dos anos, essa associação já não é mais tão marcante, sendo a monumentalidade da obra mais importante do que sua possível vinculação étnica.

Até mesmo a associação entre monumento religioso e a estética neogótica vai se diluindo ao longo da primeira metade do século XX. Na década de 1950, Simão Gramlich projetou grandes igrejas, com a mesma volumetria advinda do neogótico dos primeiros anos de sua produção no Brasil, porém, com o emprego de fachadas menos ornamentadas ou pautadas, por exemplo, no Art Déco, congregando, assim, uma linguagem da modernidade com uma volumetria que correspondia à ideia que se tinha de proporções para um monumento coletivo. Isso pode ser visto na igreja matriz da cidade de Antônio Carlos (Figura 23).

Figura 23 – Igreja Matriz da cidade de Antônio Carlos (Paróquia Sagrado Coração de Jesus)



Fonte: Arquidiocese, 2015.

Cabe também relatar, ao final dessa subseção, que, por se ter percebido a importância dessas igrejas como monumentos, não se pode dar crédito à depreciação feita por Bruand (1981) ao neogótico produzido no Brasil, visto por ele como repleto de “falta de gosto” (p.

página 118, com o título “Monumentos da Baía do Itajaí; o mesmo título é dado para o texto da matriz de Gaspar, que se encontra no Tomo I, nº 7, de maio de 1958, na página 127; o último texto, porém, sobre a matriz de Rio do Sul, recebeu o título “A Baía do Itajaí e os seus monumentos”. Esse texto se encontra no Tomo I, nº 10, dos meses de setembro e outubro de 1958, na página 185.

42), “falta de conhecimentos arqueológicos” (p. 42), fazendo “miscelâneas arbitrárias” (p. 43), com “falta de pedra de boa qualidade” (p. 43) e uso “de tristes revestimentos de cimento cinzento” (p. 43) e sem merecimento de “exame mais detalhado” (p. 43), pois a linguagem instalada não pretendia ser uma cópia das experiências europeias, mas sim, compartilhar da ideologia de valorização dos monumentos coletivos que se espalhou por todo o Ocidente.

3.2 LINGUAGENS ARQUITETÔNICAS E A “MODERNIDADE POSSÍVEL”

Ao mesmo tempo em que a década de 1920 foi o ápice do uso da linguagem neogótica em arquitetura no Brasil, também foi o período do início das mais duras críticas sofridas por ela em terras brasileiras. O motivo dessa detração está ligado à busca por um estilo arquitetônico que representasse o Brasil, movimento iniciado entre os intelectuais e políticos, associado à formação de um campo da arquitetura no país não possível nas décadas anteriores, devido à ínfima quantidade de profissionais disponíveis e necessários no mercado de trabalho. Assim, o desejo de uma arquitetura genuinamente brasileira que ergueu sua bandeira nos anos 20 e viu seu sonho concretizado com a inauguração de Brasília, em 1960, resultou na adaptação dos profissionais de origem teuta presentes no país.

Assim, para melhor compreender tanto a formação desse campo, como a atuação dos profissionais estrangeiros dentro desse espaço em disputa que foi se modificando ao longo do século XX, na próxima subseção serão apresentadas algumas posições tomadas no campo da construção civil brasileira entre as décadas de 1920 e 1960, período no qual Gramlich viveu no Brasil, evidenciando os usos e discursos acerca das linguagens arquitetônicas e contrastando a atuação dos profissionais vindos da Alemanha com as falas dos acadêmicos vanguardistas da arquitetura no Brasil.

3.2.1 Neocolonial

Anteriormente, foram vistas algumas balizas do campo da arquitetura em formação e consolidação no Brasil, sendo que, a regulamentação profissional para arquitetos, engenheiros e agrimensores, em 1933, e a criação do CONFEA-CREA foram considerados balizas essenciais na demarcação desse microcosmo. Dessa forma, também se vê a Revista “Architectura no Brasil”, que exerceu relevante posição como um dos sustentáculos do campo da arquitetura no Brasil, colocando em pauta novas formas de projetar e uma nova estética para o país. Antes do campo da arquitetura no Brasil ter se consagrado com a inauguração de

Brasília e a exaltação da Arquitetura Moderna, foram as páginas daquela revista, que circulou entre 1921 e 1926, as responsáveis pela divulgação do estilo neocolonial, visto como uma etapa necessária para que se vencesse os estrangeirismos aplicados em solo brasileiro. Essa exaltação do neocolonial como degrau essencial para se chegar ao modernismo pode ser visto na historiografia da arquitetura no Brasil, por exemplo, em Bruand (1981, p. 52), em que afirma que

Seria um erro, porém, desprezar o aspecto psicológico da questão e considerar a moda do neocolonial como um episódio inconsequente. Esse movimento foi na realidade a primeira manifestação de uma tomada de consciência, por parte dos brasileiros, das possibilidades do seu país e da sua originalidade. Já assinalamos anteriormente a importância desse fenômeno, sem o qual a arquitetura brasileira não seria o que hoje é.

Um dos articulistas mais ferozes da revista “Architectura no Brasil”, na defesa do neocolonial no Brasil, foi José Mariano Filho¹⁰⁵. Apesar de ter se formado em medicina, a paixão de José Mariano era as artes, especialmente a arquitetura. Seguiu carreira como escritor e crítico de arte, chegando a assumir cargos como a direção da Escola Nacional de Belas Artes e a presidência do Instituto Brasileiro de Arquitetos e da Sociedade Brasileira de Belas Artes (LEMOS, 1994, p. 158). Na revista “Architectura no Brasil”, ele foi o responsável pela publicação do artigo “Os dez mandamentos do estilo neocolonial” e custeou a viagem de alguns estudantes para registro da arquitetura colonial brasileira, um desses agraciados foi Lúcio Costa, que fez sua investigação na cidade de Diamantina (LEMOS, 1994, p. 158).

Além de José Mariano, outro nome se destaca na defesa do neocolonial luso-brasileiro, o pioneiro Ricardo Severo¹⁰⁶. Esse engenheiro-arquiteto português foi o primeiro no Brasil a defender, em uma conferência, uma inspiração da arquitetura colonial luso-brasileira para a criação de novas obras (LEMOS, 1994, p. 150). Apesar de seu discurso ter sido proferido em 1914, a prática das construções só se deu alguns anos depois, ao ganhar mais adeptos a sua defesa¹⁰⁷. No começo da década de 1920, o desejo de Severo havia se realizado e diversos profissionais passaram a inspirar-se na arquitetura luso-brasileira, fazendo com que os estudos coloniais no Brasil tomassem impulso.

Tanto José Mariano quanto Ricardo Severo desejavam que o neocolonial, ou a arquitetura tradicional, como era chamado inicialmente, fosse aplicado no Brasil como arma

¹⁰⁵ Chamava-se José Marianno Carneiro da Cunha Filho, mas costumava assinar apenas José Mariano Filho. Nasceu no Recife em 1881 e faleceu no Rio de Janeiro em 1946.

¹⁰⁶ Ricardo Severo da Fonseca e Costa nasceu em Lisboa em 1869 e faleceu na cidade de São Paulo em 1940. Era Engenheiro-arquiteto e arqueólogo.

¹⁰⁷ O primeiro projeto de Ricardo Severo no estilo tradicional foi a casa do banqueiro Numa de Oliveira, construída entre 1916 e 1917.

de defesa contra os estrangeirismo permitidos e largamente utilizados no país através dos estilos históricos do Ecletismo, mas, para Lemos (1944, p.160), no fim das contas, o neocolonial não passou de mais uma “variante eclética historicista”. Muitos outros nomes embarcaram nessa disputa, sendo um dos mais famosos Mário de Andrade, especialmente quando publicou uma série de estudos intitulados “A arte religiosa no Brasil” na Revista do Brasil, e Monteiro Lobato, que parabenizou a iniciativa de Severo. Os modernistas, nas artes, a conhecida vanguarda brasileira, realizaram expedições investigativas para Minas Gerais com o objetivo de conhecer mais acerca da arte colonial do país. Além disso, na Semana de Arte Moderna de 1922, os projetos arquitetônicos apresentados, especialmente os de Georg Przyrembel, tentavam seguir o neocolonial luso-brasileiro (LEMOS, 1994, p. 159).

Esse revivalismo carregado de paixão nacionalista, entretanto, não é uma particularidade brasileira. Em toda a América, pode-se ver o mesmo movimento ocorrendo entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, anos que marcaram as comemorações de independência desses países que, apesar de terem se desligado da subjugação direta de outra nação dominante, criaram o discurso de necessidade de independência cultural, sem vínculos com a Europa. O livro organizado por Aracy Amaral “Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos” (1994) permite uma boa visão desse panorama na América Latina.

Em um dos artigos dessa obra, Lemos (1994), ao falar do Brasil, reforça o caráter combativo do neocolonial em São Paulo, local onde Severo proferiu sua conferência. O autor percebeu que o estilo tradicional naquela cidade era uma forma de reafirmação da classe média frente aos imigrantes enriquecidos que, em grande quantidade naquela cidade e em todo o país, inclusive, buscavam aplicar por sua vez estilos que se aproximassem de sua terra natal. Assim, o neocolonial e os estudos acerca da produção colonial luso-brasileira foram vistos, pela maior parte dos intelectuais desse país, como armamento necessário e eficaz no combate aos estrangeirismos permitidos pelo Ecletismo e contra a sublevação cultural dos imigrantes aqui instalados.

3.2.1.1 Neocolonial x Neogótico

Esse embate travado contra os “estrangeirismos”, na arquitetura, pode ser notado caricatamente na seleção de um anteprojeto para a construção da igreja matriz católica da cidade de Santa Cruz do Sul (RS), na década de 1920, na qual, Simão Gramlich participou.

Naquela ocasião, antes de se ter decidido fazer um concurso, alguns arquitetos entraram em contato com o vigário responsável pela paróquia para oferecerem seus serviços. Gramlich propôs uma obra neogótica e o arquiteto autodidata Vitorino Zani também explorou essa linguagem, porém, mais “suavizada”, congregando o neorromano. Tanto o religioso quanto os fiéis da comissão construtora eram de origem teuta e ficaram admirados com o projeto de Gramlich, optando por seu trabalho (WINK, 2006, p. 52).

O Bispo Dom João Becker, entretanto, não permitiu que se realizasse aquela construção sem que, os arquitetos, devidamente inscritos num concurso, seguindo as regras estipuladas no edital, tivessem seus projetos enviados para Porto Alegre, onde uma comissão formada por especialistas julgaria os três primeiros colocados¹⁰⁸. Na comissão formada pelo Bispo estavam: o arquiteto Josef Hruby, que costumava trabalhar na capital para a Igreja Católica; Henrique Pereira Netto, formado pela Escola de Engenharia de Porto Alegre; João José Pereira Parobé, diretor da Escola de Engenharia de Porto Alegre e o Cônego João Maria Balem (WINK, 2006, p. 55).

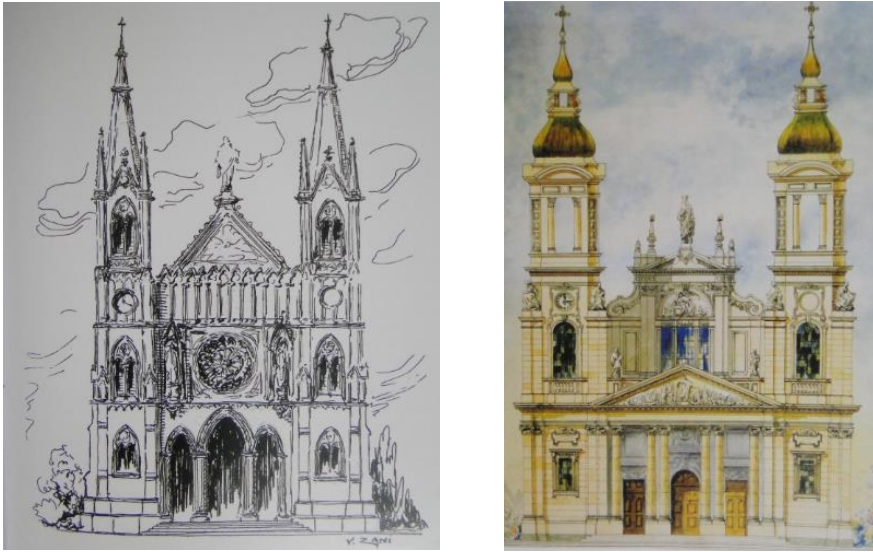
Nenhum dos membros da comissão julgadora, exceto Hruby, possuía afinidade com a linguagem gótica, os demais estavam ligados à academia e certamente tinham conhecimento do que circulava na revista “Architectura do Brasil” (1921-1926) e das conferências proferidas pelos defensores do neocolonial no Brasil.

Analisando a composição dessa comissão, é provável que Vitorino Zani tenha se dado conta que seu projeto, com inspiração medieval, não seria bem aceito. O fato é que, sagazmente, ele deixou de lado o primeiro projeto e fez um novo desenho para a fachada baseado na linguagem barroca, o que agradou soberanamente a comissão, fazendo com que ele levasse o primeiro lugar no concurso.

Zani sabia se mover nesse espaço em disputa, para a comissão formada por industriais de origem teuta, formulou um projeto medieval, mas, para a comissão de intelectuais ligados à escola de Engenharia, o barroco foi escolhido. A seleção do estilo, no qual o templo seria construído, nesse caso, não foi apenas uma questão de preferências, mas estava pautada numa posição ideológica acerca da defesa de uma identidade, em contraposição a outros grupos. Nessa vertente, o barroco reafirmava uma identidade brasileira, enquanto os estilos medievais atuavam em defesa do imigrante.

¹⁰⁸ O concurso ocorreu em 1927.

Figura 24 - Desenhos realizados por Vitorino Zani para a Igreja Matriz de Santa Cruz do Sul¹⁰⁹



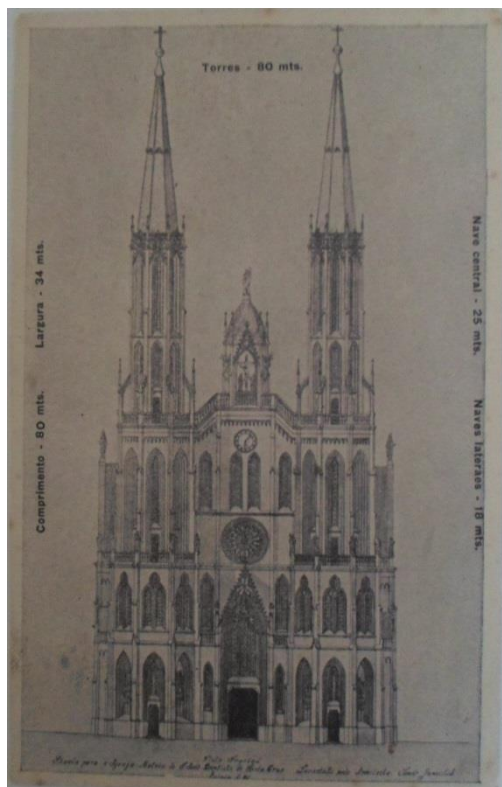
Fonte: Wink, 2006.

A notícia de que Victorino Zani havia ganhado o concurso consternou os fieis de Santa Cruz do Sul (WINK, 2006, p. 56), pois havia uma relação de simbologia étnica na escolha do projeto gótico de Gramlich pela comunidade, como poderiam agora aceitar um projeto com feições barrocas?

Indignada, a Comissão Construtora de Santa Cruz do Sul enviou diversas cartas para a Cúria Metropolitana pedindo a aprovação do projeto de Gramlich, ainda que ele tivesse sido desclassificado. Sim, para piorar a situação, Simão Gramlich foi desclassificado porque seu projeto excedia o valor que deveria ser gasto na construção. Outro argumento que abalava a posição do concurso surgiu: o projeto de João Neumann, que ganhou em segundo lugar, também estava em desacordo com o edital, ele havia projetado uma fachada de 42 metros sendo que o terreno para a construção só possuía 39 metros de largura (WINK, 2006, p. 58). Depois de meses de discussões e intrigas, o projeto de Simão Gramlich foi aprovado pela Cúria Metropolitana, no dia 12 de janeiro de 1928 (WINK, 2006, p. 62). A comunidade católica de Santa Cruz do Sul venceu a queda de braço.

¹⁰⁹ Desenhos de 1926 e 1927, respectivamente.

Figura 25 – Cartão postal com projeto de Simão Gramlich para a matriz católica de Santa Cruz do Sul



Fonte: Acervo de Ronaldo Wink.

Figura 26 – Simão Gramlich (à esquerda de chapéu) no lançamento da pedra angular da matriz de Santa Cruz do Sul, no dia 3 de fevereiro de 1929¹¹⁰



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

3.2.1.2 Considerações sobre o *Mission Style*, o *Dutch Colonial Revival*, e os *Chalés* no Vale do Itajaí.

Ao se julgar os caminhos tomados pelo neocolonial no Brasil, estudiosos como Aracy Amaral questionam a autenticidade nacionalista desse movimento, que foi tão influenciado pela produção norte-americana através do cinema e das revistas de arquitetura (AMARAL, 1994). O neocolonial, nos Estados Unidos, não tinha características lusas, como no Brasil. Naquele país, o movimento de revivalismo do colonial na arquitetura começou na Califórnia, região que pertencia ao México até meados de 1848¹¹¹, e lá, a arquitetura resgatada como colonial era de origem hispânica. Posteriormente, outros revivalismos ocorreram nos Estados Unidos, como o *Dutch Colonial Revival* (Revivalismo Colonial Holandês – tradução nossa), que expandiu a moda dos Chalés.

¹¹⁰ A data do lançamento da pedra angular foi encontrada em Wink (2006, p. 66), onde há outra fotografia desse mesmo evento, mas sem a presença de Gramlich.

¹¹¹ México perdeu quase metade de seu território com a Guerra Mexicano-Americana, ocorrida entre 1846 e 1848.

Até mesmo Bruand (1981), com sua extensa obra acerca da Arquitetura Moderna no Brasil, onde exalta a produção do neocolonial luso-brasileiro como uma etapa essencial para o amadurecimento dos profissionais para a fase moderna que viria a seguir, admite que não foi “um estilo de origem autóctone” (p. 57) que predominou no neocolonial visto no Brasil, mas sim a moda “missão espanhola”, também conhecida como *mission style*, estilo californiano, estilo mexicano ou ainda neohispânico. A moda difundida pelos cenários californianos através do cinema e das revistas ganhou a América e, em praticamente todos os países desse continente, podem ser encontradas casas com linguagem que remeta ao *mission style*.

Essa aproximação do Brasil com a arquitetura norte-americana está relacionada a um projeto maior de formação de uma cultura pan-americana, que visava maior integração entre os países da América em detrimento da proximidade que se estabelecia com a Europa. Roberto Marcelo Caresia (2002), em sua dissertação de mestrado, “Ícones da vida moderna: tecnologia e saúde nos anúncios publicitários veiculados em Blumenau (1935-1955)”, mostrou como uma aproximação entre Brasil e Estados Unidos, no campo econômico, político e cultural foi refletido nas propagandas de produtos oferecidos através de jornais que circulavam em Blumenau. Caresia (2002, p. 13) afirmou que essa aproximação se deu a partir da década de 1930 e foi consolidada nas décadas de 1940 e 1950.

Já a tese de Sabrina Fernandes Melo (2018), “Entre história da arte e patrimônio: Robert Chester Smith e os lugares da temática colonial”, que trata da trajetória do norte-americano Robert Smith, imbricada nas discussões sobre arte, nacionalismo e a arquitetura colonial no Brasil, mostrou o interesse dos Estados Unidos por esse país, para reforço de uma parceria pan-americana através de um esforço de conhecimento da arte brasileira, com o envio de pesquisadores para cá e incentivo para que intelectuais brasileiros conhecessem aos EUA.

Fazendo uma busca rápida nos jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com o termo “estilo californiano”, foi possível encontrar diversas revistas do Rio de Janeiro, mas de circulação nacional, que falavam sobre esse estilo e até traziam o projeto para ser copiado. Na Revista da Semana, por exemplo, de 1944, é possível encontrar um projeto de “Casa para pequeno terreno – 8,66 de frente, estilo moderno com perfil arquitetônico californiano” (O LAR, 1944, p. 48) e em outra edição do mesmo ano, a revista ensina a mobiliar residências de estilo colonial californiano, mas antes, faz um elogio a essa tipologia:

A arquitetura colonial californiana, cujas linhas características tão bem se adaptam ao clima brasileiro, tem sido sabiamente seguida pelos nossos engenheiros civis, sendo um aspecto comum encontrarmos ruas inteiras edificadas à maneira dos antigos palacetes da “Terra do Ouro” (ESTILO, 1944, p. 51).

Na revista *A Casa*, pode-se ver menções ao estilo californiano desde 1932 (ESTILO, 1932, p. 22), mas é na década de 1940 que ele ganha mais espaço naquelas páginas, mesma década que Aracy Amaral identifica como a de expansão do “estilo mexicano”, em São Paulo. (AMARAL, 1994, p. 14). A autora argumenta que os Estados Unidos foi um exportador vigoroso de modas arquitetônicas e que isso causou equívocos em vários países da América Latina. Sobre o “estilo mexicano” em São Paulo, que ela considera como um desses equívocos, comenta:

Lo mismo puede decirse acerca del tardío “estilo mexicano” de los años 40 que tuvo lugar em São Paulo después del estilo neocolonial propiamente dicho, aunque fuera em realidade uma secuencia de éste. Dicho estilo incorporaba a la residencia la torre cilíndrica o cuadrangular – elemento falso que no tenía ninguna relación com el pasado constructivo colonial em Brasil -, los paneles de azulejos, los balcones de madera a la manera hispánica, las agujas y ornamentos de hierro forjado, elementos inspirados también em revistas norteamericanas (AMARAL, 1994, p. 14).

Foi também na década de 1940 que as residências em estilo californiano ganharam o Vale do Itajaí. Pode-se ver o sucesso delas não apenas em seu uso frequente, mas também no destaque que tinham em algumas publicações que circulavam pelo litoral norte catarinense. No “Anuário de Itajaí”, lançado em 1959¹¹², quatro edificações em estilo californiano ganharam destaque, sendo elas: a Sociedade Guarani, na Rua Hercílio Luz; o Herbário Barbosa Rodrigues, na Avenida Marcos Konder; e as residências de Genésio Miranda Lins, diretor do Banco INCO, em Cabeçudas, e a de Paulo Bauer, prefeito de Itajaí entre 1951 e 1956, na Rua Guarani.

Já em Blumenau, no periódico “O Vale do Itajaí: lavoura, indústria, comércio”¹¹³, com uma edição comemorativa do Centenário da cidade, em 1950, é possível encontrar imagens das residências em estilo californiano de Hugo Socker, Artur Rabe Júnior e Hercílio Deeke. Dos três exemplares, o mais elaborado e com maior destaque na publicação, ocupando sozinho uma página, era o de Hercílio Deeke, diretor do Banco Agrícola e Comercial de Blumenau (depois Banco INCO) e, na década de 1950, prefeito de Blumenau por dois mandatos (FAGUNDES, 2014, p. 230).

A residência de Deeke foi projetada em 1943 por Heinz Maar e construída por Augusto Koester, profissionais que atuavam em Blumenau¹¹⁴. Infelizmente, esse exemplar foi

¹¹² Exemplar que pode ser encontrado no CDMH-Itajaí. O Editor do Anuário de 1959 foi Laércio Cunha e Silva.

¹¹³ “O Vale do Itajaí: lavoura, indústria, comércio”, nº 64, ano VI. Recebi um exemplar de presente do senhor Sérgio Kander, neto de Rodolfo Kander (que foi cliente de Gramlich, possuía fábrica de camisas na Rua XV de Novembro). Existe um exemplar desse periódico no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Não se tem mais informações sobre a publicação, como, quem era o editor ou outros exemplares.

¹¹⁴ Informações coletadas de um livro manuscrito de registros de obras aprovadas pela prefeitura que se encontra na Praça do Cidadão em Blumenau.

demolido em 2012 (WITTMANN, 2015). Mas, na praia de Cabeçadas, em Itajaí, Hercílio Deeke possuía sua casa de veraneio, também em estilo neocolonial, que ainda encontra-se de pé, sem modificações significativas. O projeto da casa de Cabeçadas foi realizado em 1951 por Félix Malburg, engenheiro civil formado em 1926 na cidade de Juiz de Fora (MG). Félix era natural de Itajaí. Com ele, nesse projeto, atuou Richard Kaulich como desenhista, um arquiteto alemão que vivia em Blumenau (FAGUNDES, 2014, p. 230).

Figura 27 – Residência de Hercílio Deeke em Blumenau, projetada em 1943 por Heinz Maar¹¹⁵



Fonte: O Vale, 1950.

Figura 28 – Projeto de Félix Malburg, desenho de Richard Kaulich, para casa de veraneio para Hercílio Deeke, 1951¹¹⁶



Fonte: Fagundes, 2014.

¹¹⁵ Imagem coletada em edição especial de Comemoração do Centenário de Blumenau, 1950.

¹¹⁶ Imagem de projeto arquitetônico sob guarda do Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí

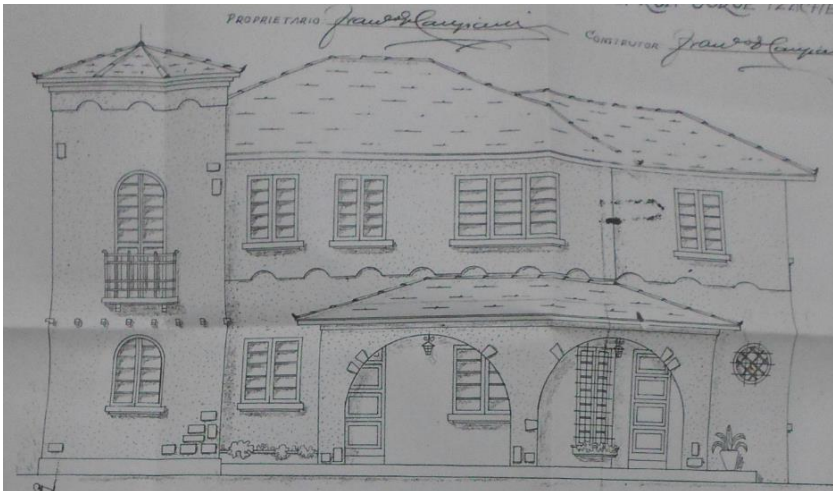
Figura 29 - Casa de veraneio de Hercílio Deeke na praia de Cabeçadas em Itajaí, projetada em 1951 por Félix Malburg



Fonte: *Google Street View*, 2019.

Além da persistência de uso do estilo californiano por Hercílio Deeke, membro da elite do Vale do Itajaí, o prestígio conferido a esse estilo se dava até mesmo na escolha dos próprios profissionais da construção civil, que o empregavam em suas residências, como é o caso de Francisco Canziani, brasileiro, construtor licenciado que atuava em Itajaí. Canziani possuía uma residência em estilo californiano, projetada por ele mesmo, possivelmente, em 1952¹¹⁷. Essa edificação ficava na Rua Jorge Tazchel, em Itajaí, mas atualmente não existe mais.

Figura 30 – Residência projetada por e para Francisco Canziani, construtor em Itajaí



Fonte: CDMH-Itajaí.

O projeto da residência de Canziani foi encontrado em uma pasta do Centro de Documentação de Memória Histórica de Itajaí destinada a documentos vindos do setor de Preservação de Patrimônio Histórico do Município, possivelmente agrupados na década de 1990. Junto a ele havia um breve comentário sobre a necessidade de preservação de alguns

¹¹⁷ No projeto, não foi possível identificar o ano, mas em uma listagem feita pela prefeitura que se encontra no CDMH-Itajaí consta um projeto de residência feito por Francisco Canziani para Francisco Canziani na Rua Jorge Tazchel em 1952.

exemplares que seguiam citados, todos eles de estilo californiano. Além da casa de Canziani, havia comentários ou documentos sobre: o prédio do Herbário Barbosa Rodrigues, projetado por Félix Malburg, aprovado pela prefeitura em 1950; uma residência na Rua Olímpio Miranda Junior para Aníbal Cesar, projetada por Luiz Alberto Nastari, engenheiro civil formado em 1948 na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro¹¹⁸; outras duas residências, uma na Rua Olímpio Miranda Junior e outra na Rua Lauro Muller, sem identificação; e a casa da família Bernardes, entre as ruas Lauro Muller e XV de Novembro, projetada na década de 1950. Desses seis projetos em estilo californiano indicados para a preservação, existem ainda apenas duas edificações. Nenhum dessas duas se constitui como patrimônio tombado, e uma delas, o Herbário, corre risco de ser demolida¹¹⁹.

Em Blumenau, dentre os 23 projetos arquitetônicos elaborados por Simão Gramlich com um ou mais elementos¹²⁰, que se baseiam no estilo californiano, apenas sete ainda existem sem grandes alterações; três foram descaracterizados; e treze não foram identificados devido a problemas com a indicação do endereço ou por terem sido demolidos (ver Quadro 4 e 5)¹²¹. Nenhum dos sete existentes é preservado por lei de tombamento.

Quadro 4 – Projetos de Simão Gramlich que apresentam características do estilo californiano¹²²

Proprietário	Ano	Condição
Marta Matilde Mahn	1945	Existente – descaracterizado
Curt Artur Weege	1946	Não identificado
Leopoldo Weise	1947	Não identificado
Armin Liller	1949	Não identificado
Hans Max Reinhold Carbe	1950	Não identificado
Walter Strauch	1950	Não identificado
Robert Max Schwab	1950	Existente
Helmuth Jahnke	1951	Não identificado
Wolfgang Herbert Ernst Richter	1951	Existente
Conrado Lenzi	1951	Existente
Arnoldo Gauche Junior	1952	Existente

¹¹⁸ As informações sobre Luiz Alberto Nastari foram coletadas em um livro de Registro de Profissionais da construção civil que passaram por Itajaí. Este livro manuscrito se encontra no CDMH-Itajaí.

¹¹⁹ Sobre o risco de demolição, consultar Spautz (2019).

¹²⁰ Características do estilo californiano que se consideram aqui: “maciças arcadas em arco-pleno, colunas torsas, reboco grosso em relevo com desenhos informais lembrando vagamente a decoração árabe” (BRUAND, 1981, p.57); “alpendres com arcos plenos, abatidos ou goticizantes, às vezes, arrematados por tijolos ou pedras dispostos aleatoriamente imitando aduelas; (...) gradis de ferro trabalhados em portas e janelas e nos guarda-corpos de balcões, alpendres suspensos etc.; (...) mísulas de ferro forjado sustentando balcões” (D’ALAMBERT, 2003, p.196), “torreão de planta circular, coberto por telhado cônico, marcando a caixa da escada no flanco do arcabouço” (D’ALAMBERT, 2003, p.196); e “Outros elementos característicos da linguagem hispanoamericana estão nos gradis das esquadrias, nas falsas chaminés e no nicho para imagens de santos católicos, além do embasamento em pedra aparente” (LUCENA, CAVALCANTI FILHO, 2012, p. 19).

¹²¹ Para mais informações sobre os projetos em estilo californiano realizados por Simão Gramlich, consultar Braga (2017).

¹²² Quadro elaborado pela autora através da pesquisa e análise de projetos arquitetônicos encontrados no Arquivo Intermediário-Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Heriberto Joseph Müller	1952	Não identificado
João José Klein	1952	Não identificado
Otto Kalies	1953	Não identificado
Frieda Steiner	1954	Não identificado
Virgílio Campestrini	1954	Existente
Horst Álvaro Schlupp	1954	Existente
Willy Setter	1954	Não identificado
Edgar Knaesel	1955	Não identificado
Benedito Campos Girão	1955	Não identificado
Walter Strassmann	1956	Existente – descaracterizado
Odorico Soares	1956	Existente
Walter Strassmann	1956	Existente – descaracterizado

Fonte: Autora.

Quadro 5 - Algumas residências com inspiração no Estilo Californiano projetadas por Simão Gramlich, Blumenau.¹²³

		
Propr. Robert Max Schawb Ano do projeto: 1950	Propr. Arnaldo Gauche Junior Ano do projeto: 1952	Propr. Virgílio Campestrini Ano do projeto: 1954

Fonte: Autora.

Figura 31 – Residência projetada por Simão Gramlich para Marta Matilde Mahn em 1945, Blumenau¹²⁴



Fonte: Google Street View.

Acredita-se que um dos motivos da falta de atenção dada ao estilo californiano é a ausência de estudos que tragam esclarecimento sobre essa produção arquitetônica no Vale do Itajaí. Em meio aqueles documentos do CDMH-Itajaí citados, a justificativa dada para a preservação da casa da família Bernardes (ver figuras 32 e 33), por exemplo, mostra essa ausência de conhecimento sobre o neocolonial, com a seguinte descrição: “(...) em estilo arquitetônico proto-moderno, predominante no Brasil nas décadas de 40 e 50, com um

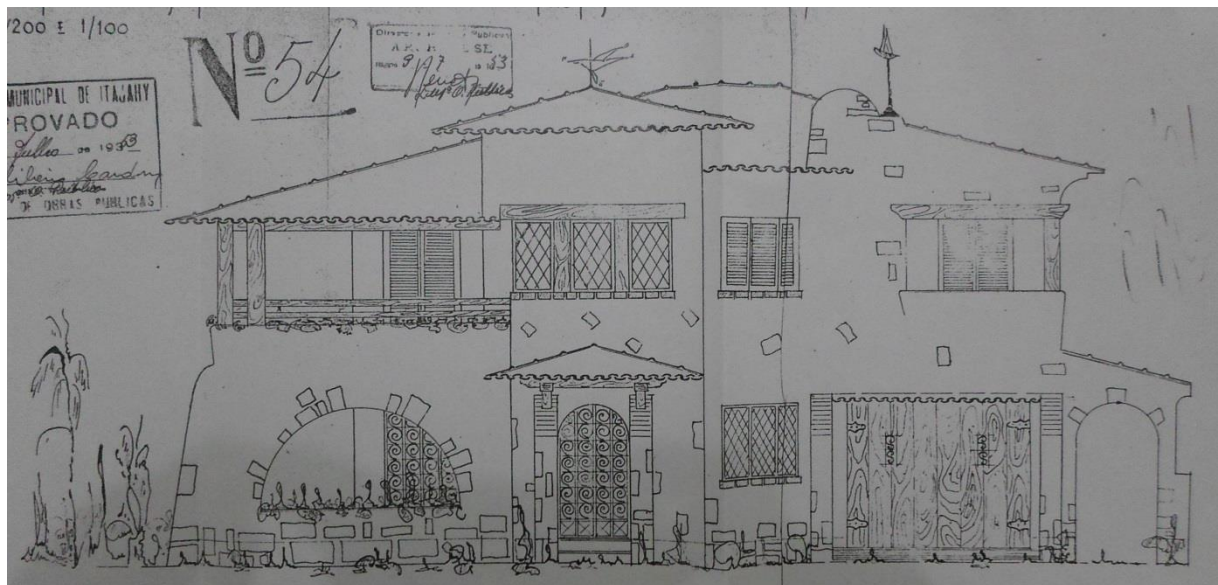
¹²³ Fonte das imagens: Google Street View, 2019.

¹²⁴ Na primeira imagem em 2016, na segunda, em 2017.

maneirismo local, percebido pelos elementos de influência germânica, como as aberturas, um belo jardim, com ampla área (...)»¹²⁵.

Sobre a caracterização dessa arquitetura como proto-moderna, ainda que não se considere uma definição coerente, pode-se aceitá-la por ter sido amplamente utilizada por intelectuais que escreveram sobre as arquiteturas do século XX, que antecederam e conviveram com a Modernista. Sobre a predominância do estilo nas décadas de 1940 e 1950, concorda-se, pois, observando tanto os exemplares citados nos documentos de Itajaí quanto às obras de Gramlich nesse sentido, tem-se tal predominância. Mas, “maneirismo local” e “influência germânica”, não parecem fazer parte do projeto da Casa Bernardes, especialmente como se atribui às “aberturas”. Tais aberturas: janelas, varanda e porta possuem elementos marcadamente do estilo californiano, como o uso de arco pleno, arco da varanda à esquerda contornado por pedras que imitam aduelas, madeira no balcão, porta marcando a torre arredondada, decoração com gradil nas portas, entre outras. Além disso, em nenhum momento se deu alguma explicação que ligasse essa arquitetura ao estilo neocolonial, californiano, ou qualquer menção a uma moda advinda dos Estados Unidos ou influência dos grandes centros brasileiros.

Figura 32 – Desenho da fachada da casa da Família Bernardes, Itajaí



Fonte: CDMH-Itajaí.

¹²⁵ Documento avulso na pasta de materiais do setor de Patrimônio Histórico de Itajaí no CDMH-Itajaí.

Figura 33 – Vista parcial da fachada frontal da Casa Bernardes, Itajaí (não mais existente)



Fonte: CDMH-Itajaí.

Essa falta de atenção ao estilo californiano não ocorre apenas em Itajaí. Dentre as mais de 50 obras registradas no Livro Tombo do Município de Blumenau¹²⁶, não há nenhuma com características marcadamente advindas desse estilo, ainda que ele esteja espalhado por toda a cidade. Mais sorte em Blumenau teve o *Dutch Colonial Revival*, cuja modalidade revivalista fez sucesso nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, especialmente na década de 1920¹²⁷. A principal característica dessa tipologia que se disseminou por diversas partes do mundo é o telhado *Gambrel*¹²⁸. Faltam estudos no Brasil que discutam a presença dessa arquitetura no país.

Podemos dizer que o *Dutch Colonial Revival* teve mais sorte em Blumenau do que o *Mission Style*, porque no Livro Tombo do Município não há obras com características do estilo californiano, mas, em compensação, há cinco chalés com telhado *Gambrel* registrados. Desses cinco, apenas um foi construído antes dos anos 20. É interessante perceber que o tombamento dessas edificações está associado a uma preservação da “Arquitetura de imigração alemã”, conforme se vê no registro de tombamento de um chalé projetado por

¹²⁶ Livros Tombo de Blumenau, volumes I e II (SANTA CATARINA, 2008).

¹²⁷ COLONIAL Revival: Dutch Colonial. Disponível em: <http://www.antiquehome.org/Architectural-Style/dutch-colonial.htm>. Acesso em: 15.11.2019.

¹²⁸ Mais adiante se dará explicações sobre este tipo de telhado. Ele pode ser visto na figura 37 e no quadro 5, nas residências de Helmuth Gueths, Alberto Gueths e Ralf Gauche.

Simão Gramlich, mas não há nenhuma associação a essa moda, corrente nos anos 20, vinda dos Estados Unidos¹²⁹.

Não está se descartando a possibilidade dos clientes, descendentes de alemães, que solicitaram tais obras desejarem projetos que se assemelhassem às residências encontradas no Norte europeu, e até pode ser esse o motivo que faz com que se tenha mais desses chalés em Blumenau, do que em Itajaí, por exemplo¹³⁰. Mas, até que ponto esse “surto” de chalés na década 1930, como se pode ver nos projetos solicitados para Simão Gramlich, está mais associada a uma questão étnica de imigração do que uma moda norte-americana? Até o momento não se tem uma solução para o caso, mas parece que o caminho mais correto a se seguir é a conexão entre ambas: uma cultura que deseja reafirmar-se como alemã e encontra proveito em uma moda vinda dos Estados Unidos, que faz alusão a uma tipologia arquitetônica desenvolvida no Norte europeu.¹³¹

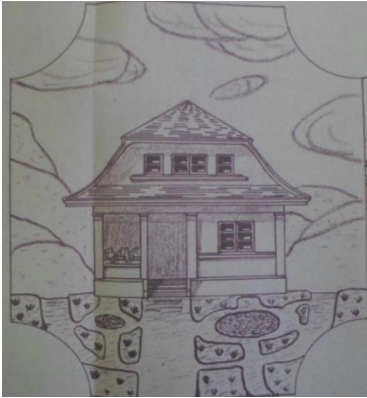
Sobre os Chalés, no geral, baseando-se no estudo apresentado por Reis Filho (1973), em “Quadro da Arquitetura no Brasil”, é possível dizer que esse tipo de construção veio para o Brasil no final do século XIX e trouxe consigo, por um lado, uma proposta de inovação, pois se opunha aos preceitos da arquitetura colonial desenvolvida no país tanto em relação ao sentido do telhado quanto à instalação no lote. Enquanto a residência colonial possuía suas águas voltadas para frente e para os fundos, permitindo, assim, que nas laterais houvesse outra construção, no chalé, as águas são laterais e os beirais devem avançar as paredes. Devido a esse avanço dos beirais, a residência fica isolada no terreno, possibilitando melhor ventilação e iluminação dos cômodos. Na fachada frontal, geralmente estão jardins afrancesados, que privilegiam a horizontalidade. No caso do terreno ser de maior dimensão, como em uma chácara, preferia-se os jardins ingleses, com quiosques e bancos com argamassa imitando galhos e troncos entrelaçados (MENDES; VERÍSSIMO; BITTAR, 2010, p. 160). Em alguns projetos realizados por Gramlich, é possível encontrar o desenho de um jardim francês, como na residência de João Pradi (figura 34).

¹²⁹ Informação contida na página 34 do Livro Tombo I de Blumenau (SANTA CATARINA, 2008).

¹³⁰ Blumenau (SC) foi uma colônia que recebeu diversas famílias alemãs. Ainda que houvesse outros grupos étnicos na cidade, havia ali uma hegemonia cultural germânica (CAREZIA, 2002, p. 3). Itajaí, município que congregava diversas etnias não tendo concentração tão considerável de elementos teutos.

¹³¹ Este caso precisa de um estudo aprofundado para ser solucionado. Infelizmente isso não será realizado aqui por escolha da autora, pois isto demandaria um esforço maior que acabaria por resultar em outra tese. Além disso, nos deparamos com esta questão tarde demais para que se tivesse tempo de explorá-la como convém.

Figura 34 - Projeto de Simão Gramlich para João Pradi, 1937¹³².



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Além das inovações que os chalés exigiam, eram vistos como sinônimo de bucolismo e possibilidade de entregar-se a uma paisagem idílica e pitoresca em oposição a todo o movimento industrial e a vida moderna que ocorriam nos centros urbanos. Geralmente, eram indicados como casa de campo, veraneio ou para bairros afastados. Na revista *Vida Doméstica* que circulou por mais de quarenta anos no Rio de Janeiro, os Chalé dos mais variados tipos são destaque na seção destinada à arquitetura, especialmente entre os anos 1928 e 1932. Em todos os anúncios essas residências são acompanhadas de um texto com uma descrição do projeto e a exaltação desses exemplares com um tom romântico de fuga da “insuportável vida na cidade” para “(...) uma casa de campo, num retiro entre as árvores, vendo ao longe o horizonte sem fim de uma planície ou o suave ondular das colinas, onde pascem rebanhos tranquilos no esquecimento de sua alma bíblica” (CASAS, 1928, p. 135).

Ainda que os Chalés estejam associados ao bucolismo ou até mesmo uma rememoração do Norte Europeu para alguns, é preciso salientar que eram vistos como um estilo moderno na década de 1920, como se pode ver em *Vida Doméstica*, no mesmo texto citado anteriormente, na qual se remete às colinas e aos rebanhos: “é uma habitação invejável de estylo moderno (...)” (CASAS, 1928, p. 135). Sobre o uso do termo “moderno” na década de 1920 e seu emprego na publicidade, Caresia (2002, p. 24-25) afirma:

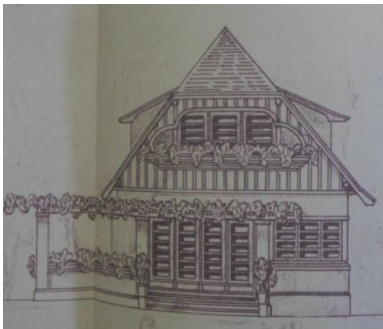
Nicolau Sevcenko diz que nos anos 1920 a palavra “moderno” se torna uma *palavra-fetice* que quando associada a um objeto ou produto *o introduz num universo de evocações e reverberações prodigiosas, muito para além e para cima do cotidiano de homens e mulheres comuns*. No âmbito da *tecnologia publicitária* tal palavra *se torna a peça decisiva para captar e mobilizar as fantasias excitadas e projeções ansiosas da metrópole fervilhante*. Com tais usos e abusos pela publicidade, “moderno” deixa de ser um mero registro temporal para concentrar *as melhores energias da imaginação e se traduz, por si só, no mais sólido predicado ético em meio à vasta expectativa por uma vida melhor*.

¹³² Informações para localização do projeto: Registro 72, Fotograma 698, Microfilme 02, 1937 – João Pradi.

O trecho que se refere à publicidade pode também ser utilizado para a reflexão sobre esses textos produzidos por *Vida Doméstica*, nos quais se cria uma expectativa de vida melhor ao se ter bens que expressam modernidade, tais como os chalés. Não é só o modernismo que era moderno, moderno também era o Chalé bucólico e a casa de estilo californiano, como se via nos cinemas e nas revistas.

Mais de quarenta Chalés foram projetados por Gramlich para Blumenau, sendo que a maioria deles possui dois andares, com o andar superior em tamanho reduzido, em comparação ao inferior, devido à angulação do telhado. Analisando esses desenhos, encontraram-se três tipos de telhados empregados com mais frequência: na década de 1930, era mais comum o uso do *Jerkinhead Roof* ou *Clipped Gable Roofs*, que a revista *Vida Doméstica* descreveu como o teto que se “encapucha ao alto da fachada” (CASAS, 1928, p. 135) e aparece nos projetos de Gramlich para João Pradi (figura 34) e Fritz Reimer (figuras 35 e 36), por exemplo.

Figura 35 - Projeto de Simão Gramlich para Fritz Reimer, 1937¹³³.



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Figura 36 – Antiga residência de Fritz Reimer¹³⁴.



Fonte: Google maps, 2016.

A partir de 1939 até 1959, há a predominância dos *Gambrel Roof*, típico do *Dutch Colonial Revival*. Não há uma tradução exata para o termo *Gambrel*, mas algumas discussões

¹³³ Informações para localização do projeto: Registro 89, Fotograma 714, Microfilme 02, 1937 – Fritz Reimer.

¹³⁴ Acesso em 11 out. 2017.

realizadas no Blog “Assim Mesmo”, que faz reflexões sobre a língua portuguesa, sugerem o uso de “telhado a duas águas com quatro pendentes” ou ainda “telhado de duas águas quebradas” (GUÉGUÉS, 2009). Na Revista *Vida Doméstica*, utiliza-se a denominação “telhado estylo flamengo” (POR QUE, 1928, p. 14), entretanto, sem correspondência em outros textos da própria revista ou em outras literaturas pesquisadas. Esse tipo é o preferido daqueles que solicitaram o projeto de um Chalé para Gramlich, tanto em Blumenau como em Pomerode. Como o frontão dessas residências não é coberto, como no *Jerkinhead*, é comum a presença de um óculo. A residência de Augusto Werner, projetada em 1939, é um exemplo de uso do *Gambrel Roof* por Gramlich (figura 37).

Figura 37 - Projeto de Simão Gramlich para Augusto Werner, 1939¹³⁵



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

O terceiro tipo de telhado mais comum nesses chalés é o de modelo simples com estrutura alongada diagonalmente e uma pequena inclinação próxima aos beirais. Não há um período de predominância desse modelo, ele é encontrado desde a década de 1930 até 1950, como na residência de Emílio Rosemann (figuras 38 e 39). Em Blumenau, vários deles ainda podem ser encontrados com poucas modificações. É preciso destacar, ainda, a mescla que algumas vezes o arquiteto fez entre o Chalé e a linguagem do *Mission Style*, que resultou em projetos como o da residência de Wolfgang Herbert Ernst Richter (figura 40 - existente); ou ainda com o neoclássico, como na residência projetada para Walter Hemmer (figura 41 – ainda existente).

¹³⁵ Informações para localização do projeto: Registro 62, Fotograma 941, Microfilme 02, 1939 – Augusto Werner.

Figura 38 - Projeto de Simão Gramlich para Emílio Rosemann, 1938¹³⁶



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Figura 39 – Antiga residência de Emílio Rosemann



Fonte: Google Maps, 2016.

Figura 40 - Projeto de Simão Gramlich para Wolfgang Herbet Ernst Richter, 1951¹³⁷



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

¹³⁶ Informações para localização do projeto: Registro 78, Fotograma 813, Microfilme 02, 1938 – Emílio Rosemann.

¹³⁷ Informações para localização do projeto: Registro 77, Fotograma 09, Microfilme 08, 1951 – Wolfgang Herbet Ernst Richter.

Figura 41 – Residência projetada para Walter Hemmer por Simão Gramlich



Fonte: Autora.

Ao analisar a produção arquitetônica de profissionais de origem teuta, como por exemplo, Franz von Knoblauch, Heinz Maar, Eugen Eyb e o próprio Simão Gramlich, que atuaram em núcleos coloniais germânicos no Brasil, percebe-se que se ignora o uso de elementos que remetam ao neocolonial luso-brasileiro, enquanto o estilo californiano e o revivalismo colonial holandês, ambos modas advindas dos Estados Unidos, foram empregados em grande quantidade por décadas. Não se considera que essa constatação seja uma tomada de posição dos profissionais contra o “estilo brasileiro”, mas as linguagens norte-americanas largamente difundidas na América eram desejadas por grande parte dos clientes, o que lhes garantia muitos projetos nesse segmento. Além disso, o colonial holandês era uma linguagem que fazia alusão à produção arquitetônica do Norte europeu, sendo desejada pelos imigrantes teutos também pela similitude com as construções de sua terra natal.

Ao refletir sobre a pesquisa realizada até aqui sobre o neocolonial de tendência luso-brasileira, o estilo californiano e o revivalismo colonial holandês, se percebeu o quanto a historiografia da arquitetura no Brasil privilegiou a primeira em detrimento das duas outras, em contraposição à realidade que se vivencia, se não em todo o país, mas pelo menos no Vale do Itajaí, onde se tem empreendido investigação no campo da arquitetura. Por aqui imperava a solicitação e exaltação de projetos em estilo californiano e chalés nas décadas de 1930 a 1950, e não o neocolonial luso-brasileiro, mas há um desconhecimento acerca da historicidade dessas tipologias, o que precisa ser revisto com urgência, pois essa lacuna tem propiciado a não preservação desses bens que estão desaparecendo das cidades.

Quadro 6 - Alguns chalés projetados por Simão Gramlich em Blumenau¹³⁸

		
Propr. Fritz Reimer Ano do projeto: 1937	Propr. Emilio Rosemann Ano do projeto: 1938	Propr. Helmut Hadlich Ano do projeto: 1938
		
Propr. Rudolfo Thomsen Ano do projeto: 1939	Propr. Ana Eschembach Ano do projeto: 1944	Propr. Helmuth Gueths Ano do projeto: 1944
		
Propr. Alberto Gueths Ano do projeto: 1944	Propr. Ralf Gauche Ano do projeto: 1951	Propr. Wolfgang H. Ernst Richter Ano do projeto: 1951

Fonte: Autora.

3.2.2 Art Nouveau, Art Déco e Racionalismo

Além dessas linguagens advindas de um revivalismo colonial na América, entre as décadas de 1920 e 1960, outros estilos circularam, alguns com mais ou menos força. A princípio, se havia pensado em tratar de algumas dessas outras linguagens separadamente: Arte Nouveau, Art Déco e talvez arquiteturas racionalistas, porém, ao começar a pensar em um padrão que distinguisse cada uma delas, percebeu-se o quanto, em alguns momentos, é quase impossível não tratar das três vertentes ao ver uma única obra.

¹³⁸ Quadro produzido pela autora a partir da análise dos projetos arquitetônicos de Simão Gramlich para a cidade de Blumenau, disponíveis no Arquivo Intermediário – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (Blumenau). Imagens coletadas no Google Maps/ Street View em 2018.

Ao longo deste texto, aparecerão alguns exemplos de intersecção dessas linguagens, inclusive ao observar as obras de Gramlich, mas se começará a explanação com um exemplo advindo do “Guia de arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro”. Nessa publicação do ano 2000, ao apresentar a residência Horácio Mendes de Oliveira Castro Filho, liga-se aquele exemplar reconhecido como Art Déco a uma inspiração racionalista:

Exemplar Art Déco de franca inspiração racionalista, esta edificação caracteriza-se pela justaposição e interpenetração de formas cilíndricas e cúbicas para compor um programa comum em arquitetura: a pequena residência. Especial menção deve ser feita ao terraço de planta circular apoiado por pilar único (CZAJKOWSKI, 2000, p. 94).

E algumas páginas depois, também mostrando essa possibilidade de intersecção de linguagens, mas apontando para a vertente modernista, ainda que se tenha feito o uso do termo “características já modernas” para o prédio da Escola Municipal República Argentina, fez-se a seguinte descrição:

Exemplar modelar de arquitetura déco, protomoderna. As janelas-escotilhas, o volume da escada, tal e qual uma ponte de comando naval e, os guarda-corpos de tombadilho são estilemas típicos dos anos 30. Em contrapartida, a composição assimétrica da planta, os quebra-sóis horizontais e a ausência de um acesso marcado e enfático são características já modernas (CZAJKOWSKI, 2000, p. 103).

No “Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis de Porto Alegre: Bairro Petrópolis”¹³⁹ se faz uma divisão conceitual entre Art Déco e Racionalismo, criando, assim, uma distinção de atribuição de linguagem para as arquiteturas inventariadas. A seguir, transcrevem-se os conceitos ali concedidos ao Art Déco e ao Racionalismo em consonância com as obras levantadas no bairro Petrópolis de Porto Alegre:

A linguagem déco (do francês arts décoratifs), usa motivos geométricos buscando identificação com a era industrial e a modernidade. No bairro Petrópolis, a presença do art déco pode ser observada em residências e nos primeiros edifícios de apartamentos, de maneira bastante simplificada, com predominância do cheio das paredes em relação às aberturas, com superfícies em planos e curvas, ornadas por frisos ou relevos simples, verticais e horizontais e coroamentos escalonados. A arquitetura racionalista é uma das vertentes da arquitetura moderna, com volumes em formas geométricas puras. No Bairro Petrópolis essa tendência de construções sólidas pode ser facilmente encontrada em construções residenciais unifamiliares, reconhecida como uma arquitetura típica do bairro pela recorrente presença na paisagem (PREFEITURA, [19--], p. 10).¹⁴⁰

De fato, os exemplos apresentados no trecho do inventário que se teve acesso cabiam isoladamente dentro de um grupo de características do Art Déco ou do Racionalismo, porém, como já se viu no “Guia do Rio de Janeiro”, isso nem sempre é possível, e foi com essa situação que nos deparamos ao analisar as obras de Simão Gramlich. Nas obras dele, ora

¹³⁹ Documento expedido pela Prefeitura de Porto Alegre, recebido por e-mail.

¹⁴⁰ No documento não consta a data, nem o autor, por isso foi referenciado como (PREFEITURA, [19--], p. 10).

tem obras com escalonamento nas platibandas e relevos verticais e horizontais como ornamento, marcadamente vindos do Art Déco, como o projeto feito para a Casa Moellmann, de 1938 (ver Quadro 8), ora tem um projeto como o casa de Edgar von Buettner, que congrega a estética do Art Nouveau, Art Déco e Racionalista, como será apresentado adiante. Diante disso, procurar-se-á dar algumas indicações sobre o emprego dessas linguagens nas obras de Gramlich e seus significados para o Vale do Itajaí, mas não se quer fazer com que cada uma delas caiba dentro de uma única conceituação estilística.

Assim, essa intersecção linguística da arquitetura começou a ser vista a partir do Art Nouveau, que já havia ganhado seu espaço no Brasil nos primeiros anos do século XX com profissionais como Karl Ekman e Victor Dubugras e que, em teoria, reagia contra o ecletismo, mas que, através desse seu inimigo, pôde ser incorporado em obras que congregavam outras linguagens e perpetuar-se por mais alguns anos (BRUAND, 1981, p. 44).

Gramlich explorou o Art Nouveau ao projetar uma residência em Brusque (SC) para o industrial Edgar von Buettner, na década de 1930 (ver Figuras 42, 43, 44, 45 e 46). Essa construção é um marco de avanço arquitetônico para a cidade ao abolir o telhado, deixando um amplo terraço livre, onde eram realizadas festas e foi disposto um mirante. Ao redor do terraço e do primeiro andar, fez-se um guarda-corpo de cano metálico que lembra a solução utilizada por Victor Dubugras na casa de João Dente (São Paulo, meados de 1910) e na casa de Bernardo Kirchgässner, projetada pelo alemão Frederico Kirchgässner, construída também na década de 1930 (ver Quadro 7).

Quadro 7 - Obras de Dubugras, Kirchgässner e Gramlich¹⁴¹.

		
Casa de João Dente. Projeto de Victor Dubugras. São Paulo (SP). Meados de 1910.	Casa de Bernardo Kirchgässner. Projeto de Frederico Kirchgässner. Curitiba (PR). Década de 1930.	Casa de Edgar von Buettner. Projeto de Simão Gramlich. Brusque (SC). Década de 1930.

Fonte: Autora.¹⁴²

Na antiga casa de Buettner, até mesmo o tipo de letra utilizado para dar nome à construção, “Vila Quisisana”, lembra o Art Nouveau. Mas naquela residência, o que mais

¹⁴¹ Imagens coletadas respectivamente em: Cotrim, 2018; Costa, 2014; Brusque, 2018a.

¹⁴² Este quadro e a ideia de sua composição com obras de Dubugras, Kirchgässner e Gramlich são fruto de pesquisa e análise da autora.

salta aos olhos é a integração com a natureza que a circunda e envolve, o jardim é luxuriante, os galhos e trepadeiras se aproximam da arquitetura, as pedras de quartzo rosa que revestem o reboco agradam aos olhos e se harmonizam com as cores do jardim, tudo é teatralmente arranjado.

Ao se tratar de elementos do Art Nouveau na obra de Gramlich e apresentar outras duas residências, não se pretende classificar cada uma delas como emblemáticas dessa estética. A casa projetada por Victor Dubugras é reconhecidamente um exemplar Art Nouveau, mas, a de Kirchgässner, é intitulada como modernista. Já sobre a residência dos Buettner, não lhe foi imputado um emblema. Nesse projeto, assim como em muitos outros, o arquiteto se permitiu fazer uso tanto da estética quando de técnicas que representassem modernidade, por esse motivo, pode-se relacioná-la a um exemplar Nouveau, ao mesmo tempo em que a outro modernista, e ainda seria possível ligá-lo ao Art Déco, inclusive, em sua inspiração marajoara, mas sem esquecer também de obras consideradas como Racionalistas.

Figura 42 – Vila Quisisana, Brusque (2017)



Fonte: Autora.

Figura 43 – Vila Quisisana, Brusque (2017). Detalhe do revestimento externo com pedras de quartzo rosa



Fonte: Autora.

Figura 44 - Vila Quisisana, Brusque (2017) - Detalhe do segundo andar



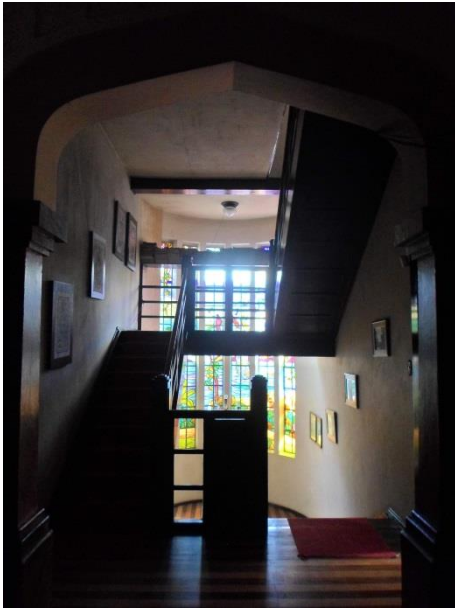
Fonte: Autora.

Figura 45 - Vila Quisisana, Brusque (2017) - Detalhe externo da torre que marca as escadas



Fonte: Autora.

Figura 46 - Vila Quisisana, Brusque (2017) - Imagem interna: ao fundo, vitral que ornamenta o acesso à escada



Fonte: Autora.

Duas residências de Gramlich da década de 1930 que assumiram uma estética racionalista eram de Willy Belz (ver Figura 47) e Walter Tonolli. Essas duas edificações foram destacadas por Santos (1984, p. 4 apud TEIXEIRA, 2009, p. 119) como obras que influenciariam “quase toda a arquitetura urbana do Vale durante as décadas de 1930 e 1940”. Outra edificação que se destaca nesse aspecto é uma casa de propriedade de Victor Germer, projetada em 1936, tombada pelo município de Blumenau, apresentando a seguinte descrição: “a edificação representa a um período de transição da arquitetura Historicista para a Arquitetura Moderna” (SANTA CATARINA, 2008, p. 13), reconhecendo-se, assim, sua desvinculação de uma estética advinda do ecletismo, porém, mais próxima de um purismo geométrico. Considerou-se, como na descrição feita pelo livro tomo de Blumenau, essa obra como pertencente a um período de transição, de modificação do pensamento arquitetônico, mas não se pode deixar de frisar que o racionalismo não é uma evolução para se chegar ao modernismo, mesmo porque, observando as obras de Gramlich, essa modalidade só é vista entre 1930 e 1940, enquanto, em 1950, somem de seu repertório, dando espaço para o estilo californiano.

Figura 47 – Residência de Willy Belz projetada por Simão Gramlich em 1933



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

A passagem de Gramlich pelo Art Nouveau foi breve e suas obras racionalistas não são maioria. Mais persistência ele teve ao empregar o Art Déco, um dos estilos que mais tomou atenção, sendo empregado não apenas em obras de pequeno e médio porte, mas também na produção de grandes templos, como os que foram projetados para as cidades de São Bento do Sul e Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. A inspiração no Art Déco, além de trazer consigo um discurso de modernidade e progresso tecnológico, era de execução menos cara, pois não apresentava ornamentos rebuscados, além disso, ainda que não fosse possível a realização de uma laje de concreto, o erguimento de uma platibanda era suficiente para esconder o telhado construído.

Em Blumenau, o Art Déco foi empregado principalmente entre as décadas de 1930 e 1960, conforme foi observado ao se fazer levantamento dos projetos arquitetônicos disponíveis no Arquivo Intermediário de Blumenau, iniciando, portanto, na mesma década em que essa linguagem se expandiu nos Estados Unidos (MELO, 2013, p. 62). O surgimento oficial do Déco, que não é um movimento artístico, por não possuir um princípio teórico unificador, mas sim uma convenção figurativa, se deu na *Exposition Inaternationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, ocorrida na França em 1925. O termo Art Déco só surgiu em 1966, quando se realizou uma mostra retrospectiva da exposição de 1925.

Sua larga aceitação e persistência por várias décadas se dava por não romper drasticamente com os pressupostos tradicionais, apesar de ser uma linguagem com um discurso de modernidade relacionado à era da máquina (VIANA, 2011, p. 24). Duas tendências do Déco foram difundidas na América Latina, uma mais geometrizada, próxima do racionalismo modernista, chamada de escalonada ou ziguezague, e outra com inspiração expressionista, denominada *Streamline*, com linhas mais sinuosas e aerodinâmicas

(CZAJKOWSKI, 2000, p. 12). Ambas são encontradas no Brasil, mas o tipo zigzague, sem dúvida, prevalece nos exemplares construídos.

A associação do Art Déco com a modernidade, urbanidade e a era da máquina é tão evidente em Blumenau que grande parte dos projetos, nessa linguagem, realizados por Gramlich, ficava nas proximidades da linha férrea, em área de desenvolvimento comercial e industrial, que era ao longo de toda a Rua São Paulo, no Bairro Itoupava Seca. Nenhum deles possuía exclusivamente a função residencial, ou eram mistos, com comércio no térreo e residência logo acima, ou somente comercial ou industrial.

Essa combinação entre Déco e urbanidade em Blumenau também ficou clara no almanaque *Wille's Deutscher Kalender für Brasilien*, de 1938, onde, ao lado da imagem de um edifício naquela linguagem, coloca-se um pequeno texto de título “*Das moderne Blumenau*” com o seguinte conteúdo:

A melhor prova de que boas ruas trazem um tráfego intenso e desenvolvem a economia, mostra-o o município de Blumenau. Novas construções surgem do solo como cogumelos, o progresso avança com grande velocidade. A beleza arquitetônica dos prédios também é valorizada, e surgiu como que uma concorrência em relação a isso. A imagem mostra a casa do Sr. Raul Deeke¹⁴³. (WILLE, 1938, p. 139, tradução nossa).¹⁴⁴

Figura 48 – Nota do Almanaque *Wille's Deutscher Kalender für Brasilien*, “*Das moderne Blumenau*”



Fonte: Wille, 1938.

Apesar desse pequeno texto do *Wille Kalender* procurar mostrar Blumenau em sua face urbanizada e moderna, enfatizando o tráfego urbano com o desenvolvimento da economia e o acelerado ritmo de surgimento das novas construções, a historiadora Frotscher (2009), ao analisar alguns textos dispostos neste almanaque e em outros que circularam na cidade na década de 1930, mostrou que, naquele período, Blumenau ainda tinha, em sua maior parte, uma feição rural, com uma economia dependente da agricultura e da pecuária.

¹⁴³ Apesar de a fotografia da casa de Raul Deeke ser apresentada no Almanaque no ano de 1938, ela já existia em 1935.

¹⁴⁴ Texto original: Das moderne Blumenau. Den besten Beweis, dass gute Verkehrsstrassen einen regen Verkehr schaffen und die Wirtschaft heben, zeigt das Munizip Blumenau. Neue Häuser schiessen wie Pilze aus der Erde, die Entwicklung schreitet rasend schnell vorwärts. Auch auf architektonische Schönheit der Bauten wird Wert gelegt, es entstand geradezu ein Wettbewerb darum. Das bild zeigt das Haus des Herrn Raul Deeke.

Até mesmo as propagandas dos almanaques comprova essa característica no município, pois, muitos produtos agrícolas eram divulgados e, em diversos textos, aparece como temática novas técnicas para cultivo no campo.

Assim, os textos e imagens expressavam duas simbologias do mesmo espaço: a Blumenau ainda ruralizada e a cidade moderna que se desejava ter. A ampla divulgação do Art Déco em Blumenau, dessa forma, pode ser compreendida dentro desse desejo de modernidade que se tinha, sendo almejado o abandono das feições ruralizadas da cidade para que houvesse seu avanço urbanístico e econômico. Nesse caso, urbanização e avanço econômico estão associados em uma via de mão dupla: da mesma forma que a urbanização promove uma melhora na economia, a melhora da economia resulta em investimento na urbanização.

Quadro 8 - Algumas arquiteturas com inspiração Art Déco projetadas por Simão Gramlich em Blumenau.¹⁴⁵

	
Propr. Casa Moellmann Ano do projeto: 1938	Propr. Fábrica de Chapéus Nelsa S.A. Ano do projeto: 1942
	
Propr. Augusto Ramos Ano do projeto: 1942	Propr. Emilio Fischer Ano do projeto: 1942
	
Propr. Oscar Martin Funke Ano do projeto: 1954	Propr. Adolfo Esemann Ano do projeto: 1959

¹⁴⁵ Quadro elaborado pela autora através de pesquisa e análise dos projetos arquitetônicos de Simão Gramlich. Imagens coletadas através do Street View/Google Maps.

Fonte: Autora.

3.2.3 Arquitetura Moderna e a “Modernidade Possível”

Ao mesmo tempo em que o Art Déco, o Neocolonial luso-brasileiro, o estilo Californiano, os Chalés e tantos outros tipos eram empregados pelo país afora, em grandes e também em pequenos centros, aportou, em terras brasileiras, a Arquitetura Moderna, com um discurso revolucionário que pretendia exterminar suas rivais, consideradas imitações sem sentido. Para relatar a introdução da Arquitetura Moderna no Brasil, seria preciso explorar a atuação de Gregori Warchavchik, que projetou a primeira casa modernista em São Paulo, sua residência, mas, interessa partir para o ponto de atrito gerado com a passagem de Le Corbusier pelo Brasil que, ao proferir uma conferência no Rio de Janeiro (Escola Nacional de Belas Artes), em 1925, angariou discípulos e curiosos que se posicionaram a favor da arquitetura apresentada.

O arquiteto Lúcio Costa, anteriormente pupilo de José Mariano Filho, sendo um dos agraciados com apoio para estudos referentes à arquitetura colonial, foi um dos jovens atraídos pelo discurso de Le Corbusier e se tornou um de seus representantes mais emblemáticos no Brasil. José Mariano considerou o novo rumo tomado por seu antigo protegido como uma traição e levantou questionamentos em relação à atuação de Lúcio Costa através de artigos publicados em jornais (TELLES, 1994, p. 241).

Aqueles que foram atraídos para os preceitos arquitetônicos pregados por Le Corbusier e muitos outros profissionais que foram se formando ao longo das décadas de 1940 até 1960 seguiram os modernistas e passaram a rejeitar o ecletismo, sendo o emprego de qualquer linguagem histórica, por exemplo, considerado uma grande falta de bom gosto. Esse asco pode ser visto inclusive nas considerações de alguns teóricos da arquitetura usados com frequência na graduação de Arquitetura e Urbanismo, como por exemplo, Bruand (1981), que em sua obra “Arquitetura Contemporânea no Brasil” afirmou: “o mau gosto, ou mesmo a total falta de gosto, que predominava na época, veio somar-se a esse ecletismo; seria fácil enumerar a série de horrores e fantasias arquitetônicas edificadas durante esse período” (BRUAND, 1981, p. 33). Essa é apenas uma citação dentre as inúmeras frases que podem ser encontradas na obra deste autor, as quais desqualificam o ecletismo no Brasil para exaltar a Arquitetura Moderna. A ausência de uma crítica em relação à escrita do autor, infelizmente, abre espaço, muitas vezes, à reprodução de discursos maniqueístas, apontando o que deve ser apreciado e o que deve ser ridicularizado.

Fora do âmbito acadêmico, as linguagens anteriormente mencionadas continuavam em expansão, e surgiram muitas outras formas de ser moderno nos traços e nas técnicas sem seguir aquela vanguarda erudita brasileira. Os profissionais imigrados que atuavam em Santa Catarina, por exemplo, que não estavam ligados à academia, mas mais próximos de uma arquitetura cotidiana, são vistos, nesse estado, pelo arquiteto Luiz Eduardo Fontoura Teixeira como pioneiros de uma “modernidade possível”. Segundo o professor:

A contribuição desses profissionais emigrados, cada um a seu modo (e a participação de construtores e projetistas brasileiros), veio trazer a Santa Catarina as possibilidades da modernidade em arquitetura, seja pelas novas técnicas e materiais construtivos, seja pelos novos olhares compositivos e de enfoque nos novos programas arquitetônicos.

Em um período de introdução ao moderno no periférico estado de Santa Catarina, esses profissionais assumiram o papel de pioneiros dessa modernidade possível. (TEIXEIRA, 2009, p. 133).

Simão Gramlich é apresentado, na tese de Teixeira, e é considerado um desses pioneiros de modernidade, especialmente no Vale do Itajaí. É interessante perceber que Gramlich, quando se transfere do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, no ano de 1932, relata, em carta, que agora, nesse estado, estava realizando construções mais modernas (GRAMLICH, 1932). Lá ele havia produzido projetos para a Igreja Católica com linguagem Neogótica, enquanto que em Santa Catarina, os rebuscados ornamentos daquela linguagem foram desaparecendo.

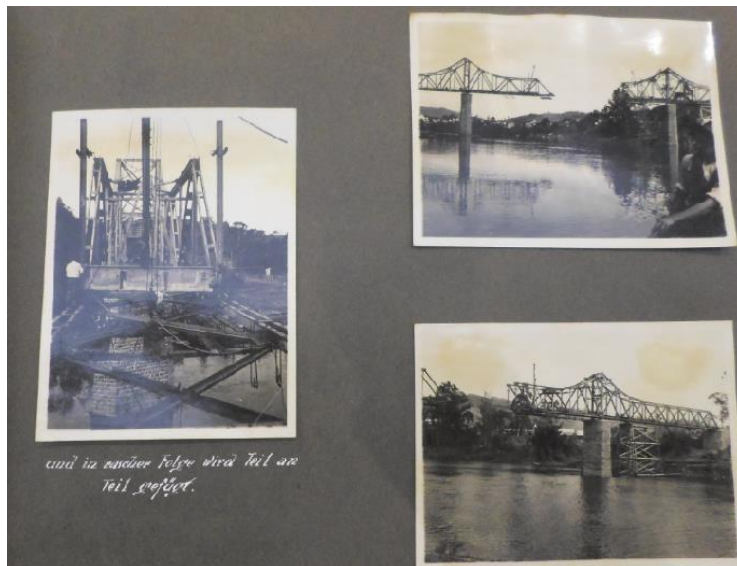
Além dessa informação passada pelo próprio arquiteto, sua produção com linhas modernas e sóbrias foi exaltada no jornal “A Notícia”, da cidade de Joinville, ao relatar um projeto que ele estava realizando para a construção de um hotel em Blumenau no ano de 1943 (UMA OBRA, 1943). Naquele mesmo ano, era possível ler ainda, em “A Notícia”, uma matéria acerca da divulgação da Arquitetura Moderna brasileira nos Estados Unidos, com menção a alguns arquitetos afamados, como Oscar Niemeyer (A ARQUITETURA, 1943). A Arquitetura Moderna, em si, e a produção com linhas modernas e sóbrias de Gramlich (ou de outro profissional) não são a mesma coisa, mas ambas são promotoras de modernidade no Brasil.

Outros profissionais imigrantes também podem ser mencionados nesse viés de promotores de uma “modernidade possível” como conhecedores de técnicas essenciais para o progresso da arquitetura e do urbanismo no Brasil. Dentre eles, podem ser citados Leonard Groegel e Heinz Maar. Groegel chegou ao Brasil na década de 1920 e se estabeleceu em Joinville após ter atuado algum tempo em Florianópolis e São Bento do Sul. Sua chegada

naquele centro industrial catarinense se deu por seu conhecimento na construção de pontes, fundamentos e lajes de concreto armado¹⁴⁶.

Heinz Maar também possuía conhecimento acerca da construção de pontes, mas seu acompanhamento na edificação da ponte de ferro da cidade de Blumenau e em muitas outras de Santa Catarina atendeu a um plano mais amplo. O arquiteto atuou na construção da estrada de Ferro de Santa Catarina, fazendo parte da equipe que projetou as pontes e estações ferroviárias de Blumenau até Barra do Trombudo, no município de Rio do Sul, na década de 1930. Maar era um exímio desenhista e seus anteprojetos, guardados por sua família, demonstram a modernidade que pretendia exprimir também nas arquiteturas urbanas¹⁴⁷.

Figura 49 – Construção da Ponte de Ferro em Blumenau, álbum elaborado por Heinz Maar, década de 1930.



Fonte: Acervo de Juergen Heinrich Maar.

Tanto as malhas ferroviárias quanto as pontes são vistas por Teixeira (2009) como obras de arte da modernidade catarinense. Elas possibilitaram o escoamento da produção do interior do estado, consolidando seu processo de urbanização. Para o professor, a estação ferroviária era um “signo construído do moderno”, sendo, “muitas vezes, o primeiro contato das pessoas com uma arquitetura de caráter monumental, de dimensões e atividades coletivas, públicas” (TEIXEIRA, 2009, p. 171).

Apesar desses arquitetos terem atuado até meados da década de 1960, não se conhece, em sua produção, correlação direta com a Arquitetura Moderna celebrada com a inauguração de Brasília, exceto por um único projeto de Gramlich, no qual ele fez uso de

¹⁴⁶ As informações sobre Leonard Groegel foram coletadas com sua neta Thais Groegel através de rede social no ano de 2018.

¹⁴⁷ As informações sobre Heinz Maar foram coletadas com seu filho Juergen Heinrich Maar.

pilotis. Esse raro projeto (1957), apesar de ser assinado pelo arquiteto, possuía características diferentes de todos os seus demais projetos analisados, não apenas pelo emprego dos pilotis, mas também pela forma de apresentar o desenho das fachadas e outras características.

A fama de Gramlich, no Vale do Itajaí, e sua capacidade de projetar “em todos os estilos”, como dizia um dos carimbos de seu escritório, entretanto, não foi suficiente para garantir que fosse agraciado com a oportunidade de projetar a igreja matriz católica de Blumenau, cidade onde morou por mais de trinta anos. O projeto apresentado por Gramlich foi inicialmente aceito, quando estava no comando da paróquia o vigário Frei Joaquim Orth (entre 1945 e 1951). No entanto, quando entrou o Frei Brás Reuter, a opinião mudou acerca da proposta de Gramlich, considerando-a de cara execução e de construção muito demorada (BOHN, 2001).

Sendo assim, foi decidido que o projeto seria realizado por um afamado arquiteto alemão que residia em seu país de origem, Dominikus Boehm. Não podendo ele vir ao Brasil, enviou seu filho Gottfried Boehm, que realizou um polêmico projeto modernista para a igreja, com indicações de seu pai. As opiniões ficaram divididas, o projeto de Gramlich agradava mais aos fieis, enquanto o dos Boehm era bastante ousado para os padrões catarinenses. Os padres chegaram ao ponto de esclarecer os fieis através da publicação de artigos em periódicos acerca da arte sacra moderna, para que houvesse uma maior aceitação do projeto proposto pelos Boehm (BOHN, 2001, p. 41). Essa situação mostra a resistência do público à Arquitetura Moderna em si, mas a aceitação a uma estética modernizante que congregava tradição e ruptura, considerada por Teixeira (2009) como uma “modernidade tranquilizadora”. A nova posição da Igreja Católica em relação ao emprego da Arquitetura Moderna será tratada mais adiante.

Assim, neste capítulo, foi possível constatar que, apesar dos arquitetos estrangeiros de origem teuta não diplomados no ensino superior que se fixaram no Sul do Brasil, especialmente aqueles que atuaram em Santa Catarina, no Vale do Itajaí, não terem praticado obras de Arquitetura Moderna, também podem ser considerados como promotores de modernidade, nesse estado, à medida que se dedicaram na realização de obras com técnicas e linguagens de uma “modernidade possível” para as condições do seu espaço de atuação e aceitação de seus clientes.

Sendo assim, ainda que não estivessem ligados à vanguarda erudita brasileira que lutou pela conformação e delimitação de um campo da arquitetura no país desde a década de 1920, esses profissionais foram agentes que fizeram parte do funcionamento desse microcosmo, especialmente em sua dimensão cotidiana na realização de obras nas cidades de

médio e pequeno porte. Além disso, atuaram na consolidação do progresso urbanístico do estado através da participação nas equipes responsáveis pela construção de ferrovias e pontes. Por esse motivo, as obras desses profissionais não devem ser vistas com desprezo ou consideradas como arquiteturas de menor prestígio, a seu tempo, elas tiveram devida importância e atenderam às necessidades funcionais, estéticas e técnicas presentes na sociedade em que foram produzidas.

4. DETERMINAÇÕES DO CAMPO POLÍTICO PARA A ARQUITETURA RELIGIOSA CATÓLICA

Quando Simão Gramlich veio para Santa Catarina, seu intento era agradar ao Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira (ver Quadro 9). Ele desejava que seus projetos correspondessem ao gosto do religioso, pois sabia que grande parte das igrejas construídas no estado deveria ser previamente aprovada na Arquidiocese de Florianópolis¹⁴⁸. O arquiteto almejava uma vinculação com o alto clero que lhe garantisse muitas obras, esperava proteção e preferência, submetendo-se ao prelado e tendo-o como mecenas¹⁴⁹. Esse sonho, entretanto, ainda que Gramlich tenha se empenhado para realizar, não se concretizou, pois havia muitos outros agentes envolvidos nessa decisão, direta e indiretamente, especialmente vindos do campo político.

Assim, neste capítulo, procurar-se-á analisar os impasses entre os grupos políticos catarinenses e sua influência sobre o clero católico e sobre a atividade profissional dos arquitetos nesse estado, mostrando o quanto as linguagens arquitetônicas, além da influência do próprio campo da arquitetura, também são direcionadas em certas dimensões por disputas políticas e econômicas de fora, advindas do campo político. Além disso, pretende-se ressaltar o quanto a própria igreja católica, enquanto instituição, ainda que aparentemente independente do campo político, mostrava-se, por certas vezes, submissa a ele, ao mesmo tempo em que os próprios políticos e industriais dependiam dela para a legitimação de seu poder. Aqui, a disputa entre linguagens arquitetônicas não está no nível de discussão teórica sobre aquela que melhor representa o Brasil, como foi visto anteriormente, mas sim sobre a que melhor representa um grupo político que busca por legitimação de seu poder.

Uma situação icônica, referente ao envolvimento de Simão Gramlich com a construção da Igreja Matriz da cidade de Itajaí, servirá de objeto de análise para que se alcance o objetivo proposto. O caso começou em meados de 1938, quando o pároco de Itajaí, José Locks (ver Quadro 10), ficou incumbido de encontrar um arquiteto que projetasse uma nova matriz para aquela cidade, pois o antigo templo não comportava mais o número de fieis.

¹⁴⁸ Dom Joaquim Domingues de Oliveira assumiu o Bispado de Florianópolis em 1914. Naquele tempo, sua autoridade como Bispo se estendia diretamente a todas as paróquias do estado, pois não havia se formado ainda outras dioceses. A partir de 1927, com a criação das Dioceses de Joinville e Lages, as paróquias submetidas às duas novas instâncias não precisavam mais de autorização de Dom Joaquim para a escolha do projeto de suas igrejas, e sim de seus Bispos. Com a criação dessas dioceses, a de Florianópolis foi promovida a Arquidiocese e, Dom Joaquim, o primeiro Arcebispo. Outras divisões foram feitas posteriormente com a criação das Dioceses de Tubarão, em 1954, Chapecó, em 1958, Caçador e Rio do Sul, em 1968, Joaçaba, em 1975 e Criciúma, em 1998.

¹⁴⁹ Isso é possível observar no relato que o Padre José Locks faz a Dom Joaquim Domingues de Oliveira, por carta escrita, em 13 de dezembro de 1938.

Naquele mesmo ano, o padre procurou o profissional Richard Kaulich¹⁵⁰ que morava em Itajaí, mas não o encontrou em casa porque estava vivendo apartado da esposa. Foi então que Locks ouviu falar sobre Gramlich e foi procurá-lo em Blumenau (LOCKS, 1938b, p. 1). Ao que tudo indica, houve empatia entre ambos, pois em todas as cartas trocadas entre o padre Locks e seu superior Dom Joaquim, constam, por parte do primeiro, elogios ao trabalho e dedicação do arquiteto¹⁵¹.

Quanto ao arcebispo, porém, havia alguma resistência, apesar de ter aceitado que o arquiteto lhe submetesse alguns projetos, parecia não se agradar de nada que lhe era apresentado¹⁵². Depois de solicitar muitas modificações e novas plantas, por mais de um ano, acabou simplesmente decidindo que aprovaria o projeto de outro profissional: Felipe Bündgens. Locks alertou à Cúria quanto a um grave defeito no projeto desse escolhido (LOCKS, 1939a, p. 3), mas, através das cartas, pareceu submeter-se servilmente ao comando de Dom Joaquim¹⁵³. A comissão construtora composta na cidade de Itajaí, com a finalidade de acompanhar as obras da igreja, inclusive garantindo verba para a construção, porém, agradou-se do projeto de Gramlich e desejava realizar uma reunião com Dom Joaquim para que ele aprovasse também aquele desenho. Nessa ocasião, o padre Locks fez um alerta ao seu superior acerca da importância econômica dos membros daquela comissão e, por fim, o projeto de Gramlich acabou sendo executado (LOCKS, 1940, p. 1).

Esse é apenas um brevíssimo resumo de uma longa história que se estendeu por dezenas de correspondências entre os anos de 1938 e 1940, mas seu desmembramento, para compreensão de alguns fenômenos, oportunizará a visualização de algumas partes com maior

¹⁵⁰ Richard Kaulich era um arquiteto alemão nascido em 1902 que veio para o Brasil em 1927 (Informações coletadas em: www.ancestry.de/search/?name=Richard_Kaulich. Acesso em: 27 de setembro de 2018). É possível encontrar no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí e no Arquivo Intermediário de Blumenau projetos realizados por ele. Em Blumenau a assinatura dele em projetos arquitetônicos começa a aparecer a partir dos documentos de 1933.

¹⁵¹ Cartas de José Locks enviadas para a Arquidiocese de Florianópolis que elogiam Simão Gramlich, seu trabalho, ou apresentam outros aspectos ligados à empatia entre ambos: 27 de setembro de 1938, 24 de outubro de 1938, 28 de outubro de 1938, 13 de dezembro de 1938, 27 de dezembro de 1938, 23 de janeiro de 1939, 29 de março de 1939, e 16 de junho de 1939. Essas correspondências estão arquivadas no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis, na pasta de Itajaí. A consulta ao acervo foi realizada em 2016.

¹⁵² Cartas na qual Dom Joaquim Domingues de Oliveira ou outro membro da Arquidiocese em nome dele pede modificações ou apresenta queixas sobre o projeto arquitetônico de Simão Gramlich para a Igreja Matriz de Itajaí: 21 de dezembro de 1938, 14 de janeiro de 1939, e 20 de junho de 1939. Essas correspondências estão arquivadas no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis, na pasta de Itajaí. A consulta ao acervo foi realizada em 2016.

¹⁵³ Cartas que José Locks envia ao Arcebispo após a escolha de Felipe Bündgens para projetar a Matriz de Itajaí: 29 de novembro de 1939 e 02 de janeiro de 1940. Nessas correspondências, não se encontra nenhum argumento contra a escolha de Dom Joaquim. As correspondências estão arquivadas no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis, na pasta de Itajaí. A consulta ao acervo foi realizada em 2016.


detalhamento. Assim, a partir dessa história, procuraremos compreender a posição dos três grupos de agentes envolvidos no relato: as elites locais, os religiosos, e os arquitetos.

Quadro 9 – Informações Gerais sobre o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira¹⁵⁴

ARCEBISPO DOM JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA		
Nascimento	04 de dezembro de 1878, Vila Nova de Gaia, Portugal.	
Nome dos pais	Joaquim Domingues de Oliveira Beleza e Joaquina da Silva Mota	
Estudos	Estudos primários em escolas públicas no Brasil. Estudos Secundários no Liceu Sagrado Coração de Jesus (padres salesianos) em São Paulo. Ginásio Paulista. Seminário Episcopal de São Paulo em 1898. Estudos em Direito Canônico na Europa entre 1905 e 1907.	
Ordenação Religiosa	Primeira Tonsura - 25 de setembro de 1899, São Paulo (SP). Ordens Menores – 02 de dezembro de 1899, São Paulo (SP). Diaconato – 1900, São Paulo (SP). Ordenação Sacerdotal – 21 de dezembro de 1901.	
Cargos exercidos	1902 - Professor no Seminário Episcopal de São Paulo e Capelão da Capela de São João Batista.	
	1907 – após regresso da Europa (1905-1907). Professor no Seminário e Diretor Espiritual no Colégio Arquidiocesano.	
	1910 – Cônego da Catedral de São Paulo. Secretário do Cabido.	
	1911 – Secretário do Arcebispado (SP).	
	26 de março de 1914 – nomeado Bispo da Diocese de Florianópolis (SC).	
Falecimento	18 de maio de 1967, Florianópolis – SC.	

Fonte: Autora.

Quadro 10 - Informações Gerais sobre o Padre José Locks¹⁵⁵

PADRE JOSÉ LOCKS		
Nascimento	01 de dezembro de 1893, São Ludgero – SC.	
Nome dos pais	Bernardo Locks e Catarina Hobold	
Estudos	Estudos primários em São Ludgero (SC). Estudos secundários em Pereci Novo (RS). Filosofia e Teologia no Seminário Provincial de São Leopoldo (RS). Ordenação Diaconal em São Leopoldo.	

¹⁵⁴ Informações coletadas em: Besen, 1979. Fotografia coletada em: <https://arquifln.org.br/879-2/>. Acesso em: 30.09.2019.

¹⁵⁵ Fotografia e informações coletadas de diversos documentos da pasta de José Locks no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (Florianópolis). A consulta a este acervo foi realizada em 2017.

Ordenação Presbiterial	01 de janeiro de 1920, Florianópolis - SC.
Cargos exercidos	1920 – Coadjutor da Paróquia de Laguna.
	1920 (9.7) - Coadjutor de Mirim e Garopaba.
	1921 (2.4) – Coadjutor da Paróquia de Itajaí.
	1924 (15.3) – Encarregado de Laguna.
	1925 (7.1) – Pároco da Paróquia de Laguna.
	1929 (17.1) – Professor no Seminário de Azambuja.
	1931 (24.1) – Vigário de Itajaí.
	1931 (7.2) – Vigário Missionário de Itajaí.
	1931 – Vigário de Camboriú e Porto Belo (até 1938) junto com Itajaí.
	1935 (28.2) - Vigário de Camboriú e Porto Belo.
	1936 (4.8) – Vigário Cooperador da Paróquia de Tijucas e São Miguel Arcanjo (Biguaçu).
	1938 (31.5) – Pároco da Paróquia de Itajaí.
	1947 (20.1) – Diretor Espiritual e Professor do Seminário de Azambuja – Brusque.
	1950 (20.1) – Pároco de São João Batista.
1969 – Residente em Major Gercino.	
Títulos Honoríficos	01 de janeiro de 1945 - Camareiro Secreto de S. Santidade Papa Pio XII. Março de 1959 - Prelado Doméstico de João XXIII.
Falecimento	25 de setembro de 1983 - Hospital de Azambuja, Brusque – SC. Sepultamento em Major Gercino.

Fonte: Autora.

4.1 AS COMISSÕES CONSTRUTORAS FORMADAS PELAS ELITES E O ARQUITETO: O INTERESSE PELO LUCRO SIMBÓLICO

As elites aparecem na história relatada como membros da Comissão Construtora da igreja matriz de Itajaí. Ao que se tem percebido nos documentos encontrados no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis, toda Comissão Construtora constituída em uma paróquia deveria ser autorizada pelo Bispo responsável. No caso da comissão de Itajaí, ainda que houvesse a liberdade para que ela se formasse na paróquia sobre o comando do Padre José Locks, sua legitimação dependia do aval do arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

No primeiro Sínodo Religioso promovido em Santa Catarina, realizado, em 1910, pelo então Bispo, Dom João Becker, havia se criado uma regra quanto à existência dessas comissões: o presidente deveria ser sempre o pároco local e ela deveria ser “provisionada pela Autoridade Diocesana (...)” (BECKER, 1910, p. 103) e também deveria prestar contas ao Bispo. Já no Sínodo realizado por Dom Joaquim em 1919, a Comissão é exigida no caso de se desejar construir uma igreja ou capela, mas não há nenhum detalhamento a seu respeito (OLIVEIRA, 1919, p. 83). Os Sínodos de 1925 e 1951 sequer citam essas comissões, talvez

porque já estivessem devidamente regulamentadas nas reuniões anteriores¹⁵⁶. A palavra “provisionada”, utilizada no Sínodo de 1910, refere-se ao ato da Diocese em fornecer uma Provisão, ou seja, um documento oficial emitido pelo Bispo, ou a autoridade competente, no qual se concede permissão ou se atribui um cargo relativo à Igreja Católica dentro dos limites do domínio diocesano.

Dessa forma, para a construção da Igreja Matriz de Itajaí, depois de mais de um ano de negociação, entre o Padre José Locks e Dom Joaquim, sobre a planta da igreja, foi provisionada por esse Bispo, por solicitação daquele pároco, em 4 de janeiro de 1940, uma Comissão Construtora composta por industriais, comerciantes e políticos de Itajaí, alguns deles milionários (OLIVEIRA, 1940, p. 1), (ver Quadro 11). Para a presidência da Comissão, foi designado Francisco Queiroz de Almeida, prefeito da cidade (1939-1945), nomeado pelo interventor estadual Nereu Ramos, que fora filiado ao Partido Liberal Catarinense (PLC)¹⁵⁷, tendo ocupado, na política, também o cargo de deputado estadual entre os anos 1935 e 1937. Entre 1923 e 1967, foi despachante na empresa que criou com seu cunhado, a “Almeida e Voigt”. Segundo ele mesmo, chegou a ser o homem mais rico da cidade (ROTHBARTH; SILVA, 2005, p. 194).

Na vice-presidência, estava Irineu Bornhausen, aquele que teria muitos argumentos para ser inimigo do membro anterior. Irineu pertencia ao Partido Republicano Catarinense (PRC), era a oposição do PLC. Nas eleições para prefeito, em Itajaí, no ano de 1936, alcançou sucesso e, mesmo com o Golpe de Estado de 1937, foi mantido no cargo. Em 1939, porém, decidiu renunciar (ROTHBARTH; SILVA, 2005, p. 257) e logo Francisco de Almeida foi nomeado para o cargo. Não cabe aqui uma investigação minuciosa acerca da permanência dele após o Golpe e os motivos de sua renúncia, mas certamente não estava satisfeito com o cargo, pois devia obedecer aos ditames de Nereu Ramos, a quem seu clã se opunha.

Irineu Bornhausen, antes de se casar em 1928, já havia sido vereador em Itajaí, mas a união com uma jovem de sobrenome Konder impulsionou sua carreira política. A família Konder há muitas décadas rivalizava com a família Ramos. Ao abandonar o governo municipal, em 1939, ele se dedicou aos seus negócios, tendo participado da criação ou da diretoria de várias empresas, como a Tecelagem Itajaí S.A., Banco Inco, Usina Adelaide, Fábrica de Fósforo e Vidro, Fábrica de Compensado de Madeira (Indústria Grop), mineradora

¹⁵⁶ (OLIVEIRA, 1925) e (OLIVEIRA, 1951).

¹⁵⁷ O Partido Liberal Catarinense foi criado em 1931. O convite para a oficialização desse Partido começou a ser divulgado no jornal “República” de Florianópolis em dezembro de 1930. Assinaram o documento: Vidal Ramos, Henrique Rupp Júnior, Dorval Melquíades de Sousa, Francisco Barreiros, Donato Mello, Salvio Gonzaga, Antenor Moraes, Haroldo Gallado, Olívio Amorim, Sizenando Teixeira, José Glavan e Nereu Ramos (RAMOS *et al.*, 1930, p. 1). Em 1937, o partido foi extinto com o golpe do Estado Novo.

de carvão Próspera e Carbonífera Treviso S.A., entre outras (ROTHBARTH, SILVA, 2005, p. 258). Era milionário.

A posição política desses dois elementos é representativa de um movimento mais amplo ocorrido no estado durante o século XX. Apesar de ambos os partidos, PLC e PRC, terem sido os mais relevantes em Santa Catarina na década de 1930, outros que serão considerados mais adiante também participaram do cenário político. Houve, porém, uma disputa por poder que perdurou grande parte do século XX, em Santa Catarina, concentrada em dois polos: de um lado aqueles ligados à oligarquia Ramos, representantes da economia agrária do planalto catarinense, com um discurso nacionalista pautado em uma cultura luso-brasileira; e do outro, os industriais do litoral Norte do estado, área de grande fluxo de imigração alemã, ligados à família Konder¹⁵⁸.

Apesar da clara dualidade, não se pode pensar que exista uma conformação maniqueísta entre aqueles que estão certos ou errados, entre o bem e o mal. Na realidade, quando se aprofunda o estudo dessas oligarquias e seus envolvimentos políticos, percebe-se um emaranhado complexo de relações difíceis de compreender e acompanhar. As dissidências, abandonos, traições e novas posições, tanto na política quanto no seio familiar, fazem com que os elementos em jogo tomem decisões aparentemente contraditórias e, por vezes, incompreensíveis. Mas ainda assim, é preciso encontrar um meio de contar, mesmo que resumidamente, a história política de Santa Catarina na primeira metade do século XX, pois ela influencia tanto o posicionamento do clero católico quanto a produção arquitetônica da época.

Alguns trabalhos acadêmicos foram primordiais para uma compreensão geral dos posicionamentos políticos de tais oligarquias, um deles é a dissertação de mestrado de Marcos Juvêncio de Moraes, intitulada “As Disputas pelo Palácio Governamental Catarinense: as oligarquias, os autoritários e a instrumentalização do nacionalismo” (2012). Segundo Moares (2012), desde a Proclamação da República no Brasil, o Partido Republicano Catarinense governou soberanamente o estado, dentro dele, ainda que houvesse interesses individuais conflitantes, não havia uma evidente separação de grupos opostos até meados da década de 1920. Naqueles anos, destacaram-se como políticos relevantes Lauro Müller, Hercílio Luz e Vidal Ramos.

A partir dos anos 20, entretanto, as contradições vivenciadas dentro do partido começaram a gerar conflitos mais significativos, que não permitiram mais a convivência de

¹⁵⁸ Sobre essa oposição entre os latifundiários do planalto catarinense e os industriais do litoral ver Serpa (1997). Sobre a oposição entre as oligarquias Ramos e Konder ver Campos (2017).

seus membros. De um lado estava Hercílio Luz, que atendia aos desejos industriais urbanos de áreas mais germânicas do estado e de outro, Vidal Ramos, representante dos latifundiários, baseado em um discurso nacionalista. Diante da insustentável situação experimentada dentro do Partido Republicano Catarinense, Vidal Ramos e seu filho Nereu abandonaram aquele grupo. Posteriormente, se aproximaram da Aliança Liberal, de onde partiu o Golpe que colocou Getúlio Vargas na presidência do Brasil, e fundaram o Partido Liberal Catarinense (RAMOS, 1930, p. 1).

Em toda a década de 1920, porém, a política catarinense esteve nas mãos de Hercílio Luz e seus aliados, sendo a família Konder, de Itajaí, um dos grupos mais representativos naquele momento. Entre 1926 e 1930, Adolfo Konder tornou-se governador de Santa Catarina e seu irmão mais novo, Vitor, foi agraciado com o posto de Ministro da Viação e Obras Públicas no governo de Washington Luís. Em Itajaí, desde 1915 até 1930, Marcos, o irmão mais velho de Adolfo, foi superintendente da cidade (ROTHBARTH, SILVA, 2001). O Golpe dado por Getúlio Vargas, apoiado pelos Ramos, pôs fim à hegemonia dos Konder na política catarinense, apesar da presença dos irmãos e seus aliados permanecer em destaque mesmo durante toda a era Vargas e ainda depois dela.

Continuando a análise sobre os membros que compunham a Comissão Construtora da igreja matriz de Itajaí, estava no cargo de tesoureiro Antônio Ramos, grande aliado de Irineu Bornhausen que com ele dirigiu a Companhia de Fósforos por vários anos¹⁵⁹. Já o vice-tesoureiro Bonifácio Schmidt, também esteve em uma diretoria ao lado de Bornhausen, não em uma fábrica, mas no Banco Inco, um dos maiores bancos particulares de Santa Catarina entre as décadas de 1930 e 1960¹⁶⁰. Apesar da proximidade desses dois homens, Schmidt, nos anos 30, abandonou o PRC e ligou-se ao partido de Nereu Ramos¹⁶¹.

Considerando os quatro membros já analisados, havia certo equilíbrio político: dois membros ligados ao Partido Republicano e aos Konder, e dois membros ligados aos aliancistas e à oligarquia Ramos. Ainda que inimigos políticos, essa oposição não parece ser um empecilho na composição da Comissão, nenhum desajuste entre eles é relatado nas cartas, Livro Tombo da Paróquia ou nos jornais. Pelo contrário, quando foram solicitar ao Arcebispo que aceitasse o projeto de Gramlich, ainda que mais caro e rebuscado, havia acordo mútuo.

Eles acreditavam que o projeto de Gramlich seria melhor que o de Felipe Bündgens, escolhido pelo Arcebispo. E ainda que o prelado estivesse injuriado com a frequente

¹⁵⁹ (RELATÓRIO, 1934, p. 3).

¹⁶⁰ (BANCO, 1938, p. 5).

¹⁶¹ (PARTIDO, 1933, p. 2).

insubmissão do arquiteto de Blumenau, consentiu na aprovação de seu projeto, desde que fossem realizadas as alterações que ele vinha sugerindo há meses. Talvez não houvesse outra solução possível a não ser humilhar-se e aceitar o trabalho de Gramlich, afinal, o padre Locks expôs, a Dom Joaquim, claramente o que estava em jogo:

Os quatro principais membros da comissão são milionários. Tem em sua mão o Banco INCO, a fábrica de fósforos, fábricas de beneficiar madeiras no Rio do Sul, fábricas de tecidos, de fécula, usinas de açúcar em Gaspar e Itajaí e todo o comércio de madeira, arroz e farinha de trigo. Com eles dispostos tudo se faz, com eles indispostos far-se-á alguma coisa, porém não muito e com muito custo. Por isso tenho me posto à aceitação da planta do senhor Gramlich para que se eles conseguirem a sua aceitação por parte de V. Exia. Revma. com isto fiquem moralmente obrigados a me não deixarem em meia viagem quando mais tarde aparecerem dificuldades pecuniárias (LOCKS, 1940, p. 1).

A Comissão formada por milionários, com alto capital financeiro e social, tem por finalidade promover a construção do templo o mais rápido possível, sem falta de verbas, trazendo vantagens tanto para a Igreja Católica quanto para os próprios “investidores”. O empenho desses homens na construção de uma igreja, concedendo dinheiro, materiais de construção, mão-de-obra e seu tempo, não pode ser desconsiderado como uma benfeitoria, porém, é preciso salientar que havia certa intenção de retorno em forma de prestígio social nessa aplicação.

Quadro 11 – Composição da Comissão Construtora da Igreja Matriz de Itajaí

Cargo na Comissão	Nome	Ocupação
Presidente	Francisco Queiroz de Almeida	Prefeito de Itajaí entre 1939 e 1945 nomeado pelo interventor estadual Nereu Ramos. Sócio e despachante da empresa “Almeida e Voigt” ¹⁶² .
Vice-presidente	Irineu Bornhausen	Prefeito de Itajaí entre 1936 e 1939. Participou da criação e diretoria de diversas empresas como a Tecelagem Itajaí S.A., Banco Inco, Usina Adelaide, Fábrica de Fósforo e Vidro, Fábrica de Compensado de Madeira (Indústria Grop), mineradora de carvão Próspera e Carbonífera Treviso S.A., entre outras. ¹⁶³
Tesoureiro	Antônio Ramos	Dirigiu com Irineu Bornhausen e Ralph Thieme a Companhia de Fósforos por vários anos. ¹⁶⁴
Vice tesoureiro	Bonifácio Schmidt	Foi um dos diretores do Banco Inco com Irineu Bornhausen por vários anos. ¹⁶⁵ Na

¹⁶² (ROTHBARTH; SILVA, 2005, p. 194).

¹⁶³ (ROTHBARTH; SILVA, 2005, p. 258).

¹⁶⁴ (RELATÓRIO, 1934, p. 3).

¹⁶⁵ (BANCO, 1938, p. 5).

		década de 1930 ligou-se ao partido de Nereu Ramos. ¹⁶⁶
Primeiro Secretário	Juventino Linhares	Jornalista. Antigo membro do Partido Integralista. ¹⁶⁷
Segundo Secretário	Ralph Thieme	Ligado à criação do Primeiro Cartório de Registro de Imóveis da Comarca (Itajaí). ¹⁶⁸ Foi Tabelião de notas. Na década de 1940 foi diretor presidente da Companhia Itajaiense de Fósforos S.A.
Conselheiros	João Cesário Pereira, Luiz Martins de Almeida, Lindolfo Vieira, Félix Malburg, e Aloys Emmendoerfer	João Cesário Pereira: seu pai era prefeito de Camboriú, foi deposto após a Revolução de 30. Acionista do Banco Inco. ¹⁶⁹ Luiz Martins de Almeida: Foi funcionário do Ministério da Marinha. ¹⁷⁰ Lindolfo Vieira: Prático da Barra do Porto de Itajaí. ¹⁷¹ Possuía empresa que explorava o comércio de pescados. ¹⁷² Félix Malburg: Engenheiro Civil com atuação no Vale do Itajaí. ¹⁷³ Aloys Emmendoerfer: Comerciante. ¹⁷⁴
Diretor	Padre José Locks	O Vigário

Fonte: Autora.

4.1.1 Um dos retornos do investimento

Em certo sentido, as medidas superlativas tanto da Igreja Matriz de Itajaí quanto muitas outras projetadas por Simão Gramlich, como a Matriz de Santa Cruz do Sul e o desejo dos fiéis em ter uma igreja monumental, ainda que precisassem empenhar uma grande soma de recursos por décadas para que elas fossem finalizadas, relaciona-se à imagem de si que essas comunidades queriam projetar. O “Jornal do Dia”, da cidade de Porto Alegre, em 1948, destacou esse afincamento comunitário em relação à igreja de Santa Cruz do Sul com a seguinte frase “(...) torres altas e imponentes, numa sugestiva e eloquente homenagem à fé cristã dos filhos daquela gleba rica e generosa” (A MATRIZ, 1948, p. 3). A operosidade dos católicos santa-cruzenses, aqueles que contribuíram para a construção, ficou marcada a partir do esforço hercúleo que fizeram para o erguimento daquele monumento e o reconhecimento dessa condição voltava-lhes em prestígio social.

¹⁶⁶ PARTIDO, 1933, p. 2).

¹⁶⁷ (LINHARES, 1997).

¹⁶⁸ (TABELIONATO, 1937).

¹⁶⁹ (ROTHBARTH, SILVA, 2005).

¹⁷⁰ (VIAJANTES, 1933).

¹⁷¹ (ITAJAÍ, 1937).

¹⁷² (ITAJAHY, 1916).

¹⁷³ (FAGUNDES, 2014).

¹⁷⁴ (ANTÔNIO, 1960, p. 5).

O anseio pela construção de uma soberba igreja não estava apenas baseada na fé daquela comunidade e em sua dedicação ao santo padroeiro como recompensa à sua benevolência, mas estava associada a um desejo de posicionamento e reconhecimento da elite local como poderosa suficiente para empreender aquela façanha. Em sua obra “La Arquitectura del Poder: como los ricos e poderosos dan forma al mundo”, Sudjic (2007, p. 6), trata da relação entre os poderosos e a arquitetura e afirma que

La arquitectura tiene que ver con el poder. Los poderosos construyen porque eso es lo que les toca hacer. Al nivel más básico, la construcción es una fuente de trabajo que sirve para apaciguar a una mano de obra inquieta. Pero también es un buen reflejo de la capacidad y la firmeza – y la determinación – de los poderosos. Sobre todo, la arquitectura es un medio de contar una historia sobre los que la construyen.

Ao contar-se a história da construção da matriz de Itajaí e de Santa Cruz do Sul, geralmente, são lembrados os nomes daqueles que compuseram a Comissão Construtora da cidade e dos que realizaram doações relevantes para a obra, sendo que alguns também estão com seus nomes registrados em placas e vitrais das igrejas, como marca que não deve ser apagada. Sem dúvida, assim como afirmou Sudjic (2007), a arquitetura é um meio, um motivo, para contar a história dos que a construíram, sendo que os fieis que investiram maior capital na construção daquela igreja estavam cientes do retorno em prestígio que teriam ao longo da história.

A própria linguagem escolhida para compor essa arquitetura, o gótico, colabora para a reafirmação de prestígio dos seus investidores. Conforme Sudjic (2007, p. 127), “el uso de lenguajes arquitectónicos tradicionales es un intento de sugerir pedigrí y raíces (...)”. Assim, as elites pareciam buscar impor sua tradição de poder, triunfo e “bom gosto” através da construção de igrejas monumentais.

Por esse motivo, as igrejas projetadas por Gramlich fizeram sucesso no Sul do Brasil. O arquiteto costumava fazer uso de linguagens históricas com uma conotação tradicional, apesar de participarem de uma “modernidade possível”¹⁷⁵, dentro dessa região periférica, através do uso de técnicas compatíveis com as novidades da época. Além disso, ele não abria mão da monumentalidade de suas obras, sendo advertido diversas vezes pelo Bispo catarinense Dom Joaquim Domingues de Oliveira, que desejava sempre construções mais simples e baratas. Essa posição obstinada de Gramlich, apesar de estremecer seu relacionamento com o alto clero católico do estado, garantia-lhe a execução de diversos projetos religiosos defendidos pelas elites locais.

¹⁷⁵ Termo empregado por Teixeira (2009) já discuto anteriormente .

Esse poder de escolha das elites, em relação aos projetos de templos católicos, pode ser visto também em outras ocasiões, como na construção da igreja matriz da cidade de Brusque. Quando o padre Luiz Gonzaga Steiner assumiu a paróquia daquela cidade em 1949, começou a pensar na construção de uma nova matriz. Naquele período, Gramlich já havia realizado diversos templos no estado e era um profissional de renome, por esse motivo, foi chamado pelo Padre Steiner para projetar aquela igreja. Havia otimismo e empolgação no religioso quanto ao desenho do arquiteto (MAÇANEIRO, 2015).

No ano de 1952, foi realizada a primeira reunião entre o padre e a Comissão Construtora daquela igreja, para que se decidisse o projeto a ser realizado. Para a infelicidade do Padre Steiner, o presidente da Comissão, Guilherme Renaux, grande industrial da área têxtil, desconsiderou o projeto de Gramlich como uma boa opção, convencendo seus colegas de que um projeto de Gottfried Böhm, arquiteto da Matriz de Blumenau, seria melhor. Quanto ao padre, “restou-lhe apenas dizer ‘sim’ e empalidecer de frustração e humilhação” (MAÇANEIRO, 2015). Se décadas antes, Dom Joaquim, Bispo, não pode resistir à Comissão de Itajaí, como poderia o recém-empossado, padre Steiner, contra-argumentar a posição de um Renaux?¹⁷⁶ Não havia meio possível naquele momento.

Através dos exemplos supracitados, pode-se chegar a algumas proposições para a análise da produção arquitetônica religiosa no Sul do Brasil no século XX: apesar de os templos católicos constituírem-se como símbolos do catolicismo, da fé de seus fieis e do empenho de seu clero, eles também são marcos das elites locais. Por esse motivo, os membros das classes abastadas, a partir do momento que compõem uma Comissão Construtora provisionada pelo Bispo e empenham seu nome como colaboradores na edificação do templo, lutam para que a obra realizada lhes represente e sirva como marco de seu poder. O arquiteto, por sua vez, apesar de buscar agradar ao clero para obter aprovação, tem lucro mais acertado ao cair na graça dessas elites, pois são os que têm poder de convencer aos religiosos, através de uma chantagem velada, qual projeto será realizado.

4.1.2 Os ganhos do desinteresse: a denegação e o lucro em médio prazo para o Arquiteto

¹⁷⁶ A família Renaux instalada em Brusque possuía grande poder econômico no estado, devido ao sucesso de sua Fábrica de Tecidos na cidade com ramificações de negócios têxteis e em outras áreas por diversas regiões. A fábrica foi fundada em 1892 pelo imigrante Carlos Renaux e esteve ativa por 121 anos, até sua completa falência em 2013.

A luta de Simão Gramlich para tentar agradar ao arcebispo, em relação à igreja de Itajaí, durou dois anos e mesmo diante de tantas desconsiderações do prelado, o arquiteto permanecia firme em sua decisão de fazer quantos projetos fossem necessários para satisfazê-lo. A serena resistência de Gramlich diante do não reconhecimento da nobreza de seus projetos nessa ocasião é uma característica nova que lhe surgiu em Santa Catarina. Talvez isso se deva ao amadurecimento que a vida lhe trouxe, pois se essa mesma situação tivesse ocorrido alguns anos antes, no Rio Grande do Sul, pode-se sugerir que sua resposta seria bastante diferente: muito mais impulsiva, como foi no caso de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, cujas igrejas matrizes ficaram sem alguns projetos para a continuidade das obras devido a resoluta posição do arquiteto em não deixá-las na paróquia após sucessivas discussões e sua demissão, ainda que tais desenhos tenham sido contemplados em concursos.

Toda essa situação que se desenrolou no caso da construção da matriz de Itajaí quanto à contratação do arquiteto, além de mostrar um amadurecimento de Gramlich no seu trato relacional, apresentando maior paciência, também permite que se veja uma compreensão pessoal de sua condição profissional, especialmente na relação com seu mais novo possível cliente. Toda a sua paciência naqueles dois anos com Dom Joaquim eram investimento para um retorno financeiramente muitíssimo frutífero com a construção daquela grandiosa igreja, bem como, a propaganda que ela seria para o seu escritório, mesmo que ele não reconheça diretamente tais objetivos, vistos como gananciosos demais para os negócios artísticos, ainda mais os sacros. Para um melhor entendimento dessa nova posição que Gramlich assumiu em sua vida profissional, será discutido, nessa subseção, o processo de denegação no qual ele se envolveu comum no campo artístico.

Tanto no livro “As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário” ([1992] 1996) quanto em “A produção da crença: contribuições para uma economia dos bens simbólicos” (2015b)¹⁷⁷, o sociólogo Pierre Bourdieu mostrou como funciona o processo de denegação do valor econômico da obra de arte, seja ela uma pintura, música ou literatura. Esse processo já havia sido apresentado pelo sociólogo Marcel Mauss, mas foi retomado por Bourdieu quando começou seus trabalhos sobre a sociedade cabila na década de 1950 e persistiu aparecendo em seus textos até as análises realizadas mais ao fim de sua vida acerca da economia dos bens simbólicos.

Para uma melhor compreensão a respeito, a palavra denegação não pode ser entendida de forma restrita com base em seu significado apresentado nos dicionários, que faz

¹⁷⁷ Obra com três ensaios da década de 1970.

associação à linguagem jurídica. O sentido mais coerente para a palavra utilizada por Bourdieu deve ser encontrado dentro da psicanálise, em que aparece como uma fuga de reconhecimento da realidade, o que para o sociólogo, dentro de uma análise da economia dos bens simbólicos, se transforma em uma mentira social, uma auto ilusão.

Nos estudos de Bourdieu, fica claro que o lugar em que a denegação econômica ocorre mais marcadamente é o comércio da arte, “comércio das coisas de que não se faz comércio” (BOURDIEU, 2015b, p. 19). Nesse espaço, mostrar-se desinteressado pelo lucro econômico é essencial para que se venha a obtê-lo futuramente. Nas palavras de Bourdieu (2015b, p. 19):

Neste cosmo econômico definido, em seu próprio funcionamento, por uma recusa do comercial que, de fato, é uma denegação coletiva dos interesses e ganhos comerciais, as condutas mais “anti-econômicas”, as mais desinteressadas visivelmente, aquelas que, em um universo “econômico” habitual seriam as mais condenadas sem o menor dó, contêm uma forma de racionalidade econômica (até mesmo, no sentido restrito) e, de modo algum, excluem seus autores dos ganhos, inclusive “econômicos”, prometidos aos que se conformam à lei do universo.

Essas informações a respeito do processo de denegação definido por Bourdieu ficarão mais claras a partir da análise do exemplo da história vivida por Simão Gramlich com a matriz de Itajaí. Pois, o evento colabora para a compreensão da teoria e a teoria esclarece e dá sentido ao evento.

Nesse caso, é importante retomar o evento focalizando o seguinte trecho: após ser procurado, em meados de setembro de 1938, pelo padre José Locks de Itajaí para a construção de uma nova igreja matriz para a cidade, o arquiteto lhe enviou um projeto que foi remetido ao Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira para a devida aprovação. O religioso, entretanto, não se agradou do desenho apresentado. Em conversa com o padre Locks, Gramlich garantiu que faria quantas plantas fossem necessárias para agradar ao Arcebispo e aquelas que não fossem aprovadas não teriam custo algum. Em outras ocasiões, o arquiteto disse ao padre que seu desejo era dedicar-se apenas à construção de igrejas e não de casas e edifícios públicos. O Arcebispo aproveitou a não cobrança para solicitar o que lhe bem parecesse, como fez com alguns projetos para uma capela em Nova Trento, dos quais fez uso apenas para mostrar a uma comissão que estava se debruçando sobre o caso, mas sem o menor interesse de aprovar o trabalho de Gramlich (LOCKS, 1938a; 1938b; 1939; 1940).

Não há uma homologia exata entre a denegação ocorrida no comércio da arte explicitada por Bourdieu e o caso do arquiteto, mas alguns pontos podem funcionar como chave de análise do ocorrido. Ao ler as informações sobre o caso de Gramlich nas cartas do padre Locks trocadas com o Arcebispo, fica-se com a impressão de que o arquiteto tinha um

interesse maior, “sagrado”, ao projetar igrejas e que sua bondade em não cobrar pelos projetos não aprovados ligava-se a esse seu espírito religioso pelo bem da Igreja Católica, para que se fizesse o melhor desenho para glória daquela instituição¹⁷⁸. Naquele momento, ainda que o arquiteto gastasse dias com as novas plantas e modificações solicitadas, além de todo o custo do material empregado, propôs o não pagamento por seu trabalho, como se o que fizesse estivesse em um nível espiritual mais elevado, no qual a perda financeira era um prazer.

A recusa por um lucro imediato, como no caso de Gramlich, é apresentada por Bourdieu como parte da denegação. O comerciante de arte, nesse caso o próprio arquiteto, mostra-se desinteressado pelo “ganancioso” ganho econômico. O aparente desinteresse financeiro, porém, tem um objetivo: o ganho de capital simbólico, como apontou o sociólogo:

(...) ao lado da busca do lucro “econômico” que, ao transformar o comércio dos bens culturais em um comércio semelhante aos outros, e não dos mais rentáveis “economicamente” (como nos é lembrado pelos mais experientes, ou seja, os mais desinteressados dos comerciantes de arte), se contenta em ajustar-se à demanda de uma clientela antecipadamente convertida, existe lugar para a acumulação do capital simbólico, como capital econômico ou político denegado, irreconhecido e reconhecido – portanto, legítimo -, crédito capaz de garantir, sob certas condições e sempre a prazo, ganhos “econômicos” (BOURDIEU, 2015b, p. 20).

Gramlich, apesar de mostrar-se desinteressado de imediato pelo lucro econômico, inclusive perdendo algum dinheiro em forma de tempo de trabalho e compra de materiais, participava de um processo de denegação, cujo seu aparente desinteresse estava interessado em muitos ganhos. Ao mostrar-se submisso e totalmente empenhado em agradar ao Arcebispo, o arquiteto ganhava a confiança do jovem padre José Locks que, naquela ocasião, já estava passando pela construção de sua segunda igreja. A cumplicidade entre ambos é vista em Locks (1938b, p. 1): “diz o arquiteto que trabalha com amor às vezes até altas horas da noite. Ele garantiu a boa acústica e a beleza artística da nova matriz e promete que em vão se procurará no estado igreja de igual beleza; e tenho confiança nas palavras dele (...)”.

Ligar-se em laço de amizade a um jovem padre era bastante interessante para um profissional que trabalhava com arquitetura religiosa, isso poderia lhe garantir indicações e outros projetos quando aquele religioso fosse transferido, como de fato aconteceu posteriormente. Gramlich trabalhou para aquele padre na construção da igreja matriz da cidade de São João Batista na década de 1960 e, possivelmente, a edificação de uma matriz para a cidade vizinha, Antônio Carlos, também projeto do alemão, tenha acontecido por indicação de Locks.

¹⁷⁸ Possível perceber esses aspectos em Locks (1938a; 1938b).

Mas o alvo de Gramlich era o arcebispo, uma vinculação com o alto clero poderia lhe dar mais oportunidades de trabalho, por esse motivo, era tão importante submeter diversos projetos ao prelado até que sua expectativa fosse atendida. O arquiteto não escondeu seu objetivo, como se pode ver no relato do padre Locks: “acaba de travar conversa demorada comigo o arquiteto Simão Gramlich que tem muito desejo de cair no agrado de V. Ex.ca Rev.ma para de futuro trabalhar em plantas de igrejas na Arquidiocese de Florianópolis” (LOCKS, 1938a, p. 1).

No caso do projeto da matriz de Itajaí, se fosse aprovado, Gramlich receberia o pagamento pela confecção do projeto e, posteriormente, pela fiscalização das obras. Em outras ocasiões, especialmente em seus trabalhos no Rio Grande do Sul, além desses valores, havia também o pagamento pela construção, pois naquele estado, além do projeto e da fiscalização, ele dedicava-se a comandar a equipe que realizaria a construção. Talvez, por esse motivo, no Rio Grande do Sul, os valores que cobrava para a realização dos projetos estavam abaixo daqueles cobrados por outros profissionais, além de estar ainda começando a construir um nome no país.

Para a construção da igreja matriz da cidade de Sinimbu (RS), por exemplo, Gramlich inicialmente conduziria apenas a construção. O projeto a ser realizado seria o de Ernst Seubert, que cobrou 1.500\$000 (um conto e quinhentos mil réis) por seu trabalho (WINK, 2009, p. 26). Em carta a um padre da região, porém, Gramlich revela que teria cobrado para o projeto daquela igreja apenas 300 mil-réis, um quinto do valor solicitado por Seubert¹⁷⁹ (GRAMLICH, 1926c, p. 1). Sua módica cobrança pelo projeto, porém não pode ser vista como um grande favor ao clero, Gramlich sabia como lucrar com essas situações. O baixo custo da planta funcionava como uma isca para fisgar o cliente, posteriormente, o valor acertado para a condução da obra e outros benefícios acarretados acabavam lhe favorecendo.

Havia outros ganhos ainda maiores que poderiam lhe encontrar, caso conseguisse definitivamente cair no agrado do clero, e aqui não se fala do pagamento pela planta ou pela condução da obra. A execução de um projeto de grande porte, como era a de igrejas, e a posição de destaque que era conferida a esse monumento e a todos os envolvidos na construção, resultava na elevação do nome do arquiteto. O profissional tornava-se conhecido e chamava a atenção das elites locais que viam vantagens simbólicas ao ter para si uma residência projetada por um ilustre arquiteto.

¹⁷⁹ Para a igreja matriz de Sinimbu, apesar de pagarem pelo projeto de Seubert, a planta escolhida para a construção acabou sendo de autoria de Simão Gramlich.

Ao longo da trajetória de Gramlich, é possível perceber, e acredita-se que ele mesmo soubesse, que em todas as cidades onde projetava obras de grande porte, especialmente igrejas, seu nome corria entre as elites locais e ele acabava sendo contratado por políticos e industriais para a execução de projetos residenciais e comerciais. Em Venâncio Aires, por exemplo, Gramlich projetou a igreja matriz (1927) e depois o Edifício Stork, o primeiro na cidade a ter mais de um pavimento. O imóvel pertencia ao farmacêutico Goswino Storck e destinava-se inicialmente à função de clínica médica e laboratório, além de residência (GOVERNO, 2012).

Na cidade de Itajaí, após o início da construção da igreja matriz, o arquiteto realizou projetos para o político Marcos Konder (um Centro Cultural e Museu, 1944, – não construído), para Alois Emmendoerfer (1944) e Ralf Henrique Thieme (1940), membros da Comissão Construtora da Igreja, para o comerciante Nino Nery dos Santos (1942), para o Porto de Itajaí (1944) e até mesmo para o mestre-de-obras responsável pela construção da igreja, Manoel Morgado (1943). Outras cidades ainda poderiam ser citadas, como Gaspar e São Bento do Sul, onde, após realizar plantas para as matrizes católicas, o arquiteto desenvolveu amizade com os prefeitos, sendo contratado por eles para obras particulares.

Assim, nesta subseção, buscou-se refletir sobre o processo de denegação nas falas de Gramlich onde, a princípio, ele se mostrava desinteressado pelo pagamento dos projetos que vinha realizando para a igreja matriz de Itajaí, fazendo parecer que assim procedia por bondade e satisfação, enquanto sabia dos lucros que lhe adviriam a médio e longo prazo ao atender as expectativas do arcebispo. Tais lucros, muito além daqueles já previstos, como o pagamento pela planta aprovada e pela condução das obras, também contemplavam a possibilidade de uma vinculação com o prelado para a realização de outras obras futuramente; uma aliança de amizade e cumplicidade com o padre José Locks, com quem tinha contato frequente, poderia lhe render indicações e contratações ao longo da carreira do religioso; e, o mais relevante meio de lucro, sua aproximação com as elites locais, que viam na contratação do afamado arquiteto um ato de distinção social.

4.2 O GOSTO POLÍTICO DO ARCEBISPO

Gramlich desejava atender ao gosto do Arcebispo catarinense, mas, mesmo fazendo diversos projetos arquitetônicos, não conseguia alcançar as expectativas do religioso. Seria o gosto de Dom Joaquim tão requintado que aquele arquiteto não lhe pudesse alcançar? Neste espaço, será mostrado como esse caso, que aparentava ser uma mera questão de gosto

arquitetônico, desembocou em diversas situações de embate político envolvendo o clero católico e as elites catarinenses.

Quando o padre Locks anunciou ao arcebispo Dom Joaquim que havia procurado Simão Gramlich para a execução de um projeto para a nova matriz de Itajaí, a resposta que recebeu foi de consentimento, seu superior estava de acordo com a atitude tomada, inclusive dando a impressão de já conhecer o trabalho do arquiteto: “Foi uma ideia feliz recorrer ao conhecido profissional Sr. Gramlich” (SECRETÁRIO, 1938, p. 1)¹⁸⁰.

Mas a ideia não parece ter sido tão feliz assim ao ver a posição tomada pelo arcebispo, que, por dois anos, fez sucessivas críticas aos projetos de Gramlich, chegando a descartá-lo por fim, sem nada pagar. A justificativa, encontrada no Livro Tombo da Paróquia de Itajaí, para essa dispensa era que o arcebispo deseja uma igreja mais simples para aquela cidade, mas o arquiteto sempre recaía em um desenho rebuscado¹⁸¹. Outro profissional foi escolhido por Dom Joaquim e mesmo com algumas inconveniências de alturas alertadas pelo padre José Locks (LOCKS, 1939a) e com as próprias ressalvas do arcebispo (WYROBEK, 1940, p.1), em quatro meses o novo projeto foi aprovado.

Essa estranha situação em que Dom Joaquim, por dois anos, parecia implicar com Gramlich, inclusive ainda mesmo quando suas exigências para o projeto eram cumpridas servilmente, e a troca por outro profissional, que apesar de apresentar problemas no projeto teve aprovação em pouco tempo, faz refletir sobre o que estaria por trás da escolha do religioso. Tudo leva a crer que não seria apenas a qualidade do projeto e do profissional que levaram a tal decisão.

Essa investigação, portanto, começará com uma apresentação sobre o principal mediador de toda a construção: o padre José Locks. Como pároco de Itajaí, Locks estava à frente da iniciativa de construção da Igreja Matriz, era ele o responsável por contratar o arquiteto e estabelecer um canal de comunicação entre esse profissional e o superior arcebispo Dom Joaquim. Além de mediar a relação, ele também era interlocutor na comunicação com a Comissão Construtora, com os fiéis e com todos os demais profissionais que seriam contratados para aquela empreitada.

4.2.1 Padre José Locks

¹⁸⁰ A maioria das cartas enviadas para José Locks como resposta de outras que ele enviou a Dom Joaquim não são respondidas diretamente pelo arcebispo, mas por algum secretário.

¹⁸¹ Estas informações estão na página 98, com data de 1939, do Livro Tombo da Paróquia de Itajaí. O livro manuscrito se encontra na Secretaria da Paróquia de Itajaí.

O Padre José Locks nasceu em São Ludgero (SC), em 1893, e sua ordenação sacerdotal foi realizada na cidade de Florianópolis em 1920, por Dom Joaquim. Naquele mesmo ano, ele foi enviado para trabalhar como coadjutor na Paróquia de Laguna. Em 1921, ele esteve pela primeira vez colaborando na igreja de Itajaí, também como coadjutor, ficando ali até o começo de 1924. Neste período, Locks começou a se incomodar com a presença de alguns protestantes em sua área de atuação, fez reclamações para a Cúria e, prontamente, foi atendido também com uma resposta de indignação de seus superiores (LOCKS, 1923, p. 1).

Entre 1924 e 1930, Locks esteve em outras ocupações até que, em 1931, retornou para Itajaí, mas dessa vez como Vigário. Que ano terrível aquele para o padre! Em quase todas as cartas enviadas por ele para a Cúria Arquidiocesana aquele ano, sua fúria contra os protestantes é percebida, até chegar seu auge no mês de agosto, quando Locks marcou uma discussão pública com um Ministro Pentecostal no bairro Barra do Rio e após uma confusão entre os fiéis de ambas as religiões, houve pancadaria e uma mulher foi ferida com uma facada (LOCKS, 1931a, p. 1). Além dessa situação que desabonou seu trabalho em Itajaí, houve, anteriormente, um desentendimento com alguns fiéis que chegaram a pedir ao Arcebispo a retirada do padre da cidade (THIEME *et al.*, 1931, p. 1). Naquele ano, já se havia começado a pensar na construção de uma nova Igreja Matriz para Itajaí, mas Locks batia de frente com alguns membros da elite quanto ao local de instalação do templo (LOCKS, 1931b, p. 1). O resultado daquele ano atribulado foi a transferência de Locks para Camboriú (OLIVEIRA, 1931, p. 1).

A partir da década de 1930, é possível perceber, nas correspondências trocadas entre Dom Joaquim, mesmo que redigidas por seus sucessivos secretários, e o padre José Locks, que havia certo grau de antipatia entre ambos, o que mais tarde ficou comprovado através de inúmeros relatos que Locks fez a Dom Afonso Niehues, a respeito do relacionamento com seu antigo superior, questionando as atitudes de Dom Joaquim quando foi Arcebispo. Sobre essa hostilidade entre eles, Locks desabafou com Dom Afonso: “Nunca nos pudemos entender. Não sei que parede divisória havia entre nós” (LOCKS, 1967, p. 1). Porém, apesar dessa fala, o padre José sabia com quais tijolos ambos haviam construído a parede: era a posição política que os dividia.

Dentre as informações coletadas sobre José Locks, verifica-se, em suas correspondências, a partir do ano de 1936, seu engajamento com o Integralismo em Santa Catarina, inclusive fazendo parte da liderança do grupo na cidade de Camboriú, chegando a disponibilizar, em certa ocasião, o espaço da Igreja para uma reunião dos partidários (LOCKS, 1937, p. 1). A situação não passou despercebida pelos olhos do Arcebispo, que

repreendeu o padre e pediu explicações, mas Locks ainda não sabia lidar bem com seu superior e respondeu com um texto cheio de argumentos a favor do Integralismo:

Saudações respeitadas! Acuso recebida a sua paternal carta do dia 8 de maio, e ontem escrevi uma ao Ex.mo. Sr. Governador do Estado, explicando-lhe as razões remotas e próximas que me determinaram a ceder o edifício da igreja nova para a reunião integralista. Fiz-lhe ver que essa minha atitude pública partidária não agradou a V. Ex.ca, e depois explanei, com vários exemplos, a pouca consideração que a política local, chefiada pelo sr. Flávio Vieira tem tomado para com os sentimentos católicos da quase totalidade do povo deste município, e que minhas atitudes não significam senão um formal protesto contra a insidiosa cooperação dos políticos daqui na infiltração do comunismo digo protestantismo.

O materialismo de Hitler reluz claramente das páginas do “*Mein Kampf*” e já era condenado antes da vitória dele, pelos bispos na Alemanha, que na mesma ocasião haviam proibido aos católicos ingressarem nas fileiras hitleristas. Depois da vitória de Hitler a proibição foi revogada *pro bono pacis*. Hitler no dito livro zomba da oração: “*Mit Beten wird da nicht geholfen*” = “o rezar não adianta nada” diz ele.

A interpretação dos fatos históricos é naquele livro toda materialista, como em Marx. “A natureza quer que o forte oprima o fraco” por isso lhe assiste o direito “e a Alemanha sentindo-se bastante forte, pode e deve se apoderar das terras de que precisa para a manutenção de seu povo e tanto faz buscar estas terras na Europa como na África”.

Plínio Salgado no seu livro “*Psicologia da Revolução*” afirma o ponto de vista contrário; ele admite a interferência da livre vontade do homem e também a interferência de Deus (por meio de milagres) na história do mundo. Vale a pena a V. Ex.ca. ler este livro e mais dois outros: “*O Espírito do século XX*”; e o “*Quarto Império*” de Gustavo Barroso, para ver quão diferente são as orientações filosóficas do Integralismo e do Hitlerismo. Não duvido que no sistema deles possa haver alguma influência de má leitura, mas esta não é predominante.

A liberal-democracia tem por fundamento a dúvida, o agnosticismo. “Não se sabe se há Deus, se há outra vida com retribuição do bem e do mal” por isso a religião é coisa tolerável, mas não necessária. “A fonte do direito do poder, a norma da lei é a vontade da maioria”. Outro erro, ou melhor, heresia pior que a protestante!

Sistemas análogos ao Integralismo não existem só na Alemanha, mas também na Polônia, Áustria, Portugal e Itália; e nestes países, é tolerável e, e, alguns até invejável a situação do catolicismo, - Se na Alemanha o governo realizar o seu plano de fechar as escolas e confessionários e substituí-las por escolas neutras estarão os católicos alemães na mesma situação em que vivemos nos brasileiros durante os 40 anos da República Velha, porém, armados com meios incomparavelmente melhores que os católicos brasileiros para suprir a falta de doutrinação nas escolas. Na Alemanha o catolicismo não desmerecerá com a perseguição como não desmereceu na Polônia e na Irlanda em séculos de opressão. Desde que não sejam logo mortos todos os padres, como pelo processo comunista, restam para a religião esperanças sempre vivas.

Em relação ao Integralismo tenho a firme convicção de que o tempo e os fatos se encarregarão de dissipar os, aliás, justificados temores de V. Ex.ca. Ver.ma. (LOCKS, 1937, p. 1).

Argumentos gastos em vão, pois Dom Joaquim tinha sua posição política definida desde o começo de seu trabalho religioso em Florianópolis, ele estava com Nereu Ramos em qualquer situação. E se Nereu Ramos, naquela ocasião, governador do estado, não tolerava o Integralismo, então, o Arcebispo também não o permitiria entre o seu clero. A posição política de Dom Joaquim, porém, será tratada com maior destaque adiante.

A febre integralista do padre José Locks só passou quando, em meados de 1938, ele foi chamado a assumir a Paróquia de Itajaí. Lá, especialmente com o reavivamento do desejo de se construir uma nova matriz, ele se aproximou de outro grupo político, também em oposição à Nereu Ramos, o Partido Republicano Catarinense, apoiador da oligarquia Konder Bornhausen.

Por muitos anos, Locks manteve contato com Irineu Bornhausen, inclusive como colaborador de sua campanha política. É interessante perceber o jogo duplo feito pelo padre ao relatar essa amizade: quando ele se dirigia a Dom Joaquim sobre sua proximidade com Irineu, buscava mostrar como as circunstâncias lhe obrigavam a ajudar aquele político, quase como se não houvesse outra saída, e que em nada isso lhe agradava:

A pedido, por carta, do senhor Irineu Bornhausen fui, com limusine da UDN, a Rio Fortuna convencer o P. Gregório (que não encontrei) que o Brigadeiro não era comunista. O mesmo fiz em Pedras Grandes e Braço do Norte com pouquíssimo resultado prático. O Cônego Fontes deixou no Braço do Norte impressão desfavorável por não celebrar missa, coisa que o povo não compreende. Fiz tudo isso com repugnância, mas precisei do senhor Irineu Bornhausen e a igreja nova de Itajaí ainda precisará dele (LOCKS, 1945, p. 1).

Porém, em um manuscrito pessoal redigido por Locks no começo da década de 1950, ele relatou a campanha eleitoral que ocorreu no ano de 1950 na qual Irineu participou, e ali escancarou a simpatia que nutria pelo amigo:

Como eu tinha relações pessoais com o Sr. Irineu Bornhausen e com seu sobrinho dr.Konder Reis, excelente moço, formado na Universidade Católica do Rio comecei a pender primeiro discretamente e depois já sem reboços para este lado donde a igreja podia esperar mais vantagens.¹⁸²

Pode parecer anacrônico os relatos das décadas de 1940 e 1950 sobre a proximidade de Locks com os Konder Bornhausen para refletir sobre a escolha do projeto arquitetônico para a matriz de Itajaí que ocorreu entre 1938 e 1940, mas o que se pode depreender desses relatos é que esse vínculo de amizade não surgiu no pleito eleitoral de 1945, mas foi construído e consolidado por anos, gerando um engajamento político do padre a favor dessa oligarquia itajaiense, contrariando a posição política do Arcebispo Metropolitano de Florianópolis.

4.2.2 Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira

¹⁸² Relato manuscrito no “Livro de Crônica da Paróquia de São João Batista” na página 5, escrito em 1950. O livro foi escrito entre os anos 1950 e 1951, e se encontra no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis.

Dom Joaquim Domingues de Oliveira era português nascido em Vila Nova de Gaia no ano de 1878. Ainda criança veio para o Brasil, residindo e realizando seus estudos em São Paulo. Em 1901, recebeu ordenação sacerdotal e, alguns anos depois, esteve na Europa estudando Direito Canônico. Antes de ser chamado para assumir o Bispado em Florianópolis em 1914, ele era Secretário do Arcebispado em São Paulo (ver Quadro 9).

Sua chegada em Santa Catarina foi muitíssimo turbulenta, já fazia dois anos que o cargo estava vago devido à saída de Dom João Becker para Porto Alegre e as sucessivas falhas na escolha de um substituto pioravam a situação. O último nomeado, Dom João Borges Quintão, renunciou ao cargo, pois não conseguia seguir à risca a lei do celibato e era acusado de ligação com a maçonaria (SERPA, 1997, p. 174).

Mas esse não era o único motivo de turbulência. Jornais da capital catarinense fizeram uma campanha acirrada contra o clero germânico no estado durante a década de 1910, período que, especialmente por ocasião da Primeira Guerra Mundial, começaram a circular com maior veemência discursos nacionalistas em Santa Catarina. O historiador Élio Cantalício Serpa (1997), no quarto capítulo de seu livro “Igreja e poder em Santa Catarina”, analisou os discursos de alguns desses jornais, especialmente de “O Clarão”, que circulou em Florianópolis entre 1911 e 1918.

Esse jornal, apesar de se dizer como anticlericalista, não se opunha aos padres luso-brasileiros, chegando a comemorar a transferência de Dom João Becker, o bispo anterior de origem alemã, para Porto Alegre, e a nomeação de Dom Quintão, religioso brasileiro. Sobre a renúncia daquele bispo maçom, “O Clarão” afirmava que se deu por pressão do clero alemão de Santa Catarina (SERPA, 1997, p. 125). E quando Dom Joaquim Domingues de Oliveira assumiu o cargo, houve também regozijo, ainda que ele fosse português, mas caía contra ele a acusação de viver cercado por padres alemães, não conseguindo extirpar esse mal do estado.

A vinda de Dom Joaquim para Santa Catarina, portanto, está ligada a esse discurso nacionalista, especialmente ao se pensar que isso ocorreu durante a gestão do governo estadual do coronel Vidal José de Oliveira Ramos, representante da oligarquia do planalto catarinense que disputava poder político contra os industriais alemães do Vale do Itajaí. Além disso, o filho de Vidal Ramos, Nereu Ramos, redator dos jornais “O Dia” e “A Noite”, onde deixava clara sua posição de combate ao germanismo, foi advogado da Cúria Diocesana de Florianópolis e amigo próximo de Dom Joaquim durante toda a sua vida (SERPA, 1997).

Se cabia à família Ramos uma posição antigermanista, então assim acompanharia Dom Joaquim, ainda que devesse ter paciência com o clero que liderava no estado, cuja composição em sua maioria era de estrangeiros. Sobre a posição do bispo, o padre José Locks

fez diversas indicações, seja em seus escritos pessoais como nas próprias correspondências trocadas com seu superior, é interessante, porém ressaltar que assim como no caso de seu contato com Irineu Bornhausen em que fez um jogo duplo, nessa situação também se vê certa incongruência de discurso. Ao Arcebispo, o padre fazia denúncias acerca das disputas em relação ao clero alemão e o brasileiro (e teuto-brasileiro), frisando uma posição de arrogância e superioridade do primeiro, como por exemplo, na carta escrita em 1931:

Além disso, existe uma pequena rivalidade entre os padres alemães e os teuto-brasileiros. Aqueles por terem nascido e se formado além do oceano e por terem estudado mais se julgam em tudo superiores e aborrecem estar sob a dependência de um daqui. Há esta mesma rivalidade nas ordens religiosas e principalmente na Congregação das Irmãs da Divina Providência onde é princípio assentado que nunca uma irmã nascida aqui se torne superiora de alguma casa. A do colégio de Laguna, quando lhe propus uma candidata piedosa e inteligente do Ribeirão, me respondeu textualmente “queremos conservar a Ordem o caráter alemão” (LOCKS, 1931, p. 1).

No texto do padre Locks: “Nos bastidores da História”, porém, saltam acusações contra a posição evidente de Dom Joaquim contra os alemães, uma delas é:

Os padres alemães, em virtude da guerra e da atitude do Senhor Bispo, perderam a simpatia de seu superior, tanto durante como depois da guerra. O Senhor Bispo dava manifesta preferência aos padres portugueses, italianos e poloneses. Isto era humano. Os padres alemães expulsos de Itajaí foram ao palácio, pedindo os móveis deixados na hora na expulsão e o Sr. Bispo disse: “Vão plantar batatas!” essa palavra ecoou longe e passava de boca em boca.¹⁸³

Em outro manuscrito de Locks, “Livro de Crônica da Paróquia de São João Batista”, iniciado em 1950, as acusações recaem também contra Nereu Ramos. Isso se dá quando o padre apresentou três motivos por ter certeza que Nereu Ramos era maçom, e o primeiro deles se referia aos maus tratos e tratamento humilhante que os religiosos estrangeiros receberam no estado durante a Segunda Guerra Mundial, período no qual aquele político foi interventor estadual (BRAGA, 2017).

A posição política de Dom Joaquim em favor da família Ramos em Santa Catarina não pode ser vista apenas como uma simpatia ou uma leve tendência de ideologias em comum, o Arcebispo havia estabelecido um vínculo com essa oligarquia e fazia o possível, dentro de sua atuação de poder, para defendê-los, chegando inclusive a enviar para suas paróquias uma circular de apoio a Udo Deeke, um candidato ao governo do estado de religião protestante, rechaçando o candidato católico, porque Deeke pertencia ao PSD, partido de Nereu Ramos. A partir disso, levantou-se o boato de que o Arcebispo teria sido comprado pelo PSD, mas sobre isso, Locks opinou: “não creio que a Cúria tenha sido paga, ou tenha sob

¹⁸³ Relato manuscrito “Nos Bastidores da História”, página 3. O Manuscrito se encontra no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis.

a cor de outro título recebido dinheiro para não contrariar a candidatura de Udo Deeke – mas não há dúvida alguma sobre a influência de interesses materiais na atitude de parte do clero”¹⁸⁴.

Pode-se perceber, através de uma carta que Locks enviou ao Arcebispo Dom Joaquim em 1945, que a vinculação dele com PSD não era algo feito “por baixo dos panos”, mas era fato conhecido. Nessa correspondência, após iniciada as obras da matriz de Itajaí, e já quase em sua finalização, o padre José Locks pede sua transferência e aconselha o arcebispo a enviar um pároco que não fosse ligado ao pessedistas, para não perderem o apoio de Irineu Bornhausen e assim as obras da construção da igreja pararem:

Pediu-me para ficar a fim de ajudá-lo na campanha política. Este é hoje o nervo mais sensível que ele tem e, se a V. Exia. quer acabar a Nova Igreja Matriz, creio que deverá enviar um sucessor não simpático ao governo do estado **por suas conhecidas relações com o partido social democrata**. O senhor Irineu Bornhausen tem enorme influência em todo meio comercial e industrial de toda esta zona. Com ele qualquer um fará a nova matriz, sem ele ninguém (LOCKS, 1945, p. 2, grifo nosso).

Essa é a segunda citação que se apresenta neste capítulo na qual o padre José Locks expressa o quanto o auxílio de Irineu Bornhausen era importante para a construção da matriz de Itajaí e que sem ele aquele empreendimento seria impossível. Esse alerta, ligado à advertência da necessidade de que o pároco de Itajaí estivesse de acordo com a política de oposição ao PSD, bem como disposto a prestar apoio aos Konder Bornhausen, mostram o quanto a instituição católica dessa cidade se movia sob comando político e o quanto a própria construção de uma igreja matriz suntuosa representava o sucesso de seu maior benfeitor: Irineu Bornhausen.

Tendo isso posto, é possível retornar à história encenada entre 1938 e 1940: como poderia um arcebispo “nereusista”, aliançado à oligarquia Ramos, apoiar a construção de um monumento de tamanho vulto na casa da oligarquia Konder Bornhausen, incentivada pelo próprio líder do grupo, Irineu Bornhausen, e dirigida por um padre por quem ele não tinha apreço, apoiador de tais famílias? O consentimento para a execução do suntuoso projeto de Gramlich veio com um choque de realidade: a Comissão Construtora queria Gramlich; um dos principais membros da Comissão era o político, industrial, milionário, Irineu Bornhausen; com o apoio dele e de seus aliados, a igreja se construiria sem falta de verbas, no entanto, sem ele, pouco poderia ser realizado.

¹⁸⁴ Relato manuscrito no “Livro de Crônica da Paróquia de São João Batista” na página 5, escrito em 1950. O livro foi escrito entre os anos 1950 e 1951, e se encontra no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis.

4.2.3 Rejeição aos insubmissos

Os desentendimentos entre o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira e o padre José Locks começaram muito antes de qualquer posicionamento político contrário ao seu superior que o padre pudesse tomar. O que se pode ver nas correspondências trocadas entre eles, especialmente nas duas primeiras décadas de trabalho religioso de Locks (em 1920 e 1930), é uma postura à beira da insubmissão, quando o padre procurava mostrar ao Arcebispo o que deveria ser feito em cada ocasião a seu respeito, chegando, em determinada circunstância, a insultá-lo publicamente. O ápice da desavença foi quando Dom Joaquim concedeu perdão ao padre por tais insultos:

Acuso recebida sua carta, de 27 do corrente datado “pedindo perdão do modo como falara ao Arcebispo há três anos em Luiz Alves e da maneira com que se comportara naquela viagem”. Ora, louvado seja Deus! Antes tarde do que nunca! Por que pede perdão? Porque fez “aquilo”, isto é, a “maneira com que se comportara naquela viagem” em dias e meses de constante, agressiva e mal disfarçada provocação, e, por fim “do modo com que nos falara”, lamentavelmente esquecido do seu lugar, dos deveres que lhe incumbem, entre outros, o da obediência e reverência (OLIVEIRA, 1935, p. 1).

Nota-se que, apesar do perdão concedido, as palavras da carta procuraram humilhar o padre José Locks, ressaltando sua posição de inferioridade no clero. Dentre todos os pecados cometidos pelos sacerdotes católicos, insubmissão era aquele que mais incomodava Dom Joaquim, como demonstrou Elza Daufenbach Alves (2005) em sua tese de doutorado: “Nos bastidores da Cúria: desobediências e conflitos relacionais no intra-clero catarinense (1892-1955)”. Após a análise de dezenas de correspondências do Arcebispo, a historiadora afirmou que

Um ponto a ser observado em relação a Dom Joaquim Domingues de Oliveira é a capacidade de dispensar relativa paciência aos padres cujas desobediências contrariavam a conduta moral relativa ao estado clerical, bem como certas obrigações definidas pelas normas eclesiais. É, muitas vezes, perceptível certa indulgência conferida para aqueles que proporcionavam escândalos sexuais. Geralmente nestes casos suas admoestações seguiam um caráter paternal e benevolente, e a preocupação maior estava em ocultar os escândalos e manter os desviantes sob vigilância de evitar possíveis novos aborrecimentos. Porém, este modo paternalista de proceder desaparecia sempre que um padre desobedecia a sua autoridade direta, quer dizer, quando ousava contradizer suas vontades (ALVES, 2005, p. 278).

Até mesmo o padre José Artulino Besen, que escreveu uma biografia sobre Dom Joaquim, ressaltou essa característica do Arcebispo: “não há desfalecimentos em sua visão piramidal da Igreja – papa, bispos, sacerdotes e leigos – onde o grau inferior obedece totalmente ao grau superior” (BESEN, 1979, p. 43). A apresentação da posição de Dom

Joaquim não busca em nada ferir a imagem do religioso, mas mostrar como essa característica ditou o relacionamento que ele tinha com seus subordinados e como refletiu na vida das comunidades católicas, inclusive na construção de seus templos.

Diante desse fato de rejeição aos insubmissos por parte de Dom Joaquim, seria melhor para Simão Gramlich que o Arcebispo catarinense não conhecesse sua fama no Rio Grande do Sul. Apesar de naquele estado ter feito suas maiores obras, saiu de lá sendo odiado por parte do clero, especialmente por sua incapacidade de sujeitar-se às determinações de seus clientes. Gramlich custava a obedecer às regras dos editais, os orçamentos estabelecidos e até mesmo seus próprios projetos. Era um artista excêntrico, consciente de sua habilidade e da rara disponibilidade de profissionais à sua altura naquelas décadas no Sul do Brasil.

Se o arcebispo não conhecia Gramlich por suas obras realizadas no Rio Grande do Sul, pode ser que tenha recebido informações sobre ele quando o alemão se envolveu com um de seus primeiros trabalhos para a Igreja Católica em Santa Catarina: o projeto de um novo hospício para Brusque. As informações sobre o empreendimento estão em um livro que ainda será lançado pelo padre Eder Claudio Celva sobre a Santa Casa de Misericórdia de Azambuja e o Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux.

O Padre Eder encontrou, no Diário do Reitor do Seminário de Azambuja (1933-1936)¹⁸⁵, a anotação de que, no dia 01 de novembro de 1932, Simão Gramlich esteve em Azambuja (Brusque) para explicar aos padres sua arquitetura, ali conversaram sobre a construção de um novo hospício e também um novo hospital. A animação foi tamanha que logo um dos padres foi até Florianópolis apresentar tais ideias a Dom Joaquim. Ocorreram algumas negociações e Gramlich chegou a realizar um projeto com o custo de 8 contos de réis para o hospício, que seria construído na Chácara Santa Terezinha na comunidade de Limeira, porém, desses planos, nada foi executado. Dessa situação, pode-se sugerir que Dom Joaquim teve acesso tanto a informações sobre Simão Gramlich como ao próprio projeto arquitetônico do hospício.

Percebendo a monumentalidade dos projetos anteriores realizados por Gramlich para a Igreja Católica no Rio Grande do Sul e pelos 8 contos de réis cobrados, é de se imaginar que o projeto do hospício tenha seguido a mesma característica de suntuosidade. Portanto, ao se apresentar para fazer a Matriz de Itajaí, Gramlich permaneceu apostando em desenhos rebuscados, ainda mais quando garantiu, ao vigário, boa acústica e beleza artística: “diz o arquiteto, que trabalha nesta planta com amor às vezes até altas horas da noite. Ele garante a

¹⁸⁵ Não disponível para a pesquisa de leigos.

boa acústica e a beleza artística da nova matriz e promete que em vão se procurará no Estado igreja de igual beleza” (LOCKS, 1938b, p. 1).

O arquiteto achava que seus desenhos agradariam ao Arcebispo e que apenas alguns ajustes seriam necessários, conforme a solicitação do religioso, porém, o que parecia simples acabou tornando-se um tormento que durou de setembro de 1938, quando ele foi procurado pelo padre José Locks, até agosto de 1940, quando o projeto apoiado pela Comissão Construtora da Matriz de Itajaí ficou pronto.

Durante esses dois anos, Dom Joaquim pediu sucessivas modificações no projeto de Gramlich para aquela matriz, os quais foram atendidos dentro de suas possibilidades de execução. A primeira vez que o padre Locks enviou para Dom Joaquim um projeto com as modificações que ele solicitou foi em 24 de outubro de 1938, com a ressalva de que uma das salas estava no desenho sem divisória porque poderia ser acrescentada a qualquer momento (LOCKS, 1938c, p. 1). Locks acreditava que no mês seguinte todo o projeto poderia estar pronto e aprovado para que o benzimento da pedra fundamental ocorresse em janeiro de 1939, ledo engano.

A resposta que recebeu foi um convite a sua vinda até Florianópolis, mas não de mãos vazias, e sim com um novo projeto, um novo ponto de partida. A situação não era das mais agradáveis para Locks e o arquiteto, mas, ainda assim, eles procuravam atender ao Arcebispo para que o projeto fosse logo aprovado, atendê-lo em todos os seus pedidos parecia uma boa solução para ambos:

Acaba de travar conversa demorada comigo o arquiteto Simão Gramlich que tem muito desejo de cair no agrado de V. Ex.^{ia} Rev.^{ma} para de futuro trabalhar em plantas de igrejas na Arquidiocese de Florianópolis. Diz que cada prelado tem sua própria orientação artística e que ele pretende estudar o gosto de V. Ex.^{ca}. Rev.^{ma} até o conhecer para então trabalhar de acordo com ele; que ele está prompto a fazer plantas e mais plantas até conhecer em todos os sentidos as predileções de V. Ex.^{ca} Rev.^{ma} e diz que as plantas não aprovadas nada custam. Em vista desta boa vontade pedi lhe que iniciasse mais uma planta em estilo romano que oportunamente submeterei à apreciação de V. Ex.^{ca} Rev.^{ma} (LOCKS, 1938a, p. 1).

Todavia, a posição de Gramlich de esforçar-se para atender Dom Joaquim, incluindo o não pagamento pelos projetos não aprovados, lhe gerou um excesso de trabalho. O arcebispo aproveitou a deixa para solicitar mais quatro projetos de diferentes estilos, sendo um deles destinado a uma igreja em Nova Trento, com urgência, para que o religioso pudesse mostrar a uma certa comissão que já havia feito alguma coisa em prol daquela outra cidade (SECRETÁRIO, 1938, p. 1).

O arcebispo parecia brincar com o temperamento do arquiteto, mesmo sem o saber. Após a leitura de cartas de Gramlich, as histórias contadas por sua família e outros registros encontrados, é impossível não pensar nos sentimentos gerados nele diante daquelas sucessivas solicitações do religioso, que poderiam ser consideradas até mesmo como humilhações e desmerecimento de um profissional de seu gabarito. Por muito menos, como ocorreu no Rio Grande do Sul, ele já teria explodido, mas essa não parecia mais uma opção viável, era preciso conter-se para conquistar o clero catarinense.

No começo de 1939, o próprio José Locks conferiu com Gramlich ponto a ponto do projeto, para que tudo estivesse de acordo com o que fora solicitado pelo arcebispo (LOCKS, 1939b, p. 1). Os sucessivos pedidos de modificações duraram até a metade de 1940 e culminaram na exclusão do projeto de Gramlich. A princípio, através das correspondências trocadas entre José Locks e a Cúria, tem-se a impressão de que aquela recusa se deu devido ao não cumprimento de algumas solicitações do arcebispo para o projeto, quase como uma insubmissão do profissional diante de seu cliente e superior espiritual:

Em nome de S. Excia. Rev.ma o Sr. Arcebispo, cumpre-me acusar recebido seu requerimento, de 16 do corrente datado, apresentando da projetada Matriz dessa cidade.

Dá um aspecto imponente e agradável. Infelizmente, ainda desta vez (e já são tantas), a do rez-do-chão não corresponde exatamente as sugestões apresentadas. Parece mesmo que nenhuma foi aproveitada, ou levada em consideração (SECRETÁRIO, 1939, p. 1).

Porém, no Livro Tombo da Paróquia de Itajaí, o registro deixado por José Locks aponta outro motivo de recusa, Dom Joaquim “pediu uma planta de linhas simples, enquanto o arquiteto caiu em todas as suas tentativas no contrário vício de um estilo rebuscado e caro”¹⁸⁶, e não simplesmente o não cumprimento de alguma modificação na “rez-do-chão”.

Logo após a exclusão do trabalho de Simão Gramlich para aquele projeto, um novo desenho apareceu e foi aprovado rapidamente por Dom Joaquim, mesmo constando diversos problemas a serem resolvidos. O primeiro inconveniente foi alertado por José Locks e dizia respeito à altura das portas, inclusive da principal, que media apenas 2 metros:

Ia mandar reproduzir e completar a planta do Snr. Bündgens, mas julgo-me obrigado a avisar a V. Ex.ca. Rev.ma que ela tem um defeito muito grande. As portas todas, também a principal, medem até a verga só 2 metros de altura, o que não serve para a cidade de Itajaí onde se fazem procissões com imagens grandes postas sobre andores, os quais para saírem pela porta deveriam abaixar se quase até o chão. Até mesmo seria incomodo sair com as varas do palio e do estandarte, sem falar na possibilidade de haver cristãos, embora raros, com mais de 2 m. de altura que, portanto, deveriam encurvar-se ao passarem pela porta principal da igreja matriz de

¹⁸⁶ Essas informações constam na página 98, com data de 1939, do Livro Tombo da Paróquia de Itajaí. O livro manuscrito encontra-se na Secretaria da Paróquia de Itajaí.

Itajaí. Lembrei-me de medir a altura das portas porque, no palácio, parece-me que a V. Ex.ca Rev.ma, quando reparou nelas, hesitou um pouco (LOCKS, 1939a, p. 1).

Os demais problemas foram apontados pelo próprio Arcebispo, mas sem a exigência de que nova planta fosse executada com as devidas correções. As modificações solicitadas eram muitíssimo maiores do que aquelas feitas em relação ao projeto de Gramlich: aumento do salão destinado à Ação Católica, bem como acréscimo de janelas e entrada com espaço para sanitário e lavatório; exclusão de escada externa ou qualquer abertura que desse acesso para a capela do Santíssimo Sacramento e também da escada que dava acesso à sacristia; e alteração de dois compartimentos que deveriam ter quatro lados regulares assim como a sacristia (WYROBEK, 1940, p. 1). Logo observa-se que havia alguma implicância com Gramlich e seu desenho ou certo excesso de simpatia por Felipe Bündgens, autor do segundo projeto.

4.2.4 Engenheiro Felipe Bündgens¹⁸⁷

Para os leitores que estão imaginando uma possível proximidade de Felipe Bündgens com a oligarquia Ramos, o que explicaria o fato de Dom Joaquim aprovar seu projeto mesmo com ajustes a serem feitos, vale informar que acertaram. Em 1938 e 1939, Bündgens foi Diretor de Obras Públicas em Florianópolis (BRINDES, 1939, p. 8), não se sabe ao certo se a cargo da prefeitura municipal ou do governo estadual, mas naquele período, ambos eram administrados pela Aliança Liberal: Nereu Ramos era o interventor de Santa Catarina e seu irmão, Mauro Ramos, o prefeito da capital. Assim, tanto faz se Bündgens estava trabalhando para o município ou para o estado, sua relação com a oligarquia Ramos passou a ser muitíssimo estreita.

Mas estranhamente, nem sempre ele esteve tão próximo dos Ramos. Na década de 1920, Bündgens foi Diretor de Obras Públicas do Estado durante o mandato de Hercílio Luz e Adolfo Konder, acompanhando a construção da Ponte Hercílio Luz¹⁸⁸. Após o falecimento do governante do estado que dá nome à ponte, ele continuou apoiando Adolfo Konder, o que é percebido através do registro de sua participação em homenagens feitas ao político publicadas em jornais (A EXCURSÃO, 1927, p. 1).

¹⁸⁷ Faltam pesquisas no campo da história e da arquitetura sobre esse profissional. Um trabalho acadêmico sobre a produção arquitetônica e os projetos de pontes e rodovias de Bündgens em Santa Catarina seria muitíssimo importante para a história da arquitetura e urbanismo do estado.

¹⁸⁸ Foi lançado, em 2012, um livro organizado por Marco Aurélio Ramos, com fotografias feitas por Felipe Bündgens durante a construção da Ponte Hercílio Luz em Florianópolis (RAMOS, 2012).

Entre idas e vindas naquela década de 1920, sua história em Florianópolis continuou a partir de 1929 quando, ao lado de seu sócio Alberto Zimmer, decidiu fundar uma Empresa Construtora naquela cidade (EMPRESA, 1929, p. 2). A partir de então, todas as notícias apresentadas nos jornais catarinenses sobre Felipe confirmam sua instalação na capital.

Bündgens nasceu em Aachen na Alemanha, em 1884. Lá se formou em engenharia civil. Sua vinda para o Brasil se deu em 1912, instalando-se em Blumenau. Com ele veio também sua esposa Wilhermim Bündgens, com quem se casou em 1907, mas aqui no Brasil procurou realizar um processo de divórcio em meados de 1915 (SUPERIOR, 1915, p. 3). Casou-se posteriormente com Augusta Vitória Weidmann, residente da cidade de Ibirama (SC). Antes de vir ao Brasil, já havia trabalhado na China com a construção da estrada de ferro de Tientsin-Pukow. Quando retornou para a Alemanha, recebeu o convite da empresa “Grün und Billfinger” para trabalhar no Brasil na construção de um trecho da estrada de ferro que ligava Blumenau a Ibirama (BUENDGENS, 1991, p. 220).

O engenheiro tem uma extensa produção em Santa Catarina ainda não analisada. Ele colaborou com a abertura de diversas estradas, como a estrada Blumenau-Rio do Sul-Trombudo-Lages, outra entre Canoinhas e Curitiba (1938) e uma rodovia em Laguna (1936). Alguns projetos arquitetônicos conhecidos de sua autoria são: o antigo prédio do Correios e Telégrafos de Blumenau, construído em 1927 a pedido de seu amigo, o prefeito da cidade na época, Curt Hering (nesse período, ele ocupou o cargo de engenheiro da Prefeitura); parte do porto de Itajaí, “molhos de saída do rio, no seu lado direito” (BUENDGENS, 1991, p. 220); e o prédio que ficou conhecido na história de Itajaí como sendo o Café e Bar Democrático, onde os homens da cidade frequentavam para discutir sobre política e as últimas notícias dos jornais, o prédio pertenceu a Olympio Miranda Junior, foi projetado em 1929 e é o “primeiro edifício no Estado construído com lajes de concreto armado, dividindo os andares” (BUENDGENS, 1991, p. 220). Esse prédio ainda existe, mas não é patrimônio tombado nem pelo estado, nem pelo município.

Felipe Bündgens trabalhou diversas vezes para o clero católico: em meados de 1916 projetou e construiu, para os padres franciscanos, um Convento e uma Capela em Lages; em Blumenau, novamente para os franciscanos, projetou uma casa na Rua XV de Novembro para abrigar professores da Escola Paroquial; e em 1915 projetou, também em Blumenau, o Hospital Santa Isabel, a pedido das Irmãs da Divina Providência, sendo a inauguração

realizada em 1916. Há ainda os projetos realizados por ele a pedido do Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira: uma igreja matriz para Itajaí e outra para Sombrio¹⁸⁹.

Juntando informações em diversas fontes, pôde-se identificar os projetos arquitetônicos de Felipe que se encontram no Arquivo da Cúria em Florianópolis, pois estava sem assinatura. Há um relato do padre José Locks, no qual descreve as medidas da igreja projetada por Bündgens para Itajaí:

Conforme a dita planta a igreja oferece lugar para se assentarem 1000 pessoas cabendo em pé ainda 2000. A torre mede 40m de altura. É de três naves, medindo a nave lateral 10m e as laterais digo medindo de largura a nave central 10m e as laterais cada uma 3m, é uma igreja em forma de cruz.¹⁹⁰

A partir desse registro de Locks, foi possível identificar as pranchas que seguem nas figuras 50, 51, 52, 53, 54 e 55. Conhecendo também a história de outras paróquias, soube-se que o projeto de Bündgens não construído em Itajaí foi empregado em Luiz Alves, cuja construção se iniciou em 1942 e a inauguração em 1952 (ver figura 56). As medidas finais do projeto em Luiz Alves foram: “47 metros; largura do corpo: 18 metros; largura do cruzeiro: 25 metros; altura interna: 15 metros; altura da torre: 37 metros” (BOHN, 2016, p. 19).

Figura 50 - Projeto para a Igreja Matriz de Itajaí realizado por Felipe Bündgens, 1939-1940



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis.

¹⁸⁹ O projeto feito por Felipe Bündgens para a igreja de Sombrio foi pago, mas não foi executado.

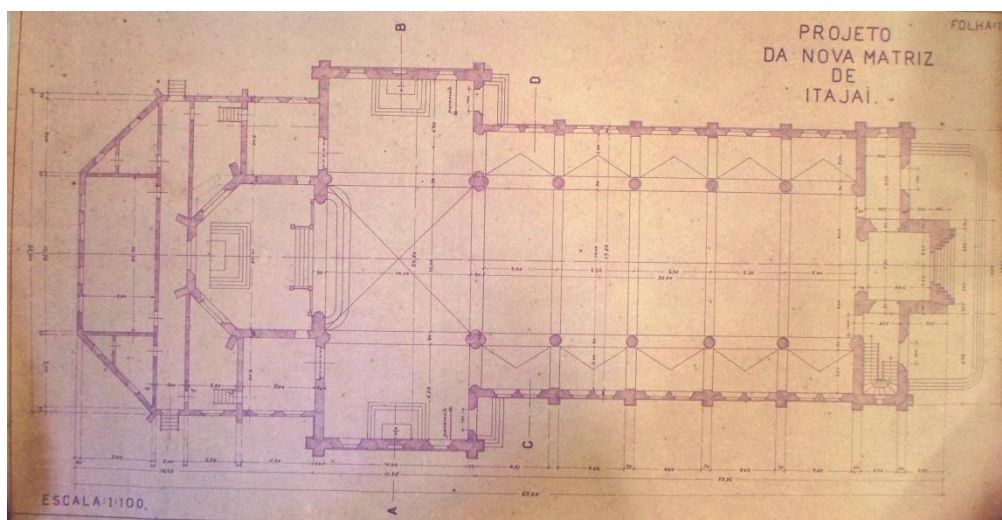
¹⁹⁰ O texto da citação encontra-se na página 98, com data de 1939, do Livro Tombo da Paróquia de Itajaí. O livro manuscrito se encontra na Secretaria da Paróquia de Itajaí.

Figura 51 – Detalhe do desenho de Felipe Bündgens, projeto para a Matriz de Itajaí, 1939-1940



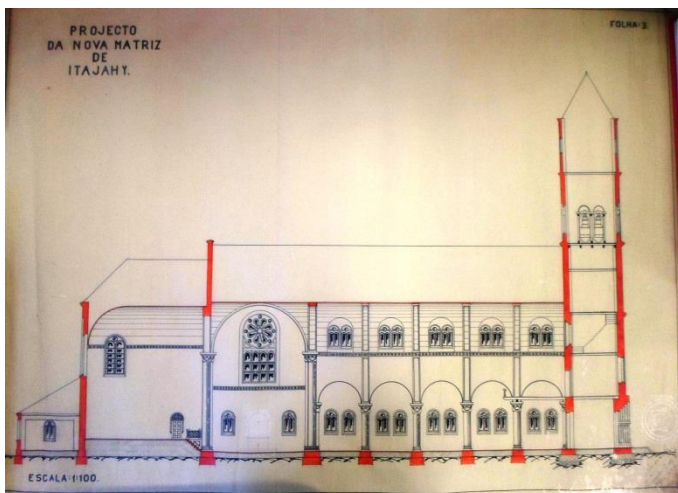
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis.

Figura 52 – Planta baixa para a construção da Matriz de Itajaí (Folha 1), autoria de Felipe Bündgens, naves laterais com 3 metros e nave central com 10 metros, conforme descrição de Locks (1939)



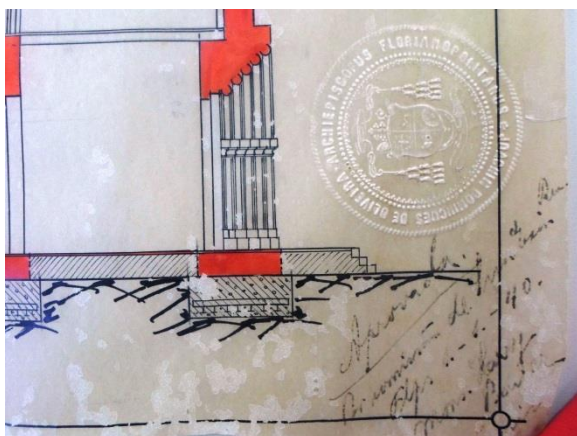
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis.

Figura 53 – Folha 3 do projeto arquitetônico para a matriz de Itajaí, com aprovação da Cúria na lateral inferior direita - Projeto de Felipe Bündgens, 1939



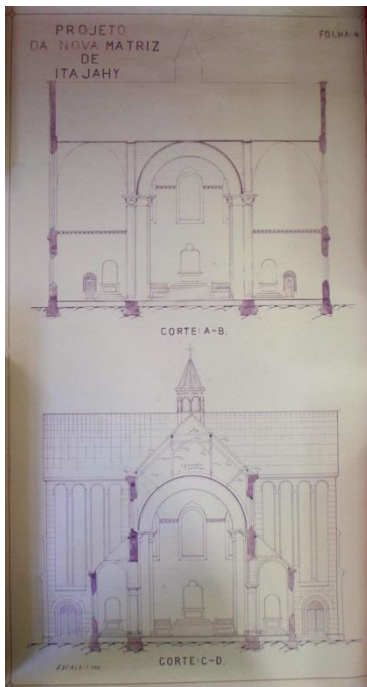
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis

Figura 54 – Detalhe da Folha 3 do projeto arquitetônico para a matriz de Itajaí. Aprovação da Cúria para aquele projeto assinada pelo Monsenhor Harry Bauer em 01 de janeiro de 1940



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis

Figura 55 – Folha 4 do projeto arquitetônico para a matriz de Itajaí, 1939



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis

Figura 56 – Igreja Matriz São Vicente de Paulo, Luiz Alves (SC) - Projeto de Felipe Bündgens



Fonte: Prefeitura, 2019.

Através da análise dos projetos supracitados, especialmente pelo corte apresentado na folha 4 e a planta baixa da folha 1, foi possível constatar a autoria de outras pranchas que se encontravam sem assinatura no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina da Mitra Metropolitana de Florianópolis. Esses outros documentos são projetos de Felipe Bündgens para a igreja Matriz de Sombrio e apresentam aspectos parecidos com o projeto realizado para Itajaí, como a composição da fachada com uma única torre central e três portas na fachada principal. Porém, o desejo do Arcebispo não se cumpriu pela segunda vez, o projeto de Felipe para Sombrio também foi deixado de lado e Simão Gramlich venceu o pleito.

No começo da subseção, sugeriu-se que tamanha simpatia de Dom Joaquim por esse profissional se devesse a sua proximidade, na década de 1930, à oligarquia Ramos, porém é preciso ressaltar outro fato que agradou o arcebispo ao escolher Bündgens: seu projeto era realmente muito mais simples do que aquele realizado por Simão Gramlich, o que facilitava a construção, por ser mais barato e executado em menor tempo.

Nas imagens a seguir, percebe-se o quanto o desenho de Gramlich era de execução mais complexa: ao invés de uma torre, duas com 44,53 metros, profusão de arcos, meias-colunas, arquivoltas acima das entradas principais, portal com arcos de volta inteira, relógio triangular, balaustradas, esculturas acopladas e diversos outros elementos (ver figuras 57, 58 e 59). A suntuosidade do projeto de Gramlich ganhou a atenção dos industriais e assim pode ser executado.

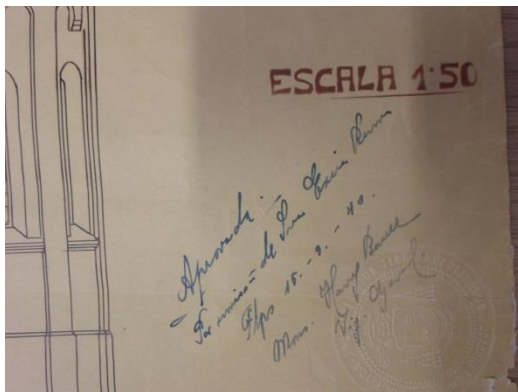
Neste capítulo, procurou-se mostrar como a construção de uma igreja não é obra exclusivamente pensada, gerida, escolhida e paga pelo clero com uma definição tácita do Bispo, ainda que assim fosse registrado no Sínodo Diocesano. Mais do que os aspectos religiosos, como piedade e simplicidade ou devoção e fé, que tomam a frente de um discurso para um tipo de arquitetura, foi no contexto político e econômico local e estadual que se encontraram as respostas mais relevantes para a compreensão da execução desses monumentos.

Figura 57 – Projeto de Simão Gramlich para a matriz de Itajaí. Fachada Frontal. No canto superior esquerdo, vê-se a assinatura de aprovação da Cúria



Fonte: CDMH-Itajaí.

Figura 58 - Detalhe do Projeto da Fachada para a matriz de Itajaí. Aprovação da Cúria para aquele projeto assinada pelo Monsenhor Harry Bauer em 15 de setembro de 1940



Fonte: CDMH-Itajaí.

Figura 59 – Projeto da Fachada Lateral da matriz de Itajaí realizado por Simão Gramlich











Fonte: CDMH-Itajaí.

5. O INSUSTENTÁVEL MODO ANTIGO DE PROJETAR IGREJAS

Cidades de Ferros, Piranga, Lagoa Santa e Carmo do Rio Claro, em Minas Gerais; Watertown em Dakota do Sul (EUA); St. Paul em Minnesota (EUA); Maringá, no Paraná; Bragança Paulista em São Paulo; Blumenau, Brusque e Joinville, em Santa Catarina, são cidades que possuem um fato em comum: todas tiveram um templo católico de relevante valor histórico para suas comunidades demolidos entre as décadas de 1950 e 1960 e substituídos por outro de concepção modernista (ver Quadro 12).

Quadro 12 - Igrejas antigas substituídas por exemplares de Arquitetura Moderna entre 1950 e 1960











Igreja - Local	Igreja Antiga	Igreja Nova
Igreja Matriz de Santana – Ferros, MG. ¹⁹¹		
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Piranga, MG. ¹⁹²		
Santuário Nossa Senhora da Saúde – Lagoa Santa, MG. ¹⁹³		
Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo – Carmo do Rio Claro, MG. ¹⁹⁴		

¹⁹¹ (SILVEIRA, 2011, p. 95); (IGREJA, [2---?]).

¹⁹² (FOTO, [20--?]); (PIRANGA, [20--?]).

¹⁹³ (CORREIA, 2009); (ARQUIDIOCESE, 2019).

¹⁹⁴ (SOARES, 2013); (DIOCESE, [20--?a]).

<p>Immaculate Conception Church / Holy Name of Jesus – Watertown, Dakota do Sul (Estados Unidos).¹⁹⁵ Após a demolição da Igreja Immaculate Concepcion, o terreno passou a ser ocupado pelo estacionamento de um supermercado e parte dos fiéis passou a fazer parte da igreja Holy Name of Jesus.</p>		
<p>Church of Saint Columba – St. Paul, Minnesota (Estados Unidos).¹⁹⁶</p>		
<p>Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Glória – Maringá, PR.¹⁹⁷</p>		
<p>Catedral Nossa Senhora da Conceição – Bragança Paulista, SP.¹⁹⁸</p>		
<p>Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo – Blumenau, SC.¹⁹⁹</p>		



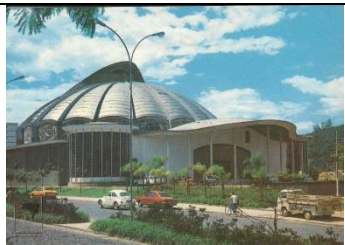
¹⁹⁵ (REFORM, 2013).

¹⁹⁶ (ST. COLUMBA, 2008); (ST. COLUMBA, 2019).

¹⁹⁷ (SANCHES, 2013); (NAIRDE, 2014).

¹⁹⁸ (SILVEIRA, 2011, p. 95); (PAROQUIA, 2018).

¹⁹⁹ (CATEDRAL, [20--?]); (PREFEITURA, 2019).

Igreja Matriz São Luís Gonzaga – Brusque, SC. ²⁰⁰		
Catedral São Francisco Xavier – Joinville, SC. ²⁰¹		

Fonte: Autora.

Nas três cidades catarinenses citadas, havia um projeto de Simão Gramlich concorrendo para a execução da nova matriz, depois de demolidos os exemplares góticos, mas em todas elas, o alemão fracassou e seus rebuscados desenhos foram preteridos em detrimento dos “barracões” da Arquitetura Moderna²⁰². Quantas dores ele sentiu, quanta mágoa por projetar dezenas de templos para diversas cidades, mas perder na sua Blumenau, a cidade na qual ele escolheu viver. O que aconteceu com Gramlich que sempre ganhava nas seleções? O que mudou?

Este capítulo busca compreender o que aconteceu no seio da Igreja Católica e da sociedade que resultou na vitória da Arquitetura Moderna nos casos apresentados. Ainda que o fenômeno a ser discutido possa ser visto em diversas partes do globo, ou em grande parte dos lugares onde a Igreja Católica estava estabelecida, o caso ocorrido em Blumenau será tratado com maior destaque, exemplificando o contexto global, devido sua importância na trajetória de Gramlich e também pela disponibilidade de acesso às fontes.

Anteriormente, já foi visto como a linguagem neogótica foi difundida pela América, especialmente através dos profissionais da construção civil europeus que aqui chegaram entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, com destaque para aqueles que aportaram na década de 1920, e também sua vinculação com a Igreja Católica como linguagem representativa de seus templos naquela época. Acontece, porém, que aquela mesma década de auge do neogótico no Brasil (1920), também foi do início de seu

²⁰⁰ (BRUSQUE, 2018b; 2018c).

²⁰¹ (CATEDRAL, 2019); (METROPOLIA, [201-?]).

²⁰² Não se concorda com o termo pejorativo de “barracões” para as obras de Arquitetura Moderna, mas fez-se uso dele aqui como uma palavra comum que se ouviu em Blumenau de pessoas que desprezam as obras desse estilo.

esfacelamento através de novas pesquisas sobre arquitetura religiosa empreendidas na Europa, especialmente na Alemanha, por alguns arquitetos, como Rudolf Schwarz e Dominikus Böhm, que se embrenhavam por dois caminhos: o das novas concepções litúrgicas que estavam sendo difundidas e exigiam uma posição das artes e da arquitetura diferentes do que se tinha até então; e o da ousada Arquitetura Moderna, baseada no uso de seu principal material, o concreto armado.

Sobre as novas concepções litúrgicas, pode-se dizer que talvez não fossem tão novas assim, mas encontraram espaço suficiente na primeira metade do século XX para angariar adeptos do clero e dentre os leigos e se difundir por décadas, a ponto de transformar consideravelmente os ritos católicos que atualmente se encontram naturalizados pelos fieis. A missa dita pelo padre, em língua vernácula, olhando para seu público (*versus populum*), por exemplo, algo tão comum na atualidade que parece ter se estabelecido há séculos, na verdade, foi permitido oficialmente a todas as paróquias católicas através do Concílio Vaticano II, terminado em 1965, sob direção do Papa Paulo VI, levando, assim, tais inovações e outras o título de Missal de Paulo VI. Anteriormente, a missa realizada pela maioria dos religiosos era *ad orientem*, isso quer dizer, de costas para os fieis a maior parte do tempo, voltado para o altar-mor. Esse é o rito romano tradicional, empregado por mais de 1500 anos, cuja língua utilizada é o latim, considerado sagrado pela Igreja Católica (REFORMA, 2003).

A modificação acerca da forma como a missa era conduzida foi suficiente para alterar consideravelmente os projetos arquitetônicos realizados para templos católicos. Não apenas isso, mas todo o conjunto ideológico promovido pelo chamado “Movimento Litúrgico” gerou, em parte do clero, uma necessidade de novos templos condizentes com o discurso em voga para suas paróquias, ou a adaptação dos seus templos antigos para que minimamente demonstrassem interesse pelas novidades apresentadas. Havia também religiosos resistentes às mudanças que viam com desconfiança o dito Movimento, o Concílio Vaticano II e a própria posição do Papa Paulo VI na década de 1960 com o novo Missal (REFORMA, 2003). Interessa assim saber o que foi o “Movimento Litúrgico”, como seu discurso influenciou uma mudança na forma de projetar os templos católicos, quais foram as principais mudanças e como isso influenciou a carreira profissional de Simão Gramlich.

5.1 O MOVIMENTO LITÚRGICO: UM MOVIMENTO GLOBAL E LOCAL

Para compreensão do desenrolar do Movimento Litúrgico no século XX, é importante conhecer alguns caminhos tomados pela liturgia católica no Ocidente e as disputas

ocorridas nesse meio. Assim, através da leitura de alguns teóricos da área, como o Frei José Ariovaldo da Silva (2000), e de jornais católicos com circulação nacional e regional, foi possível produzir um breve resumo sobre a origem do Movimento Litúrgico e sua inserção no Brasil. Diz-se resumo porque não cabe, neste momento, um estudo aprofundado do Movimento, já que o interesse que se tem por ele é para uma melhor compreensão de sua influência na produção de templos católicos e, conseqüentemente, na trajetória de Simão Gramlich, arquiteto que se dizia especialista na construção de igrejas, mosteiros e colégios.

Segundo o Frei Ariovaldo (SILVA, 2000, p. 109), entre o fim do século VII e início do século VIII, a chamada liturgia galicana, que era utilizada pelo clero católico na região onde hoje está a França, fundiu-se com a liturgia romana, desenvolvida na Itália, que era o exemplo máximo para o clero católico ocidental. As duas formas litúrgicas que pareciam opostas, sendo a galicana mais calorosa, com intensa ação dramática e a romana que fazia da sobriedade seu valor maior, formaram uma liturgia mista, chamada pelo Frei de liturgia romano-franco-germânica. Nessa liturgia híbrida, a dramaticidade vinda da Gália predominou nos rituais católicos.

Outro ponto relevante da liturgia empregada na Idade Média é o “centralismo litúrgico clerical” (SILVA, 2000, p. 110), promovido através da Reforma de Gregório VII (século XI) no qual, a liturgia é desenvolvida pelo clero e os fieis são apenas espectadores. Essa visão ficou consolidada por séculos, sendo que em 1570, quando foi apresentado o Missal de Pio V, toda preocupação estava voltada para a atuação do padre na missa e não na manifestação dos fieis. A centralidade não foi vista com positividade pelo Frei Ariovaldo, que assim descreve a situação da seguinte maneira:

O clero monopoliza a liturgia. Só ele sabe a língua da liturgia. A própria forma de celebrar a liturgia se complicou com um emaranhado sem fim de gestos e dramatizações incompreensíveis para o povo. O povo, à distancia, apenas assiste ao espetáculo clerical, desconhecido em sua linguagem e incompreendido em sua forma, monopolizada pelo clero, roubada ao povo (SILVA, 2000, p. 111).

Contra essa dramaticidade incompreendida da missa católica, surgiu o “Movimento Litúrgico”. Segundo Frei Ariovaldo, sua gestação se deu no século XVIII por influência do Iluminismo, que buscava combater a superstição e a ignorância e se refletia na liturgia através de um anseio por simplicidade e racionalidade (SILVA, 2000, p.114). No primeiro momento, foram empreendidas algumas tentativas de reformas litúrgicas, especialmente na França, que não lograram êxito, apesar de apresentarem alguns avanços, devido a não aprovação pelo papado em Roma das indicações apontadas. O Sínodo de Pistóia, ocorrido em 1786, foi uma

das tentativas de reforma litúrgica mais relevante desse período, sendo que algumas das exigências empreendidas foram:

Um só altar em cada templo, participação dos fieis, abolição da cobrança pela missa, redução das procissões, música simples, grave e adaptada ao sentido das palavras, ornamentação que não ofenda nem distraia o espírito, reforma do breviário e do missal, um novo rito, redução do excessivo número de festas, leitura em um ano da Sagrada Escritura no ofício etc (SILVA, 2000, p. 114).

A reforma não foi empreendida e suas exigências, bem como a de outras manifestações que buscavam uma renovação do ritual católico, foram vistas como posições heréticas. Porém, no século XIX, quando o Romantismo trouxe sua carga de repulsa ao Iluminismo, as inquietações referentes à liturgia católica permaneceram como pauta de discussão e coube ao próprio Romantismo trazer respostas ao catolicismo para a reconstrução de sua força. O resultado que se teve, portanto, é uma reaproximação com Roma e com a Idade Média. A liturgia reivindicada é a romana, que há muito havia se misturado com a dramaticidade galicana, como já foi demonstrado.

O principal religioso que toma destaque na discussão sobre a reforma litúrgica com o retorno do Missal Romano nesse período é o abade beneditino Prosper Guéranger (1805 - 1875), que atuava na França. Suas ideias influenciaram outros religiosos que passaram a se dedicar a estudos acerca da história da liturgia (SILVA, 2000, p. 115). As ideias de Guéranger, porém, não passavam por um missal rígido e tradicional, mas culminavam na participação dos fieis durante a celebração.

Tais ideias foram se desenvolvendo até alcançarem um espaço legitimado por um Papa. Em 1903, no documento *Tra le sollecitudini* sobre música sacra, Pio X mostrou preocupação em que os fieis tivessem participação ativa na missa. A partir de então, o Movimento Litúrgico ganhou força e começou sua fase de expansão, especialmente a partir de uma conferência proferida pelo beneditino Lambert Beauduin no Congresso Nacional de Obras Católicas, ocorrido em 1909, em Malines, na Bélgica (SILVA, 2000, p. 116).

Ainda que a Primeira Guerra Mundial tenha ocorrido no momento de expansão do Movimento Litúrgico, o evento não se estabeleceu como castrador dos estudos que vinham se desenvolvendo. Assim, logo após seu término, a abadia beneditina Maria Laach, na Alemanha, se tornou um dos maiores centros de pesquisa litúrgica da Europa (SILVA, 2000, p. 116).

O sucesso do Movimento pôde ser reconhecido no desenrolar do século XX com a posição do Papa Pio XII, que se manifestou na encíclica *Mediator Dei* reconhecendo os

estudos desenvolvidos até aquele momento e realizando reformas pontuais da liturgia católica ao longo de seu papado:

Em 1948, nomeou uma comissão para a reforma da liturgia; em 1951 reformou a Vigília Pascal; em 1955, reformou a Semana Santa e simplificou rubricas e textos da Liturgia das Horas; em 1956 introduziu a missa vespertina; e em 1955 e 1958, publicou duas instruções sobre a música sacra. São reformas que depois prosseguiram com João XXII até as vésperas do Concílio Vaticano II (SILVA, 2000, p. 117).

O Concílio Vaticano II foi o consagrador do Movimento Litúrgico, instituindo, definitivamente, uma renovação na liturgia de toda a Igreja Católica Apostólica Romana. O Concílio foi convocado em 1961 pelo Papa João XXIII e teve seu término em 1965 com o Papa Paulo VI. Até a atualidade, o conteúdo desenvolvido nesse Concílio não é unanimemente aceito pelo clero católico e, na década de 1960, fez com que muitos religiosos abdicassem de sua profissão religiosa por desacreditarem nos rumos que a Igreja Católica estava tomando. As opiniões acerca do Concílio Vaticano II estão longe de ter um consenso em meio aos religiosos, os preceitos litúrgicos instituídos neste evento ainda geram dúvidas em parte do clero e dos fieis²⁰³.

5.1.1 O Movimento Litúrgico no Brasil

Há um consenso na literatura brasileira acerca da implantação do Movimento Litúrgico no Brasil como sendo de responsabilidade do beneditino Dom Martinho Michler. Isso pode ser visto no livro “Arquitetura sagrada no Brasil: sua evolução até vésperas do Concílio Vaticano II” de Gabriel Frade (2007), por exemplo.

Dom Martinho Michler era alemão, nasceu em 1901 e foi ordenado como sacerdote beneditino em 1926. Assim que chegou ao Brasil em 1933, assumiu o cargo de professor no Instituto Católico de Estudos Superiores (Rio de Janeiro), que tinha grande proximidade com a Ação Universitária Católica e o Centro Dom Vital, instituições que, por sua vez, tinham amplo espaço na imprensa católica, especialmente na Revista “A Ordem” (editada pelo Centro Dom Vital), onde podem ser encontradas dezenas de referências ao Movimento Litúrgico e a Martinho Michler.

Esse religioso da Ordem de São Bento cursou filosofia na Abadia de Maria Laach, e foi aluno de D. Lambert Beauduin, quando fez seu doutorado em Teologia em Roma

²⁰³ Diversos vídeos podem ser encontrados na internet de religiosos e leigos questionando o Movimento Litúrgico e suas determinações. Um deles vídeos é Reform (2013).

(NOTAS, 1958, p. 6). Com essas duas informações apenas, é possível prever o engajamento de Michler no Movimento Litúrgico, tanto a Abadia Maria Laach quanto o nome Beauduin são referências essenciais para a história do Movimento no século XX e este jovem beneditino formou-se nesse meio. No Brasil, ele foi responsável pela divulgação de uma nova cultura litúrgica com maior participação dos fieis na missa. Realizou diversas conferências sobre a temática tanto para religiosos quanto para leigos, o que representou um grande avanço para o catolicismo no país, já que a participação da comunidade em cursos instrutivos ligados à religião não eram comuns (SILVA, 2000, p. 117).

Através da criação do Centro de Piedade, que ficou conhecido como Centro de Liturgia, Michler encontrou um meio de expansão e consolidação da nova cultura litúrgica. As atividades ali empreendidas serviram como argumento para aqueles que atribuem ao religioso o pioneirismo da introdução do Movimento Litúrgico no país:

O início dos trabalhos do Centro foram “seis dias de comunidade” descritos no segundo número de “Vida” (Maio de 1934) e que tiveram lugar de 10 a 15 de Julho de 1933. Numa fazenda do Estado do Rio, pela primeira vez universitários católicos do Rio dialogaram a Missa e recitaram em comum o Ofício divino. Essas Missas dialogadas, tão primitivas ainda, forma a semente fecunda, salvo engano, de todas as outras que seriam celebradas mais tarde nos ambientes de Juventude masculina e feminina do Brasil. quase que bastaria isso para lhe conferir a paternidade do genuíno movimento litúrgico no Brasil. Com efeito, se o movimento visa, seguindo a orientação de Pio X, promover a “participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja”, e se a Missa dialogada é – como de fato é e ninguém de boa fê o pode negar – o meio por ora mais apto para obter essa mesma participação, é claro que quem primeiro ensinou e difundiu com resultado a prática da Missa dialogada num determinado país, nele adquiriu relevantes merecimentos em relação ao movimento litúrgico. Se em outros lugares outros foram propagadores da Missa dialogada, o fato é que a semente que brotou no nosso ambiente do Brasil central foi a de Dom Martinho. E para que se lhe atribua com mais base a paternidade do movimento litúrgico entre nós, convém lembrar que, além da Missa dialogada, foi ele quem primeiro propagou eficazmente a recitação em comum do Ofício divino pelos fieis e quem primeiro deu um curso completo da Liturgia para assistentes leigos (ISNARD, 1946, p. 9).

O trecho acima foi retirado de um artigo de autoria do beneditino Dom Clemente Gouveia Isnard, que o publicou na Revista “A Ordem” como uma homenagem aos 25 anos de profissão religiosa de Martinho Michler. Outro artigo comemorativo constava nessa revista, era de autoria de Alceu Amoroso Lima, mas, apesar de trazer inúmeros elogios, como comparar D. Martinho a Romano Guardini (beneditino que divulgou o Movimento Litúrgico na Alemanha), não omitiu os limites encontrados para sua atuação em prol do Movimento Litúrgico no Brasil, escreveu: “Sua voz foi ouvida apenas por pequenos grupos, sua ação foi entorpecida pela malquerença, pela calúnia, pela deturpação maliciosa (...)” (LIMA, 1946, p. 20) e ainda:

Enquanto isso, não sei onde esta Guardini. Mas sei que dom Martinho está ali no claustro, a dois passos da Avenida, na colina Sagrada de S. Bento, retraído, esquecido, rezando, com esperanças sem dúvida, mas um pouco melancolicamente, para que Deus nos dê juízo (LIMA, 1946, p. 21).

O artigo de Lima dá outro tom à biografia de Dom Martinho, mostrando que, apesar de seu empenho na divulgação do Movimento no Brasil, sua atuação não foi tão abrangente quanto se quer mostrar em outros escritos. Além dos embates com outros religiosos não favoráveis à missa dialogada, por exemplo, havia ainda uma desavença maior entre a pregação do beneditino e os “nossos totalitários” (LIMA, 1946, p. 20) (sendo Getúlio Vargas possivelmente o mais criticado), pois contra eles D. Martinho emitia juízos.

Agora que se mostrou que o trabalho de D. Martinho, apesar de ter sido de extrema relevância para a expansão do Movimento Litúrgico no país, teve restrições severas, serão apresentadas outras iniciativas de divulgação dessa nova cultura litúrgica que já haviam acontecido no Brasil antes da chegada desse beneditino.

A primeira menção ao Movimento que se encontrou através de pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional estava no jornal “A União”, do Rio de Janeiro, em 1913, em um artigo publicado na primeira página, de autoria do beneditino D. Lourenço Lumini (LUMINI, 1913, p. 1). Nesse texto, Lumini reflete sobre um muro de separação que há entre os fieis e a igreja católica, que representa a incompreensão deles diante da missa. Ele exaltou o desenvolvimento do Movimento na Bélgica, país onde teve a oportunidade de presenciar uma missa na Abadia de Afflogem em 1912, onde não apenas os monges, mas todo o povo cantava, e deu um parecer acerca do que vinha ocorrendo no Brasil: “no Brasil estamos ainda longe. A liturgia é pouco conhecida: escolhe-se, de preferencia a missa mais curta, prefere-se o padre que a reza mal, porque se trata muitas vezes de desobriga e nada mais” (LUMINI, 1913, p. 1).

Mais de uma década depois, em 1928, pode-se constatar a inserção do Movimento Litúrgico em São Paulo, sob o título “Movimento Litúrgico em S. Paulo”. Um articulista desconhecido relatou a emoção de ver uma missa na matriz do bairro Santa Cecília, onde os jovens da congregação mariana cantavam com “santo fervor e notável segurança” o canto gregoriano. Além disso, o autor do relato também dá um parecer acerca do desenvolvimento do Movimento, mas especificamente em São Paulo. O cenário descrito por ele parecia animador para aqueles que acreditavam numa renovação da igreja através de uma nova cultura litúrgica:

Entre as oblatas beneditinas de São Paulo, associação que reúne bom número de jovens da melhor sociedade, vai se desenvolvendo a olhos vistos a cultura litúrgica.

Este grupo é dirigido pelo espírito clarividente de d. Lourenço Lumini, colaborador brilhante de uma das melhores revistas litúrgicas da Europa.

Na matriz da Consolação o reverendíssimo conego Francisco Bastos iniciou uma série de conferencias (terças-feiras, a noite), a respeito da santa missa; nestes discursos o conhecido orador sacro intenciona de modo especial os aspectos litúrgicos do santo sacrifício.

Na matriz de Belém o revmo. Padre Ernesto formou com um grupo de rapazes uma “Schola-Cantorum” e nas execuções desta “Schola” o canto gregoriano ocupa invariavelmente o primeiro plano.

Outra nota consoladora e eloquente do desenvolvimento da cultura litúrgica na capital paulista é dada pelo colégio de Santo Agostinho (des Oiseaux), notabilíssimo educandário em que se forma grande numero de jovens nas famílias de mais relevo no sul do país.

Em fevereiro foi ali iniciado um curso regular de literatura litúrgica e história da liturgia.

Sabemos que é de vera animador o adiantamento das alunas.

Neste segundo semestre cada aluna escreverá uma tese sobre o tema litúrgico (MOVIMENTO, 1928, p. 28).

Apesar de extensa, se fez questão de apresentar a citação para mostrar que já havia no Brasil alguns grupos de religiosos conhecedores e divulgadores do Movimento Litúrgico e que, apesar da importante atuação de Dom Martinho Michler, parece injusto omitir todo o avanço da cultura litúrgica no país até 1933, considerando-o como pioneiro de um Movimento no Brasil que já estava se consolidando em algumas localidades.

Sobre a inserção do Movimento Litúrgico em Santa Catarina, seria necessário um estudo específico com vários meses de pesquisa, mas para esta ocasião, só foi possível fazer um levantamento breve que traz algumas indicações relevantes. A primeira menção encontrada através da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional sobre o Movimento Litúrgico em um periódico catarinense está no jornal “O Apóstolo”, publicado em Florianópolis no ano de 1933, em um artigo do antropólogo sociólogo alemão que morava em Brusque, Emílio Willems. No entanto, nesse texto, o intelectual não traz informação alguma acerca do Movimento no Brasil, ele apenas dá a conhecer o seu sucesso na Europa entre os jovens católicos, especialmente na Alemanha, Polônia, Itália e Bélgica (WILLEMS, 1933, p. 3).

Apesar de encontrarem-se apenas duas referências diretas ao Movimento, seus reflexos já são sentidos no estado ainda na década de 1930, pois em 1939, na Catedral Metropolitana em Florianópolis, ocorreu a primeira Missa Dialogada. Esse feito foi relatado em alguns jornais, mas “A Gazeta” mostrou-se o mais entusiasmado com o acontecimento, posicionando-se a favor da divulgação da nova liturgia:

Conseguir a difusão dessa prática da MISSA DIALOGADA, em que se assiste a missa rezando-a, em vernáculo, dialogando-a, repetindo as orações do Sacerdote e as do coroinha – eis uma finalidade nada teórica, nem problemática, mas realizável, necessária mesmo, e que deve caber, doravante, com lugar firmado entre os múltiplos ideais religiosos de nossas piedosas associações (MISSA, 1939, p. 3).

Existem ainda outras menções à missa dialogada, mas não tão relevantes para a discussão que se pretende empreender. Importa saber que na década de 1930 o bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira já estava iniciando uma experiência com a nova liturgia. Outra indicação de aproximação do Arcebispo com o Movimento foi encontrada em uma carta que o Padre José Locks havia enviado para ele: “Vai pelo distinto portador desta que é o Rev.mo Cônego Hary Bauer, o livro, vindo da Alemanha para a V. Ex.ca Rev.ma e em que V. Ex.ca terá ocasião de estudar a orientação da nova arquitetura religiosa das terras germânicas” (LOCKS, 1939, p. 1). Esse livro possivelmente se referia ao novo modo de projetar igrejas na Alemanha segundo o Movimento Litúrgico. Além disso, parece que um projeto para igreja matriz de Itajaí foi exposto para apreciação dos fieis dentro dos preceitos dessa nova arquitetura e o resultado relatado pelo padre foi o seguinte: “O estilo novo germânico não despertou entusiasmo, diziam: ‘Que feio’” (LOCKS, 1939, p. 1).

O fato de não se ter conhecimento, até aquele momento, de igrejas projetadas conforme os preceitos da Arquitetura Moderna em Santa Catarina nas décadas de 1930 e 1940, não quer dizer que os ensinamentos do Movimento Litúrgico aplicados à arquitetura fossem desconhecidos ou rejeitados pelo clero no estado. Pelo contrário, parece que Dom Joaquim, na medida do possível de sua atuação e influência, buscava conhecer o Movimento e empregar algumas indicações litúrgicas também na arquitetura como, por exemplo, os pedidos que havia feito ao Padre Locks para que a igreja de Itajaí fosse mais simples.

5.1.2 Preceitos do Movimento Litúrgico para a Arquitetura Religiosa

Além de modificações na execução da missa católica objetivando maior participação dos fieis o Movimento Litúrgico, previa-se também uma transformação na forma de projetar os templos. Uma nova experiência litúrgica exigiria uma mudança em sua ambientação, no local de sua execução. Os templos que já estavam construídos poderiam permanecer os mesmos, mas aqueles que fossem projetados ou reformados deveriam seguir os novos ditames do Movimento, conforme seus defensores, essa era solicitação daqueles que divulgavam tal renovação, mas que só se tornou uma indicação oficial do Vaticano no Concílio Vaticano II, na década de 1960.

Já no início do século XX, a partir da divulgação do Movimento na Bélgica por Lambert Beauduin e especialmente na Polônia e na Alemanha, a discussão acerca de uma nova arquitetura religiosa condizente com as novas necessidades apresentadas pelos religiosos tornou-se relevante no cenário católico. Quando Emílio Willems, no ano de 1933, em um

jornal catarinense, comentou sobre o avanço do Movimento Litúrgico na Europa, relatou uma importante conquista: na Universidade de Varsóvia, Polônia, criou-se uma cadeira de arquitetura litúrgica (WILLEMS, 1933, p. 3).

Mas o grupo mais relevante que discutiu arquitetura religiosa no contexto do Movimento estava na Alemanha. Em 1922, arquitetos que tinham proximidade com teólogos da Abadia Maria Laach se reuniram para discutir arquitetura religiosa no contexto do Movimento Litúrgico segundo os princípios modernos. Um dos membros mais destacados do grupo, reconhecido como líder, era Rudolf Schwarz, cujos princípios para a construção de uma igreja eram dois:

Primeiro: partir de uma realidade baseada na fé, e não de uma realidade fundamentada na arte, sendo essa verdade ou realidade de tal tipo que crie uma comunidade e uma realização artística. Segundo: ser honesto na linguagem artística, não dizendo nada mais do que podemos dizer em nossa época, e nada que não possa ser compreendido pelos nossos contemporâneos. Se o que temos a dizer não é muito, comparado com a Idade Média e com a Antiguidade, ainda assim será melhor permanecer dentro da nossa esfera e renunciar a toda sorte de teorias místicas que não serão visualizadas ou sentidas por ninguém (ANSON, 1969, p. 996).

Esse princípios que Peter Anson atribuiu ao arquiteto Schwarz são base da arquitetura religiosa pensada pelos defensores do Movimento Litúrgico. A primeira prerrogativa coloca a arte subordinada à fé, sendo essa uma preocupação real, vista tanto de um pronunciamento papal quanto de alguns fieis e religiosos do Rio de Janeiro, por exemplo. Na carta encíclica *Mediator Dei*, escrita pelo Papa Pio XII em 1947, há instruções sobre a submissão da arte e o julgamento pessoal do artista em relação às reais necessidades dos católicos. O papa usou palavras como reverência e respeito para tratar deste caso, pois percebeu que algumas obras modernas não seguiam tais preceitos e, portanto, não eram favoráveis à fé católica. Orientar os artistas e os arquitetos era uma das solicitações que Pio XII fez aos bispos através desse documento (ANSON, 1969, p. 999).

Um ano antes do lançamento dessa encíclica papal, foi fundado no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, pelo artista plástico Carlos Oswald, a Sociedade Brasileira de Arte Cristã (SBAC), com objetivos que coadunavam com os pensamentos de Pio XII acerca da arte cristã (SILVEIRA, 2011, p. 53). Essa Sociedade, apoiada pelo Arcebispo do Rio de Janeiro Dom Jaime Câmara, pelo Centro Dom Vital e que teve como vice-presidente o Monsenhor Joaquim Nabuco, reforçava em todos os seus atos e discursos: a arte deveria estar à serviço da igreja. Um dos planos da SBAC era realizar um curso de arte nos seminários, dessa forma, os jovens que fariam parte do clero desenvolveriam sensibilidade artística suficiente para não permitir que aberrações artísticas acontecessem em suas paróquias

(SILVEIRA, 2011, p. 56). Também desejavam que houvesse maior diálogo entre o catolicismo e os artistas, não que todos devessem professar aquela fé, mas que, pelo menos, conhecessem essa instituição religiosa o suficiente para compreenderem suas necessidades litúrgicas. Acerca dessa polêmica situação, Monsenhor Joaquim Nabuco já havia deixado sua opinião antes mesmo da criação da SBAC, quando escreveu um artigo com mais de vinte instruções para a construção de templos católicos:

A escolha do Arquiteto é de suma importância para a construção duma igreja. Sua falta (às vezes imposta por motivos econômicos) custará muito mais caro ao vigário e aos paroquianos que a economia obtida na construção com sua substituição por um mestre de obras. O arquiteto, porém, que fizer sua planta, sem estudar antes e seriamente as múltiplas leis litúrgicas, certamente cometerá erros graves, muitas vezes irremediáveis; mas uma vez escolhido, é necessário que ele comece e acabe não somente o edifício nas suas linhas arquitetônicas, mas em todas as suas minúcias, prevendo e fazendo ele mesmo a planta de todos os moveis, acessórios e decorações. Quantas vezes o mobiliário e a decoração arruinam por completo um belo edifício! (NABUCO, 1942, p. 111).

Seguindo nesse texto do Monsenhor Nabuco, a segunda instrução dada por ele se aproxima ao segundo princípio de Rudolf Schwarz: “ser honesto com a linguagem artística” (NABUCO, 1942, p. 111). Porém, para o religioso brasileiro, o estilo artístico a ser empregado em uma construção religiosa, não importando se fosse gótico, bizantino ou moderno, deveria ser verdadeiro em sua execução. O gótico, quando usado, deveria ser edificado conforme sua técnica construtiva e características específicas. Assim, uma construção que usasse concreto armado, mas com a execução artística gótica seria falsa, mentirosa e segundo ele, “mentir em arquitetura é tão grave quanto mentir na vida” (NABUCO, 1942, p. 111).

O princípio de Schwarz vai além dessa preocupação. Ele fala de construir uma igreja de acordo com o seu tempo, não revivendo os estilos do passado, mas produzindo uma arte de acordo com a contemporaneidade, ou seja, não caberia mais projetar igrejas góticas ou clássicas. Segundo Silveira (2011, p. 48),




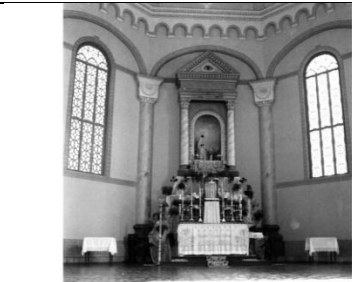
Considerados cada vez mais “profanações estéticas” e frutos de “ vaidade exibicionista”, os templos que seguiam os estilos históricos passaram a ser encarados como “cópias ridículas do passado”, incapazes de cumprir o papel geralmente a eles atribuído de representar a permanência, nos tempos modernos, do esplendor obtido em outras épocas pela igreja católica.

O rebuscamento das formas e o suposto “excesso” de ornamentos dos estilos históricos contrastavam com a proposta da nova liturgia que desejava a simplicidade dos templos. Nesse sentido, um projeto de Rudolf Schwarz chamou a atenção: a Igreja de Corpus Christi em Aquisgrana (Aachen - Alemanha), consagrada em 1930, que se constitui em um

salão retangular e um altar, sem colunas obstruindo a visão, e sem ornamentos como relevos, pinturas ou esculturas, nada que “distraia o olhar”, como disse Anson (1969, p. 996).

A questão de ter um templo simples, sem ornamentos, contrasta com o que se vinha promovendo até então. Mas essa preocupação em excluir tudo o que pudesse tirar a atenção do fiel ao real sentido da missa que é Cristo, é uma questão importante atrelada ao Movimento Litúrgico. Assim, a construção de templos deveria ser baseada no cristocentrismo, pensada não para as devoções populares individualizadas, mas sim como espaço que abrigaria a missa e nada mais. Por esse motivo, os altares laterais, nichos e imagens de santos eram desaconselhados e toda a atenção deveria voltar-se para o altar. O Quadro 13 dá algumas indicações do que o Movimento Litúrgico desejava em relação à arquitetura religiosa.

Quadro 13 - Orientações do Movimento Litúrgico para a Arquitetura Religiosa²⁰⁴

Instruções	Novo modo de conceber o espaço religioso	Antigo modo de conceber o espaço religioso
<p>O presbitério deve estar mais elevado para uma boa visibilidade, mas não de forma exagerada, para que não pareça um palco. Deve haver uma sinalização que indique o presbitério, como degraus, por exemplo. Porém, as antigas muretas e gradis, que separavam o presbitério da nave, não devem mais existir. Elas davam o sentido de separação entre o povo e o religioso, enquanto o Movimento Litúrgico almeja uma unidade entre eles na celebração da missa.</p>	 <p>Catedral São Paulo Apóstolo, Blumenau (SC).²⁰⁵</p> <p>Na imagem, o presbitério é marcado por não mais que seis degraus. Não há muretas ou gradis</p>	 <p>Capela do Colégio São Paulo, Ascurra (SC). Não mais existente.²⁰⁶</p> <p>Na imagem, o presbitério tem seu espaço demarcado por degraus e muretas.</p>
<p>Deve haver apenas um altar. O altar-mór deve ser, de preferência, distanciado da parede, de forma que o religioso possa se posicionar atrás dele e voltar-se para os fieis. Tem-se assim a “mesa-altar”.</p>		

²⁰⁴ As orientações desse quadro foram resumidas das informações contidas em Bogaz & Hansen, 2015.

²⁰⁵ (WITTMANN, 2016).

²⁰⁶ Acervo do Colégio São Paulo, em Ascurra (SC).

	Igreja Matriz São Luiz Gonzaga. Brusque. ²⁰⁷	Igreja Nossa Senhora de Caravaggio, Azambuja, Brusque. ²⁰⁸
O Púlpito deve ser substituído pelo ambão.	 <p>Catedral Diocesana de Joinville, Joinville.²⁰⁹</p> <p>Nesta imagem, é possível ver, à direita, o ambão, móvel de onde o religioso faz a leitura do texto bíblico.</p>	 <p>Igreja Matriz São Pedro Apóstolo, Gaspar.²¹⁰</p> <p>No centro da imagem está o Púlpito, local elevado e fixo de onde o religioso deveria fazer a leitura bíblica.</p>
Deve-se evitar grande profusão de capelas, altares e imagens no interior do templo para refrear as devoções individualizadas. A missa deve ser um acontecimento que envolve toda a comunidade concentrada no sacrifício de Cristo e não em orações particulares aos santos preferidos.	 <p>Catedral São Paulo Apóstolo, Blumenau (SC).²¹¹</p> <p>Ausência de capelas laterais e imagens na lateral da nave.</p>	 <p>Igreja São Sebastião Mártir, Venâncio Aires (RS).²¹²</p> <p>Profusão de imagens e capelas laterais para a devoção popular.</p>

²⁰⁷ (CORDOVAMC, 2013).

²⁰⁸ (APEZ, 1952).

²⁰⁹ (NEIZE, 2015).

²¹⁰ Autora.

²¹¹ (WITTIMANN, 2016b).

²¹² Autora.

<p>Os estilos históricos não foram proibidos, mas são desaconselhados. A arquitetura precisa ser simples e verdadeira, sem ornamentos excessivos que passem a impressão de ostentação.</p>	 <p>Catedral São Paulo Apóstolo, Blumenau (SC).²¹³</p>	 <p>Catedral de São João Batista, Santa Cruz do Sul (RS).²¹⁴</p>
	<p>Templo seguindo os preceitos da arquitetura moderna, sem excesso de ornamentos, relevos, esculturas, e pinturas.</p>	<p>Arquitetura neogótica com grande profusão de ornamentos detalhados, como arcos ogivais, pináculos e ameias invertidas.</p>

Fonte: Autora.

Todos os exemplos citados no quadro anterior que se referem ao antigo modo de projetar vêm de obras de Simão Gramlich, enquanto as igrejas que exemplificam o novo modo de conceber o espaço religioso são de projetos de outros profissionais que venceram a concorrência de Gramlich. Para o preenchimento dos dados acima, procurou-se imagens que focalizassem o conteúdo do texto, mas é preciso deixar claro que as igrejas de autoria de Simão Gramlich passaram por adaptações após o Concílio Vaticano II para melhor atender as exigências da nova liturgia, podem-se assim encontrar nelas, por exemplo, além do púlpito, um ambão e uma mesa no presbitério afastada da parede para que o religioso profira a missa, ainda que fique de costas para o altar-mór localizado no fundo da Abside.

5.2 O GOSTO DO OUTRO E AS ATRIBUIÇÕES DE VALOR CAMBIANTES

As novas diretivas para a edificação de templos católicos em consonância com o Movimento Litúrgico podem ser vistas em artigos referentes à construção da igreja matriz de Blumenau na década de 1950, publicados no jornal *Luzeiro Mariano*. Dentre esses, dois textos se destacam, o primeiro se tratava de uma mensagem do vigário, Frei Brás Reuter, aos paroquianos, e o segundo, de autoria do Frei João Capistrano Binder, professor de português do Colégio Santo Antônio, refletia sobre a nova matriz e a arte sacra moderna.

²¹³ (ISABEL347, 2016).

²¹⁴ Autora.

Exaltando a simplicidade do templo a ser construído em Blumenau, o vigário escreveu: “A nova igreja, portanto, é simples em sua estrutura, porém linda nobre e rica em suas formas e linhas. Sim ainda hoje valem as palavras de um antigo mestre de construção: ‘A arte mais fina sempre é criada com os meios mais simples’” (REUTER, 1953, p. 7). E sobre o fato de ser uma obra de arquitetura moderna, o religioso toma argumentos como os de Schwarz, era preciso construir conforme os preceitos do tempo em que viviam e não se transportar para o passado, mas com muita atenção, pois a arte deveria estar subordinada à igreja:

A igreja é moderna, sim. Mas ela para nossos tempos não é mais moderna do que a catedral de Colônia para a idade Média. Todas as épocas da história produziram sua própria arte. Também os tempos atuais tem direito a produção de uma nova arte, contanto que não contrarie os princípios básicos estabelecidos pela igreja (REUTER, 1953, p. 7).

O Frei Binder já não foi tão gentil em seu texto. Seus argumentos não estavam baseados apenas em sustentar a nova forma de construir igrejas, mas em detratar o que se fez até então (BINDER, 1953, p. 5). A luta pela defesa de um projeto moderno para a matriz de Blumenau era grande, pois, anos antes, um projeto neogótico de autoria de Simão Gramlich já havia sido apresentado à população e aprovado com entusiasmo. Porém, com a saída do Frei Joaquim Orth (ver Quadro 14) da paróquia e instalação de um novo vigário, Frei Brás Reuter (ver Quadro 15), tudo mudou.

Para a exclusão do projeto de Gramlich e execução de um projeto de arquitetura modernista, o vigário e a comissão construtora usaram os seguintes argumentos: a igreja de Gramlich seria mais cara, levaria muitos anos para ser finalizada e apresentava problemas técnicos difíceis de serem solucionados. Quando Frei Binder foi apresentar essa situação em seu artigo no *Luzeiro Mariano*, não deixou de alfinetar Gramlich, ao sugerir indiretamente que seu projeto era “mais suntuoso que artístico”, conforme trecho abaixo:

Não se deveriam onerar demasiadamente os poucos recursos do católico blumenauense, recrutado, geralmente, dentre as camadas menos favorecidas da população, para se erguerem templo talvez mais suntuoso que artístico, e alheio, em sua ideação, aos princípios que regem a arquitetura sacra moderna (BINDER, 1953, p. 5).

Essa oposição às obras de Gramlich não se expressou apenas enquanto ele estava vivo, existem textos da década de 1990 e também dos anos 2000 que assim procedem, por exemplo, em 1997, um texto publicado na *Revista Blumenau em Cadernos*, tratando sobre a arquitetura do Vale do Itajaí disse o seguinte sobre as igrejas projetadas por ele para Itajaí, Gaspar e Rio do Sul: “Embora sem originalidade arquitetônica elas se constituem em marcos

históricos e referenciais na paisagem das cidades (...)” (VIDOR, 1997, p. 13). Essa frase se assemelha àquela citada por Frei Binder “templo talvez mais suntuoso que artístico” (BINDER, 1953, p. 5), ou seja, querem dizer: apesar da monumentalidade marcada na paisagem das cidades, não há ali valor artístico, a obra é sem originalidade.

Os ataques de Binder (1953) vão além, ele usa, no artigo citado, termos como “incapacidade inventiva”, e “disparatadas excentricidades e esquisitices” para se referir aos estilos históricos que eram empregados nos projetos religiosos (como aqueles produzidos por Gramlich para todo o Vale do Itajaí há décadas). Sua reação também se deu contra aqueles que gostavam do antigo modo de projetar:

(...) há muito gosto errado entre nossos bons cristão de cada dia. Quantos confundem arte religiosa com inspidas banalidades! Há, pois, muito gosto errado a corrigir. Há muitos caramurus por essa terra em fora, a quem se poderia aplicar o dito brejeito de nosso Gregório de Matos, endereçados aos da Bahia: “Sem mais leis que as do gosto quando erra” (BINDER, 1953, p. 5).

A ideia de que o gosto pela arquitetura eclética, especialmente quando se refere aos estilos históricos, é um gosto errado, duvidoso e não refinado, não aparece apenas nesses discursos pontuais da década de 1950 em relação à defesa de um projeto modernista para a matriz de Blumenau. Esse conceito parece ter se cristalizado entre muitos defensores da Arquitetura Moderna, chegando até a atualidade.

Uma obra que aparece no currículo de alguns cursos de Arquitetura e Urbanismo e que está impregnada desse preconceito contra os estilos históricos é “Arquitetura Contemporânea no Brasil” (1981), onde o autor, Yves Bruand, não poupou adjetivos pejorativos em relação a essas arquiteturas. Seu trabalho tem grande mérito e não deve ser deixado de lado, todavia, deve-se lê-lo com cautela para que suas ideias não sejam regras que nos levem a uma análise pré-concebida em desprezo.

Gunther Weimer, arquiteto, professor doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que expôs significativas pesquisas sobre a arquitetura da primeira metade do século XX no Rio Grande do Sul, enfrentou esses preconceitos contra o ecletismo. Na introdução de seu livro “Arquitetura Erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul”, ele conta uma situação que demonstra aversão:

(...) em inícios de 1988, propomos à Congregação da Faculdade de Arquitetura da UFRGS a realização de um evento destinado a comemorar os noventa anos do ensino da arquitetura nesta Universidade. A primeira reação foi a de rejeitar a proposta por inconsistente, pois era público e notório que o ensino da arquitetura no Estado tinha começado em 1945, com a abertura de dois cursos específicos: a Escola de Belas Artes e a Escola de Engenharia. Diante de nossa argumentação de que o ensino de arquitetura havia começado no fim do século XIX, um dos professores resolveu tomar a questão a peito e foi verificar – conforme nossa indicação – nos

arquivos da Escola de Engenharia que, efetivamente, havia sido formalmente fundado um curso de Arquitetura em 28 de agosto de 1889. Por isto, a proposta voltou à pauta na reunião seguinte e ninguém sabia o que fazer com um *despropósito desses*. Depois de muita discussão, um dos mais eminentes mestres do colendo colegiado cortou o nó górdio: como não havia sido produzido qualquer tipo de arquitetura até a Segunda Guerra Mundial na cidade e no Estado, não haveria o que comemorar... (WEIMER, 2004, p. 14).

O arquiteto-urbanista Leonardo Barci Castriota (1999) concorda com Gunter Weimer quanto a essa parcialidade existente entre parte dos intelectuais que defendem o movimento moderno vanguardista no Brasil com origem nas visitas de Le Corbusier como única expressão arquitetônica legítima do país, além do barroco. Em seu texto “Uma modernidade em duplo signo: a arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40”, Castriota traz a tona tanto o movimento modernista (da Arquitetura Moderna) quanto o Art Déco como dois modelos de modernidade que conviveram na década de 1940 em Belo Horizonte, gerando justaposições temporais e espaciais. Seus estudos apontam para a necessidade de se mostrar como essa unilateralidade foi construída na historiografia dominante criando discursos de desvalorização de tudo o que não fosse “moderno” nos moldes da vanguarda brasileira ligadas à Arquitetura Moderna (CASTRIOTA, 1999).

A desqualificação dos exemplares arquitetônicos ecléticos é algo que se vem enfrentando ainda, apesar de algumas modificações significativas terem se apresentado nas últimas décadas, como os estudos de Weimer (2004) e Castriota (1999). A tese de Luiz Eduardo Fontoura Teixeira (2009), da mesma forma como os trabalhos desses dois arquitetos, fazendo uma diferenciação entre dois ciclos de modernidade na cidade de Florianópolis (SC) que resultaram em arquiteturas distintas e em parte também simultâneas, não trata a produção eclética (incluindo o Art Déco) com desdém, mas busca valorizá-la e apresentá-la em seu contexto.

Teixeira (2009) mostra, citando Ramón Gutierrez, como a Argentina sofre do mesmo mal historiográfico que o Brasil e conclui que nesses dois países há “certo olhar estrábico, que teria prejudicado uma visão panorâmica da concepção e produção dos espaços da modernidade” (TEIXEIRA, 2009. p. 90). Mas o arquiteto percebeu que nos últimos anos houve um despontar de novos olhares:

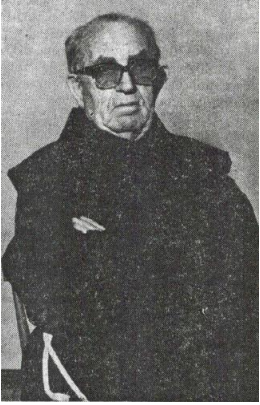
Alguns dos vieses da modernidade em arquitetura, produzidos desde os anos 1920 até o final dos anos 1950, estão mergulhados em um limbo historiográfico, que, paulatinamente vem sendo desvendado por estudos atualizados. Trabalhos como os artigos sobre o Art Déco e o Racionalismo Clássico em Belém do Pará (BIANCO; CAMPOS NETO, 2003), e a modernização no período 1930-1950 na mesma cidade (VIDAL, 2008) ajudam a demonstrar que no vácuo da historiográfica da arquitetura brasileira, começam a despontar outros olhares. Nos cursos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (não somente no centro do país), têm sido desenvolvidas teses e dissertações que, refletindo sobre a modernidade nas várias regiões do Brasil

profundo, trazem à luz vários atores (projetistas, clientes estatais e privados) até então anônimos. As arquiteturas e espaços urbanos (também muitas vezes tratados como anônimos pela produção historiográfica corrente), projetados e construídos nesse período, estão muitas delas ainda presentes nas cidades, configurando trechos e conjuntos dessas, testemunhas de ciclos econômicos- culturais passados e, muitas vezes, ausentes de políticas preservacionistas (TEIXEIRA, 2009, p. 83).

Espera-se que esta tese sobre Simão Gramlich e suas obras colabore para esse despontar historiográfico que levaria sua produção a uma valorização dentro de seu contexto e não em comparação às arquiteturas europeias ou a outras produzidas no Brasil em conjunturas alheias. Por esse motivo, deseja-se, nesta tese, mostrar como Gramlich e suas obras foram ocupando lugares distintos de consagração ao longo do tempo, ora sendo considerado como o grande gênio de obras esplendorosas, ora taxado de sem criatividade.

Dessa forma, pode-se ver como as atribuições de valor ao trabalho de Gramlich por alguns intelectuais são cambiantes conforme as posições e transformações ocorridas dentro do campo da arquitetura. Em alguns momentos, as conceituações estão mais inflexíveis, não atribuindo àquela arquitetura valor algum, a não ser como um marco histórico. Mas em outras ocasiões, dependendo também da trajetória e repertório de quem faz a análise, tais obras passam a ter um significado elevado como objeto arquitetônico. Até aqui, foi possível perceber que para a Arquitetura Moderna ganhar espaço em Blumenau, os defensores da nova matriz projetada por Gottfried Böhm precisaram não apenas exaltá-la como também colocar em descrédito o trabalho eclético de Simão Gramlich.

Quadro 14 - Informações Gerais sobre o Frei Joaquim Orth²¹⁵

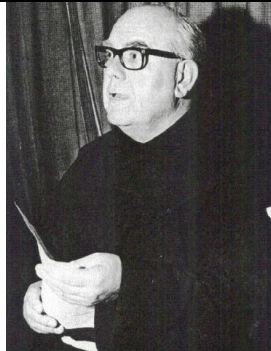
Frei Joaquim Orth		
Nascimento	29 de maio de 1912, Montenegro –RS.	
Ordenação Sacerdotal	27 de novembro de 1938	
Cargos exercidos	1940 - Sub-mestre em Rodeio - SC	
	1940 – 1941 – Vigário na Paróquia São Francisco de Assis, Rodeio - SC	
	1941 – 1945 – Superior e Vigário na Paróquia Santa Teresa, Esteves Júnior - SC	

²¹⁵ As informações aqui contidas sobre o Frei Joaquim Orth foram retiradas de: Besen 1983. Fotografia coletada em Mello, 1990, p.189.

	1944 – Superior na Paróquia Nossa Senhora das Vitórias, Porto União - SC
	1945 -1952 – Vigário na Paróquia São Paulo Apóstolo, Blumenau - SC
	1948 – Vigário da Paróquia Santa Inês, Indaial - SC
	1952 – Superior e Vigário em Duque de Caxias - RJ
	1959 – Definidor Provincial e Reitor do Seminário, Rio Negro - PR
	1965 – Guardião e Vigário da Paróquia Santo Amaro, Santo Amaro da Imperatriz - SC
	1968 – Superior e Vigário da Paróquia Santa Inês, Indaial - SC
	1970 – 1971 – Vigário da Paróquia São Luiz Gonzaga, Xaxim - SC
	1971 – Vigário da Paróquia Nossa Senhora das Vitórias, Porto União - SC
	1971 – Vigário em Londrina - PR
	1971 – Vigário em Curitiba - PR
	1976 – Vigário na Paróquia Nossa Senhora da Paz, Água Doce - SC
Falecimento	10 de fevereiro de 1990, Curitiba - PR. ²¹⁶

Fonte: Autora.

Quadro 15 - Informações Gerais sobre o Frei Brás Reuter²¹⁷

Frei Brás Reuter		
Nascimento	24 de junho de 1909, Castrop, Alemanha.	
Ordenação Sacerdotal	27 de novembro de 1938	
Cargos exercidos	1940 – Vigário Em Rio Negro, PR.	
	1944 – Superior e Vigário Em Rio Negro, PR.	
	1952 – 1965 – Vigário da Paróquia São Paulo Apóstolo, Blumenau (SC)	
	1959 – Definidor da Província	
	1965 – Superior e Vigário do Convento de Pari, São Paulo (SP).	
	1969 – Vigário da Paróquia de Oberwalluf, Garnstok, Bélgica.	
Falecimento	12 de março de 1990, Xanten, Alemanha. ²¹⁸	

Fonte: Autora.

5.2.1 Uma escolha nada casual

A exclusão do projeto de Simão Gramlich para a matriz de Blumenau não estava bem justificada com os motivos apresentados: alto preço, problemas técnicos e longo tempo

²¹⁶ Informação foi retirada de Mello (1990, p. 189).

²¹⁷ As informações aqui contidas sobre o Frei Brás Reuter foram retiradas de Besen, 1983. Fotografia coletada em Neotti, 1992, p.178.

²¹⁸ Informação foi retirada de Neotti (1992, p. 178).

para sua execução, afinal, a comunidade já havia aceitado o desenho anterior e o clero também estava ciente dos custos. Quanto aos problemas técnicos, tendo em vista a vasta experiência de Gramlich, por mais que seu projeto pudesse ser de difícil execução, possivelmente não apresentava risco para a obra ou falta de decoro para com a religião.

Todos os discursos apresentados através da imprensa sobre a construção dessa igreja demonstram que as justificativas para a exclusão de Gramlich estavam muito além dos argumentos empregados. Havia em Blumenau, com a vinda de Frei Brás Reuter que assumiu a paróquia, um incentivo ao movimento litúrgico, que pode ser visto principalmente através de sua defesa da Arquitetura Moderna na execução de sua matriz. Ao se comparar a trajetória de ambos os religiosos, Frei Joaquim Orth, que havia escolhido o projeto de Gramlich, e Frei Brás Reuter, que o rejeitou e contratou Dominikus Böhm, é possível ter indicações do motivo dessas escolhas.

Frei Joaquim Orth nasceu em Montenegro, Rio Grande do Sul, em 1912, ingressou no seminário em Rio Negro em 1924, em 1928 foi para a Holanda continuar os estudos, em 1933 já estava de volta ao Brasil e foi ordenado sacerdote em 1938 (MELLO, 1990, p. 189). Sua cidade natal comportava também as localidades de Bom Princípio, onde Gramlich havia morado com sua família e construído o hospital São Pedro Canísio, e São Vendelino, onde projetou sua primeira igreja no Brasil. Os textos sobre as obras de Gramlich que circularam no jornal católico de maior influência no Rio Grande do Sul, o *Volksblatt*, possivelmente passaram pelas mãos do religioso, ou pelo menos de sua família, afinal, Frei Joaquim não foi o único filho de João Orth e Elisabeth Schoffen a tornar-se religioso, havia cinco filhos homens mais velhos nessa carreira e duas filhas freiras (MELLO, 1990, p. 189). Provavelmente essa família conhecia aqueles grandiosos templos de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires que consagraram o arquiteto. Sendo assim, pode-se supor que, quando Frei Joaquim Orth pediu a Simão Gramlich um projeto para a matriz de Blumenau no final da década de 1940, já sabia de sua fama e esperava toda a grandeza e monumentalidade possível dentro do estilo gótico, assim como se havia realizado décadas antes no Rio Grande do Sul.

Entre 1945 e 1952, Frei Orth foi pároco em Blumenau, sendo que em 1948 assumiu concomitantemente a comunidade católica Santa Inês, em Indaial (BESEN, 1983, p. 705). Apesar de não ter conseguido obter vitória em sua escolha para o projeto da matriz de Blumenau, alcançou sucesso em Indaial e assim, Gramlich projetou a igreja Santa Inês, sendo o início da construção realizado em 1951 e sua inauguração em 1957²¹⁹, quando Frei Joaquim

²¹⁹ (CAPELA, [201-?]).

Orth já havia sido enviado para o Rio de Janeiro. Outra igreja em Indaial já havia sido projetada por Gramlich em 1938, a Igreja São Bonifácio²²⁰, no bairro Encano.

Figura 60 – Igreja Santa Inês, Indaial (SC)



Fonte: Encano, 2018.

Figura 61 – Capela São Bonifácio, Indaial (SC)



Fonte: Capela, [201-?].

Talvez, outra possível vitória do religioso tenha sido a construção da Igreja de Nossa Senhora da Glória (Glória, Blumenau), que possui indicações no livro tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo acerca dos acabamentos que estavam sendo realizados aos poucos entre o final da década de 1940 e início de 1950 após a construção desse novo templo²²¹. Apesar de não se ter encontrado até o momento nenhum documento que confirme a autoria de Simão Gramlich para essa igreja, somente olhando-a é possível confirmar que aquele é um projeto dele. Existem características comuns entre as construções com finalidade religiosa realizadas

²²⁰ Confirmação da autoria pode ser vista em Teixeira (2009, p. 118).

²²¹ Informação obtida em: **Livro de Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo de Blumenau: 1924-1968.** Blumenau. Ano de 1950, p. 89.

por Gramlich em todo o Vale que são suficientes para indicar sua autoria, além disso, através de um estudo das possibilidades de contratação, o comissionamento da obra, como estudou Carlo Ginzburg nas obras de Pierro de La Francesca (GINZBURG, 2010), é possível apontar para Frei Joaquim ligado à Gramlich não somente no caso da matriz São Paulo Apóstolo como também na igreja Nossa Senhora da Glória.

Figura 62 – Igreja Nossa Senhora da Glória, Blumenau (SC)



Fonte: Paróquia, 2017.

Frei Brás Reuter, por sua vez, nasceu em Castrop-Rauxel, Alemanha, no ano de 1909 e foi ordenado sacerdote em 1938, assim como Frei Orth (NEOTTI, 1992, p. 178). Ainda que haja diversos pontos da carreira religiosa de ambos que sejam comuns, como parte dos estudos na Bélgica e a formação em Rio Negro, o contexto experienciado por cada um era bastante diferente. Apesar de no Brasil o catolicismo ultramontano ter se expandido desde o início do século XX, na década de 1930 ainda imperava no país uma forma de expressão religiosa mais popular. O ambiente católico europeu, entretanto, como já se viu, estava em plena discussão acerca do Movimento Litúrgico desde a conferência de Beaudin na Bélgica em 1909. Assim, acredita-se que Frei Brás Reuter tinha sua trajetória impregnada por discursos e ideias vindas desse Movimento.

O seminário onde iniciou sua formação religiosa, Garnstock, por exemplo, era uma escola de formação de franciscanos missionários para o Sul do Brasil que estava em consonância com o Movimento Litúrgico, pelo menos em sua execução arquitetônica. Não foi possível encontrar informações mais refinadas acerca de Garnstock e possíveis ensinamentos dados aos seminaristas acerca da nova cultura litúrgica, mas o fato de terem contratado Dominikus Böhm em 1934 para a execução de boa parte de suas instalações indica-os como

conhecedores e apoiadores desse movimento²²². Sobre esse profissional da construção civil e sua importância dentro do Movimento Litúrgico será tratado mais adiante.

A escolha que Reuter fez para o arquiteto que projetaria a matriz de Blumenau é muito significativa. Após recusar o projeto de Simão Gramlich o Frei foi a São Paulo atrás de um projeto que lhe agradasse. Os profissionais contratados ofereciam desenhos de igrejas coloniais (neocoloniais), que pareciam para o religioso não servir ao ambiente blumenauense. Segundo Frei Clarêncio Neotti, ao contar a história de Frei Brás: “lembrou-se então de algumas igrejas modernas que havia visto na Alemanha pós-guerra” (NEOTTI, 1992, p. 180). Mas pelo andar do ocorrido, é possível sugerir que Frei Brás, ao dirigir-se a São Paulo, já tinha em mente um projeto de arquitetura moderna: ele queria algo novo para Blumenau, não aceitava estilos históricos, e rejeitava também o neocolonial, tornando apenas um novo templo moderno viável.

Assim, Frei Brás contactou Frei Reginaldo Stumpe, que estava em Garnstock para ajudá-lo na contratação do alemão Dominkus Böhm (NEOTTI, 1992, p. 180). Frei Reginaldo e Frei Brás tiveram trajetórias parecidas, ambos frequentaram o Seminário Garnstock, continuaram sua formação no Brasil, em Rio Negro, tiveram longa passagem por Blumenau e retornaram à Europa. Apesar das semelhanças, não chegaram a estudar juntos, Frei Reginaldo estava alguns anos a frente de Frei Brás, tendo entrado no Seminário em 1926 e no ano seguinte já vindo ao Brasil, enquanto o outro religioso entrou para Garnstock apenas em 1928. Da mesma forma ocorreu o trabalho em Blumenau, quando Frei Brás chegou para assumir a paróquia, o outro religioso já havia retornado para a Europa. Isso não quer dizer que não se conhecessem, é bem provável que tenham desenvolvido uma frutífera amizade a ponto de Frei Reginaldo ter se empenhado a encontrar Domikus Böhm a pedido de Frei Brás.

Antes de prosseguir analisando a escolha desse profissional que projetaria a nova matriz de Blumenau, faz-se necessário pontuar uma sutileza na biografia de Frei Brás Reuter, sendo importante para contrastar com a de Frei Joaquim Orth. Ainda que Frei Brás e Frei Joaquim tenham se tornado sacerdotes no mesmo ano e passado também por Rio Negro e um período na Bélgica, o religioso alemão era bastante afeiçoado aos clérigos europeus, principalmente os de Garnstock, que circulavam entre a Europa e o Brasil (e mais precisamente Blumenau), sendo eles de extrema importância em sua trajetória religiosa. A contratação do afamado engenheiro alemão Dominikus Böhm só foi possível devido o empenho de Frei Reginaldo e sua dedicação em servir seu amigo Brás Reuter.

²²² (KEVER, [1993?]).

Outro franciscano em circulação entre Brasil e Europa que inspirava Frei Brás era Frei Amando Bahlmann, um alemão que se tornou Bispo de Santarém (PA), e que, entre o final da década de 1920 e início de 1930, passou pelo Seminário de Garnstock e encheu Frei Brás de motivação para ser um missionário no Brasil (NEOTTI, 1992, p. 178). Enquanto a trajetória de Frei Brás era marcada por essas figuras de circulação intercontinental, Frei Joaquim Orth, mesmo tendo passado por estudos na Bélgica, tinha como referência seus professores do Brasil e demais confrades.

Como conhecedor e possível entusiasta do Movimento Litúrgico, com uma ligação bastante próxima a religiosos com atuação na Bélgica (especialmente em Garnstock), não é surpresa que Frei Brás tenha se empenhado na contratação de Dominikus Böhm. O senhor Böhm não era apenas um profissional que conhecia o novo modo de projetar de acordo com o Movimento Litúrgico, ele era mais do que isso, era um pioneiro na área da arquitetura nesse sentido, estava no cerne das discussões e tinha envolvimento muito próximo com o clero católico alemão.

Em 1923, quando foi lançada a segunda edição do afamado livreto “*Christocentric Church Art Towards the Total Work of Liturgical Art*” do religioso católico Johannes van Acken, que fundou bases para uma reflexão sobre arte e arquitetura segundo o Movimento Litúrgico, as ilustrações foram todas realizadas por Dominikus Böhm (YOUNG, 2014)²²³. As igrejas projetadas por Böhm na primeira metade do século XX contribuíram para a expansão do Movimento, seu engajamento e dedicação ao sucesso dessa nova expressão arquitetônica religiosa lhe rendeu uma condecoração concedida pelo Papa Pio XII, em 1953 o arquiteto tornou-se um Cavaleiro da Ordem São Silvestre.

As congratulações pelo trabalho de Böhm são muitas, suas igrejas são reconhecidas como de extrema relevância para a renovação da arquitetura católica no século XX. O historiador da Arte Anton Henze coloca a igreja de Santo Engelberto, em Riehl, projetada por Böhm, como uma das quatro obras que forma o berço da arquitetura eclesiástica moderna, sendo as outras três, projetos de Karl Moser, Rudolf Schwarz e dos irmãos Perret, conforme o quadro a seguir (HENZE, 1956 apud YOUNG, 2014).

²²³ Não foi possível identificar o número da página porque o livro não apresenta paginação e está apenas parcialmente disponível na internet.

Quadro 16 - As quatro obras que formam o berço da arquitetura eclesiástica moderna segundo Anton Henze

			
Igreja St. Engelbert em Riehl, Alemanha. Projeto de Dominikus Böhm. Construída em 1930. Existente. ²²⁴	Igreja Notre-Dame du Raincy, Le Raincy, França. Projeto de Auguste Perret e Gustave Perret. Construída entre 1922 e 1923. Existente. ²²⁵	Igreja Saint Antonius, Basel (Basiléia), Suíça. Projeto de Karl Moser. Construída entre 1927 e 1931. Existente. ²²⁶	Igreja Corpus Christi, Aachen, Alemanha. Projeto de Rudolf Schwarz. Construída entre 1928 e 1930. Existente. ²²⁷

Fonte: Autora.

Assim, percebe-se como a escolha dos arquitetos para projetar a matriz de Blumenau estava associada a um repertório vivenciado pelos párocos responsáveis por sua execução: Frei Joaquim Orth, nascido no interior do Rio Grande do Sul, com uma família de irmãos mais velhos seguindo profissão religiosa, estava mais próximo de um catolicismo tradicional vivenciado no Brasil apegado às práticas de devoção popular, demonstrando gosto por uma arquitetura religiosa gótica, o que resultou na aprovação do projeto de Simão Gramlich; enquanto Frei Brás Reuter, seu sucessor em Blumenau, que iniciou seus estudos no seminário de Garnstock em meio à efervescência do Movimento Litúrgico na Bélgica, tendia para uma renovação da arquitetura religiosa, bem como das práticas litúrgicas, ocasionando assim a contratação de um profissional que representava o cerne da arquitetura eclesiástica moderna, Dominikus Böhm.

5.2.2 A renovação apoiada pelas comissões construtoras

Apesar de toda expectativa levantada por Frei Brás em ter uma igreja de Dominikus Böhm, quem veio à Blumenau para a execução do projeto foi Gottfried Böhm, seu filho. Devido à avançada idade, Dominikus não pôde viajar para o Brasil, mas enviou seu filho em quem confiava plenamente para a execução da tarefa que lhe foi solicitada. A planta deveria ser confeccionada *in loco*, fazendo com que Gottfried chegasse a Blumenau em 19 de janeiro

²²⁴ (SAKRALE, 2013).

²²⁵ (PERRET, [20--?]).

²²⁶ (SACRED SUBURBS, 2016).

²²⁷ (WALLPAPER, 2008).

de 1953, em pleno verão, o que gerou muito desconforto para o jovem, além do tratamento hostil apresentado pelos padres ao perceberem a troca de profissional, conforme contou o arquiteto:

Para mim, o início, lá em Blumenau, não foi nada fácil. Em primeiro lugar, eles esperavam meu pai, o famoso Dominikus, e aí apareceu um jovem rapaz. Depois, os padres franciscanos me disponibilizaram uma grande sala de aula na escola ao lado, já que era período de férias. Os materiais necessários para desenvolver o projeto, como papel e outros, creio que eu havia levado junto. Eles me deixaram lá sozinho e estava extremamente quente. Assim, eu tive que tirar a roupa e colocar algo debaixo para não molhar o papel dos desenhos com o suor. Isto se deu com muita dificuldade. A todo instante chegava um padre e entrava para espiar o que eu estava fazendo. Até que eu fiz uma grande perspectiva, de um metro de altura. Quando eles viram a perspectiva o gelo se quebrou. Então à noite fui convidado para ir ao convento, pois eles ficaram realmente entusiasmados. A partir de então eles tornaram-se muito amáveis (BÖHM, 2014, p.).

Após convencer os padres, através de seu desenho, era preciso ainda passar por outras duas aprovações: a do bispo, que já havia autorizado o projeto de Simão Gramlich enviado pelo Frei Joaquim Orth e a comissão construtora, criada um ano antes, alguns meses após a entrada de Frei Brás Reuter na paróquia. Em menos de um mês que Gottfried estava em Blumenau, já havia conseguido autorização do Bispo de Joinville (responsável pela Paróquia de Blumenau), Dom Pio de Freitas, para a execução do novo projeto, desde que a comissão construtora estivesse de acordo²²⁸.

Ao invés de convocar uma reunião com a comissão construtora em Blumenau, Frei Brás decidiu apresentar o projeto de Gottfried em Balneário Camboriú, onde os franciscanos possuíam espaço de lazer e onde possivelmente os membros da comissão também estivessem veraneando. A planta foi aprovada e o acontecimento foi festejado com júbilo e entusiasmo, segundo o Livro Tombo da Paróquia²²⁹. A comissão era composta, em sua maioria, por membros da Congregação Mariana.

Segundo o padre jesuíta João Batista Libânio, no Brasil, a Congregação Mariana era a instituição formada por leigos que se manteve mais arredia ao Movimento Litúrgico, sendo que a Ação Católica tomou a frente e acoplou-se a essa novidade, o que acabou criando uma polêmica entre esses dois grupos (LIBÂNIO, 2005, p. 28). Porém, em Blumenau, a Congregação parece não ter criado nenhum empecilho para o avanço do Movimento Litúrgico e pode-se até afirmar que foi uma impulsionadora dessa renovação, pelo menos em arquitetura, pois no seu jornal *O Luzeiro Mariano*, durante a década de 1950, pôde se

²²⁸ Informação obtida em: Livro de Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo de Blumenau: 1924-1968. Blumenau. Ano de 1953, p. 95.

²²⁹ Informação obtida em: Livro de Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo de Blumenau: 1924-1968. Blumenau. Ano de 1953, p. 95.

observar diversos artigos defendendo a Arte Sacra Moderna, tratando especialmente da Arquitetura Moderna em templos religiosos²³⁰.

É interessante perceber que esses membros da Comissão Construtora não eram grandes expoentes dentro da indústria e política blumenauense, apesar de se configurarem como parte da classe alta da cidade, porém, dentro da Congregação Mariana, alguns tinham grande influência, como José Mosimann (professor), André Sada (bancário) e João Durval Müller (na década de 1930 foi professor e vereador de Blumenau), que compuseram a diretoria daquela Congregação por vários anos. Havia ainda outros três membros da comissão: Acary Guimarães (bancário na década de 1930), Adolfo Wollstein (gerente de uma seguradora) e Rômulo Silva (trabalhava para a Estrada de Ferro Santa Catarina) dos quais não foi encontrada ainda nenhuma ligação com aquela Congregação ou com alguma outra atividade desenvolvida na Igreja Católica.

Poder-se-ia imaginar que esses homens que se envolveram ativamente com a construção da igreja moderna poderiam estar abertos para que suas residências ou outras edificações, por eles solicitadas, de um comércio talvez, também obedecessem aos preceitos dessa Arquitetura, mas ao buscar as plantas aprovadas na prefeitura que teriam esses homens como proprietários, nada de novo foi encontrado. O fato de serem homens mais velhos e bem estabelecidos financeiramente na década de 1950 fez com que eles já tivessem, na época, uma residência própria construída, logo, suas antigas casas não se enquadravam às novidades arquitetônicas que figuravam em Blumenau nos anos 50 (ver Quadro 17).

De certa forma, a impressão que se tem ao ler o livro tomo da Paróquia São Paulo Apóstolo e os relatos da construção da matriz é que dentre os membros da Comissão Construtora, a figura de Frei Brás Reuter é dominante, e os demais membros, talvez por estarem ligados à Congregação Mariana, apresentavam uma posição mais submissa. Assim, imperavam as posições levantadas pelo religioso e não de seus colegas leigos²³¹.

Já em Brusque, a situação de escolha de um projeto arquitetônico para a matriz foi diferente e lá o padre não era a figura dominante do grupo. O padre Luiz Gonzaga Steiner (ver Quadro 18), nomeado pároco naquela cidade em 1949, estava animado para construir uma matriz nova, principalmente porque os festejos do centenário da cidade estavam se aproximando, uma boa ocasião para se dar destaque àquela nova construção. Assim, o padre pediu ao arquiteto Simão Gramlich um projeto suntuoso, no que foi atendido. Possivelmente o religioso conhecesse a fama de Gramlich, ou até mesmo o tivesse encontrado na década de

²³⁰ Como por exemplo: Binder (1953) e Arte (1954).

²³¹ Aqui se usa o termo “leigos” para aqueles que não receberam as ordens sacras.

1930 em Azambuja (bairro de Brusque onde está o Seminário), pois, enquanto ele era seminarista em Brusque, Gramlich frequentava aquele espaço para dar andamento nas tratativas a respeito de uma obra que estava projetando para os padres.

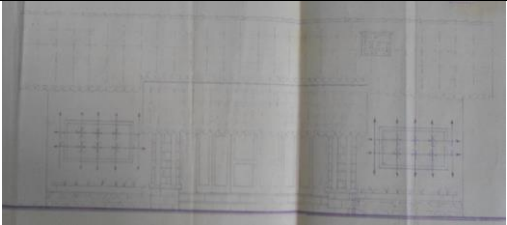
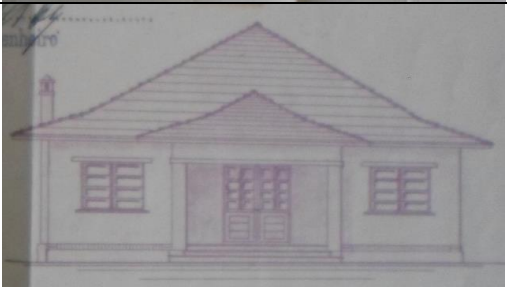
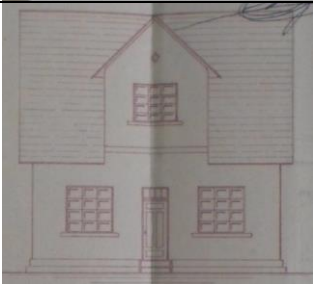

Dando prosseguimento aos trâmites necessários para a construção da matriz de Brusque, o padre criou uma comissão construtora que foi aprovada por pelo Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Sabe-se que desde a formação desta comissão, o industrial Guilherme Renaux era o presidente e o professor e contador Érico Contesini era o tesoureiro. Quanto aos outros membros da comissão que se tem conhecimento, como Otto Schaefer, dono de uma Fábrica de Fitas de Seda, Carlos Moritz, Aderbal Schaefer e Oscar Gustavo Krieger, não se sabe o momento exato de entrada para a comissão, exceto do engenheiro Ivan Walendowski, que passou a compor o grupo (que já havia sofrido diversas modificações ao longo dos anos) na década de 1970.


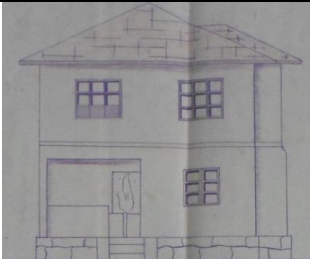
Existem versões diferentes para o que aconteceu nas primeiras reuniões da comissão construtora da matriz de Brusque. Uma delas diz que a primeira reunião da comissão aconteceu em 1952 contando com a presença do padre, dos membros da comissão e de vários paroquianos. Quando o religioso apresentou o projeto de Gramlich, Guilherme Renaux tomou a palavra, convencendo a Comissão e o público de que aquele não deveria ser o projeto a ser executado e sim outro de autoria de Gottfried Böhm, o mesmo arquiteto da nova matriz de Blumenau e “Ao Pe. Luiz G. Steiner, apenas restou-lhe dizer ‘sim’, e empalidecer de frustração e humilhação” (MAÇANEIRO, 2015). Porém, não é certo que Guilherme Renaux tenha levado um projeto de Gottfried Böhm na reunião de 1952, pois o próprio arquiteto contou que foi contratado pelo Sr. Renaux quando estava desenhando a matriz de Blumenau, o que só ocorreu a partir de 1953 (BÖHM, 2014).

Outra versão diz que o projeto realizado por Simão Gramlich para o Pe. Steiner não foi aprovado pela comissão em 1952, então, posteriormente Guilherme Renaux contratou Gottfried Böhm (WITTMANN, 2016). Infelizmente, a Paróquia São Luiz Gonzaga, de Brusque, não permitiu acesso a seu livro tomo e demais documentos que poderiam esclarecer esse caso. O fato, todavia, não traz graves reveses para a análise que se pretende empreender, pois ambas as versões mostram a posição dominante que o industrial Guilherme Renaux exercia naquela comissão, passando por cima inclusive do desejo do padre Steiner. A mesma força impositiva de industriais dentro de uma comissão construtora pode ser vista na construção da matriz de Itajaí, onde até mesmo o arcebispo teve que se submeter ao desejo de homens da elite, caso que foi tratado em outro capítulo desta tese.

Tanto na escolha de projeto para a matriz de Blumenau quanto na de Brusque, o profissional contratado para sua execução foi Gottfried Böhm, nome de destaque, especialmente pela posição de seu pai Dominikus Böhm frente à nova forma de projetar igrejas, conforme os preceitos do Movimento Litúrgico. Porém, figuras diferentes se ergueram na defesa desses ousados projetos: em Blumenau, quem levou adiante a ideia foi o Frei Brás Reuter e em Brusque, o industrial Guilherme Renaux. Assim, não se pode atribuir a um único grupo, ou ao clero, ou aos membros das comissões construtoras, a iniciativa de renovação das arquiteturas religiosas. Ainda que as comissões exerçam uma força maior devido ao poder de angariar fundos para a construção através de sua influência, cada caso deve ser avaliado em sua individualidade.

Quadro 17 - Projetos arquitetônicos aprovados pela prefeitura de Blumenau cujos proprietários descritos fizeram parte da Comissão Construtora da Catedral São Paulo Apóstolo na década de 1950

Proprietário	Ano	Título	Profissional	Desenho
Acary Guimarães	1954	Projeto de uma residência	Hélio Mello	
Acary Guimarães	1936	Planta para a construção da casa do Sr. Acary	-	
João Dorval Mueller	1938	Planta para construção de aumento de casa já existente	Construtor Henrique Bruckheimer	
João Durval Mueller	1942	Planta para a construção de casa de negócio (Secos e Molhados, fazendas, etc)	Gil Fausto de Souza	

André Sada	1940	Planta de reforma da casa de residência	Gil Fausto de Souza	
Rômulo Silva	1949	Planta de uma casa de alvenaria de tijolos	Gil Fausto de Souza	

Fonte: Autora.

Quadro 18 - Informações Gerais sobre o Padre Luiz Gonzaga Steiner²³²

Padre Luiz Gonzaga Steiner	
Nascimento	14 de janeiro de 1911, São João do Capivari –SC.
Nome dos pais	Francisco e Emília Steiner
Ingresso no Seminário	Seminário Menor da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus em Brusque no ano de 1926
Ordenação Sacerdotal	30 de novembro de 1937
Cargos exercidos	1940 – Vigário na Paróquia São Sebastião, Jaraguá do Sul - SC
	1942 – Vigário em Parada de Lucas - RJ
	1942 – Vigário na Penha, Rio de Janeiro - RJ
	1948 – Reitor do Seminário Sagrado Coração de Jesus, Brusque - SC
	05.03.1949 – Vigário na Paróquia São Luiz Gonzaga, Brusque - SC
	1952 – Cargo na Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus, Corupá -SC
	16.06.1956 – 15.01.1960 – Vigário na Paróquia Santo Antônio de Pádua, Rio Negrinho - SC
	1960 – 1964 – Reitor do Convento Sagrado Coração de Jesus, Brusque - SC
	1965 – Superior do Colégio Dehon, Tubarão - SC
	21.12.1972 – Vigário na Paróquia Puríssimo Coração de Maria, São Bento do Sul - SC
	1973 – Cargo na Escola Apostólica São José, Rio Negrinho - SC
	06.02.1974 – Vigário na Paróquia Santo Antônio de Pádua, Rio Negrinho - SC
1978 – Vigário na Paróquia São Pedro Apóstolo, Armazém - SC	
1979 – Cargo na Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus, Corupá - SC	
Falecimento	24 de maio de 1979, Curitiba - PR.

Fonte: Autora.

²³² As informações aqui contidas sobre o padre Steiner foram retiradas de: Besen, 1983.

Este capítulo, que procurou mostrar o motivo da perda de algumas seleções para produção de projetos arquitetônicos religiosos nas décadas de 1950 e 1960 por Simão Gramlich, chega ao seu fim com uma resposta em defesa do arquiteto. A capacidade, originalidade e inventividade de Gramlich não haviam simplesmente diminuído naqueles anos a ponto do clero começar a recusá-lo. O que aconteceu foi uma mudança profunda no seio da Igreja Católica, que alterou não somente as novas arquiteturas a serem executadas, mas também todo o seu ritual e tratamento para com os fiéis. Gramlich também não estava passando por uma mudança de gosto de seus clientes do clero apenas, pela qual ele não conseguiu se adaptar, mas sim por uma mudança ideológica de uma das maiores instituições religiosas do planeta. O desprezo que lhe fora dado não era pessoal, mas sim dirigido aos projetos religiosos ecléticos espalhados por todo mundo.

Os novos conceitos litúrgicos que estavam se difundindo dentro do catolicismo tornaram o antigo modo de projetar igrejas, como aquele empreendido por Gramlich, insustentável, impraticável e uma ofensa à arte sacra. Assim, entre aquelas décadas, os projetos arquitetônicos inspirados no ecletismo, principalmente nos estilos históricos, foram colocados em descrédito. Por esse motivo, Simão Gramlich não teve a alegria de ver seu projeto executado para a igreja matriz de Blumenau, a cidade que ele escolheu viver por 36 anos. Além da dor da rejeição de seu trabalho, ele teve que conviver com as alfinetadas dos padres, que para defender um projeto de Arquitetura Moderna diante dos fiéis, resolveram depreciar sua produção. Essa foi uma situação marcante para o alemão que sofreu o restante de sua vida por esse desprezo, conforme relatado certa vez por sua filha Margarida. “Undank ist der Welt Lohn”²³³ (GRAMLICH, 1932, p. 1), poderia ter repetido o alemão.

²³³ “Ingrata é a retribuição do mundo” (tradução de Fabrício Coelho). Frase escrita por Simão Gramlich em carta a um amigo ao falar sobre o péssimo tratamento que recebeu do clero católico do Rio Grande do Sul.

6. CONCLUSÃO

Chega-se ao fim desta tese com a satisfação de se ter alcançado, através da investigação da trajetória de Simão Gramlich, esclarecimentos que valem para a compreensão da atuação de diversos outros profissionais da construção civil durante o século XX no Brasil e também com algumas indicações promissoras para a historiografia da arquitetura em Santa Catarina.

Neste trabalho, investigou-se a trajetória de um sujeito que pertence ao campo da arquitetura, mas que dentro dele e de sua historiografia foi posto à margem. Foram analisadas as estratégias e motivos desse campo para depreciação desse sujeito, ainda que de forma indireta, observando também a repercussão da atuação dele em outros espaços, como o campo político e religioso, onde a arquitetura desse marginalizado é exaltada, tendo-se condições assim de problematizar e desnaturalizar os discursos de depreciação impostos de antemão e mostrar o valor de suas obras dentro do contexto na qual foram produzidas.

A proposição que se sustentou nesta tese é que o valor imposto pela historiografia da arquitetura não está exatamente no objeto, mas nos discursos produzidos que criam tais atributos e, portanto, aquelas obras consideradas ruins, atrasadas e fora de seu tempo, assim não o são para todos, caso contrário possivelmente elas sequer teriam sido construídas. E que o gosto daqueles que optam por executar projetos de obras não conclamados pelo campo da arquitetura não é exatamente ruim ou duvidoso, apenas corresponde a fenômenos que ocorrem em outro campo, portanto, nem sempre o que é bem visto no campo da arquitetura também o é no campo político entre as elites, por exemplo.

Cada capítulo trouxe consigo uma sequência de proposições que colaboram para uma compreensão ampliada da atuação desses profissionais marginalizados no campo da arquitetura e dos discursos acerca das obras deles no Brasil. A partir do primeiro, concluiu-se que a presença significativa de profissionais da construção civil no Sul do Brasil, imigrados em 1920, se deveu a um conjunto de situações: uma crise política, social e econômica na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, resultando em insatisfação na população; esse descontentamento levou muitos alemães a emigrarem, sendo que as levas eram compostas, principalmente, de grupos urbanizados e não agricultores; dentre esse grupo estavam muitos profissionais da construção civil, pois diante da difícil situação econômica enfrentada no país houve um refreamento do mercado imobiliário; a escolha do Brasil como país hospedeiro deveu-se a um conjunto de fatores, como os benefícios oferecidos pelo governo, um farto

mercado de trabalho na construção civil e as condições desfavoráveis de imigração para outros países; o Brasil, por sua vez, desejava, na década de 1920, a vinda de profissionais da construção civil devido a escassez no país; tal escassez é resultado de uma urbanização pretendida e iniciada no século XX para o território nacional, com condições econômicas para tal realização, com engajamento da burguesia, mas com poucas escolas que formassem profissionais capacitados na quantidade que o mercado imobiliário estava demandando. Dessa forma, havia um conjunto de situações que impulsionou a vinda dos profissionais da construção civil da Alemanha para o Brasil na década de 1920 e que os fez ter rápido sucesso no país hospedeiro, como foi o caso de Simão Gramlich e outros citados como Franz von Knoblauch.

Na década de 1930, porém, a situação começou a mudar para esses profissionais imigrados. Criaram-se no Brasil, balizas que mostravam o surgimento de um campo da arquitetura através do empenho de intelectuais das academias, especialmente daqueles influenciados pelo Modernismo. O conceito de campo que se empregou neste trabalho é baseado nos estudos do sociólogo Pierre Bourdieu. Algumas dessas balizas foram apresentadas, como revistas especializadas e instituições formadas por profissionais da área, mas se destacou a regulamentação profissional ocorrida em 1933, pelo Decreto Federal nº 23.569, que, nesse ato, também criou duas instâncias fiscalizadoras, o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agrimensura e os Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agrimensura, que eram submissos ao primeiro.

Essa regulamentação profissional permitia a atuação de profissionais não diplomados em ensino superior, como vinha ocorrendo até então, mas desprestigiava a atuação deles. Grande parte dos profissionais da construção civil vindos da Alemanha não eram graduados, mas formados em ensino técnico ou com experiência na área. A preeminência do ensino técnico na Alemanha para engenheiros e arquitetos se deu devido a uma política implementada pelo Segundo Reich de incentivo à inovação tecnológica e crescimento econômico do país. Todavia, os diplomas de ensino técnico não foram aceitos para dar, ao profissional que o obtivesse, o título de arquiteto e engenheiro, ficando assim reconhecidos como “construtores licenciados”.

O desprestígio da posição dos imigrantes frente ao mercado de trabalho brasileiro não se deu apenas no âmbito da construção civil com a regulamentação profissional, outras legislações empregadas no governo de Getúlio Vargas já vinham promovendo uma culpabilização desses indivíduos pelo desemprego no país e criando mecanismos de exclusão deles no mercado de trabalho.

O desprestígio causado pela regulamentação profissional através da emissão da carteira profissional aparecia neste documento em dois campos. O primeiro deles referente ao título de habilitação, no qual os formados em ensino superior receberiam o título de arquiteto ou engenheiro civil, enquanto os não diplomados nesse nível receberiam o título de licenciados, variando para construtor licenciado ou projetista licenciado, conforme mostrado no primeiro capítulo da tese. O exercício da profissão era garantido aos não diplomados dependendo de uma avaliação que se faria de outros títulos e diplomas que eles pudessem apresentar, como de técnico e das obras que já haviam desenvolvido no Brasil até 1933. As medidas dessas obras já executadas que limitariam a atuação desse profissional e suas possibilidades de atuação estariam descritas também na carteira profissional: se poderia projetar e/ou construir, com a especificação da quantidade de pavimentos, metros de vão livre, entre outros.

A decisão de limitação de atuação era realizada pelo CREA, no qual o profissional se registraria e continha certo grau de subjetividade na interpretação dada, podendo ocorrer modificações desse campo da carteira ao longo da trajetória do indivíduo, como ocorreu com Franz von Knoblauch que, por relações de amizade dentro daquela instituição, conseguiu modificar sua limitação.

Observando essa tentativa de depreciação desses profissionais através do impedimento do uso de termos como Arquiteto e Engenheiro para não diplomados em ensino superior e a imposição da nomenclatura “licenciado”, fez-se um estudo da historicização de alguns desses termos para demonstrar seu uso ao longo de algumas décadas, especialmente através da trajetória de Simão Gramlich. Para isso, inspirou-se no método utilizado por Reinhard Koselleck da história dos conceitos.

Através dessa análise pôde-se observar que Gramlich possivelmente não possuía formação em ensino superior e nem técnico, tendo aprendido a projetar e construir com seu pai e irmãos. Ao longo da década de 1920, ele se dizia arquiteto, o que era aceitável para a época, mas foi considerado em sua carteira profissional como construtor licenciado, precisando, posteriormente, adequar sua autotitulação para não infringir os decretos estabelecidos pelo CONFEA.

Diante desse estudo decidiu-se, nesta tese, nomear Gramlich como arquiteto, pois se preferiu dar uma longa explicação do porquê do uso desse termo, que não poderia ser empregado para um profissional não diplomado em arquitetura na atualidade, do que fazer uso do termo oficial que consta em sua carteira profissional “construtor licenciado” e

reafirmar um condição de desprestígio imposta pelo CONFEA e reafirmada posteriormente na historiografia.

A composição geral deste primeiro capítulo colabora para confirmar a hipótese levantada ao mostrar, através da trajetória de Simão Gramlich, profissional imigrante não diplomado em ensino superior, como a instituição do campo da arquitetura se baseou em uma marginalização e depreciação desses profissionais para assegurar uma posição de destaque aos profissionais formados no Brasil. A historicização de alguns termos e desnaturalização desse processo de exclusão dos não diplomados possibilita um novo olhar para a trajetória e produção arquitetônica desses indivíduos.

O segundo capítulo da tese, que também foi dividido em duas partes, assim como o primeiro, tinha como objetivo compreender as atribuições de valores dentro de diferentes grupos sociais, imputadas a algumas linguagens arquitetônicas empregadas no Brasil, que eram mal vistas pelo Modernismo, mas que faziam parte de uma tendência arquitetônica da modernidade, tendo como fio condutor a produção arquitetônica de Simão Gramlich.

Assim, a primeira linguagem arquitetônica explorada foi a neogótica, com maior destaque dentro do capítulo devido a grande produção e fama das igrejas projetadas por Simão Gramlich conforme essa linguagem. Foram elencados os motivos de se fazer uma associação entre os profissionais da construção civil alemães e o Neogótico, sendo um deles a aproximação do Romantismo alemão com esse estilo, que retomava ideias da Idade Média contra os ideais advindos da Revolução Industrial. Uma segunda associação investigada foi entre essa linguagem e a igreja católica, explicada por ter, essa instituição religiosa, utilizado esse estilo com estandarte de uma posição antiburguesa, já que a burguesia se fazia representar pelo neoclássico. Além disso, a verticalidade dessas construções fazia com que as igrejas criassem uma ambiência do transcendental e rememoravam um período de dominação do catolicismo. Além desse âmbito religioso, o Neogótico foi empregado na Alemanha, entre os séculos XIX e começo do XX, ligado à ideia de construção de monumentos nacionais.

Simultaneamente a essa projeção do Neogótico na Alemanha, no começo do século XX começava a se desenvolver naquele país também, o Movimento Moderno, fazendo com que ambos, naquelas primeiras décadas de 1910 e 1920, fossem contemporâneos, ainda que um já estivesse consolidado, enquanto o outro começava a despontar. Por esse motivo, não se pode considerar Gramlich como um profissional ultrapassado ou tradicional, quando na década de 1920 fez obras Neogóticas no Rio Grande do Sul, pois enquanto ele esteve na Alemanha esse era o estilo de representação Nacional, havia força simbólica em seu uso e, possivelmente, foi o estilo que ele mais teve contato em obras, além disso, como se viu mais

adiante, os teuto-brasileiros de Santa Cruz do Sul, por exemplo, compartilhavam, em certa medida, das ideologias formadas entorno do uso desse estilo histórico e da produção de monumentos.

Quando, porém, Simão Gramlich se mudou para Santa Catarina na década de 1930 e se associou a Gustav Bleicker, um jovem engenheiro formado na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, possivelmente com maior influência do Movimento Moderno, as obras de seu escritório passaram a ser “mais modernas”, como o próprio Gramlich relatou em uma correspondência de 1932 (GRAMLICH, 1932, p. 1). De fato, pode-se perceber que suas obras em Blumenau e no Vale do Itajaí refletem a modernidade que se desejava para a região, não exatamente com o Modernismo, mas com o emprego de outras arquiteturas dessa modernidade como o Art Déco, o Art Nouveau e o Racionalismo.

Há mais um ponto relevante tratado sobre o neogótico, que foi sobre sua proeminência no Brasil, na década de 1920, sendo explicado pela grande quantidade de profissionais vindos da Alemanha imigrados para o país naquele período.

Sobre as demais linguagens arquitetônicas investigadas, concluiu-se que o campo da arquitetura no Brasil se formou depositando suas expectativas na busca por uma arquitetura genuinamente brasileira e, para isso, inicialmente explorou o Neocolonial Luso Brasileiro como uma possibilidade de repensar a arquitetura e posteriormente agarrou-se à Arquitetura Moderna. Dessa forma, todas as outras linguagens foram, em certa medida, detratadas, consideradas como de menor valor por estes modernistas e, posteriormente, por grande parte da historiografia da arquitetura no Brasil.

Refletindo, entretanto, sobre a constituição de algumas dessas linguagens dentro de seus contextos de produção, percebeu-se que elas são também expressão de modernidade e que sua investigação, desvincilhada das conceituações discriminatórias do Modernismo, traz grande ganho para a compressão real da instalação dessas linguagens nas cidades e da originalidade de seus produtores. Analisar tais linguagens arquitetônicas mal vistas pela historiografia da arquitetura, realizadas por profissionais que foram marginalizados pelo campo, ajuda-nos a percebê-las dentro de seus contextos como reflexo de modernidade, e seus produtores como pioneiros de uma “modernidade possível”.

O terceiro capítulo fugiu um pouco do caminho que se vinha tomando até então, o qual concentrava as análises entre as disputas dentro do próprio campo da arquitetura para elevação ou depreciação de determinadas linguagens arquitetônicas e profissionais da construção civil. Nele foram analisados os impasses entre os grupos políticos catarinenses e sua influência sobre o clero católico e sobre a atividade profissional dos arquitetos no estado,

mostrando, assim, o quanto as linguagens arquitetônicas, além da influência do próprio campo da arquitetura, também eram direcionadas, em certas dimensões, por disputas políticas e econômicas de fora, advindas do campo político.

Além disso, apontou-se o quanto a própria igreja católica, enquanto instituição, ainda que aparentemente independente do campo político, mostrava-se, por certas vezes, submissa a esse campo político, ao mesmo tempo em que os próprios políticos e industriais dependiam dela para a legitimação de seu poder. Assim, a disputa entre linguagens arquitetônicas não foi apresentada num nível de discussão teórica sobre aquela que melhor representaria o Brasil, como foi visto anteriormente, mas sim sobre a que melhor representaria um grupo político que buscava por legitimação de seu poder.

Nessa vertente, chegamos à conclusão de que mais do que os aspectos religiosos, como piedade e simplicidade ou devoção e fé, que tomam frente de um discurso para um tipo de arquitetura ou sobre as disputas dentro do campo da arquitetura entre os intelectuais acerca de uma linguagem de representação nacional ou não, é no contexto político e financeiro local e estadual que podem ser encontradas as respostas mais relevantes para a compreensão da execução de alguns exemplares arquitetônicos. Não se nega o valor da compreensão dos fenômenos ocorridos dentro do próprio campo da arquitetura para se entender o contexto destas edificações, mas a exploração da intersecção desse campo com o campo político e econômico, inclusive em âmbito local e estadual, mostrou-se promissora e essencial. Assim, ao investigarmos a trajetória de Gramlich, nos deparando, nesse caso específico da construção da matriz de Itajaí baseados nessa confluência de campos, colaboramos para reforçar a hipótese geral aqui defendida de que a análise da trajetória desses profissionais marginalizados no campo da arquitetura pode trazer novos olhares sobre a composição dele.

O quarto capítulo também não se concentrou em fenômenos e discursos ocorridos dentro do campo da arquitetura, mas, novamente, a instituição católica foi o pivô da explanação. Nesse caso, porém, não mais unicamente em aspectos estaduais e locais ligados à política e economia para explicar o êxito de determinado estilo arquitetônico, mas sob o viés da arrebatadora vitória da Arquitetura Moderna para a produção de igrejas a partir da década de 1950, que, aumentando gradativamente ano a ano, foi refletida em âmbito global, com análise do reflexo local. Assim, esse último capítulo buscou analisar o que aconteceu no seio da igreja católica e da sociedade que resultou na vitória da Arquitetura Moderna, nas décadas de 1950 e 1960, na construção de templos dessa instituição, com a exclusão do neogótico e de outras linguagens historicistas.

A resposta para essa grande transformação arquitetônica não poderia ser encontrada exclusivamente em uma análise do campo da arquitetura no Brasil, pois os preceitos que regem a nova produção de templos a partir da segunda metade do século XX estão além desse campo. Tais mudanças vieram de uma profunda renovação litúrgica empreendida pela igreja católica no século XX, que recebe o nome de Movimento Litúrgico e que atingiu essa instituição no mundo inteiro através de determinações papais.

Não se pode dizer que Gramlich perdeu as seleções de execução de projetos arquitetônicos para as igrejas matrizes de Brusque, Blumenau e Joinville nas décadas de 1950 e 1960 por uma vitória dos modernistas no Brasil, por uma mudança de gosto de seus clientes ou por falta de originalidade, mas por uma modificação profunda nas bases litúrgicas da igreja católica, que não estava mais disposta a aceitar uma arquitetura que tinha capacidade de distrair seus fiéis do centro da liturgia, do sacrifício de Cristo representado através da mesa-altar, com a profusão de ornamentos e nichos de santos comuns nas igrejas neogóticas e neorromânicas.

A capacidade, originalidade e inventividade de Gramlich não haviam simplesmente diminuído naqueles anos a ponto do clero começar a recusá-lo. O que aconteceu foi uma mudança profunda no seio da Igreja Católica que alterou não somente as novas arquiteturas a serem executadas, mas também todo o seu ritual e tratamento para com os fiéis. Gramlich também não estava passando por uma mudança de gosto de seus clientes do clero apenas, pela qual ele não conseguiu se adaptar, mas por uma mudança ideológica de uma das maiores instituições religiosas do planeta. O desprezo que lhe fora dado, no caso de Blumenau, Brusque e Joinville não era pessoal, mas dirigido aos projetos religiosos historicistas espalhados por todo mundo. Os novos conceitos litúrgicos que estavam se difundindo dentro do catolicismo tornaram o antigo modo de projetar igrejas, como aquele empreendido por Gramlich, insustentável, impraticável e uma ofensa à arte sacra.

Esse último capítulo, ao perseguir parte da trajetória de Gramlich que marca suas dores por ter perdido a seleção de alguns projetos para obras religiosas, especialmente aquele que lhe casou maior desgosto, o da matriz de Blumenau, permitiu uma análise da história da arquitetura no Brasil que extravasa os conteúdos que se poderiam encontrar dentro do campo da arquitetura no Brasil. Essa modificação arquitetônica foi melhor explicada em consonância com um contexto global e baseada na história de uma instituição religiosa e não unicamente pelas bases de entendimento restritos a fenômenos locais.

Assim, o estudo da trajetória de um profissional depreciado dentro do campo da arquitetura no Brasil, como Simão Gramlich, algumas vezes mal visto pela historiografia da

arquitetura, seja na consideração de suas obras serem sem originalidade ou simplesmente na omissão, por anos, de um estudo acerca de sua produção, nos possibilitou uma caminhada de aprendizagem em diversas escalas, tanto da história da arquitetura quanto em meio aos aspectos políticos, econômicos, sociais e religiosos que o envolveram e que correspondem ao contexto de diversos outros profissionais que atuaram no Brasil.

REFERÊNCIAS

[IGREJA]. **Excelsior**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1942.

[MATRIZ]. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 04 jan. 1958.

A ARQUITETURA moderna brasileira nos Estados Unidos. **A Notícia**, Joinville, 29 mai. 1943.

A BACIA do Itajaí e os seus monumentos. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 1, n. 10, p. 185, set. 1958.

A EXCURSÃO do sr. Governador Adolpho Konder. **República**, Florianópolis, 23 ago. 1927. p. 1.

A MATRIZ de Santa Cruz do Sul. **Jornal do Dia**. Porto Alegre, 25 jul. 1948. p. 3 Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098230&pesq=torres%20altas%20e%20imponentes>. Acesso em: 02 de out. 2019.

AGORA é a vez de Itajaí! **O Apóstolo**, Florianópolis, 01 set. 1942.

ALBERTO, Róger Denis de Fraga. **Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis de Porto Alegre: Bairro Petrópolis**. Destinatário: Thayse Fagundes [S./], 03 out. 2018. 1 e-mail.

ALBUQUERQUE, Carlos. Arquitetura na Alemanha: Da expansão industrial ao ecletismo. **DW: made for minds**. 25 maio. 2007b. Turismo. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/arquitetura-na-alemanha-da-expans%C3%A3o-industrial-ao-ecletismo/a-2556229>>. Acesso em: 03 maio 2018.

ALBUQUERQUE, Carlos. Da Bauhaus à Alemanha pós-guerra. **DW: made for minds**. 1 jun. 2007a. Cultura. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/arquitetura-na-alemanha-da-bauhaus-à-alemanha-pós-guerra/a-2571968>. Acesso em: 03 maio 2018.

ALVES, Elza Daufenbach. **Nos bastidores da Cúria: desobediências e conflitos relacionais no intra-clero catarinense (1892-1955)**. 2005. Tese (Doutorado em história) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

AMARAL, Aracy (org.). **Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos**. São Paulo: Memorial: Fondo de Cultura Económica, 1994.

ANSON, Peter F. **A construção de igrejas**. v. 10. Rio de Janeiro: Renes, 1969.

ANTIGAMENTE em Blumenau. Joinville, 16 set. 2019. Facebook: Charles Schwanke. Disponível em:

https://www.facebook.com/groups/426910050667337/search/?query=geese&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 27 nov. 2019.

APEZ. Santuário de Azambuja. *In*: Brusque Memória. Brusque, SC, 1952. disponível em: <https://www.brusquememoria.com.br/acervo-imagem/359>. Acesso em: 02 abr. 2019.

ARECO, Neide Maria de Souza Moreira. **Catedral São João Batista: 75 anos de evangelização**. Rio do Sul: Nova Era, 2002.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARQUIDIOCESE de Belo Horizonte. **Catálogo de paróquias: Nossa Senhora da saúde**. Belo Horizonte, MG, 2019. Disponível em: <http://arquivo.arquidiocesebh.org.br/catalogo/parouquia.php?id=256>. Acesso em: 02 abr. 2019.

ARQUIDIOCESE de Florianópolis. Paróquia sagrado coração de Jesus. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://arquifln.org.br/igrejas/parouquia-antonio-carlos/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

ARTE Sacra Moderna: arquitetura simbólica de duas igrejas norte-americanas. **O Luzeiro Mariano**. Blumenau, jul. 1954. Edição Festiva, p. 5.

AS LUTAS de após-guerra. Os emigrados alemães estão mal satisfeitos com as suas pátrias de adoção. Comunicação enviada de Leipzig pela Associated Press. **O Commercio**, Itajaí, 06 jan. 1924.

AUSTRALIA. Ancestry Ireland Unlimited Company. All results for Aloys Batke. *In*: Ancestry. 2019. Disponível em: https://www.ancestry.com.au/search/?name=Aloys_Batke. Acesso em: 24 out. 2019.

BECKER, Dom João. **Primeiro Synodo da Diocese de Florianópolis**. Florianópolis: Tipographia Brazil, 1910.

BERTOLI, Luan. Novo diretor do Hospital São Francisco diz que unidade terá investimentos. *In*: Radio Rural. Concórdia, SC, 7 ago. 2018. Disponível em: <http://www.radiorural.com.br/noticias/30237-novo-diretor-do-hospital-sao-francisco-diz-que-unidade-tera-investimentos>. Acesso em: 05 dez. 2019.

BESEN, José Artulino. **O clero catarinense 1500-1983: levantamento nominal e biográfico**. Florianópolis: Arquidiocese de Florianópolis, 1983.

BESEN, José Artulino. **Dom Joaquim Domingues de Oliveira**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1979.

BILLION Graves. **Hermann Geese**. Blumenau, SC, 2017. Disponível em: <https://pt.billiongraves.international/grave/Hermann-Geese/22772925>. Acesso em: 27 nov. 2019.

BINDER, Frei João Capistrano. Arte sacra moderna. **O Luzeiro Mariano**. Blumenau, 24 maio 1953. p. 5

BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. **Vaticano II: novos tempos e novos templos**. São Paulo: Paulus, 2015.

- BÖHM, Gottfried. Gottfried Böhm e sua obra no Brasil. [Entrevista concedida a] João Francisco Noll e Silvia Odebrecht. *Vitruvius*, São Paulo, ano 15, n. 057.02, jan. 2014. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/15.057/5013?page=2>. Acesso em: 05 abr. 2019.
- BOHN, Antônio Francisco. As igrejas de Simão Gramlich. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 42, n. 5/6, p. 30-41, maio/jun. 2001.
- BOHN, Antônio Francisco. **Luiz Alves e sua igreja matriz**. Blumenau: 3 maio, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2015a.
- BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015b.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2016.
- BRADLEY, Betsy Hunter. **The Works: The Industrial Architecture of the United States**. New York: Oxford University Press, 1999.
- BRAGA, Thayse Fagundes e. “Nereu Ramos é Maçom”: Embates político-religiosos entre um padre udenista e o catarinense que presidiu o Brasil. *In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 29., 2017, Brasília, DF. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. Brasília, DF: UNB, 2017, p. 1-11. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1490877401_ARQUIVO_NereuRamosMacom.pdf. Acesso em: 14 out. 2019.
- BRAGA, Thayse Fagundes e. A produção Arquitetônica de Simão Gramlich em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 58, n. 6, p. 65-88, dez. 2017.
- BRANDT, JÜRGEN. [Carta de Referência Profissional] 31 mar. 1924, Rendsburg [para] VON KNOBLAUCH, FRANZ. 1 folha. Carta de Referência Profissional (Zeugnis) para Franz von Knoblauch.
- BRASIL. **Decreto nº 11530, de 18 de março de 1915**. Reorganiza o ensino secundário e o superior na República. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1915. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- BRASIL. **Decreto nº 19482, de 12 de dezembro de 1930**. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ: Governo provisório da República, 1930. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- BRASIL. **Decreto nº 20291, de 12 de agosto de 1931**. Aprova o regulamento para execução do art. 3º do decreto n. 19.482, de 12 de dezembro de 1930. Rio de Janeiro, RJ: Governo

provisório da República, 1931. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20291-12-agosto-1931-514687-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933**. Regula o exercício das profissões de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1933. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D23569.htm. Acesso em: 03 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 3001, de 09 de outubro de 1880**. Estabelece es requisitos que devem satisfazer os Engenheiros Civis, Geographos, Agrimensores e os Bachareis formados em mathematicas, nacionaes ou estrangeiros, para poderem exercer empregos ou commissões de nomeação do Governo. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/DPL3001-1880.htm. Acesso em: 05 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 4.793, de 7 de Janeiro de 1924**. Fixa a despesa geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil para o exercício de 1924. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1924. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1920-1929/lei-4793-7-janeiro-1924-565572-publicacaooriginal-89342-pl.html>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BRINDES Glória. **O estado de Florianópolis**, Florianópolis, 17 jun. 1939. p. 8.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

BRUSQUE memória. **Igreja Matriz (1877-1954)**. Brusque, SC, 2018b. Disponível em: <https://www.brusquememoria.com.br/site/local/18/Igreja-Matriz-1877-1953>. Acesso em: 02 abr. 2019.

BRUSQUE memória. **Villa Quisisana**. Brusque, SC, 2018a. Disponível em: <http://www.brusquememoria.com.br/site/local/3/Villa-Quisisana>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BRUSQUE. *In*: WIKIWAND. [S.l.], 2018c. Disponível em: <http://www.wikiwand.com/pt/Brusque>. Acesso em: 02 abr. 2019.

BUENDGENS, Frederico Guilherme. Figura do Passado: Resumo biográfico de Felipe Bündgens. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 32, n. 7, p. 219-220, jul. 1991.

CABRAL, Carla Giovana. Pioneiras na engenharia. *In*: VIII CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8., 2010, Curitiba, PR. **Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Curitiba: UTFPR, 2010. Disponível em: http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E2_Pioneiras_na_Engenharia.pdf. Acesso em: 29 mar. 2018.

CAMPOS, Adriano de. Oligarquias em disputa: Ramos x Konder. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 89-97, 2017. Disponível em: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/download/1004/1337>. Acesso em: 02 out. 2019.

CAPELA São Bonifácio. *In*: Paróquia Santa Inês. Indaial, SC, [201-?]. Disponível em: <https://www.santainesindaial.com.br/comunidades/9/capela-sao-bonifacio>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CARDOSO, Eduardo C. Igrejas parte VIII. *In*: Educar Mel. [S.l.], 25 jan. 2015. Disponível em: <https://educarmel.blogspot.com/2015/01/igrejas-parte-viii.html>. Acesso em: 05 dez. 2019.

CAREZIA, Roberto Marcelo. **Ícones da vida moderna: tecnologia e saúde nos anúncios publicitários veiculados em Blumenau (1935-1955)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CASA de cultura Venâncio Aires – RS. **Histórico da Casa de Cultura de Venâncio Aires**. Venâncio Aires, RS, 2016. Disponível em: <http://www.museuvaires.com.br/>. Acesso em 25 nov. 2019.

CASA do arquiteto. Acervo do arquiteto Egon Belz. *In*: Medium. [S.l.], 22 set. 2014. Disponível em: <https://medium.com/@CasaArquiteto/acervo-do-arquiteto-egon-belz-9ea24b64c6b6>. Acesso em: 05 dez. 2019.

CASAS de campo. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, jan. 1928. 135p.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Uma modernidade em duplo signo: a arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40. *In*: MIRANDA, Wander Melo (org.). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 107-125.

CATEDRAL São Francisco Xavier. **Histórico**. Joinville, 2019. Disponível em: <http://www.catedraljoinville.com.br/a-catedral/historico>. Acesso em: 02 abr. 2019.

CATEDRAL São Paulo Apóstolo. **Sobre a catedral**. Blumenau, SC, [20--?]. Disponível em: <http://www.catedraldeblumenau.org.br/catedral>. Acesso em: 02 abr. 2019.

CHECA-ARTASU, Martín M. La Iglesia y la expansión del neogótico en Latinoamérica: una aproximación desde la geografía de la religión. **Naveg@mérica**, Revista eletrônica editada por la Asociación Española de Americanistas, Murcia, n. 11, 2013. Disponível em: <https://revistas.um.es/navegamerica/article/view/184981/153531>. Acesso em: 13 abr. 2018.

COLÉGIO Rosário. **Revista ecos do ginásio N. Sra. do Rosário: internato masculino do ginásio estadual**, Porto Alegre, RS, Livraria do Globo, ano V, 1932. Disponível em: https://issuu.com/feliperamos50/docs/ecos_-_1931. Acesso em: 31 out. 2017.

COMUNIDADE Evangélica: Sociedade Evangélica de Senhoras em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, jan. 1986.

CONFEEA. **Creas**. Brasília, DF, [201-]. Disponível em: <http://www.confearg.br/sistema-profissional/creas>. Acesso em: 04 dev. 2019.

CONFEEA. **Resolução nº 12, de 24 de maio de 1936**. Regula o uso de título e designações. Rio de Janeiro, RJ, 1936. Disponível em: <http://normativos.confearg.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=61&idTipoEmenta=5&Numero=>. Acesso em: 03 nov. 2019.

CONFEA. **Resolução nº 14, de 24 de março de 1937**. Permite aos profissionais licenciados, com atribuição de projetar e executar construções, o emprego das denominações facultadas pela resolução n.º 12 ou o uso das designações que Menciona. Rio de Janeiro, RJ, 1937
Disponível em:

<http://normativos.confea.org.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=63&idTipoEmenta=5&Numero=>. Acesso em: 04 nov. 2019.

CONSTRUÇÃO. **Diário da Paróquia de Bom Princípio**: 1919-1941. Bom Princípio, p. 15, 04 out. 1923.

CORDOVAMC. Foto “Portal”. *In*: Tripadvisor Brasil. Florianópolis, 29 abr. 2013.

Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g1652477-d2401913-i64282736-Matriz_de_Sao_Luiz_Gonzaga_Church-Brusque_State_of_Santa_Catarina.html. Acesso em: 02 abr. 2019.

CORREA, Maria Marilda Pinto. Um pouco de nossa história: crônicas de Maria Marilda. **Lagoa Santa**, [S.l.], ago. 2009. Disponível em:

http://www.lagoasanta.com.br/cronicas/maria_marilda/cronicas_marilda_ago_09.htm. Acesso em: 02 abr. 2019.

COSTA, Ana Elisia da; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; VENZO, Michele. Toigo: Architecto – Constructor Licenciado. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 169-191, jan. 2008. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/699/505>. Acesso em: 03 nov. 2019.

COSTA, Paulo José da. Casa Modernista Bernardo Kirchgassner projetada por seu Irmão em 1936. *In*: Curitiba antiga. [S.l.], 2014. Disponível em: <http://www.curitibaantiga.com/fotos-antigas/818/Casa-Modernista-Bernardo-Kirchgassner-projetada-por-seu-Irm%C3%A3o-em-1936.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

COTRIM, Luciana. Série Avenida Paulista: da mansão de João Dente ao Grande Avenida. *In*: São Paulo City: um projeto que tem a cara de São Paulo! São Paulo, 20 maio 2018.

Disponível em: <https://spcity.com.br/serie-avenida-paulista-da-mansao-joao-dente-ao-grande-avenida/>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CRETZAZ-STÜRZEL, Elisabeth. Eine feste Burg - ein festes Reich: Die Rekonstruktion der Marienburg und der Hohkönigsburg als symbolische Grenzfeste des Deutschen Kaiserreichs und die politische Burgenrenaissance in Europa. *In*: BARTETZKY, Arnold

(org.). **Geschichte Bauen**: Architektonische Rekonstruktion und Nationenbildung vom 19. Jahrhundert bis heute. Berlin: Gwzo, 2017. p. 62-90. Disponível em: http://www.boehlaverglag.com/download/164723/978-3-412-50725-1_OpenAccess.pdf. Acesso em: 13 nov. 2019.

CURTO Fotos Antigas de Brusque. Residência de Edgar von Buettner para a sua 2ª esposa Elisabeth. Brusque, 28 fev. 2017. Facebook: Edgar Ricardo von Buettner. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1366951399991604&set=oa.331904323553808&type=3&theater>. Acesso em: 05 dez. 2019.

CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

D'ALAMBERT, Clara Correia. **Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as grandes guerras**. 2003. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DIAS, Maria Cristina. Keller – Uma marca por trás de grandes construções em Joinville. In: Maria Cristina Dias. [S.l.], 2012. Disponível em: <http://mariacristinadias.com.br/historias/keller/>. Acesso em: 21 out. 2019.

DIE MAUS: gesellschaft für familienforschung e.v. Bremen. Bremen passenger lists: a project with the Bremen chamber of commerce and the Bremen staatsarchiv, [S.l.], 1926. Disponível em: http://212.227.236.244/passagierlisten/listen.php?ArchivIdent=AIII15-11.09.1926_N&pass=Sch%E4fer&ID=257746&ankunftshafen=Rio%20Grande,%20Brasilien&lang=en. Acesso em: 21 out. 2019.

DIETRICH, Jörg. Bavarian State Library. In: Panorama streetline. Germany, jul. 2013b. Disponível em: <http://panoramastreetline.com/bavarian-state-library-munich-germany-P4258>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DIETRICH, Jörg. Ludwigskirche / Ludwigstrasse. In: Panorama streetline. Germany, jul. 2013a. Disponível em: <http://panoramastreetline.com/ludwigskirche-ludwigstrasse-munich-germany-P3673>. Acesso em 11 fev. 2016.

DIOCESE de Guaxupé. **Paróquia Nossa Senhora do Carmo (Carmo do Rio Claro)**. Guaxupé, MG, [20--?a]. Disponível em: <http://guaxupe.org.br/paroquias/paroquia-nossa-senhora-do-carmo-2>. Acesso em: 02 abr. 2019.

DIOCESE Joinville. Paróquia São Sebastião – Jaraguá do Sul. Jaraguá do Sul, [20--?]. Disponível em: <http://www.diocesejoinville.com.br/paroquias/paroquia-sao-sebastiao--jaragua-do-sul>. Acesso em: 05 dez. 2019.

DONOVAN, Andrea Elizabeth. **William Morris and the society for the protection of ancient buildings**. New York: Routledge, 2008.

DORO THEA. Repositório digital flickriver. Disponível em: <http://www.flickriver.com/photos/42570271@N04/3971683809/>. Acesso em: 12 fev. 2016.

DUDEN. Berlin: Bibliographisches Institut GmbH, 2019. [online]. Disponível em: <https://www.duden.de/suchen/dudenonline/Maurerpolier>. Acesso em: 04 nov. 2019.

DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DURTH, Werner. **Deutsche architekten: biographische verflechtungen 1900-1970**. 3. ed. Frankfurt: Vieweg, 1988.

ELIAS, Norbert. **Mozart: Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

EMPRESA Constructora. **República**, Florianópolis, 22 dez. 1929, p. 2.

ENCANO central in Santa Catarina: destination guide Brazil. *In*: Trip mondo. [S.l.], 2018. Disponível em: <https://www.tripmondo.com/brazil/santa-catarina/indaial/encano-central/>. Acesso em: 05 abr. 2019.

ENG. ALFONS Steiner. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 27, n. 6, p. 177, jun. 1986.

ENGENHEIRO Simão Gramlich. **A Notícia**, Joinville, 21 dez. 1941.

ESTILO Californiano. **A Casa**. Rio de Janeiro, fev. 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=690422&PagFis=4227&Pesq=estilo%20californiano>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ESTILO Colonial Californiano. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 04 ago. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_04&pesq=estilo%20california. Acesso em: 14 nov. 2019.

FAGUNDES, Thayse. Dois coelhos com uma cajadada: conselhos de *O Comercio* para o progresso e a nacionalização de Santa Catarina através da fixação de imigrantes alemães em Itajaí. *In*: WEIZENMANN, Tiago; SANTOS, Rodrigo Luis dos; VON MÜHLEN, Caroline (org.). **Migrações históricas e recentes**. Lajeado: Univates, 2017. p. 46-54. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/209/pdf_209.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

FAGUNDES, Thayse. **Enseada de Cabeçadas: a formação sócio-espacial do balneário**. 2014. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: Fapesp. Edusp, 2005.

FIGURA do Presente: Henrique Herwig. **Blumenau em Cadernos**, jun. 1988.

FOTO da antiga igreja matriz de Piranga – MG. *In*: Pinterest. [S.l.], [20--?]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/582301426789871714/?autologin=true>. Acesso em: 02 abr. 2019.

FRADE, Gabriel. **Arquitetura sagrada no Brasil: sua evolução até vésperas do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=PM_zVH5mD68C&pg=PT96&lpg=PT96&dq=arquitetura+movimento+liturgico&source=bl&ots=RvGtE-vrYW&sig=ACfU3U0-In3Lt2PWHHp4BUAg54tWQFN31w&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi0nebk-bHhAhUBJrkGHVivAmoQ6AEwCXoECAkQAQ#v=onepage&q=arquitetura%20moviment%20liturgico&f=false. Acesso em: 02 abr. 2019.

FROTSCHER, Méri. A cidade e a colônia: representações dos mundos urbano e rural em almanaques de língua alemã. *In*: DUARTE, Geni Rosa; FROTSCHER, Méri; LAVERDI, Robson (org.). **Práticas socioculturais como fazer histórico: abordagens e desafios teórico-metodológicos**. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 103-138.

GINZBURG, Carlo. **Investigando Pierro: o Batismo, o ciclo de Arezzo, a Flagelação de Urbino**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. *In*: MIRANDA, Wander Melo (org.). **Narrativas da Modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 55-80.

GOVERNO do estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de estado da cultura, turismo, esporte e lazer (SEDACTEL). IPHAE. **Bem tomabado**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=43204>. Acesso em: 21 nov. 2019.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 05 fev. 1927a, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Denuncia favorecimento de Rubi no concurso para a construção da matriz católica de Santa Cruz do Sul.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 05 nov. 1925a, Porto Alegre [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Carta 1: Apresenta-se e oferece serviço.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 07 set. 1926b, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Informa que vai visitar Santa Cruz do Sul.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 10 dez. 1932, Blumenau [para] KAERCHER, Arthur, Santa Cruz do Sul. 1f. Lamenta-se em relação ao descaso com que foi tratado pelo clero no Rio Grande do Sul.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 11 dez. 1925b, Porto Alegre [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Informa sobre as possibilidades de um projeto para a matriz católica de Santa Cruz do Sul.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 14 dez. 1926c, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Informa que está enviando esboços solicitados.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 16 dez. 1925c, Porto Alegre [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Cita as obras que projetou no Rio Grande do Sul.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 19 out. 1927b, Sinimbu [para] COMISSÃO Construtora da Igreja de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 1f. Queixa-se em relação a sua desclassificação do concurso para a matriz católica de Santa Cruz do Sul.

GRAMLICH, Simão. [Carta] 20 fev. 1927c, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Discute sobre o projeto a ser realizado para a matriz católica de Sinimbu (RS).

GUÉGUÉS, Helder. Tradução: gambrel roof. *In*: Blog Assim mesmo. [S.l], 16 fev. 2009. Disponível em: <http://letratura.blogspot.com.br/2009/02/traducao-gambrel-roof.html>. Acesso em: 11 out. 2017.

HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções: 1789 - 1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFMANN, Gilberto. Preparativos para os 50 anos de Antônio Carlos. *In*: Blogueiros do continente. Florianópolis, 17 abr. 2013. disponível em:

<http://wp.clicrbs.com.br/blogueiros/2013/04/17/preparativos-para-os-50-anos-de-antonio-carlos-por-gilberto-hoffmann/>. Acesso em: 05 dez. 2019.

HOMENAGENS. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 abr. 1944.

IGREJA católica de Porto Escalvados - Navegantes. *In*: Mapio.net. Všeřtary, [2---?]b. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-81709985/>. Acesso em: 05 dez. 2019.

IGREJA matriz de Santana - Ferros – MG. *In*: Mapio.net. Všeřtary, [2---?]a. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-40463302/>. Acesso em: 02 abr. 2019.

IGREJA Matriz Santo Antônio de Pádua - Sombrio - Santa Catarina. *In*: Mapio.net. Všeřtary, [2---?]c. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-81909337/>. Acesso em: 05 dez. 2019.

INDÚSTRIA de Madeira e Navegação Limitada. **A Notícia**, Joinville, 25 abr. 1943.

ISABEL347. Foto: “Catedral São Paulo Apóstolo em Blumenau”. *In*: Tripadvisor Brasil. São Paulo, 28 jan. 2016. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303572-d2401717-i170626330-Catedral_Sao_Paulo_Apostolo_Igreja_Matriz-Blumenau_State_of_Santa_Catari.html. Acesso em: 02 abr. de 2019.

ISNARD, Dom Clemente Gouveia. O papel de Dom Martinho Michler no movimento católico brasileiro. **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez. 1946. p. 5-15.

JOINVILLE de Hoje, de Ontem e de Sempre!. A preciosa casa onde morou o querido e distinguido casal, Sr. Nilson Wilson Bender e Sra.Elizabeth Bender. Joinville, 16 nov. 2019b. Facebook: Lúcia Hauptli. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1411354125711348&set=p.1411354125711348&type=1&theater>. Acesso em: 26 nov. 2019.

JOINVILLE de Hoje, de Ontem e de Sempre!. Banco Indústria e Comércio (INCO). Joinville, 16 set. 2019c. Facebook: Lúcia Hauptli. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1351187891727972&set=p.1351187891727972&type=1&theater>. Acesso em: 26 nov. 2019.

JOINVILLE de Hoje, de Ontem e de Sempre!. Casa Arp... a primeira loja por departamentos da cidade. Joinville, 26 fev. 2019a. Facebook: Lúcia Hauptli. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1204688416377921&set=p.1204688416377921&type=1&theater>. Acesso em: 26 nov. 2019.

JUBILEU em Encano Baixo. **Blumenau em Cadernos**, ago. 1995.

KAULICH, Gisele Custódio. **Chat**. 17 jul. 2018. Facebook: usuário Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/gisele.custodio.71>. Acesso em: 17 jul. 2018.

KELLER, Milton Roberto. **Arquitetura eclética em Santa Cruz do Sul**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.

KEVER, Heribert. **Klosterkapelle Garnstock: "Versuch eines sakralen Gesamtkunstwerks"**. *In*: Garnstock. [S.l.], [1993?]. Disponível em: <https://garnstock.jimdo.com/franziskanerkloster-garnstock/>. Acesso em: 05 abr. 2019.

KIRCHENBAUTEN – Kulturdenkmäler der Menschheit. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 25 out. 1929.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Contraponto, 2006.

LA ARQUITECTURA romántica alemana. *In*: ARTEHISTORIA PROYECTOS DIGITALES. Madrid, ES, [20--]. Disponível em: <https://www.artehistoria.com/en/node/70925>. Acesso em: 17 abr. 2018.

LEMOS, Carlos A. C. El estilo que nunca existió. *In*: AMARAL, Aracy (Org.). **Arquitectura Neocolonial**: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 147-164.

LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Editora Loyola, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=7PLQpuXfspsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 05 abr. 2019.

LIMA, Alceu Amoroso. Hitler e Guardini. **A Ordem**. Rio de Janeiro, dez. 1946. p. 16-21

LIMA, Angela Bernadete. **“Nós declaramos guerra ao latifúndio!”**: propostas, ações e ideais de imigração/colonização da Sociedade Central de Imigração (1883-1891). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: Ed. Univali, 1997. 329 p.

LIZ, Carmen Dorow de. **Query Geese**. Facebook: usuário Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/426910050667337/search/?query=geese&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 24 out. 2019.

LOCKS, José [Carta] 10 jun. 1939, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Informa que enviou para Simão Gramlich o desenho da igreja francesa que agradava ao Bispo.

LOCKS, José [Carta] 27 dez. 1938a, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Informa que escreveu para Simão Gramlich.

LOCKS, José. [Carta] 02 set. 1931a, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Conta sobre o embate que teve com os protestantes na Barra do Rio.

LOCKS, José. [Carta] 10 jan. 1967, Itajaí [para] NIEHUES, Dom Afonso., Florianópolis. 1f. Conta sobre sua comoção ao saber da situação na qual Dom Joaquim se encontrava.

LOCKS, José. [Carta] 13 dez. 1938a, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 2f. Informa sobre o desejo de Simão Gramlich em agradecer ao Arcebispo.

LOCKS, José. [Carta] 13 maio 1937, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Apresenta argumentos a favor do Integralismo.

LOCKS, José. [Carta] 14 dez. 1945, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Informa sobre auxílio prestado a Irineu Bornhausen em defesa política.

LOCKS, José. [Carta] 21 out. 1939a, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 2f. Informa sobre defeito no projeto de Felipe Bündgens.

LOCKS, José. [Carta] 23 jan. 1939b, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Afirma que conferiu com o arquiteto ponto a ponto das modificações solicitadas.

LOCKS, José. [Carta] 24 out. 1938c, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 2f. Informa sobre o projeto de Simão Gramlich que estava enviando.

LOCKS, José. [Carta] 25 jun. 1931, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Conta sobre a campanha que a senhora Malburg faz para que a Igreja seja construída no mesmo local da antiga.

LOCKS, José. [Carta] 27 set. 1938b, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 2f. Informa sobre o primeiro contato que fez com Simão Gramlich para a realização do projeto da Igreja Matriz de Itajaí.

LOCKS, José. [Carta] 27 set. 1945, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 2f. Comenta sobre sua saída da Paróquia de Itajaí.

LOCKS, José. [Carta] 30 jul. 1923, Itajaí [para] OLIVEIRA, Joaquim Domingues de., Florianópolis. 1f. Reclama sobre a atuação de um professor protestante em Itapema.

LUCENA, Emanuel Victor Patrício de; CAVALCANTI FILHO, Ivan. O estilo missões na cidade de João Pessoa. **Urbicentros 3: morte e vida dos centros urbanos**, Salvador, p. 1-21, out. 2012. Disponível em: <http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST303.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.

LUMINI, Dom Lourenço. A oração antiga. **A União**. Rio de Janeiro, 13 jul. 1913. p. 1.

MAÇANEIRO, Ricardo Becker. A igreja Matriz de Brusque (São Luís Gonzaga). *In*: Memorial à Presença Dehoniana em Brusque. [S.l.], 6 jun. 2015. Disponível em: <http://memorialdehonianobrusque.blogspot.com/2015/06/a-igreja-matriz-de-brusque-sao-luis.html>. Acesso em: 05 abr. 2019.

MAIOLINO, Claudio Forte. **A arquitetura religiosa neogótica em Curitiba entre os anos de 1880 e 1930**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curitiba, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 7-46, set./dez. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000300002. Acesso em: 13 abr. 2018.

MATRIZ de Itajaí. **A Notícia**, Joinville, 21 jan. 1944.

MAYKOT, Sergio; SANTOS, Luiz Carlos dos (org.). **A matriz de todos nós**. Tubarão: Gráfica Dehon, 1980.

MELLO, Arnou Teixeira de. A Nova Matriz: “Querer é poder” velha e discutível máxima, que a poucos é dado ostentar. **Jornal do Povo**, Itajaí, 30 out. 1955.

MELLO, Frei Fernando Jansen de. **Vida Franciscana**. São Paulo: Órgão da Província Franciscana, 1990.

MELLO, Simone de. Miragens Arquitetônicas. **DW: made for minds**. 10 maio. 2003. Cultura. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/miragens-arquitet%C3%B4nicas/a-861178>. Acesso em: 03 maio 2018.

MELO, Sabrina Fernandes. **Arquitetura e ressonâncias urbanas em Florianópolis na primeira metade do século XX**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MELO, Sabrina Fernandes. **Entre história da arte e patrimônio: Robert Chester Smith e os lugares da temática colonial**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MENDES, Francisco Roberval; BITTAR, William Seba Mallmann; VERÍSSIMO, Francisco Salvador. **Arquitetura no Brasil: De Dom João VI a Deodoro**. Rio de Janeiro: Imperial Novomilenio, 2010.

METROPOLIA Católica Ucraniana São João Batista. **Dom Francisco Carlos Bach: 5º Bispo de Joinville**. Curitiba, PR, [201-?]. Disponível em: <https://metropolia.org.br/noticias/dom-francisco-carlos-bach-5o-bispo-de-joinville/>. Acesso em: 02 abr. 2019.

MISSA dialogada. **A Gazeta: a voz do povo**. Florianópolis, 27 jul. 1939. p.3.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 240-264, jan-jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2016.

MONUMENTOS da Bacia do Itajaí. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 1, n. 6, p. 118, maio. 1958a.

MONUMENTOS da Bacia do Itajaí. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 1, n. 7, p. 127, maio. 1958b.

MORAES, Marcos Juvêncio de. **As Disputas pelo Palácio Governamental Catarinense: as oligarquias, os autoritários e a instrumentalização do nacionalismo**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MOREIRA, Pedro. A cultura arquitetônica dos países de língua alemã e seus reflexos no desenvolvimento da Arquitetura Moderna no Brasil: 1880 – 1945. **Martius-staden-jahrbuch**, São Paulo, n. 52, p. 37-59, 2005.

MOVIMENTO Litúrgico em S. Paulo. **A Cruz**, Rio de Janeiro, 29 jul. 1928. p.3.

NABUCO, Monsenhor Joaquim. Arquitetura Religiosa. **A Ordem**. Rio de Janeiro, nov. 1942. p. 111-119.

NAIRDE. Catedral basílica menor Nossa Senhora da Glória de Maringá –PR. *In*: Blogger da Nairde. [S.l.], 2 abr. 2014. Disponível em: <http://bloggerdanairde.blogspot.com/2014/04/catedral-basilica-menor-nossa-senhora.html>. Acesso em: 02 abr. 2019.

NARJARAMM. Igreja Matriz Puríssimo Coração de Maria. *In*: Tripadvisor Brasil. [S.l.], 17 fev. 2018. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303591-d7847297-i303367834-Igreja_Matriz_Purissimo_Coracao_de_Maria-Sao_Bento_Do_Sul_State_of_Santa.html. Acesso em: 05 dez. 2019.

NEIZE. Foto: “Os vitrais”. *In*: Tripadvisor Brasil. Bauru, SP, 7 mar. 2015. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303584-d2402834-i125158890-Catedral_de_Joinville_Sao_Francisco_Xavier-Joinville_State_of_Santa_Cata.html. Acesso em: 02 abr. 2019.

NEOTTI, Frei Clarêncio. Frei Brás Reuter. **Vida Franciscana**. São Paulo: Órgão da Província Franciscana, 1992.

NOLL, João Francisco; ODEBRECHT, Silvia (org.). **Modernidade em Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina**. Blumenau: Edifurb, 2013.

NONA Rosina - Ascurra/SC. *In*: Booking.com. [S.l.], [20--?]. Disponível em: <https://www.booking.com/hotel/br/casa-amarela-b-amp-b.pt-br.html>. Acesso em: 05 dez. 2019.

NOTAS religiosas: Dom Martinho, Abade. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 22 jun. 1958. p. 6. 22

NOTÍCIAS de Santa Catarina. **A Noite**, Rio de Janeiro, 10 abr. 1944.

NOVO, Leonardo Faggion. **Entre arte e técnica: arquiteturas políticas na legitimação da profissão no Brasil [1920-1930]**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) –Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

O LAR. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_04&pesq=estilo%20california no. Acesso em: 14 nov. 2019.

O VALE do Itajaí: Lavoura, Indústria, Comércio, ano VI, n. 64, 1950. (Edição especial).

OLIVEIRA, Dom Joaquim Domingues de. [Carta] 04 jan. 1940, Florianópolis [para] LOCKS, José, Itajaí. 1f. Provisiona Comissão Construtora da Matriz de Itajaí.

OLIVEIRA, Dom Joaquim Domingues de. [Carta] 04 set. 1931, Florianópolis [para] LOCKS, José, Itajaí. 1f. Anuncia transferência de José Locks para Camboriú.

OLIVEIRA, Dom Joaquim Domingues de. [Carta] 30 set. 1935, Florianópolis [para] LOCKS, José, Camboriú. 2f. Concede perdão por ofensa ocorrida há anos.

OLIVEIRA, Dom Joaquim Domingues de. **Quarto Sínodo de Florianópolis**. Florianópolis: [S.l.], 1951.

OLIVEIRA, Dom Joaquim Domingues de. **Segundo Synodo de Florianópolis**. Florianópolis: Livraria Cysne, 1919.

OLIVEIRA, Dom Joaquim Domingues de. **Terceiro Synodo Diocesano de Florianópolis**. Florianópolis: [S.l.], 1925.

PARETO JUNIOR, Lindener. "Pândegos, rábulas, gamelas": conflitos da formação do campo da engenharia e da arquitetura em São Paulo, 1890-1960. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 114-140, jan./jun. 2018. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2843. Acesso em: 04 nov. 2019.

PARETO JUNIOR, Lindener. **O cotidiano em construção: os "práticos licenciados" em São Paulo (1893-1933)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PARÓQUIA Luterana Blumenau Fortaleza. Fotos do perfil. Blumenau, 25 fev. 2014. Facebook: [paroquiafortaleza](https://www.facebook.com/paroquiafortaleza/). Disponível em: <https://www.facebook.com/paroquiafortaleza/>. Acesso em: 05 dez. 2019.

PAROQUIA Nossa Senhora da Conceicao. In: Tripadvisor. São Paulo, dez. 2018. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g675019-d12923813-Reviews-Paroquia_Nossa_Senhora_da_Conceicao-Braganca_Paulista_State_of_Sao_Paulo.html. Acesso em: 02 abr. 2019.

PARÓQUIA Nossa Senhora da Glória – Blumenau. Atualização da foto do perfil. 6 abr. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/paroquiagloriabnu/photos/a.1447010115566862/1875007802767089/?type=3&theater>. Acesso em: 05 abr. 2019.

PERRET Auguste. Église Notre-Dame du Raincy 1922-23. In: Pinterest. [S.l.], [20--?]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/106890191134115467/?lp=true>. Acesso em: 05 abr. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

PEVSNER, Nikolaus. **Os pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Algumas Considerações sobre o Neogótico no Brasil. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila (org.). **Oitocentos: Arte Brasileira do Império à República**. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010. p. 437-447.

PINTEREST. **Itajaí** - Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. [S.l.], [20--?]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/66357794492256472/?lp=true>. Acesso em: 05 dez. 2019.

PIRANGA. *In*: As Minas Gerais: zona da mata. Minas Gerais, [20--?]. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/Zona%20da%20Mata/UnivlerCidades/Cidades/piranga/area.htm>. Acesso em: 02 abr. 2019.

POR QUE não constroe a sua residencia?. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, jun. 1928.

PREFEITURA de Blumenau. Blumenau: o Brasil de alma alemã. **Catedral São Paulo Apóstolo**. Blumenau, SC, 2019. Disponível em: <http://www.turismoblumenau.com.br/o-que-fazer/centro-historico/catedral-sao-paulo-apostolo/detalhe>. Acesso em: 02 abr. 2019.

PREFEITURA de Luiz Alves – SC abre processo seletivo. *In*: Vix News. [S.l.], 9 set. 2019. Disponível em: <https://vixnews.agregavix.com/prefeitura-de-luiz-alves-sc-abre-processo-seletivo/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PREFEITURA de Porto Alegre. **Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis de Porto Alegre**: Bairro Petrópolis. [19--]. Destinatário: Thayse Fagundes (enviado por Róger Denis de Fraga Alberto). Porto Alegre, 03 out. 2018. 1 e-mail.

PUPPI, Marcelo. **Por uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira**. Campinas: Pontes, CPHA/IFCH, 1998.

RAMOS, Marco Aurélio (org.). **Ponte Hercílio Luz do sonho à realidade**: depoimento fotográfico. Florianópolis: Bernúncia, 2012.

RAMOS, Nereu et al. Partido Liberal Catarinense. **República**. Florianópolis, 30 dez. 1930. p. 1.

REFORM or revolt? [S.l.: s.n.], 2013. 1 vídeo (ca. 1h30). Publicado pelo canal sakivolcan. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fksqc8lq0Y0&t=732s>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

REFORMA or Revolt?. [S.l.: s.n.], 2013. 1 vídeo (ca. 1h30). Publicado pelo canal sakivolcan. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fksqc8lq0Y0&t=732s>. Acesso em: 02 abr. 2019.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.

REUTER, Frei Brás. Mensagem do R. P. Vigário de Blumenau aos seus paroquianos. **O Luzeiro Mariano**. Blumenau, abr. 1953. p. 7.

RINKE, Stefan. German Migration to Latin America (1918 - 1933). *In*: ADAM, Thomas (ed.). **Germany and the Americas**: Culture, Politics, and History. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2005. p. 27-31. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8uxfTF4Lm-kC&printsec=frontcover&dq=germany+and+the+Americas&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwja4629yJHaAhUGFpAKHanVBH8Q6AEIKDAA#v=onepage&q=germany%20and%20the%20Americas&f=false>. Acesso em: 29 mar. 2018.

RINKE, Stefan. Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, mar. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000100299&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 mar. 2018.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva; SILVA, Lindinalva Deóla da. **Famílias de Itajaí**: mais de um século de história. Itajaí: Odorizzi, vol. 1, 2001. 240 p.

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva; SILVA, Lindinalva Deóla da. **Famílias de Itajaí**: mais de um século de história. Itajaí: Ed. do Autor, vol. 2, 2005. 360 p.

SACRED SUBURBS. **St Antonius, Basel (1927) by Karl Moser**. Manchester, UK, 5 fev. 2016, Twitter: @sacredsuburbs. Disponível em: <https://twitter.com/sacredsuburbs/status/695673149816442880>. Acesso em: 05 abr. 2019.

SAKRALE Schätze der Zwischenkriegszeit: Sankt Engelbert. *In*: Stadt Köln. Köln, 7 set. 2013. Disponível em: <https://www.stadt-koeln.de/leben-in-koeln/veranstaltungen/daten/11688/index.html>. Acesso em: 05 abr. 2019.

SANCHES, Suely. Nossa Senhora da Glória. *In*: Comunidade católica milagre da vida. [S.l.], 12 ago. 2013. Disponível em: <http://suelysanches.blogspot.com/2013/08/nossa-senhora-da-gloria.html>. Acesso em: 02 abr. 2019.

SANTA CATARINA. Município de Blumenau. Secretaria de Planejamento Urbano. Tombo do patrimônio cultural edificado (volume I). Blumenau, 2008. Disponível em: <https://www.blumenau.sc.gov.br/governo/secretaria-de-desenvolvimento-urbano/pagina/patrimonio-cultural-edificado-seplan/bens-tombados>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SÃO VENDELINO. **Diário da Paróquia de Bom Princípio**: 1919-1941. Bom Princípio, p. 16. 16 out. 1923.

SCHINKEL Galerie. 2008. Disponível em: http://www.schinkelgalerie.de/Bilder/Berlin2/St.Johanniskirche/Berlin_St.Johanniskirche.htm. Acesso em: 12/02/2016.

SECRETÁRIO do Arcebispo. [Carta] 02 out. 1938, Florianópolis [para] LOCKS, José, Itajaí, 1f. Informa em nome de Dom Joaquim aceite de proposta de projeto de Simão Gramlich.

SECRETÁRIO do Arcebispo. [Carta] 20 jun. 1939, Florianópolis [para] LOCKS, José, Itajaí, 1f. Lamenta por certa modificação de Dom Joaquim não ter sido atendida no projeto.

SECRETÁRIO do Arcebispo. [Carta] 21 dez. 1938, Florianópolis [para] LOCKS, José, Itajaí, 1f. Pede para José Locks que providencie mais projetos com Simão Gramlich.

SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SEYFERTH, Giralda. Campesinato e o Estado no Brasil. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 395-417, ago. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 mar. 2018.

SILVA, Frei José Ariovaldo da. Avanços e retrocessos no movimento litúrgico no Brasil. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 31, p. 109-131, jun. 2000. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/issue/view/1421>. Acesso em: 02 abr. 2019.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **O arquiteto e a produção da cidade**: O arquiteto e a produção da cidade. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVEIRA, Marcus Marciano Gonçalves da. **Templos modernos, templos ao chão**: a trajetória da arquitetura religiosa modernista e a demolição de antigos templos católicos no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Cleise. Registro. *In*: Senhora do Carmos: palavras de uma escritora carmelitana!. 2 set. 2013. Disponível em: <http://senhoradocarmo.blogspot.com/2013/09/registro.html>. Acesso em: 02 abr. 2019.

SPAUTZ, Dagmara. Ministério Público recorre à Justiça para impedir demolição do Herbário. **NSC total**, [s.l.], 15 out. 2019. Patrimônio. Disponível em: <https://www.nscototal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/ministerio-publico-recorre-a-justica-para-impedir-demolicao-do-herbario>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ST. COLUMBA Catholic Church, Lafond and Hamline, St. Paul, ca 1935. *In*: Pinterest. [S.l.], 2008. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/84020349271936436/?lp=true>. Acesso em: 02 abr. 2019.

ST. COLUMBA Church (Saint Paul, Minnesota). *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S.l.], 2018. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/St._Columba_Church_\(Saint_Paul,_Minnesota\)](https://en.wikipedia.org/wiki/St._Columba_Church_(Saint_Paul,_Minnesota)). Acesso em: 02 abr. 2019.

STEINER, Gentil Lázaro. D.^a Gentil Steiner agradece. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 27, n. 9, p. 281, set. 1986.

SUDJIC, Deyan. **La arquitectura del poder**: cómo los ricos y poderosos dan forma al mundo. Barcelona: Ariel, 2007.

SUPERIOR Tribunal de Justiça. **O Dia**: Órgão do Partido Republicano Catharinense, 9 set. 1915, p. 3.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade**: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

TELLES, Augusto da Silva. Neocolonial: la polémica de José Mariano. *In*: AMARAL, Aracy (org.). **Arquitectura Neocolonial**: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 237-248.

THIEME, Ralph et al. [Carta] 29 jun. 1931, Itajaí [para] OLIVEIRA, Dom Joaquim Domingues de, Florianópolis, 1f. Pedem afastamento do Padre José Locks da Paróquia de Itajaí.

UMA OBRA SUNTUOSA. **A Notícia**, Joinville, 23 mar. 1943.

VIANA, Alice de Oliveira. **A persistência dos rastros**: manifestações do Art Déco na arquitetura de Florianópolis. Florianópolis: Udesc, 2011.

VIDOR, Vilmar. Arquitetura, Cultura, Identidade Local. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 38, n. 07, p. 7-14, jul. 1997.

VIVER bom retiro. **Nossa gente**: as memórias de Marlies e Ivo Koffke. Bom Retiro, SC, 2017. Disponível em: <http://www.viverbomretiro.com.br/?p=4109>. Acesso em: 05 dez. 2019.

WALLPAPER Corpus Christi. *In*: Trololo Blogg. [S.l.], 17 fev. 2008. Disponível em: <http://trololoblogg.blogspot.com/2008/02/wallpaper-corpus-christi.html>. Acesso em: 05 abr. 2019.

WANDALL, W. J. Discórdias entre brasileiros e alemães. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. 33, n. 7, p. 220-225, jul. 1992.

WEIMER, Günter. Arquitetos alemães no Sul do Brasil. **Deutsch-brasilianische Hefte**, Bonn; Nuernber, p. 22, 2003.

WEIMER, Günter. **Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul: 1892 - 1945**. Santa Maria: UFSM, 2004a.

WEIMER, Günter. **Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est, 2004b.

WHYTE, Iain Boyd. Modern German Architecture. *In*: KOLINSKY, Eva; WILL, Wilfried van Der (Ed.). **The Cambridge Companion to Modern German Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 282-301.

WILLE, Otto. **Wille's Deutscher Kalender für Brasilien**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1938.

WILLEMS, Emilio. O renascimento do catolicismo na Europa. **O Apóstolo**. Florianópolis, p. 3. 15 set. 1933.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WINK, Ronaldo. **Arquitetura religiosa na área de colonização alemã do vale do Rio Pardo**. [Pesquisa não publicada]. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2009.

WINK, Ronaldo. **Catedral São João Batista**: um marco de fé, história e arquitetura. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

WITTMANN, Angelina. Arquitetura, Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, Brusque, Projeto Gottfried Böhm. *In*: Angelina Wittmann - Arte, Cultural, História, Antropologia. [S.l.], 8 mar. 2016. Disponível em: <https://angelinawittmann.blogspot.com/2016/03/arquitetura-paroquia-sao-luiz-gonzaga.html>. Acesso em: 05 abr. 2019.

WITTMANN, Angelina. Blumenau - Crescimento desordenado e aparente ausência de critérios - Propriedade dos Deeke. *In*: Angelina Wittmann - Arte, Cultura, Historia, Antropologia. [S.l.], 21 mar. 2015. Disponível em: <https://angelinawittmann.blogspot.com/2015/03/blumenau-crescimento-desordenado-e.html>. Acesso em: 14 nov. 2019.

WYROBEK, Roberto. [*Carta*] 04 jan. 1940, Florianópolis [para] LOCKS, José, Itajaí, 1f. Pede em nome de Dom Joaquim modificações no projeto de Felipe Bündgens.

YOUNG, Victoria M. **Saint John's Abbey Church**: Marcel Breuer and the creation of a modern sacred space. Mineápolis: Universidade de Minnesota Press, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=bzF0DwAAQBAJ&pg=PT5&lpg=PT5&dq=saint+john%27s+abbey+church+marcel+breuer+and+the+creation+of+a+modern+sacred+space.+victoria+m+young&source=bl&ots=thyg2GaWag&sig=ACfU3U3-a5SpGHZldFclufOi8dP3CMK-lg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjfy9qXvrfhAhVQJ7kGHTnhCzsQ6AEwBnoECAkQAQ#v=snippet&q=booklet%20&f=false>. Acesso em: 04 abr. 2019.

APÊNDICE A - Correspondências de Simão Gramlich

Transcrição e Tradução realizada por Fabrício Coelho

Carta 1

GRAMLICH, Simão. [Carta] 05 nov. 1925a, Porto Alegre [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Carta 1: Apresenta-se e oferece serviço.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Porto-Alegre, den 5 Nov. 1925

Hochwürden Herrn

Alfred Blay, Vigario

Santa Cruz!

Soeben durch Vermittlung des Herrn Baumeister Vantinel von Herrn Kunstglaser Veit erfahren daß eure Hochwürden und die Plangemeinde Santa Cruz, eine größere Kirche zu bauen gedenken. Da ich Architekt und Baumstr., spezialist in Kirchen-Colleg und Klosterbau, bin und nur solche Bauten,

gegen feßte Anstellung übernehme, möchte ich Ihnen meine Dienste anbieten. So ist die Gemeinde in die Lage versetzt ohne Bauunternehmer die Kirche zu bauen, die Materialien selbst zu kaufen und die hohen Gewinne des Unternehmers selbst zu verdienen. Auch kann die Gemeinde falls es die dortigen Zustände erlauben die Tagelöhner im Fron stellen.

Da ich in Ausführung der gotischen Verzierungen ein besonderes Verfahren habe bin ich im Stande eine gotische Kirche in ihrer vollen Pracht ohne große Kosten herzustellen.

Die Kirche in São Vendelino Municipe Montenegro wurde von mir erbaut und Eure Hochwürden werden bereits meine dortige Tätigkeit aus 3 Zeitungstartikel des deutschen Volksblattes kennen gelernt haben.

Zurzeit bin ich in Porto-Alegre und leite daselbst den Colegenbau der Ehrwürdigen Maristenbrüder Rua Independencia 59.

Ich bin voraussichtlich bis Ende März hier frei und stehe Ihnen zur Verfügung.

Hochachtungsvoll

Simon Gramlich Architekt

Spezialist in Kirchen-Colleg u. Klosterbau

Rua Independencia 59

Porto Alegre

Porto Alegre, 5 de novembro de 1925.

Ao Senhor Reverendo

Alfred Blay, Vigário

Santa Cruz!

Há pouco, o senhor Vidreiro²³⁴ Veit me informou, por meio do senhor construtor Vantinel, que o Reverendo e o setor de obras do Município de Santa Cruz pensam em construir uma Igreja maior. Como sou arquiteto e construtor, especialista em construção de igrejas, colégios e mosteiros e assumo somente esse tipo de obras mediante contrato permanente, gostaria de lhes oferecer meus serviços. Assim, o Município fica em condições de construir a Igreja sem construtora, de ele próprio comprar os materiais e de receber também os altos ganhos da construtora. A comunidade também pode, caso as circunstâncias locais permitam, utilizar mão-de-obra da própria comunidade.

Como eu utilizo um procedimento especial na realização de ornamentos góticos, tenho condições de produzir uma igreja gótica em seu perfeito esplendor sem grandes custos.

A Igreja em São Vendelino, no município de Montenegro, foi construída por mim e o Reverendo já deve ter conhecido minha atividade lá através de 3 artigos do jornal alemão Volkesblatt.

Por hora, encontro-me em Porto Alegre e conduzo aqui a construção do Colégio dos Reverendíssimos Irmãos Maristas, na Rua Independência, 59.

Estarei livre aqui provavelmente até o fim de março e me coloco à sua disposição.

Respeitosamente,

Simão Gramlich, Arquiteto

Especialista em construção de Igrejas, Colégios e Mosteiros

Rua Independência, 59

Porto Alegre

²³⁴ A palavra “Kunstglaser” que se traduziu aqui como “Vidreiro” na verdade se refere a um profissional que trabalha também com a arte de produzir vitrais.

Carta 2

GRAMLICH, Simão. [Carta] 11 dez. 1925b, Porto Alegre [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Informa sobre as possibilidades de um projeto para a matriz católica de Santa Cruz do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Porto Alegre, den 11. Dez. 1925

Hochwürden Herrn Pater

Alfredo Blay Vigario

Eurer Höchwürden zur Mitteilung daß ich Ihren wehrten Brief von 5. erhalten habe. Besten Dank dafür.

Was die Baustilfrage anbelangt ist er mir gleichgültig ob romanisch oder gotisch. Was die Verantwortung über die Bausumme anbetrifft so könnte ich diese im gotischen Baustiele heute schon zusagen. Im romanischen Baustiel kann ich die Verantwortung erst übernehmen wenn ich die Materialfrage an Ort und Stelle geprüft und einen Entwurf ausgearbeitet habe, weil der romanische Baustiel bedeutend mehr Material erfordert als der gotsche. In Ausführung der Verzierungen fällt die Hauptarbeit mir selbst zu, weil ich nach einer besonderen Methode und mit Schablonen arbeite, wobei ich aber auch jeden Maurer verwenden kam. Da ich mich an den feineren Arbeiten selbst betätige für gewisse Arbeiten Hilfsarbeiter einlerne und ständig auf der Baustelle mich befinde, ist kein Architekt im Stande Ihnen eine Kirche um gleiches Geld und in gleicher Pracht zu erstellen. || Falls die alte Kirche auf solidem Fundamente steht, bildet sie für den Aufbau der neuen faßt gar kein Hinderniss weil bei Stielgerechter Konstruktion die neuen Mauern und Pfeiler die alten nicht treffen. || Was das Zusammenarbeiten mit einem von Ihnen genannten Herren betrifft möchte ich Ihnen mitteilen daß ich keinen derselben persönlich kenne. Auch wäre dies für die Gemeinde eine überflüssige und unnötige Geldausgabe.

Warum ich meinen Wohnsitz in Santa Cruz aufschlage will hat folgende Gründe: Ich möchte meine Kraft in der Hauptsache in den Dienst des Kirchenbauens stellen. Da die meisten Kirchen auf der Colonie gebaut werden muß ich mir einen Central gelegenen Platz der Colonie wählen. Da Santa Cruz eine bekannte Stadt ist und im Zentrum der deutschen Colonie liegt halte ich diesen Ort für den besten.

Werde voraussichtlich mit meiner Frau ~~nach~~, an Neujahr nach Orten kommen um die Stadt und auch die alte Kirche anzusehen. Da ich an Weihnachten zu meiner Familie reise, möchte ich Ihre Hochwürden ergebenst bitten mir bis Ende der Woche mitzuteilen ob ich Sie ~~dabei~~

bei meiner Reise nach S. Cruz besuchen dürfte um mit Ihnen über die Angelegenheit zu sprechen.

Für Ihre Nachricht nochmals dankend verbleibe ich Ihr ergebener.

Simon Gramlich

Architekt

Rua Independencia N° 59

Porto Alegre, 11 de dezembro de 1925.

Ao Reverendo Senhor Padre

Alfredo Blay Vigário

Ao Reverendo, para informar-lhe que recebi vossa carta do dia 5. Muito obrigado.

Ao que concerne à questão do estilo da obra, para mim é indiferente se românico ou gótico. Em relação à responsabilidade sobre o valor da obra, no estilo gótico eu poderia confirmá-la hoje mesmo. No estilo românico, só poderei assumir a responsabilidade quando eu analisar a questão do material in loco e elaborar um esboço, pois o estilo românico demanda significativamente mais material que o gótico. Na execução dos ornamentos, o trabalho principal recai sobre mim, pois trabalho com um método especial e com matrizes, embora eu também possa empregar algum pedreiro. Como eu mesmo me ocupo dos trabalhos mais delicados, treino auxiliares para certos trabalhos e me encontro sempre no canteiro de obras, nenhum arquiteto tem condições de lhes construir uma igreja com o mesmo esplendor pelo mesmo valor. || Caso a Igreja velha tenha fundamento sólido, ela não forma nenhum entrave para a construção da nova, pois em construção nesse estilo específico, as novas paredes e pilares não atingem os velhos. || Ao que concerne a cooperação com um dos senhores mencionados por você, eu gostaria de informar-lhe que eu não conheço nenhum deles pessoalmente. Isso também seria para a Prefeitura uma despesa supérflua e desnecessária. O fato de querer estabelecer minha residência em Santa Cruz tem as seguintes razões: eu gostaria de empregar minha força essencialmente no serviço da construção da igreja. Como a maioria das Igrejas é construída na Colônia, então eu preciso escolher um lugar bem centralizado na Colônia. Como Santa Cruz é uma cidade conhecida e se situa no centro da Colônia alemã, considero esse lugar o melhor.

Irei para o local provavelmente com minha mulher no ano novo para ver a cidade e a Igreja velha. Como eu visito minha família no natal, gostaria de pedir encarecidamente ao Reverendo para me informar até o fim da semana se eu poderia visitá-lo na minha viagem a Santa Cruz para conversar consigo sobre o assunto.

Mais uma vez agradecendo pela sua carta, permaneço seu humilde
Simão Gramlich

Arquiteto

Rua Independência, nº 59

Carta 3

GRAMLICH, Simão. [Carta] 16 dez. 1925c, Porto Alegre [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Cita as obras que projetou no Rio Grande do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Porto Alegre, den 16. Dez. 1925

Hochwürden Herrn Pater Bley Vigario

Eurer Hochwürden zur Mitteilung daß ich Ihren werhten Brief erhalten habe und Ihnen dafür herzlich danke. Daß die Baukommission in der Wahl eines Architekten vorsichtig ist finde ich für ganz selbstverständlich. Die Beweise daß ich nicht nur ein tüchtiger Baumeister sondern auch ein tüchtiger Architekt sein kann, werde ich Ihnen erbringen. Die Kirche in São Vendelino gibt ein bereder Zeugnis für mich ab, viel mehr als papierne Zeugnisse, daß ich in Kirchenbauten, Erfahrung habe. Diese Kirche die wohl eine der schönsten im Staate ist, ist 32 m lg, mit den 2 Seitenschiffen 18 m breit und hat einen prachtvollen Turm von 30 m Höhe n. kostet ohne die Fronarbeit 75 Conto obwohl die Backsteine 3 ½ Stunden gegen Bezahlung gefahren werden mußten. Ihre Hochwürden sehen daraus, daß hier kein Geld verschwendet wurde. Noch ehe ich diese Kirche ganz vollendet hatte, wurde ich, von den Ehrwürdigen Maristenbrüder, die meine Arbeit dort gesehen hatten, nach Porto Alegre berufen, um die Ausarbeitung der Pläne und die Leitung, Ihres Collegnenbaues zu übernehmen, obwohl hier genug Architekten sind.

Der Bau hat eine Länge von 63 m. n. 4 Stockwerke. Derselbe geht gut voran und haben die Brüder sich noch in keiner Weiße unzufrieden gezeigt, ganz im Gegenteil.

Auch wurden meine Pläne die zur Genehmigung nach Italian kamen dort für gut befunden. Ihre Hochwürden werden daraus ersehen daß meine Hauptvorzüge nicht die selbständige Mitarbeit sind. Ein Arbeiten auf der Baustelle lehne ich von vornherein ab mit Ausnahme der Verzierungen, das Anlegen, Anweisen der Arbeit u.s.w.

Eine Zusammenarbeit mit Herrn Peter, den ich allerdings noch nicht kenne, ist nur möglich, wenn wir gemeinsam und gleichgestellt die Leitung und den Bau der Kirche übernehmen. Ist Herr Peter noch jung und unerfahren, so verzichte ich von vornherein auf eine Zusammenarbeit.

Mögen Eure Hochwürden und die verehrte Baukommission meine Beweise die ich vorlegen werde, prüfen und dann entscheiden ob man mir den selbständigen Bau der Kirche anvertrauen kann oder nicht damit ich nicht anderweitig aufgehalten bin.

Achtungsvollst ergebenst

Simon Gramlich

Architekt.

Eine Bestätigung vom den ehrwürdigen Maristenbrüder liegt bei.

Möchten Ihre Hochwürden den Erhalt des Briefes bestätigen.

Porto Alegre, 16 de dezembro de 1925.

Revedendo Senhor Padre Bley Vigário

Ao Reverendo, para informar-lhe que recebi vossa carta e agradeço-lhe muito. Considero muito natural que a comissão de construção seja cautelosa na escolha de um Arquiteto. As provas de que eu posso ser não só um construtor competente, mas também um arquiteto competente eu lhes apresentarei em breve. A Igreja em São Vendelino oferece um testemunho convincente do meu trabalho, muito mais do que documentos comprobatórios, de que eu tenho experiência em construção de Igrejas. Essa Igreja é provavelmente uma das mais bonitas no país, tem 32m de comprimento, com suas duas naves laterais, tem 18m de largura e tem uma torre maravilhosa de 30m de altura e custou, sem a mão-de-obra da própria comunidade, 75 contos, embora precisaram ser pagas três horas e meia de transporte para os tijolos. Os Reverendos veem assim que aqui não se desperdiçou dinheiro. Ainda antes de ter terminado essa Igreja, fui chamado pelos Honoráveis Irmãos Maristas, que meu trabalho lá viram, para assumir a elaboração dos projetos e a condução da construção de seu colégio, embora haja aqui bastantes arquitetos. A construção tem comprimento de 63m e 4 andares. Ela está avançando bem e os Irmão até agora não se mostraram de forma alguma descontentes, muito ao contrário. Meus projetos, que foram enviados à Itália para aprovação, foram considerados também lá bons. Os Reverendos verão, assim, que meu ponto forte não é a cooperação autônoma. O trabalho no canteiro de obras eu recuso de antemão, com exceção dos ornamentos, a instrução e direção do trabalho etc. Um trabalho em conjunto com o senhor Peter, que eu entretanto ainda não conheço, só será possível se nós assumirmos a condução da construção da igreja conjunta e igualitariamente. Se o senhor Peter ainda for jovem e inexperiente, então já abro mão da cooperação. Tenham a bondade os Reverendos e a prezada comissão de construção analisar as provas que lhes apresentarei e então decidir se a construção da igreja poderá ser confiada a mim ou não, para que eu não fique mais preso a isso.

Atenciosamente, obsequioso

Simão Gramlich

Arquiteto

Anexa segue uma confirmação dos Honoráveis irmãos Maristas.

Por favor, confirmem os Reverendos o recebimento da carta.

Carta 4

GRAMLICH, Simão. [Carta] 07 set. 1926b, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Informa que vai visitar Santa Cruz do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Hochwürden Herrn

Pater Bley

Vigario

Santa Cruz

Befinde mich zur Zeit bei meiner Familie und werde nächste Woche nach São Gabriel reisen. Diese Gelegenheit will ich benutzen um Santa Cruz einen Besuch abzustatten. Während dessen möchte ich Sie besuchen um mit Ihnen betreffs des Kirchenbaues zu sprechen.

Ich möchte einmal zeigen was Kirchenbau ist und wie man Kirchen schön baut ohne die Gemeinde in allzuhohe Kosten zu stürzen.

Da die Kunst des Kirchenbaues, bei den Hochwürdigen Patres der Gesellschaft Jesu, jederzeit "Pflege und Unterstützung" fand, so glaube ich sicher auf Ihre Unterstützung rechnen zu dürfen.

Der Kirchenbau in São Vendelino sowie der grandiose Kollegienbau der Ehrwürdigen Maristenbrüder in der Rua Independencia in Porto Alegre welche ich zur allgemeinen und größten Zufriedenheit ausgeführt habe, werden Ihnen sagen, daß Sie sich einer großen Sorge enthoben wenn eure Hochwürden mir die Sache übertragen.

Achtungsvollst ergebenst S. Gramlich.

Architecto

Bom Princípio, 7 de setembro de 1926.

Ao Reverendo Senhor

Padre Bley

Vigário

Santa Cruz

Encontro-me no momento com minha família e viajarei na próxima semana a São Gabriel. Quero aproveitar o ensejo para fazer uma visita à Santa Cruz. Nesse ínterim, eu gostaria de visitá-lo para falar com você a respeito da construção da Igreja. Eu gostaria de mostrar o que é construir uma Igreja e como se constrói uma Igreja bonita sem fazer a Prefeitura gastar de mais. Como a arte de construir Igrejas sempre encontrou “Cuidado e Apoio” nos Reverendos Padres da Sociedade de Jesus, acredito, portanto, seguramente poder contar com vosso apoio. A construção da Igreja em São Vendelino, bem como a grandiosa construção do colégio dos honoráveis Irmãos Maristas, na Rua Independência em Porto Alegre, das quais eu me encarreguei com a maior e ampla satisfação, lhes dirão que vocês serão polpados de uma grande preocupação se os Reverendos me passarem o negócio.

Atenciosamente, obsequioso S. Gramlich

Arquiteto

Carta 5

GRAMLICH, Simão. [Carta] 03 nov. 1926a, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Informa que começou o projeto da matriz católica de Santa Cruz do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Hochwürden Herrn Pater Blay Vigario

Santa Cruz

Zu meiner grossen Freude Ihren wehrten Brief erhalten und daraus ersehen daß seine Gnaden der Hochwürdigste Herr Erzbischof wünscht daß ich mich an dem Wettbewerb betreffs der Kirche beteilige.

Der Brief kam erst heute vor 14 Tage in meinem Besitz, ich habe aber sofort mit der Arbeit begonnen. Diese Woche haben wir Mission sodaß die Arbeit einen Aufschub erleidet. Die Arbeit werde ich selbst überbringen und gedenke in 3 bis 4 Wochen mit derselben dort zu sein. Eure Hochwürden und die Gemeinde Santa Cruz werden wohl etwas übersascht sein und wenn Santa Cruz etwas schönes will sowie etwas praktisches, so wird Santa Cruz meine Sache bestimt annehmen.

Die angesendten 200 Milreß sind natürlich viel zu wenig. Durch diese Arbeit komme ich in Not. Bei Nichtannahme werde ich aber trotzdem lieber meine Arbeit wieder zurücknehmen als Sie dieselbe um solchen Lohn zu verkaufen.

Falls meine Sache angenommen wird werde ich mich dort ansäßig machen und meine ganze Kraft meine Ehre und meine Leben diesem Werke widmen.

Mit Gottes Hilfe wird Santa Cruz eine herrliche Kirche bekommen onhe allzugroße Opfer zu bringen.

Mit freundlichen Grüßen und einem herzlichen "Grüß Gott"

Ihr ergebener n. dankbarer Simon Gramlich

Bom Princípio, 3 de novembro de 1926.

Ao Senhor Reverendo Padre Blay Vigario

Santa Cruz

Para minha grande alegria, recebi sua valiosa carta e através dela soube que sua Graça, o Reverendíssimo Senhor Arcebispo, deseja que eu participe do concurso concernente à Igreja. Hoje já faz 14 dias que a carta chegou em minhas mãos, mas já comecei o trabalho imediatamente. Temos missão essa semana, de forma que o trabalho sofre um atraso. Eu mesmo levarei o trabalho e penso estar com o mesmo lá em 3 semanas. O Reverendo e a Prefeitura de Santa Cruz ficarão um pouco surpresos e se Santa Cruz quiser algo bonito, bem como apropriado, então aceitará certamente meu projeto. Os 200 mil-réis que foram enviados são naturalmente muito pouco. Com esse trabalho, vou passar necessidade. Se não for aceito, prefiro, contudo, retomar meu trabalho a vendê-lo por tal salário. Caso meu projeto seja aceito, irei me estabelecer lá e dedicarei toda minha força, minha honra e minha vida a essa obra. Com a ajuda de Deus, Santa Cruz terá uma igreja maravilhosa sem fazer muito sacrifício.

Mit freundlichen grüßen und und einem herzlichen “Grüß Gott”

Vosso humilde e agradecido Simão Gramlich

Carta 6

GRAMLICH, Simão. [Carta] 14 dez. 1926c, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Informa que está enviando esboços solicitados.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Hochwürden Herrn

Pater Bley Vigario

Santa Cruz

Uebersende Ihnen die gewünschten Grundrisse für den Hochwürdigen Pater Riederer.

Wenn Eure Hochwürden mich dort empfehlen könnten daß ich die Ausarbeitung der Pläne bekäme wäre ich sehr dankbar. Die Grundrisse sollen nur als Unterlage dienen damit der Hochw. Pater Riederer angeben kann was er wünscht. Den Plan für die Kapelle nach Rincão del Rey habe ich fertig und werde ihn nächstens zusenden. Vielleicht könnten Eure Hochwürden mir bald Nachricht zugehen lassen wie es mit der Sache in Santa Cruz steht. Sobald ich bestimt weiß daß ich die Kirche in Santa Cruz bekäme, das heißt daß mein Plan angenommen ist werde ich die Kapelle in Sinimbu leiten auch wenn die Leute nach den vorhandenen Plan bauen wollen. Besser wäre es natürlich gewesen wenn ich ich selbst einen Plan gemacht hätte. Um 300 Millreiß hätte ich denselben angefertigt. Nur wie es Eure Hochwürden wünschen ist es mir recht. Die Hauptsache ist ja die Kirche von Santa Cruz. Waren Eure Hochwürden schon beim Hochwürdigsten Herrn Erzbischof? Wie stellt er sich zu der Sache? Ist die Platzfrage gelöst?

Ich bin sehr gespannt darauf.

Mit einem herzlichen Grüß Gott

verbleibe ich Ihr ergebener

Simon Gramlich Architekt

Bom Princípio, 14 de dezembro de 1926.

Ao Reverendo Senhor

Padre Bley Vigário

Santa Cruz

Envio-lhe os esboços solicitados pelo Reverendo Padre Riederer. Eu ficaria muito grato se o Reverendo pudesse me recomendar para que me seja concedida a elaboração dos Projetos. Os esboços servem apenas para que o Rev. Padre Riederer possa especificar o que ele deseja. O Projeto para a Capela de Rincão del Rey está pronto e será enviado em breve. Talvez o Reverendo possa mandar notícias sobre o andamento das coisas em Santa Cruz. Assim que eu tiver a confirmação da concessão da Igreja de Santa Cruz, ou seja, que o meu projeto seja aceito, conduzirei a capela de Sinimbu, mesmo que eles queiram construí-la segundo o projeto existente. Melhor seria, naturalmente, se eu mesmo tivesse feito o projeto. Por 300 mil-réis eu o teria realizado. Para mim, só é certo a forma como o Reverendo deseja. O que importa é a Igreja de Santa Cruz. O Reverendo já esteve com o Reverendíssimo Senhor Arcebispo?

Qual é a posição dele em relação à questão?

O problema da Localização já foi resolvido?

Estou muito curioso para saber.

Com um respeitoso Adeus,

permaneço vosso humilde

Arquiteto Simão Gramlich

Carta 7

GRAMLICH, Simão. [Carta] 28 dez. 1926d, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Opina sobre o local de construção da matriz católica de Santa Cruz do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Hochwürden Herrn

Pater Bley Vigário

Santa Cruz

Ihre wehrte Karte erhalten und freute mich sehr. Anbei übersende ich den Plan für Rincão del Rey. Ich habe denselben im Romanischen Stiel ausgefertigt damit wenn die alte Kirche in Santa Cruz nicht bestehen bleibt, die Altäre zu Teil Verwendung finden. Was die Baustelle für die meine Kirche anbelangt, so hat der Platz Hennig den Vorzug daß die Kirche nach der Himmelsrichtung zu stehen kommt. Ob der Platz Datsch, Prasse oder Hennig gewählt wird ist mir gleich denn alle drei Plätze sind sehr schön.

Möchten Eure Hochwürden die Güte haben und mir gleich Nachricht zugehen lassen wenn die Sache mit dem Plan entschieden ist. Wenn die Sache zu meinen Gunsten Entschieden wird so möchte ich alsbald mit den Arbeitsplänen beginnen.

Ich habe nähmlich soeben unfreiwilligen Urlaub obwohl ich mehrere Pläne in Aussicht habe. Es geht halt überall langsam voraus.

Zum Schlusse möchte ich Eurer Hochwürden sowie den Hochwürdigen Patres ein glückliches und segensreiches neues Jahr wünschen.

Mit einem herzlichem Grüß Gott"

verbleibe ich Ihr ergebener

Simon Gramlich

Bom Princípio, 28 de dezembro de 1926.

Ao Reverendo Senhor

Padre Bley Vigario

Santa Cruz

Recebi vosso valioso mapa e fiquei muito contente. Anexo envio o projeto para Rincão del Rey. Eu o fiz em estilo românico, de forma que, caso a velha Igreja em Santa Cruz não seja preservada, os altares possam em parte ser utilizados. Ao que concerne a construção da minha Igreja, a praça Hennig tem a vantagem de a Igreja ficar posicionada no sentido do ponto cardeal. Se vão escolher a praça Datsch, Prasse ou Hennig, isso é indiferente, pois todas as três são muito bonitas. Tenha o Reverendo a bondade de me enviar uma mensagem quando a questão do projeto for resolvida. Se ela for decidida a meu favor, eu gostaria de iniciar os trabalhos no projeto imediatamente. Por enquanto, estou de férias involuntárias, embora tenha vários projetos em vista. É assim demorado em todo lugar.

Por fim, gostaria de desejar ao Reverendo, bem como aos Reverendos Padres, um feliz e abençoado ano novo.

Com um respeitoso Adeus

permaneço vosso humilde

Simão Gramlich

Carta 8

GRAMLICH, Simão. [Carta] 05 fev. 1927a, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Denuncia favorecimento de Rubi no concurso para a construção da matriz católica de Santa Cruz do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Hochwürden Herrn Pater Alfredo Bley Vigario

Santa Cruz!

Wie ich aus Porto Alegre erfahren habe hat ein Herr Rubi seinen Plan immer noch nicht abgeliefert. Da in einem Wettbewerb der Termin der Ablieferung angegeben wird, derjenige aber, der denselben nicht einhält, keinen Anspruch mehr hat, trotzdem immer noch auf diesen Herrn geachtet wird so muß ich annehmen, daß das was ich aus Porto Alegre erfahren habe, auf Wahrheit beruht.

Schon ehe mein Plan in Porto Alegre war soll der Hochwürdigste Herr Erzbischof diesem Rubi den Kirchbau von Santa Cruz zugesagt haben? Eriter hat Rubi die Pläne für die Erweiterung des Erzbischöflichen Palais zu liefern, ist also keine einwandfreie Concurens mehr.

Ich möchte Eure Hochwürden nur auf diese Sache aufmerksam machen.

Wer der geeignete Mann für Sie ist werden Eure Hochwürden wohl selbst beurteilen können. Wegen Sinimbu oder wie der Ort heißt hatte ich mir die Sache so gedacht. Wenn der Plan für Santa Cruz genehmigt ist, gehe ich dort hin, arbeite die Arbeitspläne aus und leite zugleich den obengennanten Kirchenbau. Dadurch würde die Gemeinde Sinimbu größere Auslagen sparen und hätte eine ständige Bauleitung. Da mein Plan nur Annahme findet wenn die Gemeinde Santa-Cruz energisch dafür eintritt so ist vorläufig an eine Genehmigung derselben nicht zu denken.

Immerhin bin ich bereit die Leitung von Sinimbu zu übernehmen. Meine Bediengungen sind: freie Reise (hin und später zurück) freie Station und Monatsgehalt bis zu dem Zeitpunkt wo ich eveltuell mit dem Arbeitsplänen für Santa Cruz beginnen kann. Wenn ich stätig dort bin kommt es die Gemeinde jedenfallst nicht ferner als wenn kom Zeit zu Zeit dorthin fahre, doch vin ich mit beidem einverstanden sofern ich dem Gehalt annehmen kann, den mir die dortige Gemeinde bewilligt

Mögen Eure Hochwürden alsbald die Güte haben mir über die Sache von Sinimbu zu berichten.

Ihr dankbarer ergebener

Simon Gramlich

Wenn mir Eure Hochwürden den Betrag von 200 Milreiß für den Plan von Rincão del Rei zusenden könnten wäre ich sehr dankbar da ich das selbe dringend benötige.

Ao Reverendo Senhor Padre Alfredo Bley Vigário

Santa Cruz!

Como eu soube de Porto Alegre, um senhor Rubi ainda não entregou seu Projeto. Como em um concurso a data final de entrega é indicada, aquele que não a cumpre não tem mais direito, apesar disso, continua-se a considerar esse senhor, então devo assumir que o que eu soube de Porto Alegre baseia-se na Verdade.

Terá o Reverendíssimo Senhor Arcebispo autorizado esse Rubi a construir a Igreja de Santa Cruz já antes de o meu projeto estar em Porto Alegre? Além disso, ele deve entregar os projetos para ampliação do Palais Arcebispal, não é mais, portanto, um concurso justo.

Eu só gostaria de alertar o Reverendo a respeito desse ponto.

Quem é o homem apropriado para você, o próprio Reverendo é que poderá julgar.

Por causa de Sinimbu ou como se chame o lugar eu pensei o assunto desse jeito. Se o projeto para Santa Cruz for aceito, vou para lá, elaboro os planos de trabalho e ao mesmo tempo conduzo a construção da Igreja acima mencionada. Com isso, a Prefeitura de Sinimbu seria poupada de uma despesa maior e eu teria uma obra por um tempo. Como o meu projeto só será aceito se a Prefeitura de Santa Cruz intervir energicamente, então não se pode pensar por enquanto em uma aceitação.

Em todo caso, estou pronto para assumir a obra de Sinimbu. Minhas condições são: Custas de deslocamento (ida e mais tarde volta) e de estada pagas e salário mensal até o momento em que eu eventualmente comece com os planos de trabalho para Santa Cruz. Se eu me estabelecer lá, a prefeitura não gastará mais do que se eu viajar para lá de tempos em tempos, mas eu estou de acordo com ambos, desde que eu possa receber o salário que a prefeitura local me garantiu.

Tenham os Reverendos a bondade de me informar assim que possível sobre o assunto de Sinimbu.

Vosso humilde e grato

Simão Gramlich

Se os Reverendos puderem me enviar a quantia de 200 mil-réis para o projeto de Rincão del Rei, eu ficaria muito agradecido, pois preciso dos mesmos urgentemente.

Carta 9

GRAMLICH, Simão. [Carta] 20 fev. 1927c, Bom Princípio [para] BLEY, A., Santa Cruz do Sul. 1f. Discute sobre o projeto a ser realizado para a matriz católica de Sinimbu (RS).

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Hochwürden Herrn Pater Bley Vigario

Teile Ihnen mit daß ich Ihr wertees Schreiben vom 10. Febr. erhalten habe. Besten Dank dafür.

Der Uebernahme der Bauleitung an dem Kirchenbau im Sinimbu bin ich nicht abgeneigt. Was den Plan anbetrifft verstehe ich eure Hochwürden ganz gut und werde keine Schwierigkeiten machen. Nur das was nicht richtig ist werde ich der Verantwortung wegen verbessern. Was den Monatsgehalt anbetrifft so teile ich Ihnen mit daß ich in Porto Alegre bei den Brüder 800 mill nebst freier Station n. freier Reise angenommen habe obwohl sie mir 1 Conto geboten hatten. Was ~~die~~ den Gehalt von Sinimbu anbetrifft so möchten Eure Hochwürden mir Ratgeber sein da ich die dortigen Verhältnisse nicht kenne.

Mein Wunsch ist daß nicht unter 6 Maurer gearbeitet wird, je mehr desto lieber, damit ich nicht alzulange dort liegen bleiben muß.

Wann soll dort begonnen werden?

Mit einem herzlichen Grüß Gott

Ihr denkbar ergebener

Simon Gramlich

vielleicht liesse sich die Sache am besten am Platz abmachen was meinen eure Hochwürden dazu.

Bom Princípio, 20 de fevereiro de 1927.

Ao Reverendo Senhor Padre Bley Vigário

Informo-lhe que recebi sua valiosa carta de 10 de fevereiro. Muito obrigado.

Não estou indisposto a assumir a construção da igreja de Sinimbu. Ao que concerne ao projeto, entendo muito bem o Reverendo e não criarei nenhum problema. Só corrigirei o que estiver errado por questão de responsabilidade. Em relação ao salário mensal, informo-lhe que em Porto Alegre aceitei dos Irmãos 800 mil além das custas de estada e viagem, embora eles me tenham oferecido 1 Conto. Ao que concerne ao salário de Sinimbu, eu gostaria que o Reverendo fosse meu conselheiro, pois não conheço o custo de vida local.

Minha vontade é que trabalhem pelo menos 6 pedreiros, quanto mais melhor, para que eu não precise permanecer demasiadamente lá.

Quando começa lá?

Com um herzlichen “Grüß Got”

Vosso grato e humilde

Sinão Gramlich

talvez se possa acertar melhor a questão aí, o que o Reverendo acha disso.

Carta 10

GRAMLICH, Simão. [Carta] 19 out. 1927b, Sinimbu [para] COMISSÃO Construtora da Igreja de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul. 1f. Queixa-se em relação a sua desclassificação do concurso para a matriz católica de Santa Cruz do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Sinimbú, den 19. Oktober 1927

Sehr geehrte Herren der Kirchenbaukommission von Santa Cruz

Soeben erfahre ich von Herrn Kops daß seine Excelenz Der Hochwürdigste Herr Erzbischof an Sie geschrieben und festgestellt hat, dass mein Plan einige architektonische Fehler habe ohne dieselben zu bezeichnen und daß der Bau auf 1000 Contos zu stehen käme.

Die Prüfungskommission fällt scheinets aus einem Extrem ins andere. Unverständlich ist und bleibt der Umstand, daß die betreffende Kommission eine Bleiskisse prämiieren konnte deren Ansicht anscheinend aus einem Buche abgemalt wurde und der Grundriss jeder Technischen Ausarbeitung entbehrte und ausserdem breiter als das Baugelände war. Schon das Konturensausschreiben war nicht den Bediengungen einer praktischen Kirche entsprechend. Rechnet man von 60 m Länge und 30 Breite, Chor ond Turmvorbauten ab, so bleibtim höchsten Falle ein Raum von 30/35 m, was alles, nur aber keine gute Akustik gibt. Ausserdem war es nicht klar ob die ausgeschriebene Bausumme mit oder ohne Fronarbeit gemeint war. Da ich seit langer Zeit weiß, daß die Gemeinde Santa Cruz 600-700 Contos an barem Gelde ausgeben will, mußte ich das letztere annehmen. Bei meiner sparsamen, praktischen und erfahrungsreichen Arbeitsweise, kommt mein Projekt nicht über 630-350 Contos an barem Geld vorausgesetzt daß meinem Wunsche entsprechend Frondienste geleistet werden. Ich begreife also nicht, daß ich die Bedingungen des Konkurrensausschreibens umgegangen haben soll. Da die Türme, die stets die Höhe, der Länge der Kirche, haben sollen, dieses Maß in keiner Weiße überschreiten, verstehe ich nicht, daß dieselben zu hoch sein sollen. Wenn die geehrte Baukommission wünscht daß der Plan geändert werden soll do darf derselbe nur im Maßstab 1:90 oder 1:80 ausgeführt, also demenstsprechend die Arbeitspläne ausgearbeitet werden. Abänderungen einzelner Maße ist nicht mehr einer guten Proportion und guter Akustik entsprechend.

Wenn die geehrte Baukommission meinem Brief einem Schreiben an Seine Excelenz beizulegen wünscht habe ich nichts einzuwenden.

Hochachtungsvoll

Simão Gramlich Architecto

Sinimbu, 19 de outubro de 1927.

Prezados Senhores da Comissão de Construção da Igreja
de Santa Cruz

Há pouco soube, pelo Senhor Kops, que sua Excelência, o Reverendíssimo Senhor Arcebispo, lhes escreveu e afirmou que meu projeto tem algumas falhas arquitetônicas, sem as ter especificado, e que a construção chegaria a custar 1000 Contos. A Comissão de Avaliação parece ir de um extremo a outro. É e permanece incompreensível o fato de a Comissão encarregada ter premiado um esboço a lápis, que parece ter sido copiado de um livro e cujos contornos carecem de qualquer elaboração técnica, e que, além disso, tinha maior largura que o terreno destinado à construção. O edital do concurso também não correspondia às características de uma verdadeira Igreja. Se tirarmos o coro e a torres dos 60m de comprimento e 30m de largura, então sobra, na melhor das hipóteses, um espaço de 30/35 m, o que possibilita tudo, só não uma boa acústica. Além disso, não ficou claro se o valor da obra foi estipulado com ou sem trabalho de mão-de-obra da comunidade. Como eu sei já há muito tempo que o município de Santa Cruz está disposto a empregar 600 a 700 Contos em dinheiro, devo considerar então a quantia mais alta. Com o meu método experiente, prático e econômico de trabalhar, meu projeto não passará de 630 a 650 Contos em dinheiro, pressupondo que, conforme minha vontade, seja prestado trabalho de mão-de-obra da comunidade. Então não consigo entender como eu não tenha cumprido as condições do edital do concurso. Como as torres, que devem ter em todo caso a altura do comprimento da Igreja, não ultrapassam essa medida, não entendo como as mesmas possam ser altas de mais. Se a prezada Comissão de construção deseja que o projeto seja modificado, então o mesmo poderá ser somente realizado na proporção de 1:90 ou 1:80, correspondendo, portanto, aos planos de trabalho. Modificações em medidas isoladas não condizem com uma boa proporção e boa acústica.

Se a prezada Comissão de Construção quiser anexar a minha carta a um escrito à sua Excelência, não tenho nenhuma objeção.

Respeitosamente

Simão Gramlich, Arquiteto

Carta 11

GRAMLICH, Simão. [Carta] 10 dez. 1932, Blumenau [para] KAERCHER, Arthur, Santa Cruz do Sul. 1f. Lamenta-se em relação ao descaso com que foi tratado pelo clero no Rio Grande do Sul.

Carta digitada e traduzida por Fabrício Coelho.

Gramlich & Bleicker

Arquitetos e Engenheiros

Rua 7 de setembro

Blumenau

Est. Sta. Catarina

Blumenau, 10. Dezember 1932

Herrn

Arthur Kaercher

Santa Cruz

Lieber Arthur!

Zunaechst wuenschen wir alle, Dir und Deiner Familie ein froehliches Weihnachtsfest, sowie ein gesegetes neues Jahr.

Geschaeftlich wie gesundheitlich geht uns hier sehr gut. Was uns fehlt ist das bare Geld. Wir bauen hier sehr modern, was grossen Anklang gefunden hat. Der erste Bau ist fertig zum Beziehen, der zweite wird naechste Woche gerichtet. Nach Weihnachten fangen wir mehrere Neubauten an, alles schluesselfertig.

Wir arbeiten zu dreien auf dem Bueru von morgens 7 ½ bis abends 12 Uhr. Wir hoffen, dass wir uns bald wieder aus dem Dreck herausgearbeitet haben.

Meine Absicht war in zwei Jahren mit meiner Familie wieder nach Santa Cruz zurueckzukehren, um den Kirchenbau dort fertig zu stellen und war im Begriff, dies den Padres mitzuteilen, wurde aber im Schreiben unterbrochen durch einen Brief der dortigen Baukommission. Nach diesem sollte der Abaenderungsplan der Front, sowie der Plan des Dachstuhles innerhalb 8 Tage in Santa Cruz sein und die restlichen Plaene innerhalb drei Monate, ohne jede Verguetung, wohlgermerkt, das hiesse also mir die Plaene zu stehlen, ganz

abgesehen davon, dass es mir in dieser Zeit, selbst wenn ich nichts zu tun haette, garnich moeglich waere, diese Arbeit zu bewaetigen.

Heute sehe ich ganz klar, dass es der Kommission und den Padres dort ganz gleichgueltig ist, ob ich mit meiner Familie verhungern muesste oder nicht, ob der Bau dort verpfuscht wird oder nicht und obdie Leute ihr Geld wegwerfen oder nicht.

1. Forts. Herrn Arthur Kaercher.

Vor einiger Zeit habe ich den Padres mitgeteilt, dass ich um 500 milrèis pro Monat und Spesen hinkaeme, um den Bau zu leiten. Nun sollte ich mich aber nach dem letzten Brief verpflichten, den Dachstuhl und die Front bis Firsthoehe auszufuehren. Dafuer wollten die mir fuer zwei Monate je 500 Milrèis und zusammen 400 Milrèis an Spesen und die einmalige Hin- und Herreise bezahlen, wohlgermerkt fuer zwei Monate, obwohl die Arbeit in 4 Monaten kaum zu bewaeltigen ist. Ich sehe dies als eine grobe Beleidigung meines Koenens an und habe auf dieses Schreiben keine Antwort gegeben.

Bei der Kircheneinweihung in Sinimbu hat man mich auch mit keinem Worte erwaeht, anscheinend deshalb, weil ich zu billig gearbeitet habe. Aus diesem Grunde habe ich den Herren die versprochene Zeichnung fuer den Taufstein nicht geschickt. Undank ist der Welt Lohn.

Dieser Tage habe ich eine Zusammenstellung fuer das, was ich der Kirche von Santa Cruz an Kehrmissen und direkter Zahlung geschankt habe, was eine Summe von 8:656 Milrèis ergab, ganz abgesehen davon, dass ich die Bauleitung mehr als um die Haelfte fuer umsonst gemacht habe. Man versucht also, mir den letzten Blutstropfen auszuquetschen. Traurig aber wahr!

Lieber Arthur! Wie geht es Dir und Deiner Familie, hoffentlich seit Ihr noch alle gesund, was ich auch von uns schreiben kann,

Richte an Herrn João de Barros viele Gruesse aus, sowie froehliche Weihnachten und ein glueckliches neues Jahr, und zwar von uns allen. Auch an Dr. Heinz v. Ortemberg, Mutter Bononia und Schwester Olinda, auch, wenn du Pater Albino Mallmann treffen solltest, denn es fehlt mir seine Adresse.

Herzliche Gruesse an Dich und Deine Familie von uns allen,

Dein alter Freund

Simão Gramlich

Gramlich & Bleicker

Arquitetos e Engenheiros

Rua 7 de setembro

Blumenau

Est. Sta. Catarina

Blumenau, 10 de Dezembro de 1932.

Ao Senhor

Arthur Kaercher

Santa Cruz

Caro Arthur!

Primeiramente lhes desejamos, a você e a sua família, um feliz natal e um abençoado ano novo. O trabalho vai muito bem, assim como nossa saúde. O que nos falta é o dinheiro em espécie. Aqui, nossas construções são modernas, o que tem encontrado grande aceitação. A primeira obra está pronta para ser ocupada, a segunda será finalizada na próxima semana. Após o natal, começaremos várias novas obras, tudo pronto para uso.

Trabalhamos em três no escritório, das 7:30h da manhã até a meia noite. Esperamos sair logo da lama por meio do trabalho.

A minha intenção era retornar com minha família a Santa Cruz para terminar a construção da Igreja, e eu estava a ponto de informar isso aos Padres, mas fui interrompido, quando escrevia, por uma carta da comissão de construção de lá. Segundo a carta, o projeto de modificação da fachada, bem como o projeto do telhado, deveria estar em Santa Cruz dentro de 8 dias, e os projetos restantes, dentro de 3 meses, sem nenhuma remuneração, entenda-se, isso significa portanto furtrar-me os projetos, sem contar que, nesse prazo, mesmo que eu não tivesse mais nada para fazer, eu não conseguiria de forma alguma dar conta desse trabalho. Hoje eu vejo com muita clareza que para a comissão e para os Padres é totalmente indiferente se eu venha a morrer de fome com minha família, se a obra se perca ou não e se as pessoas joguem seu dinheiro fora.

1ª Continuação ao Senhor Arthur Kaercher

Há algum tempo informei aos Padre que me seriam suficientes 500 mil-réis por mês mais despesas para conduzir a obra. Agora devo me obrigar, segundo a última carta, a finalizar o telhado e a fachada até a cumeeira. Para tanto, eles querem me pagar dois meses 500 mil-réis cada e junto 400 mil-réis em despesas e uma única viagem de ida e volta, entenda-se, dois

meses, embora o trabalho mal possa ser concluído em 4 meses. Eu considero isso um grande insulto ao meu conhecimento e não dei nenhuma resposta. Na inauguração da igreja em Sinimbu, também não fui mencionado por ninguém, aparentemente pelo fato de eu ter trabalhado a um preço muito baixo. Por essa razão, não lhes enviei o desenho prometido para a pia de batismo. Ingrata é a retribuição do mundo.

Esses dias fiz um levantamento do que repassei à Igreja de Santa Cruz nas quermesses e pagamento direto, o que perfaz um total de 8:656 mil-réis, isso sem contar que conduzi mais da metade da obra de graça. Eles tentam portanto, me sugar até a última gota de sangue. É triste, mas é verdade.

Caro Arthur! Como vai você e sua família, espero que estejam todos bem de saúde, o que posso dizer também de nós.

Envie saudações ao senhor João de Barros, bem como um feliz natal e próspero ano novo, de nós todos. Também ao senhor Dr. Heinz v. Ortemberg, à Madre Bononia e à Irmã Olinda, bem como ao Padre Albino Mallmann, caso você o encontre, pois não tenho seu endereço.

Saudações a você e à sua família de todos nós,

Seu velho amigo

Simão Gramlich

APÊNDICE B – Catálogo de Profissionais da Construção Civil

Catálogo com informações de alguns profissionais da construção civil citados ao longo da tese.

Gustav Bleicker

Gustav Bleicker era um engenheiro-arquiteto formado na Alemanha, possivelmente em curso técnico²³⁵. Em 1932, ele abriu um escritório em Blumenau com Simão Gramlich. Após alguns desentendimentos familiares, eles romperam sociedade em 1934 e passaram a trabalhar sozinhos. Bleicker casou-se com Rosa Gramlich, filha de Simão e assumiu os cuidados para com a sogra e Luiz (filho mais novo de Gramlich) após a separação de Simão e Gertrud. Além de desenvolver a atividade de arquiteto também era engenheiro, tendo trabalhado na construção de represas, hidrelétricas e canalização de rios. Algumas de suas obras são:

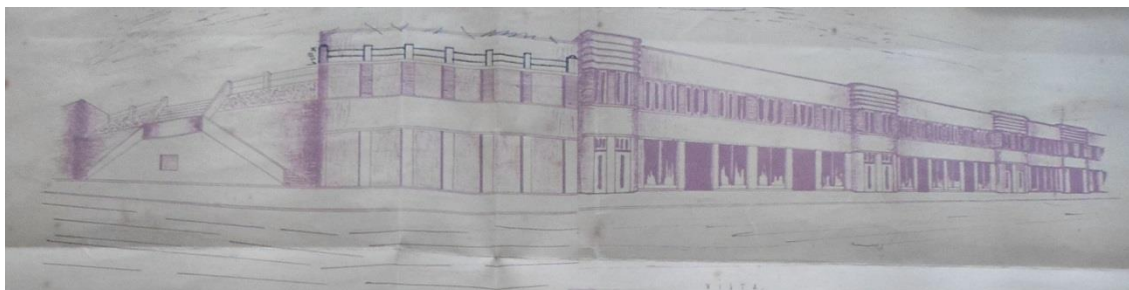
- Casa de Frederico Rabe na Rua XV de Novembro (Blumenau) em 1932. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker²³⁶. Existente.
- Casa de Frederico Vetterle na Rua XV de Novembro (Blumenau) em 1932. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker. Existente.
- Casa de Adolf Schmalz (Blumenau) em 1933. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker.
- Casa de A. Hofmann (Blumenau) em 1933. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker.
- Casa de F. Landgraf (Blumenau) em 1933. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker.
- Casa de madeira do Dr. H. Pape (Blumenau) em 1933. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker.
- Casa de Leopoldo Huscher na Avenida Rio Branco (Blumenau) em 1933. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker.

²³⁵ Ao solicitar sua carteira profissional para o CREA da 8ª Região, recebeu deferimento do pedido de acordo com o “artigo 3 e parecer” (CONSELHO, 1935, p. 7), conforme anunciou um jornal de 1935. Ou seja, por não apresentar um diploma de graduação e sim um portfólio de obras, recebeu deferimento pelo artigo 3º do Decreto 23.569 de 1933, que permitia aos não formados em ensino superior atuação profissional com um parecer limitador. Falamos sobre a concessão dessas carteiras profissionais no primeiro capítulo desta tese.

²³⁶ Todos os projetos executados pelo escritório Gramlich & Bleicker e por Gustav Bleicker em Blumenau foram identificados através de pesquisa nos projetos arquitetônicos guardados no Arquivo Intermediário – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

- Casa de Willy Belz na Rua Oswaldo Pastor Hesse (Blumenau) em 1933. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker. Existente.
- Casa de veraneio em Balneário Camboriú para Júlio Renaux em 1933. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker.²³⁷
- Sala de ginástica do Colégio Santo Antônio (Blumenau) em 1934. Projeto realizado pelo escritório Gramlich & Bleicker. Possivelmente existente.
- Casa de Willy Schwertfeger na Rua Brusque (Blumenau) em 1934.
- Casa de Otto Didjurgeit na Ponta Aguda (Blumenau) em 1934.
- Aumento da casa de Paulo Bruckheimer em 1934.
- Aumento da casa de Max Becker na Rua XV de Novembro (Blumenau) em 1934.
- Oficina de Rudolpho Büger no bairro Velha (Blumenau) em 1934.
- Casa e Comércio da família Borba na Rua XV de Novembro (Blumenau) em 1934. Existente. Patrimônio Tombado.
- Residência Hermann Neitzel (Blumenau) em 1936.
- Sociedade “Gemutlichkeit” (Blumenau) em 1936.
- Residência Erich Haerthel (Blumenau) em 1936.
- Conjunto de Lojas e escritórios em frente à matriz católica de Blumenau em 1936.
- Canalização do Ribeirão Bom Retiro, trecho entre a Rua 7 de setembro e o Rio Itajaí-Açú, em 1936.²³⁸
- Represa Presidente Gen. Eurico G. Dutra, possivelmente em Santa Catarina inaugurada em março de 1947.²³⁹
- Usina de Bracinho em Jaraguá do Sul inaugurada em 1953.²⁴⁰

Figura 63 - Conjunto de Lojas e escritórios em frente à matriz católica de Blumenau em 1936 - Projeto de Gustav Bleicker



Fonte: Acervo do Arquivo Intermediário – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

²³⁷ (UM DOCUMENTO, 1933, p. 8).

²³⁸ (A CANALIZAÇÃO, 1936, p. 2).

²³⁹ Informação coletada em fotografia enviada por José Carlos Laborda Bleicker de placa da represa.

²⁴⁰ (INAUGURAÇÃO, 1953, p. 1).

Figura 64 – Placa de inauguração da Represa Presidente Gen. Eurico G. Dutra onde é possível encontrar o nome de Gustavo Bleicker como engenheiro chefe



Fonte: Acervo de José Carlos Laborda Bleicker.

Franz von Knoblauch²⁴¹

Franz von Knoblauch nasceu em 1901 em Hamburgo (Alemanha). Formou-se na Escola Estadual de Construção Subterrânea de Rendsburg (Tiefbauschule), com certificado reconhecido em todo o território alemão, podendo fazer projetos e construir pontes, barragens, canais, estações de esgoto, entre outros. Em Rendsburg, trabalhou no renomado escritório de Jürgen Brandt, onde pôde desenvolver as habilidades que havia aprendido na escola de construção.

No Brasil, von Knoblauch chegou em 1925 e trabalhou para o engenheiro-arquiteto Ludwig Doetsch em Curitiba até 1927, depois, mudou-se para Santa Catarina, abrindo sua própria empresa. No período que atuou no Brasil, seus projetos eram, em sua maioria, residenciais e comerciais, sendo que grande parte deles foi realizado em Blumenau, cidade onde se estabeleceu em fins da década de 1920 até 1980, ano de seu falecimento. A propaganda do escritório de Franz da década de 1930 trazia as seguintes palavras “*Bauunternehmung, Eisenbetonarbeiten, Tiefbauten*”, que significam “Empresa construtora, Obras de Cimento Armado, Obras de Engenharia Civil”²⁴² (tradução nossa), comprovando assim que ele atuava como engenheiro civil e construtor. Já sua carteira profissional, expedida em 1935, dava-lhe apenas o título de Construtor Licenciado, podendo construir prédios de alvenaria de até 3 pavimentos com vão livres de no máximo 4 metros.

Entretanto, outra carteira expedida para ele em 1948 trazia uma nova titulação: “Projetista e Construtor Licenciado”, sem especificação das medidas limítrofes para projetar e construir, apenas com a instrução no verso: “Limite: o estudo, projeto, direção, fiscalização e construção de edifícios com todas as suas obras complementares”. Essa não era uma conversão de construtor para engenheiro civil, mas o fato de possuir o título de projetista e construtor, sem limites especificados na carteira profissional, lhe dava o direito necessário para atuar em obras de maior porte.

Entre os anos de 1942 e 1945, von Knoblauch ficou preso por ter sido membro do partido nazista em Blumenau. Após seu retorno para casa, parou de projetar por um tempo, voltando às atividades em meados de 1949. Entre 1949 e 1961, segunda fase de atuação profissional de von Knoblauch, foram encontrados, para Blumenau, 68 registros de projetos

²⁴¹ As informações sobre Franz von Knoblauch foram coletadas com sua filha Annegret Karin von Knoblauch. A listagem de obras é trabalho da autora em pesquisa ao acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva em Blumenau.

²⁴² O último termo “Tiefbauten”, que traduzimos como “Obras de Engenharia Civil”, se refere à construção de pontes, canais, estradas, entre outros.

arquitetônicos aprovados por ele na prefeitura. Sabe-se que possuía obras em outras cidades, como Itajaí e Jaraguá do Sul.

São algumas de suas obras em Blumenau:

- Terceira ala da maternidade Johannastift, 1931.
- Residência Kieser, 1932.
- Residência Kilian, 1932.
- Casa Comercial Kellermann e Schadrack em Blumenau, 1932.
- Residência Franz Von Knoblauch, 1932.
- Residência I. Berger, 1932.
- Comunidade de Senhoras da Localidade Garcia, 1932. Existente. Patrimônio Tombado do município.
- Residência B. Strobel, 1932.
- Residência Frida Bürgscht, 1932.
- Residência E. Grund, 1933.
- Residência Schiermann, 1933.
- Residência Leopold Gaulke, 1933.
- Casa dos Atiradores, 1934.
- Residência Victor Hering, 1934.
- Residência e Comércio A. Blum, 1934.
- Residência Walter Werner, 1934.
- Companhia Bering, 1934.
- Residência Artur Geisler, 1934.
- Jardim de Infância da Escola Nova de Blumenau, 1934.
- Oficina Jean Bonnemassou, 1934.
- Residência Otto Jensen, 1935.
- Residência Felix Kieser, 1935.
- Residência Hans Olbrisch, 1935.
- Residência Franz Hosang, 1935.
- Residência Franz Müller, 1935.
- Residência Em. Brandt, 1935.
- Ampliação da Escola Nova, 1935.
- Sociedade Alemã de Beneficência, 1936.

- Residência Otto J. Jensen, 1936.
- Rancho Fábrica de Gaitas Alfredo Hering, 1936.
- Residência para Curt Jensen na Rua São Paulo, 1949.
- Residência para Reinhardo Schmithausen na Alameda Rio Branco, 1949. Existente.

Figura 65 – Folheto de propaganda do escritório de Engenharia e Arquitetura de Franz von Knoblauch



Fonte: Acervo de Annegret Karin von Knoblauch.

Figura 66 – Franz von Knoblauch e sua filha Annegret Karin von Knoblauch



Fonte: Acervo de Annegret Karin von Knoblauch.

Richard Kaulich

Richard Antonius Argad Kaulich, como consta em sua certidão de nascimento, era natural de Berlim, nasceu em 27 de abril de 1903, era filho de Wilhelm Rudolf Kaulich e Franziska Josefa Anna Frenzel²⁴³. Ele se formou na Alemanha, possivelmente como arquiteto, e partiu para o Brasil em 8 de outubro de 1927²⁴⁴. Kaulich casou-se com Johanna Werner²⁴⁵ em 23 de junho de 1934. Em meados da década de 1940, Richard esteve morando em Campos do Jordão (SP), conforme consta no seu Registro de Estrangeiro emitido em 1945 (figura 67). Ele faleceu em 5 de setembro de 1976²⁴⁶ e foi enterrado no cemitério da comunidade evangélica de Blumenau (Centro).

Acredita-se que quando Richard Kaulich chegou ao Brasil, seu pai, Wilhelm, já estava atuando aqui como arquiteto. A maternidade Joahannastift, por exemplo, cujo prédio foi terminado em 1923, era projeto de um arquiteto chamado Wilhelm Kaulich²⁴⁷. Uma escola no Encano em Indaial, em meados de 1930, foi projetada por um engenheiro M. Kaulich, “genro do Prof. Frenzel”²⁴⁸, talvez Benno Frenzel, citado no artigo que traz essas informações, sendo o pai de Richard casado com uma Frenzel. Sabe-se que Richard Kaulich e seu pai deram aula de desenho para o profissional da construção civil Heinrich Herwig, juntos, em Blumenau, em algum período antes da Segunda Guerra Mundial²⁴⁹. Assim, é possível que Richard tenha vindo para o Brasil por estímulo de seu pai que já estava aqui, mas é preciso ainda investigar essa história mais a fundo. Algumas obras de Richard Kaulich são:

- Casa para Benjamin Margarida (tabelião em Blumenau) em Cabeçadas, Itajaí, projetada em 1958, ainda existente.²⁵⁰
- Restauro da fachada do Tabajara Tênis Clube (Blumenau) na década de 1940.²⁵¹
- Bungalow para Rudolfo Göhmann na Rua Amazonas (Blumenau), projeto realizado em 1933.²⁵²

²⁴³ (KAULICH, 2018).

²⁴⁴ (DIE MAUS, 1926)

²⁴⁵ Johanna nasceu em 03 de maio de 1914 e faleceu em 10 de setembro de 1978. Informação disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:QP48-TMVP>. Acesso em: 26 nov. 2019. (Acesso restrito) Ver também: <https://billiongraves.com/grave/JOHANNA-KAULICH/26773410>. Acesso em: 26 nov. 2019.

²⁴⁶ Disponível em:

<https://www.familysearch.org/search/record/results?givenname=Richard&surname=Kaulich&count=20>. Acesso em: 26 nov. 2019 (Acesso restrito).

²⁴⁷ (COMUNIDADE, 1986, p. 17).

²⁴⁸ (JUBILEU, 1995, p. 241).

²⁴⁹ (FIGURA, 1988, p. 180).

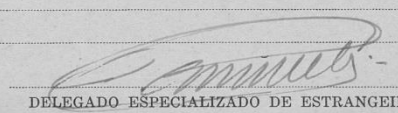
²⁵⁰ (FAGUNDES, 2014).

²⁵¹ Informação disponível em: <https://pt.linkedin.com/company/tabajara-tenis-clube>. Acesso em: 26.11.2019.

²⁵² Projeto encontrando no Arquivo Intermediário – Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (Blumenau).

- Residência Berthold Schossland em Blumenau, projeto de 1933.²⁵³
- Residência Ingo Hering em Blumenau, projeto de 1933.
- Residência e Comércio Emil Rossmark em Blumenau, projeto de 1934.
- Residência Ralph Gross em Blumenau, projeto de 1935.
- Residência Gustavo Grassmann em Blumenau, projeto de 1936.

Figura 67 – Registro de estrangeiro de Richard Kaulich.²⁵⁴

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA	
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS	
REGISTRO DE ESTRANGEIROS	
N.º	
NOME:	RICHARD KAULICH
Admitido em território nacional em caráter	PERMANENTE
Nacionalidade:	ALEMÃ CASADO
Pai:	Mãe:
Profissão:	ARQUITETO DE SANTA CATARINA
Carteira de identidade n.º	15.133 Registro n.º 15.133 EXP/EM BLUMENAU EST.
Residência:	VILA CAPIVARÍ-CAMPOS DE JORDÃO
Emprego:	
Local:	7/12/45.
	
	DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Fonte: FamilySearch.

Figura 68 – Antiga casa de Benjamin Margarida projetada por Richard Kaulich em 1958



Fonte: Fagundes, 2014.

²⁵³ Este projeto e os próximos foram identificados através de uma listagem do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

²⁵⁴ Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G9XJ-M4T8?i=138&cc=2140223&personaUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQVV9-PGQ2>. Acesso em: 26 nov. 2019 (Acesso restrito).

Georg Keller

Friedrich Georg Keller nasceu em 1896 em Hohenstein- Ernstahl (Saxônia – Alemanha). Ele migrou para o Brasil em 1920. Instalou-se em Joinville por influencia da presença de seu irmão Max Keller naquela cidade. Ali conheceu Erna Wetzels, que se tornou sua esposa, com quem teve três filhas: Renate Elisabeth Keller Bender, Irene Úrsula Mielke e Brigitte Fraya Neermann.

Em Joinville, Georg Keller fundou a empresa Enterlein & Keller, anos depois, após uma divisão de sociedade, coube a Georg seguir com a empresa Keller & Cia, especializada em arquitetura e construção. Na década de 1930, passou a fazer parte dessa empresa um sobrinho de Georg: Paul Helmuth Keller.²⁵⁵

Algumas obras do escritório Keller & Cia em Joinville são:

- Casa Arp na Rua Dr. Joao Colin, esquina com a Rua Princesa Isabel. Existente.²⁵⁶
- Casa de Nilson Wilson Bender e Sra.Elizabeth Bender, construída em 1932 por Georg Keller.²⁵⁷
- Banco Inco.²⁵⁸

Figura 69 – Casa Arp, projeto da empresa Keller & Cia



Fonte: Dias, 2012.

²⁵⁵ Todas as informações sobre Georg Keller até aqui foram retiradas de Dias (2012).

²⁵⁶ (JOINVILLE, 2019a).

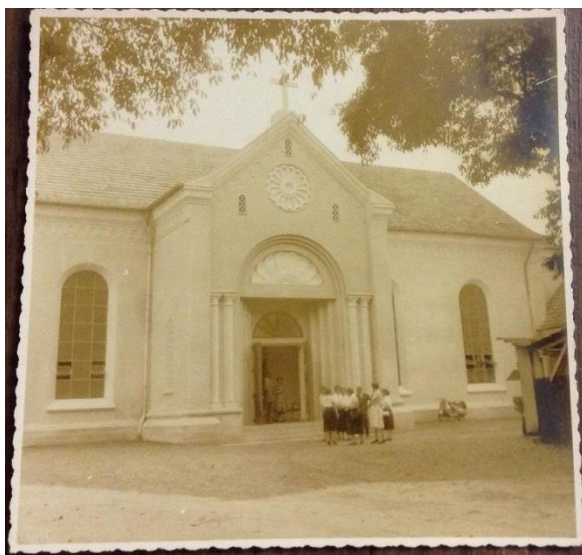
²⁵⁷ (JOINVILLE, 2019b).

²⁵⁸ (JOINVILLE, 2019c).

Leonard Groegel

Leonard Groegel nasceu em 16 de fevereiro de 1895, em Holzhirchen, na Baviera (Alemanha). Quando veio para o Brasil em 1926, já exercia a profissão de engenheiro-civil. A princípio trabalhou em Florianópolis e São Bento do Sul, sendo chamado posteriormente a trabalhar em Joinville por ser especialista na construção de pontes e uso de concreto armado. Nessa cidade, ele foi o responsável pela ampliação da Igreja da Paz, de confissão luterana, e da antiga matriz católica. Groegel possuía uma empresa construtora e trabalhou na construção das seguintes obras em Joinville: palácio episcopal (hotel Anturium); edificações do Comércio e Indústria e também da residência de Germano Stein; residências de Ricardo Mockross e Rui Parucker; asilo e hospital Betesta; o prédio onde funciona atualmente o Lar Abdon Batista; Malharia Arp; trapiches do porto do Bucarein; e a vila operária da Fábrica Rheimann no Bairro Itaum. Durante a Segunda Guerra Mundial, Groegel ficou preso em Ilha Grande (RJ) como preso político e lá trabalhou em diversas construções, inclusive de pontes²⁵⁹. No Arquivo Histórico José Ferreira da Silva em Blumenau, há o registro de três obras construídas por Groegel em Joinville, são elas: as residências de August Urban e de O. Schlemm, e a residência e negócio de Rodrigo Lobo.

Figura 70 – Ampliação da Igreja da Paz (Joinville) realizada por Leonard Groegel



Fonte: Acervo de Thais Groegel.

²⁵⁹ Informações coletadas com Thais Groegel, neta de Leonard Groegel.

Heinz Maar

Heinz Leo Maar (Heinrich Leonard Maar) nasceu em Colônia (Alemanha) em 04 de fevereiro de 1906. Ele veio para o Brasil em 1923 sem ter concluído o curso que realizava na Escola Superior de Arquitetura em Stuttgart. Aqui concluiu seus estudos, mas não se sabe exatamente em qual instituição. Após aportar em Florianópolis, sua família instalou-se em Dona Emma e somente depois de alguns anos, Heinz Maar e seu irmão Johann vieram para Blumenau²⁶⁰.

Ele possuía conhecimento acerca da construção de pontes, mas seu acompanhamento na edificação da ponte de ferro da cidade de Blumenau e em muitas outras de Santa Catarina atendeu a um plano mais amplo. O arquiteto acompanhou a construção da estrada de Ferro de Santa Catarina, fazendo parte da equipe que projetou as pontes e estações ferroviárias de Blumenau até Barra do Trombudo, no município de Rio do Sul, na década de 1930. Maar era um exímio desenhista e seus anteprojetos, guardados por sua família, demonstram a modernidade que pretendia exprimir também nas arquiteturas urbanas²⁶¹.

Esse profissional trabalhou como desenhista para Paul Meinecke em Blumenau. Em alguns projetos e desenhos, é possível ver a identificação de arquiteto e construtor para Paul Meinecke com um discreto “MAAR” assinado em algum canto, referindo-se a autoria do desenho de Heinz Maar, como no desenho da maternidade Maria Auxiliadora de Nova Breslau. Porém, entre 1943 e 1944, foram encontrados projetos em Blumenau assinados por Heinz como projetista, alguns deles são²⁶²:

- Negócio para Alberto Soares na Rua São Paulo, projeto de 1943.
- Casa para Hercílio Deeke na Rua 7 de Setembro, projeto de 1943.
- Casa para Paulo Hannig na Rua Amazonas, projeto de 1943.
- Casa para Erich Steinbach na Rua XV de Novembro, projeto de 1943.
- Casa para Afonso Reuter na Rua João Pessoa, projeto de 1943.
- Casa para Bruno Buhr na Rua São Paulo, projeto de 1943.
- Tinturaria para a fábrica Artex S.A., projeto de 1943.
- Casa para Ricardo Deeke na Rua Brusque, projeto de 1943.
- Casa para Irene B. Peiter na Alameda Rio Branco, projeto de 1943.

²⁶⁰ Informações coletadas com Juergen Heinrich Maar, filho de Heinz Maar, em 2018.

²⁶¹ As informações sobre Heinz Maar foram coletadas com seu filho Juergen Heinrich Maar.

²⁶² Todos esses projetos listados são pesquisa da autora em documentos encontrados na Praça do Cidadão em Blumenau.

- Casa para Félix Rothbarth na Rua Lauro Muller, projeto de 1944.
- Casa para Alfredo Schreiber na Rua Amazonas, projeto de 1944.
- Casa para Erich Werner na Rua Iguaçu, projeto de 1944.
- Casa para Bernardo Schdmantel na Rua Doutro Victor Konder, projeto de 1944.
- Casa para Ralf Gross na Rua Floriano Peixoto, projeto de 1944.

Figura 71 – Desenho de Heinz Maar para Paul Meinecke. No canto inferior esquerdo o desenhista assina “MAAR”



Fonte: Acervo de Juergen Heinrich Maar.

Figura 72 - Residência de Hercílio Deeke em Blumenau projetada em 1943 por Heinz Maar



Fonte: O Vale, 1950.

Hermann Geese

Hermann Geese nasceu em 16 de janeiro de 1887²⁶³. Ele veio da Alemanha em 1924 com sua esposa Emma (1891-1979) e suas filhas Gertrud (1914-2010) e Rosa, que após casadas receberam o sobrenome de seus esposos passando a ser Gertrud Luise Dorow e Rosa Seelbach²⁶⁴. Geese era construtor e tinha atuação em Blumenau. Algumas residências construídas por ele nesta cidade pertenciam a: Luiz Schwarz projetada em 1934 por Simão Gramlich; Eugen Seelbach; Eurico Zwicker projetada em 1934, Anton Bonse projetada em 1935; Alfredo Kaestner projetada em 1935; Erwin Seelbach, projetada em 1935; Anton Fischer projetada em 1935 por Simão Gramlich; e Ricardo Gropp, projetada em 1935²⁶⁵. Hermann Geese faleceu em 30 de agosto de 1961.

Figura 73 – Residência de Luiz Schwarz projetada em 1934 por Simão Gramlich e construída por Hermann Geese



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

Figura 74 – Hermann Geese ao fundo, suas filhas Gertrud à esquerda e Rosa à direita e sua esposa Emma na frente²⁶⁶



Fonte: Acervo de Carmen Dorow de Liz.

²⁶³ (BILLION, 2017).

²⁶⁴ (ANTIGAMENTE, 2019).

²⁶⁵ Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.

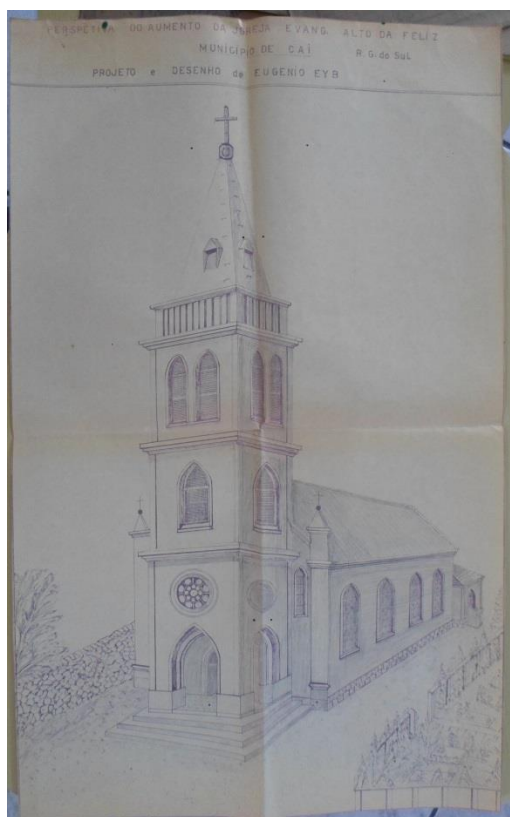
²⁶⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=917399234937790&set=gm.881769505181387&type=3&theater&ifg=1>. Acesso em: 27.11.2019.

Eugen Eyb²⁶⁷

Eugen Eyb nasceu em Stuttgart em 1895. Ele foi soldado durante a Primeira Guerra Mundial e, em 1920, veio para o Brasil, fixando-se em São Sebastião do Caí (RS), lá atuou como construtor e possuía uma fábrica de ladrilhos hidráulicos²⁶⁸. Em um documento de Salvo Conduto, a profissão de Eugen Eyb é identificada como Pedreiro, porém, em um aviso de condecoração alemã por sua atuação na Primeira Guerra Mundial, é tido como construtor, e em outro documento expedido no Brasil (Certidão de Registro de Estrangeiro), em 1939, ele também aparece como construtor. O trabalho que desenvolveu no Rio Grande do Sul era de projetar e construir residências e obras em outros segmentos. Eyb era um exímio desenhista.

Figura 75 – Projeto e desenho de aumento da Igreja Evangélica de Alto da Feliz, em Caí, realizado por Eugen Eyb

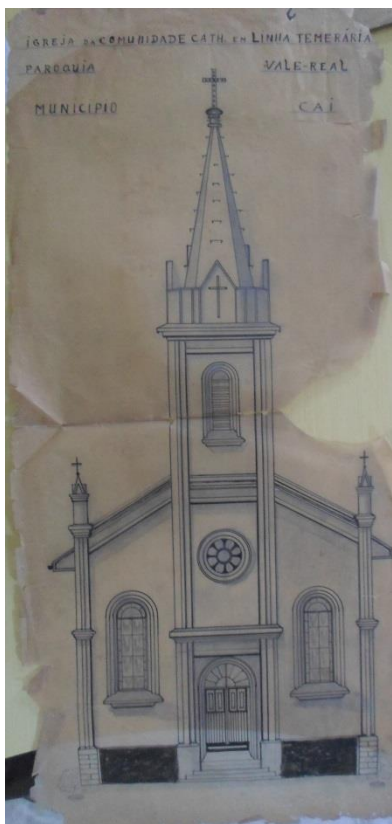


Fonte: Acervo de André Eyb.

²⁶⁷ Eugen Eyb é o único profissional com atuação exclusiva no Rio Grande do Sul comentado aqui. Todos os demais têm atuação em Santa Catarina. Sua presença nesta listagem se dá, principalmente, com o objetivo de animar pesquisadores do Rio Grande do Sul a investigar a atuação deste profissional naquele estado. Para facilitar o começo desta pesquisa para outros colegas vamos apresentar aqui grande parte do acervo sobre ele que se teve acesso.

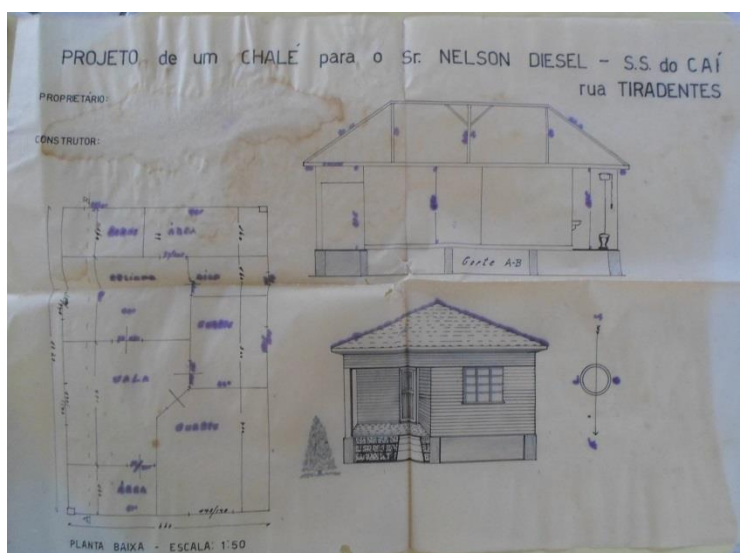
²⁶⁸ Todas as informações e imagens apresentada aqui sobre Eugen Eyb foram cedidas por André Eyb, seu neto.

Figura 76 – Desenho de Eugen Eyb para construção da igreja católica da comunidade de Linha Temerária, Vale Real, em Cai



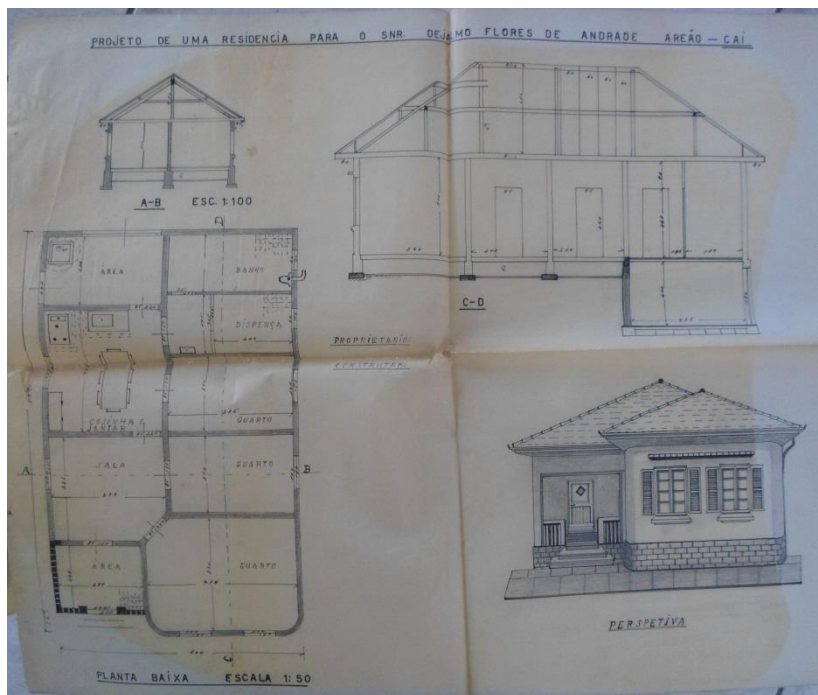
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 77 – Desenho de um chalé para Nelson Diesel, realizado por Eugen Eyb



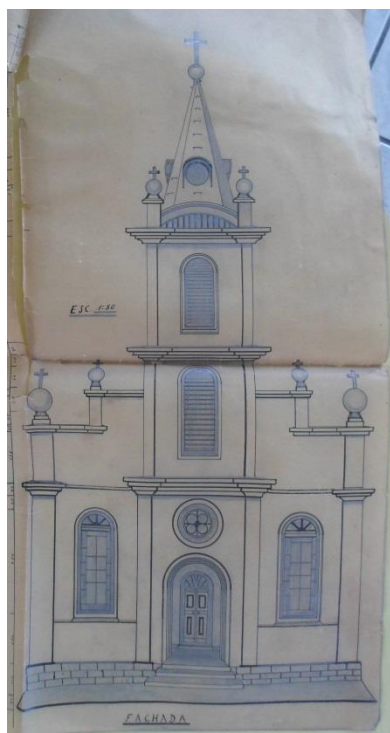
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 78 – Desenho de casa para Djalmo Flores de Andrade realizado por Eugen Eyb



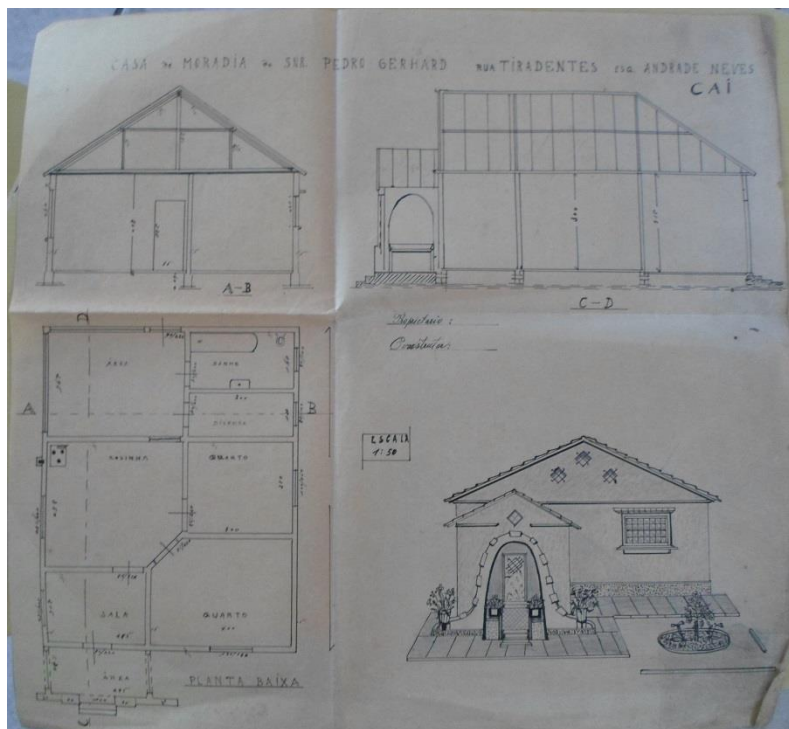
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 79 – Desenho de igreja católica para a comunidade de Arroio Feliz em Feliz (RS) realizado por Eugen Eyb



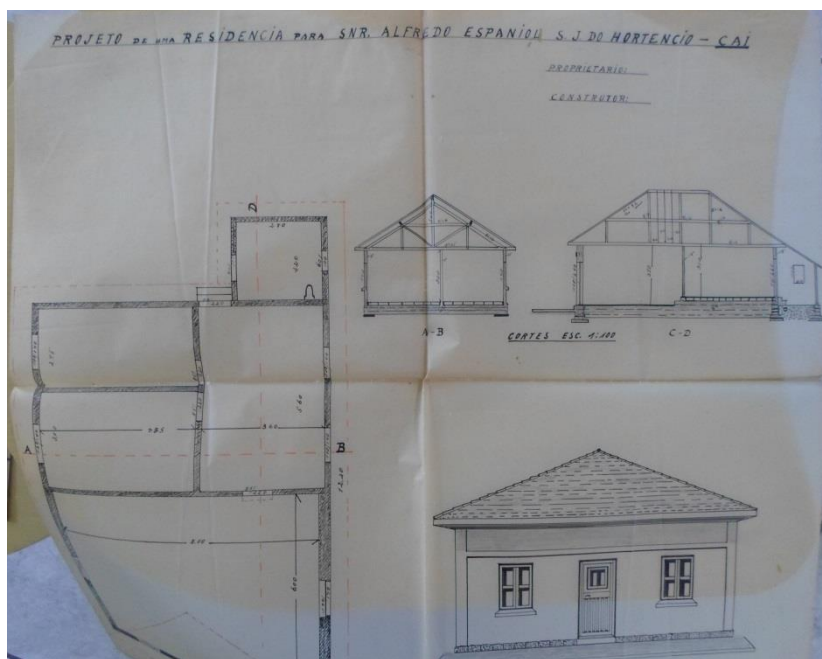
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 80 - Desenho de uma casa para Pedro Gerhard realizado por Eugen Eyb



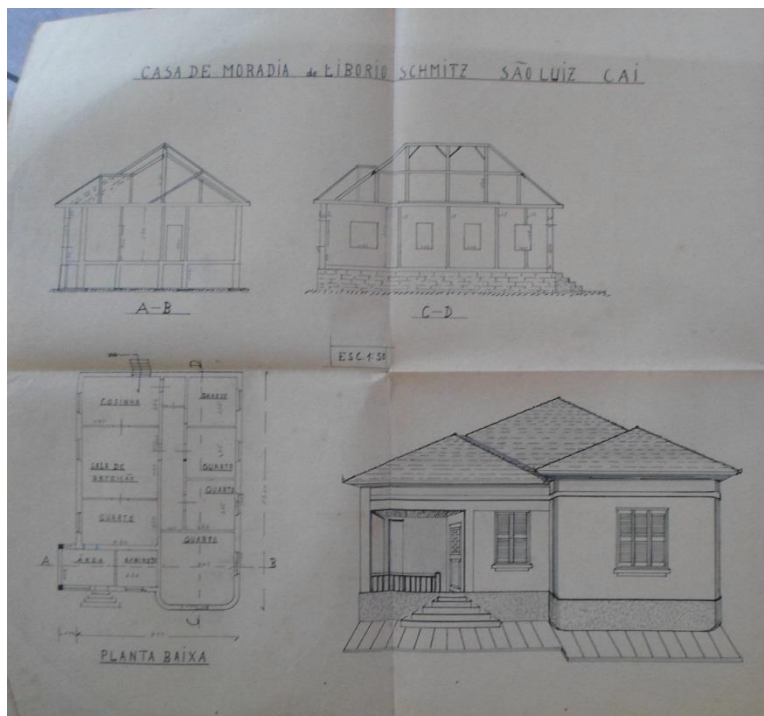
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 81 - Desenho de uma casa para Alfredo Espaniol realizado por Eugen Eyb



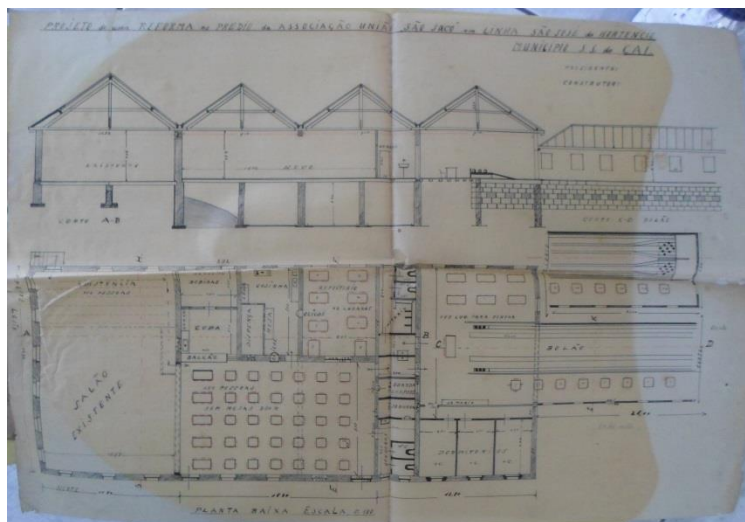
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 82 - Desenho de uma casa para Libório Schmitz realizado por Eugen Eyb



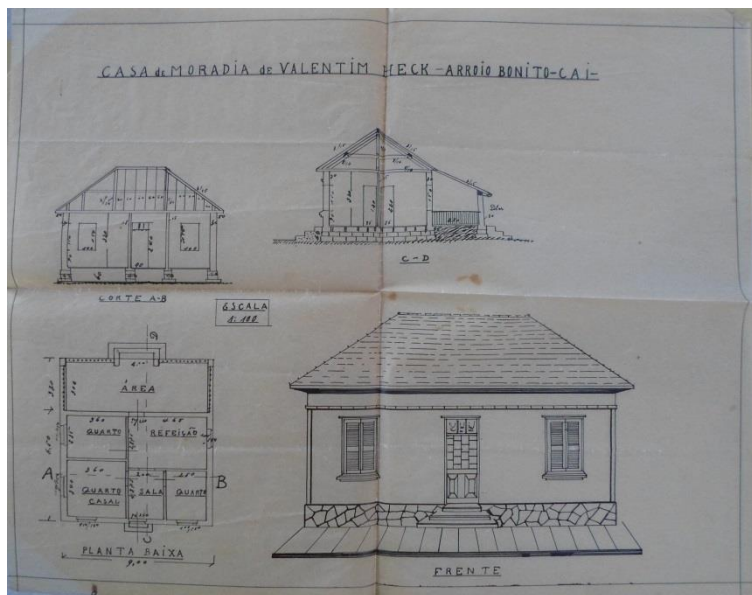
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 83 – Desenho de Reforma do prédio da Associação União São Jacó em linha São José do Hortência, Caí, realizado por Eugen Eyb



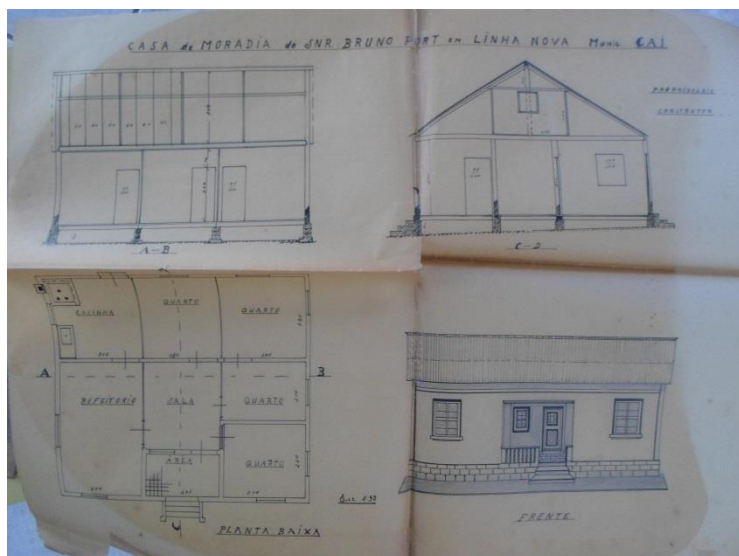
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 84 – Desenho de casa para Valentim Heck realizado por Eugen Eyb



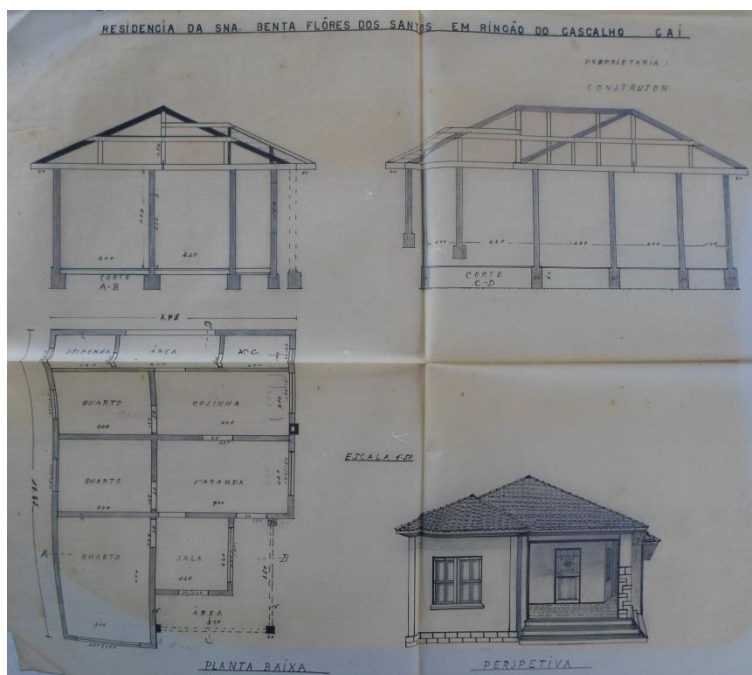
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 85 – Desenho de casa para Bruno Port realizado por Eugen Eyb



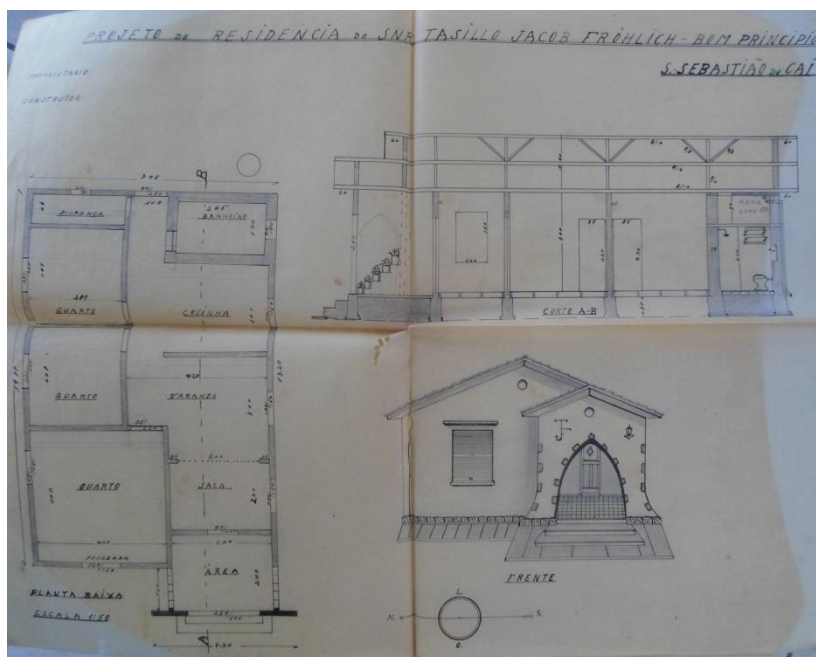
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 86 – Desenho de casa para Benta Flores dos Santos realizado por Eugen Eyb



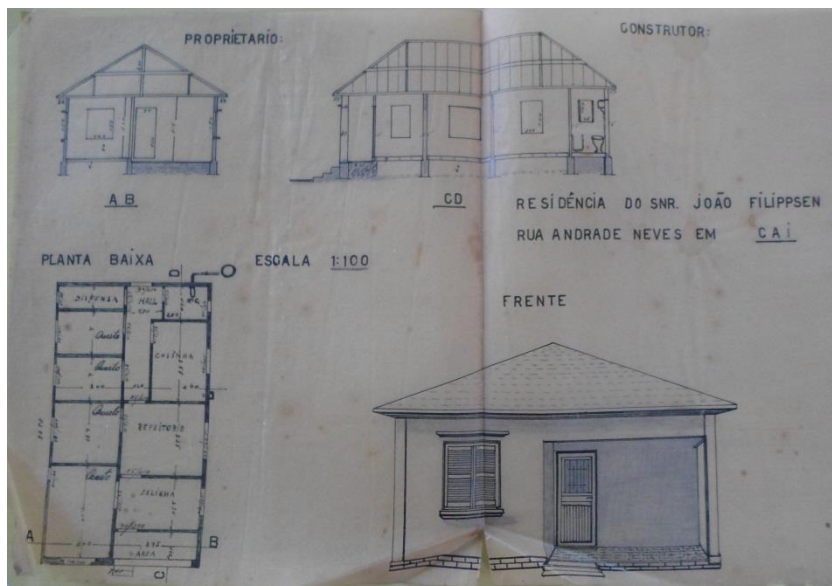
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 87 – Desenho de casa para Tarsillo Jacob Frohlich realizado por Eugen Eyb



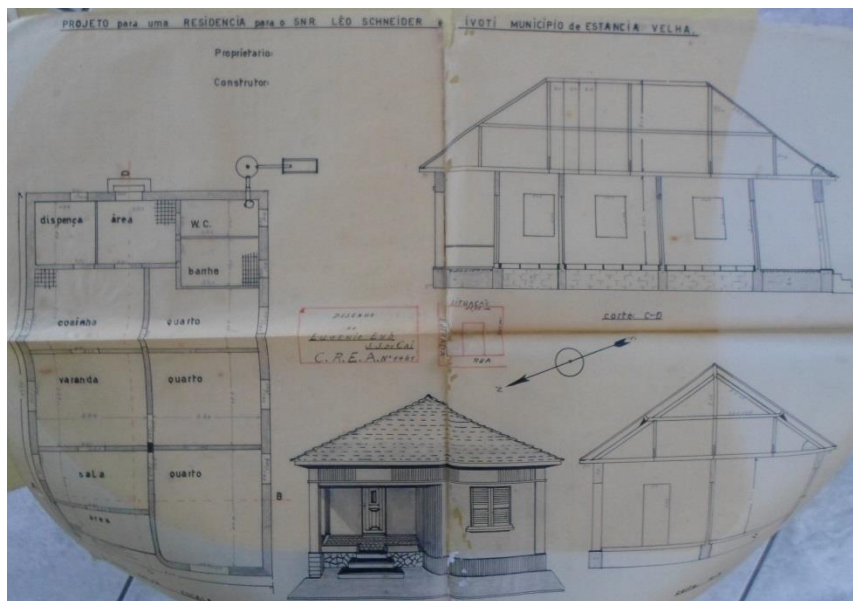
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 88 – Desenho de casa para João Filippesen realizado por Eugen Eyb



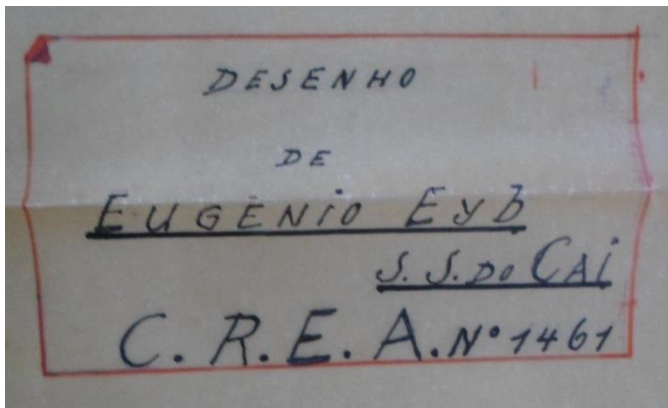
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 89 – Desenho de casa para Leo Schneider realizado por Eugen Eyb



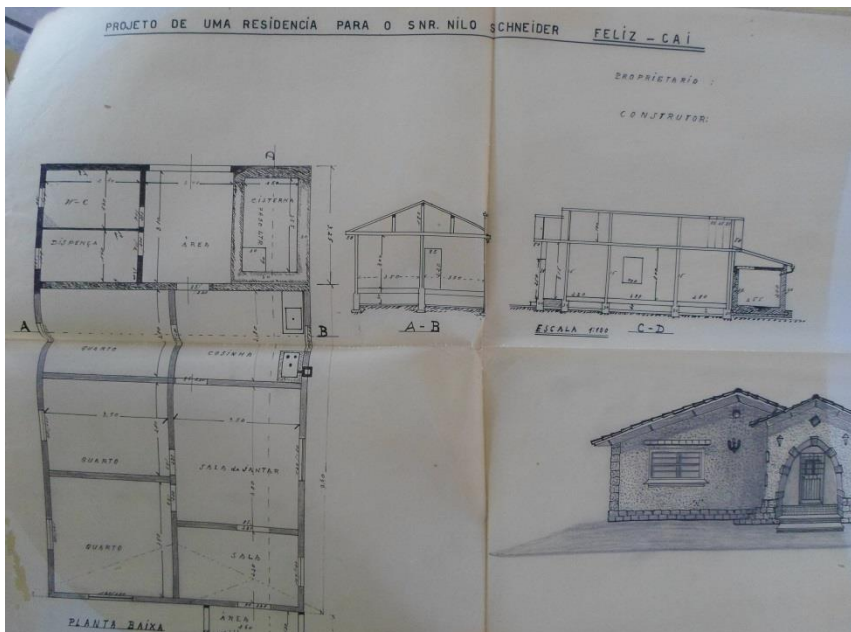
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 90 – Número de Registro de Eugen Eyb no CREA. Detalhe do projeto realizado para Leo Schneider



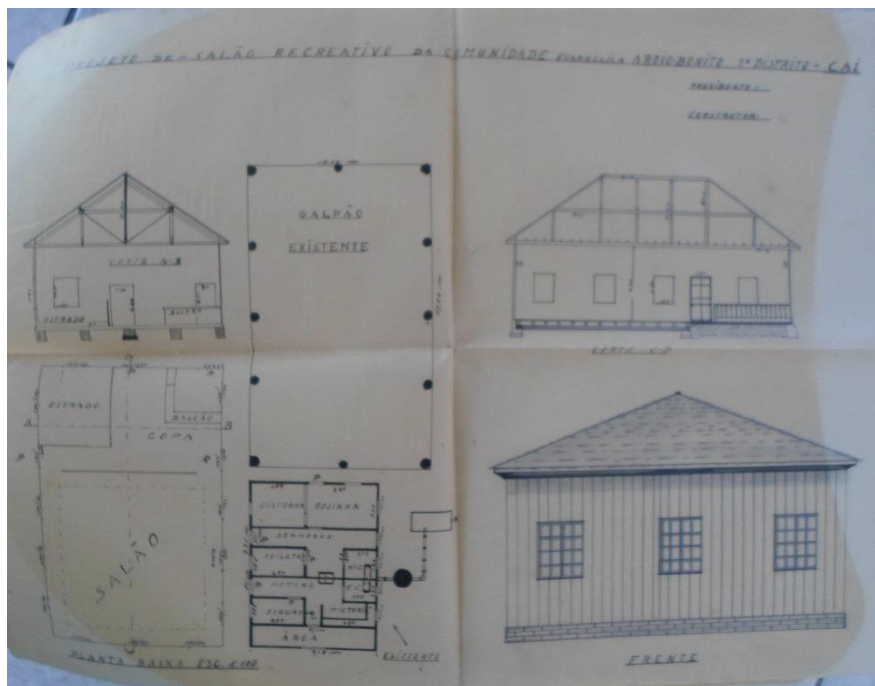
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 91 – Desenho de uma casa para Nilo Schneider realizado por Eugen Eyb



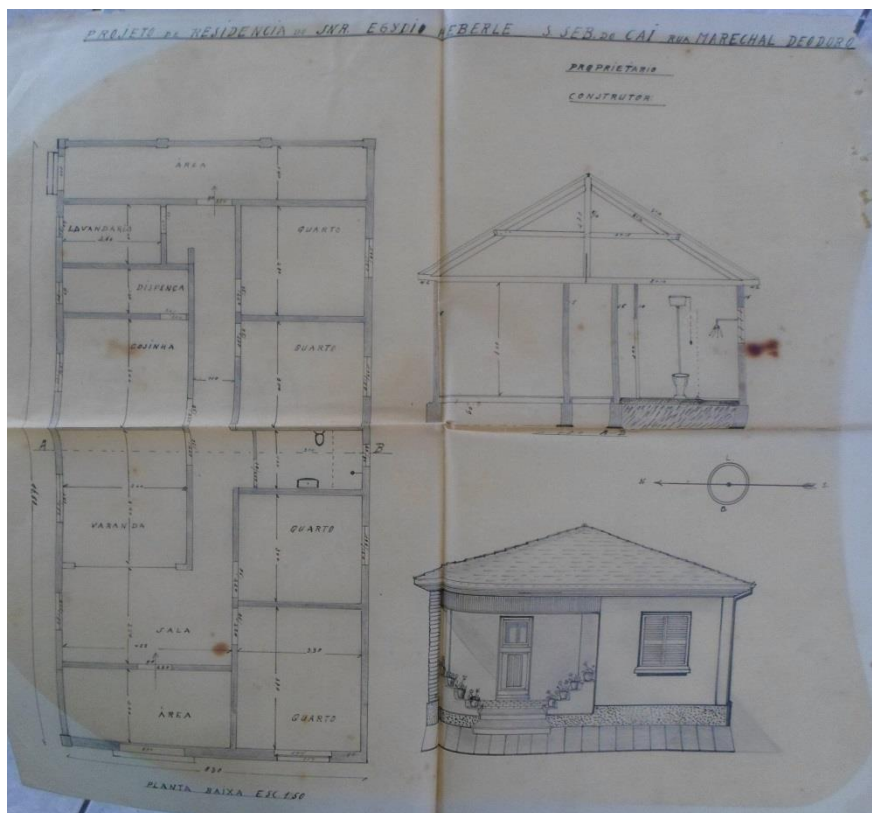
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 92 – Desenho de Salão Recreativo da Comunidade Evangélica Arroio Bonito



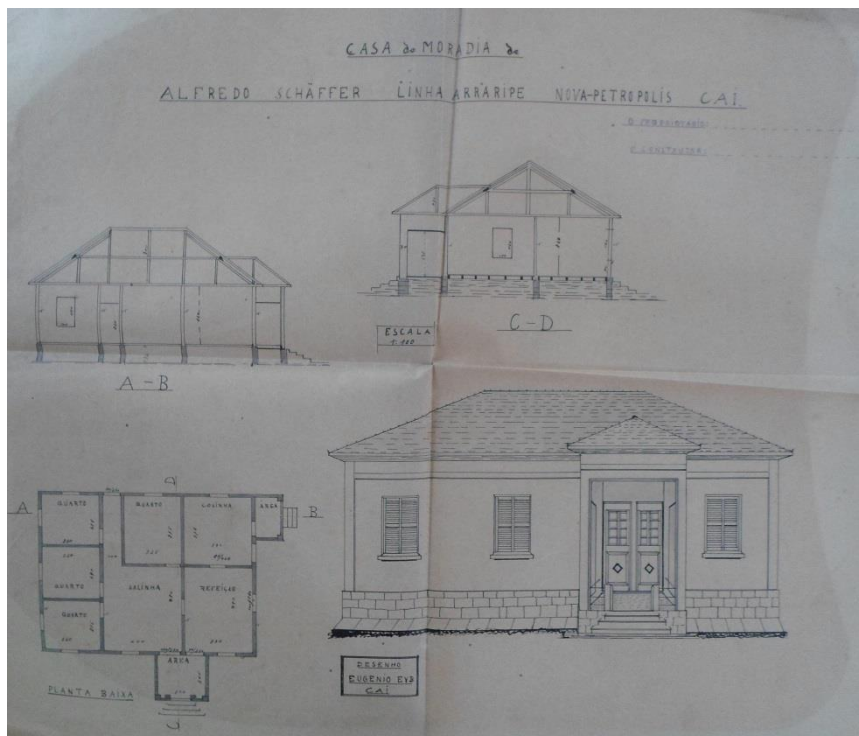
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 93 – Desenho de casa para Egidio Heberle realizado por Eugen Eyb



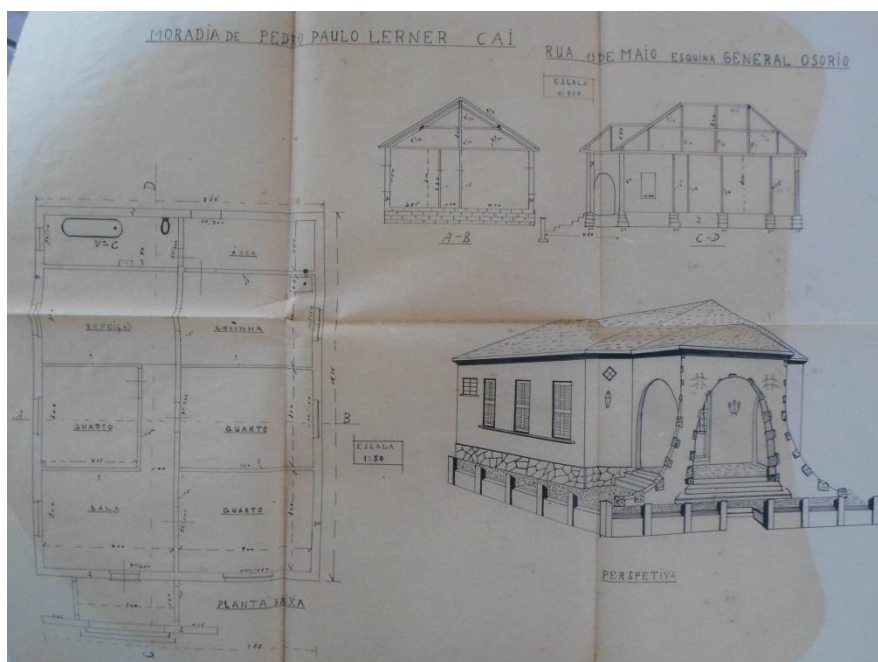
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 94 – Desenho de casa para Alfredo Schäffer realizado por Eugen Eyb



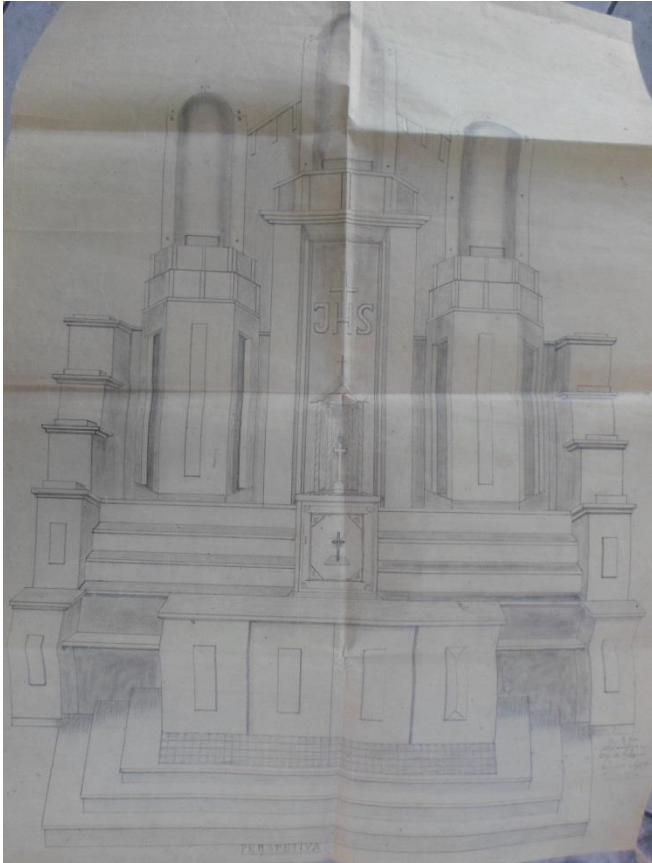
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 95 – Desenho de casa para Pedro Paulo Lerner realizado por Eugen Eyb



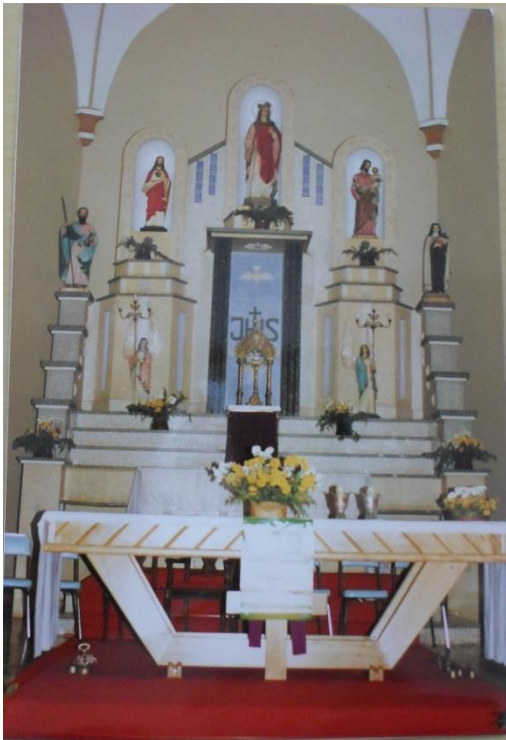
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 96 – Desenho de um altar para igreja em Feliz (RS) realizado por Eugen Eyb



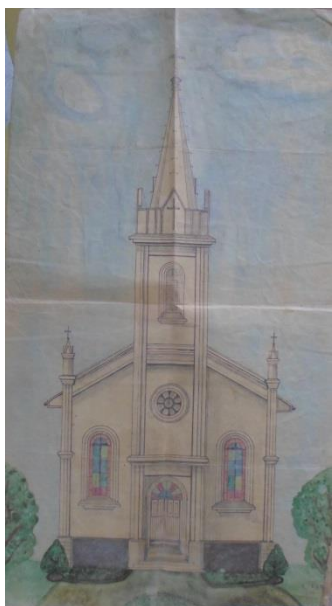
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 97 – Altar da igreja de Feliz (RS) projetado por Eugen Eyb



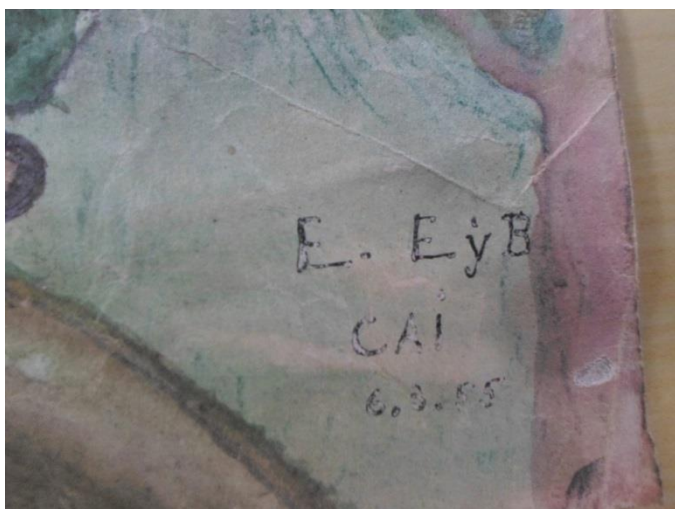
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 98 – Desenho de igreja colorido com aquarela realizado por Eugen Eyb



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 99 – Detalhe de assinatura de Eugen Eyb e data no desenho de aquarela



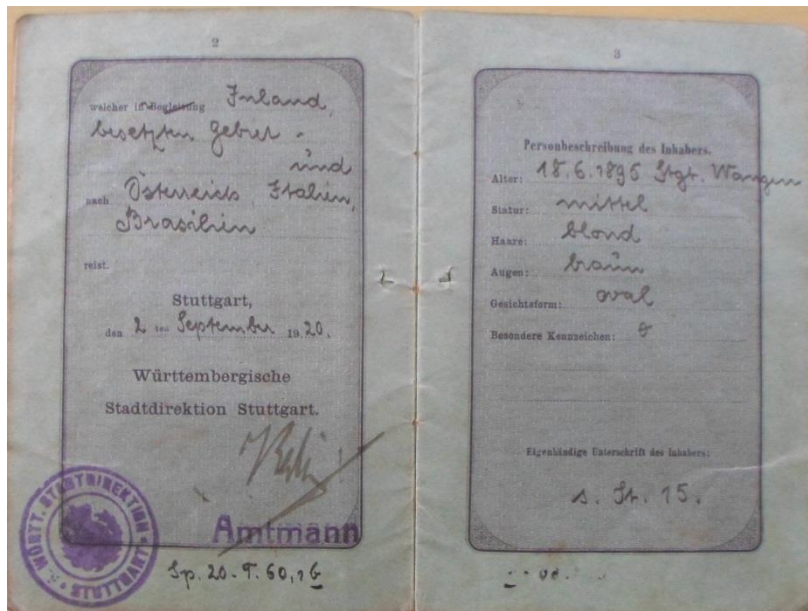
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 100 – Primeira página do passaporte de Eugen Eyb



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 101 – Passaporte de Eugen Eyb



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 102 – Passaporte de Eugen Eyb.



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 103 – Passaporte de Eugen Eyb



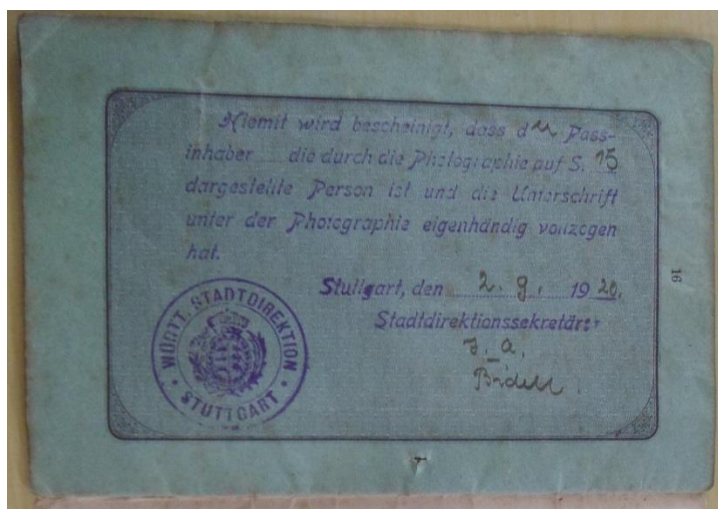
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 104 – Fotografia de Eugen Eyb no passaporte



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 105 – Última página do passaporte de Eugen Eyb



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 106 – Documento de Salvo Conduto de Eugen Eyb

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



Delegacia de Policia

de S. S. do Coby, 27 de Setembro de 1932

Salvo-Conducto

<p>Nome <i>Eugenio Eyb.</i></p> <p>Nacionalidade <i>Brasileira</i></p> <p>Idade <i>37 annos</i></p> <p>Profissão <i>Reduiz</i></p> <p>Filiação <i>Carlos H. Eyb.</i></p> <p>Estado <i>Casado</i></p> <p>Residencia <i>S. S. do Coby.</i></p> <p>Destino <i>Interior do Estado</i></p>	<p>Nenhum impedimento existe a respeito do portador, pelo que as autoridades que deste tiverem conhecimento não deverão oppor-lhe quaesquer embaraços.</p> <div style="text-align: center;">  </div>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



OBSERVAÇÕES:

Nisto

20-9-1932

Davi

Do

Ruyinaldo de T. T.

Delegado de Policia




Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 107 – Permissão concedida em 1945 a Eugen Eyb para viajar entre São Sebastião do Cai e Porto Alegre



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 108 – Homenagem a Eugen Eyb por sua participação na Primeira Guerra Mundial



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 109 - Condecoração recebida por Eugen Eyb por sua participação como soldado na Primeira Guerra Mundial



Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 110 - Condecorações recebidas por Eugen Eyb por sua participação como soldado na Primeira Guerra Mundial



Figura 111 – Registro de óbito de Eugen Eyb

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLICIA

Delegacia de Policia de CAHY, 26 de Julho de 1939

CERTIDÃO DE REGISTRO DE ESTRANGEIRO
(Art. 149, § 2.º do Decreto 3.072, de 20 de Agosto de 1938)

Livro N.º 1 Fls. 21 verso

Nome EUGENIO PAULO EYB

Nacionalidade Alemã profissão Construtor

Idade 44 anos Estado civil Casado

Residencia Rua Rio Branco, n.º 746, nesta cidade.

Onde trabalha Nesta Cidade.

Ha quanto tempo reside no Brasil dezenove (19) anos

Esposa:

Nome Oswaldina Selbach Eyb

Nacionalidade Brasileira Idade 43 anos

Filhos menores de 18 anos: Dois (2)

Nome	Nacionalidade	Idade
<u>Isolde Beatriz Eyb</u>	<u>Brasileira</u>	<u>Nove anos</u>
<u>Carlos Eugenio Eyb</u>	<u>Brasileira x</u>	<u>Sete anos</u>
-----	-----	-----
-----	-----	-----
-----	-----	-----

Observações Chegou no Brasil antes de 1.º de Janeiro de 1935, em a data de 2 de Novembro de 1920; veio na embarcação de nome "SOFIA" e desembarcou em o porto do Rio de Janeiro.

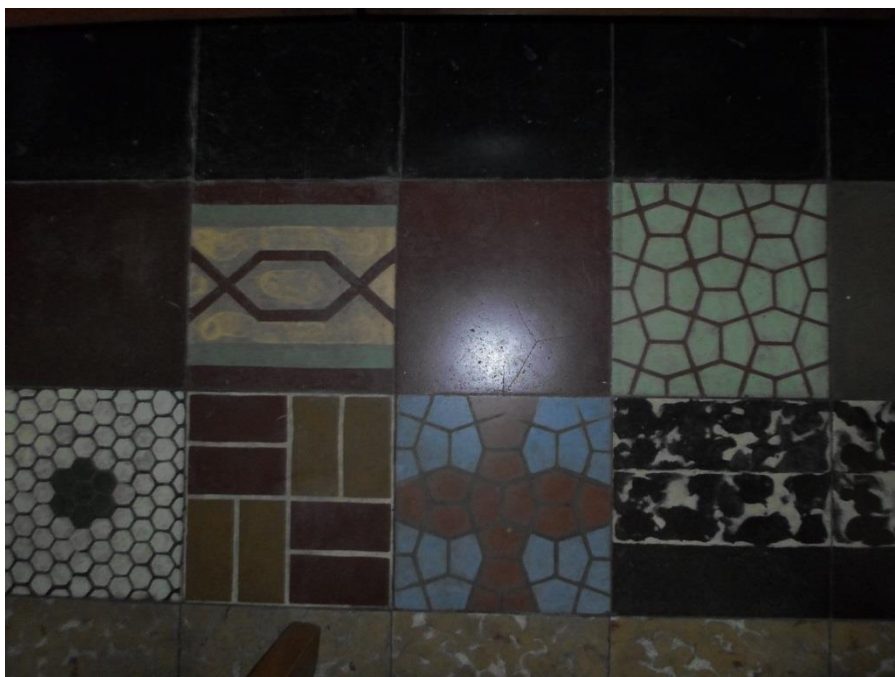
CAHY, 26 de Julho de 1939

Milton Jansen Dufra
Abelcio

(Assinatura e cargo do funcionário que efetuar o registro)

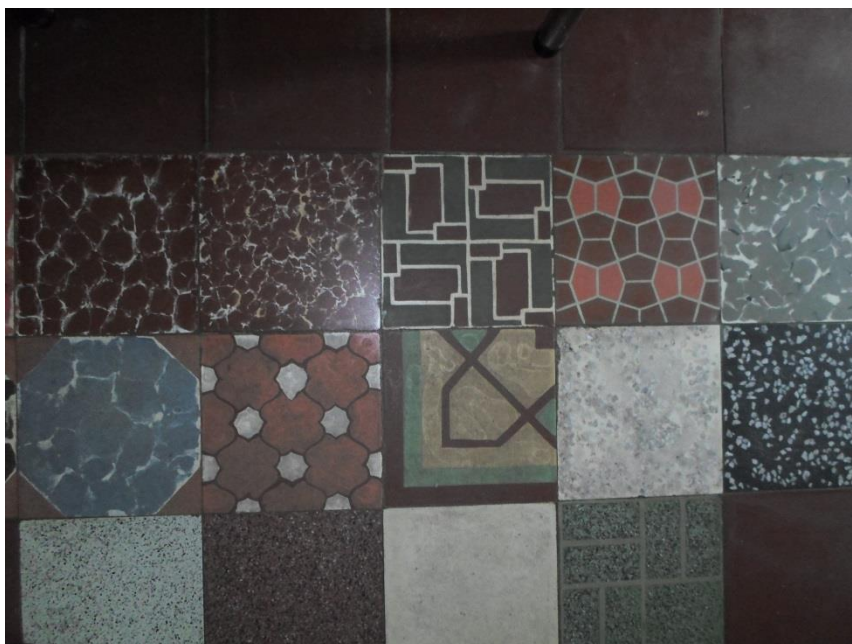
Fonte: Acervo de André Eyb.

Figura 114 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb



Fonte: Autora.

Figura 115 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb



Fonte: Autora.

Figura 116 – Ladrilhos confeccionados por Eugen Eyb montados na capela do hospital Sagrada Família, em São Sebastião do Caí



Fonte: Autora.

APÊNDICE C – Documentos sobre Simão

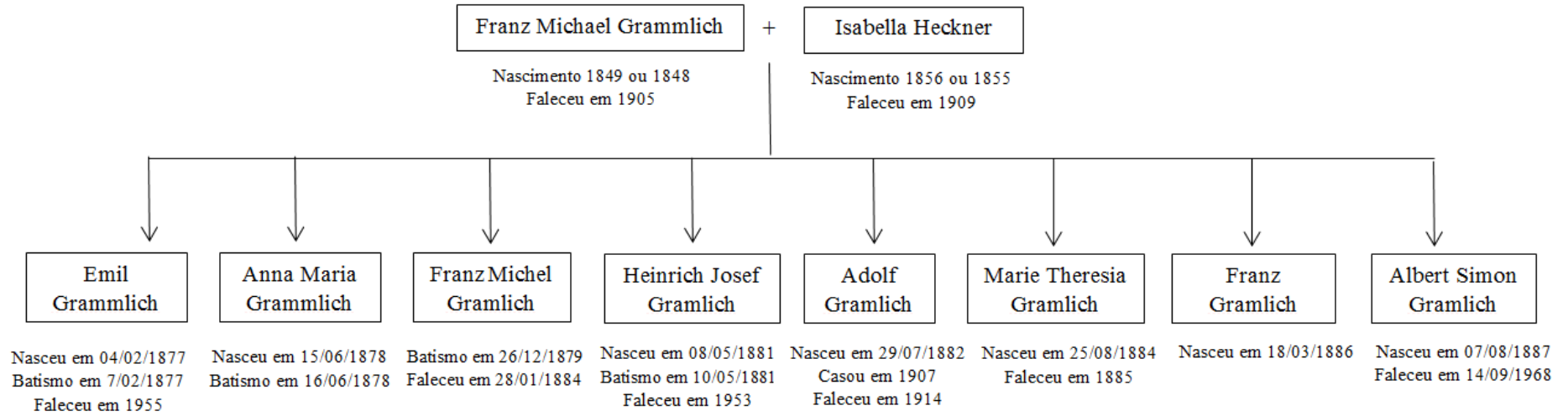
Documentos, fotografias e árvores genealógicas relacionados a Simão Gramlich.

Figura 117 – Simão Gramlich e sua família. Década de 1920. Da esquerda para a direita: Francisco, Rosa e Luiz (sentado), filhos de Gramlich; Gertrud, sua esposa; e Simão Gramlich



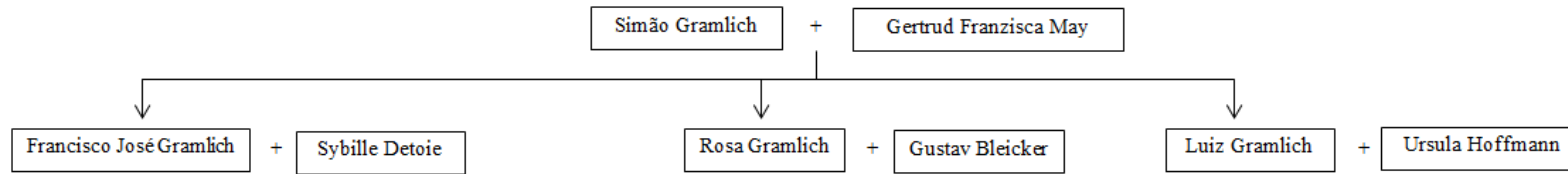
Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Árvore Genealógica 1 – Pais e irmãos de Simão Gramlich



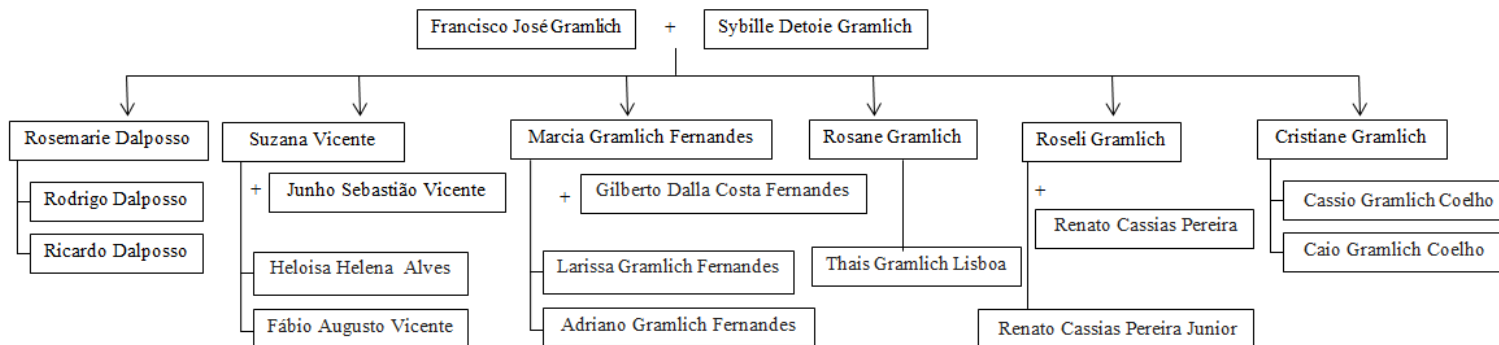
Fonte: Autora.

Árvore Genealógica 2 – Primeira esposa de Simão Gramlich e filhos



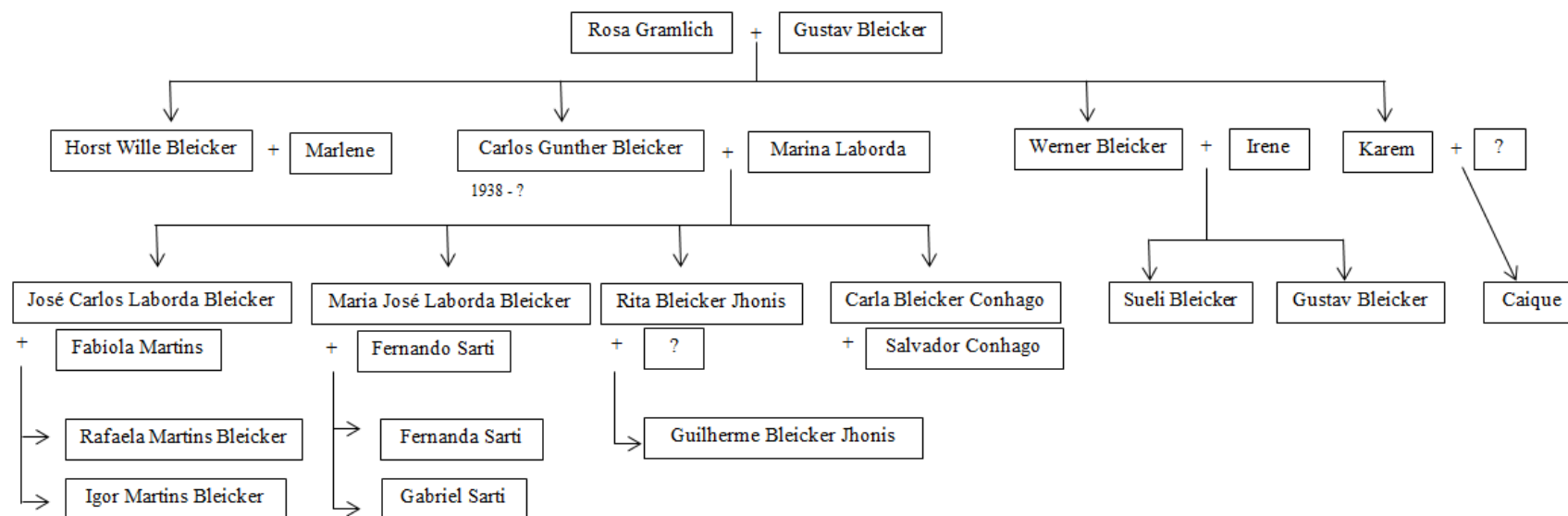
Fonte: Autora.

Árvore Genealógica 3 – Francisco José Gramlich (filho de Simão Gramlich) e seus descendentes



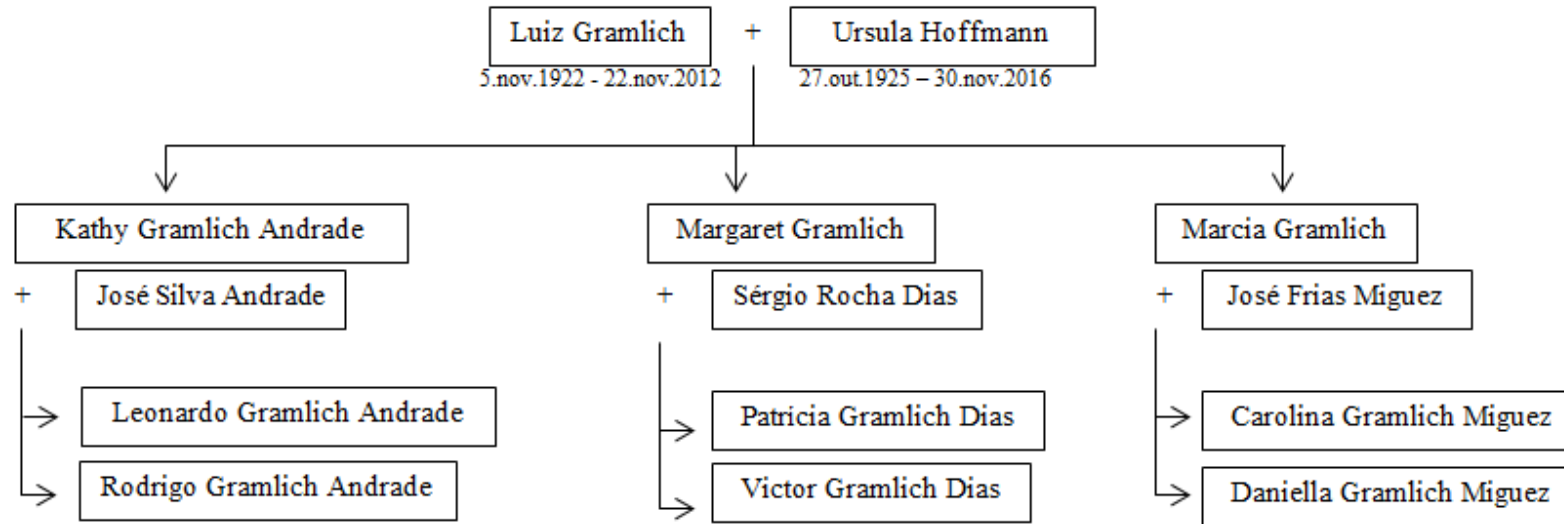
Fonte: Autora.

Árvore Genealógica 4 – Rosa Gramlich (filha de Simão Gramlich) e seus descendentes



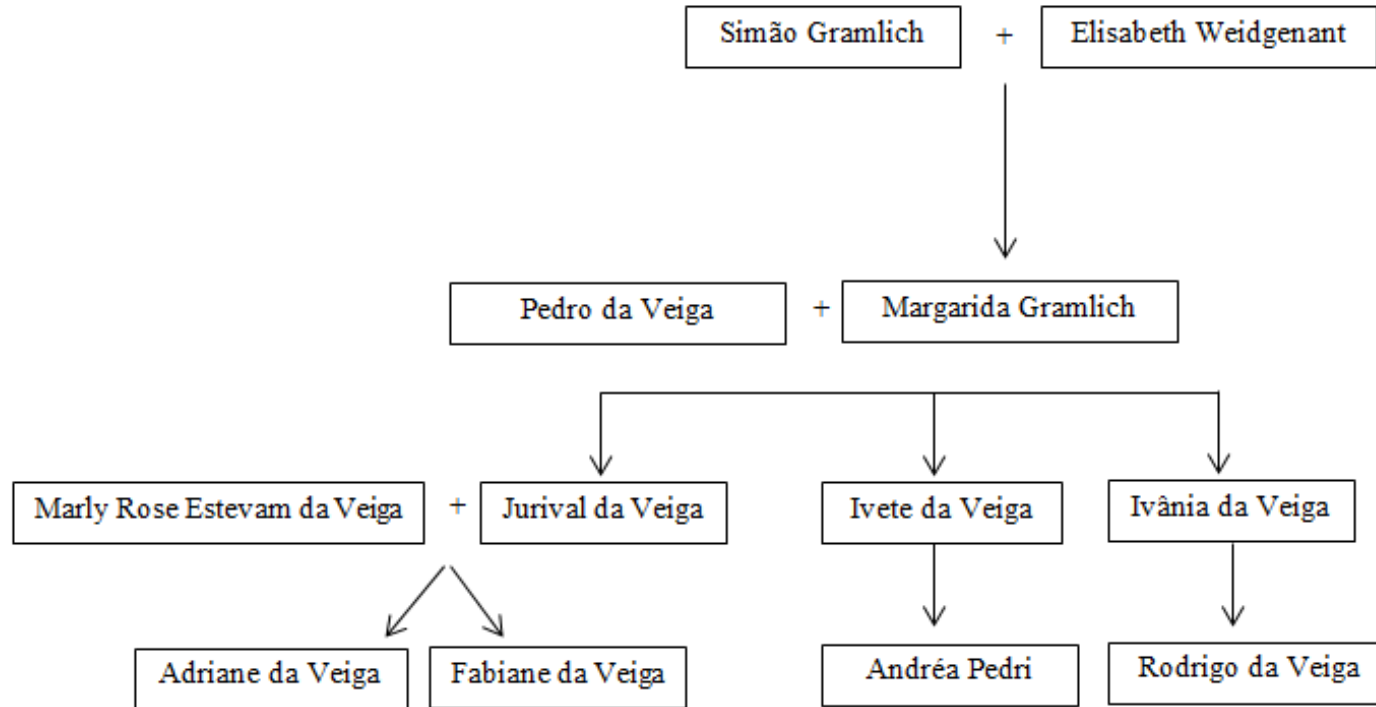
Fonte: Autora.

Árvore Genealógica 5 - Luiz Gramlich (filho de Simão Gramlich) e seus descendentes



Fonte: Autora.

Árvore Genealógica 6 – Simão Gramlich, sua segunda companheira Elisabeth Weidgenant e seus descendentes



Fonte: Autora.

Figura 118 – Luiz (filho de Simão Gramlich) e Toni. Junho de 1931



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 119 – Luiz (filho de Simão Gramlich)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 120 – Francisco, Rosa e Luiz (filhos de Simão Gramlich)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 121 – Rosa Gramlich (Filha de Simão Gramlich), Gertrud sentada (esposa de Simão Gramlich), atrás dela Isabella Gramlich (sobrinha de Simão Gramlich) - Junho de 1931²⁶⁹



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 122 – Isabella Gramlich (sobrinha de Simão Gramlich), Rosa Gramlich e Gerturd Gramlich. Junho de 1931



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

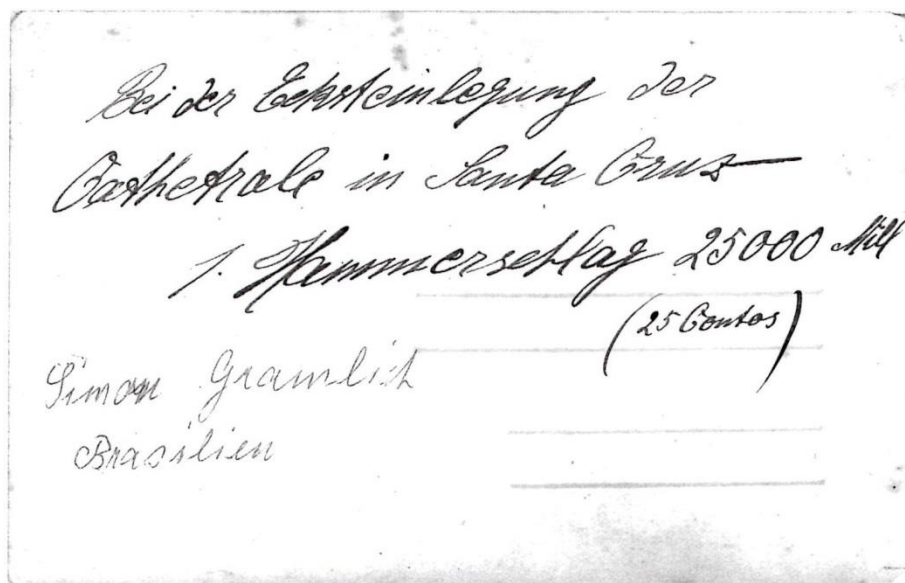
²⁶⁹ Não se sabe ao certo quem é o homem que aparece na imagem, mas, acredita-se que possa ser Gustav Bleicker.

Figura 123 – Simão Gramlich, à esquerda, no lançamento da pedra angular da igreja matriz de Santa Cruz do Sul em 03 de fevereiro de 1929



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 124 – Verso da fotografia de Simão Gramlich no lançamento da pedra angular da matriz de Santa Cruz do Sul. Fevereiro de 1929



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 125 – Vista enviada por Simão Gramlich para familiares na Alemanha



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 126 – Família de Emil Gramlich (irmão de Simão Gramlich). Emil aparece ao centro da imagem, sentado



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 127 – Adolf Gramlich (irmão de Simão Gramlich), sua esposa, e sua filha Angela



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 128 – Anna Maria Gramlich (irmã de Simão Gramlich)



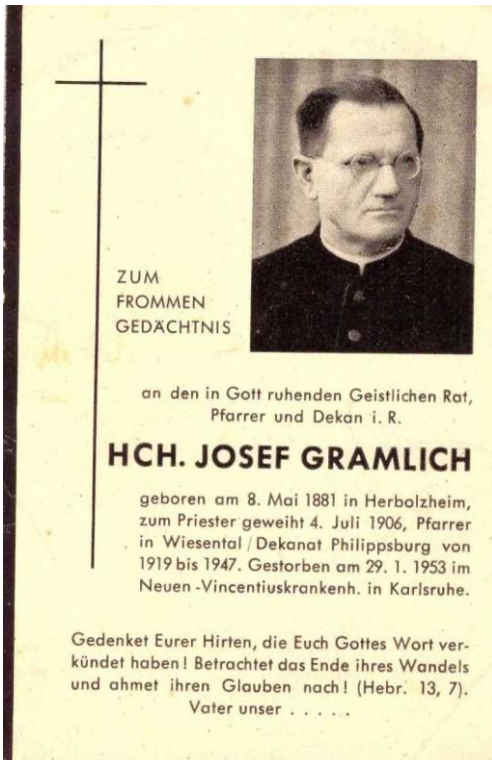
Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 129 - Anna Maria Gramlich (irmã de Simão Gramlich)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 130 - Necrológio de Heinrich Josef Gramlich (irmão de Simão Gramlich que era padre)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 131 – Heinrich Josef Gramlich, irmão de Simão Gramlich



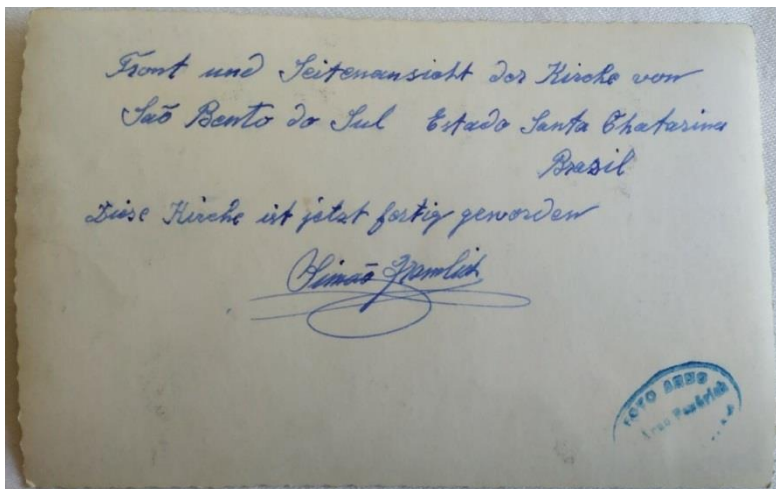
Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 132 – Postal 1 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha. Igreja Matriz da cidade de São Bento do Sul (SC)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 133 – Verso do Postal 1 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha



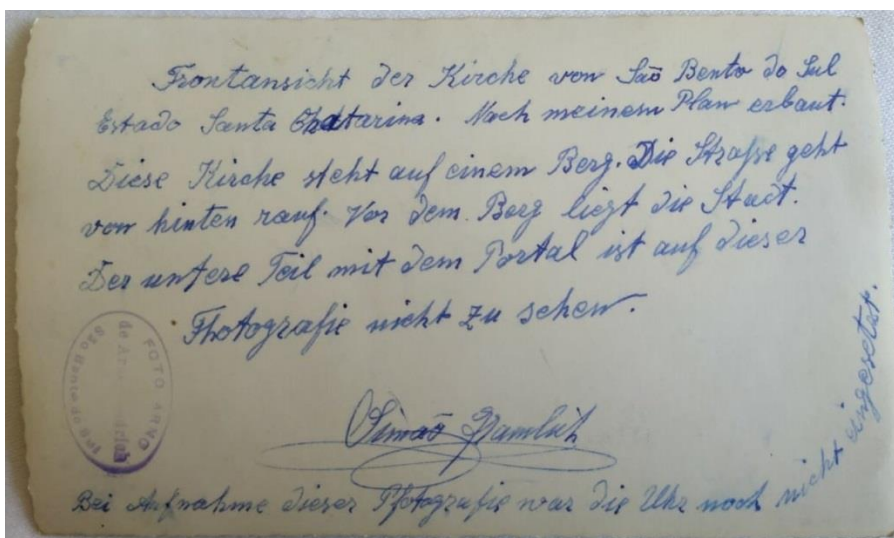
Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 134 - Postal 2 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha. Igreja Matriz da cidade de São Bento do Sul (SC)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 135 - Verso do Postal 2 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha



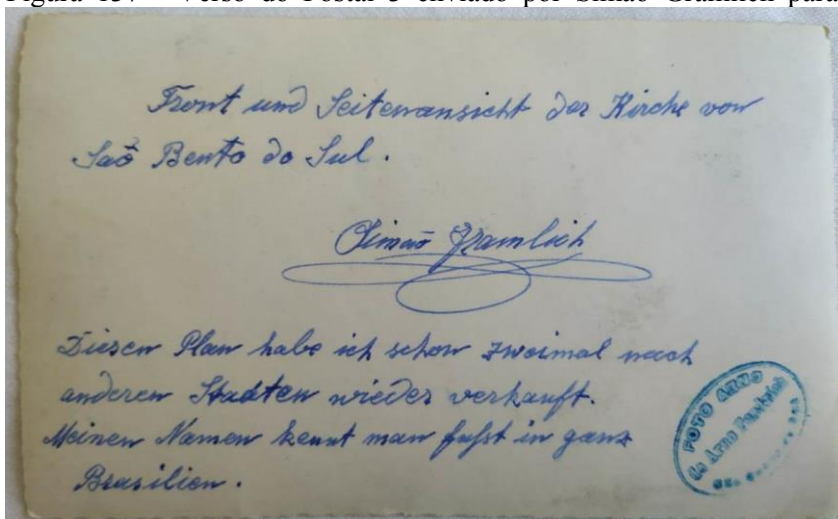
Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 136 - Postal 3 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha. Igreja Matriz da cidade de São Bento do Sul (SC)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 137 - Verso do Postal 3 enviado por Simão Gramlich para seus familiares na Alemanha.



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 138 – Lápide do soldado Adolf Gramlich (irmão de Simão Gramlich). Cemitério Militar



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 139 – Isabella, Hildegard e Angela Gramlich (filhas de Adolf Gramlich)



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 140 – Documento que revela participação de Simão Gramlich em um grupo de canto em Herbolzheim no ano de 1906.

Gesangverein „Liederkrantz“

von Josef Lamminger

Es waren jene glücklichen Zeiten vor dem Ersten Weltkrieg, die bei der Taufe so vieler Vereine Pate standen und die auch im Jahre 1906 in unserer Gemeinde ein bescheidenes Häuflein junger Männer unter der Führung des Seminaristen W. Eckert zur Pflege des Liedes zusammenführte. Die Mitglieder der damaligen Musikkapelle schlossen sich kurze Zeit später an und bildeten so eine Gemeinschaft von gesang- und musikliebender Menschen. Bald konnte der Chor in der Öffentlichkeit Probe seines Könnens geben. Beruflich musste W. Eckert die Gemeinde verlassen und es drohte das so hoffnungsvoll Begonnene wieder zu zerfallen.

Doch Lehrer Häusler nahm sich der Sache an, unter der Bedingung, dass

ein Verein gegründet werde. Dies geschah auch im Herbst 1906 durch folgende Gründungsmitglieder:

Franz Gramlich, Simon Gramlich, Ludwig Gramlich, Adolf Gramlich, Eugen Eckert, Karl Henniger, August Eckert, Wilhelm Nenninger, Johann Pfisterer, Thomas Vogt und Karl Ziern.

Zum ersten Vorsitzenden wurde Adolf

Gramlich gewählt. Die Mitgliederzahl des „Gesangverein Liederkrantz“, wie sich der Verein nun nannte, stieg in den folgenden Jahren rasch an. Bei der Weihe der ersten Vereinsfahne im Jahre 1909 waren es bereits 31 aktive Sänger und elf Ehrenmitglieder.

Das Dorf war festlich geschmückt und die ganze Gemeinde nahm freudigen Anteil am ersten Fest ihres Ge-



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 141 – Necrológio de Heinrich Josef Gramlich, irmão de Simão Gramlich

214

Necrologium

1953

1. Hofer Anton,

* Beuren b. Hehg. 6. Okt. 1874, ord. 5. Juli 1900, Vik. Klosterwald, 1902 Pfv. Neufra (Hohz.), Steinh. b. Hoch. 1907, Trillingen 1907, Pfv. das. 1908, Ostrach 1920, Kammerer 1933, Glatt 1935, Rubestad Sigmaringen (Josenwiesenthal) 1946, † 15. Jan., beerd. Beuren b. H.

Hofer war ein freundlicher, sonniger Charakter mit sehr guter Befähigung für die Seelsorge. In Trillingen baute er ein Kinderhaus, in Ostrach ein geräumiges Jugendheim und erweiterte das Krankenhaus. Als bescheidener Priester legte er, getreu dem Vorbild des Herrn, großen Wert auf die Predigt. Kein Wunder, daß ihm Verdächtigungen und Schwierigkeiten, besonders im Dritten Reich, nicht erspart blieben. Die letzten Jahre waren mit körperlichen Leiden erfüllt, und schließlich erlosch sein irdisches Leben wie ein mildes, schönes Licht, das sich langsam verzehrt. Eine Leichenpredigt hat er nicht gewünscht. Aber am Grabe waren die Nachrufe aus den verschiedenen Gemeinden, die er betreut hatte, ein bereites Zeugnis seines segensvollen Wirkens. Kr.

2. Throm Dominik Franz,

* 7. Juni 1880 Steinbach b. Buchen, ord. 5. Juli 1904, Vik. Ettingenweiler, Lutzingen, Oppenau, Mannheim (Hl. Geist) 1905, Schwarzach 1906, Wehr 1907, Istein 1911, Kplv. Markdorf 1915, Pfv. Marlen 1917, Pfv. Leinstetten (Wthz.) 1926, Pfv. das. 1928, pension. 1945, † 17. Januar Tübingen (Klinik), beerd. Leinstetten.

T. kam aus einer kinderreichen, braven Bauernfamilie und mit guten Zeugnissen in seinen Beruf. Vermutlich wäre seine Lebensbahn anders verlaufen, wenn nicht ein „tragischer Unfall“ sie schon früh „durchkreuzt“ hätte. So blieb sein Bemühen um fachliche Fortbildung, die er an der Universität Straßburg durchführte und mit dem neuphilologischen Staatsexamen krönte (1912/13 Lehramtspraktikant in Kehl), im letzten doch ohne den ersehnten Erfolg. Nach vorübergehender Tätigkeit zu Metzingen (Wthz.) blieb er schließlich als Pfarrer zu Leinstetten, das ihm Ruhe bot und das innere Gleichgewicht zurückgab, das ihm vordem so sehr abhanden gekommen war.

3. Eiermann Oskar Georg,

* 31. Aug. 1897 Oberschefflenz, ord. 18. Juni 1922, Vik. Philippsburg, Hohensachsen 1923, Philippsburg, Kronau, Freiburg (St. Martin) 1925, Kplv. Endingen 1931, Pfv. das. 1934, Pfv. das. 1936, resign. 1939, wohnhaft Bad Rippoldau, † Freiburg (Univ.-Klinik) 29. Jan., beerd. Endingen.

E. entfaltete eine kinderreiche, frommen Bauernfamilie und hatte das Gymnasium Tauberbischofsheim mit guten Zeugnissen absolviert. An kluger Hirtensitten genoß E. als überaus frommer, seelenfrüher und katolischer Krankenseelsorger, wofür er große Begabung hatte. Zu Endingen, wo seine starke Persönlichkeit sich zu voller Reife entwickeln

1953

215

konnte, weckte er die Wallfahrt zur „Weinenden Muttergottes“ zu neuem Leben. Hier hat er auch zunächst die Wallfahrtskirche und 1936 die stattliche Stadtpfarrkirche in sehr erfolgreicher Weise renovieren lassen. Seit 1939 leitete E. als Dekan das Kapitel Endingen. Seit 1947 trug er verdient den Titel eines Erb. Geistl. Rates. Erwähnt sei auch, daß E. einer der führenden Köpfe der „Schönstatter Bewegung“ in unserer Erzdiözese gewesen ist. Eine schwere Krankheit (Leukämie) entriß ihm allzu früh seiner umfassenden, erfolgreichen Wirksamkeit. Auch im Leiden zeigte E. eine vorbildliche Haltung.

Literatur: Leonhard Grimm, Oskar Eiermann, 1954.

4. Gramlich Heinrich Joseph,

* 8. Mai 1881 Herbolzheim (Jagt), ord. 4. Juli 1906, Vik. Waldkirch b. W., Birndorf, Oberhalbach, Hardheim 1907, Pfvik und Pfv. 1911, Pfv. Steinsfurt 1913, Pfv. Niederwasser 1914, Pfv. Oberachern 1916, Pfv. Ulm b. O. 1918, Pfv. Wiesental 1919, resign. 1947, † 29. Jan. Karlsruhe (Neues Vinzenzianum), beerd. Wiesental.

Sohn einer kinderreichen Bauernfamilie (6 Geschwister), hatte sich G. früh und ernst in seinen Beruf emporgearbeitet. Eine ernste, entschiedene und der Wirklichkeit verständnisvoll zugewandte Haltung zeichnete ihn seit seinem Aus. In seiner einzigen, 6000 Seelen zählenden Pfarrei Wiesental hat G. vorzüglich gearbeitet. Intensive Förderung des religiösen Lebens und fruchtbare caritative Betreuung, vor allem in schwerer Kriegszeit, zeichneten seine Tätigkeit aus. Zu Waghäusel baute er die abgebrannte Wallfahrtskirche wieder auf, in Wiesental errichtete er einen großen Pfarrsaal, baute das Schwesternhaus um und renovierte die Pfarrkirche (1929). Das Vertrauen von Mithraders und Kirchenbehörde berief ihn zum Definitor (1933), Kammerer (1934) und Dekan (1934) des Kapitels Wiesental; sein Bischof ehrte ihn durch die Ernennung zum Erb. Geistl. Rat (1940). Der Tod erlöste den Verdienstvollen von langjährigen schweren körperlichen Leiden.

5. Wetzel Johann Nepomuk,

* Trochtelfingen (Hohz.) 23. März 1867, ord. 6. Juli 1892, Vik. Haslach/K., 1893 Kplv. Ostrach, 1895 Pfv. Jungau, 1896 Dettingen, 1899 Pfv. Bisingen, 1907 Glatt, Rubestad 1935 in Bühl (Veronikabeim), 1936 Sigmaringen (Haus Nazareth), Geistl. Rat 1947, † 2. Febr., beerd. Sigmaringen.

W. besuchte 3 Jahre die Realschule Reutlingen, ebenso lang das Gymnasium Freiburg (Seminar Schanzbach), war 2 Jahre Schüler des Konradshausen Konstant, dann des bischöf. Seminars Eichstätt und der Universität Freiburg und brachte bei seinem sanguinischen Temperament eine gute Begabung mit. In Bisingen, einer in zwei Lager gespaltenen Gemeinde, erweiterte er die viel zu kleine Kirche, wobei er bei der mühseligen Beschaffung der Mittel durch seinen jugendlichen Eifer bei schwerfälligen Amtsstellen sich Schwierigkeiten schuf, aber andererseits mit Geschick die kritischen Geister versöhnte. Bald sammelte er Material zu einer Pfarrgeschichte, und als er dann in der viel kleineren Pfarrei Glatt vier wertvolle Bände Ortschronik vorfand, wurde sein Interesse am geschichtlichen Forschen

Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 142 – Casa de Emil Gramlich (irmão de Simão Gramlich) em Jagstfeld



Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 143 – Informações sobre Heinrich Josef Gramlich, irmão de Simão Gramlich

1919 ,9. Februar

Heinrich Josef Gramlich, Geistlicher Rat und Dekan, geboren 1881 in Herbolzheim, wirkte 28 Jahre in Wiesental.

Gramlich schuf wertvolle soziale Einrichtungen wie Nähsschule (1921), Pfarrsaal mit Kindergarten (1926), Schwesternhaus St. Franziskus (1929) und Kinderkrippe (1931). Auch dem Wiederaufbau der abgebrannten Wallfahrtskirche Waghäusel (1920) wandte er seine ganze Kraft auf, wie später dem Aufbau der Wiesentaler Pfarrkirche. In seiner Amtszeit konnte der Pfarrsaal fertiggestellt und die Innenrenovation der Kirche durchgeführt werden.

Dem strengen Seelsorger waren Sitte und Moral prägende Begriffe. Beinahe wäre Gramlich in den 20er Jahren einer Rufmordkampagne zum Opfer gefallen.

Während der nationalsozialistischen Ära suchte er das Beste aus den Verhältnissen zu machen, trotzdem gab es verschiedene Konfliktpunkte mit den kirchenfeindlichen Nazis.

Als er sich 1947 pensionieren ließ, wohnte er weiterhin in Wiesental. Am 29. Januar 1953 starb Wiesentals „Ehrenbürger“ Gramlich im Karlsruher Vinzentiuskrankenhaus.

Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 144 – Documento referente à empresa de Emil Gramlich em Jagstfeld

Sachkonto: 264
 1939 *49* *49*
 49/25 Kalkraum im Nr. 49
 Umsatzwerks

E. Gramlich
Baugeschäft und Kalkwerk
Bad Friedrichshall-Jagstfeld a. N.

Spezialität: Zementkalk und Verputzschwarzalk - Schotterwerk, Kunststeinfabrikation, Baumaterialien

Bankverbindungen:
 Handels- und Gewerbebank Heilbronn AG.
 Filiale Bad Wimpfen.
 Girokonto:
 Kreissparkasse Neckarsulm Nr. 358
 Fernsprecher Nr. SA. 315

Bad Friedrichshall-Jagstfeld, den **15. Juni** 193**9**.

RECHNUNG für **Titl. Staatl. Saline Friedrichshall**

H i e r.

Fonte: Acervo de Helga Weckesser.

Figura 145 – Registro de passagem de Gertrud Gramlich e seus filhos Rosa Gramlich e Josef Gramlich (Francisco José Gramlich). Viagem da Alemanha para o Brasil em abril de 1922



Auszug aus den Hamburger Schiffspassagierlisten

Name:	Gertrud Gramlich,
Alter:	31 Jahre,
Familienstand:	verheiratet,
Wohnort:	Mosbach,
Staatsangehörigkeit:	Deutschland.
Tag der Abreise:	20. April 1922,
Name des Schiffes:	„Pernambuco“,
Kapitän:	E. Rolin,
Schiffstyp:	Dampfschiff,
Schiffahrtsgesellschaft:	Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft.
Unterbringung:	3. Klasse.
Abreisehafen:	Hamburg,
Schiffsziel:	Boulogne sur Mer, La Coruna, Lissabon, Pernambuco, Rio de Janeiro, Mittelbrasilien,
Reiseziel:	Pernambuco.
Familienmitglieder:	Rosa Gramlich, 9 Jahre, ledig, Josef Gramlich, 7 Jahre, ledig.

Hiermit wird beglaubigt, dass die vorstehende Abschrift mit dem Original übereinstimmt. Quelle: 373-7 I, VIII A 1 Band 287.

Hamburg, 8. November 2018



Staatsarchiv Hamburg
Im Auftrug

G. Fabian-Krauth

G. Fabian-Krauth
Archivangestellte
„Ordentliche und Freiwillige Gerichtsbarkeit inkl.
Grundbucharchiv in Stade, Notariate,
Personenstands-, Melde- und
Staatsangehörigkeitswesen,
Religionsgemeinschaften“

Freie und Hansestadt Hamburg
Behörde für Kultur und Medien – Amt Staatsarchiv
Kattunbleiche 19, 22041 Hamburg
Tel.: +49 40 428 31 3140
E-Mail: gsele.fabian.krauth@bkm.hamburg.de
www.hamburg.de/staatsarchiv

Fonte: Acervo de Márcia Gramlich Fernandes.

Figura 146 – Certidão de nascimento de Simão Gramlich

A


Nr. 12

Ignaz Gramlich am *1. August* 18*77*.

Vor dem unterzeichneten Standesbeamten erschien heute, der
 Persönlichkeit nach *Ignaz Gramlich*
Er kannt,
Ignaz Gramlich
 wohnhaft zu *Ignaz Gramlich*
Katholischer Religion, und zeigte an, daß von der
Ignaz Gramlich
Ignaz Gramlich Religion,
 wohnhaft *Ignaz Gramlich*
 zu *Ignaz Gramlich*
 am *ersten* ten *August* des Jahres
 tausend acht hundert *acht* zig und *sechzig* des Monats
 um *sechs* Uhr ein Kind männlichen
 Geschlechts geboren worden sei, welches *Simão* Vornamen
Simão
 erhalten habe

Vorgelesen, genehmigt und *unterschriftet*
L. Gramlich

Der Standesbeamte.
Ignaz Gramlich

Die Übereinstimmung vorstehender
 Fotokopie mit der Urschrift
 wird bestätigt. *2. 11. 18*
 Neudenu, den *2. 11. 18*
 Auftrag:


Fonte: Acervo de Márcia Gramlich Fernandes.

Figura 147 – Certidão de Casamento de Simão Gramlich com Gertrud Franziska May, Jagstfeld. Página 1

B.

Nr. 5.

Jagstfeld am Freibauungseröffnung^{ten}
— Sech — taufend neunhundert zwoölf —

Vor dem unterzeichneten Standesbeamten erschienen heute zum Zwecke der
Eheschließung:

1. der Maimozelinus Simon Gramlich

der Persönlichkeit nach _____

_____ be. sammt,

Katholischer Religion, geboren am Freibauung^{ten}
— Neunzig — des Jahres taufend acht — hundert
neunzig und sieben zu Herbolzheim —
Speckhaus Kochloch, wohnhaft in Jagstfeld —

Sohn des verstorbenen Johann Michael Graml,
letz. gewesenen Landwirts und der verst.
geborenen Isabella geborenen Beckner,
_____ zuletzt wohnhaft
in Herbolzheim _____;

2. die Gertrud Franziska May, —

_____ geb. Kreis _____

der Persönlichkeit nach _____

_____ be. sammt,

Katholischer Religion, geboren am Freibauungseröffnung^{ten}
— Sech — des Jahres taufend acht — hundert
— neunzig und ein zu Jagstfeld —
_____ wohnhaft in Jagstfeld _____

Tochter des verstorbenen Johes May geb. May
wurmt und der gestorbenen geborenen Madel,
abrusfeld geborenen _____
_____ zuletzt wohnhaft
in Jagstfeld _____

Stadarchiv Bad Friedrichshall PB 3/J-4 (Heiratsregister Jagstfeld 1912)

Fonte: Acervo de Márcia Gramlich Fernandes.

Figura 148 - Certidão de Casamento de Simão Gramlich com Gertrud Franziska May, Jagstfeld. Página 2

Stadearchiv Bad Friedrichshall PB 314 (Heiratshauptregister Jagstfeld 1912)

Als Zeugen waren zugezogen und erschienen:

3. das *Apentumpfe Ernst Albrecht*

der Persönlichkeit nach _____

_____ taunt,

40 Jahre alt, wohnhaft in *Jagstfeld*

4. das *Maurin Marie Apentumpfe*

der Persönlichkeit nach _____

_____ taunt,

24 Jahre alt, wohnhaft in *Koblenz*

Der Standesbeamte richtete an die Verlobten einzeln und nach einander die Frage:

ob sie die Ehe mit einander eingehen wollen.

Die Verlobten bejahten diese Frage und der Standesbeamte sprach hierauf aus,

dass sie kraft des Bürgerlichen Gesetzbuchs nunmehr rechtmäßig verbundene Eheleute seien.

Vorgelesen, genehmigt und unterschrieben

— *Simon Gramlich* —

— *Gertrud Franziska May* —

— *Ernst Albrecht* —

— *Maurin Marie Apentumpfe* —

Der Standesbeamte.

— *Justiz* —

*Sim. Graf.
II 178
II 10
119.*

Figura 149 - Certidão de Casamento de Simão Gramlich com Gertrud Franziska May, Jagstfeld.
Página 3

Die Übereinstimmung der vorstehenden Ablichtung des
Personenstandseintrags Nr. *5 / 1012* des Standesamts Bad Friedrichshall
aus dem Bestand Personenstandsbücher des Stadtarchivs Bad Friedrichshall
wird bestätigt.

Die Ablichtung besteht aus *2* Blättern

Die Ablichtung ist keine Personenstandsurkunde.

Bad Friedrichshall, den *12.10.2018*


Bürgermeisteramt


Figura 150 – Certidão de óbito de Francisco José Gramlich, filho de Simão Gramlich

OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
 Município e Comarca de RIO NEGRO
 Rua Comendador Franco, 18, CEP 83.880.000. Tel: 047-642-5015
 Carmen Lucia Bley Martins Oficial

LIVRO C 010 FOLHA 048 TERMO 005944

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, do livro, folha e termo citados, de ASSENTO DE ÓBITOS deste Ofício, consta que, foi lavrado no dia 10 de dezembro de 2001, o assento do óbito de: **FRANCISCO JOSÉ GRAMLICH** falecido no dia oito de dezembro de dois mil e um (08/12/2001), às dezenove horas e trinta minutos (19:30h), em residência à Av. Xavier da Silva 660, em Rio Negro-PR, do sexo masculino, de profissão professor aposentado, de estado civil casado, natural de Santa Maria-RS, residente e domiciliado à Av. Xavier da Silva 660, em Rio Negro-PR, com oitenta e oito (88) anos de idade, nascido aos três de março de um mil, novecentos e treze (03/03/1913). Filho de Simão Gramlich e Gertrudes Gramlich.

Foi declarante: Gilberto Della Costa Fernandes, brasileira, casado, natural de Concórdia-SC, portador da C.I. nº 98R-317.498/SC, residente e domiciliado à Rua Padre Agostinho 2213, Curitiba-PR. Sendo o atestado de óbito firmado pelo Dr. João Carlos da Silveira, dando como causa da morte: "Morte súbita, insuficiência cardíaca, cardiopatia esclero-hipertensiva". O sepultamento foi realizado no Cemitério Municipal desta cidade. Pelo declarante foi-me dito, que o falecido não deixou bens a inventariar e nem testamento, e que o mesmo era eleitor. Apresentou-me a declaração de óbito nº 002133807, CPF/MF nº 124.927.019-72, Título de Eleitor nº 006917990620, C.I. nº 446.397/PR, Certidão de Casamento, Número 5990, Folhas 224v, do Livro nº 14B, lavrada no REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS JOINVILLE.

Observação: Era casado com Sybilla Detoie Gramlich, deixou seis filhas, maiores de idade, de nomes: Rosemarie, Susana, Marcia, Rosane, Roseli e Cristiane.

O referido é verdade e dou fé.


Rio Negro, 10 de dezembro de 2001.

Eliane Cristina Leski
 Eliane Cristina Leski

Carmen Lucia Bley Martins
 Oficial
 Av. Toledo e Docu-
 Pessoas Jurídicas.
 CRETINA LESKI

Fonte: Acervo de Márcia Gramlich Fernandes.

Figura 151 – Certidão de óbito de Gertrud Franziska Gramlich, esposa de Simão Gramlich


ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO

Cartório do Registro Civil de TRISTEZA - Porto Alegre
FRANCISCO SALVATORI NETTO - Oficial

OBITO N. 10.264.- LIVRO C. 15.- FOLHAS 59vs/60.-

CERTÍFICO, que no livro e folha supra referidos foi lavrado hoje o assento do obito de **GERTRUD FRANZISKA GRAMLICH** falecida a **30** de **03** de **Janeiro** de **1974** às **06,30** horas, em **residência, nesta zona**, do sexo **feminino** de cor **branca** profissão **dona de casa** natural de **Alemanha** domicíliada **a** residente **na Av. Pereira Passos, nº 1156, nesta zona** com **oitenta e dois (82) anos** de idade, estado civil **viúva**, filha de **JOSEF MAY e de JOSEFINA MAY, ambos já falecidos**.

Foi declarante **o senhor Gustav Bleicker** atestado de obito firmado pelo **Doutor Walter Bouscher** que deu como causa da morte **"Arteriosclerose cerebral, devido a hemorragia, Hemorragia cerebral e Arteriosclerose"** O sepultamento será **feito no Cemitério de São João XXIII, n/Capital**.

Observações: **A falecida era viúva de SIMÃO GRAMLICH, de cujo matrimônio, realizado na Alemanha, deixa três filhos maiores, de nomes: Rosa, Francisco e Luiz. A extinta não deixa bens a inventariar.**

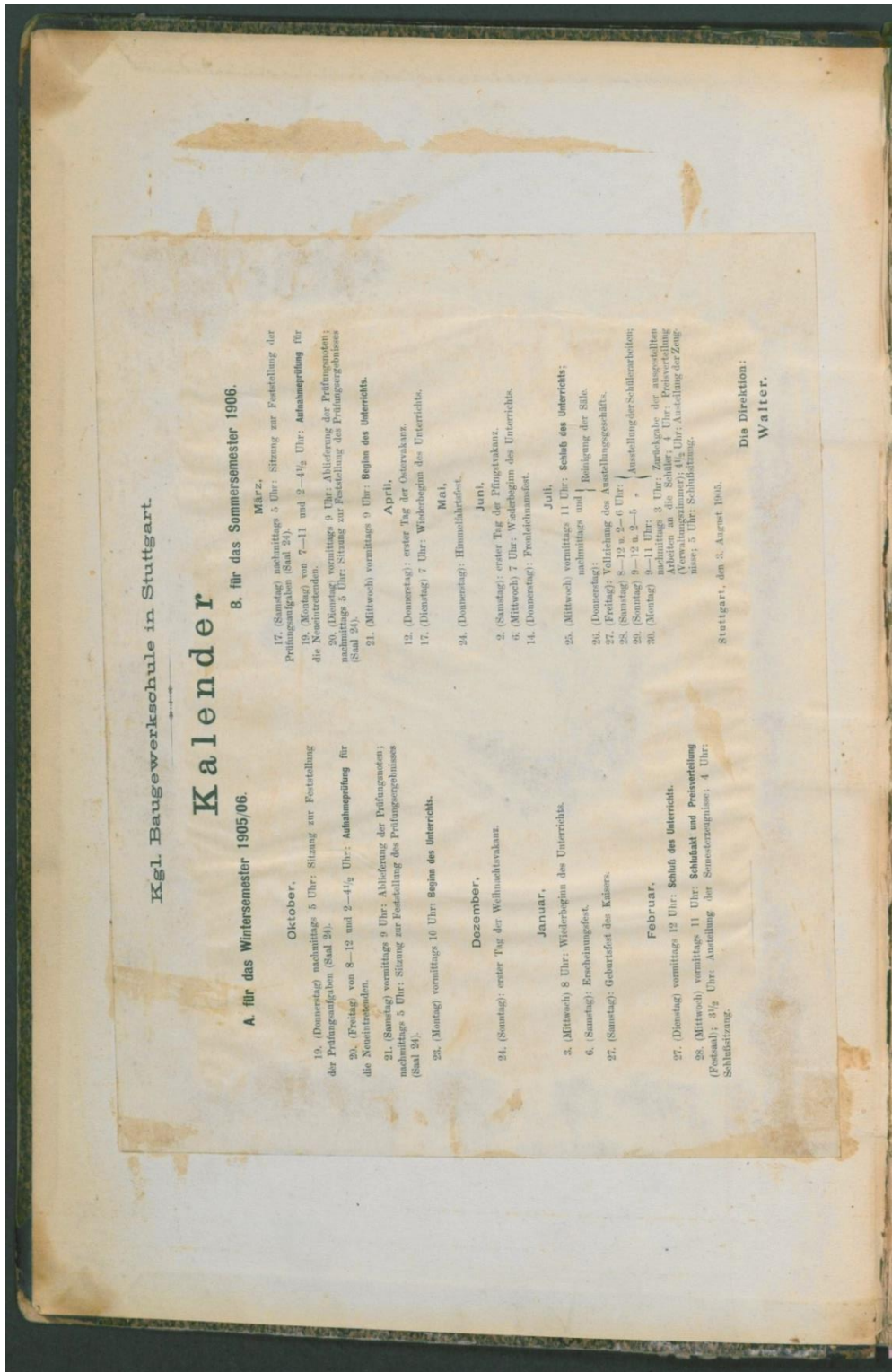
referido é verdade e dou fé

de 1974

FRANCISCO SALVATORI NETTO
 Oficial

Fonte: Acervo de Márcia Gramlich Fernandes.

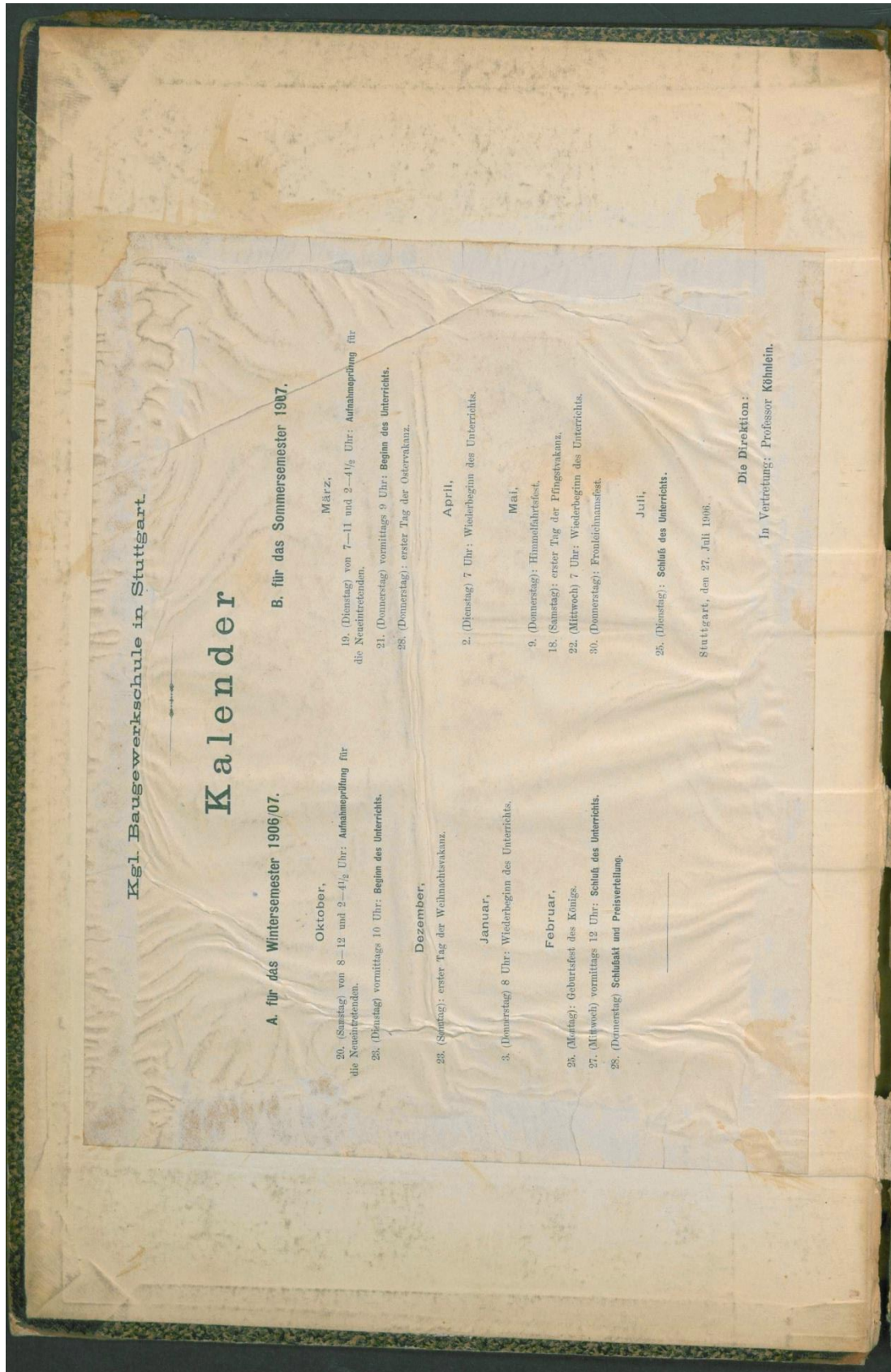
Figura 152 – Calendário 1905/1906 da Baugewerkschule em Stuttgart frequentada por Franz Gramlich (irmão de Simão Gramlich)²⁷⁰



Fonte: Acervo do Landesarchiv Baden-Württemberg.

²⁷⁰ Da figura 152 até 157: Acervo do Landesarchiv Baden-Württemberg enviado por e-mail por Sigrid Bratzke.

Figura 155 - Calendário 1906/1907 da Baugewerkschule em Stuttgart frequentada por Franz Gramlich (irmão de Simão Gramlich)



Fonte: Acervo do Landesarchiv Baden-Württemberg.

Figura 156 - Registro de matrícula de Franz Gramlich na Baugewerkschule em Stuttgart, 1907. O registro de Franz aparece na penúltima linha da primeira página

Sommer - Halbjahr		Winter - Halbjahr	
Nummer	Namen, Geburtsort, Geburtsjahr, Matrikelnummer	Nummer	Namen, Geburtsort, Geburtsjahr, Matrikelnummer
538	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	538	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
539	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	539	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
540	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	540	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
541	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	541	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
542	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	542	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
543	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	543	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
544	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	544	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
545	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	545	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
546	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	546	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
547	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	547	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
548	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	548	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
549	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	549	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
550	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	550	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
551	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	551	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
552	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	552	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
553	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	553	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
554	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	554	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
555	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	555	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
556	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	556	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
557	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	557	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
558	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	558	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
559	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	559	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
560	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	560	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
561	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	561	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
562	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	562	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
563	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	563	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
564	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	564	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
565	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	565	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
566	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	566	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
567	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	567	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
568	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	568	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
569	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	569	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden
570	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden	570	0 Grotz, Paul, 1878, Graubünden

Fonte: Acervo do Landesarchiv Baden-Württemberg.

Figura 158 – Gustav Bleicker, Kathy Gramlich e Rosa Gramlich Bleicker. 1971. Porto Alegre. Kathy é filha de Luiz Gramlich, sobrinha de Rosa, neta de Simão Gramlich



Fonte: Acervo de Kathy Gramlich.

Figura 159 – Gertrud Franziska Gramlich (esposa de Simão Gramlich) e três netas: Marcia, Margarete e Kathy. 1971. Porto Alegre



Fonte: Acervo de Kathy Gramlich.

Figura 160 – Luiz Gramlich (filho de Simão Gramlich), sua esposa Ursula Hoffmann e suas três filhas: Marcia, Margarete e Kathy



Fonte: Acervo de Kathy Gramlich.

Figura 161 – Gustav Bleicker na Represa Gen. Eurico G. Dutra. Possivelmente Gustav Bleicker é o terceiro homem da esquerda para direita



Fonte: Acervo de José Carlos Laborda Bleicker.

Figura 162 – Família de Simão Gramlich formada em Blumenau após sua separação de Gertrud. Casal: Margarida Gramlich (filha de Simão Gramlich) e Pedro da Veiga; seus filhos Jurival, Ivete e Ivânia; e Elisabeth Weidgenant companheira de Simão Gramlich



Fonte: Acervo de Jurival da Veiga.

APÊNDICE D - Obras de Simão Gramlich no Rio Grande do Sul

Catálogo de Obras de Simão Gramlich no Rio Grande do Sul

SANTA CRUZ DO SUL

Figura 163 – Catedral São João Batista, Santa Cruz do Sul. O lançamento da pedra angular ocorreu no dia 03 de fevereiro de 1929



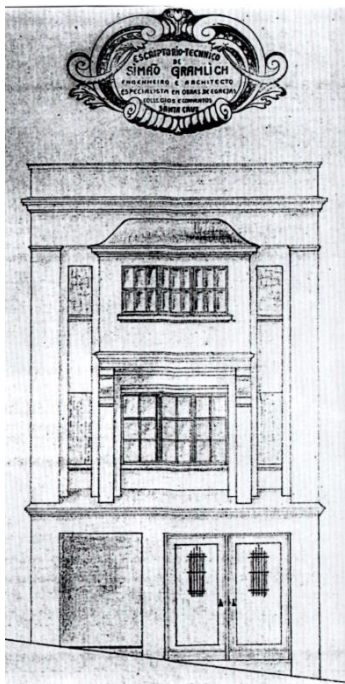
Fonte: Autora.

Figura 164 – Sobrado Franz, Santa Cruz do Sul. Sobrado que aparece à esquerda na imagem. Projetado na década de 1920



Fonte: Keller, 2014.

Figura 165 – Projeto de Gramlich para uma casa em Santa Cruz do Sul onde ele moraria, 1928. O projeto foi executado



Fonte: Keller, 2014.

VENÂNCIO AIRES

Figura 166 – Igreja Matriz São Sebastião Mártir, Venâncio Aires. Projeto arquitetônico aprovado em 1927. A inauguração ocorreu em 07 de junho de 1953



Fonte: Autora.

Figura 167 – Edifício Storck, Venâncio Aires. Projetado na década de 1920. Atualmente funciona como Casa de Cultura



Fonte: Casa, 2016.

SINIMBU

Figura 168 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória, Sinimbu. Projetada na década de 1920



Fonte: Acervo de Ronaldo Wink.

FELIZ

Figura 169 - Capela São Miguel, Feliz



Fonte: Google maps/ Street View.

PASSO DO SOBRADO

Figura 170 – Igreja Nossa Senhora do Rosário, Passo do Sobrado



Fonte: Acervo de Ronaldo Wink.

BOM PRINCÍPIO

Figura 171 – Hospital São Pedro Canísio, Bom Princípio. Projetado em 1928. Inaugurado em 1931

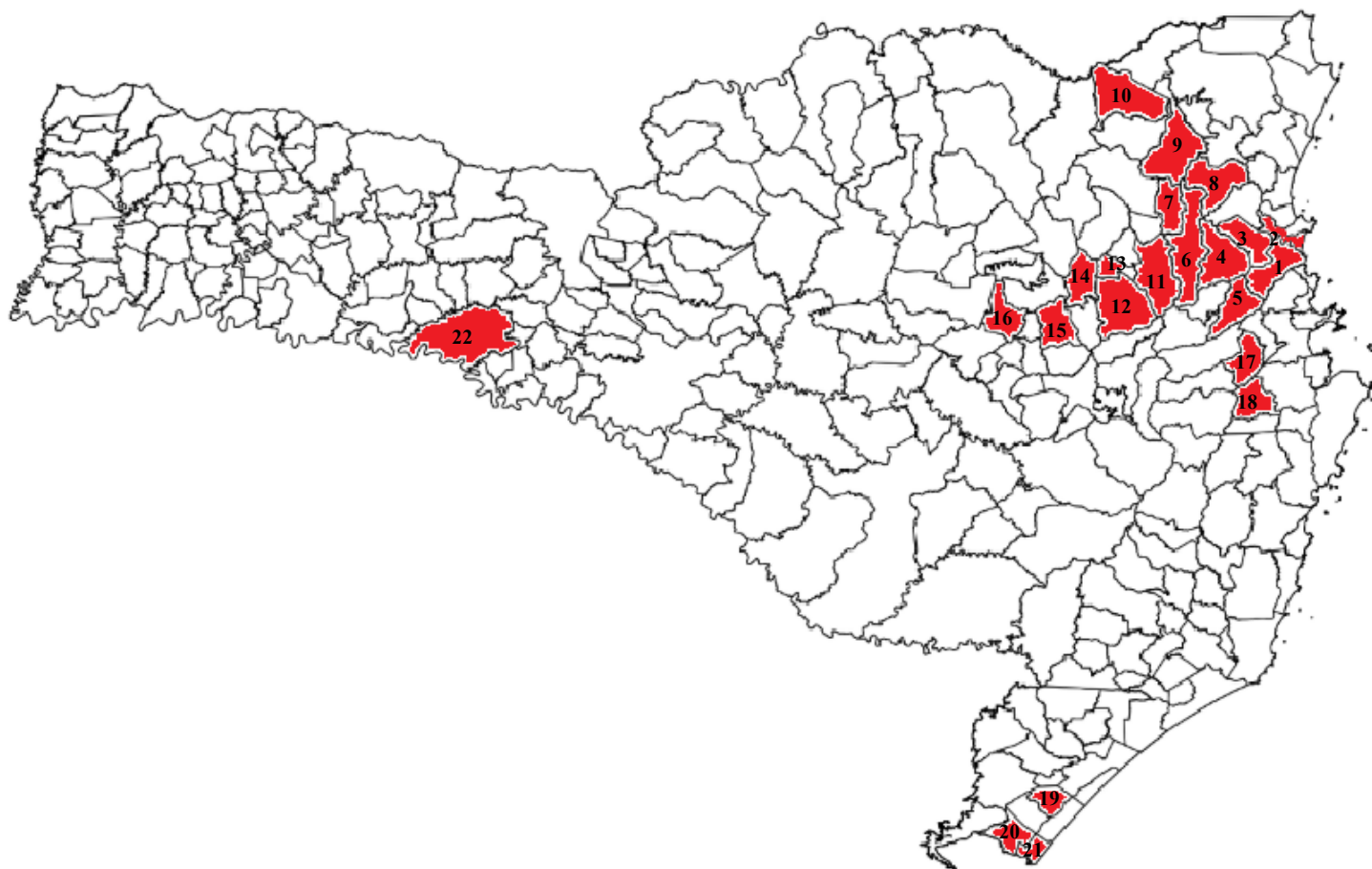


Fonte: Autora.

APÊNDICE E - Obras de Simão Gramlich em Santa Catarina

Catálogo de Obras de Simão Gramlich em Santa Catarina

Mapa de cidades de Santa Catarina que possuem obras de Simão Gramlich



- | | |
|----------------------|----------------------|
| 1- Itajaí | 12- Apiúna |
| 2- Navegantes | 13- Ascurra |
| 3- Ilhota | 14- Ibirama |
| 4- Gaspar | 15- Rio do Sul |
| 5- Brusque | 16- Rio do Oeste |
| 6- Blumenau | 17- São João Batista |
| 7- Pomerode | 18- Antônio Carlos |
| 8- Massaranduba | 19- Sombrio |
| 9- Jaraguá do Sul | 20- São João do Sul |
| 10- São Bento do Sul | 21- Passo de Torres |
| 11- Indaial | 22- Concórdia |

ITAJAÍ

O início da produção de projetos arquitetônicos de Simão Gramlich, em Itajaí, se deu possivelmente em 1939, com os primeiros desenhos para a construção da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. O trabalho lhe foi bastante penoso, devido a diversos desentendimentos com o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, responsável pela liberação da contratação do arquiteto. Iniciada a construção, porém, seu esforço foi recompensado através da divulgação de seu nome ligado àquela obra, fazendo com que outros clientes lhe solicitassem projetos.

No Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí, encontraram-se sete projetos de Gramlich para a cidade, porém, apenas dois deles foram identificados como existentes: a igreja matriz e a antiga casa paroquial, sendo essa segunda edificação totalmente descaracterizada, abrigando atualmente o Hospital Universitário Pequeno Anjo.

Existem ainda dois projetos que não possuem documentação comprobatória acerca da autoria de Gramlich, mas através da análise de seus ornamentos é possível inferir que há grandes chances de que sejam obras desse arquiteto, são elas: a Igreja São Sebastião, no Bairro Brilhante I (Comunidade de Laranjeiras) e a Igreja Senhor Bom Jesus, no Bairro Salseiros. Inicialmente, a igreja católica em Salseiros não foi vista como uma possível obra devido o uso de uma única torre na sua lateral esquerda, elemento que não se encontra em nenhuma outra igreja de Gramlich, porém, ao se receber uma fotografia antiga da edificação, foi possível constatar que aquela torre é um acréscimo posterior, sendo que os demais ornamentos sugerem a atuação daquele arquiteto em seu desenho.

Figura 172 – Paróquia do Santíssimo Sacramento, Itajaí. Projeto aprovado em 1940



Fonte: Pinterest, [20--?].

Figura 173 – Igreja São Sebastião, Itajaí (Brilhante I, Comunidade de Laranjeiras). Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: Autora.

Figura 174- Igreja Senhor Bom Jesus, Itajaí (Salseiros). Início da construção em 1940 e término em 1942. Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: Acervo da Paróquia São Cristóvão, Itajaí.

NAVEGANTES

Figura 175 – Capela São José, Navegantes (Escalvados). Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: Autora.

Figura 176 – Capela Santo Agostinho, Navegantes (Porto Escalvado). Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: IGREJA, [20--?]b.

ILHOTA

Figura 177 – Igreja Matriz São Pio X, Ilhota. O projeto foi aprovado em 1939 e a construção concluída em 1941



Fonte: Autora.

GASPAR

Figura 178 – Paróquia São Pedro Apóstolo, Gaspar. A pedra fundamental desta igreja foi colocada em 1944 e sua inauguração ocorreu em 3 de maio 1956



Fonte: Autora.

BRUSQUE

Uma das primeiras cidades onde Simão Gramlich apresentou projetos quando se mudou para Santa Catarina foi Brusque. Em novembro de 1932, ele chegou a fazer uma visita aos padres em Azambuja para explicar o projeto que lhe foi solicitado para a construção de um Hospício. A obra nunca aconteceu, mas anos depois, Gramlich foi o responsável pelo projeto do Santuário de Nossa Senhora de Azambuja.

Não foi apenas para a igreja católica que Gramlich trabalhou nessa cidade, ele também esteve envolvido com obras para grandes industriais, como os das famílias Renaux e Buettner. Infelizmente, algumas das edificações já foram demolidas e outras apresentaram dificuldades de identificação pela falta de documentos.

Figura 179 – Santuário Nossa Senhora de Azambuja, Brusque. Obras iniciadas em 1940



Fonte: Autora.

Figura 180 – Vila Quisisana, Brusque. Residência construída em meados de 1935 para Edgar von Buettner



Fonte: Autora.

Figura 181 – Segunda residência projetada para Edgar von Buettner, possivelmente construída entre 1939 e 1940. Demolida em 2013



Fonte: Curto, 2017.

BLUMENAU

A produção de Simão Gramlich em Blumenau é surpreendente: ele realizou mais de 500 projetos arquitetônicos entre 1932 e 1968 para essa cidade. Desse total, algumas dezenas ainda existem e serão apresentadas a seguir com as seguintes informações: nome do proprietário e ano do projeto.

Existem ainda dois exemplares, dos quais não se encontrou documentação que comprove a autoria de Gramlich, mas que possuem diversas características que atestam esse fato, são eles: a Igreja Luterana no bairro Fortaleza Alta e Igreja Nossa Senhora da Glória no bairro Glória.

Figura 182 – Willy Belz, 1933



Fonte: Casa, 2014.

Figura 183 – Carlos Koffke, 1945



Fonte: Viver, 2017.

Figura 184 – Victor Germer, 1936



Fonte: Autora.

Figura 185 – Jacob Schmitt, 1937



Fonte: Autora.

Figura 186 – Walter Tonolli, 1937



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 187 – Waldemar Spranger, 1939



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 188 – Max Konrad, 1940



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 189 – Conrado Lenzi, 1951



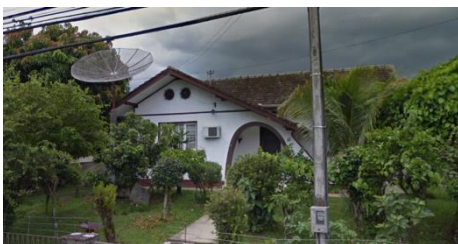
Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 190 – Max Pagel, 1946



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 191 – Arnaldo Gauche Junior, 1952



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 192 – Ralf Gauche, 1951



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 193 – João Alfredo Rodrigues da Costa, 1946



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 194 – Anton Fischer, 1935



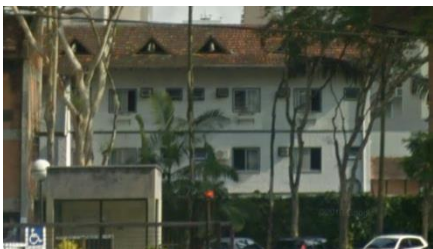
Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 195 – Augusto Werner, 1939



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 196 – Hermano Klemz, 1950



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 197 – Mathilde Mahn, 1945



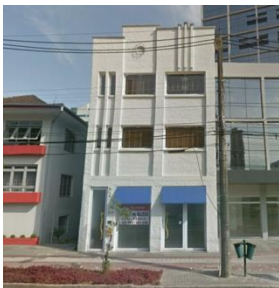
Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 198 – Ana Eschembach, 1943



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 199 – Oscar Martin Funke, 1954



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 200 – Frederico Vetterle, 1932



Fonte: Autora.

Figura 201 – Rudolfo Kander, 1942



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 202 – Rudolfo Kander, 1946



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 203 – Henrique Michels, 1941



Fonte: Autora.

Figura 204 – Casa Moellmann, 1938



Fonte: Autora.

Figura 205 – Leopoldo Raabe, 1939



Fonte: Autora.

Figura 206 – Frederico Rabe, 1932



Fonte: Autora.

Figura 207 – Wendelin Karsten, 1940



Fonte: Autora.

Figura 208 – Alcides Garcia, 1939



Fonte: Autora.

Figura 209 – Luís Rischbieter, 1936



Fonte: Autora.

Figura 210 – Erich Karmann, 1938



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 211 – Antonio Reinert, 1946



Fonte: Autora.

Figura 212 – Waldemar Nimitz, 1957



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 213 – Odorico Soares, 1956



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 214 – Ewaldo Hadlich, 1942



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 215 – Helmuth Hadlich, 1938



Fonte: Autora.

Figura 216 – Helmuth Hadlich, 1938



Fonte: Autora.

Figura 217 – Arno Delling, 1949



Fonte: Autora.

Figura 218 – Alfonso Oliveira, 1937



Fonte: Autora.

Figura 219 – Adélia Gomes, 1938



Fonte: Autora.

Figura 220 – Max Heinig, 1957.



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 221 – Robert Max Schwab, 1950



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 222 – Walter Hemmer, 1938



Fonte: Autora.

Figura 223 – Helmuth Gueths, 1944



Fonte: Autora.

Figura 224 – Alberto Gueths, 1944



Fonte: Autora.

Figura 225 – Gustav Isleb, 1946



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 226 – Arthur Loose, 1939



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 227 – Emilio Fischer, 1942



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 228 – Paulo Fischer, 1947



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 229 – Aluizio Schwab, 1945



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 230 – Henrique Bittelbrunn, 1939



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 231 – Emilio Rosemann, 1938



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 232 – Fritz Reimer, 1937



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 233 – Friedrich Sanger, 1936



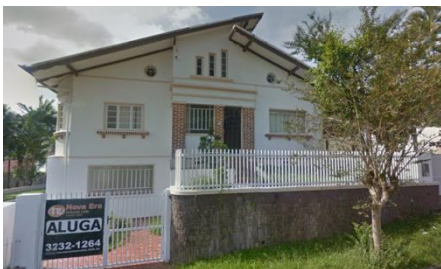
Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 234 – Luitpold Kestl, 1951



Fonte: Autora.

Figura 235 – Rodolfo Hinz, 1960



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 236 – Fábrica de Chapéus Nelsa, 1942



Fonte: Autora.

Figura 237 – Curt Weidgenant, 1958



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 238 – Walter Strassmann, 1956



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 239 – Horst Álvaro Schlupp, 1954



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 240 – Walter Strassmann, 1956



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 241 – Rodolfo Thomsen, 1939



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 242 – Adolfo Eselmann, 1956



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 243 – Eduardo Santos, 1951. Demolido em 2019



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 244 – Augusto Ramos, 1942



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 245 – Alfonso Persuhn, 1960



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 246 – Arnaldo Manske, 1939



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 247 – Asta Schindler, 1948



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 248 – Frederico Missner, 1945



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 249 – Henrique Carl, 1957



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 250 – Ewald Froelich, 1966



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 251 – Harry Spernau, 1942



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 252 – Wolfgang Herbert Ernst Richter, 1951



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 253 – Virgílio Campestrini, 1954



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 254 – Igreja Nossa Senhora da Glória, Blumenau (Glória). Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: Autora.

Figura 255 – Paróquia Luterana, Blumenau (Fortaleza Alta). Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: Paróquia, 2014.

POMERODE

Figura 256 – Residência projetada para Henrique Volkmann em 1940



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 257 – Residência projetada para Alvin Blank em 1940



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 258 – Residência projetada para Henrique Piegel em 1947



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 259 – Residência projetada para Alwin Klotz em 1947



Fonte: Street View/ Google Maps.

MASSARANDUBA

Figura 260 – Colégio salesiano projetado em 1947



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 261 – Prédio com modificação projetada por Simão Gramlich em 1947 para se tornar um hospital, Massaranduba. Anteriormente era o Convento das Irmãs Franciscanas



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 262 – Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Massaranduba. Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: Cardoso, 2015.

JARAGUÁ DO SUL

Figura 263 – Paróquia São Sebastião, Jaraguá do Sul. A construção desta igreja começou em 1958 e sua inauguração se deu em 1962



Fonte: DIOCESE, [20--?b].

SÃO BENTO DO SUL

Figura 264 – Paróquia Puríssimo Coração de Maria, São Bento do Sul. Esta igreja foi inaugurada no final da década de 1950



Fonte: Narjaramm, 2018.

Figura 265 – Antigo prédio administrativo da empresa Buschle Irmãos Ltda., projetado na década de 1940, São Bento do Sul



Fonte: Street View/ Google Maps.

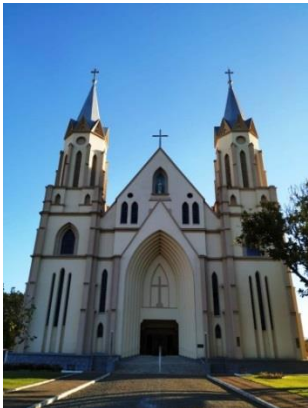
Figura 266 – Casa Zipperer, construída na década de 1950 para o então prefeito Carlos Zipperer Sobrinho. Possível projeto de Simão Gramlich



Fonte: Street View/ Google Maps.

INDAIAL

Figura 267 – Paróquia Santa Inês, Indaial. O início da construção desta igreja se deu em 1951 e sua inauguração ocorreu em 1957



Fonte: Autora.

Figura 268 – Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Indaial, Indaial



Fonte: Autora.

Figura 269 – Capela São Bonifácio, Indaial (Encano). O início da construção deste templo se deu em 1942



Fonte: Autora.

APIÚNA

Figura 270 – Paróquia Sant’Ana, Apiúna. Esta igreja foi projetada em 1948



Fonte: Autora.

ASCURRA

Figura 271 – Paróquia Santo Ambrósio, Ascurra



Fonte: Autora.

Figura 272 – Antigo teatro do Colégio Salesiano São Paulo projetado em 1944, Ascurra



Fonte: Autora.

Figura 273 – Antigo refeitório dos Padres Salesianos. Colégio Salesiano São Paulo, Ascurra. Projeto de 1943



Fonte: Autora.

Figura 274 – Teatro projetado em 1950 e inaugurado em 1955. Colégio Salesiano São Paulo, Ascurra



Fonte: Autora.

Figura 275 – Atual Pousada Nona Rosina, Ascurra. Residência projetada em 1959



Fonte: Nona, [20--?].

IBIRAMA

Figura 276 – Hansahoehe, projetado na primeira metade da década de 1930. A pedra fundamental do antigo hospital foi lançada em 1935



Fonte: Autora.

RIO DO SUL

Figura 277 – Catedral São João Batista, Rio do Sul. Projeto realizado em 1941



Fonte: Autora.

RIO DO OESTE

Figura 278 – Paróquia Nossa Senhora da Consolata, Rio do Oeste. Projeto de 1949



Fonte: Autora.

SÃO JOÃO BATISTA

Figura 279 – Paróquia São João Batista, São João Batista



Fonte: Autora.

ANTÔNIO CARLOS

Figura 280 – Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Antônio Carlos. Esta igreja foi inaugurada em 1967



Fonte: Hoffmann, 2013.

SOMBRIO

Figura 281 – Paróquia Santo Antônio de Pádua, Sombrio. A pedra fundamental desta igreja foi lançada em 1940



Fonte: Igreja, [20--?c].

SÃO JOÃO DO SUL

Figura 282 – Capela de Passo Magnus projetada em 1942, São João do Sul



Fonte: Street View/ Google Maps.

PASSO DE TORRES

Figura 283 – Capela Nossa Senhora da Piedade projetada em 1942, Passo de Torres (Currálinhos) Concórdia



Fonte: Street View/ Google Maps.

Figura 284 – Hospital São Francisco, Concórdia




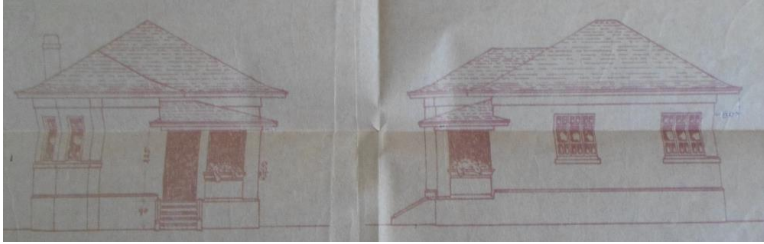

Fonte: Bertolli, 2018.

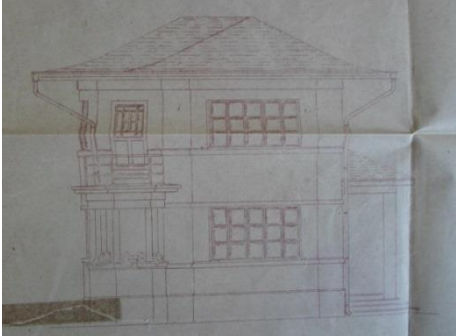
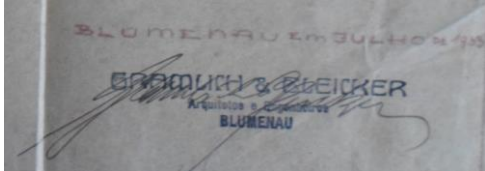
**APÊNDICE F – Projetos de Simão Gramlich para obras em Blumenau, Pomerode e
Massaranduba**


Ano: 1932	Título: Casa		
Prop.: Frederico Rabe			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: ---	Fotograma: 128	Microfilme: 001	Construtor: -----
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker / Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1932	Título: Casa		
Prop.: Frederico Vetterle			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: ---	Fotograma: 129	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker / Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1933	Título: Casa		
Prop.: Adolfo Schmalz			
End.: ---			
Reg.: ---	Fotograma: 168	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker / Livonius & Co. Seguros (na fachada).			
			

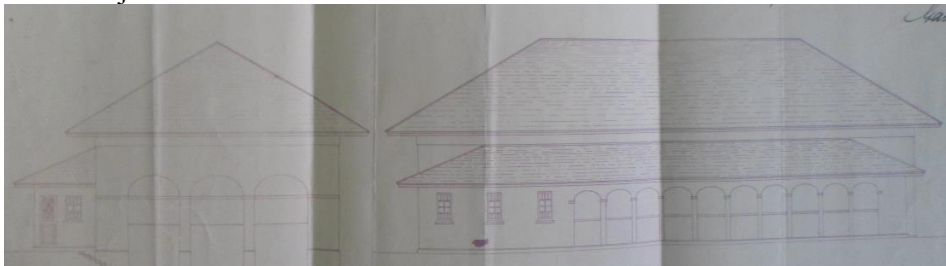
Ano: 1933	Título: Casa		
Prop.: A. Hofmann			
End.: Vila Nova			
Reg.: ---	Fotograma: 170	Microfilme: 01	Construtor: Hartwig Gaulke
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker. Foi construída, mas não se sabe se é existente. Fonte da foto: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.			
			


Ano: 1933	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: F. Landgraf			
End.: ---			
Reg.: ---	Fotograma: 182	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker.			
			

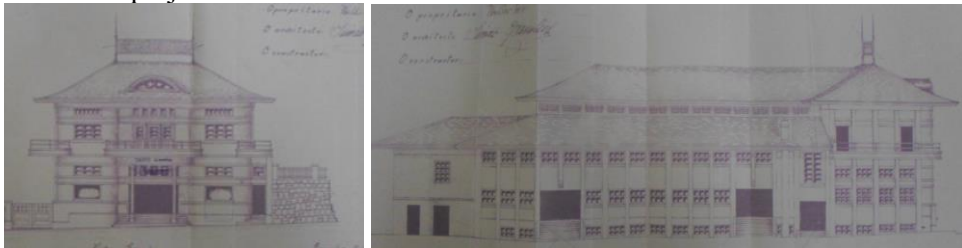
Ano: 1933	Título: Casa de Madeira		
Prop.: Dr. H. Pape			
End.: ---			
Reg.: ---	Fotograma: 194	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker.			
			

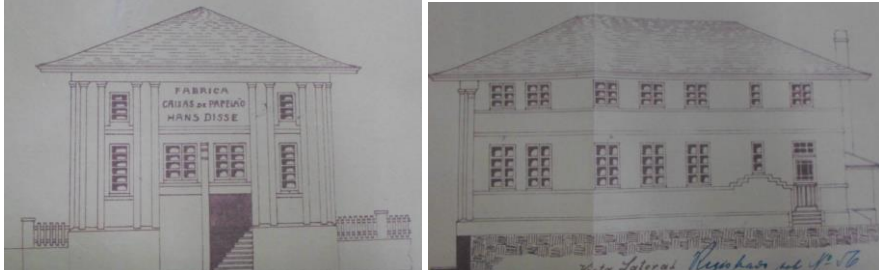
Ano: 1933	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Leopoldo Huscher			
End.: Avenida Rio Branco			
Reg.: ---	Fotograma: 201	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker			
			


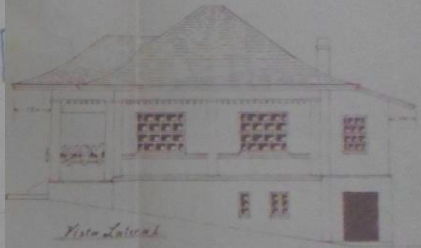

Ano: 1933	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Willy Belz			
End.: Rua Mato Grosso / Atualmente: Rua Pastor Osvaldo Hesse (mudou na dec. 1960), nº 294			
Reg.: ---	Fotograma: 217	Microfilme: 01	Construtor: ---
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker. Existente. Fonte da foto: Casa, 2014.			
 			

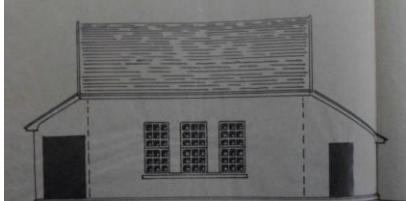
Ano: 1934	Título: Sala de Ginastica		
Prop.: Colégio Santo Antonio			
End.: ---			
Reg.: 28	Fotograma: 248	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Projeto de Gramlich e Bleicker.			
			


Ano: 1934	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Luiz Schwarz			
End.: Bom Retiro – Rua Nova / Fundos do Terreno do Sr. Fischer			
Reg.: 98	Fotograma: 318	Microfilme: 01	Construtor: Hermann Geese
Construtor: Hermann Geese			
Obs.: Esquina Rua Nova – Fischer. Ao lado de Eimer.			
			

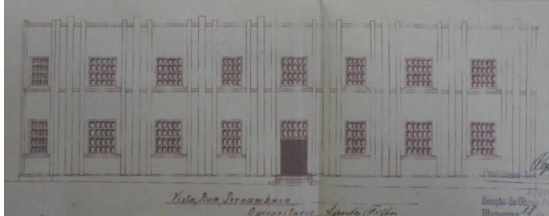
Ano: 1935	Título: Planta de uma Café		
Prop.: Walter Voss			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 14	Fotograma: 349	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Ver projeto 153 de 1946.			
			

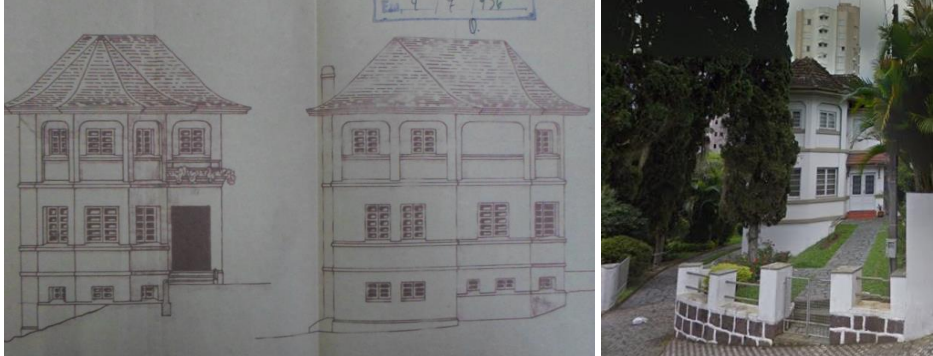
Ano: 1935	Título: Planta de uma Fábrica de Caixas de Papelão		
Prop.: Hans Disse			
End.: Rua São Paulo, nº 4			
Reg.: 56	Fotograma: 391	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: No Projeto consta nov. 1934.			
			

Ano: 1935	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Anton Fischer			
End.: Bom Retiro – Rua Anton Fischer / Atualmente: Rua Tiradentes			
Reg.: 123	Fotograma: 458	Microfilme: 01	Construtor: Hermann Geese
Obs.: (Possivelmente). Fundos Viúva Gross. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			
			


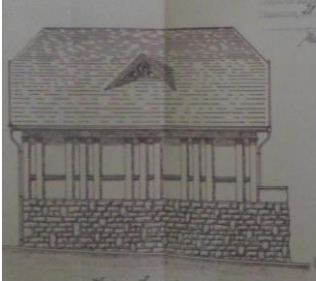
Ano: 1936	Título: Planta de uma Ranjo		
Prop.: Gustav Kummerlowe			
End.: Altona – Rua São Paulo			
Reg.: 29	Fotograma: 533	Microfilme: 01	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Kinsching (ou Hinsching), Pro?st, Kahl Filhos.			
			

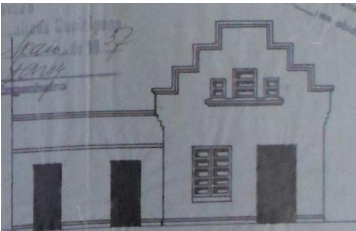
Ano: 1936	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Victor Germer			
End.: Rua 7 de Setembro, nº 273			
Reg.: 45	Fotograma: 549	Microfilme: 01	Construtor: Carlos Tiefens
Obs.: Patrimônio Tombado pelo Município, Blumenau. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

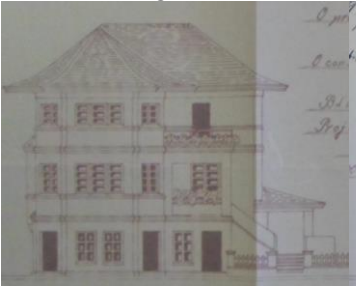



Ano: 1936	Título: Planta de uma fábrica de Caramellos, Balas e Chocolates		
Prop.: Hermann Sander			
End.: Rua Pernambuco e Rua Altona			
Reg.: 59	Fotograma: 563	Microfilme: 01	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.:			
			


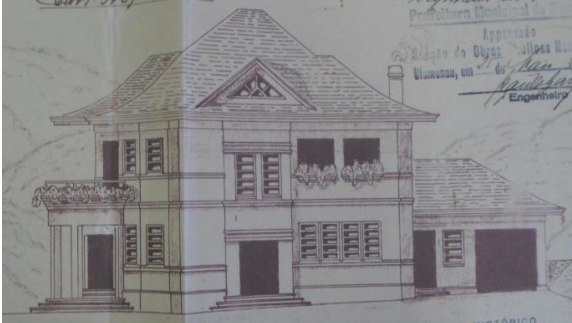
Ano: 1936	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Friedrich Sängner			
End.: Rua São Paulo – Entrada Arthur Raabe / Atualmente: Rua Timbó			
Reg.: 64	Fotograma: 568	Microfilme: 01	Construtor: Wilhelm Manke
Obs.: Vizinho de Arthur Raabe, Hosang e R. Fritsche. Demolido. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1936	Título: Planta para a ‘reconstrocção’ de casa		
Prop.: Luiz Rischbieter			
End.: Rua XV de Novembro, nº 130.			
Reg.: 105	Fotograma: 610	Microfilme: 01	Construtor: Wilhelm Manke
Obs.: Existente. Patrimônio Tombado pelo Estado. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

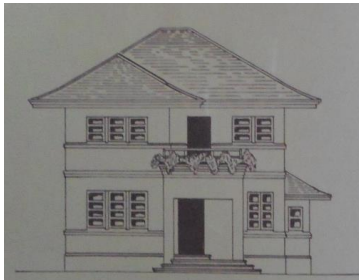
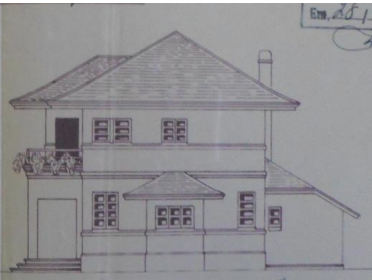
Ano: 1936	Título: Planta de uma fábrica de vinho e vinagre		
Prop.: Rudolf Thomsen			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 107	Fotograma: 612	Microfilme: 01	Construtor: ilegível
Obs.: (não identificado com exatidão, apenas terreno). Vizinho de A. Sander. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

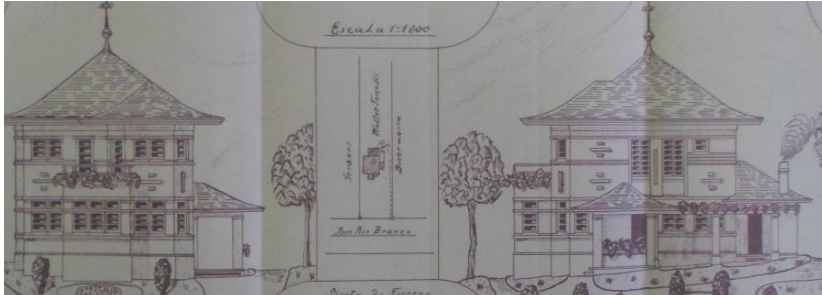
Ano: 1937	Título: Planta para a 'reconstrução' de casa		
Prop.: Albert Manzke			
End.: Rua São Paulo, nº 262 - Altona			
Reg.: 31	Fotograma: 657	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho da Senhora Franke e de Helmuth Probst.			
			


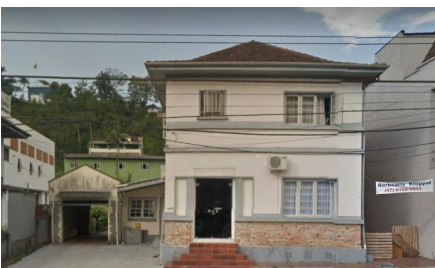
Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Jacob Schmitt			
End.: Avenida Rio Branco			
Reg.: 33	Fotograma: 659	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de V. Pauli. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			
			


Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Paulo Fritzsche			
End.: Rua Bruno Hering			
Reg.: 35	Fotograma: 661	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: No projeto consta 1936. Vizinho de Vollmer e Max Fritzsche.			
			

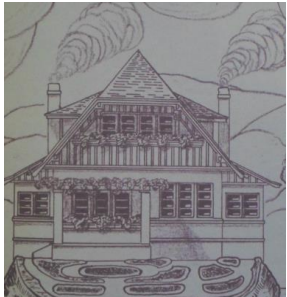

Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Otto Hennings			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 37	Fotograma: 663	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de K. Irma Gärtner e José Pelzmann.			
			



Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alfredo Lohr			
End.: Rua São Paulo (riscado), Entrada Arthur Raabe			
Reg.: 040	Fotograma: 666	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Waise e Arthur Raabe.			
			

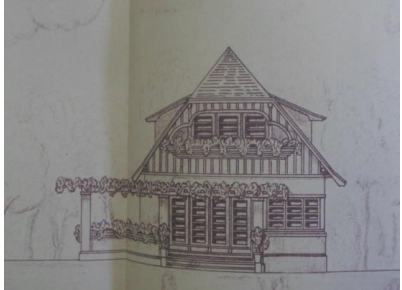

Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Walter Tonolli			
End.: Avenida Rio Branco			
Reg.: 54	Fotograma: 680	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Feschner à esquerda e Bonnemasou à direita. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alfonso Oliveira			
End.: Rua São Paulo, nº 440			
Reg.: 69	Fotograma: 695	Microfilme: 02	Construtor: ilegível
Obs.: Vizinho de E. Schneider e V. Weis. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: João Pradi			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 72	Fotograma: 698	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Bonnemasou nos dois lados. Possivelmente demolida.			
			

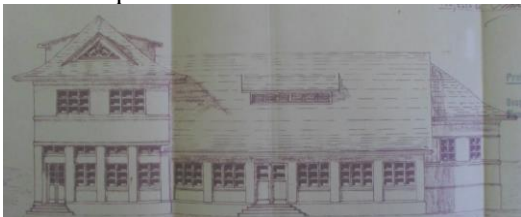
Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Rudolf Frisch			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 81	Fotograma: 706	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.:			
			

Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erna Zinkhahn			
End.: Rua Minas Gerais			
Reg.: 87	Fotograma: 712	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Manke
Obs.: Vizinha de Gropp e Zinkhahn.			
			


Ano: 1937	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Fritz Reimer			
End.: Rua São Paulo – Entrada Arthur Raabe / Atualmente: Rua Timbó, nº 228.			
Reg.: 89	Fotograma: 714	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1937	Título: Planta de um ranjo		
Prop.: Albert Manske			
End.: Rua São Paulo, nº 62 – Itoupava Seca			
Reg.: 99	Fotograma: 724	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			
			



Ano: 1937	Título: Planta de uma Fábrica		
Prop.: Firma Benefib. Sociedade LTDA.			
End.: Bairro Itoupava Seca – Perto Rua Bahia			
Reg.: 100	Fotograma: 725	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Herdeiros de Ra?elan, Ernesto Georg, Christiano Pedro Feddersen, e Würges.			
			

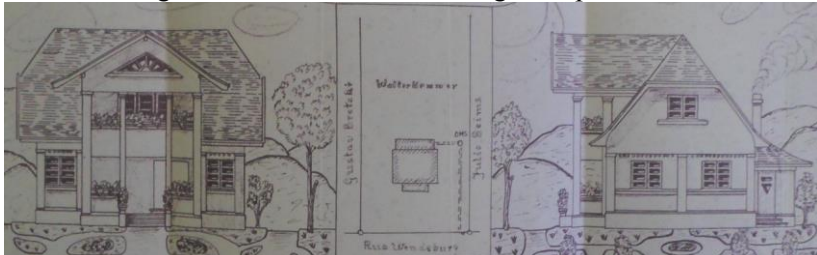

Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Germano Heidorn			
End.: Pomerode			
Reg.: s/n	Fotograma: 736	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Esquina.			
			

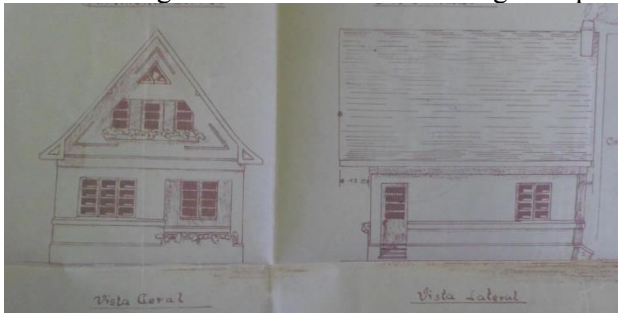
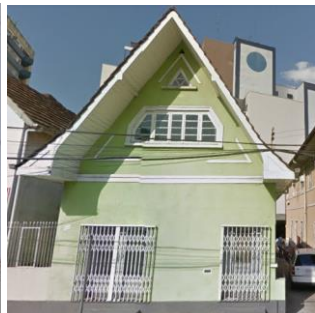
Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alfred Gossweiler			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 01	Fotograma: 738	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: No projeto consta nov. de 1937. Antiga "Casa Movelar". Fonte da foto: Wille Kalender, 1940.			
			


Ano: 1938	Título: Planta para reconstrução da casa		
Prop.: Willy Fischer			
End.: Rua Goyas, nº 64 - Velha			
Reg.: 15	Fotograma: 752	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa - aumento		
Prop.: Friedrich Sanger			
End.: Rua São Paulo - entrada Arthur Raabe / Rua Timbo			
Reg.: 16	Fotograma: 753	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Ver 1936 Reg. 64.			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Adelia Gomes			
End.: Rua São Paulo, nº 450			
Reg.: 24	Fotograma: 761	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Reg.de endereço colocado pela prefeitura está errado (Rua XV de nov.). Vizinha de Schneider e Afonso Oliveira. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Walter Hemmer			
End.: Rua Wendeburg / Atualmente: Rua João Pessoa.			
Reg.: 26	Fotograma: 763	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: No projeto consta 1937. Vizinhos: Gustav Bretzki e Julio Bems. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Helmut Hadlich			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 32	Fotograma: 767	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Existente. Possivelmente nº 288. Vizinho de Helmut Hadlich (casa – esquerda) e Ewald Hadlich (Oficina – direita). Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Gusti Bischof			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 34	Fotograma: 769	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Terrenos vizinhos: Viúva Fouquet, Erich Kleine, Hans Hauer, Emil Furk, Artur Fouquet, Oficina Haas.			
			

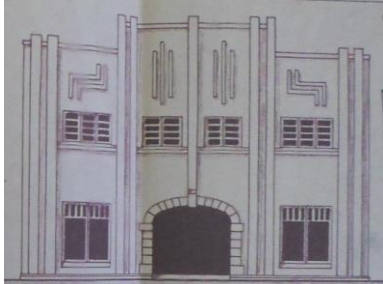

Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Afonso H. Schubert			
End.: Rua Wendeburg / Hoje João Pessoa			
Reg.: 36	Fotograma: 771	Microfilme: 002	Construtor: Wilhelm Manke
Obs.: Vizinho de Butzke. Esquina.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Udo Restner			
End.: Rua Bom Retiro / Hoje Rua Marechal Floriano Peixoto.			
Reg.: 39	Fotograma: 774	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho do Colégio Família nas laterais e nos fundo, de Julho Oliveira.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Richard Padaratz			
End.: Rua São Paulo – Beco do Cantin			
Reg.: 40	Fotograma: 775	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Henrique Fadmann, José Baum, e Jacob Kestel.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Arno Probst			
End.: Rua Minas Gerais / Atualmente: Rua Itajaí (desde 1949)			
Reg.: 41	Fotograma: 776	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Germano Radke. Aos fundos, o rio.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Wilhelm Mahnke			
End.: Rua Wendeburg - Velha / Rua João Pessoa			
Reg.: 42	Fotograma: 777	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Ruminsky.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de um Hall		
Prop.: Casa Moellmann			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 46	Fotograma: 781	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			



Ano: 1938	Título: Planta para construção d'uma oficina		
Prop.: Ricardo Peiter			
End.: Rua 4 de Fevereiro			
Reg.: 51	Fotograma: 786	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Curt Hering, Herdeiros de Buechle e escritório de John Freshl.			
			



Ano: 1938	Título: Planta para construção da casa		
Prop.: Arhtur Hansen			
End.: Rua Madeira - Fundos			
Reg.: 053	Fotograma: 788	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			
			

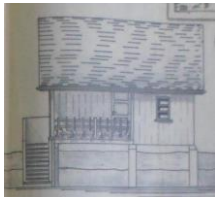
Ano: 1938	Título: Planta para construção da casa		
Prop.: Ricardo Schaefer			
End.: Rua São Paulo - fundos			
Reg.: 55	Fotograma: 790	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Oscar Gross, H. Buhr e estrada de ferro. Estrada de ferro em frente da Rua São Paulo.			
			



Ano: 1938	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Bruno Losse			
End.: Rua Gottliebe Reif – Itoupava Seca			
Reg.: 57	Fotograma: 792	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Otto Jensen e Richard Kobal.			
			


Ano: 1938	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Henrique Duggen			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 59	Fotograma: 794	Microfilme: 02	Construtor: ilegível
Obs.:			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erich Karmann			
End.: Rua Brusque / Atualmente: Rua Namy Deeke			
Reg.: 60	Fotograma: 795	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho do Dr. Raabe, e Otto Sonnemann. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Walter Strauch			
End.: Blumenau			
Reg.: 62	Fotograma: 797	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Recorte de imagem feito pela autora. Fonte da foto: O Vale, 1950.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Erwin Hadlich			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 77	Fotograma: 812	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Próximo à casa de David Westeineier.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Emilio Rosemann			
End.: Rua Wendeburg / Atualmente: Rua João Pessoa			
Reg.: 78	Fotograma: 813	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Gustavo Meineke e Paulo Schindler. Nos fundos do terreno, passa o Ribeirão das Pedras. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1938	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: João Paul Grosch			
End.: Rua Piauí / Atualmente: Rua Alwin Schrader (desde 1949)			
Reg.: 81	Fotograma: 816	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Muller Hering e terreno da Sociedade Atiradores.			
			

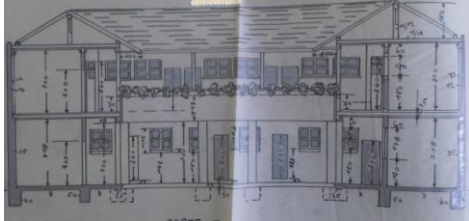
Ano: 1938	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: José Reuter			
End.: Bairro Velha – Rua Wendeburg			
Reg.: 87	Fotograma: 822	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Arthur Blodeck e Viúva D. Sutter. Nos fundos, Ribeirão da Velha.			
			

Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Leopoldo Mathes			
End.: Rua Vila Nova			
Reg.: 105	Fotograma: 840	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de José Bento e Cineso Mald.			
			

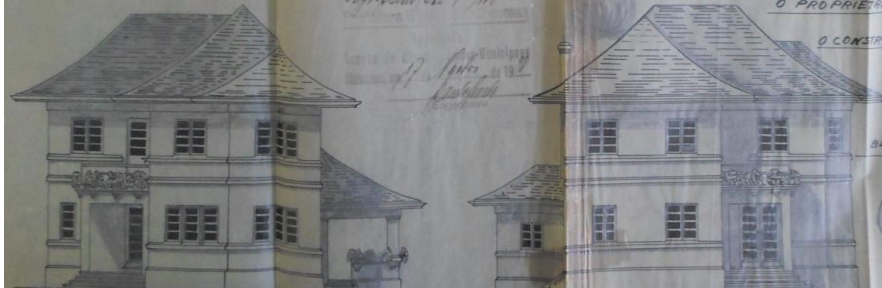
Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Rodolf Heinzle			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 108	Fotograma: 843	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Henrique Farthmann. Nos fundos, Estrada de Ferro. Inexistente.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Humberto Sada			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 110	Fotograma: 845	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: No projeto consta 1937.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma vitrine para a frente da casa		
Prop.: Berta Brandes			
End.: Rua XV de Novembro, nº 770			
Reg.: 112	Fotograma: 847	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.:			

Ano: 1938	Título: Planta do aumento do hotel		
Prop.: Hotel Leopoldo Strobel			
End.: Rua 4 de fevereiro, nº 4			
Reg.: 115	Fotograma: 850	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Peiter, Laux e Probst.			
			


Ano: 1938	Título: Planta para a reconstrução da casa		
Prop.: Helmut Hadlich			
End.: Rua São Paulo / Atualmente: nº 300.			
Reg.: 116	Fotograma: 851	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Existente.			
Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Roberto Bayer			
End.: Rua da Estação – Rua São Paulo			
Reg.: 118	Fotograma: 853	Microfilme: 02	Construtor: ilegível
Obs.: Vizinho do terreno do Grupo Escolar Luiz Delfino, da Rua São Paulo, da Rua da Estação, do Barranco e do Ribeirão da Velha.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Brunhardo Hausmann			
End.: Itoupava Seca – Rua Nova.			
Reg.: 123	Fotograma: 858	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Edmundo Wagner e Eugenio Haagen. Nos fundos, Ribeirão.			
			


Ano: 1938	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Carlos Domnining			
End.: Rua Bom Retiro / Hoje Rua Marechal Floriano Peixoto (desde 1948)			
Reg.: 127	Fotograma: 862	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho da Viúva Brandes e de Udo Kestner.			
			

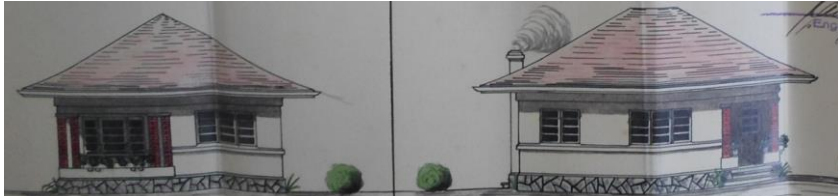
Ano: 1938	Título: Planta para aumento da casa		
Prop.: Ewald Hadlich			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 128	Fotograma: 863	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Erich Zwicker.			


Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Oscar Rahn			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 02	Fotograma: 873	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			
			


Ano: 1939	Título: Planta da reconstrução e 'augmentação' da casa		
Prop.: Carlos Mayer			
End.: Massaranduba Central			
Reg.: 02 (?)	Fotograma: 874	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Possível erro no número de registro.			
			

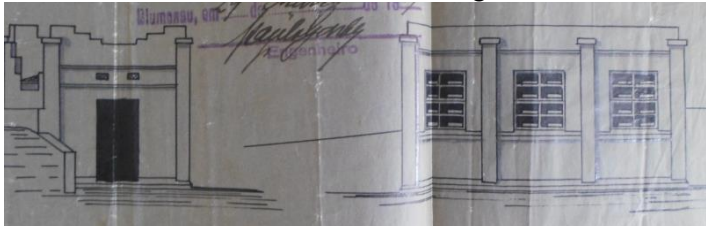
Ano: 1939	Título: Planta de um officina		
Prop.: Carlos Göde			
End.: Pomerode			
Reg.: 04	Fotograma: 879	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			
			

Ano: 1939	Título: Planta de uma rancho		
Prop.: Arno Krüger			
End.: Pomerode			
Reg.: 05	Fotograma: 881	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			
			


Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erich Selke			
End.: Pomerode			
Reg.: 06	Fotograma: 883	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			
			

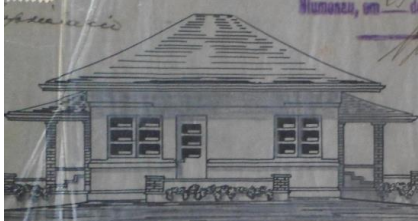

Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erich Krüger			
End.: Rua Altona – Itoupava Seca			
Reg.: 14	Fotograma: 893	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Fiscalização da construção: Simão Gramlich.			
			

Ano: 1939	Título: Planta de uma casa madeirante		
Prop.: Isabela Abreu			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 15	Fotograma: 894	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Nos fundos da casa da Viúva Weise, vizinha de Oliveira e Machado.			
			


Ano: 1939	Título: Planta de uma oficina		
Prop.: Oscar Rudiger			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 23	Fotograma: 902	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Dürk e Alfredo Baumgarten.			
			


Ano: 1939	Título: Planta para a reconstrução e 'augmentação' da casa		
Prop.: Alcides Garcia			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 26	Fotograma: 905	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Construtor: Henrique Bruckheimer			
Obs.: Vizinho de Otto Laux e Hotel Cruzeiro. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1939	Título: Planta da reconstrução da casa		
Prop.: Leopoldo Raabe			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 27	Fotograma: 906	Microfilme: 02	Construtor: H. Grewsmühl
Obs.: Vizinho de Fried Raabe, Filho e Arthur Raabe. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			



Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erich Georg			
End.: Rua Bahia			
Reg.: 35	Fotograma: 914	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Walter Brechtel e Comp. Salinger.			
			

Ano: 1939	Título: Planta da reconstrução da casa		
Prop.: Rudolfo Thomsen			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 39	Fotograma: 918, 919	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1939	Título: Planta da reconstrução da casa		
Prop.: George Dahlmann			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 43	Fotograma: 923	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Koffke. Terrenos fazem limite, à esquerda, com uma rua.			
			

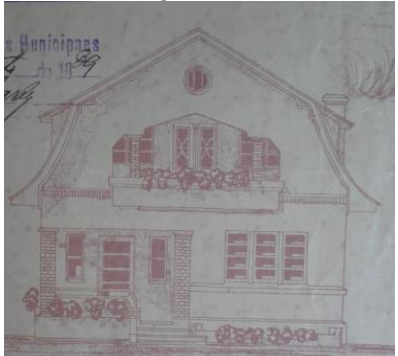

Ano: 1939	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Candido Klein			
End.: Itoupava Seca			
Reg.: 53	Fotograma: 932	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho de Viúva Thomsen, Oswaldo Ewald., Walter Thomsen, Guilherme Teewe, Rua projetada.			
			


Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Arnaldo Manske			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 54, 55	Fotograma: 933, 934	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho do terreno de Germano Sander, esquina com a Rua que vai para a Estação de Ferro. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Waldemar Spranger			
End.: Alameda Rio Branco			
Reg.: 57	Fotograma: 936	Microfilme: 02	Construtor: Francisco Treska Jr.
Obs.: Vizinho do Campo Blumenauense e Bonnemasou. / Possivelmente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

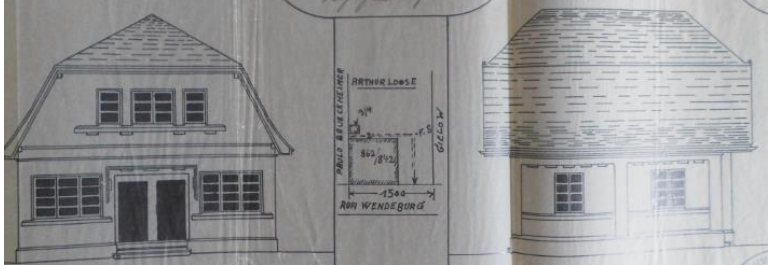

Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Rudolfo Kander			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 58	Fotograma: 937	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho da Viúva Hindelmeier e Erich Steinbach. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1939	Título: Planta de um ponto para lavar automóvel		
Prop.: Arno Gaertner			
End.: Rua Parayba			
Reg.: 60	Fotograma: 939	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Richbieter e Magnani.			


Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Augusto Werner			
End.: Rua Bom Retiro – Rua Projetada / Atualmente: Rua Belém (Desde 1952).			
Reg.: 62	Fotograma: 941	Microfilme: 02	Construtor: Francisco Treska Jr.
Obs.: Vizinho de Viúva Fischer, Willy Proschinski, Rua Projetada. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

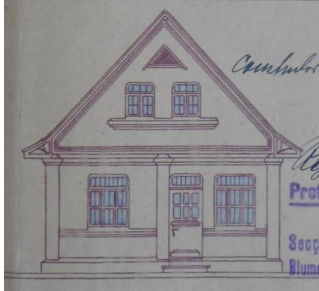

Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alberto Soares			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 64	Fotograma: 942, 943	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Machado e de caminho particular.			
			

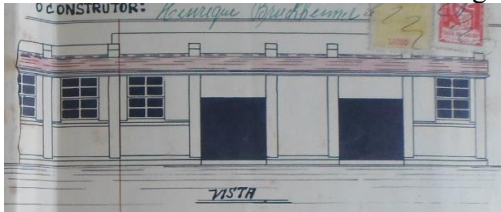
Ano: 1939	Título: Planta para 2 casas de madeira		
Prop.: Erico Kellermann			
End.: Rua Jararaca – Velha			
Reg.: 71	Fotograma: 950	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Rua particular Rüdiger. Vizinho de Rodolfo Rüdiger Jr e Ferdinand Bernhardt.			
			

Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Arthur Loose			
End.: Rua Wendeburg / Atualmente: Rua João Pessoa, nº 1619			
Reg.: 81	Fotograma: 960	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Paulo Brueckheimer e Gielow. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			



Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Rudolfo Strassmann			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 84	Fotograma: 963	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Talvez Rua São Paulo 1695.			
			



Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erwin Schneider			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 85	Fotograma: 965	Microfilme: 02	Construtor: Francisco Treska Jr.
Obs.: Vizinho de Fritz Eltermann.			
			



Ano: 1939	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Henrique Bittelbrunn			
End.: Rua Wendeburg / Atualmente: Rua João Pessoa			
Reg.: 93	Fotograma: 972	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Jacob Treiss. Nos fundos do terreno passa o Ribeirão da Velha. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1939	Título: Planta de um aumento da oficina mecânica		
Prop.: Oscar Rudiger			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 95	Fotograma: 974	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Dürk e Alfredo Baumgarten.			
			


Ano: 1939	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: José Kugler			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 100	Fotograma: 979	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			


Ano: 1939	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Fritz Wolfram			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 107	Fotograma: 986	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Augusto Isleb e Leopoldo Bürger.			
			


Ano: 1939	Título: Planta para duas casas		
Prop.: Eduardo Tierling			
End.: Itoupava Seca			
Reg.: 109	Fotograma: 988	Microfilme: 02	Construtor: Wilhelm Mahnke
Obs.: Vizinho de Arthur Dietrich.			
			



Ano: 1939	Título: Planta da reconstrução da casa		
Prop.: Manoel Machado			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 115	Fotograma: 994	Microfilme: 02	Construtor: Francisco Treska Jr.
Obs.: Vizinho de Alberto Soares e Erwino Hadlich. Possivelmente. A localização confere. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de um sanatório		
Prop.: Germano Gehrman			
End.: Pomerode			
Reg.: 01	Fotograma: 05, 06	Microfilme: 02	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Guilherme Weege			
End.: Pomerode			
Reg.: 02	Fotograma: 09	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Estrada Geral Blumenau – Jaraguá.			
			


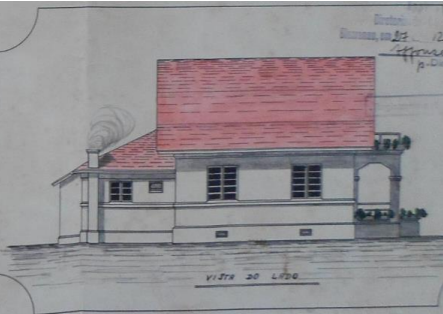

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa / Pavilhão de um jardim		
Prop.: Germano Gehrman			
End.: Pomerode			
Reg.: 03, 04	Fotograma: 12, 13	Microfilme: 02	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Fritz Wachholz.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Guilherme Ziehlsdorf			
End.: Estrada Testa Margem esquerda			
Reg.: 5	Fotograma: 16	Microfilme: 02	Construtor: Adão Maba
Obs.: Vizinho de Carlos Ninow e Germano Weege.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alvin Blank			
End.: Pomerode			
Reg.: 07	Fotograma: 19	Microfilme: 02	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Buerguer e Farmacêutico Jacobsen. Nos fundos, Rio Testo e na frente, Estrada Geral Blumenau-Jaraguá. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Walter Raduenz			
End.: Pomerode			
Reg.: 08	Fotograma: 21	Microfilme: 02	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Blase.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Emilio Zielzdorf			
End.: Estrada Testo Margem esquerda			
Reg.: 9	Fotograma: 23	Microfilme: 02	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Guilherme Zielzdorf e Guilherme Ninow. Nos fundos, Rio Testo e na frente, Estrada texto, margem esquerda.			
			

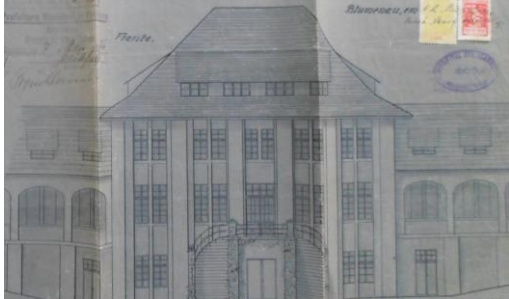
Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Henrique Volkmann			
End.: Pomerode			
Reg.: 10	Fotograma: 25	Microfilme: 02	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Edmundo Weege e Alvino Konell. Estrada Blumenau – Jaraguá. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Martinho Cardoso da Veiga			
End.: Rua Paulo Zimmermann			
Reg.: 24	Fotograma: 39	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Descrição da Prefeitura diz Rua XV de Novembro. Vizinho de Hans Toenjes, Luiz Richbieter, André Sada, Gil Fausto de Souza e Fischer.			
			

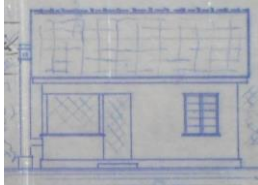
Ano: 1940	Título: Planta para a construção de uma casa		
Prop.: Anna Toenjes			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 27	Fotograma: 42	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinha da casa dos Padres, Carlos Wahle e nos fundos, o rio.			


Ano: 1940	Título: Planta de uma lavanderia		
Prop.: Rodolfo Kander			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 38	Fotograma: 52	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.:			

Ano: 1940	Título: Planta para 2 muros frontais		
Prop.: José Kugler			
End.: Rua Parayba			
Reg.: 43	Fotograma: 57	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			


Ano: 1940	Título: Planta para a construção do aumento da parte central do Hospital Sta. Isabel		
Prop.: Hospital Santa Isabel			
End.: Rua Floriano Peixoto			
Reg.: 64	Fotograma: 79	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Max Konrad			
End.: Rua Lauro Muller / Terreno com frente para Avenida Rio Branco.			
Reg.: 68	Fotograma: 83	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Augusto Deschner e Viúva Zinkhahn. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1940	Título: Planta para construir uma casa de madeira		
Prop.: Helmuth Bernhartt			
End.: Rua Wendeburg – Fundos. Beco Passig.			
Reg.: 69	Fotograma: 84	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			
			

Ano: 1940	Título: Planta para a construção da casa de madeira		
Prop.: Adolfo Janote			
End.: Rua Wendeburg – Beco Berndt / Atualmente: Rua Jaraguá			
Reg.: 71	Fotograma: 87	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			
			

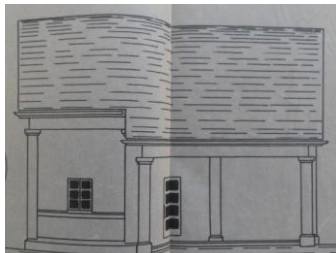
Ano: 1940	Título: Planta da reconstrução da casa		
Prop.: Wendelin Karsten			
End.: Rua XV de Novembro, nº 1316.			
Reg.: 75	Fotograma: 91	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Bernhardt Irmãos e G. Pawlowski. Existente. Patrimônio Tombado pelo estado. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Luiz João Victorino			
End.: Vila Nova – Rua B			
Reg.: 84	Fotograma: 100	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho da Viúva Maria Brunner e Herdeiros Th. Holtrupp.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Arno Probst			
End.: Rua Minas Gerais / Atualmente: Rua Itajaí.			
Reg.: 85	Fotograma: 101	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho da Viúva de Germano Radke. Fundos com o rio.			
			


Ano: 1940	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Arnaldo Schreiber			
End.: Rua Amazonas - Garcia			
Reg.: 86	Fotograma: 102	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Oswaldo Schreder e Roberto Baier.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Hugo Rüdiger			
End.: Rua Dr. Amadeu da Luz			
Reg.: 87	Fotograma: 103	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Elpidio Silva, Alfredo Greul e herdeiros Hugo Rüdiger e Alberto Neitzel.			

Ano: 1940	Título: Planta de um rancho		
Prop.: Fredy Wachholz			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 88	Fotograma: 104	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Celso Liberato e Germano Ricklin.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Teodoro Holz			
End.: Vila Nova			
Reg.: 90	Fotograma: 106	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Emilio Mathes e Herdeiros Werner. Caminho particular projetado.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: João Roedel			
End.: Rua Jararaca			
Reg.: 91	Fotograma: 107	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Entre Rua Jararaca e Rua Madeira. Vizinho de Erico Kellermann.			
			


Ano: 1940	Título: Planta para a construção de um 'piccadouro'		
Prop.: Santiago Cemin			
End.: Rua Amazonas - Garcia			
Reg.: 92	Fotograma: 108	Microfilme: 02	Construtor: Walter Schneider
Obs.: Vizinho de Luis Linoner e Caminho Particular.			
			
Ano: 1940	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Ireno Dias			
End.: Rua Minas Gerais			
Reg.: 94	Fotograma: 110	Microfilme: 02	Construtor: ----
Obs.: Vizinho de Ricardo Gropp e Alberto Gropp.			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Leopoldo Wachholz			
End.: Rua Piaui / Atualmente: Rua Alwin Schrader.			
Reg.: 95	Fotograma: 111	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Erico Klueger e José Oliveira.			





Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Anísio Dortas			
End.: Rua 7 de Setembro			
Reg.: 98	Fotograma: 114	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Caminho particular. Vizinho de Coelho e Henrique Michels.			
			

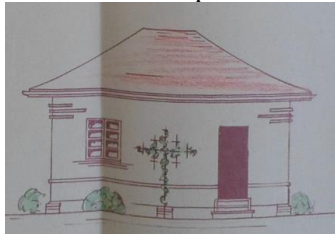
Ano: 1940	Título: Planta para a construção de um 'piccadouro'		
Prop.: Hilda Kuchenbaecker			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 99	Fotograma: 115	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinha de Tiefensee e Lippel.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: João Juvencio			
End.: Beco do Hospital Santa Catarina			
Reg.: 103	Fotograma: 119	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Pamplona e Schlepper.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Angelo Elias			
End.: Rua das Cabras / Atualmente: Rua Pedro Krauss Sênior.			
Reg.: 109	Fotograma: 125	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Antonio Domingos e Krause.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Augusto Seefeld			
End.: Vila Nova			
Reg.: 110	Fotograma: 126	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Emilio Mathes.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Osvaldo dos Santos			
End.: Rua das Cabras			
Reg.: 112	Fotograma: 128	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.:			
			

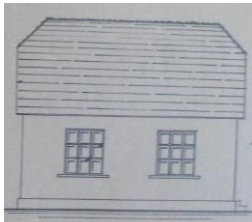
Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Francisco Coelho			
End.: Rua 7 de Setembro			
Reg.: 113	Fotograma: 129	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Caminho particular. Vizinho de Henrique Michels e Bret Co.			
			


Ano: 1940	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Alfredo Beims Junior			
End.: Rua Wendeburg / Beco Huewes.			
Reg.: 115	Fotograma: 131	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.:			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Jacó Eberhardt			
End.: Blumenau			
Reg.: 117	Fotograma: 133	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Fabian e Zadrosny.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Hermínio Sebastião da Silva			
End.: Rua das Cabras / Atualmente: Rua Pedro Krauss Sênior			
Reg.: 118	Fotograma: 134	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Viúva Castelain e Krause.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Leopoldo Petermann			
End.: Garcia			
Reg.: 122	Fotograma: 138	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Froeschel, Muller e Luiz Mathes.			
			

Ano: 1940	Título: Planta para a reforma da fachada da casa		
Prop.: Paulo Budag			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 125	Fotograma: 141	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			
			

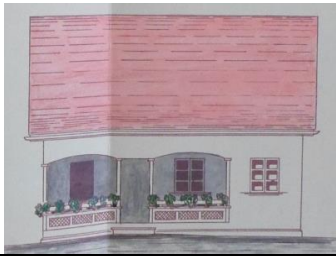
Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Luiz Zen			
End.: Rua Odebrecht			
Reg.: 126	Fotograma: 142	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Sasser e Gloeber.			
			


Ano: 1940	Título: Planta para a modificação da casa		
Prop.: Frederico Holetz			
End.: Rua XV de Novembro, nº 1340			
Reg.: 127	Fotograma: 143	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			


Ano: 1940	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Bruno Radke			
End.: Rua Minas Gerais			
Reg.: 135	Fotograma: 151	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Viúva Emma Radke e Geraldo Goebler.			

Ano: 1940	Título: Planta da reconstrução da casa		
Prop.: Paulo Hering			
End.: Travessa Krohberger			
Reg.: 136	Fotograma: 152	Microfilme: 02	Construtor: H. Grewsmühl
Obs.: Vizinho de Arthur Koehler.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Vva. Ida Schneider			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 142	Fotograma: 158	Microfilme: 02	Construtor: Walter Schneider
Obs.: Vizinha de Zwicker e Osvaldo Paul.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Eugenio Mathes			
End.: Rua Germano Hering			
Reg.: 146	Fotograma: 162	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Oswaldo e Henrique Otte.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Rolando Koch			
End.: Rua Minas Gerais / Atualmente: Rua Itajaí.			
Reg.: 149	Fotograma: 165	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinha de Rodolfo Kander e Pedro Macolino. Nos fundos, o rio.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Paulo Bruckheimer			
End.: Rua Gustavo Salinger			
Reg.: 151	Fotograma: 167	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho da Viúva Leicht e da Viúva Baun.			
			

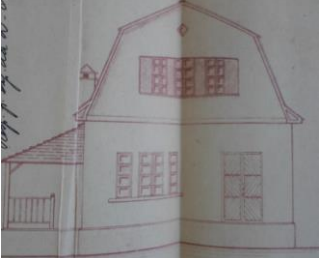
Ano: 1940	Título: Planta para um muro		
Prop.: Arno Probst			
End.: Rua Minas Gerais			
Reg.: 153	Fotograma: 169	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			


Ano: 1940	Título: Planta do aumento de uma varanda da casa		
Prop.: Arthur Manske			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 156	Fotograma: 172	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Germano Radke.			

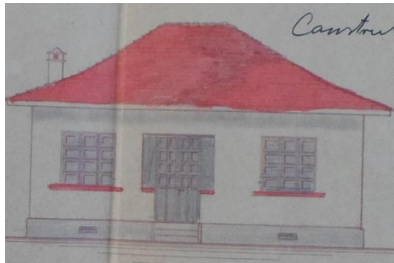
Ano: 1940	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Herbert Schmidt			
End.: Rua 7 de setembro			
Reg.: 158	Fotograma: 174	Microfilme: 02	Construtor: Franz von Knoblauch
Obs.: Vizinho de Willy Sievert, José Brum e Francisco Oliveira. Fundos com rua do cemitério.			
			

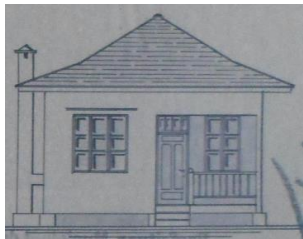
Ano: 1940	Título: Planta de uma fossa séptica		
Prop.: Max Konradt			
End.: ---			
Reg.: 164	Fotograma: 180	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Pedro Reinlein			
End.: Rua Gottlieb Reif			
Reg.: 165	Fotograma: 181	Microfilme: 02	Construtor: Willi Schwetzfeger – Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Klock e O. Jensen.			
			

Ano: 1940	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Hermann Mantau			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 168	Fotograma: 184	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho do Banco Agrícola de Comércio de Blumenau e do Herdeiro de Werner.			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Rodolfo Buerger			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 169	Fotograma: 185	Microfilme: 02	Construtor: Hugo Hoffmann
Obs.: No projeto 193 de 1940, Rodolfo Buerger aparece como proprietário das terras da Rua João Pessoa com a Rua Jaraguá, na esquina à esquerda, à direita, o proprietário é Obermeier.			
			

Ano: 1940	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Norberto Boss			
End.: Vila Nova			
Reg.: 173	Fotograma: 189	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Manuel Machado.			
			

Ano: 1940	Título: Planta para a construção da casa		
Prop.: Romilda Xavier			
End.: Beco do Hospital			
Reg.: 174	Fotograma: 190	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			
			

Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Frida Ullmdorf			
End.: Rua Glória			
Reg.: 179	Fotograma: 193	Microfilme: 02	Construtor: Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinha dos herdeiros Mathes, Luiza Oliveira e Holtrupp.			
			

Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Alfred Kreisel			
End.: ---			
Reg.: 181	Fotograma: 195	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			

Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Guilherme Benjamin			
End.: Rua Blumenau			
Reg.: 182	Fotograma: 196	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			

Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Herberto Grall			
End.: ---			
Reg.: 183	Fotograma: 197	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			

Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Carl Krüger			
End.: Rua Blumenau			
Reg.: 184	Fotograma: 198	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			


Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Alfredo Wirlelmann			
End.: Rua Blumenau			
Reg.: 186	Fotograma: 200	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			

Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Emilio Rosemann			
End.: ---			
Reg.: 187	Fotograma: 201	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			

Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Germano Schaeffer			
End.: ---			
Reg.: 188	Fotograma: 202	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			


Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 4 pessoas		
Prop.: Leopoldo Mathes			
End.: ---			
Reg.: 191	Fotograma: 205	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			


Ano: 1940	Título: Planta do aumento da casa de madeira		
Prop.: João Mohr			
End.: Vila Nova			
Reg.: 192	Fotograma: 206	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Belchor Cunha, Emil Mathes e Bladon.			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Adolfo Janote			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 193	Fotograma: 207	Microfilme: 02	Construtor: Franz von Knoblauch
Obs.:			
			


Ano: 1940	Título: Fossa séptica para 6 pessoas		
Prop.: Paulo Schmidt			
End.: ---			
Reg.: 195	Fotograma: 209	Microfilme: 02	Construtor: -----
Obs.:			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Francisco Strube			
End.: Travessa Jararaca			
Reg.: 196	Fotograma: 210	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho da Viúva Dorothea Hering. Rua Projetada.			
			


Ano: 1940	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Rudolfo Luebke			
End.: Rua Wendeburg – Beco Berndt			
Reg.: 197	Fotograma: 211	Microfilme: 02	Construtor: Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho de Berndt.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Max Huscher			
End.: Alameda Rio Branco / Prolongamento da Avenida Rio Branco – Possivelmente Rua Hermann Huscher.			
Reg.: 02	Fotograma: 219	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinhos de Germano Huscher à esquerda e Herdeiros Herbst à direita.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Henrique Butzke			
End.: Pomerode			
Reg.: 02	Fotograma: 221	Microfilme: 02	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de G. Ninow e A. Günther.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Hermann Schwanke			
End.: Pomerode			
Reg.: 04	Fotograma: 225	Microfilme: 02	Construtor: Adão Maba
Obs.:			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Henrique Michels			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 10	Fotograma: 231	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: No Projeto consta out. de 1940. Vizinho de Antonio Reinert e Banco Nacional do Comercio. Existente.			
Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa / Licença para 'conserto' pintura e colocação de 4 janelas.		
Prop.: Simão Gramlich			
End.: ---			
Reg.: 15	Fotograma: 236	Microfilme: 02	Construtor: ----
Obs.:			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Alfredo Schreiber			
End.: Rua Amazonas – Caminho Particular.			
Reg.: 22	Fotograma: 243	Microfilme: 02	Construtor: Franz von Knobauch
Obs.:			
			

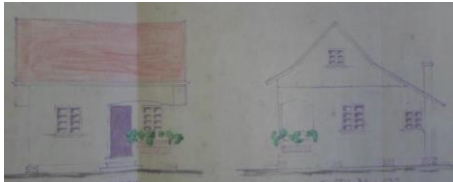
Ano: 1941	Título: Planta de um alpendre		
Prop.: Rolf Krieck			
End.: Rua Wendeburg - Velha			
Reg.: 24	Fotograma: 245	Microfilme: 02	Construtor: Hugo Hoffmann
Obs.: Vizinho da Viúva Bertoli.			
			

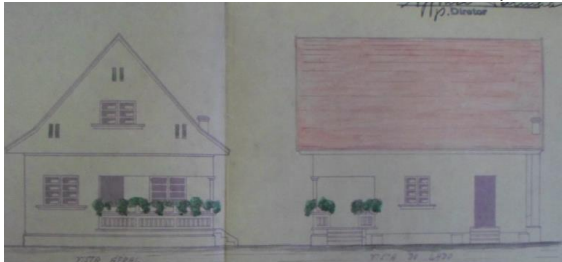
Ano: 1941	Título: Planta de uma garagem		
Prop.: João Pradi			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 34	Fotograma: 255	Microfilme: 02	Construtor: Franz von Knobach
Obs.: Vizinho de Bonnemasou.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de moradia, sala de photo e vidraçaria		
Prop.: Oswaldo Otte			
End.: Rua XV de Novembro, nº 724 e 730			
Reg.: 37	Fotograma: 258	Microfilme: 03	Construtor: H. Grewsmuhl
Obs.: Vizinho de W. Haufe e Schmalz. Rio nos fundos.			
			


Ano: 1941	Título: Planta da modificação da escada e da construção de um galpão nos fundos da marcenaria		
Prop.: Gertrudes Hindelmayer			
End.: Alameda Rio Branco			
Reg.: 38	Fotograma: 259	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: No projeto da fachada há um carimbo: "Cópias de projetos (?) Baumgarten".			
			

Ano: 1941	Título: Planta de um aumento		
Prop.: Herbert Schmidt			
End.: Rua 7 de setembro			
Reg.: 39	Fotograma: 260	Microfilme: 03	Construtor: Franz von Knoblauch
Obs.: Vizinho de Willy Sievert, Francisco Oliveira e José Baum. Nos fundos, Rua do Cemitério.			
			



Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Arthur Fucks			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 57	Fotograma: 278	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.:			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alfred Guntter			
End.: Rua Madeira			
Reg.: 58	Fotograma: 279	Microfilme: 03	Construtor: Willy Schwetzfeger
Obs.: Vizinho dos herdeiros de R. Gaulke, e Krepsky.			
			

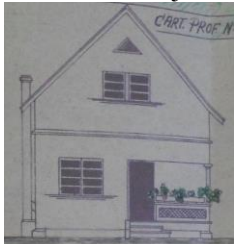
Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Adolfo Janotte			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 59	Fotograma: 280	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Ver Reg. 193 de 1940.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Fritz Feldmann			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 60	Fotograma: 281	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Caminho. Vizinho de Braun e Sieverdt.			
			


Ano: 1941	Título: Planta da Reconstrução da Casa		
Prop.: Henrique Michels			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 71	Fotograma: 292	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Ver projeto 10 de 1941.			

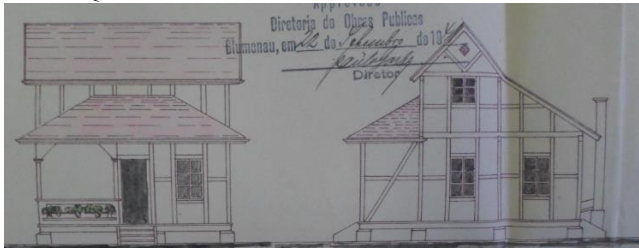
Ano: 1941	Título: Projeto de uma reforma e acréscimo na casa		
Prop.: Victor Zwicker			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 74	Fotograma: 295	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho do Grupo Escolar Santos Dumont e Ida Schneider. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

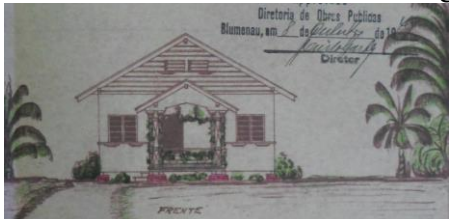
Ano: 1941	Título: Reconstrução do Galpão da firma		
Prop.: Exportadora de Madeiras S.A.			
End.: Itoupava Seca			
Reg.: 85	Fotograma: 306	Microfilme: 03	Construtor: Franz von Knoblauch
Obs.: Travessa Pernambuco. Vizinho de Probst e Persuhn.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Bruno Cunha			
End.: Travessa Jararaca			
Reg.: 89	Fotograma: 310	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Rua Projetada. Vizinho de Hering.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa		
Prop.: José Marques Vieira			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 92	Fotograma: 313	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Müller Hering nos fundos e de Henrique Strobel à esquerda e à direita.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Adolfo Janotte			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 101	Fotograma: 322	Microfilme: 03	Construtor: Franz von Knoblauch
Obs.: Mesma planta de situação Reg.193 de 1940.			
			

Ano: 1941	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Otto Hannemann			
End.: Itoupava Seca			
Reg.: 116	Fotograma: 337	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Quadra entre Rua Altona e Rua São Paulo. Vizinho da Viúva Probst e Thomsen.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Curt Becker			
End.: Rua Gustavo Salinger			
Reg.: 119	Fotograma: 340	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Rua Particular. Vizinho de Wagner, Brossmann e Ernesto Sierau.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Germano Ehrhardt			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 120	Fotograma: 341	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Jacob Treiss, José Reuter, Fritz Wolfram, Caminho Particular. Nos fundos, o Ribeirão. Provável terreno dos fundos do Restaurante Jacaré.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de um aumento da casa existente		
Prop.: Rodolfo Dorow			
End.: Beco Brückheimer			
Reg.: 121	Fotograma: 342	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Peters, Bretzke e Seelbach.			
			

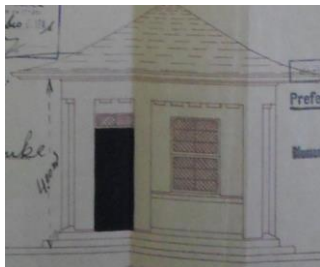
Ano: 1941	Título: Planta para a Reconstrução da casa		
Prop.: Walter Strauch			
End.: ---			
Reg.: 129	Fotograma: 350	Microfilme: 03	Construtor: ----
Obs.: Vizinho de Fritsche e Raabe.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de uma muro frontal		
Prop.: José Marques Vieira			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 132	Fotograma: 353	Microfilme: 03	Construtor: -----
Obs.: Ver Reg. 92 de 1941. Vizinho de Henrique Strobel e Muller Hering.			


Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Germano Mordhorst			
End.: Itoupava Seca			
Reg.: 141	Fotograma: 362	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Caminho lateral da Rua Bahia. Vizinho de Adolfo Schmalz e Kurt Mordhorst.			
			


Ano: 1941	Título: Planta para aumento da casa		
Prop.: Erico Gielow			
End.: Rua Sergipe / Atualmente: Rua Victor Hering.			
Reg.: 142	Fotograma: 363	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.:			
			

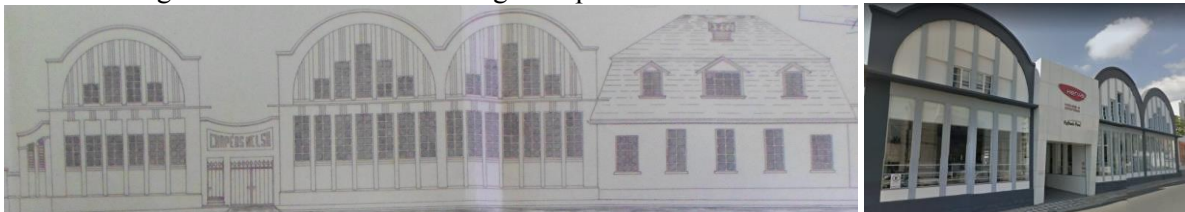
Ano: 1941	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Engelbert Gabriel			
End.: Bairro Velha - fundos			
Reg.: 146	Fotograma: 367	Microfilme: 03	Construtor: Luiz Mahnke
Obs.: Caminho particular projetado. Vizinho de José Gabriel, Gehrke e Paulo Schmidt.			
			


Ano: 1941	Título: Planta de um piccadouro		
Prop.: Hedwig Mahnke			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 159	Fotograma: 380	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Terreno na João Pessoa, em frente à entrada da Rua Paraíba. Vizinho de Eugen Brueckheimer e Bruminski.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Roland Probst			
End.: Rua Gustavo Salinger			
Reg.: 11	Fotograma: 394	Microfilme: 02	Construtor: Franz von Knoblauch
Obs.: Vizinho de Erich Baumgarten, Dittmann e Caminho Particular.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Max Pawlak			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 23	Fotograma: 406	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Walter Blodeck e José Reuter.			
			

Ano: 1942	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Paulo Strauch			
End.: ---			
Reg.: 24	Fotograma: 407	Microfilme: 02	Construtor: Luiz Mahnke
Obs.: Vizinho do terreno do Consulado Alemão, Fritz Zuchner e Fabian. Rua Particular.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de aumento da Fábrica de Chapéus Nelsa S.A.		
Prop.: Fábrica de Chapéus Nelsa S.A.			
End.: Rua São Paulo, nº 86-92			
Reg.: 33	Fotograma: 416	Microfilme: 02	Construtor: Luiz Mahnke
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1942	Título: Planta de reconstrução e aumento da Fábrica de Moveis		
Prop.: Emilio Rossmark			
End.: Rua Amadeu da Luz – esquina Rua Presidente Getúlio Vargas			
Reg.: 34	Fotograma: 417	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Emílio Rossmark, Raabe, Marquardt, e Carlos Hoepcke S.A. Próximo ao Beco Flores Filho. Fonte da foto: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.			
			


Ano: 1942	Título: Planta para a construção de duas casas de madeira		
Prop.: Rudolfo Ruediger			
End.: Rua Madeira			
Reg.: 37	Fotograma: 420	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Fernando Bernhardt. Caminho particular.			
			

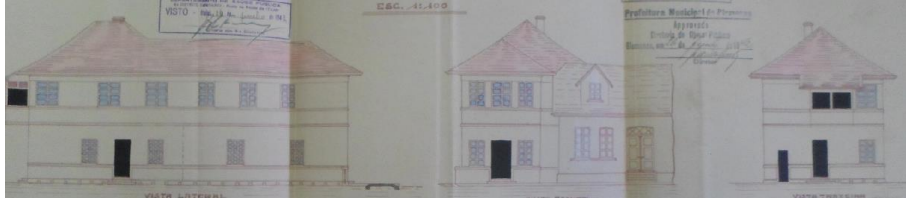

Ano: 1942	Título: Planta de uma oficina mecânica		
Prop.: Leopoldo Weise			
End.: Beco Otto Stutzer			
Reg.: 46	Fotograma: 429	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Rodolfo Ledner, M. Wagner, Heuer, e Ricardo Labes.			
			

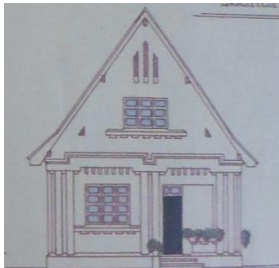
Ano: 1942	Título: Planta da modificação da casa		
Prop.: Arnaldo Manzke			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 47	Fotograma: 430	Microfilme: 02	Construtor: H. Grewsmühl
Obs.:			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Augusto Besel			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 71	Fotograma: 452	Microfilme: 02	Construtor: Gil Fausto de Sousa
Obs.: Entre o terreno de Adolfo Janote.			
			

Ano: 1942	Título: Planta da reconstrução da casa		
Prop.: Augusto Ramos			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 79	Fotograma: 460	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Hugo Kellermann e Exportadora de Madeira. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1942	Título: Planta de um Quiosque		
Prop.: Simão Gramlich			
End.: Rua São Paulo, nº 148			
Reg.: 82	Fotograma: 463	Microfilme: 02	Construtor: Simão Gramlich
Obs.: Vizinho do terreno da Viúva de Otto Berner, terreno de Pedro Pereira. Nos fundos, terreno do Sr. Willy Scheefer. Na frente, estrada de ferro.			
			

Ano: 1942	Título: Planta de uma casa e reconstrução da oficina		
Prop.: Ewaldo Hadlich			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 88	Fotograma: 469	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Possivelmente. Vizinho da Viúva Zwicker e de Helmuth Hadlich. Nos fundos, Schafneutle. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erwino Hadlich			
End.: Rua Paraíba – Beco Manoel Barreto.			
Reg.: 96	Fotograma: 477	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Viúva Schneider, Kurt Hering e Axhelm.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Florestundo Nunes			
End.: Rua Minas Gerais – esquina com a Rua das Cabras. / Atualmente: Rua Itajaí com Rua Pedro Krauss Sênior.			
Reg.: 98	Fotograma: 479	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Joaquim dos Santos.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de um aumento da casa		
Prop.: Emilio Fischer			
End.: Rua Wendeburg			
Reg.: 99	Fotograma: 480	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Em frente Travessa Jararaca (Atual Rua Marechal Deodoro). Nas duas esquinas, Ruas. À esquerda, Arthur Lohse, à direita Freygang, nos fundos, Gielow. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1942	Título: Modificação da Planta da casa		
Prop.: Augusto Ramos			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 103	Fotograma: 484	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Ver projeto 79 de 1942.			

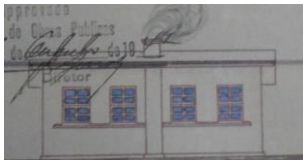
Ano: 1942	Título: Planta de um rancho destinado para banheiro e W.C.		
Prop.: Floresmundo Nunes			
End.: Rua das Cabras			
Reg.: 111	Fotograma: 492	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			


Ano: 1942	Título: Planta de uma confecção de roupas feitas e de um aumento e reconstrução do depósito de tecidos e armarinhos		
Prop.: Rodolpho Kander			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 112	Fotograma: 423	Microfilme: 02	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho da Viúva Hindelmeier e Erico Steinbach. Rua Caetano Deeke. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			
			


Ano: 1942	Título: Planta de um aumento do laboratório		
Prop.: Cassio Medeiros			
End.: Rua Formosa			
Reg.: 114	Fotograma: 495	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Kiekbusch.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Harry Spernau			
End.: Rua Bahia – Itoupava Seca / Rua Bahia esquina com a Benjamin Constant.			
Reg.: 117	Fotograma: 498	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Harry Spernau. Localiza a Benjamin Constant como Gottliebe Reif. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de duas casas de madeira		
Prop.: Ernesto Enke			
End.: Rua Madeira			
Reg.: 121	Fotograma: 502	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de kanitz e Ernesto Enke. Rua Particular.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa para lavar roupa		
Prop.: Rudolpho Kander			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 129	Fotograma: 510	Microfilme: 02	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.:			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Erich Jark			
End.: Rua Bahia			
Reg.: 134	Fotograma: 515	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Rua Bahia, Estrada de Ferro, Rua Particular. Vizinho da Companhia e Ind. Salinger, terras de herdeiros Luiz Probst.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Paulo Becker			
End.: Rua Madeira / Rua Almirante Tamandaré			
Reg.: 138	Fotograma: 519	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Jorge Schmidt e Augusto Kanitz.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Carlos Schneider			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 141	Fotograma: 522	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Rua São Paulo, Entrada Comum, Caminho. Herdeiros Schneider: Gustavo, Wally, Carlos, Thereza e Elisa.			
			

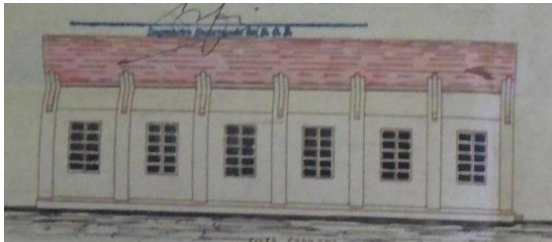
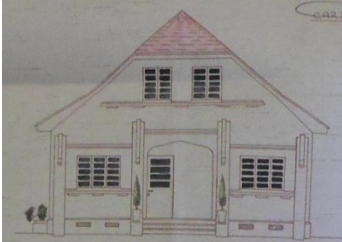
Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Charles Sack			
End.: Rua Ribeirão Fresco - Garcia			
Reg.: 142	Fotograma: 523	Microfilme: 02	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de Vitor Dietrich.			
			


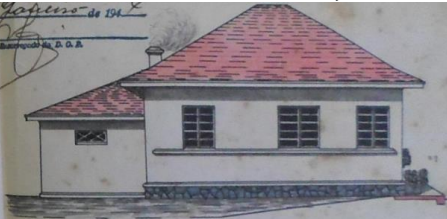
Ano: 1942	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Udo Schmidt			
End.: Rua Almirante Tamandaré			
Reg.: 149	Fotograma: 530	Microfilme: 02	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de João Lafim e Paulo Becker.			
			


Ano: 1942	Título: Planta de um aumento da casa		
Prop.: Augusto Köster			
End.: Rua Vila Nova			
Reg.: 150	Fotograma: 531	Microfilme: 02	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Germer, Herdeiros Probst e Emílio Matees.			
			



Ano: 1942	Título: Planta de modificação e aumento		
Prop.: Artur Raabe			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 151	Fotograma: 532	Microfilme: 02	Construtor: H. Grewsmühl
Obs.: Vizinho de Leopoldo Raabe. Modificada. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Curt Mordhorst			
End.: Rua Bahia - Fundos			
Reg.: 03	Fotograma: 750	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Caminho lateral da Rua Bahia. Vizinho de Bublitz, Manzke e Germano Mordhorst.			
			


Ano: 1944	Título: Planta da reconstrução e aumento da casa velha		
Prop.: Christiano Theiss			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 04, 05	Fotograma: 751, 752	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Joventino Pamplona, José dos Anjos, Forbici e Wohlsteiner.			
			

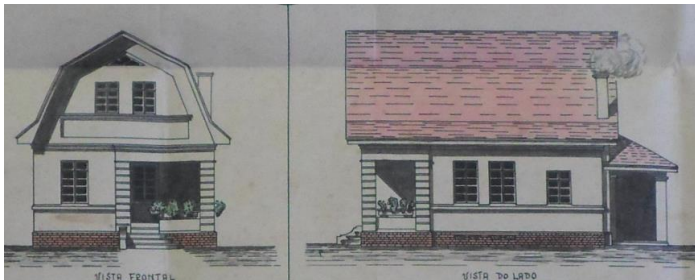
Ano: 1944	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Walter Krüger			
End.: Pomerode – Estrada Geral Blumenau Jaraguá			
Reg.: 09	Fotograma: 756	Microfilme: 03	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Fritz wacholz e Conradt Hasse. Nos fundos, o Rio do Testo.			
			

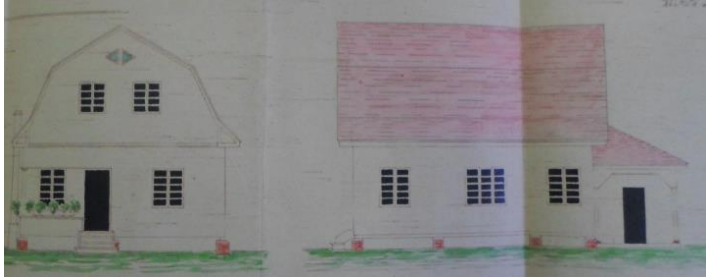

Ano: 1944	Título: Planta de uma casa operária e reconstrução da garagem		
Prop.: Hermann Muller			
End.: Rua Minas Gerais / Atualmente: Rua Itajaí			
Reg.: 20	Fotograma: 767	Microfilme: 03	Construtor: ilegível (Henrique)
Obs.: Vizinho de herdeiros Gensch, Paulo Eberhardt. Nos fundos, Rio Itajaí Açú. Terreno Muller-Hering.			
			



Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Arthur Peters			
End.: Travessa Jaguaruna - Velha			
Reg.: 21	Fotograma: 768	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Rua Projetada. Travessa Jaguaruna. Vizinho de Viúva Hering.			
			



Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Carlos Guilherme Rabitz			
End.: Travessa Jaguaruna			
Reg.: 27	Fotograma: 774	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de Arthur Peters. Terreno pertencia à Viúva Hering.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Bernardo Rautt			
End.: Vila Formosa – Beco A			
Reg.: 28	Fotograma: 775	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Entre o Beco A e o Beco B. Vizinho de Hermann Sachtleben e Cia, Roberto Grossen Bacher.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Carlos Dorow			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 30	Fotograma: 777	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Rua com curva a partir da Amazonas. Próximo da Companhia Jensen. Vizinho de Lindner e Oscar Bühr.			
			

Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Alberto Gueths			
End.: Rua Projetada -Travessa Jaguaruna (Riscada) / Rua Marechal Deodoro/ Atualmente: Rua Otto Laux.			
Reg.: 32	Fotograma: 779	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Helmuth Gueths, Viúva E. Butzke e Viúva Kering. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Helmuth Gueths			
End.: Rua Projetada -Travessa Jaguaruna (Riscada) / Rua Marechal Deodoro / Atualmente: Rua Otto Laux			
Reg.: 33	Fotograma: ---	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Ao lado de Alberto Gueths. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			


Ano: 1944 / 1943	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Ana Eschembach			
End.: Rua 4 de Fevereiro (Atualmente: Rua Ângelo Dias) esquina com Rua Maranhão (Atualmente: Rua Dr. Luiz de Freitas Melro).			
Reg.: 43	Fotograma: 790	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinha de Rodolfo Kleine e ?burger. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1944	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Waltrude Holzinger			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 47	Fotograma: 794	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho Dr. Vogel.			
			

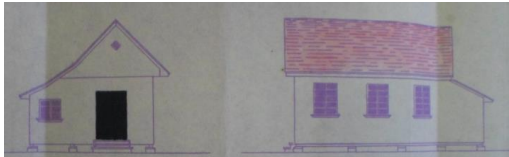
Ano: 1944	Título: Planta do aumento do depósito		
Prop.: Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S.A.			
End.: Rua Iguassú			
Reg.: 52	Fotograma: 799	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Kurt Kleine e Willy Jensen.			
			

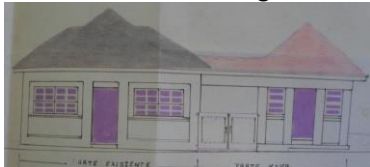
Ano: 1944	Título: Planta para fechar uma parte do porão do armazém		
Prop.: Arnoldo Manzke			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 56	Fotograma: 802	Microfilme: 03	Construtor: René Deeke
Obs.: Beco da Estrada de Ferro. Ver projeto 54 de 1939.			


Ano: 1944	Título: Modificação parcial da planta da fábrica para Ind. de madeira e navegação Ltda. Diretor Roland Renaux.		
Prop.: Indústria de Madeira e Navegação			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 79	Fotograma: 825	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.:			
			


Ano: 1944	Título: Planta para uma casa de madeira		
Prop.: Casa do Americano S.A.			
End.: Beco / Ponta Aguda – Rua Geral Ponta Aguda.			
Reg.: 83	Fotograma: 829	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Ricardo Gross e Bertoldo Schossland.			
			


Ano: 1944	Título: Planta para modificar o pavimento térreo da casa		
Prop.: Ana Eschembach			
End.: Travessa 4 de fevereiro – esquina Rua Maranhão			
Reg.: 84	Fotograma: 830	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Ver projeto 43 de 1944.			


Ano: 1944	Título: Planta de uma marcenaria feita de madeira		
Prop.: Alex Behling			
End.: Pomerode			
Reg.: 90	Fotograma: 836	Microfilme: 03	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Ervino Guenther.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de um aumento do rancho		
Prop.: Leopoldo Weise			
End.: Beco Otto Stutzer			
Reg.: 97	Fotograma: 843	Microfilme: 03	Construtor: Luiz Mahnke
Obs.: Vizinho de Wagner, Heuer, Labes e Leder.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Otto Huber			
End.: Beco - Rua Amazonas			
Reg.: 100	Fotograma: 846	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho da Artex, Empresa Ind. Garcia, Puchler, Loss e Oliveira.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Gertrudes Sabim			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 101	Fotograma: 847	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Caminho particular.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Henrique Grewsmühl			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 123	Fotograma: 869	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Grewsmühl
Obs.: Analisando a planta de situação, é possível que seja a casa abaixo. Muitas alterações. Nos fundos, Henrique Strobel e ribeirão, à esquerda, Rua Projetada e à direita, Barreto. Fonte da imagem atual: Street View/ Google Maps.			
			

Ano: 1944	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Carlos Krummenauer			
End.: Rua Projetada - Rua Amazonas			
Reg.: 130	Fotograma: 876	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho do terreno de Rodolfo Geemann e Ribeirão Garcia. Na frente, Rua projetada.			
			


Ano: 1944	Título: Planta da reconstrução e aumento da casa		
Prop.: Miguel Rataichescke			
End.: Rua Marechal Floriano Peixoto			
Reg.: 131	Fotograma: 877	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho da Viúva Kleine e de Valdemar Gerner.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Leopoldo Echrat			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 143	Fotograma: 889	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho da Viúva Pullmann, João Ehrat e herdeiros Dietrich.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de um alpendre para garagem e lavatório		
Prop.: Ana Eschembach			
End.: Travessa 4 de fevereiro – esquina Rua Maranhão			
Reg.: 145	Fotograma: 891	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Ver projeto 43 de 1944.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Mathias Bittelbrun			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 154	Fotograma: 900	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Segundo instruções da planta de situação, Rua Mafra. Vizinhos: Cia Hering, Loose, Depentin, Gabriel, Muller e Walter Buerger.			
			

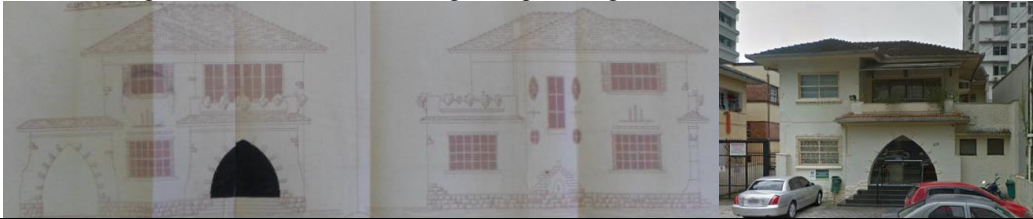
Ano: 1944	Título: Planta de um muro		
Prop.: Irene Peiter			
End.: Travessa 4 de fevereiro (Rua Ângelo Dias) esquina com Rua XV de Novembro.			
Reg.: 156	Fotograma: 902	Microfilme: 03	Construtor: -----
Obs.: Vizinha de Lippel e nome ilegível.			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Alexandre Heinz			
End.: Rua Paralela a Rua Amazonas			
Reg.: 172	Fotograma: 918	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de Alfredo Ulgario, e Osvaldo Hüwe.			
			


Ano: 1944	Título: Planta da reconstrução e aumento da casa		
Prop.: Henrique Jensen			
End.: Rua Bahia / Perto da Benjamin Constant.			
Reg.: 183	Fotograma: 929	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Próximo de Spernau e Ruediger. Vizinho de Schroeder e Exler.			
			


Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Augusto Schoenau			
End.: Rua Projetada - Rua Amazonas			
Reg.: 184	Fotograma: 930	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de Pfiffer e Ribeirão Garcia.			
			

Ano: 1944	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Gentil Machado			
End.: Rua Minas Gerais (Rua Itajaí) - esquina com Rua das Cabras (Rua Paulo Krauss Sênior)			
Reg.: 203	Fotograma: 949	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Ver projeto 98 de 1942. Mesmo projeto e localização de Floresmundo Nunes.			
			

Ano: 1945	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Marta Matilde Mahn			
End.: Rua Maranhão / Atualmente: Rua Luiz de Freitas Melro			
Reg.: 10	Fotograma: 966	Microfilme: 03	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinha do terreno de Bruno Laux, Ana Eschenbach e nos fundos, terreno da Viúva Bertha Brandes Meier. A edificação se encontra bastante descaracterizada. Existente. Fonte da imagem atual: Street View /Google Maps– imagem desatualizada.			
			

Ano: 1945	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Aluizio Schwab			
End.: Rua João Pessoa - Velha			
Reg.: 17	Fotograma: 973	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View /Google Maps.			
			

Ano: 1945	Título: (Residência e Comércio)		
Prop.: Francisco Sombrio			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 24	Fotograma: 980	Microfilme: 03	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Vizinho de José Vicente e Augusto Greul. Nos fundos, Ribeirão Garcia.			
			


Ano: 1945	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Emilio Hoge			
End.: Rio do Testo – Rua Principal.			
Reg.: 56	Fotograma: 013	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Ervin Klepper. Ao lado de Oficina Mecânica.			
			

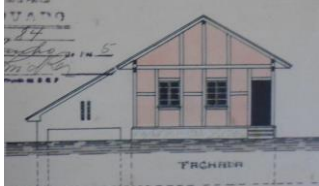
Ano: 1945	Título: “Residência”		
Prop.: Marta Matilde Mahn			
End.: Rua Maranhão			
Reg.: 61, 62	Fotograma: 18, 19	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Dificil visualização. Ver projeto de 10 de 1945.			

Ano: 1945	Título: -----		
Prop.: Adriano Debatin			
End.: Rua Velha			
Reg.: 63	Fotograma: 20	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: <u>Dificil visualização.</u>			


Ano: 1945	Título: ----		
Prop.: ----- (Rudolfo kander)			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 69	Fotograma:	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: <u>Dificil visualização</u>			


Ano: 1945	Título: “Residência”		
Prop.: Willy Fischer			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 76	Fotograma: 33	Microfilme: 04	Construtor: Gil Fausto de Sousa
Obs.: <u>Dificil visualização</u>			

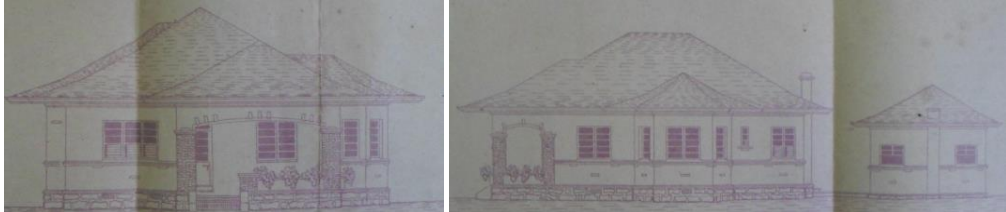
Ano: 1945	Título: Projeto de uma casa		
Prop.: Oscar Konell			
End.: Estrada Pomerode fundos - Pomerode			
Reg.: 81	Fotograma: 038	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Campo escolar, Paulo Adam e Fritz Wacholz.			
			

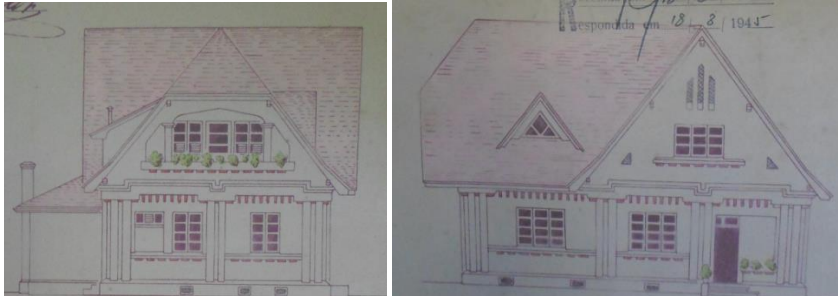
Ano: 1945	Título: Planta de um depósito		
Prop.: Ind. de Artefatos de Barro S.A. (Diretoria: Curt Passold, Leopoldo Blaese, Waldemar Serpa)			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 84	Fotograma: 041	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Estrada Rio do texto, esquina com caminho particular. No terreno passa o Ribeirão Pomerode.			
			


Ano: 1945	Título: Planta de uma Garagem		
Prop.: Rodolfo Kander			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 85	Fotograma: 042	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de Erico Steinbach e Viúva Hindelmeier.			


Ano: 1945	Título: Reforma do prédio Comercial e Residencial		
Prop.: Carlos Koffke			
End.: Esquina da Rua XV de Novembro com a Alameda Duque de Caxias			
Reg.: 87	Fotograma: 44	Microfilme: 04	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Dificil visualização. Nesse prédio funciona atualmente a Câmara de Vereadores de Blumenau, mas a edificação está bastante descaracterizada. Existente.			
			


Ano: 1945	Título: Planta de uma casa de moradia e alfaiataria		
Prop.: Arthur Greul			
End.: Pomerode – Estrada Geral Jaraguá – Blumenau.			
Reg.: 108	Fotograma: 65	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Vatslav Constansky e Willy Greul.			
			

Ano: 1945	Título: Projeto de uma casa		
Prop.: Arnaldo Manzke			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 115	Fotograma: 72	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Entre a Rua São Paulo e a Rua Altona. Estrada de ferro passa na frente. Vizinho de Parucker e Wilhelm Toewe.			
			

Ano: 1945	Título: Planta da Reconstrução e Aumento da casa		
Prop.: Erwin Hadlich			
End.: Rua Paraíba			
Reg.: 121	Fotograma: 78	Microfilme: 04	Construtor: Braun Irmãos
Obs.:			
			



Ano: 1945	Título: Planta da modificação e aumento da casa		
Prop.: Leopoldo Teske			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 147	Fotograma: 104	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho de Bertoldo Germano Buerger e Viúva Hadlich. Nos fundos, Ribeirão da Velha. Existente. Fonte da imagem atual: Street View /Google Maps.			
			


Ano: 1945	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Heraldo Zutter			
End.: Rua João Pessoa - Velha			
Reg.: 151	Fotograma: 108	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho de Rodolfo de Zutter, Frederico Bruns e Carlos ?.			
			

Ano: 1945	Título: Planta de um salão de Snooker		
Prop.: Oswaldo Pfiffer			
End.: Rua da Glória - Garcia			
Reg.: 157	Fotograma: 114	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Rua da Glória com Rua Antigo Ribeirão Grevsmuehl. Vizinho do terreno de Edmundo Muller e Rafael Rossini.			
			

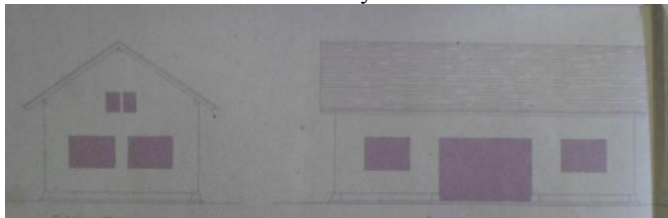

Ano: 1945	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Alberto Dopke			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 158	Fotograma: 115	Microfilme: 04	Construtor: Alberto Dopke
Obs.:			


Ano: 1945	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Henrique Jensen			
End.: Itoupava Seca – Rua Baía			
Reg.: 161	Fotograma: 118	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Próximo dos terrenos de Sternau e Ruediger, do Cemitério e da Estrada de Ferro.			



Ano: 1945	Título: Planta de uma Residência		
Prop.: Frederico C. C. Missner			
End.: Rua Cel. Vidal Ramos / Atualmente: Rua Engenheiro Paul Werner.			
Reg.: 200	Fotograma: 149	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho do terreno de Paulo Schindler à direita e à esquerda, Rua Projetada e Dentista Freitas. Nos fundos, Ribeirão Tigre. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

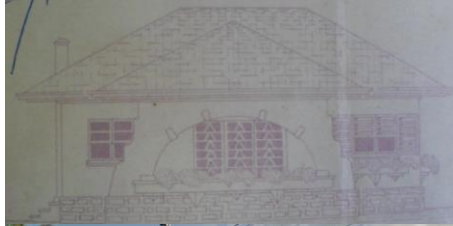
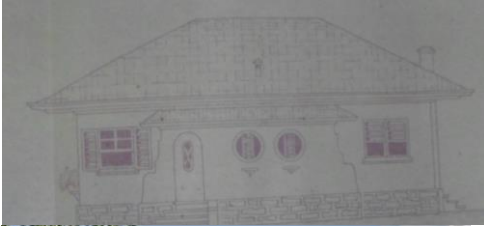


Ano: 1945	Título: "Residência"		
Prop.: Rodolfo Alberto Lang			
End.: Rua Projetada - Rua João Pessoa - Velha			
Reg.: 206	Fotograma: 155	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Dificil visualização. Vizinho de Afonso Berndt.			
			


Ano: 1945	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Walter Strauch			
End.: Rua Raabe / Atualmente: Rua Timbó			
Reg.: 214	Fotograma: 163	Microfilme: 04	Construtor: Augusto Köster
Obs.:			

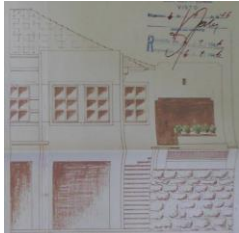
Ano: 1946	Título: Planta de um depósito de madeira / Planta de uma casa de madeira		
Prop.: JohanLes Dimitri Heuer			
End.: Rua Bahia			
Reg.: 03	Fotograma: 166	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho do terreno de Willy Metzner.			
			

Ano: 1946	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Wally Techentin			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 15	Fotograma: 178	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.:			
			


Ano: 1946	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: João Alfredo Rodrigues da Costa			
End.: Prolongamento da Rua Lauro Muller / Atualmente: Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 876			
Reg.: 19	Fotograma: 182	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho de Guilherme Willike. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
 			

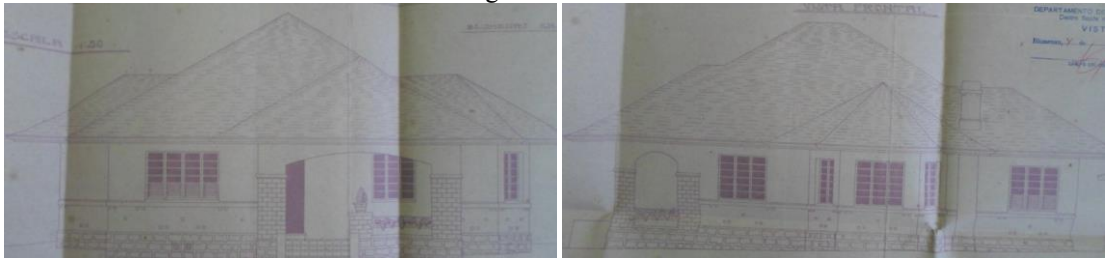
Ano: 1946	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Max Pagel			
End.: Rua Eng. Odebrecht			
Reg.: 21	Fotograma: 184	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de João Gilenski e Rodolfo Koch. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
   			


Ano: 1946	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Rudolfo Ruekert			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 55	Fotograma: 218	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Projeto de nov. 1945			
			


Ano: 1946	Título: Planta para reconstrução e aumento		
Prop.: Arthur Raabe			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 64	Fotograma: 227	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.:			
			

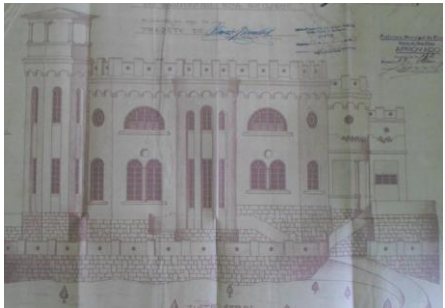


Ano: 1946	Título: Planta de um aumento da residência		
Prop.: Afonso Rabe			
End.: Rua Brusque			
Reg.: 86	Fotograma: 249	Microfilme: 04	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Fonte da foto: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.			
			

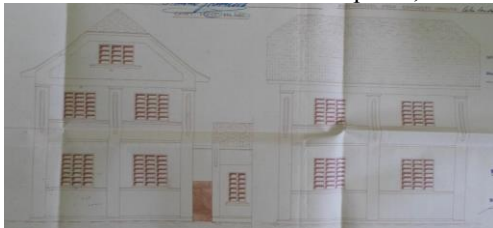
Ano: 1946	Título: Planta para o aumento da ferraria		
Prop.: Edgar Kielwagen e Harry Kielwagen			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 90	Fotograma: 254	Microfilme: 04	Construtor: René Deeke
Obs.: Vizinho dos terrenos de Gustavo Persuhn e Henrique Vahldick. Nos fundos, Ribeirão Tigre.			
			


Ano: 1946	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Henrique Passold			
End.: Pomerode – Rua Geral Blumenau - Jaraguá			
Reg.: 93	Fotograma: 256	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Max Jacobsen e Emilio Hoge.			
			


Ano: 1946	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Helmuth Strelow			
End.: Pomerode – Estrada Rio do Texto – Margem esquerda			
Reg.: 94	Fotograma: 257	Microfilme: 04	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Guilherme Ziehlz e Carl Heinert.			
			

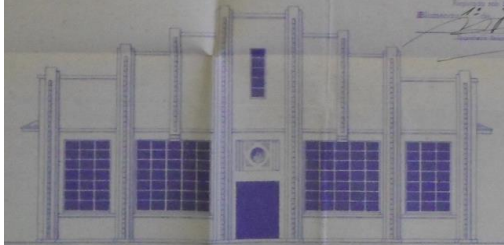
Ano: 1946	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Albert Manske			
End.: Rua Bahia			
Reg.: 104	Fotograma: 267	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Na frente, caminho particular e estrada de ferro. Vizinho da Fábrica Tutan(?).			
			

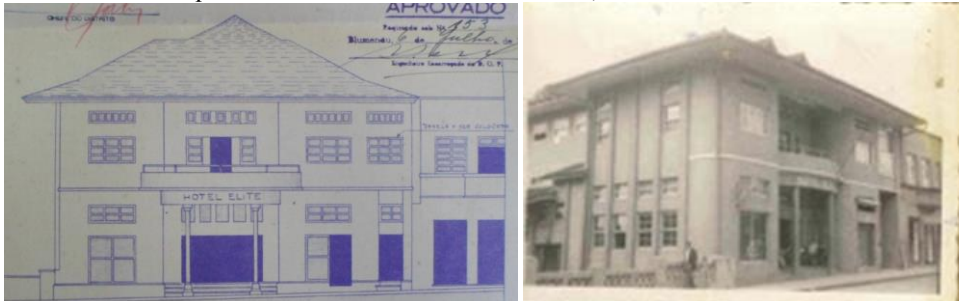
Ano: 1946	Título: Planta de uma residência “tipo castelo”		
Prop.: Antonio Reinert			
End.: Rua Brusque / Atualmente: Rua Namy Deeke			
Reg.: 122	Fotograma: 285	Microfilme: 04	Construtor: Brandes & Hahne
Obs.: Vizinho do terreno da Viúva Zoellner e de herdeiros Tietzmann. Existente. Fonte da foto: Autora.			
  			

Ano: 1946	Título: Planta do aumento da fábrica de tecidos		
Prop.: Tecelagem União Ltda.			
End.: Rua Amazonas - Garcia			
Reg.: 133	Fotograma: 296	Microfilme: 04	Construtor: Braun Irmãos
Obs.: Vizinho de Joventino Pamplona, Wollsteiner, Cristiano Theiss, José dos Anjos e Forbici.			
			


Ano: 1946	Título: Projeto de 3 casas de madeira		
Prop.: Carlos Hoffmann			
End.: Rua Marechal Deodoro			
Reg.: 144	Fotograma: 307	Microfilme: 04	Construtor: Braun Irmãos
Obs.: Vizinho de viúva Hering. Rua Projetada.			
			


Ano: 1946	Título: Modificação da Planta para o aumento do posto de serviço		
Prop.: Alberto Koffke			
End.: Rua 7 de Setembro / Esquina com a Rua Nereu Ramos			
Reg.: 146	Fotograma: 309	Microfilme: 04	Construtor: Paulo Wippel & Cia
Obs.: Vizinho de Casa do Americano e Romeu Pereira.			
			


Ano: 1946	Título: Planta de uma fiação / Planta de uma instalação sanitária		
Prop.: Ind. Têxtil Algotex S.A.			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 148	Fotograma: 311	Microfilme: 04	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de herdeiros de Hemmer, Ervino Volkmann, Ella Vogelbacher e Fred Hette.			
			


Ano: 1946	Título: Planta para uma Garage e uma modificação da fachada do Hotel Elite		
Prop.: Walter Voss			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 153	Fotograma: 316	Microfilme: 04	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Ver projeto 14 de 1935. Vizinho de Gossweiler e Baumgarten. Fonte da foto: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.			
			

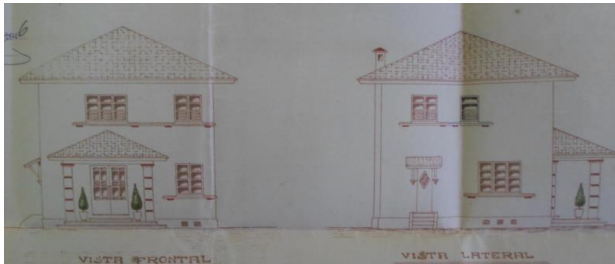
Ano: 1946	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Rudolfo Leder			
End.: Beco Otto Stutzer			
Reg.: 159	Fotograma: 322	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de Leopoldo Weise e Brand.			

Ano: 1946	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Gustav Isleb			
End.: Rua Marechal Deodoro - Velha			
Reg.: 161	Fotograma: 324	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Gresmihl
Obs.: Existente, mas bastante modificada. Vizinho de Francisco Strube e Viúva Hering. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

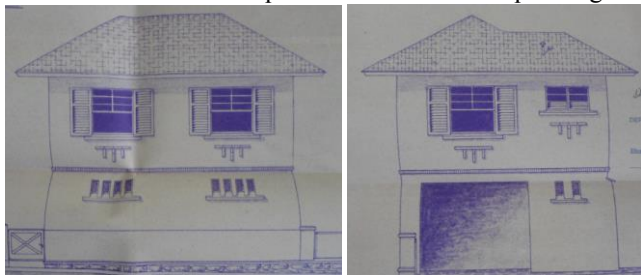
Ano: 1946	Título: Esterelizadores / Garage / Privadas e Chuveiros		
Prop.: Companhia Brasileira de Fumo em Folhas			
End.: Rua Baía			
Reg.: 179, 180, 181	Fotograma: 342, 343, 344	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de herdeiros Feddersen e Wüergers.			
			

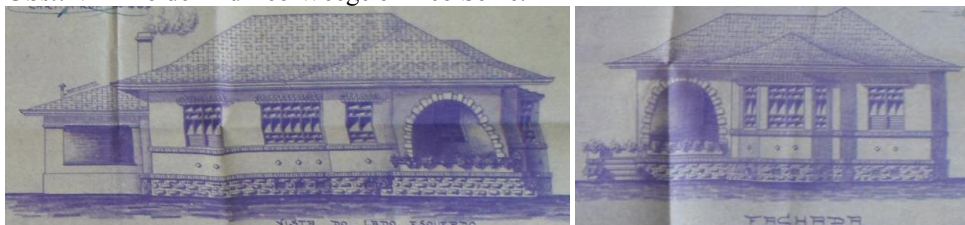
Ano: 1946	Título: Aumento do Posto de Serviço		
Prop.: Alberto Koffke			
End.: Rua 7 de Setembro			
Reg.: 195	Fotograma: 358	Microfilme: 04	Construtor: Eurico Zwicker
Obs.:			
			


Ano: 1946	Título: Planta de uma garagem		
Prop.: Rodolfo Kander			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 253	Fotograma: 416	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Existente.			
Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			



Ano: 1946	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Ingrid Kleine			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 258	Fotograma: 421	Microfilme: 04	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinha de Max Haertel e Celso Liberato.			
			

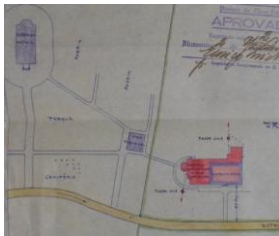



Ano: 1946	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Max Pagel			
End.: Rua Eng. Odebrecht - Garcia			
Reg.: 266	Fotograma: 429	Microfilme: 04	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.:			

Ano: 1946	Título: Planta de uma garage		
Prop.: Luitpold Kestel			
End.: Beco Tocantins			
Reg.: 271	Fotograma: 434	Microfilme: 05	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Henrique Schafheute e Henrique Wagner. Fundos: Ribeirão da Velha.			
			

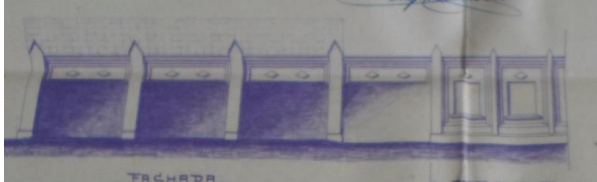
Ano: 1946	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Curt Artur Weege			
End.: Estrada Geral Blumenau - Jaraguá			
Reg.: 290	Fotograma: 453	Microfilme: 05	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Fridirico Weege e Erico Selke.			
			

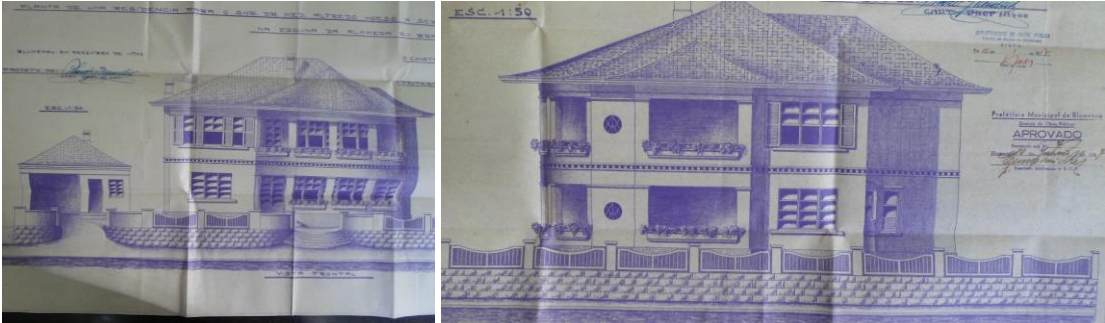
Ano: 1946	Título: Planta de modificação e aumento da casa		
Prop.: Ricardo Budag			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 292	Fotograma: 455	Microfilme: 05	Construtor: Braun Irmãos
Obs.: Vizinho da Viúva Jacobsen e Fritz Wolfram.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de um colégio		
Prop.: Aspirantado Salesiano			
End.: estrada Guarani Mirim - Massaranduba			
Reg.: 01	Fotograma: 470	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

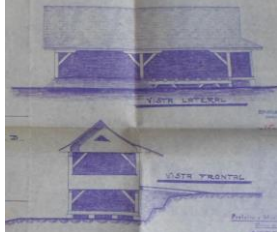
Ano: 1947	Título: Planta da modificação do convento para hospital e maternidade “Sagrado Coração de Jesus”		
Prop.: Convento das Irmãs Franciscanas			
End.: Estrada Guarani Mirim - Massaranduba			
Reg.: 02	Fotograma: 471	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Possivelmente não executado.			
			
			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma garage
------------------	-------------------------------------

Prop.: Exportadora de Madeira S.A.			
End.: Travessa Pernambuco			
Reg.: 05	Fotograma: 474	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Demolido.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Alfredo Hoess			
End.: Alameda Rio Branco / Esquina com Lauro Muller			
Reg.: 07	Fotograma: 476	Microfilme: 05	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Hermann Muller Hering e Rodolfo Frisch. Alfredo Hoess era médico. Chegou da Alemanha em 1923. Foi considerado cidadão blumenauense em 1959.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Angelo Elias da Cunha			
End.: Vila Nova – Rua Principal			
Reg.: 22	Fotograma: 491	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Perto de uma escola.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma serraria		
Prop.: Exportadora de Madeira S.A.			
End.: Rua Pernambuco			
Reg.: 40	Fotograma: 509	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.:			
			


Ano: 1947	Título: Projeto de uma garagem		
Prop.: Metalúrgica Itoupava Ltda.			
End.: Rua Bahia – Itoupava Seca			
Reg.: 61	Fotograma: 530	Microfilme: 05	Construtor: Bertholdo Michel Construções
Obs.: Vizinho de Her. Probst. Na frente, estrada de ferro.			
			

Ano: 1947	Título: Planta de um aumento e adaptação do prédio para hotel		
Prop.: Henrique Piegel			
End.: Pomerode/ Atualmente: Rua Frederico Weege			
Reg.: 63	Fotograma: 532	Microfilme: 05	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Fetting, Konell, Fritz Weege e Heidorn. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
 			


Ano: 1947	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Carlos Falk			
End.: Estrada Rio do Testo - Pomerode			
Reg.: 76	Fotograma: 545	Microfilme: 05	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Valdemar Selke e Alberto Zibell. Nos fundos, Rio do Testo.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma casa / Projeto de um muro frontal		
Prop.: Leopoldo Weise			
End.: Beco Otto Stutzer			
Reg.: 78	Fotograma: 547	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Projeto consta 1945. Vizinho de Heuer, Leder e Wagner.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Alwin Klotz			
End.: Pomerode – Rua Ribeirão de Areia.			
Reg.: 101	Fotograma: 570	Microfilme: 05	Construtor: Carlos Rahn
Obs.: Possivelmente. Rua Luiz Abry. Vizinho de Gruetzmacher, Wacholz e Oskar Konell. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma garage		
Prop.: Antonio Reinert			
End.: Rua Brusque/ Atualmente: Rua Namy Deeke			
Reg.: 111	Fotograma: 580	Microfilme: 05	Construtor: Brandes & Hahne
Obs.: Existente.			
			

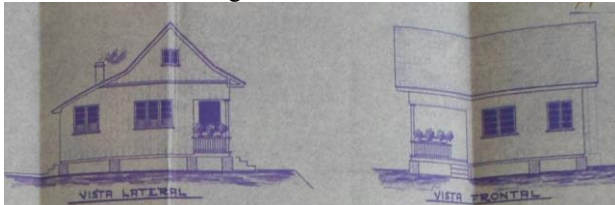
Ano: 1947	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Paulo Rode			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 116	Fotograma: 585	Microfilme: 05	Construtor: Augusto Köster
Obs.:			

Ano: 1947	Título: Planta de um aumento da casa		
Prop.: Herbert Grahl			
End.: Rua João Pessoa - fundos			
Reg.: 127	Fotograma: 596	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Caminho Particular. Vizinho de Edgar Schumacher, Fiedler, Balsini, Schindler, Herdeiros Wolfram e Paulo Schmidt.			
			


Ano: 1947	Título: Planta para a construção de 5 casa de madeira		
Prop.: Gorge Schmidt			
End.: Rua Almirante Tamandaré – Rua Projetada			
Reg.: 130	Fotograma: 599	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Possivelmente: Rua Curitibaanos. Não executado (possivelmente).			
			


Ano: 1947	Título: Planta do aumento de uma varanda para fins sanitários		
Prop.: Humberto Hahnemann			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 141	Fotograma: 610	Microfilme: 05	Construtor: Braun Irmãos
Obs.: Vizinho do Fischer e de Alfredo Jenichen.			
			


Ano: 1947	Título: Planta do aumento de casa		
Prop.: Alberto Dopcke			
End.: Rua São Paulo, nº 143			
Reg.: 153	Fotograma: 622	Microfilme: 03	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Na capa consta Microfilme 03.			
			

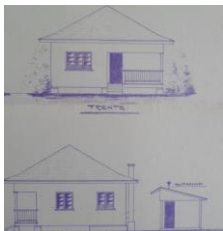
Ano: 1947	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Egon Sasse			
End.: Rua Joinville			
Reg.: 158	Fotograma: 627	Microfilme: 05	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Augusto Koester e Henschel.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de um prédio e modificação de parte existente		
Prop.: Paulo Fischer			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 195	Fotograma: 664	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho de Eugen Brueckheimer e Julio Beims. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Bernardo Kraemer			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 199	Fotograma: 668	Microfilme: 05	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.:			
			


Ano: 1947	Título: Planta para a construção de uma fábrica de aguardente		
Prop.: Henrique Hacker			
End.: Rua Mato Grosso			
Reg.: 246	Fotograma: 715	Microfilme: 05	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.:			
			

Ano: 1947	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Adolfo Krepsky			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 251	Fotograma: 720	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.:			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Ary Wolf			
End.: Beco Jaraguá - Velha			
Reg.: 252	Fotograma: 721	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho de Luebke, Knoch e Schernikau.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Walfrid Wagner			
End.: Itoupava Seca			
Reg.: 276	Fotograma: 745	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho de Becker, Schwab, Ricardo Wenderlich, Schroeder e estrada de ferro.			
			

Ano: 1947	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Heitor Muller			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 283	Fotograma: 752	Microfilme: 05	Construtor: Braun Irmãos
Obs.: Vizinho de João Durval Muller, Duggen e Stoepke. Possivelmente rótula da Velha.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Henrique Passold			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 294	Fotograma: 762	Microfilme: 05	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho da Fábrica de Gaitas e Oscar Blossfeld.			
			


Ano: 1947	Título: Planta de um rancho		
Prop.: Victor Leides			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 300	Fotograma: 768	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			


Ano: 1947	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Carlos Guilherme Rabitz			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 309	Fotograma: 777	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.: Rua Particular. Vizinho de Budag, Lindemann, Schindler, Balsini, Herbert Grahl e Fidler.			
			


Ano: 1948	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Gustavo Adolfo Brandes			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 3	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Victor Germer, Helmuth Berndt, Viúva Milda Brandes. Caminho particular. Fundos: Ribeirão Garcia.			
			

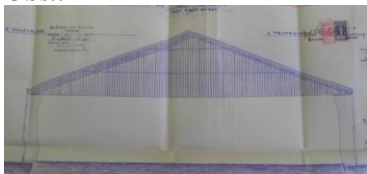
Ano: 1948	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Asta Schindler			
End.: Rua Cel. Vidal Ramos / Atualmente: Rua Engenheiro Paulo Werner.			
Reg.: 10	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

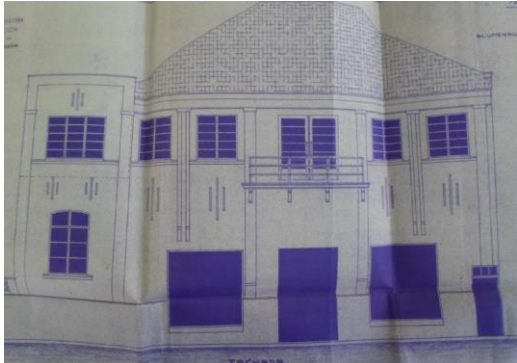

Ano: 1948	Título: Planta para a construção de duas casas de madeira		
Prop.: Mina Koch			
End.: Rua Almirante Tamandaré			
Reg.: ---	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Grewsmühl
Obs.: Projeto consta 1947. Loteamento.			
			


Ano: 1948	Título: Planta de uma oficina		
Prop.: Helmuth Weise			
End.: Rua Paraíba			
Reg.: 39	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Buckheimer
Obs.: Vizinho da viúva Weise, Herbert Weise e Emiliano de Oliveira.			
			


Ano: 1948	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Genésio Caminha			
End.: Beco Araranguá			
Reg.: 41	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: -----
Obs.:			
			


Ano: 1948	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Herbert Weise			
End.: Rua Paraíba			
Reg.: 58	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			
			


Ano: 1948	Título: Planta de um Hall		
Prop.: Casa do Americano			
End.: Travessa 4 de fevereiro (fundos)			
Reg.: 59	Fotograma: 842	Microfilme: 05	Construtor: Bertholdo Michel
Obs.:			
			

Ano: 1948	Título: Planta de um aumento		
Prop.: Leopoldo Raabe			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 60	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: Henrique Grewsmühl
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1948	Título: Planta de modificação do depósito atual para duas moradias		
Prop.: Walter Strauch			
End.: Rua Rabe / Atualmente: Rua Timbó			
Reg.: 64	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: Censi & Cani Ltda.
Obs.:			
			

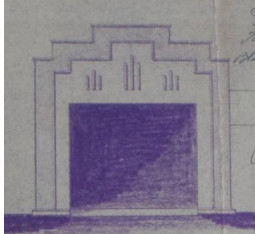
Ano: 1948	Título: Planta de um rancho		
Prop.: Alberto Ribad			
End.: Rua Jaraguá			
Reg.: 65	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de Germer.			
			


Ano: 1948	Título: Planta para a construção de 4 casas de madeira		
Prop.: Eduardo Santos			
End.: Rua São Francisco			
Reg.: 69	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: -----
Obs.: Vizinho de D. Kamer, V. Leicht e Correa.			
			


Ano: 1948	Título: Planta para a construção de 9 casas de madeira		
Prop.: Mina Koch			
End.: Rua Almirante Tamandaré			
Reg.: 74	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: ---
Obs.: Projeto consta 1947. Vizinho de Arthur Hansen.			
			

Ano: 1948	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Leopoldo Weise			
End.: Rua 7 de setembro			
Reg.: 85	Fotograma: ---	Microfilme: 05	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.: Vizinho de Passold à esquerda e Holetz à direita.			


Ano: 1948	Título: Planta do aumento de uma varanda na casa da firma		
Prop.: Gruending & Cia S.A.			
End.: Rua Acre – Itoupava Seca			
Reg.: 107	Fotograma: 890	Microfilme: 05	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de herdeiros Feddersen e Wilhem Gernhardt.			
			


Ano: 1948	Título: Planta de uma garagem		
Prop.: Leopoldo Weise			
End.: Rua 7 de setembro			
Reg.: 154	Fotograma: 937	Microfilme: 05	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.: Vizinho de Passold à esquerda e de Holetz à direita.			
			


Ano: 1948	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Arno Pamplona			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 177	Fotograma: 961	Microfilme: 05	Construtor: Braun Irmãos
Obs.: Beco. Vizinho de herdeiros Clemens Weise e Gabriel Pamplona.			
			

Ano: 1948	Título: Planta de uma garagem		
Prop.: Heinrich Martins			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 212	Fotograma: 996	Microfilme: 05	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Vizinho de Ralf Schadrack e Luiz (?).			
			

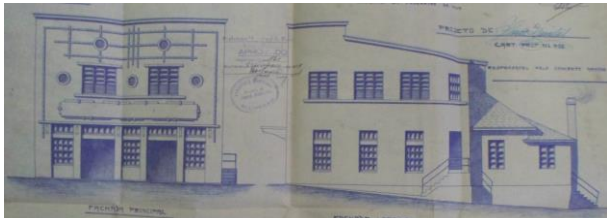
Ano: 1948	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Raul Batista Tavares			
End.: Rua Marechal Deodoro			
Reg.: 265	Fotograma: 50	Microfilme: 06	Construtor: Henrique Bruckheimer
Obs.:			

Ano: 1949	Título: Planta de um prédio		
Prop.: Arno Delling			
End.: Rua São Paulo, nº 420			
Reg.: 45	Fotograma: 145	Microfilme: 06	Construtor: Brandes & Hahne Ltda.
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1949	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Armin Liller			
End.: Rua Victor Konder			
Reg.: 62	Fotograma: 162	Microfilme: 06	Construtor: Piehler & Kienen Ltda.
Obs.: Vizinho de Frederico Holetz e Leib Grünberg.			
			


Ano: 1949	Título: Planta para reconstrução e aumento da fábrica		
Prop.: Fábrica de bebidas e vinagre Rodolfo Thomsen & Cia Ltda.			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 112	Fotograma: 212	Microfilme: 06	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			
			


Ano: 1949	Título: Planta para reconstrução e aumento do prédio		
------------------	-------------------------------------------------------------	--	--

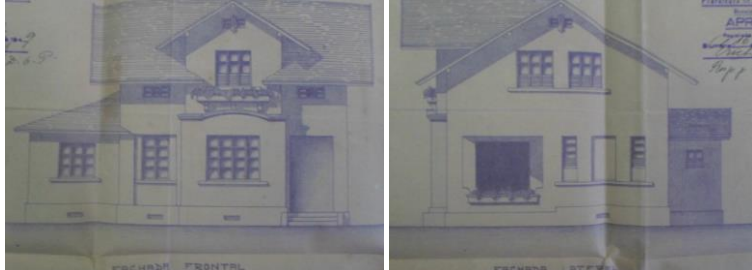
Prop.: Arthur Manzke			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 121	Fotograma: 221	Microfilme: 06	Construtor: Braun Irmãos
Obs.: Esquina com caminho da estrada de ferro. Vizinho de Helmuth probst. Fundos com terreno da estrada de ferro. Próximo às terras de Paulo Schindler.			
			

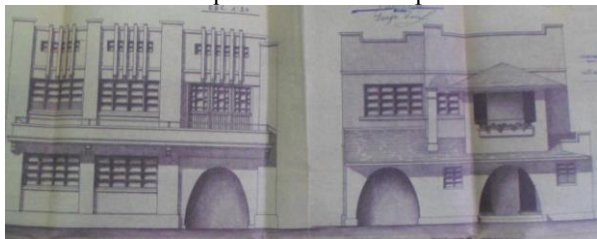
Ano: 1949	Título: Planta de um prédio		
Prop.: Walter Kander e Margot Kander			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 130	Fotograma: 230	Microfilme: 06	Construtor: Edwin Walter Schneider
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

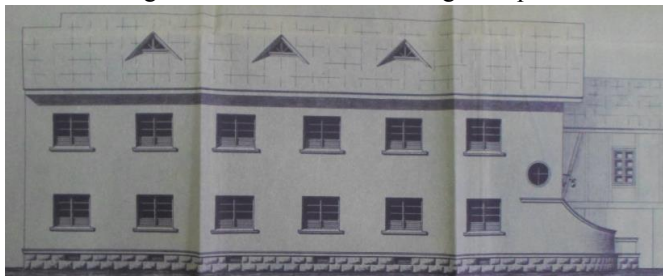

Ano: 1949	Título: Planta de um prédio de dois apartamentos		
Prop.: Walter Strauch			
End.: Rua Rabe – Rua São Paulo / Atualmente: Rua Timbó			
Reg.: 165	Fotograma: 265	Microfilme: 06	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			
			

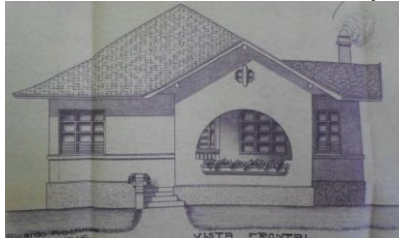
Ano: 1949	Título: Planta de um aumento na casa		
Prop.: Arnaldo Manzke			
End.: Rua Baía			
Reg.: 202	Fotograma: 302	Microfilme: 07	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			

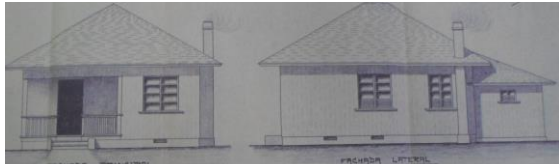
Ano: 1949	Título: Planta de um rancho de madeira		
Prop.: Arnaldo Manzke			
End.: Rua Baía			
Reg.: 203	Fotograma: 303	Microfilme: 07	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Tupan e Otto Jensen.			
			


Ano: 1949	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Guilherme Horney			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 256	Fotograma: 356	Microfilme: 07	Construtor: Carlos Rahn
Obs.: Vizinho de Guilherme Weege e Willy Ahrendt(?). Estrada geral de Blumenau – Jaraguá.			
			

Ano: 1949	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Leopoldo Schmalz			
End.: Rua 7 de Setembro			
Reg.: 315	Fotograma: 415	Microfilme: 07	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinho à esquerda de caminho particular das Irmãs da Divina Providência e à direita de Pascoal 'Lecoti'.			
			

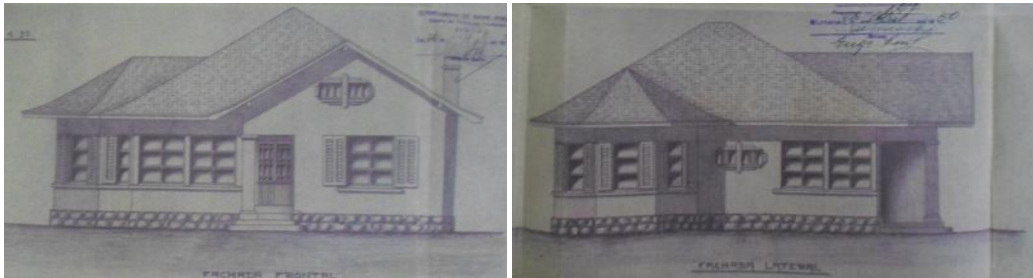
Ano: 1950	Título: Planta de uma casa de alojamento		
Prop.: Hermano Klemz			
End.: Rua Floriano Peixoto			
Reg.: 23	Fotograma: 453	Microfilme: 07	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Próximo à Rua Floriano Peixoto, esquina com a 7 de setembro. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

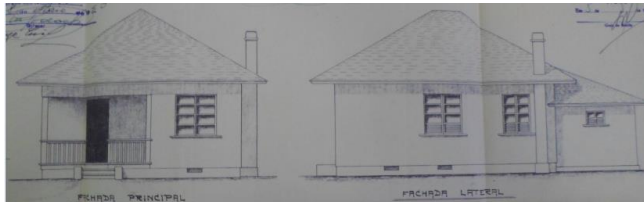
Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Eugenio Hasse			
End.: Rio do Testo – Estrada Geral Blumenau Jaraguá			
Reg.: 43	Fotograma: 473	Microfilme: 07	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho do terrenos de Willy Greul e Arthur Greul.			
			

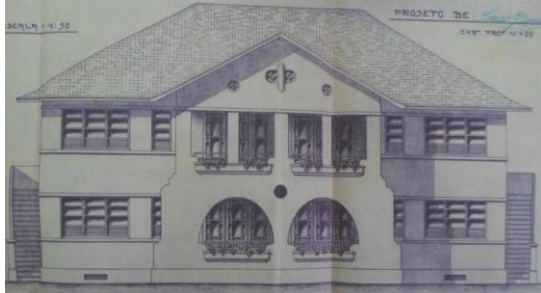
Ano: 1950	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Frederico Fischer			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 51	Fotograma: 481	Microfilme: 07	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Arhtur Greul e Sido Blosfeld.			
			


Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Hans Max Reinhold Carbe			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 102	Fotograma: 532	Microfilme: 07	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Ricardo Prochnow e caminho particular.			
			

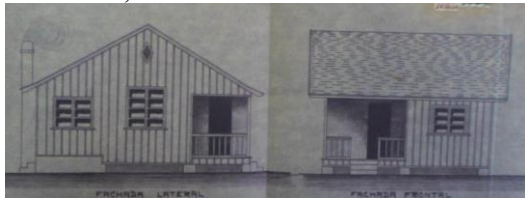
Ano: 1950	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alfredo Gossweiler			
End.: Rua XV de Novembro			
Reg.: 111	Fotograma: 541	Microfilme: 07	Construtor: -----
Obs.: Projeto de 1937, aprovado somente em 1950.			

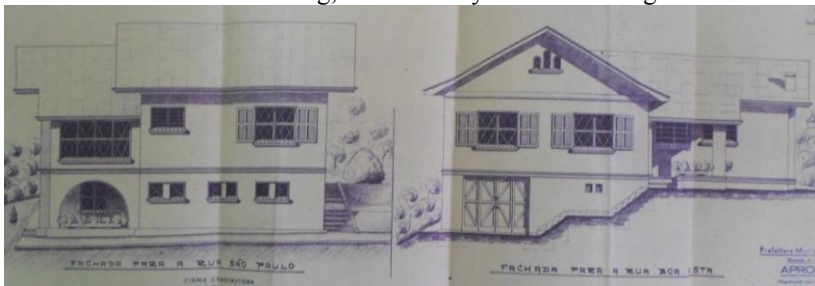
Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Frederico Carlos Augusto Missner			
End.: Rua Cel. Vidal Ramos – Itoupava Seca			
Reg.: 127	Fotograma: 557	Microfilme: 07	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.:			
			


Ano: 1950	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Frederico Fischer			
End.: Rio do Testo - Estrada Blumenau Jaraguá			
Reg.: 148	Fotograma: 578	Microfilme: 07	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			


Ano: 1950	Título: Planta de um prédio de quatro apartamentos		
Prop.: Walter Strauch			
End.: Rua Rabe – Rua São Paulo / Atualmente: Rua Timbó			
Reg.: 176	Fotograma: 606	Microfilme: 07	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinho do terreno de Artur Rabe Jnr., de Fritsche e terreno de Franz von Knoblauch.			
			

Ano: 1950	Título: Planta de modificação da varanda		
Prop.: Edith Hartmann			
End.: Alameda Rio Branco			
Reg.: 258	Fotograma: 688	Microfilme: 07	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinha de Germer e Altenburg.			
			


Ano: 1950	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Adolfo Foss			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 266	Fotograma: 696	Microfilme: 07	Construtor: -----
Obs.: beco, vizinho de Antonio Herbst e Otto Jensen.			
			


Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Aurea Moreira Scheeffler			
End.: Rua Boa Vista			
Reg.: 309	Fotograma: 739	Microfilme: 08	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinha da Cia Malburg, C. F. G. Mayer e viúva Stoeger.			
			

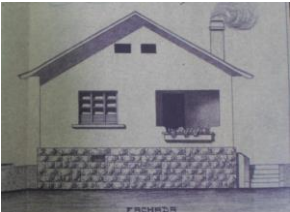
Ano: 1950	Título: Planta de um depósito de madeira		
Prop.: Carlos Hoffmann			
End.: Rua Marechal Deodoro			
Reg.: 330	Fotograma: 760	Microfilme: 08	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Vizinho de Rua projetada, Carlos Hoffmann e Raul Tavares.			
			


Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Alberto Ritschel			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 387	Fotograma: 817	Microfilme: 08	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Willy Greul e Ricardo Prochnow.			
			

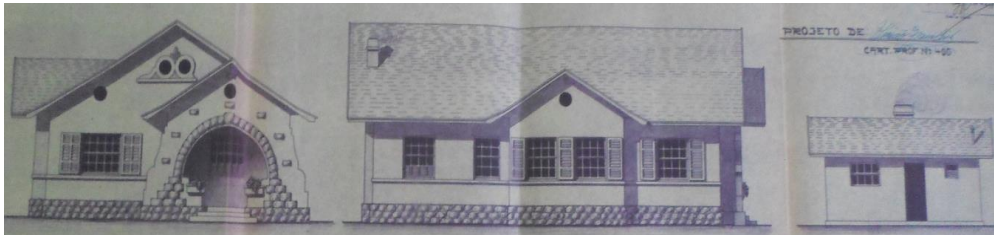
Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Victor Hass			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 388	Fotograma: 818	Microfilme: 08	Construtor: Carlos Rahn
Obs.: Vizinho de Arthur Mueller, Rolando Schmidt e Erich Schoenfelder.			
			

Ano: 1950	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Edgar Schramm			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 396	Fotograma: 826	Microfilme: 08	Construtor: ----
Obs.: Rua Jerusalém.			
			


Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Robert Max Schawb			
End.: Rua João Pessoa - Velha			
Reg.: 403	Fotograma: 833	Microfilme: 07	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinho do terreno de Victor Leitis. Ao lado do número 801. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			



Ano: 1950	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Edgar Krepsky			
End.: Rua Cel. Vidal Ramos			
Reg.: 435	Fotograma: 865	Microfilme: 08	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinho do terreno de José Baron e Paulo Hering.			
			


Ano: 1950	Título: Planta de um aumento na casa		
Prop.: Rodolfo Thomsen			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 442	Fotograma: 872	Microfilme: 08	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.:			
			


Ano: 1951	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Helmuth Jahnke			
End.: Itoupava Norte			
Reg.: 70	Fotograma: 2	Microfilme: 08	Construtor: Carlos Rahn
Obs.: Vizinho do terreno de Erich Hertel e viúva Anuseck.			
			

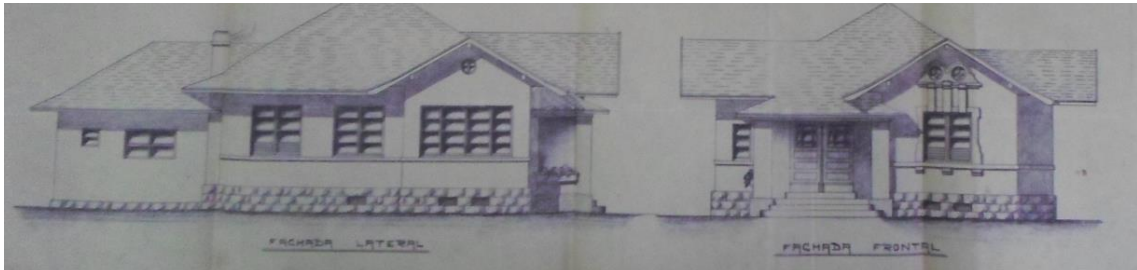
Ano: 1951	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Ralf Gauche			
End.: Rua Amazonas			
Reg.: 11	Fotograma: 941	Microfilme: 08	Construtor: Piehler & Kienen Ltda.
Obs.: Vizinho de Oswaldo Zwicker. Rua Amazonas, 4100. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

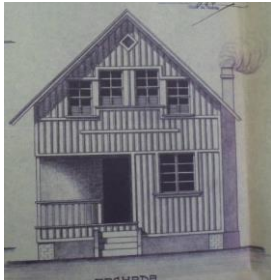
Ano: 1951	Título: Planta de modificação e aumento da residência		
Prop.: Rosa Voss			
End.: Travessa Rio de Janeiro			
Reg.: 57	Fotograma: 988	Microfilme: 08	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			



Ano: 1951	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Wolfgang Herbert Ernst Richter			
End.: Rua Baía			
Reg.: 77	Fotograma: 9	Microfilme: 08	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Mais ou menos entre o número 1739. Vizinho do terreno de Bromberg. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
 			

Ano: 1951	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Frederico Fischer			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 78	Fotograma: 10	Microfilme: 08	Construtor: -----
Obs.:			
			


Ano: 1951	Título: Planta de um armazém de artigos fúnebres		
Prop.: August Lubow			
End.: Rua Padre Jacobs			
Reg.: 124	Fotograma: 56	Microfilme: 09	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Paulo Fritsche, herdeiros Freigang e indústria de móveis Ideal. Próximo à rua 7 de setembro.			
			

Ano: 1951	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Bertholdo Barth			
End.: Rua Baía			
Reg.: 137	Fotograma: 69	Microfilme: 09	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: vizinho do terreno de Alida Piske e Pedro Pitzer.			
			

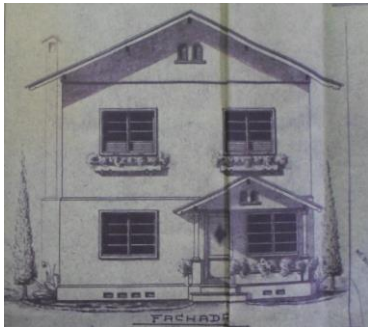
Ano: 1951	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Wolfgang Herbert Ernst Richter			
End.: Rua Baía			
Reg.: 150	Fotograma: 82	Microfilme: 09	Construtor: -----
Obs.:			
			

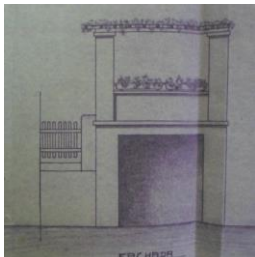
Ano: 1951	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Conrado Lenzi			
End.: Rua Vila Formosa / Atualmente: Rua expedicionário sapucaia, nº 250			
Reg.: 152	Fotograma: 84	Microfilme: 09	Construtor: Piehler & Kienen Ltda.
Obs.: Vizinho do terreno de Paulo Grossenbacher, Sasse e Frederico Mueller. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

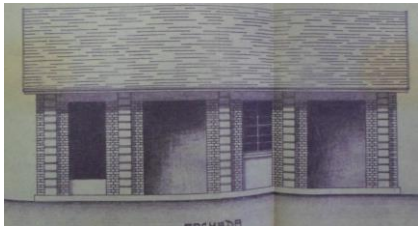
Ano: 1951	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Eduardo dos Santos			
End.: Rua São Francisco – Vila Nova / Atualmente: Rua Theodoro Holtrup. Esquina com Rua Almirante Barroso.			
Reg.: 163	Fotograma: 94	Microfilme: 09	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.: Vizinho de Alvinho Reinholdo. Confere com a planta de situação. Demolido em 2019. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1951	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Arthur Manzke			
End.: Rua Baía			
Reg.: 198	Fotograma: 129	Microfilme: 09	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			



Ano: 1951	Título: Planta de uma oficina		
Prop.: Luitpold Kestl			
End.: Rua São Paulo, nº 832			
Reg.: 207	Fotograma: 138	Microfilme: 09	Construtor: Augusto Köster
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1951	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Wilhelm Otto Heinrich Nack			
End.: Rua Mato Grosso			
Reg.: 264	Fotograma: 194	Microfilme: 08	Construtor: Francisco Treska Junior
Obs.:			
			

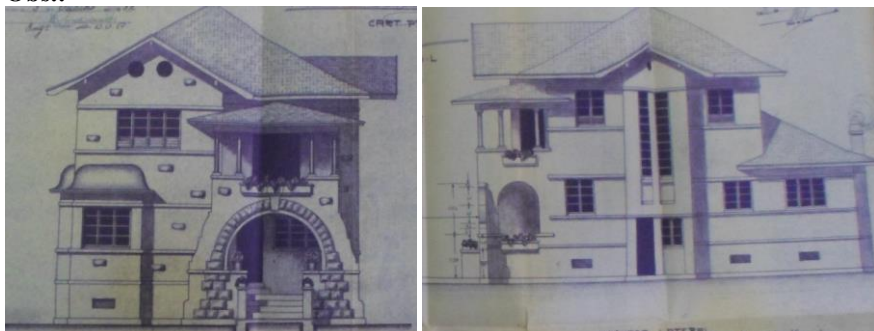
Ano: 1951	Título: Planta de uma garage		
Prop.: Robert Max Schwab			
End.: Rua João Pessoa			
Reg.: 417	Fotograma: 348	Microfilme: 10	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			
			

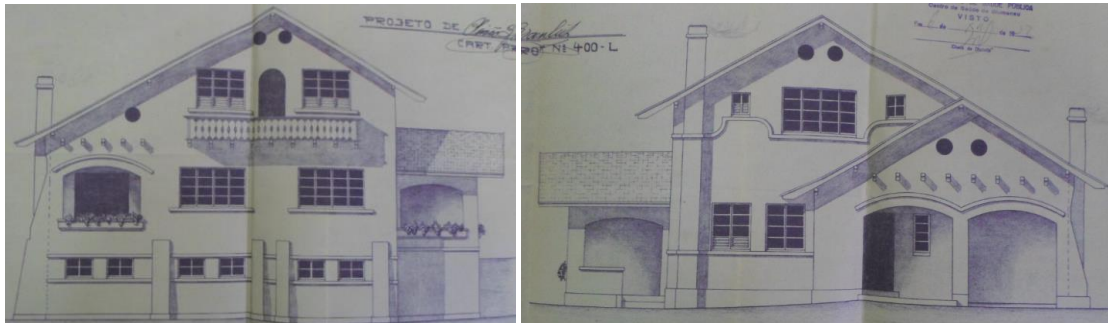
Ano: 1951	Título: Planta de uma cooperativa		
Prop.: Artex S.A.			
End.: Rua Progresso - Garcia			
Reg.: 465	Fotograma: 396	Microfilme: 10	Construtor: Augusto Köster
Obs.:			
			

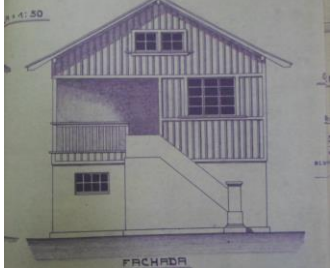
Ano: 1952	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Arnaldo Gauche Junior			
End.: Rua Ipiranga - Garcia			
Reg.: 129	Fotograma: 575	Microfilme: 10	Construtor: Francisco Treska Junior
Obs.: Vizinho de Otto Kaestner. Rua Ipiranga, 88. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
 			

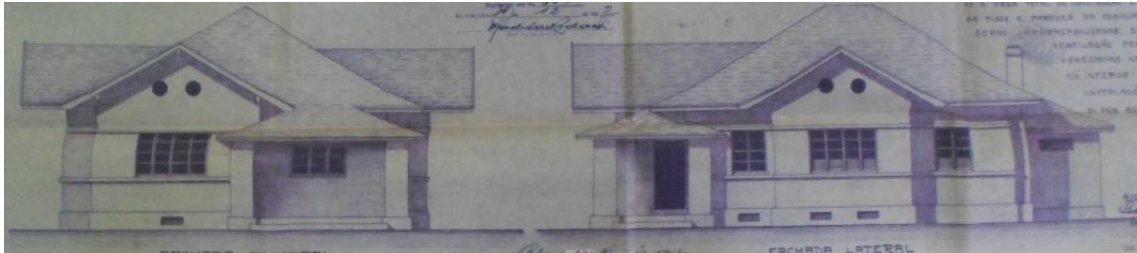
Ano: 1952	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Henrique Lueders			
End.: Itoupava Norte			
Reg.: 347	Fotograma: 794	Microfilme: 10	Construtor: -----
Obs.:			
 			


Ano: 1952	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Adolfo Foss			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 436	Fotograma: 883	Microfilme: 10	Construtor: ----
Obs.: Beco.			
			

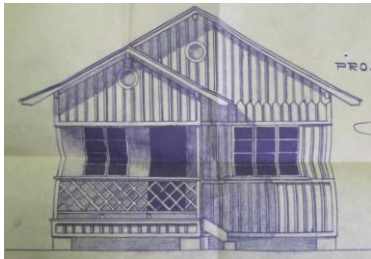
Ano: 1952	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Heriberto Joseph Müller			
End.: Rua Maranhão / Atualmente: Rua Dr. Luiz de Freitas Melo			
Reg.: 450	Fotograma: 906	Microfilme: 10	Construtor: Augusto Köster
Obs.:			
			

Ano: 1952	Título: Planta de uma residência		
Prop.: João José Klein			
End.: Rua São José			
Reg.: 609	Fotograma: 59	Microfilme: 11	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinho de Haroldo Gonçalves, Edite Rosa Moreira e Renate Rossmark. Possivelmente no final da Rua Ana Rossmark.			
			

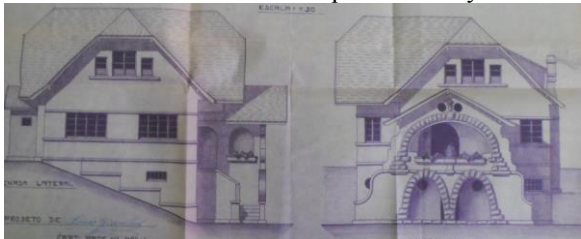
Ano: 1952	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Hans Walters			
End.: Rua Araranguá			
Reg.: 628	Fotograma: 77	Microfilme: 11	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Beco do loteamento do Augusto Schultz.			
			

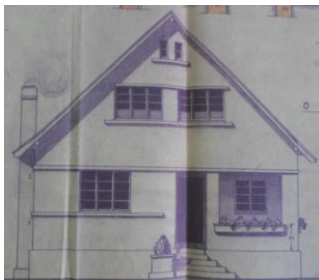
Ano: 1952	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Peter Pitzer			
End.: Rua Bahia			
Reg.: 664	Fotograma: 113	Microfilme: 11	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Peter Pitzer e Becker.			
			


Ano: 1953	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Mario Soares			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 05	Fotograma: 125	Microfilme: 11	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Alberto Dopke e Jahn von der Mene.			
			

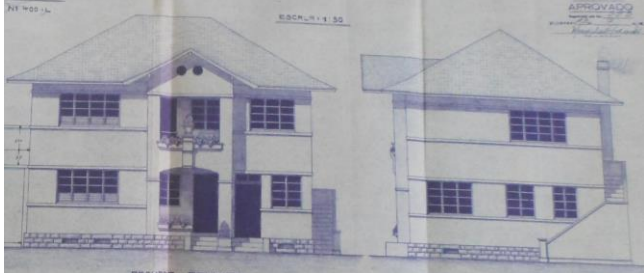
Ano: 1953	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Pedro Weidgenant			
End.: Beco Araranguá			
Reg.: 81	Fotograma: 202	Microfilme: 11	Construtor: -----
Obs.:			
			

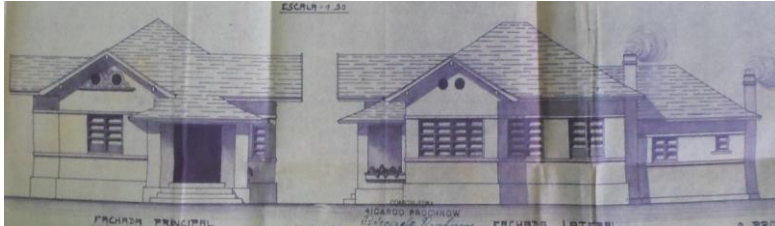
Ano: 1953	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Leopoldo Schmalz			
End.: Rua 7 de setembro			
Reg.: 163	Fotograma: 284	Microfilme: 11	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			


Ano: 1953	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Otto Kallies			
End.: Rua Bahia			
Reg.: 172	Fotograma: 293	Microfilme: 11	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho de Sebastião Alpino de Harry Gauche.			
			

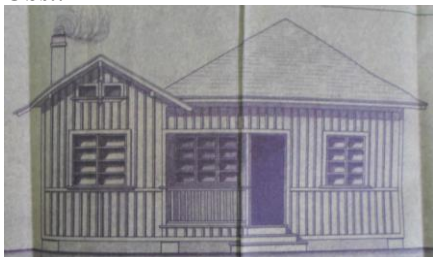
Ano: 1953	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Arthur Reinhold			
End.: Rua 2 de Setembro			
Reg.: 268	Fotograma: 389	Microfilme: 12	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho do terreno de Bruno Kirsten e Luiz Arnoldo Kasulke.			
			

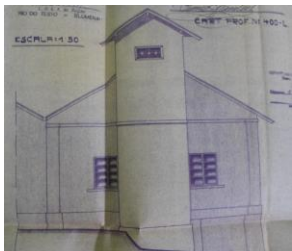
Ano: 1953	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Arnaldo Schreiber			
End.: Rua Amazonas - Garcia			
Reg.: 307	Fotograma: 428	Microfilme: 12	Construtor: ----
Obs.: Vizinho de Arnaldo Schorck e Oswaldo Schreiber.			
			


Ano: 1953	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Arno Wunsch			
End.: Rua Padre Jacobs			
Reg.: 353	Fotograma: 474	Microfilme: 12	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.: Vizinho de Emilio Jacobs, Kurt, Kreutz e herdeiros de Freigang.			
			


Ano: 1953	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Egon Prochnow			
End.: Vila do Rio do testo			
Reg.: 433	Fotograma: 554	Microfilme: 12	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Vizinho do terreno de Walter Zimmer, João Teske e Curt Jensen.			
			


Ano: 1953	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Helmuth Weidgenant			
End.: Rua Henrique Krohberger – Boa Vista			
Reg.: 447	Fotograma: 568	Microfilme: 12	Construtor: Carlos Hubner – carpinteiro
Obs.:			
			

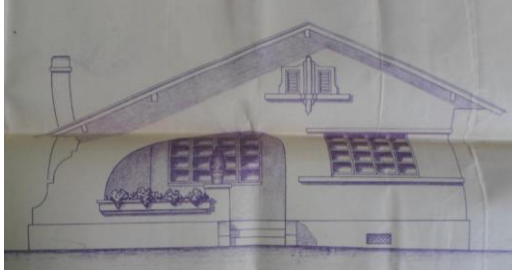
Ano: 1953	Título: Planta o aumento da casa		
Prop.: Eliano Schaefer			
End.: Rua Benjamin Constant (Rua Elisabeth Koehler)			
Reg.: 450	Fotograma: 571	Microfilme: 12	Construtor: -----
Obs.:			
			


Ano: 1953	Título: Planta de uma casa para instalar um transformador para a fábrica de laticínios		
Prop.: Indústria e Comércio Hermann Weege S.A.			
End.: Rio do Testo			
Reg.: 483	Fotograma: 604	Microfilme: 12	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			

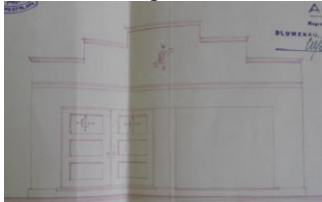
Ano: 1954	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Francisco Léo Splenger			
End.: Rua Paulo Lang			
Reg.: 01	Fotograma: 812	Microfilme: 12	Construtor: Bruno Kurtz
Obs.:			
			


Ano: 1954	Título: Planta para o aumento da casa		
Prop.: Victor Germer			
End.: Rua 7 de Setembro			
Reg.: 14	Fotograma: 825	Microfilme: 13	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Ver Reg. 45 de 1936.			
			

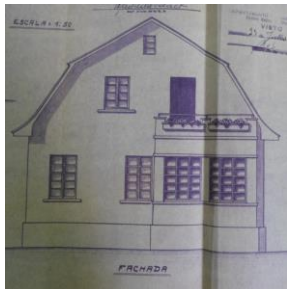
Ano: 1954	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Wally Tenchentin			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 178	Fotograma: 989	Microfilme: 13	Construtor: Oswaldo Treis
Obs.:			
			


Ano: 1954	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Horst Alvaro Schlupp			
End.: Rua São Paulo – Fundos			
Reg.: 187	Fotograma: 998	Microfilme: 03	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.: Não foi construído. Ficou em seu lugar: reg. 511 (1954)			
			


Ano: 1954	Título: Planta de um prédio		
Prop.: Oscar Martin Funke			
End.: Rua 7 de Setembro			
Reg.: 227	Fotograma: 38	Microfilme: 03	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Vizinho da Viúva Emilie Bouwies. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

Ano: 1954	Título: Planta de duas 'garage'		
Prop.: Victor Germer			
End.: Rua 7 de Setembro			
Reg.: 252	Fotograma: 62	Microfilme: 03	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Ver Reg. 45 de 1936.			
			

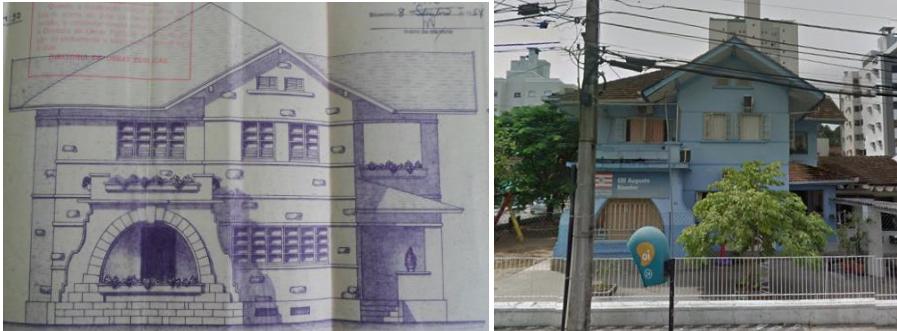
Ano: 1954	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Harry Gaisler			
End.: Rua João Pessoa – Velha			
Reg.: 334	Fotograma: 144	Microfilme: 13	Construtor: Bruno & Trapp Ltda. E Rodolfo Brums
Obs.:			
			


Ano: 1954	Título: Planta para aumento da casa da comunidade evangélica de Rio do Testo		
Prop.: Comunidade Evangélica de Rio do Testo			
End.: Rua XV de Novembro – Vila do Rio do Testo			
Reg.: 336	Fotograma: 146	Microfilme: 13	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			

Ano: 1954	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Frieda Steinert			
End.: Beco Timbó – Rua São Paulo			
Reg.: 380	Fotograma: 191	Microfilme: 13	Construtor: Carlos Rahn
Obs.:			
			



Ano: 1954	Título: Planta para o aumento da casa		
Prop.: João Buhr			
End.: Rua São Paulo, nº 2214			
Reg.: 390	Fotograma: 201	Microfilme: 13	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			


Ano: 1954	Título: Planta para a construção de um muro		
Prop.: Antonio kammer			
End.: Rua Tietê – Garcia			
Reg.: 403	Fotograma: 214	Microfilme: 13	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			

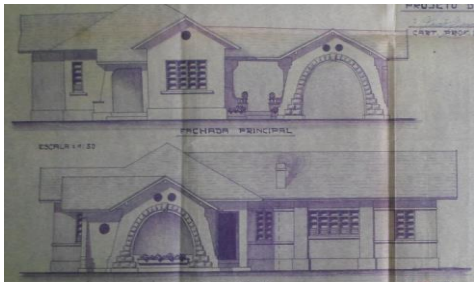
Ano: 1954	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Virgilio Campestrini			
End.: Rua Nilo Peçanha – esquina com Rua Theodoro Holtrupp			
Reg.: 418	Fotograma: 228	Microfilme: 13	Construtor: Carlos Rahn
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1954	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Frieda Rothemburg			
End.: Rua Gustavo Salinger			
Reg.: 459	Fotograma: 269	Microfilme: 13	Construtor: Erich Klüger
Obs.:			
			

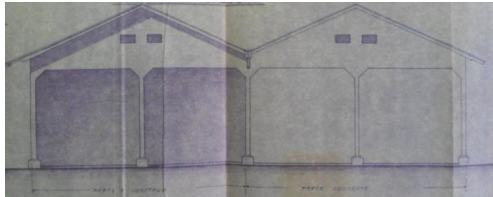
Ano: 1954	Título: Planta de um muro Frontal		
Prop.: Alma Klemz			
End.: Rua João Pessoa – Velha			
Reg.: 479	Fotograma: 289	Microfilme: 14	Construtor: Kaestner Irmãos
Obs.:			


Ano: 1954	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Horst Alvaro Schlupp			
End.: Rua São Paulo / Atualmente: Rua Visconde de Mauá, antes do nº 54			
Reg.: 511	Fotograma: 320	Microfilme: 13	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1954	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Willy Setter			
End.: Rua 21 de abril – Itoupava Norte			
Reg.: 514	Fotograma: 323	Microfilme: 13	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			
			


Ano: 1955	Título: Planta para o aumento da casa		
Prop.: Edgar Knaesel			
End.: Rua Itoupava Norte (Prox. Rua da Balsa)			
Reg.: 109	Fotograma: 490	Microfilme: 14	Construtor: Erich P. Georg
Obs.:			
			

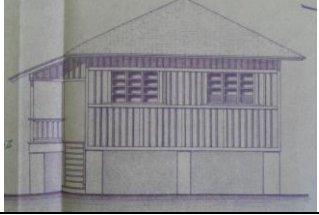
Ano: 1955	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Hilberto Bernhardt			
End.: Rua João Pessoa - Velha			
Reg.: 128	Fotograma: 509	Microfilme: 14	Construtor: Carlos Baron - carpinteiro
Obs.:			
			

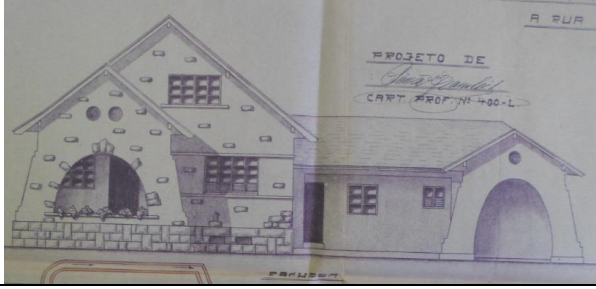
Ano: 1955	Título: Planta para o aumento do depósito de lenha		
Prop.: Rodolfo Thomsen & Cia Ltda.			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 188	Fotograma: 568	Microfilme: 14	Construtor: René Deeke
Obs.:			
			

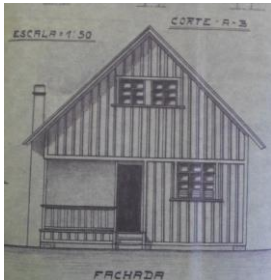
Ano: 1955	Título: Projeto para a modificação e aumento da residência		
Prop.: Benedito Campos Girão			
End.: Rua Lauro Muller			
Reg.: 270	Fotograma: 650	Microfilme: 14	Construtor: Schwab & Pfiffer
<p>Obs.: Constam como autores do projeto: Simão Gramlich e Paulo (?). Quanto à fachada já existente, há uma residência semelhante, porém, não confere com a planta de situação.</p>			
			


Ano: 1955	Título: Planta de uma residência		
Prop.: José Bramosky			
End.: Rua São Paulo - fundos			
Reg.: 302	Fotograma: 682	Microfilme: 15	Construtor: Schwab & Pfiffer Ltda.
Obs.: 			

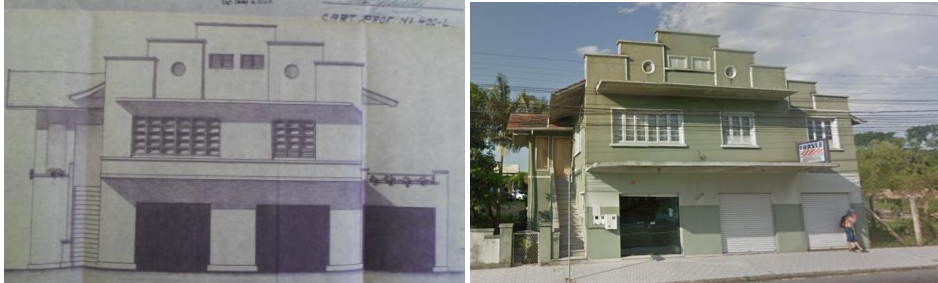
Ano: 1956	Título: Projeto de uma casa de material		
Prop.: Santos Estanislau Custódio			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 208	Fotograma: 106	Microfilme: 16	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: 			

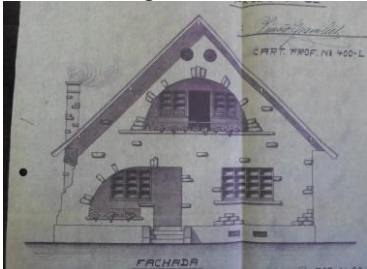

Ano: 1956	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: João Batista Pereira			
End.: Rua Costa Rica			
Reg.: 261	Fotograma: 160	Microfilme: 16	Construtor: José Candido Ramos (carpinteiro)
Obs.: 			

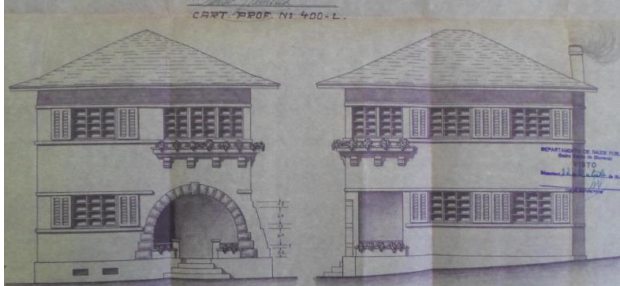
Ano: 1956	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Lothar Grassmann			
End.: Rua Almirante Barroso			
Reg.: 275	Fotograma: 174	Microfilme: 16	Construtor: René Deeke
Obs.: 			


Ano: 1956	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Nemezio Soares			
End.: Rua G. Arthur Koehler			
Reg.: 311	Fotograma: 210	Microfilme: 16	Construtor: Aloiz Lang
Obs.: 			

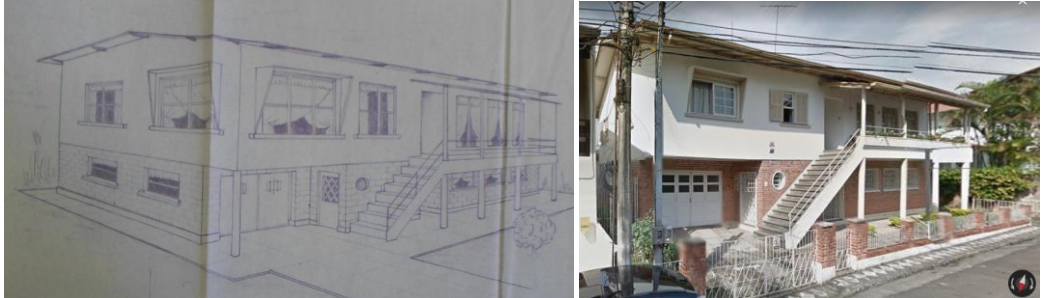
Ano: 1956	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Germano Baumann			
End.: Rua 2 de setembro			
Reg.: 364	Fotograma: 263	Microfilme: 16	Construtor: René Deeke
Obs.: 			

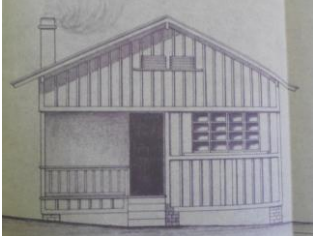
Ano: 1956	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Adolfo Eselmann			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 410	Fotograma: 309	Microfilme: 16	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps. 			

Ano: 1956	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Walter Strassmann			
End.: Rua São Paulo, nº 1773			
Reg.: 450	Fotograma: 349	Microfilme: 16	Construtor: Carlos Rahn
<p>Obs.: Edificação bastante descaracterizada. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.</p>			
			

Ano: 1956	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Odorico Soares			
End.: Rua Bolívia – Ponta Aguda / Frente para a Rua John Lenon			
Reg.: 451	Fotograma: 350	Microfilme: 16	Construtor: Newton Borges dos Reis
<p>Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.</p>			
			


Ano: 1956	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Walter Strassmann			
End.: Rua Vidal Ramos / Atualmente: Rua Eng. Paul Werner			
Reg.: 508	Fotograma: 408	Microfilme: 17	Construtor: Carlos Rahn
Construtor: Carlos Rahn			
Obs.: dois projetos. Edificação bastante descaracterizada. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

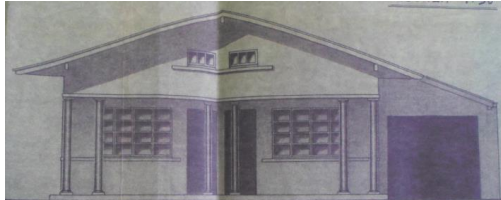
Ano: 1957	Título: Projeto de uma residência		
Prop.: Waldimar Nimitz			
End.: Rua Nicaragua – Ponta Aguda			
Reg.: 28	Fotograma: 451	Microfilme: 17	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Desenhista: Osnildo C. Lima. Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

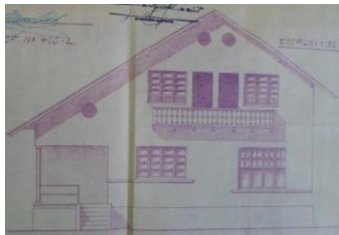
Ano: 1957	Título: Projeto de uma casa de madeira		
Prop.: Nicolau Dietrich			
End.: Rua Vidal Ramos			
Reg.: 38	Fotograma: 461	Microfilme: 17	Construtor: Alois C. Lang (carpinteiro)
Obs.:			
			

Ano: 1957	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Adolfo Esemann			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 43	Fotograma: 466	Microfilme: 17	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			

Ano: 1957	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Henrique Carl			
End.: Rua Benjamin Constant, nº 585			
Reg.: 128	Fotograma: 551	Microfilme: 17	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1957	Título: Planta para construção de prédio residencial		
Prop.: Max Heinig			
End.: Rua João Pessoa – fundos - Velha / Final da Rua Domingos Ferreira			
Reg.: 166	Fotograma: 589	Microfilme: 17	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1957	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Ricardo Bliesner			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 224	Fotograma: 649	Microfilme: 17	Construtor: Ricardo Prochnow
Obs.:			
			


Ano: 1957	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Francisco A. V. Runze			
End.: Beco Manoel Barreto – Rua Paraíba			
Reg.: 303	Fotograma: 729	Microfilme: 17	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			
			

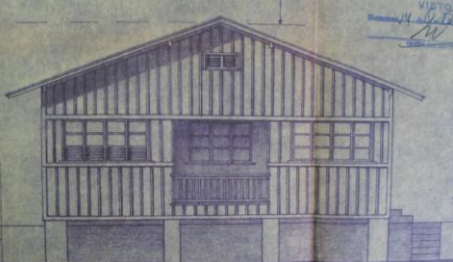
Ano: 1957	Título: Planta para aumento da casa		
Prop.: Virgilio Campestrini			
End.: Rua Nilo Peçanha – esquina com Rua Theodoro Holtrupp			
Reg.: 325	Fotograma: 751	Microfilme: 18	Construtor: Carlos Rahn
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

Ano: 1958	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Max Pfiffer			
End.: Alameda Rio Branco			
Reg.: 64	Fotograma: 923	Microfilme: 18	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			


Ano: 1958	Título: Planta para o aumento da casa		
Prop.: Mariene Germer			
End.: Rua Amazonas - Garcia			
Reg.: 111	Fotograma: 970	Microfilme: 18	Construtor: Schwab & Pfiffer
Obs.:			
			


Ano: 1958	Título: Planta de um rancho		
Prop.: Siegfried Biegging			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 122	Fotograma: 981	Microfilme: 18	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			
			

Ano: 1958	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Herta Friesse			
End.: Rua João Pessoa - Velha			
Reg.: 151	Fotograma: 11	Microfilme: 18	Construtor: Carlos G. Rabitz
Obs.:			
			


Ano: 1958	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: Curt Weidgenant			
End.: Rua Carlos Riechbitter / próximo à Rua Henrique Krohberge			
Reg.: 424	Fotograma: 281	Microfilme: 19	Construtor: Alfredo Michelmann (carpinteiro)
Obs.:			
			


Ano: 1959	Título: Planta de um aumento da casa		
Prop.: Adolfo Esemann			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 37	Fotograma: 431	Microfilme: 20	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.: Existente.			
Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

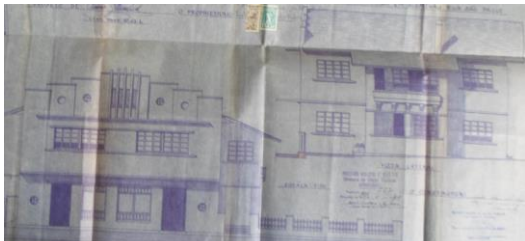
Ano: 1959	Título: Planta de uma casa de madeira		
Prop.: José Caetano da Luz			
End.: Rua Benjamin Constant - fundos			
Reg.: 77	Fotograma: 471	Microfilme: 20	Construtor: Henrique Klemz (carpinteiro)
Obs.:			
			

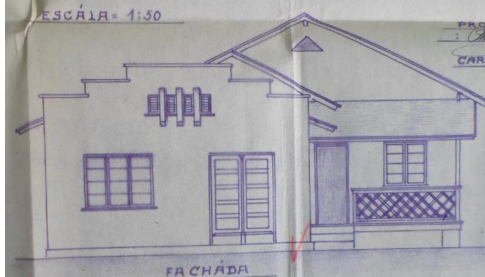
Ano: 1959	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Otto Ernesto Jensen			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 125	Fotograma: 519	Microfilme: 20	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			
			

Ano: 1959	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Afonso Eger			
End.: Rua São Paulo, nº 1795			
Reg.: 165	Fotograma: 559	Microfilme: 20	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			

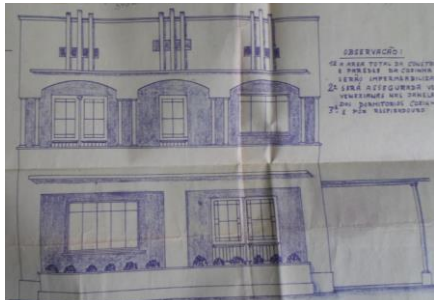
Ano: 1960	Título: Planta de uma residência		
Prop.: Rodolfo Hinz			
End.: Rua Avenida Brasil / Esquina da Rua Buenos Aires com a Rua Havana.			
Reg.: 211	Fotograma: 24	Microfilme: 21	Construtor: ilegível
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			


Ano: 1960	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Alfonso Persuhn			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 221	Fotograma: 33	Microfilme: 21	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			
			


Ano: 1960	Título: Planta de uma residência		
Prop.: João Martins Soares			
End.: Rua São Paulo			
Reg.: 227	Fotograma: 39	Microfilme: 21	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			
			



Ano: 1962	Título: Planta para um aumento da casa		
Prop.: Edmar Buttenberg			
End.: Rua 2 de Setembro			
Reg.: 102	Fotograma: 833	Microfilme: 24	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			
			


Ano: 1962	Título: Planta de um muro frontal		
Prop.: Ereni Budag			
End.: Rua Rodrigues Alves			
Reg.: 112	Fotograma: 843	Microfilme: 24	Construtor: Otto Hahne
Obs.:			

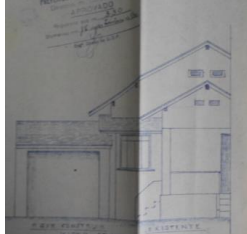
Ano: 1964	Título: Planta de uma casa de um pavimento		
Prop.: Aloisio Melati			
End.: Rua João Pessoa - Velha			
Reg.: 125	Fotograma: 698	Microfilme: 28	Construtor: Félix Malburg
Obs.:			
			

Ano: 1965	Título: Planta para aumento do prédio		
Prop.: Victor Germer			
End.: Rua 7 de setembro			
Reg.: 206	Fotograma: 161	Microfilme: 30	Construtor: Strube – Eichstädt & Cia Ltda.
Obs.: Ver Reg. 45 de 1936.			
			

Ano: 1965	Título: Planta de uma garagem com 3 depósitos		
Prop.: Gertrudes Hoffmann			
End.: Rua Joinville			
Reg.: 290	Fotograma: 245	Microfilme: 30	Construtor: Kentaro Kayashi
Obs.:			
			

Ano: 1966	Título: Planta de uma casa		
Prop.: Ewald Froehlich			
End.: Rua Benjamin Constant – Rua Luiz Altenburg – Itoupava Seca			
Reg.: 85	Fotograma: 441	Microfilme: 31	Construtor: Félix Malburg
Obs.: Existente. Fonte da imagem atual: Street View/Google Maps.			
			

Ano: 1966	Título: Planta de uma casa		
Prop.: José da Cruz Barreto Filho			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 398	Fotograma: 755	Microfilme: 32	Construtor: Newton Borges dos Reis
Obs.:			
			

Ano: 1967	Título: Planta de uma garagem		
Prop.: Edwino Berwald			
End.: Rua Benjamin Constant			
Reg.: 330	Fotograma: 170	Microfilme: 33	Construtor: Almiro Pereira Oliveira
Obs.:			
			

Ano: 1967	Título: Casa		
Prop.: Hartung Lindner			
End.: Rua Marechal Deodoro – Velha			
Reg.: 344	Fotograma: 184	Microfilme: 33	Construtor: -----
Obs.: Constam como autores do projeto também: Strube – Eichstädt & Cia Ltda.			
